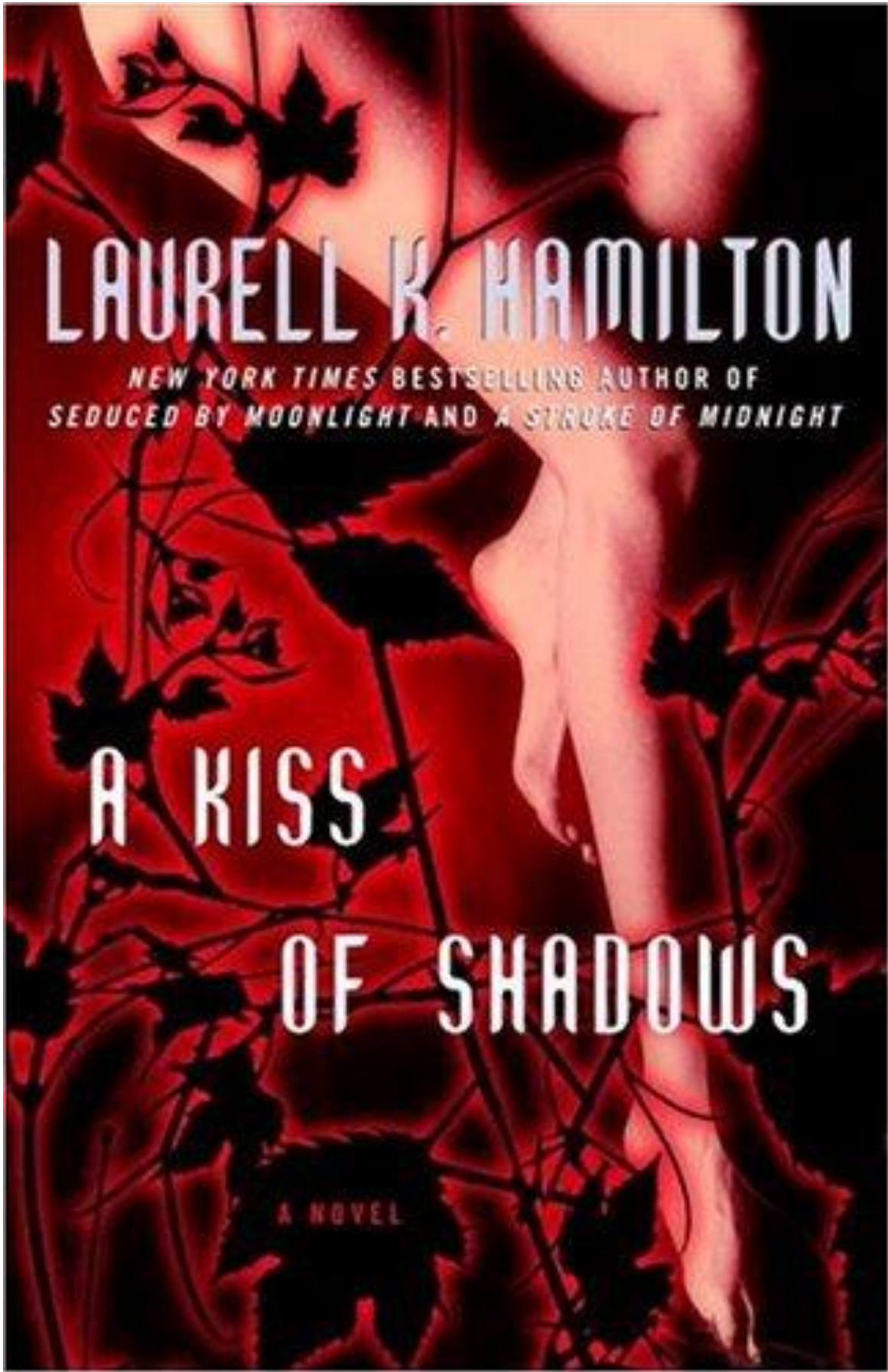




LAURELL K. HAMILTON

*NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF
SEDUCED BY MOONLIGHT AND A STROKE OF MIDNIGHT*

A KISS
OF SHADOWS

A NOVEL



Meredith Gentry 1: A Kiss of Shadows Laurell K. Hamilton

Meredith é uma detetive privada em LA. E ela não é exatamente humana, sendo sobrinha da Rainha do Ar e das Trevas. Mas quando sua tia a contrata a força, não existe nenhuma saída: ou ela completa a missão, ou ela morre.

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

Tradução: Georgina Kincaid

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=17461597672872258013>]

Tradução: Pris Coutinho

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=6527944174643517276>]

Vinte e três metros de altura e a única coisa que via das janelas era uma névoa cinza. Podiam chamá-la de Cidade dos Anjos se quizessem mas, se eles estivessem lá fora, sem dúvida estavam voando às cegas.

Los Angeles é um lugar ao que tanto os que têm asas como os que não tem, vêm se esconder aqui. Para se esconder de outros, ou deles mesmos. Eu também tinha chegado aqui para me esconder e tinha conseguido, mas ao olhar a espessa capa de contaminação, me assaltava o desejo irrefreável de ir pra casa. Lá o céu era quase sempre azul e não fazia falta regar, para que crescesse a erva. Meu lar estava em Cahokia, em Illinois, mas não podia retornar porque minha família e seus aliados teriam me matado. Todas querem se fazer maiores para ser uma princesa das fadas. Mas, acredite, não há para tanto.

Bateram na porta, e esta se abriu sem me dar tempo de dizer nada. Meu chefe, Jeremy Grei, estava na soleira. Era um homem baixo e cinza, media metro cinquenta, um par de centímetros menos que eu. Ia tudo de cinza, do traje de Armani à gravata de seda, passando pela camisa abotoada até acima. Só os sapatos eram negros e brilhantes. Inclusive sua pele apresentava um cinza pálido uniforme. E não por enfermidade ou velhice. Estava na flor da vida, tinha pouco mais de quatrocentos anos. Algumas rugas ao redor dos olhos e na comissura de seus lábios magros lhe conferiam um aspecto amadurecido, mas nunca seria velho. Sem a ajuda de sangue mortal e um complexo feitiço, Jeremy poderia perfeitamente viver toda a eternidade. Ao menos em teoria. Os cientistas asseguram que dentro de uns cinco mil e milhões de anos o sol se expandirá e abasará a Terra. Os duendes não sobreviverão a isto. Perecerão. Cinco mil e milhões de anos não equivalem a uma eternidade, mas bastam para provocar a inveja generalizada.

Apoiei as costas na janela. Ao outro lado, a nuvem de contaminação lhe dava ao dia uma aparência tão cinza como a de meu chefe, embora ao menos a pele dele tinha um tom mais atrativo, um cinza torrado, como as nuvens antes de uma chuva primaveril. O que se estendia ao outro lado da janela se sentia pesado e denso, como algo que por mais que tenta tragar não obtém que te passe. Era um dia sufocante, ou possivelmente fora só meu estado de ânimo.

-Você de mal humor –disse Jeremy-. O que aconteceu com você?

Fechou a porta detrás de si e se assegurou de que ficasse bem fechada. Tentava criar um ambiente mais íntimo. Possivelmente tratava de me ajudar, mas não me parecia isso. A pele tensa em torno de seus olhos e a postura de seus ombros estreitos e bem torneados indicavam que eu não era a única de mau humor. Atribuí-o ao tempo, essa calma insuportável. Uma boa chuva ou inclusive um dia ventoso teriam espaço, a capa de contaminação e a cidade teria podido respirar de novo.

-É só um pouco de saudade –respondi-. E o que acontece com você, Jeremy?

Sorriu levemente.

-Não te posso enganar, né verdade, Merry?

-Não.

-Está vestida com um conjunto muito bonito –disse.

Sabia que estava sexy quando Jeremy elogiava minha roupa. Ele sempre tinha um aspecto impecável inclusive quando ia com terno e camiseta, que ficava só para camuflar-se em alguma operação. Em uma ocasião, vi o Jeremy percorrer um quilômetro e meio em três minutos com umas calças Gucci, perseguindo um suspeito. É obvio, ajudou-lhe o fato de que sua rapidez e habilidade fossem sobre-humanas. Quando pensei que eu poderia ser obrigada a perseguir alguém, algo que estranha vez ocorria, calcei meus sapatos esporte e deixei em casa os saltos altos.

Jeremy me dedicou uma dessas olhadas que põem os homens quando gostam do que vêem. Não era algo pessoal, mas entre os duendes é um insulto não fazer caso a alguém que tenta tão às claras resultar atrativo, uma bofetada na cara que te diz que fracassaste. Aparentemente, eu não tinha fracassado. Ao despertar tinha visto a névoa e me tinha vestido de uma forma mais chamativa do normal para levantar meu estado de ânimo: um traje de jaqueta azul real, cruzado, com botões de prata, e uma saia vincada a jogo, tão curta que logo que aparecia sob a jaqueta. O conjunto era o bastante curto para deixar entrever algo mais que minhas coxas se cruzava as pernas de forma incorreta. Uns saltos de pele de mais de cinco centímetros me ajudavam a exibir as pernas. Quando se é tão baixa como eu, tem que procurar soluções, assim muitos dias me punha saltos de oito centímetros.

Meu cabelo era de um vermelho intenso e resplandecente a julgar por como se refletia nos espelhos. Um tom mais vermelho que mogno, com brilhos negros em lugar do marrom habitual que têm a maioria dos ruivos, como se alguém me tivesse espalhado rubis pelo cabelo. Era uma cor que estava muito na moda esse ano. Na corte suprema do Reino dos duendes o chamavam mogno sangue ou escarlata sidhe. Fui a vários cabelereiros para aperfeiçoar a cor, até que acertaram finalmente com o tom, eu tinha tido que ocultar minha verdadeira cor de cabelo. Tinha-me decantado pelo negro, porque harmonizava melhor que o vermelho humano com a cor de minha pele. A maioria cometia o engano de pensar que o escarlata sidhe realça a pele natural dos ruivos. Não é verdade. É a única cor vermelha verdadeira que conheço que combina com um tom de pele claro ou absolutamente branco. Sem dúvida é o cabelo adequado para alguém a quem lhe favorece o negro, o vermelho autêntico ou o azul aeromoça.

Quão único ainda tinha que esconder eram o verde vibrante e dourado de minhas pupilas e a luminosidade de minha pele. Utilizava lentes de contato de cor marrom escura e me obscurecia a pele mediante feitiços e magia. Tinha que manter uma concentração contínua, como uma música de fundo, porque assim que baixava a guarda começava a brilhar. Os seres humanos, por mais radiantes que sejam, não brilham. Este era o motivo pelo que levava lentes de contato. Além disso, como quem tece um cachecol, fabriquei a ilusão de que eu só era uma mulher com um pouco de sangue de fada em meu passado, um ser humano com alguns poderes psíquicos e místicos que me convertiam em uma excelente detetive, embora nada muito especial.

Jeremy não sabia o que eu era na realidade. Ninguém na agência sabia. Eu era um dos membros mais fracos da corte real, mas era uma sidhe, embora fora da parte mais baixa do escalão, não era nada desprezível. Tinha escondido com êxito minha verdadeira personalidade e minhas autênticas capacidades a um montão dos melhores magos e gente com poderes psíquicos da cidade e do país inteiro. Não era muito complicado, mas o tipo de

encanto no que eu destacava não bastava para me pôr a salvo de uma navalhada pelas costas ou de que um feitiço que me destroçasse o coração. Para isso necessitava habilidades das que carecia, e este era um dos motivos pelos que permanecia escondida. Não podia lutar contra os sidhe e sobreviver. O melhor que podia fazer era me esconder. Tinha confiança no Jeremy e em outros. Eram meus amigos. No que não tinha confiança era no que os sidhe podiam lhes fazer se me descobrissem, ou se minha família se inteirasse de que meus amigos conheciam meu segredo. Enquanto não soubessem nada, os sidhe lhes deixariam tranquilos e só me castigariam. A ignorância era uma bênção neste caso.

Não é que não pensasse que alguns de meus melhores amigos o considerariam uma traição, mas se tinha que escolher entre que eles vivessem, com todas as partes de seu corpo intactas, mas zangados comigo, ou que morreriam torturados escolheria o segundo. Poderia suportar seu aborrecimento. Em troca, não estava segura de poder suportar suas mortes.

Já sei, já sei, por que não pedir asilo no Escritório de Assuntos Humanos e Feéricos? Provavelmente minha família me mataria se me encontrasse, mas se arejava os trapos sujos ante os meios de comunicação mundiais, matariam-me sem nenhum gênero de dúvida. E o fariam mais devagar. Ou seja que nada de polícia nem de embaixadores, só o velho recurso do jogo do esconderijo.

Sorri ao Jeremy e lhe ofereci o que sabia que queria: o olhar que indicava que eu gostava do potencial de seu corpo magro baixo aquele sob medida. Para os humanos, isso pareceria uma paquera, mas para as fadas, para qualquer fada, nem sequer se aproximava.

-Obrigado, Jeremy, mas sei que não veio aqui para elogiar minha roupa.

Entrou no meu escritório, passando seus dedos impecáveis pelo bordo de minha mesa.

-Tenho a duas mulheres em meu escritório. Querem ser nossas clientas – disse.

-Querem?

Voltou-se e se apoiou na mesa, com os braços cruzados sobre o peito, imitando minha postura inconscientemente, ou a propósito, embora não sabia por que.

-Normalmente, não nos ocupamos de divórcios –disse Jeremy.

Olhei-lhe com os olhos abertos, me apartando das janelas.

-Fala corretamente, Jeremy a Agência de Detetives Grei nunca se ocupa de divórcios.

-Sei, sei –disse

Retirou-se da mesa e se aproximou. Quando olhou a capa de contaminação do exterior não parecia mais feliz que eu.

Joguei-me para trás para lhe ver melhor.

-Por que infringe sua regra fundamental, Jeremy?

Ele moveu a cabeça sem me olhar.

-Te reúna com elas, Merry. Confio em seu critério. Se disser que temos que recusar o caso, recusaremos. Mas acredito que o verá da mesma maneira que eu.

Toquei-lhe o ombro.

- E como se sente, chefe, além de preocupado?

Baixei minha mão por seu braço e deste modo consegui que me olhasse. Seus olhos tinham adquirido uma tonalidade cinza.

Te reúna com elas, Merry. Se depois não estiver tão preocupada como eu estou, acabaremos com esse bode.

Agarrei-lhe o braço.

- Te acalme, Jeremy, é só um caso de divórcio.

- E se te dissesse que foi uma tentativa de assassinato?

Sua voz se acalmou. Em realidade, não alcançava a intensidade de seus olhos nem a tensão vibrante de seu braço.

Me separei dele.

- Tentativa de assassinato? Do que me fala?

- O feitiço de morte mais repugnante que chegou a meu escritório.

- O marido a quer matar? –Perguntei-lhe.

- Alguém quer matá-la, e a mulher diz que é o marido. A amante está de acordo com a mulher.

Olhei o fixamente.

- Está dizendo que a esposa e a amante estão em seu escritório?

Assentiu e sorriu apesar da indignação que sentia.

- Isto fica interessante –disse, lhe devolvendo o sorriso.

Jeremy tomou minha mão.

- Seria inclusive se levássemos casos de divórcio –disse.

Esfregava-me os nódulos com o polegar. Estava nervoso, do contrário não haveria me doido tanto. Para ele era uma maneira de ganhar confiança. Levou a mão aos lábios e me deu um beijo fugaz nos nódulos. Acredito que se deu conta de que seu nervosismo era patente. Dedicou-me o melhor dos sorrisos e se dirigiu para a porta.

- Me responda primeiro a uma pergunta, Jeremy.

Embora evidentemente não o fazia falta, arrumou-se o traje com movimentos ligeiros e precisos. - Pergunta.

- O que é o que te dá medo?

O sorriso se desvaneceu e seu rosto adquiriu um aspecto solene.

- Tenho um mau pressentimento sobre este caso, Merry. Não tenho o dom da profecia, mas isto me cheira mau.

Então, deixemos o caso. Não somos a polícia. Trabalhamos em troca de dinheiro, não temos feito nenhum juramento, Jeremy.

- Depois de vê-las, você pode, honestamente, se desfazer do caso.

- Por que me dá a sensação de que de repente tenho direito a veto? O nome que há na porta é Grei, não Gentry.

- Porque Teresa se identifica em seguida com outros e não rechaçaria a ninguém. Roane é muito sensível para jogar a mulheres com lágrimas nos olhos. –Ajustou-se a gravata cinza pérola, enquanto seus dedos acomodavam o alfinete de diamantes -. Outros sabem se defender, mas são incapazes de tomar decisões. Só fica você.

Olhei-o nos olhos, tentando descobrir o que estava passando realmente por sua cabeça, mais à só tinha aborrecimento e a preocupação.

- Você não te identifica em seguida com outros, nem tem um coração sensível, além disso, sabe tomar decisões. Por que não o decide você?

- Porque se as jogamos, não terão aonde ir. Se abandonarem este caso sem nossa ajuda já podem dar-se por mortas as duas.

Olhei-o nos olhos e lhe compreendi finalmente.

- Sabe que deveríamos nos tirar de cima este caso, mas não pode emitir um julgamento sobre elas. Não pode as condenar a morte.

-Eu sei.

-O que te faz pensar que eu posso fazê-lo?

-Espero que algum de nós mantenha a suficiente prudência para não ser tão estúpido.

- Não vou sacrificar a todos por causa de umas desconhecidas, Jeremy, ou seja se prepare para recusar o caso. – Minha voz soou decidida e fria. Inclusive pra mim.

Jeremy recuperou o sorriso.

- Esta sim que é meu bruxinha desumana.

Assenti com a cabeça e me encaminhei para a porta.

- É um dos motivos pelos que me quer, Jeremy. Contas com que nunca me jogue pra atrás.

Caminhei para o corredor que havia entre os escritórios, com o convencimento de que me desfaria daquelas mulheres. Tinha a certeza de que ia converter me no muro que protegeria a todos das boas intenções do Jeremy. A deusa sabe que já tinha me equivocado antes, mas poucas vezes tinha errado tanto como estava a ponto de errar.

Pensei que de algum modo poderia determinar qual das duas mulheres era a esposa e qual era a amante com apenas o olhar. Entretanto, a primeira vista eram só duas mulheres atrativas, vestidas de maneira informal, como duas amigas que saem às compras ou vão comer alguma coisa. Uma era baixa, embora uns centímetros mais alta que Jeremy ou eu. O cabelo loiro, encaracolado de forma natural, caía-lhe justo até os ombros. Tinha uma beleza singela e uns extraordinários olhos azuis que lhe enchiam o rosto. Umas sobrancelhas arqueadas e espessas compensavam os escuros cílios que emolduravam seus olhos de forma quase teatral, embora a cor negra me fazia pensar a respeito da autenticidade do loiro. Não ia maquiada, mas, estava muito bonita, de uma maneira muito natural. Com maquiagem e outra roupa teria um resultado impressionante.

Sentou-se encolhida, com vos ombros encurvados, como quem espera que lhe dêem um bofetão. Olhava-me com os olhos de um cervo iluminado pelos faróis de um carro, com a certeza de que não ia poder deter a desgraça que lhe vinha.

A outra mulher era magra e alta, media mais de um metro e setenta, e os largos cabelos, castanhos e murchos, caíam-lhe em uma brilhante juba até a cintura. Aparentava vinte e poucos anos. Depois, a intensidade de seus olhos castanhos fez que lhe acrescentasse uma década, porque ninguém tem esse olhar antes dos trinta. Parecia mas segura de si mesma que a loira, mas a rigidez de seus ombros e seu olhar revelavam alguma profunda tortura interior. A via tão delicada que custava imaginar que tinha algo tão duro como o osso debaixo da pele. Só existe uma razão para que uma pessoa alta e segura de si mesma tenha essa aparência de ternura: era, em parte, uma sidhe. Certamente, seu vínculo se remontava a umas quantas gerações, nada tão estreito como minha proximidade com a corte, mas em algum ponto de sua árvore genealógica uma de suas tataravós se deitou com alguém um pouco não humano e do encontro tinha nascido um menino. O sangue de fada, do tipo que seja, marca a uma família, mas ao parecer o sangue de sidhe se conserva nos genes pra sempre, de maneira que nunca se elimina por completo.

Supus que a loira era a mulher, e a outra a amante. A loira parecia a mais golpeada das duas, e os homens podem abusar de qualquer mulher de suas vidas, mas normalmente reservam o melhor, ou o pior, para sua família. Meu avô sempre tinha atuado assim.

Entrei no escritório rindo, com a mão estendida para cumprimentar as duas, como se fossem qualquer outro cliente. Jeremy nos apresentou. A loira baixa era a mulher, Frances Norton; a alta e de cabelo castanho era a amante, Naomi Phelps.

Naomi me estreitou a mão com força. Sua mão tinha um tato frio e eu a sustentei muito tempo, me deleitando com o contato de sua pele. Era o mais próximo que tinha tido com outra sidhe em três anos. Há algo na linha de sangue real que se parece com uma droga. Uma vez se provou, sempre sente falta. Nem sequer o contato com qualquer outro duende lhe pode comparar.

Olhou-me desconcertada, e era um desconcerto muito humano. Soltei-lhe a mão e tentei me fazer passar por humana. Uns dias me saía melhor que outros. Poderia ter tentado averiguar suas faculdades psíquicas, determinar se

tinha algo mais que uma estrutura óssea, mas é de má educação tentar descobrir os poderes mágicos de uma pessoa a primeira vez que a vê. Entre si, considera-se um desafio, um insulto, duvidar de que o outro possa proteger-se de sua magia mais superficial. Provavelmente Naomi não o teria tomado como um insulto, mas sua ignorância não me servia de desculpa para se descortês.

Frances Norton me estendeu a mão como se temesse que a tocasse. Tratei-a com a mesma educação que à outra mulher, mas não a tinha roçado sequer, quando senti o feitiço. A linha de energia que rodeia a todos, a aura, arremetia contra minha pele para evitar que a tocasse. A magia de outra pessoa era tão densa em seu corpo que tinha recheado sua aura como água suja em um copo limpo. De algum jeito, aquela mulher já não era ela mesma. Não se tratava exatamente de uma posse, mas quase. Sem dúvida violava várias leis humanas, e todas estas violações contribuíam delitos graves.

Empurrei a mão através daquele torvelinho de energia e tomei a sua. O feitiço tentava filtrar-se através de minha pele e subir pelo braço. Não era visível, mas, igual a se vêem coisas nos sonhos, eu podia sentir uma tênue escuridão que tratava de me subir pelo braço. Parei-a justo debaixo do cotovelo e tive que me concentrar para me separar disso do modo em que alguém se tira uma luva. Tinha quebrado meu amparo como se tal coisa e há poucas maneiras de obtê-lo, e nenhuma delas é humana.

Frances me olhava fixamente com os olhos muito, muito abertos.

-O que... O que lhe está fazendo?

-Não lhe estou fazendo nada, senhora Norton.

Minha voz soou um pouco impessoal, distante, porque estava me concentrando em expulsar de mim o feitiço para que ao lhe soltar a mão não me acontecesse nada.

A senhora Norton tentou retirar a mão, mas eu não a deixei. Começou a sacudir ela, fraco mas insistentemente. A outra mulher disse:

-Deixe ao Frances agora.

Já quase me tinha liberado, estava virtualmente preparada para soltá-la, quando a outra mulher me tocou o ombro. Me arrepiou o pêlo da nuca, e perdi a concentração ao sentir a Naomi Phelps. O feitiço voltou a cair sobre minha mão e me subiu ao ombro antes de que pudesse me concentrar o suficiente para detê-lo. Mas o único que podia fazer era pará-lo. Não podia tirar isso de mim, porque uma parte muito importante de minha atenção se concentrava na outra mulher.

Nunca se toca alguém quando está fazendo magia ou realizando atividades psíquicas, a não ser que queira que aconteça algo. Foi isto, mais que qualquer outra coisa, o que me indicou que nenhuma das mulheres era profissional ou tinha poderes especiais psíquicos. Ninguém com um pouco de prática, embora fora mínima, tivesse atuado deste modo. Sentia os efeitos de algum ritual aderido ao corpo do Naomi. Tratava-se de algo complexo e pessoal. Automaticamente, pensei na gulodice. Algo tinha estado se alimentando de sua energia e tinha deixado cicatrizes psíquicas.

Separou-se de mim e levou a mão ao peito. Havia sentido minha energia, de maneira que tinha talento. Não me surpreendeu. O surpreendente era que não estava treinada. Atualmente vão às creches para fazer provas e ver quem tem dotes psíquicos ou talentos místicos, mas nos anos sessenta era um programa novo. Naomi as tinha arrumado para que não a descobrissem, e

passada a trintena ainda ninguém se ocupou de seus poderes. A maioria das pessoas inexperientes com poderes psíquicos são loucos, criminais ou suicidas quando alcançam os trinta. Tinha que ser uma pessoa muito forte e o parecia, mas me olhava com lágrimas nos olhos.

-Não viemos aqui para que nos maltrate.

Jeremy tinha ficado perto de nós, mas pondo muito cuidado em não nos tocar. Sabia o que acontecia.

-Ninguém a está maltratando, senhorita Phelps. O feitiço que afeta à senhora Norton tratava de... Filtrar-se em minha colega. A senhora Gentry só tentava apartar o feitiço quando você a tocou. Não deveria tocar a ninguém quando está exercendo a magia, senhorita Phelps. Os resultados são imprevisíveis.

A mulher nos olhou com expressão de não dar crédito a nossas palavras.

-Venha, Frances, vamos embora daqui.

-Não posso –disse Frances com um fio de voz total. Estava me olhando fixamente, com medo nos olhos. E me temia.

Sentiu a energia em torno de nossas mãos, nos apertando, mas pensou que era eu quem o estava fazendo.

-Juro-lhe, senhora Norton, que não sou eu. A magia que usaram em seu contrário me busca. Preciso tirar isso de mim e deixar que flua de novo para você.

-Quero me desfazer disto –disse, elevando a voz e com um ligeiro toque de histeria.

-Se não tirar de mim, então quem o fez poderá atuar sobre mim. Poderão me localizar. Saberão que trabalho em uma agência de detetives que está especializada em problemas sobrenaturais e soluções mágicas. –Era nosso lema-. Saberão que você veio aqui em busca de ajuda. E não acredito que isso lhe convenha, senhora Norton.

Um ligeiro tremor começou em suas mãos e se estendeu por seus braços até que ela ficou tiritando como se estivesse gelada. Possivelmente tinha frio, mas não do que te passa com um pulôver grosso. Por mais calor que fizesse não ia se mitigar o frio que sentia em seu interior. Teriam que lhe esquentar do centro de sua alma ferida até as pontas dos dedos. Alguém teria que verter poder mágico sobre ela pouco a pouco, como para descongelar um corpo pré-histórico conservado no gelo. Se se descongelava muito depressa o dano seria até maior. Este uso delicado do poder ia além de minhas capacidades. Quão único teria podido fazer era lhe dar certa tranquilidade, lhe tirar parte de seu medo, mas aquele que a enfeitiçou também o sentiria. Não poderiam descobrir que eu tinha sido a causadora, mas saberiam que tinha ido a um profissional, que alguém tinha tentado ajudá-la com poder psíquico. Chama-o intuição, mas estou convencida de que a quem tinha realizado o feitiço não lhe faria nenhuma graça e possivelmente decidisse agilizar o processo.

Sentia a energia arrebatadora do feitiço, que tentava romper minhas defesas e alimentar-se também de mim. Era como um câncer mágico, mas tão fácil de contrair como a gripe. A quanta gente teria contagiado Frances? Quanta gente caminhava com aquele feitiço que lhes roubava pouco a pouco a energia? Qualquer um com o mínimo de poderes saberia que tinha ocorrido algo, mas não exatamente o que. Tinham evitado ao Frances Norton porque lhes tinha ferido, mas poderiam demorar semanas ou meses em dar-se conta

de que o cansaço, os vagos sentimentos de desespero e a depressão eram causados por um feitiço.

Comecei a lhe contar o que me dispunha a fazer, mas não me incomodei em lhe olhar nos olhos. Só ficaria tensa e mais nervosa. O melhor que podia fazer era conseguir que lhe resultasse indetectável. Tentaria que me assegurar de que não sentisse como se deslizava de novo em seu interior, mas isso era tudo o que estava em minhas mãos.

Nos breves momentos de contato com minha pele, o feitiço ficou mais denso, mais negro, mais real. Comecei a me tirar isso do braço. Aderia-se como alcatrão, e requereu muita concentração retirá-lo, dobrando-o sobre si mesmo da forma em que se arregança a roupa grossa. Cada centímetro de minha pele que liberava se sentia mais brilhante, mais limpo. Não podia imaginar viver totalmente encerrada naquela coisa. Seria igual a passar a vida inteira meio deprimida e privada de oxigênio, confinada em um quarto escuro ao que nunca chegasse a luz.

Tinha liberado o braço, a mão, e comecei a apartar lentamente meus dedos de entre os seus. Ela permanecia completamente imóvel como um coelho que se esconde entre a erva, obstinado à esperança de que o lobo se afaste dele, se conseguisse ficar bastante quieto. O que não acredito que observasse Frances Norton é que já estava descendo pela garganta do lobo, dando patadas ao ar com suas perninhas.

Quando apartei os dedos, o feitiço se pegou a eles, mas a seguir voltou para seu lugar, em torno dela, com um som quase inaudível. Limpei-me a mão na jaqueta. Tinha-me liberado do feitiço, mas sentia a premente necessidade de me lavar a mão com água bem quente e muito sabão. A água e o sabão normais não seriam suficientes, mas o sal e a água benta possivelmente seriam de grande ajuda.

Frances desabou na cadeira, escondendo a cara entre as mãos. Tremiam-lhe os ombros e a princípio pensei que estava chorando em silêncio. Mas quando Naomi a abraçou, Frances mostrou uma cara sem lágrimas. Estava tremendo, simplesmente tremendo, como se já não pudesse chorar, não porque não quisesse, mas sim porque já não ficava nenhuma lágrima. Estava ali sentada, enquanto a amante de seu marido a abraçava, balançava-a. Tremia com tanta força que os dentes começaram a ‘tocar castanholas’, mas não chorou em nenhum momento. De certo modo o problema parecia mais grave porque não chorava.

-Desculpem, senhoras. Vamos sair um momento –disse. Olhei ao Jeremy e me dirigi à porta. Ele me seguiu e fechou a porta.

-Sinto muito, Merry. Eu lhe estreitei a mão e não aconteceu nada. O feitiço não reagiu contra mim.

Assenti. Acreditava-lhe.

-Possivelmente simplesmente tenho melhor sabor.

Sorriu-me.

-Bom, não sei por experiência, mas acho que sim.

Sorri.

-Fisicamente, possivelmente, mas misticamente é tão poderoso, a sua maneira, como eu sou. Sem dúvida, é um mago muito melhor do que eu nunca serei, simplesmente o feitiço não reagiu contigo.

Negou com a cabeça.

-Não, não o fez. Possivelmente tenha razão, Merry. Pode ser que seja muito perigoso para você.

Franzi o cenho.

-Agora o senhor fica precavido.

Olhou-me, tentando manter uma expressão neutra.

-Por que tenho a sensação de que não será a bruxinha de coração frio que eu esperava?

Apoiei-me na parede e o olhei.

-Este assunto é tão maligno que poderemos recorrer à polícia.

-Implicar à polícia não as salvará. Não podemos provar suficientemente que é o marido. Se não somos capazes de demonstrá-lo ante os tribunais, não poderemos levá-lo ao cárcere, e isto significa que teria liberdade para exercer mais magia sobre elas. Precisamos que lhe encerre em uma cela vigiada para que não possa lhes causar dano.

-Precisam amparo mágico até que esteja no cárcere. Isto é um trabalho de detetive. É um trabalho de canguru.

-Uther e Ringo são grandes cangurus –disse.

-Imaginou.

-Continua triste. Por que?

-Deveríamos tirar este caso de cima de nós –disse.

-Mas não pode fazê-lo –replicou ele, sorrindo.

-Não, não posso.

Havia muitas agências de detetives nos Estados Unidos que afirmavam estar especializadas em casos sobrenaturais. Tratava-se, sem dúvida, de um grande negócio, mas a maioria de agências não estavam à altura de suas promessas publicitárias. Nós sim. Nós fomos uma das poucas agências que podiam presumir de uma equipe formada inteiramente por profissionais da magia e peritos em poderes psíquicos. Também somos os únicos que podiam presumir de que todos os empregados, à exceção de dois, eram duendes. Não há tantos duendes que resistam viver em uma cidade, Chicago, mas seguia sendo exaustivo estar rodeado de tanto metal, tanta tecnologia, tantos seres humanos. Não me incomodava. Meu sangue humano me permitia tolerar o aço e os cárceres de cristal. Cultural e pessoalmente preferia o campo, mas podia viver em uma grande cidade. O campo era agradável, mas não me punha doente nem me debilitava sem ele. Algumas fadas sim.

-Quem dera as pudesse recusar, Jeremy

-Também tem um mau pressentimento sobre o assunto, verdade?

Assenti.

-Sim, se as recusasse, veria em meus sonhos suas caras trementes e sem lágrimas. Acredito que poderiam retornar para me espreitar depois de que aquele que as quer matar acabasse seu trabalho. Retornariam como verdadeiros fantasmas e me jogariam na cara ter desperdiçado sua última oportunidade de sobrevivência.

A gente acredita que os fantasmas perseguem a seus verdadeiros assassinos, mas isto é absolutamente falso. Os fantasmas têm um interessante sentido da justiça, assim poderia me dar por satisfeita se se limitavam a me assustar até que encontrasse a alguém para expulsá-los. Se é que se podiam expulsar. Às vezes, os espíritos eram mais resistentes. Então podia acabar carregando com um espírito familiar como uma alma penada que anuncia a morte. Duvidava de que se alguma das duas mulheres tinha aquela fortaleza

de caráter, mas me teria servido que o tivesse. Era meu próprio sentido de culpabilidade o que me fazia retornar ao despacho, e não o medo a represálias de fantasmas. Há gente que diz que os duendes não têm alma nem sentido de responsabilidade pessoal. Para alguns isto é verdade, mas não era para o Jeremy nem para mim. Às vezes, podemos ter mais compaixão.

Naomi Phelps levava a voz cantante enquanto Frances permanecia sentada e não parava de tremer. Nossa secretária lhe levou café quente e uma manta. Suas mãos tremiam tanto que derramou café na manta, mas conseguiu tomar algo, fora pelo calor ou pela cafeína, que ela tinha um aspecto melhor.

Jeremy tinha chamado a Teresa para que escutasse às mulheres. Teresa era nossa vidente. Media quase um e oitenta e era magra, com maçãs do rosto marcados, cabelo negro comprido e sedoso e uma pele cor café com leite. A primeira vez que a vi, dava-me conta de que tinha sangue de sidhe, assim como afro americana e parte de sangue de fada que não tinha estado na corte. Isto último explicava as orelhas ligeiramente bicudas. Muitas aspirantes a fadas se implantam cartilagem para fazer suas orelhas bicudas, deixam crescer o cabelo até os tornozelos e se fazem passar por sidhe. Mas nenhum sidhe puro-sangue nunca teve orelha pontuda. É um gesto de mescla de sangue. Entretanto, há aspectos do folclore que estão mais arraizados. Para uma grande maioria de gente, um sidhe puro deve ter as orelhas com ponta.

Teresa tinha a mesma fragilidade de ossos que Naomi, mas eu nunca havia sentido a tentação de agarrar a mão da Teresa. Era uma das clarividentes por tanto mais capitalistas que jamais tinha conhecido. Eu dedicava grande quantidade de energia a me assegurar de que não me tocassem, pois temia que lhe revelassem meus segredos e pusesse a todos em perigo. Sentou em uma cadeira a um lado, olhando às duas mulheres com seus olhos escuros. Não tinha feito ameaça de lhes estreitar a mão. Em realidade, tinha dado um amplo rodeio para não tocar acidentalmente a nenhuma delas. Sua cara não revelava nada, mas senti o perigo do feitiço assim que entrou na habitação.

- Não sei quantas amantes teve –disse Naomi-, uma dúzia, duas dúzias, centenas. – Encolheu-se de ombros-. A única coisa que sei com certeza é que sou a última de uma larga lista de amantes.

- Senhora Norton – disse Jeremy.

Frances o olhou assustada, como se não esperasse que solicitassem sua contribuição à história.

- Tem alguma notícia de todas estas mulheres?

Tragou saliva e disse em um tom que era quase um murmúrio:

- Guarda polaroids*. –Baixou a cabeça e murmurou-: diz que são seus troféus.

Tive que perguntar:

- Ele lhe mostrou estas fotos ou as encontrou você mesma?

Olhou para cima, e seus olhos estavam vazios: sem preocupação nem vergonha, simplesmente vazios.

- Ele me mostrou. Ele gosta..., Gosta de me explicar o que faz com elas. No que cada uma é boa, o que fazem melhor que eu.

Abri a boca, mas voltava a fechá-la, porque não me ocorreu nada que pudesse lhe servir de consolo. Sentia vergonha alheia, mas era Frances Norton quem tinha que estar zangada. Meu aborrecimento poderia nos ajudar a resolver o problema imediato, mas não lhe devolveria a força. Embora conseguíssemos nos liberar do marido não curaríamos todo o dano que este tinha causado. Havia muitas coisas que foram mal com a Frances além de um feitiço.

Naomi lhe tocou o braço, consolando-a.

- Assim é como me conheceu. Viu minha foto, e um dia nos encontramos. Ele a tinha despertado quando chegou em casa e lhe contou o que tinha me feito. – Esta vez foi Naomi quem olhou em seu colo e apoiou os braços nas pernas-. Eu tinha moretones. –Levantou o olhar para mim-. Frances se aproximou de minha mesa. Arregaçou e me ensinou os seus. Então, disse unicamente: “sou sua mulher”. Foi assim como nos conhecemos.

Ao final mostrou um sorriso tímido, o tipo de sorriso que se desenha em seu rosto quando explica como conheceu a seu amado. Uma tenra história para contar a outros.

Olhei-a com os olhos em branco, mas me perguntei se a relação entre elas ia mais à frente do mau trato e do marido. Se eram amantes, isto podia trocar o método de cura. Em questões místicas não terá que esquecer as emoções. Dado que o amor e o ódio têm distintas energias, enfrenta a eles de forma diferente. Assim, era preciso determinar com exatidão o vínculo entre as duas mulheres antes de começar um trabalho de cura sério, embora não aquele dia. Para começar escutaríamos o que nos queriam contar.

- Foi muito valente por sua parte –disse Teresa.

Sua voz, era igual a tudo nela, era de algum jeito suave e feminina, com uma força subjacente, como aço coberto com seda. Sempre tinha pensado que Teresa, embora não tinha viajado além do México, teria uma extraordinária beleza do sul.

Os olhos do Frances se detiveram nela, pensou um instante, mas logo sua boca se abriu em um pouco parecido a um sorriso. Aquele pequeno movimento me fez sentir melhor em relação com essa mulher. Se podia começar a sorrir, a orgulhar-se da força que tinha mostrado, possivelmente se recuperaria totalmente com o tempo.

Naomi lhe apertou o braço e lhe sorriu com afeto e orgulho. De novo, tive a impressão de que estavam muito unidas.

- Isso foi minha salvação. Do momento em que conheci a Frances, comecei a tentar romper com ele. Não sei como lhe permiti que me fizesse mal. Não sou assim. Quero dizer que nunca antes tinha permitido que um homem me maltratasse.

Seu semblante mostrava a vergonha que sentia por não haver salvado a si mesma.

Frances colocou sua mão sobre a mão da outra mulher, para lhe oferecer consolo e ao mesmo tempo recebê-lo. Naomi lhe sorriu e, continuando, olhou-nos desconcertada.

- Ele é como uma droga. Uma vez te faz meio doido, suplica seu contato. É como se despertasse sua sexualidade, e seu corpo sofre porque quer ser meio doido. – Voltou a baixar o olhar-. Nunca dependi tanto de outros sexualmente. Ao princípio era molesto e estimulante. Depois começou a me fazer mal. Primeiro eram só pequenas coisas, atava-me, depois... Pegava-me.

Obrigou-se a elevar a vista e a nos olhar. Havia em seus olhos uma grande ansiedade, como se nos estivesse desafiando a pensar o pior dela, mas também mostrava uma grande força. Como tinha conseguido domesticá-la aquele homem?

- Converteu a dor em parte do prazer –continuou-, mas logo começou a fazer coisas piores. Coisas que só doíam. Tentei que abandonasse aquelas perversões e foi então quando começou a me golpear de verdade, sem fingir que era parte do sexo. – Sua boca tremia, mas seu olhar se mantinha

desafiante-. Mas me pegar lhe excitava de verdade. O fato de que eu não me excitar, de que me desse medo, também gostava.

- Fantasias de violação –disse.

Noemí assentiu, abrindo muito os olhos para conter as lágrimas. Mostrava-se tranqüila e tratava de ocultar a dor em seu interior.

- Ao final não foram só fantasias.

- Gosta de tomar à força –assegurou a mulher.

Olhei a ambas e contive o desejo de sacudir a cabeça. Tinha passado minha vida dos dezesseis até os trinta na corte da Escuridão, os anos de meu despertar sexual, de maneira que sabia como combinar prazer com dor. Mas a dor era compartilhada, e nunca se exercia sem o consentimento do outro. Se a outra pessoa não considerava que a dor lhe contribuía com prazer, não era sexo. Era tortura. Há uma grande diferença entre tortura e sexo um pouco duro. Mas para os sádicos, não há diferença. Nas formas extremas, são incapazes de manter relações sexuais sem violência ou, como mínimo, sem que sua vítima os tema. Entretanto, a maioria dos sádicos são capazes de ter umas relações sexuais mais normais. Usam isto para te enganar, mas com o tempo não podem manter uma relação normal. Aos poucos, afloram seus verdadeiros desejos e devem satisfazê-los.

Como eu tinha me convertido em uma perita nestes temas? Como disse, passei meu despertar sexual na corte da Escuridão. Me entenda bem. A corte da Luz tem sua própria gama de práticas não habituais, mas compartilham o ponto de vista humano mais generalizado de domínio e submissão. A corte da Escuridão vê estas coisas com melhores olhos ou, por dizê-lo de outro modo, tem uma postura mais aberta. Também pode dever-se a que a Rainha do Ar e da Escuridão, minha tia, governadora absoluta da corte em seus últimos mil anos, e um século mais ou menos, é muito dominante e está roçando o sadismo sexual. Formou a corte a sua imagem, igual a meu tio, o rei da Luz e da Ilusão da corte da Luz, forjou-a segundo sua própria imagem. Extremamente, a gente pode intrigar e mentir mais facilmente na corte da Luz. Vive-se em uma ilusão. Se algo parecer bom no exterior, tem que ser bom. A corte da Escuridão é mais honesta, na maioria de ocasiões.

-Naomi –interveio Teresa-, foi esta sua primeira relação com maus tratos?

A mulher assentiu.

- Ainda não compreendo como permiti que chegasse a tal extremo – respondeu.

Olhei a Teresa, e ela inclinou fugazmente a cabeça para me dar a entender que tinha escutado a resposta e que a mulher estava contando a verdade. Como hei dito, Teresa é uma das pessoas com poderes psíquicos mais capacitadas do país. Não só terá que vigiar suas mãos. Na maioria de ocasiões, pode te dizer se está mentindo ou não. Tive que ir com muito cuidado com ela nestes três anos que levamos trabalhando juntas.

- Como lhe conheceu? –Perguntei-lhe.

Não utilizava seu nome nem dizia senhor Norton porque as duas mulheres tinham evitado mencioná-lo, como se não existisse nenhum outro homem e se soubesse de quem se estava falando.

- Não, em ocasiões nos víamos em um hotel.

Isto me surpreendeu.

- Faz algo dentro do círculo do apartamento que não faça em nenhum outro lugar?

Ruborizou-se completamente.

- É o único lugar ao que leva outros homens.

- Outros homens para que tenham relações sexuais com ele? –Perguntei.

Negou com a cabeça.

- Não, comigo.

Olhou-nos, como esperando um grito de horror. Ou que a chamássemos de puta. O que viu a tranqüilizou. Todos sabíamos pôr cara de circunstâncias quando o necessitávamos. Pelo resto, o sexo em grupo parecia pouca coisa depois de saber que mostrava a sua mulher fotos das amantes e lhe explicava os detalhes. Isto era novo. O sexo em grupo tinha existido muito antes que as câmaras Polaroid.

- Eram sempre os mesmos homens? –Perguntou Jeremy.

Negou com a cabeça.

- Não, mas todos se conheciam. Quero dizer que não era como se convidasse ao primeiro que passava pela rua.

Soava como se se defendesse, como se isso tivesse sido muito pior.

- Houve algumas repetições? –Perguntou Jeremy.

- Houve três homens que vi em mais de uma ocasião.

- Conhece seus nomes?

- Só seus primeiros nomes : Liam, Donald e Brendan.

Parecia estar muito segura dos nomes.

- Quantas vezes viu você a estes três homens?

Recusava nos olhar aos olhos.

- Não sei. Muitas vezes.

- Cinco vezes –perguntou Jeremy-, seis, vinte e seis?

Levantou a cabeça, sobressaltada.

- Não chegou a vinte vezes, não foram tantas.

- Então, quantas? –Perguntou.

Talvez oito, possivelmente dez, mas não mais.

Parecia-lhe importante que não tivessem sido mais de dez. Era o número limite mágico? Acaso ela era pior se o fazia dez vezes que se o fazia só oito?

- E o sexo em grupo, quantas vezes?

Voltou a suspirar.

- Por que precisa saber?

- Foi você quem o chamou um ritual, não nós –disse Jeremy-. De momento não há muito de ritual nisto, mas os números podem ter um significado mágico. O número de homens dentro do círculo. O número de vezes que você esteve dentro do círculo com mais de um homem. Mas acredite, senhorita Phelps, não é assim como me divirto.

Voltou a baixar a vista.

- Não queria insinuar...

- Sim, insinuou-o –disse Jeremy-, mas compreendo por que receia de qualquer homem, humano ou não. –Vi aquela ideia no rosto do Jeremy-. Todos os homens eram humanos?

-Donal e Liam têm ambos orelha com ponta, mas além disto, todos pareciam humanos.

- Donald e Liam estavam circuncidados? –Perguntei.

Sua voz saiu em um impulso apressado, lhe coloriram de novo as bochechas.

- Por que precisa sabê-lo?

- Porque um verdadeiro duende teria centenas de anos, e nunca ouvi falar de duendes judeus, de maneira que se fossem duendes não estariam circuncidados.

Olhou-me.

- OH –disse. Então refletiu sobre a pergunta do princípio-. Liam o estava, mas Donald, não.

- Que aspecto tinha Donald?

- Alto, musculoso, como um levantador de pesos, com o cabelo loiro até a cintura.

- Era bonito? –Perguntei.

Teve que pensar a resposta.

- Arrumado, não bonito. Arrumado.

- De que cor tinha os olhos?

- Não me lembro.

Se tivessem sido de uma das tonalidades poderosas das que os duendes são capazes de ter, teria se recordado. Se não fora pelas orelhas em forma de ponta, poderia ter sido qualquer das dezenas de homens da corte da Luz. Só havia três loiros na corte da Escuridão, e nenhum de meus três tios levantava pesos. Tinham que cuidar muito as mãos para não rasgar as luvas cirúrgicas que sempre levavam postos. As luvas conservavam o veneno que segregavam suas mãos por natureza ao roçar com outros. Tinham nascido malditos.

- Reconheceria a este Donald se voltasse a vê-lo?

- Sim.

- Havia algo em comum nos três homens? –Perguntou Jeremy.

- Todos tinham o cabelo comprido igual a ele, até os ombros ou maior.

Corte comprido, possíveis implante de cartilagens nas orelhas, nomeie celtas... soava a aspirantes. Nunca tinha ouvido falar de culto sexual de aspirantes de duende, mas não terá que menosprezar a capacidade da gente de corromper um ideal.

- Bom, senhorita Phelps –disse Jeremy-. E o que me diz de tatuagens, símbolos escritos em seus corpos ou alguma peça de joalheria que levassem todos?

- Não tinham.

- Viu-os só de noite?

- Não, às vezes pela tarde, às vezes de noite.

- Em nenhum momento concreto do mês, por exemplo em vésperas de festa? –Perguntou Jeremy.

Noemí torceu o gesto.

- Estive-lhe vendo durante um período de pouco mais de dois meses. Não houve festas, nem nenhuma época especial.

- Manteve relações sexuais com ele ou com outros um número fixo de vezes à semana?

Teve que refletir sobre esta pergunta, mas finalmente sacudiu a cabeça.

- Isso dependia.

- Cantavam ou tocavam? –Perguntou Jeremy.

- Não –disse.

Não me parecia estar ante um ritual.

- Por que usou o termo ritual, senhorita Phelps? Por que não disse feitiço?

- Não sei.

- Sim sabe –disse-. Você não é uma profissional. Não acredito que iria utilizar o termo ritual sem motivo. Pense um momento. Por que esta palavra?

Refletiu sobre isto, com o olhar perdido e o cenho franzido. Olhou-me.

- Ouvi-lhe falar por telefone uma noite. – Olhou para baixo, depois levantou o queixo, novamente desafiante, e me dava conta de que não gostava do que se dispunha a dizer-. Atou-me à cama, mas deixou a porta um pouco entre aberta. Ouvi ele falar. Disse: “O ritual estará bem esta noite”. A seguir baixou a voz e não pude lhe ouvir, e depois acrescentou: “Os destreinados se cansam muito facilmente”.

- Olhou-me-. Não era virgem quando nos conhecemos. Tinha... Experiência. Antes de lhe conhecer pensava que era boa na cama.

- O que lhe faz pensar que não o é? –Perguntei.

- Disse-me que não era o bastante boa para lhe satisfazer com relações sexuais normais, que precisava me maltratar para lhe dar prazer, e para não aborrecer-se.

Tentava mostrar-se desafiante, mas não conseguia. A dor aparecia em seus olhos.

- Estava apaixonada por ele? –Tentei perguntá-la com elegância.

- O que isso importa?

Frances tomou a mão e a sustentou em seu braço.

- Está bem, Naomi. Querem nos ajudar.

- Não vejo o que tem que ver o amor com tudo isto –disse.

- Se estiver apaixonada por ele, então será mais difícil liberar você da influência dele, isso é todo –disse.

Ao parecer não advertiu que tinha trocado à presente.

Respondeu à pergunta:

- Pensava que lhe queria.

- Ainda lhe quer? –Eu não gostava de ter que perguntá-la, mas tínhamos que saber.

Naomi agarrou a pequena mão da outra mulher entre as suas, até que os dedos lhe puseram brancos de tanto apertar. Finalmente as lágrimas começaram a escorregar por seu rosto.

- Não lhe quero, mas... –Teve que respirar profundamente em diversas ocasiões antes de poder acabar-. Se o vir e me pedir sexo, não posso lhe dizer que não. Inclusive quando é horrível e me faz mal, esse sexo é melhor que algo que haja sentido antes. Posso dizer que não por telefone, mas se aparecer, deixo-lhe... Quero dizer, defendo-me se me pega, mas se for durante o sexo... Tudo me confunde.

Frances se levantou e ficou detrás da cadeira da outra mulher, estendendo a manta ante elas duas, enquanto a abraçava por detrás. Fez uns ruídos tranquilizadores, lhe beijando a cabeça como se faz com um menino.

- Esteve se escondendo dele? –Perguntei.

Assentiu.

- Sim, mas Frances... ele pode a encontrar em qualquer lugar onde se esconda.

- Segue o feitiço –afirmei.

As duas mulheres assentiram como se o tivessem imaginado elas mesmas.

- Mas eu me escondi dele. Troquei de apartamento.

- Surpreende-me que não a perseguiu –disse.

- O edifício está protegido –disse.

Abri os olhos de surpresa. Que um edifício inteiro estivesse protegido, não só um apartamento mas também todo o edifício, significava que os feitiços protetores tinham que colocar-se nos alicerces do edifício. Terei que aplicá-los ao cimento e também às vigas de aço. Isto implicava um aquelarre de bruxas, ou vários. Nenhum profissional poderia fazer o de maneira individual. Era um processo muito caro. Só as casas ou edifícios mais luxuosos podiam presumir disso.

- A que se dedica, senhorita Phelps? –Perguntou Jeremy.

Ele, igual a eu, não tinha contado com que as duas mulheres fossem capazes de poder pagar nossa tarifa. Tínhamos suficiente dinheiro no banco em nome da agência e em nossas contas particulares, de maneira que inclusive podíamos fazer caridade de vez em quando. Não é nosso costume, mas em alguns casos não se trabalha por dinheiro a não ser simplesmente porque não se pode dizer que não. Nós dois pensamos que este seria um desses casos.

- Tenho uma herança que ganhei o ano passado. Tenho acesso à totalidade, agora. Confie em mim, senhor Grei, poderei pagar seu cachê.

- Está bem, senhorita Phelps, mas, para falar a verdade, não era isto o que me preocupava. Não o difunda, mas se alguém está em uma situação o suficientemente grave, não nos tiramos isso de cima porque não possa pagar nossos honorários.

Naomi estava atônita.

- Não queria dizer que vocês eram... Sinto muito. –Mordeu-se a língua.

- Naomi não tinha intenção de insultá-la –disse Frances-. foi rica toda sua vida, e muita gente tentou tirar partido disso.

- Não me ofendeu –disse Jeremy.

Embora eu sabia que provavelmente sim se ofendeu, Jeremy era um empresário que sabia ficar em seu lugar. A gente não perde os estribos com um cliente, ao menos se pensa aceitar o caso. Ou, com mínimo, não até que não fazem algo verdadeiramente horrível.

- Tentou em alguma ocasião apoderar-se de seu dinheiro? –Perguntou Teresa.

Naomi a olhou com cara de surpresa.

- Não, não.

- Ele sabe que é rica? –Perguntei.

-Sim, sabia, mas nunca me deixava pagar nada. Dizia que era um pouco antiquado. Não se preocupava absolutamente pelo dinheiro. Era uma das coisas que eu mais gostei dele a princípio.

- Ou seja que não procura dinheiro –disse.

- Não lhe interessa o dinheiro –disse Frances.

Olhei aqueles grandes olhos azuis, que já não mostravam medo. Continuava estando de pé detrás do Naomi, reconfortando-a, e parecia cobrar forças desta situação.

- O que lhe interessa? –Perguntei.

- O poder –disse.

Assenti. Estava no certo. O abuso sempre tem a ver com o poder, de uma maneira ou outra.

- Quando dizia que os destreinados se cansavam facilmente, não acredito que estivesse pensando em sua habilidade sexual.

Naomi agarrava as mãos do Frances, as apertando contra seus ombros.

- Então, o que queria dizer?
- Está destreinada nas artes místicas.

Pôs cara de não entender.

- Então, o que é aquilo do que me cansava tão facilmente, se não era do sexo?

Foi Frances quem respondeu:

- Do poder.
- Sim, senhora Norton, do poder.

Naomi torceu o gesto uma vez mais.

- O que quer dizer, do poder? Eu não tenho nenhum poder.
- Sua magia, senhorita Phelps esteve absorvendo sua magia.

Tinha um aspecto ainda mais estupefato, com a boca aberta em um pequeno “ou” de surpresa.

- Não conheço nenhum tipo de magia. Em ocasiões, tenho pressentimentos, mas não se trata de magia.

E esta, é obvio, era a razão pela que ele tinha podido fazê-lo. Pergunto-me se todas as mulheres eram místicas destreinadas. Se estavam destreinadas, íamos ter problemas para nos infiltrar em seu pequeno mundo. Mas quão único tinham que ser era parte fada e com dotes mágicos... Bom, já tinha servido de chamariz antes.

Três dias mais tarde estava de pé no meio do escritório do Jeremy com apenas um prendedor de sutiã negro, calcinhas a jogo e botas altas também negras. Um indivíduo ao que não tinha visto nunca antes me inspecionava o sutiã. Normalmente, tenho que planejar me deitar com um homem antes de deixar que me acaricie os peitos, mas nesta ocasião não se tratava de nada pessoal, só de negócios. Maury Klein era um técnico de som, e tentava colocar um microfone pequeno debaixo de meu peito direito, onde o aro do sutiã impediria que Alistair Norton o notasse se movia sua mão entre minhas costelas ou meu peito. Deveu passar-se quase trinta minutos com o microfone, quinze dos quais os dediquei a encontrar o melhor esconderijo em meu decote.

Estava ajoelhado frente a mim, movendo a ponta da língua e olhando fixamente as mãos desde detrás de uns óculos com arreios de arame. A direita a tinha virtualmente escondida dentro de uma das taças do sutiã, e com a esquerda separava o objeto de meu corpo para poder trabalhar melhor. Ao atirar do sustento, pôs ao descoberto meu mamilo e a maior parte do resto de meu peito direito.

Se Maury não tivesse permanecido tão claramente alheio tanto a meus encantos como a nossa audiência, lhe teria acusado de entreter-se porque estava desfrutando, mas seu olhar fixo não deixava margem para a dúvida: não via nada além de seu trabalho. Entendi por que tinha tido queixa de mulheres que se preparavam para operações secretas. As detetives se queixavam porque não trabalhava em privado, queria testemunhas de que não tinha ultrapassado os limites. Pensando-o bem, se todas as testemunhas houvessem sido humanas, poderiam ter estado de minha parte de todos os modos. Tinha jogado, levantado e manipulado de qualquer forma meu peito como se não pertencesse a ninguém. O que estava fazendo era muito íntimo, entretanto, ele não o considerava assim. Era o típico professor avoadado. Tinha uma única obsessão e eram seus micros escondidos, suas câmaras ocultas. Em Los Angeles, se quiser o melhor, vais ver o Maury Klein. Instalava sistemas de segurança para estrelas de Hollywood, mas sua verdadeira paixão eram as infiltrações: como conseguir uma equipe cada vez mais pequena e melhor dissimulada.

Em uma ocasião, sugeri que o microfone estaria melhor escondido dentro de meu corpo. Não sou tímida, mas opus a esta idéia. Maury tinha negado com a cabeça e tinha murmurado.

- Não sei como seria a qualidade do som, mas eu gostaria que alguém me deixasse provar isso.

Tinha um ajudante, quer dizer, um vigilante e, possivelmente, diplomático de emergência. Chris (se tinha sobrenome, não o tinha ouvido nunca) tinha pedido ao Maury que não fora tão grosseiro e pouco delicado. Permaneceu imóvel até que lhe assegurei que me encontrava bem. Nesse momento estava ao lado do Maury como uma enfermeira de sala de cirurgia, disposto a lhe entregar qualquer peça que pudesse necessitar.

Jeremy contemplava o espetáculo com um sorriso divertido, sentado ante seu escritório. Observou-me com um olhar entre picante e educado quando me tirei o vestido e fiquei com roupa interior, mas depois se limitou a conter a risada ante a absoluta frieza do Maury Klein. Jeremy tinha adulado o

assombroso contraste ente o branco níveo de minha pele e o negro da lingerie. A gente sempre tem que dizer algo agradável a primeira vez que vê a uma pessoa nua.

Roane Finn estava sentado na esquina do escritório do Jeremy, dando patadas no ar em um movimento inconsciente enquanto também ele desfrutava do espetáculo. Não precisava me elogiar. Havia-me visto nua a última noite e muitas noites antes dessa. Seus olhos são o primeiro que chama a atenção dele: grandes e castanhos, dominam seu rosto igual à lua domina o céu noturno. Continuando, a gente tanto pode fixar-se em seu cabelo escuro e na maneira em que lhe cai para a cara e lhe enrola detrás da nuca, como na perfeita curva de seus lábios vermelhos: Muitos acreditam que usa carmim para conseguir essa cor, mas se equivocam. Tudo é natural. Sua pele se vê branca, mas não o é realmente, ao menos não por completo. É como se alguém agarrasse minha própria pele pálida e lhe acrescentasse uma gota do castanho avermelhado de seu cabelo. Quando se veste em tons marrons ou cores de outono, sua pele parece obscurecer-se.

Tinha exatamente minha altura e, embora isto o fazia parecer adoentado a primeira vista, o corpo que tirava o chapéu sob a roupa negra que tinha escolhido para essa noite tinha um aspecto firme e musculoso. Sabia que não era só forte. Também era ágil. Descobri cicatrizes de queimaduras ao longo de suas costas e seus ombros, como se fossem calos brancos sobre a delicada seda de seu corpo. As cicatrizes se remontavam a quando um pescador queimou sua pele de foca. Em tempos, Roane podia ficar sua pele de foca e converter-se em uma foca e logo tirar-lhe e converter-se em humano, ou, melhor dizendo, adquirir aparência humana. Então um pescador descobriu sua pele e a queimou. A pele não era só um objeto mágico para trocar de forma, era uma de suas partes igual aos olhos ou o cabelo. Roane é a única pessoa foca da que ouvi dizer que sobreviveu à destruição de seu outro eu. Sobreviveu, mas não poderá trocar de forma nunca mais. Ficou condenado a permanecer junto à terra eternamente e esquecer para sempre a outra metade de seu mundo.

Às vezes, de noite, eu encontrava a cama vazia. Se estávamos em meu apartamento, ele olhava pela janela pondo qualquer pretexto. Se estávamos em sua casa, observava o oceano e sua mente se fundia com as ondas enquanto eu olhava pelo balcão. Nunca despertou nem me pediu que fosse a seu lado. Era sua dor particular e não o podia compartilhar. Suponho que era justo, porque nos últimos anos em que tínhamos sido amantes, eu jamais tinha deixado cair meu encanto completamente. Ele não tinha visto nunca as cicatrizes dos duelos. Feridas que me delatavam como alguém relacionado intimamente com os sidhe. Por mais que fora uma negada em feitiços ofensivos, havia poucos melhores que eu para manter o encanto pessoal. Isto me ajudava a me esconder, mas pouco mais, Roane não podia quebrar minhas defesas e, não obstante, sabia que existiam. Sabia que, inclusive nos momentos de descanso, reservava-me. De haver sido humano, teria perguntado por que, mas como não o era não o perguntou, do mesmo modo que eu nunca lhe perguntei sobre a chamada das ondas.

Um ser humano não teria podido deixar de bisbilhotar, mas um amante humano tampouco teria podido sentar-se tão tranqüilo enquanto outro homem manuseava meus peitos. Roane não era ciumento. Sabia que isso não significava nada para mim e, portanto, tampouco significava nada par ele.

A outra mulher da habitação era a detetive Lucinda Tate, a que todos chamavam Lucy. Tínhamos trabalhado com ela em diversos casos de ações perpetradas por não humanos, e cujas vítimas estavam sendo enfeitiçadas ou assassinadas. Em realidade, a primeira vez que se ampliou a Lei sobre o Exercício da Magia para incluir o trabalho policial foi quando Jeremy e o resto de nós atuamos circunstancialmente como policiais. Todos nós cumpríamos com os requisitos de ter dotes mágicos e isso nos fazia idôneos para o trabalho, porque significava que podiam prescindir de toda a preferência que um companheiro não mágico teria necessitado e que nos podiam pôr a trabalhar imediatamente. Uma espécie de ajudantes de emergência. A Lei sobre o Exercício da Magia me permitiu tirar a carteira de detetive me economizando um montão de horas de preparação que se exige normalmente para obter uma licença na Califórnia.

A detetive Tate se apoiava na parede e movia a cabeça.

- Deus, Klein, não sente saudades que tenha tido demandas por perseguição sexual.

Maury pestanejou para recuperar a atenção. Tinha o aspecto de alguém que está ao final de um feitiço poderoso, como se estivesse despertando, mas o sonho ainda não acabou. A capacidade de concentração do Maury era invejável. Finalmente, dirigiu-se a detetive, com as mãos ainda em meu sutiã.

- Não sei a que se refere, detetive Tate.

Olhei-a por cima da cabeça encurvada do Maury.

- De verdade não sabe –disse.

Tate me sorriu.

- Perdão pelo manuseio, Merry. Se não fora o melhor no que faz, ninguém o toleraria.

- Quase nunca utilizamos aparelhos de som nem câmaras ocultas –disse Jeremy-, mas quando o fazemos, eu gosto de pagar pelo melhor.

Tate o olhou.

- O departamento não o poderia permitir, sem dúvida.

Maury falou sem tirar sua atenção de meu peito.

- Em outra época trabalhei como autônomo para a polícia, detetive Tate.

- E nós gostamos de verdade, senhor Klein.

O brilho travesso no olhar da detetive e o semblante cínico não se correspondia muito com suas palavras. O cinismo parecia ser um salário do ofício. O brilho travesso formava parte da essência mesma da Lucy Tate. Sempre parecia rir de tudo por baixo. Eu estava bastante segura de que se tratava de um mecanismo de defesa para manter oculta sua verdadeira identidade, mas ainda não tinha descoberto o que tratava de esconder. Não era meu assunto, embora admita certa curiosidade muito imprópria de duendes a respeito da detetive Lucy Tate. Era a soma perfeição de sua camuflagem, o fato de que não se podia ver além dessa máscara divertida, o que me animava a penetrar nela, via a dor de Roane, e por isso o podia deixar em paz, mas não conseguia ver nada em Lucy, e tampouco Teresa, o qual significava, é obvio, que a detetive Tate era um ser com uns poderes psíquicos consideráveis. Algo tinha acontecido em sua mais tenra idade que a fazia ocultar seus poderes até tal ponto que nem ela mesma sabia que os tinha. Nenhum de nós lhe tinha explicado esta idéia. A vida da detetive Tate parecia em ordem e ela tinha um aspecto de ser feliz. Se tocava a ferida que tinha forçado o declive de seus poderes, tudo podia trocar. O sucesso possivelmente fora tão traumático como

para que não se recuperasse nunca. Assim que a deixávamos tranqüila, prós nos perguntavam por ela, e em algumas ocasiões resultava especialmente difícil não provar nela poderes mágicos ou psíquicos, só para ver o que aconteceria.

Maury retrocedeu e por fim apartou as mãos de meu peito.

- Acredito que já está pronto. Colocarei só um pouco de fita para me assegurar de que não se move e estará preparado.

Chris lhe deu pedacinhos de fita adesiva que já tinha preparado prevendo a petição do Maury. Este as agarrou sem fazer comentários.

- Viu o que tive que fazer para pôr o microfone dentro? Bom, este tipo terá que fazer o mesmo para encontrá-lo.

Tinha-me pedido que sustentasse o sutiã de maneira que ele pudesse trabalhar com as duas mãos. Era o mais amável que tinha feito nos últimos quarenta e cinco minutos.

Maury deu um passo atrás.

- Coloque o sutiã como o usa normalmente.

Franzi o sobrececho.

- Assim é como normalmente o uso.

Fez um pequeno movimento com as mãos à altura do peito.

- Cave-o para que fique como o outro.

- Cavá-lo –disse, mas ri porque finalmente lhe tinha entendido.

Suspirou e deu um passo para diante.

- O mostrarei.

Eu levantei uma mão para lhe deter.

- Não necessito ajuda.

Inclinei-me e sacudi meu peito direito dentro de taça do sutiã, utilizando a mão para colocar tudo em seu lugar. Meu peito, já bastante bonito por si, ficava tão levantado que adquiria um aspecto quase obsceno, mas quando pus a mão na área onde deveria haver sentido o microfone, quão único notei foi o aro e o tecido.

- É perfeito –disse Maury-. Pode ficar com o prendedor, enquanto o tenha posto ele não se dará conta nunca.

Inclinou a cabeça para um lado, como se acabasse de pensar algo.

- Peguei o microfone ao sutiã assim pode tirar-lhe se for necessário, simplesmente deixe-o dentro de um rádio de um metro e meio quanto mais perto melhor. Se puser um micro mais sensível, então registrará os batimentos do coração de seu coração e os movimentos da roupa. Posso-o filtrar, mas terá que fazê-lo na gravação. Suponho que quererá ouvi-la esta noite, em caso de que seu suspeito desapareça.

- Sim –disse Jeremy-, seria interessante saber se Merry necessitar de ajuda. – Um sarcasmo muito sutil para o Maury.

- Poderíamos ter enganchado o microfone no bordo superior do elástico das médias, mas não poderia jurar que as meias não cairiam e deixariam o microfone ao descoberto. Se se tirar o prendedor, assegure-se de enrolá-lo para que não se veja o microfone.

- Não tenho pensado em tirar isso. - Maury deu de ombros.-

Maury se encolheu de ombros.

- Só tentava lhe expor todas as opções.

- Obrigado, Maury –disse.

Maury assentiu. Chris já recolhia os pedaços de fita e material que tinham ficado pulverizados pelo chão.

Roane saltou da mesa e agarrou minha roupa, que estava pregada em cima. Deu-me o vestido negro. Tinha optado pelo negro porque este sempre é melhor que as cores brilhantes para ocultar coisas. Embora me caía bem, nunca ia todo de negro se podia evitar. Era a cor favorita da corte da Escuridão porque era a cor preferida de sua Rainha.

Roane desdobrou o objeto de seda e a sustentou pela parte superior. A seguir começou a enrolar a roupa com deliberada lentidão, me olhando à cara em todo momento. Quando terminou, ajoelhou-se frente a mim, deixando aberto o vestido para que me pusesse isso.

Apoiei-me em seu ombro para me sustentar e coloquei os pés no vestido. Roane começou a levantar as mãos, soltando ao mesmo tempo o vestido par que caísse em torno de mim como uma cortina de teatro ao acabar a função. Roane estava de pé, com as mãos apoiadas brandamente em meu quadril e a uma distância ideal para que lhe beijasse. Seus olhos estavam à altura de meus e os dois tínhamos uma intimidade no contato visual que eu não tinha conhecido com ninguém mais. Nunca tinha estado com alguém tão baixo como eu antes. Isto fazia a postura do missionário incrivelmente íntima.

Roane levantou o vestido até que eu pude deslizar meus braços pelas mangas, depois o colocou sobre meus ombros, movendo-se pelas mangas, depois o colocou sobre meus ombros, movendo-se a meu redor até situar-se detrás para dar o último puxão à seda e colocá-la em seu lugar. Começou a me grampear o vestido pelas costas. O vestido se atinha a meu corpo à medida que subia a cremalheira, como se estivesse desenhando lentamente a silhueta de minha cintura, meus quadris, meus peitos. O delicioso decote em v era outro motivo para levar um sutiã de realce. O vestido não tinha mangas e se adaptava como uma segunda pele, revelando minha carne branca contra a roupa negra. Tinha escolhido uma roupa apertada sabendo. O sutiã apenas se via, só convidava a contemplar meus peitos, de modo que se alguém tentava deslizar a mão por aí, não o conseguiria sem rasgar o vestido. Se Alistair Norton queria jogar com meus peitos, teria que limitar-se à parte que ficava ao descoberto, a não ser que tratasse de me violar, e segundo Naomi as fantasias de violação não tinham surto até ao cabo de dois meses. O primeiro mês todo tinha sido perfeito. Dado que era a primeira entrevista, Alistair provavelmente se comportaria bem. Teria que ser eu quem se tirasse o vestido para que ele pudesse encontrar o microfone, e não pensava fazê-lo.

Roane acabou de me grampear o vestido, sujeitando o gancho de acima. Posou seus polegares sobre a pele nua de meu torso, em um contato insinuante, e a seguir se separou de mim. Em realidade, seus polegares tinham roçado as cicatrizes de minhas costas, que não podia nem ver nem sentir. Estava tão segura de minha capacidade que o vestido deixava expostas as cicatrizes; só meu encanto as ocultava. Eram pequenas rugas na pele, indeléveis. Outro sidhe tinha tentado me trocar a forma durante um duelo. Muitos duendes podem trocar de forma, mas só um sidhe pode trocar a forma de outros contra sua vontade. Eu não sei trocar minha forma nem a de outra pessoa, outro ponto em meu contrário nas cortes.

- Como o fazem? –Perguntou a detetive Tate.

Pergunta-a me sobressaltou e fez que me voltasse para ela.

- Fazer o que? –Perguntei.

Chris levantou o olhar enquanto empacotava a equipe. Maury já se trabalhava em excesso com uma muito fina chave de fenda sobre um transmissor de tamanho médio. O resto de nós poderia muito bem não ter estado na habitação.

- Aconteceste-te quase uma hora em roupa interior com um homem que te manuseia os peitos, mas não houve nada erótico. Logo Roane te ajuda a te pôr o vestido sem te tocar a pele em nenhum momento, só te grampeia e, de repente, a tensão sexual da habitação é tão densa que se poderia caminhar por ela. Como diabos o conseguem?

- Como o conseguimos Roane e eu, ou nós... –Deixei o pensamento em suspense.

- Refiro aos duendes –disse ela-. Vi o Jeremy fazê-lo com uma mulher humana. Vocês podem caminhar ao redor de mim nus e obter que me sinta a gosto, a seguir lhes vestem e fazem algo aparentemente sem importância e de repente sinto que deveria sair da habitação. –Sacudiu a cabeça-. Como o fazem?

Roane e eu nos olhamos mutuamente, e observei em seus olhos a mesma pergunta que sabia que estava em meus. Como se explica o que é ser um duende e o que é não sê-lo? A resposta, é obvio, é que não é possível. Pode-se tentar, mas normalmente não se consegue.

Jeremy o tentou. Ao fim e ao cabo, era o chefe.

- É uma parte do que representa ser duende, ser uma criatura dos sentidos.

Levantou-se da cadeira e caminhou para ela, sem mostrar nenhuma expressão na cara nem insinuação em seus movimentos. Tomou a mão e a levou aos lábios, depositando um casto beijo em seus nódulos.

- Ser um duende é a diferença entre isto e este.

Tomou novamente a mesma mão e a levantou muito mais lentamente, olhando-a aos olhos com esse educado olhar sexy que qualquer duende poderia haver dado a aquela mulher alta e atrativa. Só o olhar a fez tremer. Beijou-lhe a mão, esta vez com uma lenta carícia de seus lábios, agarrando só um pouco de pele com o lábio superior ao tempo que já se separava dela. Tinha sido delicado, sem abrir a boca, nada grosseiro, mas a ela lhe tinham subido as cores, e do outro lado da habitação se apreciava que sua respiração se tornou profunda e seu pulso se acelerou.

- Isto responde a sua pergunta, detetive? –Perguntou.

Tate riu ligeiramente, agarrou-se uma mão com a outra e a aproximou do corpo.

- Não, mas tenho medo de perguntar de novo. Não acredito que pudesse trabalhar esta noite conhecendo a resposta.

Jeremy fez uma pequena reverência. Tanto se sabia como se não, Tate lhe tinha dado um completo de duende. A todo mundo gosta que lhe estime.

- Alegrias enormemente o coração deste ancião.

Então ela pôs-se a rir de boa vontade, agradada.

- Pode ser muitas coisas, Jeremy, mas nunca será velho.

Ele fez outra reverência, e me dava conta de algo que não tinha observado antes. Ao Jeremy gostava da detetive Tate, gostava da maneira que uma mulher gosta a um homem. Nós tocamos a seres humanos mais do que eles se tocam entre si, ou como mínimo mais do que a maioria de americanos se tocam. Mas tivesse podido escolher outras formas de “explicar” a Tate. Tinha escolhido tocar de um modo em que não a havia meio doido antes, tomou essa

liberdade com ela, porque lhe tinha dado a desculpa para fazê-lo sem parecer atrevido. Assim é como o duende paquera ao ser convidado. Em ocasiões bastava um olhar, mas os duendes não vão onde não lhes chama. Apesar de que nossos homens cometem o mesmo engano que cometem os humanos em ocasiões, e confundem uma pequena paquera com uma proposição sexual, a violação é algo virtualmente desconhecido entre nós.

É curioso como o pensamento de violação me levou de novo ao trabalho que tinha em mãos. Dirigi-me ao meu escritório onde tinha deixado os sapatos e me pus isso para crescer assim oito centímetros.

- Já pode lhe dizer a seu novo sócio que entre –disse a Lucy.

Era um insulto mostrar excessivo recato em uma situação não sexual entre a maioria de duendes e, sem dúvida, entre sidhe. Se jogar implicaria uma falta de confiança, ou um desagrado manifesto. Havia só duas exceções. A primeira era que a pessoa não soubesse se comportar de uma maneira civilizada. O detetive John Wilkes nunca tinha trabalhado anteriormente com não humanos. Não piscou quando Maury me pediu que me tirasse a roupa, mas quando tirei o vestido sem advertir à sala, o detetive derramou o café quente na camisa. Quando Maury introduziu sua mão em meu sutiã, Wilkes disse: “Que diabos está fazendo?”. Eu lhe pedi que esperasse lá fora.

Lucy riu baixo.

- Pobre menino, acredito que sofreu queimaduras de segundo grau quando você tirava a roupa.

Encolhi-me de ombros.

- Não deve ter visto muitas mulheres nuas.

Ela sorriu, sacudindo a cabeça.

- Tive entendimentos com duendes, inclusive com algumas sidhe, e você é a única modesta que conheço.

Torci o gesto.

- Não sou modesta. Só pensava que se ver como fico em roupa interior é suficiente para que seu companheiro quase se trague a língua, não deve ter muita experiência.

Lucy olhou ao Roane e ao Jeremy.

- Não sabe que aspecto tem?

- Não –respondeu Roane.

- Acredito, embora não sei, que Merry cresceu em algum lugar no que era considerada um patinho feio –disse Jeremy.

Olhei aos olhos, e o pulso me acelerou no pescoço. O comentário era muito direto para me sentir cômoda.

- Não sei do que estão falando, meninos.

- Sei que não sabe –disse Jeremy.

Havia uma grande sabedoria em seus olhos cinza, uma intuição próxima à certeza. Nesse momento, soube que intuía quem eu era, o que eu era. Mas não me perguntaria isso nunca. Esperaria que eu me decidisse a falar, ou a pergunta ficaria sem resposta para sempre entre nós.

Olhei ao Roane. Era o único amante duende que conhecia que não se aproximou de minha cama por suas ambições políticas. Para ele, eu era só Merry Gentry, uma humana com antepassados de duende, não a princesa Meredith NicEssus. Olhei fixamente aquele rosto familiar e tentei ler sua expressão. Estava rindo. Ou não lhe tinha ocorrido nunca que eu pudesse ser a princesa sidhe desaparecida, ou o tinha intuído desde fazia muito tempo mas

nunca tinha sido o suficientemente descarado para expor a questão. Ou acaso Roane sabia desde o começo? Era este o motivo pelo que me tinha aproximado? De repente, todas as precauções que tinha construído frente a essa gente, frente a meus amigos, começaram a desmoronar-se.

Algo disto se refletiu em minha cara porque Roane me tocou. Separei-me dele. Sua cara mostrou desconcerto, sentiu-se ferido. Não sabia. Abracei-lhe de repente, lhe escondendo minha cara, mas ainda via o Jeremy.

Da mesma maneira que o olhar do Roane me tinha tranqüilizado, o olhar do Jeremy me assustou. E isso suporia que meu verdadeiro nome seria mencionado depois de que caísse a escuridão e iria flutuando até minha tia. Ela era a rainha do Ar e da Escuridão e podia escutar algo pronunciada durante a noite. O fato de que mencionasse a desaparecida princesa americana dos elfos fora mais popular que mencionar ao Elvis contribuía a isso. Sua magia sempre captava a atenção dos periódicos. A princesa Meredith esquiando no UTA. A princesa Meredith dançando em Paris. A princesa Meredith jogando em Las Vegas. Ao cabo de três anos, eu seguia sendo notícia de primeira página nos periódicos, embora os últimos titulares tinham especulado com a possibilidade de que estivesse morta como o Rei do Rock.

Se Jeremy pronunciava meu nome em voz alta, as palavras ressonariam, e quando finalmente retornassem a ela, já saberia que estava viva, e saberia que Jeremy tinha pronunciado meu nome. Inclusive se fugia, o perguntaria a ele, e se os métodos civilizados não funcionavam, recorreria à tortura. Ouvi que é uma amante criativa; sei que é um torturador com criatividade.

Separei-me do Roane e lhes disse parte da verdade.

- Minha mãe era a bonita.

- Como sabe? –Perguntou Jeremy.

Olhei-lhe.

- Disse-me isso.

- Quer dizer que sua mãe te disse que não foi bonita? –Perguntou Lucy. Só um humano podia ser tão direto.

Assenti.

- Não leve a mal, mas miúda cadela.

Só tinha uma resposta:

- Estou de acordo, agora passemos a outras questões.

- Não queremos fazer esperar mais ao senhor Norton –disse Jeremy.

- Insisto em que terei que procurar provas para acusar ele de tentativa de homicídio –disse Lucy.

- Não podemos apresentar ao tribunal uma prova de seu feitiço mortal que se sustente –afirmei.

- Mas esta noite poderíamos provar que utiliza a magia para seduzir a mulheres –interveio Jeremy-. A sedução com emprego de magia é uma violação segundo a lei de Califórnia. Temos que lhe encerrar no cárcere afastado de sua mulher, e esta é a maneira mais segura de fazê-lo. Não conseguirá sair sob fiança em uma acusação de delito em que esteja implicada a magia.

Lucy assentiu.

- Estou de acordo em que o plano é perfeito para a senhora Norton, mas o que passa com o Merry? O que ocorrerá se este menino recorre ao afrodisíaco mágico que utilizou com as demais amantes, as que alguma vez se cansam dele, como Naomi Phelps?

- Contamos com isso –disse.

Olhou-me.

- E o que passará se funcionar? O que acontecerá começa a gemer pelo microfone?

- Então Roane atira abaixo a porta fingindo ser o amante ciumento e me leva.

- Se nos custar trabalho tirá-lo, Uther entrará como se fora meu amigo e me ajudará a levar a minha mulher a casa.

Lucy fechou os olhos.

- Bom, Uther consegue o que quer.

Uther media quatro metros e tinha uma cabeça mais parecida com a de um porco que a de um ser humano, e duas presas, um a cada lado de seu focinho. Uther Squarefoot não era muito bom em trabalhos delicados, mas era mais quando se necessitavam músculos.

Uther se tinha desculpado e tinha saído da sala ao dar-se conta de que estava tirando o vestido. Disse unicamente:

- Não é nada pessoal, Merry, não o converta em mais do que é, mas ver uma mulher atrativa nua de perto não é bom para um homem quando não há esperança de acalmar os pensamentos que surgem livremente.

Até que se dirigiu para a porta não me dava conta de algo que deveria ter observado anteriormente. Uther mede quatro metros, o tamanho de um grande ogro, e não há muitas mulheres de sua altura na zona de Los Angeles. Levava aqui uns dez anos e isso é muito tempo para estar sem o contato de outro corpo nu. Que terrivelmente só tinha que sentir-se.

Se ninguém descobria quem eu era realmente, e se Alistair Norton não me surrupiasse a nada, já pensaria em aparelhar o Uther com alguém. Uther não era o único duende gigante que havia fora das cortes, só o único na zona. Se não podíamos encontrar a ninguém de sua estatura, já encontraríamos outra solução. O sexo não tem que implicar uma feroz penetração. Há mulheres nas ruas que fariam algo por duzentos dólares. Se eu fosse uma duende da cabeça aos pés, teria ajudado ao Uther eu mesma. Isto é o que faria um verdadeiro amigo. Mas fui educada fora da corte, entre seres humanos, dos seis aos dezesseis anos. Quero dizer que, independentemente de que seja duende, algumas de minhas atitudes são humanas.

Não posso ser humana porque não sou. Mas não posso ser completamente duende porque tampouco sou. Sou em parte da corte da Escuridão, mas não sou uma delas. Também sou em parte da corte da Luz, mas não pertencço a sua multidão brilhante. Sou uma sidhe parcialmente escura, parcialmente luminosa, e nenhuma sidhe deseja estar em meu lugar. Sempre estive fora olhando para dentro, com o nariz pego à janela, mas não fui nunca bem-vinda no interior. Compreendo o que significa sentir-se isolado e só Isto me fazia sofrer pelo Uther. Dava-me pena eu não gostar da idéia de lhe ajudar com um pouco de sexo amistoso e esporádico. Mas eu não gostava e não podia fazer nada. Como sempre, era suficientemente duende para ver o problema, mas muito humana para resolvê-lo. É obvio, se tivesse sido uma pura sidhe da Luz, não houvesse nada doido ao Uther sob nenhum conceito. Teria estado fora de meu conhecimento. Na corte da Luz não fariam com monstros. Os sidhe da Escuridão... Bom, terá que definir o que é um monstro.

Uther não era um monstro segundo os critérios da corte da Escuridão, mas Alistair Norton possivelmente sim. Um monstro, ou um espírito similar da escuridão.

Alistair Norton não tinha pinta de monstro. Esperava que fora arrumado, mas o encontro foi frustrante. Há uma parte de todos nós que cre profundamente que o mau se mostra por fora, que deveríamos poder descobrir as pessoas más só pelo olhar, mas desgraçadamente não funciona assim. Passei suficiente tempo em ambas as cortes para saber que o bom e o bonito não são o mesmo. Eu sabia que a beleza constituía uma camuflagem perfeita para o mais sombrio dos corações, e mesmo assim queria que a cara do Alistair Norton me ensinasse o que havia dentro. Desejava alguma marca visível de Caín nele. Mas entrou rindo no restaurante. Era alto, largo de ombros e com a cara angulosa, tão masculino que quase me fazia dano lhe contemplar. Seus lábios eram um pouco finos para meu gosto, a cara possivelmente excessivamente masculina e os olhos de um castanho vulgar. O cabelo, que tinha recolhido em um acréscimo, tinha uma estranha tonalidade castanha, nem clara nem escura. Mas era necessário procurar as imperfeições, simplesmente porque não havia.

Seu sorriso fácil suavizava seus rasgos e o convertia em alguém mais próximo, menos modélico. A risada era profunda e encantadora. Tinha as mãos grandes e luzia um anel de prata com um diamante tão grosso como meu dedo polegar, mas não levava aliança. Não se via nem sequer um pálido sinal de que se tirou o anel. Sua pele era tão escura que teria que haver-se percebido uma diferença de bronzeado. Nunca tinha levado anel. Sempre acreditei que um homem que não quer levar uma aliança está pensando em enganar a sua mulher. Nunca faltam exceções, mas poucas.

Ele parecia agradado.

- Seus olhos brilham como jades.

Tinha deixado as lentes de contato no escritório. A cor natural de minhas pupilas brilhava de verdade. Dava-lhe as obrigado pelo galanteio, fingindo modéstia e sem apartar o olhar de meus seios. Não era questão de modéstia, tentava ocultar o desprezo que se refletia em meus olhos. Tanto a cultura humana como a sidhe aborrecem o adultério. Aos sidhes não preocupa a fornicção, mas uma vez casados e quando prometeram fidelidade têm que ser fiéis. Nenhum duende aceitaria a quem tem quebrado um juramento. Se sua palavra carecer de valor, você também.

Tocou-me o ombro.

- Uma pele branca perfeita.

Como não me tirei isso de cima, inclinou-se e beijou meu ombro com suavidade. Toquei-lhe a cara ao retirar-se, e ele o interpretou como uma sorte de sinal. Beijou-me o pescoço ao tempo que me acariciava o cabelo.

- Seu cabelo é como seda vermelha -disse respirando contra minha pele-. É sua cor natural?

Voltei-me para ele e pus a boca muito perto da sua antes de lhe responder:

- Sim.

Beijou-me, e foi um beijo delicado e bonito. Parecia tão sincero que me deu asco. O realmente horrível era que em realidade podia estar sendo sincero, que ao princípio da sedução acreditava nas palavras que dizia. Tinha conhecido a homens como ele antes. É como se acreditassem em suas próprias mentiras, como se acreditassem que esta vez o amor será verdadeiro.

Mas nunca dura porque não existe nenhuma mulher suficientemente perfeita para eles. É obvio, não é a mulher quem não é bastante perfeita. São eles. Tentam encher alguma de suas carências com mulheres ou com sexo e esperam que se o amor for verdadeiro e o sexo funciona se sentirão completos ao fim. Os Don-juans em série são de algum modo como assassinos em série. Ambos acreditam que a próxima vez será perfeita, que a experiência

Seguinte será completa e acabará com essa necessidade sem fim. Mas nunca é assim.

- Vamos sair daqui - sussurrou.

Assenti, sem reconhecer minha própria voz. Tinha dado muitos beijos com os olhos fechados porque nem sempre sabia mentir com o olhar. O difícil era não mostrar reticência quando me tocava. Esperar que meus olhos mostrassem desejo e amor era pedir muito. Seu carro respondia às expectativas: caro, elegante e rápido. Era um Jaguar negro com assentos de pele também negra, de maneira que era como estar sentada em um lago na escuridão. Coloquei o cinto de segurança. Ele não. Conduzia depressa, cortando o tráfico. Teria me impressionado mais se eu já não dirigisse por três anos em Los Angeles. Todo mundo circula assim nesta cidade.

A casa era pequena, a mais pequena dos arredores, mas contava com o pátio maior. Em realidade, havia suficiente terreno a ambos os lados da construção, de modo que nem sequer alguém do Meio Oeste se teria queixado de falta de espaço. A moradia tinha o aspecto de um lugar onde os meninos esperam que papai volte para casa, enquanto mamãe corre vestida com seu traje jaqueta tentando preparar o jantar depois de um dia de trabalho duro.

Por um momento, perguntei-me se tinha me levado a casa que compartilhava com Frances. Se fosse assim teria suposto uma mudança em seu padrão de comportamento e isso eu não gostava. Por que ele

teria que modificar seus hábitos? Sabia que não tinha encontrado o microfone, o qual significava que não conhecia a existência da câmara oculta que havia nele. Eu esperava chegar a seu ninho de amor para pô-la em marcha. Não podia ter descoberto nada.

Ringo estava apostado ante a moradia do Norton cuidando de sua mulher. Se Alistair ficava muito violento antes de que pudéssemos colocá-lo no cárcere, Ringo saberia determinar o momento adequado para intervir. Não procurei o Ringo. Se estava ali, não queria lhe fazer o centro das atenções.

Alistair abriu a porta para mim, e me ajudou a descer do carro. O permiti porque estava tratando de pensar. Ao final, decidi-me pela honestidade, ou um tipo de honestidade.

- Está seguro de que não está casado?

- Por que o pergunta?

- Isto parece uma casa familiar. Sorriu e me enlaçou o braço.

- Não tenho família: vivo sozinho. Acabo de me mudar pra cá.

Olhei-o.

- Comprou para o futuro? Para mulher e filhos?

Tomou minha mão e a levou aos lábios.

- Com a mulher certa, tudo é possível.

Meu deus, ele sabia muito bem o que devia oferecer a uma mulher. Deixava entrever que você podia ser a mulher que ele domesticasse, a que conseguisse lhe fazer perder a cabeça. À maioria das mulheres, gostam disto, mas eu sabia que os homens não perdem a cabeça por uma mulher, mas sim porque

finalmente estão preparados para fazê-lo. Seja quem é a mulher com a que estejam saindo, quando estão preparados para perder a cabeça, ela é a escolhida. Não necessariamente tem que ser a melhor nem a mais bonita, basta com que esteja aí no momento adequado. Pouco romântico, mas certo.

Foi embora de seu apartamento. Por quê? Tinha algo a ver com o fato de que Naomi Phelps lhe tinha abandonado? Ficou suficientemente nervoso para ele ir? Ou tinha estado planejando a mudança a algum tempo? Não havia maneira de saber sem perguntá-lo, e não podia perguntar. Quando Alistair Norton me convidou a entrar, senti a necessidade de olhar pra trás, para procurar o Jeremy e os outros. Sabia que estavam ali fora. Sabia porque tinha confiança neles. Alistair não tinha conduzido tão depressa para deixar atrás aos dois veículos: a caminhonete para o sistema de som e para esconder ao Uther, e o carro com o Jeremy ao volante se por acaso necessitavam mais capacidade de manobra para seguir ao Norron, ou simplesmente para fazer a mudança e que não visse o mesmo carro detrás dele muito tempo. Eles estavam ali fora, nos escutando. Sabia, mas teria gostado de olhar por cima do ombro e lhes ver. Era uma amostra de insegurança da minha parte.

Senti o amparo antes de que se abrisse a porta. Quando entrei, um poder me deu calafrios. Ele se deu conta.

- Sabe o que está sentindo?

Poderia ter mentido, mas não o fiz. Teria gostado de dizer que era uma intuição, e teria agradado ao Alistair saber que era uma pessoa com poderes místicos, mas se tratava disso. Queria que soubesse que não estava desamparada.

- Sua porta está protegida -disse.

O ar da habitação me oprimia a pele, e era como se não pudesse respirar com suficiente profundidade, como se não houvesse bastante oxigênio. Parei-me ante a entrada, esperando que a situação melhorasse. Mas não melhorou. O ambiente se voltava mais denso, era como banhar-se em águas mais profundas. Água quente, fechada, que se pegava à pele.

Sabia que era capitalista pelos feitiços que tinha feito a sua mulher e sua amante. Mas a quantidade de poder que enchia essa habitação era muito mais que humana: A única forma de que um bruxo humano obtivera tanto poder era negociar com seres não humanos. Eu não tinha contado com isto, ninguém o tinha feito.

Estava falando comigo, mas eu não escutava. Minha cabeça estava a ponto de explodir: « Entrem!, Entrem já! ». Mas se eu fizesse isso, Alistair ficaria livre para matar a sua mulher e torturar a outras mulheres. Sair correndo seria seguro para mim, mas não ajudaria a nossos clientes. Era um desses momentos que tinha que decidir se ia ganhar meu salário ou não.

Uma coisa ficava clara: os meninos da caminhonete tinham que saber o que tinha descoberto.

- O amparo não está para te manter a salvo, não é certo, Alistair? Embora apartará outros poderes, o amparo está para impedir que qualquer outro sinta quanto poder tem aqui. - A voz me saiu entrecortada, como se tivesse dificuldade em respirar.

Continuando, olhou-me, e pela primeira vez vi algo em seus olhos que não era agradável nem amável. Por um instante o monstro apareceu naqueles olhos marrons.

- Teria que ter sabido que o notaria -disse-. Minha pequena Merry, com seus olhos, cabelo e pele de sidhe. Se fosse alta e esbelta, pareceria uma sidhe.

- Me contaram isso - disse.

Estendeu-me a mão. Eu estirei a minha, mas tive que fazê-lo através do poder da habitação, como empurrando-a entre uma espessura invisível que punha os cabelos de ponta. Seus dedos tocaram os meus, e entre nós passou uma corrente, como quando há muita energia estática. Riu e tomou minhas mãos entre as suas. Obriguei a não me retirar, mas não pude sorrir. Já bastante me custava respirar através do poder. Tinha vivido em slugares cheios de poder, com o poder embebido nas paredes, mas nessa estadia o poder enchia o espaço como água até não deixar ar para respirar. Alistair provavelmente se acreditava um bruxo importante e poderoso por ser capaz de convocar esta grande quantidade de poder, mas não era mais que um aprendiz se não sabia controlá-lo melhor. Muita gente pode convocar poder. Convocar poder não é a medida de capacidade de um profissional, o que conta é o que pode fazer com esse poder. Enquanto me conduzia, amavelmente, através do halo* de energia, perguntei-me o que fazia com toda aquela magia. Sem dúvida desperdiçava muita, se permitia que flutuasse no ar, mas a gente não obtém tamanha quantidade de energia sem ter alguma idéia do que está fazendo nem do que se propõe.

Minha voz me soou estranha inclusive, tensa e entrecortada.

- A casa está cheia de magia, Alistair. O que vais fazer com tudo isto? - Esperava que na caminhonete estivessem me escutando.

- Me deixe lhe ensinar isso - disse.

Estávamos ante a porta fechada da parede da esquerda.

- O que há ao outro lado da porta? -Perguntei.

Era a única porta visível da entrada. Havia um corredor que conduzia da parte posterior da sala de estar ao interior da casa, e uma entrada aberta à cozinha. Era a única porta fechada, e se os meninos tinham que entrar e me salvar, não queria que comesçassem a dar voltas por aí. Queria que entrassem diretamente e me tirassem dali.

- Não finja, Merry. Nós dois sabemos por que está aqui, por que nós dois estamos aqui. É o dormitório.

Abriu a porta. O dormitório era vermelho da cama com dossel até o tapete, passando pelos tecidos que cobriam todas e cada uma das paredes. Era como estar dentro de uma caixa de veludo vermelho. Havia espelhos entre as pesadas tapeçarias, como jóias para cativar a vista, mas nenhuma janela. Era uma caixa fechada que constituía o centro da magia que tinha sido convocada a esse lugar.

O poder caiu sobre mim como um casaco sufocante. Não podia respirar nem pensar. Meus pés deixaram de andar, mas Alistair não pareceu notá-lo e continuou me empurrando até o interior do quarto. Tropecei e o único que me impediu de cair no chão de madeira polida foram seus braços. Tentou me sustentar, mas me derrubei no chão. Ele não podia me levantar. Não se tratava de um desmaio. Simplesmente, resistia a me levantar porque sabia aonde queria me levar: à cama. E se esse era o centro de todo esse poder, não queria ir ali, ainda não.

- Espera -disse-, espera. Deixa um segundo para que a garota recupere a respiração.

Havia uma pequena cômoda à altura da cintura. Use o bordo da cômoda para me pôr em pé, embora Alistair estava ali para me ajudar, muito solícito. Deixei a bolsa na esquina da cômoda, apertando duas vezes a asa para pôr em funcionamento a câmara oculta. Se a câmara funcionava captaria uma imagem quase perfeita da cama.

Alistair me aproximou por detrás e me rodeou com os braços. Sem utilizar a força baixou meus aos flancos. Pretendia que isto fora um abraço. Em realidade, o pânico que sentia não se devia a ele. Tentei me relaxar, apertada a seu corpo, mas não podia. O poder era muito forte, e me impedia de me relaxar. Quão máximo podia fazer era não escapar.

Beijou-me na bochecha e baixou seus lábios por minha pele.

- Não leva maquiagem. –

- Não necessito.- disse

Voltei a cabeça justo para lhe animar a continuar me beijando a cara até o pescoço. Era o convite que necessitava para continuar seu caminho para baixo. Seus lábios se entretiveram em meu ombro, mas suas mãos se deslocaram até rodear minha cintura.

- Muito bem, é um ser delicado. Posso-te abranger toda com minhas mãos.

Apartei-me lentamente dele em direção à cama. Meus sentidos respiravam aquela magia. Tinha anos de prática em resistir a enormes quantidades de poder. Se a gente for sensível a estas coisas e não quer voltar louco, tem que se adaptar. A magia pode converter-se em uma espécie de ruído branco, como os sons da própria cidade, de maneira que só captam sua atenção quando te concentra.

Estava de pé no tapete persa que rodeava a cama, tal e como Naomi a havia descrito. Não podia subir à cama porque sentia o círculo que havia debaixo do tapete como uma grande emanação que me apartava. Era um círculo de poder, algo em cujo interior refugiar-se enquanto se faz um conjuro, de maneira que aquilo que convoca não entre e te devore; ou a gente podia convocar algo ao interior do círculo e ficar a salvo fora dele. Até que não sentisse o augúrio não saberia que tipo de círculo era, e tanto podia ser um escudo como um cárcere. Possivelmente nem sequer sabia vendo o augúrio e a construção do círculo. Conhecia a bruxaria das sidhe, mas existem outros tipos de poder, outras linguagens místicas com os que exercer magia. Podia não reconhecer nenhum deles, e então só haveria uma maneira de saber o que era o círculo...: Entrando nele.

O verdadeiro problema era que alguns círculos estão construídos para manter às fadas em cativeiro, e uma vez dentro poderia ter problemas para sair. Se realmente enfrentávamos a um grupo de aprendizes provavelmente não tentariam nos capturar, mas nunca se sabe. Se a gente quiser algo com muita força, e não o pode tocar nem reter nunca, o amor pode degenerar em ciúmes mais destrutivos que qualquer ódio.

Alistair afrouxou o nó da gravata enquanto me aproximava, desenhando nos lábios um sorriso de antecipação. Era extremamente arrogante, seguro de si mesmo e de que me tinha. Era muito tentador escapar para não ter que ver nunca mais aquela arrogância. Ainda não tinha feito nada ilegal, nem sequer nada místico. Era eu muito fácil? Reservava-se as técnicas místicas para as mais reticentes? Tinha que ser mais reticente? Ou mais agressiva? Do que serviria gravar alguma ação ilegal do Alistair Norton? Ainda tentava determinar

se devia me comportar como a virgem reticente ou como uma puta ansiosa e agressiva quando já o tinha diante. Tinha acabado meu tempo.

Inclinou-se para me beijar, eu levantei a cabeça e me pus nas pontas dos pés, me apoiando em seus braços. Seus bíceps se flexionaram sob minhas mãos, contraindo-se sob a jaqueta. Não acredito que fora consciente disso, fez-o por puro costume. Beijou-me como parecia que o fazia tudo, com muita prática e uma habilidade delicada. Seus braços rodearam minha cintura. Apertou-me contra seu corpo e me levantou do chão. Começou a me levar para o círculo. Impedi que continuasse me beijando para dizer «espera, espera», mas minha respiração se deteve um segundo e nos encontramos do outro lado, dentro do círculo. Era como estar no olho de um furacão. Dentro do círculo se estava tranqüilo, era o lugar mais tranqüilo que tinha sentido em toda a casa. Aquela rigidez que me era desconhecida se aliviava ali à altura de meus ombros e de minhas costas.

Alistair me agarrou pelas pernas e me levou a cama. Quando estávamos perto do centro da cama, depositou-me nela e ficou de joelhos, me olhando de acima. Mas levava três anos trabalhando com o Uther, e um e oitenta não era nada quando comeste com alguém que mede quatro metros.

Não acredito que me mostrasse suficientemente impressionada porque Alistair tirou a gravata e a atirou à cama, deslocando os dedos para os botões. Ia despir-se primeiro. Estava surpreendida. Um obsessivo do controle normalmente quer que sua vítima se dispa em primeiro lugar. Tirou-se a jaqueta e a camisa, e se levava as mãos ao cinturão antes de que eu pudesse pensar o que devia fazer. Lhe pedir que fora mais devagar me pareceu uma boa opção.

Sentei-me e lhe toquei as mãos.

- Devagar. Me deixe desfrutar de como é nu. Vai tão depressa que parece que tem outro encontro depois.

Agarrei-lhe as mãos, lhe esfregando a pele, abraçando seus braços nus. Concentrei-me nos cabelos de seus antebraços e em como se arrepiavam quando os tocava. Se me concentrava só nas sensações físicas, podia conseguir que meus olhos mentissem ou como mínimo mostrassem um interesse genuíno. O segredo era não pensar muito em quem estava tocando.

- Só tenho você esta noite, Merry. – Me colocou de joelhos e deslocou suas mãos por meu cabelo, moldando-o com seus dedos de maneira que podia agarrar minha cara entre suas grandes mãos-. Não haverá ninguém mais para nenhum dos dois esta noite, Merry.

Eu não gostei de como tinha divulgado a frase, mas foi seu primeiro comentário de psicopáta, de maneira que estava fazendo bem. - O que quer dizer, Alistair? Fugimos a Las Vegas? Sorriu, agüentando ainda minha cara, me olhando aos olhos como se quizesse memorizar a cor.

- O casamento é só uma cerimônia, mas esta noite te mostrarei o que significa ser fiel a um homem.

Levantei uma sobrancelha antes de poder me recuperar e consciente de que minha cara já mostrava o que dizia, comentei:

- Tem uma alta opinião de você mesmo.

- Não é orgulho vão, Merry.

Beijou-me meigamente, depois se arrastou até o travesseiro da cama. Empurrou a madeira, e se abriu uma pequena porta. Um compartimento secreto, que engenhoso! Voltou com uma bolinha de cristal nas mãos. Era um

desses frascos com curvas e entalhes que se supõe que alguém guardará perfumes caros, embora ninguém o faz.

- Tire o seu vestido -disse.

- Por que?

- É azeite para massagens.

Sustentava a garrafa em alto de modo que podia ver o azeite espesso através do vidro.

Sorri-lhe, e tentei fazer da maneira que ele queria: um sorriso sexy, de flerte, um pouco cínica.

- Primeira as calças.

Sorriu-me com evidente prazer.

- Pensava que dizia que queria ir devagar. - Se formos nos despir, você primeiro.

Começou a voltar-se e colocou a garrafa dentro do compartimento novamente.

- Segurarei isso -disse.

Deteve o meio movimento, voltando-se novamente para mim com um desejo quase evidente em seus olhos.

- Só se você colocar um pouco nos peitos enquanto fico nu.

- Manchará a minha roupa?

Em realidade, parecia estar pensando nisso, e sua cara mostrava preocupação.

- Não estou seguro, mas te comprarei um novo se danificar.

- Os homens sempre prometem algo no calor do momento -disse.

- Me deixe ver como escorrega o azeite por essa pele tão branca. Faz que brilhe para mim.

Deu-me a garrafa e fechou minhas mãos a seu redor. Voltou a me beijar, e sua boca se entretinha em mim, sua língua se abria passo para que o beijo fosse mais intenso. Retirou-se, lentamente.

- Por favor, Merry, por favor.

Tornou-se para trás e voltou a pôr as mãos no cinturão. Tirou lentamente a lingüeta de pele através da fivela de ouro, marcando cada movimento enquanto me olhava. Fez-me sorrir porque fazia o que eu lhe tinha pedido. Estava-se despindo lentamente.

O melhor que podia fazer era o que ele tinha me pedido. O sutiã deixava ao nu uma parte suficiente de meus peitos para não ter que tirá-los do vestido. Desetampeí a garrafa. Tinha uma destas varinhas de cristal ao final, para adaptar-se melhor à pele. Podia sentir o azeite. Cheirava a canela e baunilha. Havia algo familiar no aroma, mas não sabia o que. O azeite era quase transparente.

- Não terá que esquentá-lo antes? - Perguntei.

- Reage com o calor de seu corpo. - Tirou-se completamente o cinturão e o atirou em cima da cama-. Agora toca a ti.

O azeite se pegava ao plugue como uma crosta pegajosa. Pus o extremo da varinha no bordo superior de meu peito. O azeite já estava quente, a temperatura corporal. Percorri meus peitos com a varinha e o azeite formou delicadas linhas por minha pele. Envolveu-me um aroma de canela e baunilha.

Alistair desabotoou o botão das calças e baixou lentamente o zíper. Levava uma cueca vermelho escarlate, como se tivesse vestido a jogo com a habitação, que se adaptava a seu corpo como uma segunda pele. Se jogou na

cama para tirar as calças, e me olhou para que me ajoelhasse sobre ele, da mesma forma que ele tinha feito comigo antes.

Levantou as mãos para me tocar, ainda virado de barriga para cima, e deslocou seus dedos pelo azeite, pulverizando-o por minha pele. Ficou de joelhos e começou a me acariciar os peitos. Tratou de colocar os dedos sob o vestido para tocar mais, mas estava muito ajustado. O plano anterior me economizava um embaraçoso toque. Esfregou o peito com azeite e a seguir esfregou o plugue da garrafa por meus lábios como se me estivesse aplicando carmim. Tinha um sabor doce e espesso. Beijou-me, enquanto agüentava a garrafa com as duas mãos, de maneira que só sua boca estava em contato comigo. Beijou-me como se fora a comer o azeite que havia em meus lábios. Eu me fundi no beijo, apertando com minhas mãos seu peito cheio de azeite, sentindo os músculos de seu abdômen. Minha mão se deslocou para baixo e o senti duro e a ponto. Senti-lo foi como uma corrente de energia que me excitava. Foi então quando me dava conta de que estava desfrutando e esqueci por que estava ali.

Separei-me de seus beijos e tentei me concentrar, pensar. Mas não queria pensar. Queria lhe tocar e queria que me tocasse. Minha boca quase se queimava com a necessidade de cortar a distância entre nós. Aproximou-se para me dar outro beijo e eu me joguei para trás, caindo de costas em minha pressa por deixar distância entre nós.

Alistair se arrastou para mim, apoiando-se nos joelhos e em uma mão. Com a outra sustentava a garrafa. Ficou escarranchado sobre mim, igual a um cavalo se coloca sobre seu potro. Meu olhar continuou descendo por seu corpo até seu duro membro. Não podia manter os olhos em sua cara. Sentia-me envergonhada e aterrorizada.

- Que estúpida! -Exclamei-. O feitiço está no azeite.

A voz dele me chegou como um doce sussurro:

- O azeite é o feitiço.

A princípio não entendi o que queria dizer, mas compreendi que já não queria me pôr mais. Começou a abrir a garrafa e eu me sentei, lhe sujeitando as mãos com as minhas, conservando o plugue sobre a garrafa. No momento em que toquei suas mãos, perdi. Já nos voltávamos a beijar, sem que eu pudesse evitá-lo. Quanto mais nos beijávamos, mais desejava ser beijada, como se este desejo se alimentasse a si mesmo.

Joguei-me na cama e me cobri a cara com as mãos.

- Não!

Já sabia o que era: Lágrimas do Branwyn, Alegria do Aeval, Suor do Fergus. A mescla podia converter a um homem em amante de uma sidhe durante uma noite. Podia inclusive converter a uma sidhe em uma pulseira sexual, se esta sidhe não podia comunicar-se com outra sidhe. Nenhum duende, independentemente de seu talento, de seu poder, pode rivalizar com uma sidhe, diz-se. Pode esquecer o tato. Pode lutar para não sonhar com carne brilhante, olhos como jóias fundidas e cabelo até os tornozelos envolvendo seu corpo, mas o desejo sempre está à espreita, como um alcoólico que não pode voltar a tomar um gole sem correr o risco de não poder parar.

Gritei durante muito tempo, sem palavras. Havia outro efeito secundário das Lágrimas do Branwyn. Não há encantamento que resista. Porque sua

concentração não lhe pode resistir. Senti que meu encanto se desvanecia, senti minha pele como se meu corpo inteiro estivesse respirando.

Baixei as mãos lentamente até que me vi no espelho do teto. Meus olhos brilhavam como jóias tricolores. O contorno exterior de minha íris era de cor dourada, dentro deles havia um círculo de jade verde e finalmente, havia um fogo esmeralda ao redor da pupila. Só uma sidhe, ou um gato, podem ter estes olhos. Minha boca era uma mescla de carmesins: os restos de meu lápis de lábios, e o brilho escarlate dos próprios lábios. O branco de minha pele era tão puro que resplandecia como a mais perfeita das pérolas e de novo desprendia luz, como uma vela coberta por um pano. O vermelho e negro de meu cabelo caía ao redor das cores brilhantes como sangue escuro derramando-se. Se meu cabelo tivesse sido negro azeviche, teria passado por uma Branda de neve esculpida em jóias.

Não era simplesmente meu próprio ser sem encanto. Era eu quando o poder me assistia, quando havia magia no ar.

- Meu deus, é uma sidhe -murmurou.

Voltei para o Alistair meu olhar brilhante. Esperava ver medo em seus olhos, mas só havia uma ligeiro assombro.

- Disse que viria se fomos fiéis, se acreditávamos de verdade, e aqui está você.

- Quem te disse que viria?

- Uma princesa sidhe.

Falava em um tom que infundia respeito, mas suas mãos se deslizaram debaixo de meu vestido e seus dedos começaram a brincar com o bordo de minhas calcinhas. Agarrei-lhe o pulso e lhe peguei com a outra mão. Peguei-lhe com suficiente força para lhe deixar marcada minha mão na cara. Tínhamos a prova que necessitávamos para lhe colocar no cárcere. Já não precisava continuar jogando. A gente pode tirar a energia das Lágrimas do Branwyn e passar do sexo à violência, ao menos assim o dizem na corte da Escuridão. E eu queria prová-lo.

Se me houvesse devolvido o golpe, possivelmente teria funcionado, mas não o fez. Deixou-se cair em cima de mim e me sujeitou na cama. Norton tinha a cara ao mesmo nível que a minha. Houve um momento em que olhei aos olhos, e vi a mesma sinistra necessidade que eu sentia. As Lágrimas funcionavam em ambos os sentidos. Não se pode utilizar este arma para seduzir sem ser seduzido.

Proferiu um ruído gutural e me beijou. Comi de sua boca e levei uma mão à borracha que prendia seu cabelo. Quando a tirei, seu cabelo, comprido até os ombros, pulverizou-se sobre mim como uma cortina de seda. Afundei as mãos em sua cabeleira e lhe sujeitei o cabelo com os punhos fechados enquanto explorava sua boca.

Sua mão livre tentava pinçar sob o vestido em busca de meu peito, mas era muito ajustado. Rasgou-me o tecido, e meu corpo se estremeceu com o puxão ao tempo que sua mão pinçava em meu sutiã.

O tato de sua mão em meu peito me fez apartar a cabeça e me retirar de sua boca. De repente me surpreendi olhando nos espelhos da parede mais longínqua. Necessitei alguns segundos para me dar conta de que passava algo estranho. Uma parte de todo aquilo era uma manobra de distração. Alistair me beijava o pescoço e mordiscava minha pele, cada vez mais abaixo. Parte disso era a magia de outra pessoa. Alguém capitalista não queria que soubesse que

estavam olhando. Mas os espelhos estavam em branco como os olhos de um cego. Olhei ao espelho que havia em cima da cama, e também estava vazio, como se Alistair e eu não estivéssemos ali.

A seguir senti o feitiço, como uma ferida que me sugava o poder e o levava a superfície até derramar-se pelos poros de minha pele, e logo cada vez mais acima, até os espelhos. Fora o que fosse, chupava meu poder como uma tênia psíquica. Extraía-o lentamente como alguém que chupa com um canudinho. Fiz o único que me ocorreu. Fiz retroceder o poder ao centro do feitiço. Eles não o esperavam, e a magia se cambaleou. Havia uma figura no espelho, mas não era Alistair nem eu. A figura era alta, magra, coberta com uma gabardina cinza que ocultava seu corpo por completo. A gabardina era pura ilusão, uma ilusão para ocultar o bruxo que se achava atrás do feitiço. E qualquer ilusão pode destroçar-se.

Alistair me mordeu brandamente o peito, e minha concentração se fez pedaços. Olhei-lhe enquanto se levava meu mamilo à boca. Senti como se sua boca conectasse uma linha de alta tensão que ia do peito aos dedos dos pés. Rasgava-me a garganta, me fazia estremecer com seu tato. Uma pequena parte de mim detestava que esse homem pudesse fazer reagir meu corpo, mas a maior parte de meu ser se converteu em puras terminações nervosas e carne excitada. Estava me afundando profundamente nas Lágrimas do Branwyn, me inundando nelas. Logo não haveria já pensamento, só sensações. Não conseguia pensar em concentrar poder. Quão único podia cheirar, sentir ou saborear era canela, baunilha e sexo. Tomei esse sexo, essa necessidade, envolvi-o com minha mente, e o joguei no feitiço. A capa tremeu, e durante um segundo quase cheguei a vislumbrar o que havia em seu interior, mas Alistair se ajoelhou e me bloqueou a vista.

Tirou-se a roupa interior dos quadris, as coxas, e de repente me encontrei olhando sua longitude dura e brilhante. Agüentei a respiração durante um segundo, não porque fora tão maravilhoso, mas sim por pura necessidade. Foi como se meu corpo visse o remédio para toda sua necessidade, e o remédio consistia em me tender sob o corpo do Alistair. Não sei se era a visão dele nu ou o poder que tinha infundido ao feitiço, mas me sentia mais eu mesma. Um eu palpitante, ninfómaníaco, mas mesmo assim era uma melhora.

Sentei-me. A parte dianteira do vestido estava rasgada, o sutiã baixado, de maneira que meus peitos estavam expostos.

- Não, Alistair, não -disse-. Não o faremos.

Uma faísca de energia percorreu a cama, por todo meu corpo. Alistair olhou como se visse algo que eu não via, e disse:

- Mas disse que só utilizava pequenas quantidades. Muito a poderia voltar louca.

Ele escutava. Eu não ouvia nada.

Fora o que fosse o que se refletia no espelho, não se estava escondendo do Alistair, mas sim de mim.

Alistair abriu a garrafa. Tive tempo de dizer «não». Minha mão saltou para frente como se quisesse desviar uma bomba. Alistair arrojou o azeite sobre mim. Foi como ser tocada por uma grande bomba líquida. Não podia me mover, quão único podia fazer era gritar. Verteu o azeite sobre meu corpo e o líquido me empapou o vestido e se filtrou em minha pele. Ele me levantou a saia, e esta vez não pude lhe deter. Estava paralisada. Verteu mais azeite sobre minhas calcinhas de cetim, e eu caí na cama, com a coluna arqueada e as

mãos aferrando-se aos lençóis. Sentia que minha pele se inchava, que se esticava com um desejo que reduzia o mundo à necessidade de ser tocada, de ser posuída. Não me importava quem o fizesse. O feitiço não se preocupava disso, nem eu tampouco. Abri meus braços ao homem nu que se ajoelhava ante mim e ele se derrubou sobre meu corpo. Sentia-o tenso contra o cetim de minhas calcinhas. Inclusive essa fina peça de tecido era muito. Queria-o dentro de mim, desejava-o mais do que nunca tinha desejado a algo ou a alguém.

Então algo caiu do espelho. Era uma pequena mancha negra, mas conseguiu atrair minha atenção. Aproximou-se e vi que era uma pequena aranha que pendurava de um tecido sedoso. Observei como a aranha se deslizava lentamente até o ombro do Alistair. A aranha era pequena e negra e brilhante como o verniz. Meu corpo estava mais frio, minha cabeça mais clara. Jeremy tinha conseguido me fazer chegar algo. Compreendi que o mago que se achava ao outro lado do feitiço tinha mantido a todos apanhados fora da casa.

Senti o suave glânde do pênis do Alistair penetrando sob minhas calcinhas, tocando minha umidade torcida. Fez-me gritar, mas ainda podia pensar, ainda podia falar. Se não podia escapar, seria uma verdadeira violação.

- Para, Alistair, para!

Tentei sair de debaixo dele, mas era muito grande, muito forte. Estava presa. Começou a pressionar contra mim, mas pus uma mão entre sua perna e a minha. Poderia me haver penetrado, mas pareceu distrair-se. Agarrou-me a mão, tratando de movê-la para conseguir seu objetivo.

- Jeremy! -Gritei.

Alistair e eu lutávamos. Olhei ao espelho. Estava cheio de uma névoa cinza e tremia como água fervendo. Desvaneceu-se como uma borbulha. Só então me dava conta de que o mago era sidhe. Ele ou ela estava se escondendo de mim, mas os espelhos revelavam que era magia de sidhe. Então Alistair ganhou a batalha e se introduziu em meu interior. Eu emití um grito, a meio caminho entre o protesto e o prazer. Minha mente não o queria, mas o azeite ainda percorria meu corpo.

- Não! -Gritei, mas meus quadris se moveram debaixo dele, tentando lhe ajudar na penetração.

Queria, necessitava que estivesse em meu interior, sentir seu corpo nu dentro do meu. Mesmo assim, gritei:

- Não!

Alistair se acovardou e retrocedeu a pequena distância que tinha avançado, ficando de joelhos e dando um tapa a suas costas. Tirou a mão com um rastro carmesim: tinha esmagado a aranha. Outra pequena aranha negra se movia sob seu braço. Arrojou-a longe. Duas aranhas mais se passeavam por seus ombros. Tentou tocar o centro de suas próprias costas e se voltou como um cão que se remói a cauda. Então lhe vi as costas. Sua pele se abriu e uma maré de pequenas aranhas negras saiu dela. Deslizaram-se como água negra, como uma segunda pele que se movia e lhe golpeava. Gritou, dando zarpazos a suas costas, esmagando algumas delas, mas cada vez havia mais, até que ele se converteu em uma massa móvel de aranhas. Entravam em sua boca quando a abria para gritar e se afogava.

Todos os espelhos vibravam, respiravam, o cristal se alargava e se estreitava como algo elástico e com vida. Ouvi a voz de um homem em minha cabeça: «vá para debaixo da cama, agora». Não pigarreei. Saltei da cama e

me arrastei debaixo dela. Os lençóis vermelhos caíam pelos flancos, escondendo-o tudo exceto um pequeno raio de luz. Produziu-se um som de cristal que se rompia, como mil janelas que se quebram de uma vez. Os gritos do Alistair se desvaneceram sob o som do cristal que caía. O cristal explorou sobre o tapete, com um som estridente e agudo.

O quarto se encheu gradualmente de silêncio, à medida que o cristal se ia apropriando da habitação. Escutei um ruído de madeira que se estilhaçava. Não podia vê-lo, mas pensei que se tratava da porta.

-Merry! Merry! -Era Jeremy.

-Merry meu Deus -chiou Roane.

Arrastei-me até a esquina da cama e levantei o bordo do lençol para ver o chão resplandecente.

-Estou aqui, estou aqui -disse.

Tirei a mão de debaixo da cama e a agitei, mas não podia me mover mais sem ser atalho pelo cristal.

Uma mão tomou a minha, e alguém colocou uma jaqueta sobre o cristal para que Roane pudesse me tirar de debaixo da cama. Até que me sustentou em seus braços não me dava conta de que ainda estava coberta de Lágrimas do Branwyn, e do que isto podia representar para nós. Mas vislumbrei o que havia sobre a cama, e isso me impediu de articular a palavra. Acredito que me esqueci de respirar durante um ou dois segundos.

Roane me levou até a porta. Olhei por cima de seu ombro a cena da cama. Sabia que era um homem. Inclusive sabia que se tratava do Alistair Norton, do contrário não sei se tivesse sido capaz de reconhecer que se tratava de um ser humano. O vulto era tão carmesim como os lençóis sobre as que jazia. O cristal o tinha convertido em uma massa de carne. Não vi as aranhas debaixo de todo este sangue. Sabia duas coisas, possivelmente três. Em primeiro lugar, o mago que havia ao outro lado do feitiço era sidhe; em segundo lugar, ele ou ela tinha tentado me matar; em terceiro lugar, se não fora porque Jeremy fez passar seu feitiço através do amparo, eu seria um pequeno resto vermelho sobre a cama tinta de sangue. Devia um grande favor ao Jeremy.

A polícia não me deixou tomar banho, nem sequer deixaram que lavasse as mãos. Quatro horas depois de que Roane me tirou do quarto eu ainda seguia tentando explicar o que tinha se passado exatamente a Alistair Norton. Não tinha muito êxito. Ninguém acreditava na minha versão dos fatos, apesar de que todos tinham visto a fita. Acredito que a única razão pela qual não me tinham acusado do assassinato do Alistair era que tinham me identificado como a princesa Meredith NicEssus. Eles e eu sabíamos que bastava com que solicitasse imunidade diplomática para ficar livre. Assim que estavam levando um tempo pra se adaptar aos cargos.

O que não sabiam era que estava tão preocupada como eles de evitar uma intervenção diplomática. Assim que exigisse imunidade diplomática, contatariam com o Comitê de Relações entre Humanos e Duendes. Contatariam com o embaixador das cortes sidhe e este ficaria em contato com a rainha do Ar e a Escuridão. Explicaria-lhe exatamente onde estava e conhecendo minha tia, ela lhes ordenaria que me custodiassem até que se apresentasse seu guarda para me devolver a casa. Estaria presa como um coelho em uma armadilha até que chegasse alguém para me partir o pescoço e me levar pra casa como prêmio.

Sentei-me na pequena mesa, com um copo de água diante de mim. Os paramédicos tinham me dado uma manta que cobria o encosto da cadeira. Tinham me dado isso para que estivesse aquecida depois do choque e para que me cobrisse, pois a parte da frente do meu vestido estava rasgada. Boa parte das últimas horas estive com frio e necessitada da manta, mas o resto do tempo sentia que me fervia o sangue. Passava de tiritar a suar, uma estranha combinação produto do choque e as Lágrimas do Branwyn, e isso me tinha provocado uma intensa dor de cabeça. Ninguém me dava nenhum analgésico porque pensavam em me levar ao hospital logo. Sempre logo, nunca já.

Quando chegaram os primeiros policiais minha pele ainda brilhava levemente. Não podia me cobrir com encanto enquanto houvesse óleo em meu organismo. Não podia me ocultar. Alguns dos primeiros uniformizados me reconheceram; um dos primeiros disse:

-Você é a princesa Meredith.

A suave noite de Califórnia só proporcionava uma trégua. Eu sabia que era uma simples questão de tempo que a rainha do Ar e a Escuridão enviasse alguém para investigar este último rumor. Tinha que estar fora da cidade antes de que isso ocorresse. Dispunha no mínimo de uma noite mais, possivelmente duas, antes de que chegasse o guarda de minha tia. Contava com tempo para permanecer sentada ali e responder às perguntas, mas estava me cansando de responder as mesmas uma e outra vez.

Então, por que permanecia sentada nessa cadeira de duro encosto, olhando através da mesa para um detetive que nunca tinha visto antes? Em primeiro lugar, embora conseguisse sair desta sem nenhuma acusação e sem solicitar imunidade diplomática, eles entrariam em contato com os políticos para proteger a si mesmos. Em segundo lugar, queria que o detetive Alvera acreditasse no que lhe contava a respeito das Lágrimas do Branwyn e a gravidade da situação se houvesse mais óleo lá fora. Provavelmente era um presente de alguma sidhe que tinha formulado o feitiço da sanguessuga.

Talvez não houvesse mais que essa única garrafa fora das cortes, mas se existia uma possibilidade, embora fosse mínima, de que os seres humanos, com ou sem a ajuda de uma sidhe, tivessem aprendido a fabricar as Lágrimas do Branwyn e estas estivessem à venda, teria que detê-lo.

É obvio, existia outra possibilidade. A sidhe que tinha comprometido ao Norton nas violações mágicas podia ter repartido Lágrimas do Branwyn a muitos mais. Esta era certamente a situação mais provável das duas piores situações, mas não podia contar à polícia que havia outra sidhe implicada com o Alistair Norton. A gente não leva à polícia humana assuntos de sidhe, não se quer manter intactas todas as partes de seu corpo.

A polícia detecta muito bem as mentiras ou talvez, para economizar tempo, parte da idéia de que todo mundo está mentindo. Seja como for, o detetive Alvera não gostou da minha história. Estava sentado em frente a mim, alto, sombrio, magro, com umas mãos tão grandes que pareciam desproporcionais em relação aos seus ombros estreitos. Seus olhos eram de um marrom sólido, com uma linha de escuras pestanas que faziam que te fixasse neles, embora possivelmente era só um efeito de meu estado atual. Jeremy tinha convocado uma defesa para me ajudar a controlar as Lágrimas. Tinha desenhado runas na minha testa com seu dedo e seu poder. A polícia não as via, mas eu as sentia como um fogo gelado se me concentrasse. Sem o feitiço do Jeremy, só a Deusa sabe o que eu teria feito até agora. Algo comprometedor e imoral, isso era certo. Mesmo protegida pelas runas estava muito consciente de todos os homens que havia no quarto.

Alvera me olhou com olhos carinhosos e cheios de confiança. Observava o modo em que seus lábios formavam cada palavra, essa boca tão generosa, que convidava a que a beijasse.

-Ouviu o que acabo de dizer, senhora NicEssus? Pisquei e me dava conta de que não.

-Sinto muito, detetive. Poderia repetir.

-Acredito que este interrogatório tenha acado, detetive Alvera- disse minha advogada-. É evidente que minha cliente está muito cansada e em estado de choque

Minha advogada era uma sócia do James, Browning e Galan. Ela era Galan. Habitualmente, Browning se ocupava dos assuntos jurídicos da Agência de Detetives Grei. Acredito que Eileen Galan estava ali porque Jeremy tinha mencionado a parte do estupro. Uma mulher seria mais receptiva, ao menos em teoria.

Sentou-se detrás de mim, vestida com um terninho escuro tão limpo e bem engomado que parecia novo. Seu cabelo loiro com toques de cinza mostrava uma permanente penteado perfeito; sua maquiagem era impecável. Até seus sapatos negros de salto alto brilhavam. Eram as duas da manhã, e Eileen tinha o aspecto de que acabava de tomar um café da manhã copioso e se sentia ansiosa por começar o dia.

O olhar de Alvera subiu desde do prendedor do meu sutião encarando meus seios até, finalmente, meus olhos.

-Não me parece que esteja em estado de choque, Dra.

-Minha cliente foi violentada, detetive Alvera. Entretanto, não lhe levou a um hospital, nem foi examinada por um médico. O único motivo pelo que não denunciei estes fatos é a vontade da minha cliente de responder a suas perguntas e lhe ajudar em sua investigação. Francamente, estou começando a

pensar que minha cliente não é capaz de proteger seus próprios interesses esta noite. Vi na gravação como se abusou brutalmente dela e meu dever é defender os direitos de Meredith inclusive se ela não quiser que eu o faça.

Alvera e eu nos olhamos. O detetive pronunciou as seguintes palavras me olhando nos olhos:

-Eu também vi a gravação, Dra., e parecia que sua cliente estava passando bem a maior parte do tempo. Ela dizia que não, mas seu corpo indicava que sim.

Se Alvera pensava que me afundaria sob a pressão de seu olhar penetrante e seus insultos, simplesmente não me conhecia. Em condições normais não teria funcionado e essa noite estava muito intumescida para morder o anzol.

-Isto é um insulto, não só a minha cliente, mas também a todas as mulheres, detetive Alvera. A entrevista acabou. Espero que a polícia nos acompanhe ao hospital.

Alvera se limitou a olhá-la com seus preciosos olhos cor de jade.

-Uma mulher pode ir dizendo «não», «pára», mas se seguir no jogo do homem, não se pode acusá-lo de obter mensagens contraditórias.

Ri e neguei com a cabeça.

-Pensa que isto é gracioso, senhora NicEssus? A gravação possivelmente revela um caso de estupro, mas também mostra como você fez Alistair Norton em picadinho.

-Repito mais uma vez que eu não matei Alistair Norton. Em relação ao estupro, você tenta me insultar deliberadamente para que me zangue e diga algo indiscreto, ou você é um porco machista e chauvinista. Se for verdade o primeiro, então você está perdendo tempo. Se for verdade o segundo, me está fazendo perder tempo.

-Sinto muito se responder a perguntas sobre um homem que você deixou sangrar até morrer em sua própria cama e em sua própria casa seja uma perda de seu tempo.

-Que tipo de homem tem uma casa cuja existência não é de conhecimento nem de sua esposa? -Perguntei.

-Enganava a sua esposa, e por isso merecia morrer, é assim? Sei que vocês os duendes têm uma obsessão com o matrimônio e a monogamia, mas a execução me parece algo um pouco severo.

-Minha cliente já disse em várias ocasiões que não é responsável pelo feitiço que provocou a destruição dos espelhos.

-Mas está viva, Dra. Se não fez o feitiço, então, como soube que tinha que ficar escondida?

-Já lhe disse que reconheci o feitiço, detetive Alvera.

-Por que não o reconheceu o Norton? Tinha uma grande reputação como mago. Também deveria tê-lo visto chegando.

-Também já lhe disse que as Lágrimas do Branwyn afetam aos seres humanos com mais força que às sidhe. Não prestava tanta atenção como eu ao que acontecia seu redor.

-De onde vieram as aranhas?

-Não sei.

Não lhe disse que Jeremy tinha fabricado as aranhas porque senão teria começado a acusá-lo por ter posto os espelhos, ou possivelmente nos teria acusado aos dois por conspiração.

Alvera sacudiu a cabeça.

-Diga simplesmente que o matou em defesa própria.

-O único motivo pelo que ainda estou aqui sentada é porque quero que vocês, a polícia, entendam o perigo que pode ser este óleo enfeitiçado. Se houver mais Lágrimas do Branwyn por aí, têm que as encontrar e as destruir.

-Os feitiços de prazer não funcionam, senhora NicEssus. Os afrodisíacos não funcionam. Está me falando de uma poção mágica que faz que uma mulher baixe as calcinhas para um homem que não gosta. Isso é uma tolice. Não existe algo assim.

-Desejará que não exista se isso se difundir entre a população. Possivelmente Norton tinha a única garrafa, mas investigue seus amigos no caso de haver mais por aí.

Folheou rapidamente o caderno de notas que tinha sobre a mesa e que não havia tocado em muito tempo.

-Liam, Donald e Brendam, não há sobrenomes. Dois deles têm orelhas de duende, todos eles têm o cabelo comprido. Encontraremos eles, não há problema. É obvio, serão uma prioridade menor porque não foram acusados de assassinato.

Eileen se levantou de novo.

-Venha, Meredith, esta entrevista acabou. E falo sério.

Olhou para nós dois como se fôssemos principiantes e não nos atrevêssemos a discutir com ela. Eu estava cansada, e não iriam acreditar em nenhuma palavra em relação as Lágrimas do Branwyn. Pus-me de pé.

Alvera também se levantou. -Sente-se, Meredith.

-Agora me chama pelo nome, Alvera? Eu não conheço o seu.

-É Raimundo. Agora sente-se.

-Se – eu disse –, se solicitar imunidade diplomática, irei daqui e não importará quem tenha razão e quem não.

Olhei para ele e graças a defesa de Jeremy, pude me concentrar em lhe olhar nos olhos. Se me concentrasse, não veria a linha de seu lábio superior.

Alvera sustentou meu olhar durante muito tempo antes de dizer:

-O que lhe faria mudar de opinião e não exigir imunidade diplomática, ao sair por essa porta, princesa?

-Que acreditasse no que disse sobre o óleo do prazer, Raimundo.

Sorriu.

-Claro, acredito em você.

Neguei com a cabeça.

-Não faça graça, detetive. Uma mentira não me manterá neste quarto.

Estava blefando, mais ou menos. Esperava que não descobrisse.

-E o que a manteria? -Perguntou.

Tive uma idéia. Precisava demonstrar à polícia quão perigosas podiam ser as Lágrimas do Branwyn. Ter relações sexuais com uma sídhe obcecada para sempre a um ser humano, mas uma pequena degustação não lhe causaria um dano permanente. Alguns sonhos, possivelmente, e uma maior excitação na cama durante certo tempo, mas nada grave. Teria que unir a carne e a magia de uma maneira mais íntima para transpassar o limite de segurança. Se todos compartilhassêmos uma simples degustação, todo mundo sobreviveria.

-Se eu pudesse lhe demonstrar que o óleo de prazer funciona?

Cruzou os braços sobre o peito e olhou com um olhar ainda mais cínico, o qual eu não possível.

-Estou ouvindo.

-Acredita que não há nenhum feitiço que possa lhe fazer desejar instantaneamente a uma estranha, não é certo?

Assentiu.

-É certo.

-Dá-me permissão para lhe tocar, detetive?

Ele riu e olhou meu vestido arruinado. Queria acreditar que estava me insultando deliberadamente porque do contrário não era muito brilhante, e necessitava que fosse bom em seu trabalho. Para um caso politicamente comprometido tanto podiam escolher o melhor homem como o pior. Ou pensavam que Alvera era um detetive extraordinário que resolveria tudo, ou o tinham escolhido como bode expiatório para quando a coisa se complicasse. Eu desejava que fosse um detetive extraordinário, mas estava começando a me inclinar pela opção do bode expiatório. É obvio, dado eu que tinha mentido em várias questões, possivelmente não queria que fosse um profissional tão fantástico. Mas não mentia sobre aquilo que ele pensava que eu estava mentindo. Dou minha palavra de honra.

-Há um minuto era Raimundo. Agora me pede permissão para me tocar e volto a ser o detetive.

-Chama-se técnica de distanciamento, detetive Alvera – eu disse.

-Eu pensei que neste caso queria ser pessoal e mostrar-se próxima, não distante.

Senti que Eileen Galan tinha tomado fôlego para falar e lhe interrompi, levantando a mão.

-Está tudo bem, Eileen, pode ser um estúpido e mesmo assim ser detetive. Está me provocando e não sei o que espera tirar de tudo isto.

O humor desapareceu e os olhos da Alvera se mostraram escuros e frios, tão impenetráveis como pedras.

-Eu gostaria que contasse a verdade.

-Estava se comportando bem durante horas. De repente, nos últimos trinta minutos, começou a me insultar sexualmente várias vezes e esteve olhando para os meus peitos. A que se deve a mudança?

Cravou-me seu olhar durante um ou dois segundos.

-Me comportando como um profissional não estava progredindo nada.

-Você querendo ou não, figuro como vítima de estupro nos relatórios preliminares. Sua conduta na última meia hora poderia lhe custar uma demanda por perseguição sexual.

Seus olhos olharam a minha advogada, que ainda permanecia em silêncio, e depois novamente a mim.

-Vi vítimas de estupro, princesa. Levei-as a hospital e segurei suas mãos enquanto termiam. Uma menina só tinha doze anos. Estava tão traumatizada que não podia falar. Custou-me nove dias, com a ajuda de um terapeuta, conseguir que me falasse quem eram seus agressores. Você não age como uma vítima de estupro.

Movi a cabeça.

-É um homem... Arrogante. -Arrumei-me isso para que a última palavra soasse como o pior dos insultos-. Lhe violentaram alguma vez, Raimundo?

Olhou-me, mas seus olhos se mantinham neutros.

-Não.

-Então não tente me explicar como se supõe que eu aja ou sinta. Não estou tão desfeita esta noite. Em parte é o maldito feitiço, mas em parte, detetive, é

que, comparada com outras violações, esta não esteve tão mal. Eileen disse que eu tinha sido tratada com brutalidade. Bom, é advogada e lhe posso perdoar a eleição de palavras, mas ela não conhece o significado de cada palavra. Nunca viu o que um homem pode chegar a fazer a uma mulher se realmente quer feri-la. Eu vi coisas brutais, detetive, e o que vi esta noite não era brutal, mas só pelo fato de que eu não esteja sangrando e de não necessitar de tubos para respirar ou porque meu rosto ainda se reconheça debaixo dos arranhões, isso não significa que não foi um estupro.

Passou por seus olhos um sentimento ilegível e, depois voltaram a se mostrar inexpressivos.

-Não foi a primeira vez, não é? -Sua voz soou amável, delicada.

Baixei a cabeça, temerosa de lhe olhar nos olhos.

-Não foi comigo, detetive, não foi comigo.

-Uma amiga -disse com a mesma voz amável.

A seguir levantei o olhar, e a mostra repentina de compaixão quase me fez ceder, quase me fez confiar nele. Quase. Recordei o rosto de Keelin: uma máscara ensangüentada, com uma órbita do olho destroçada de maneira que o globo ocular lhe pendurava até a bochecha. Se tivesse tido nariz, estaria quebrado, mas sua mãe era uma fada, e as fadas não têm narizes humanos. Três de seus braços estavam dobrados em ângulos impossíveis, como as patas quebradas de uma aranha. Nenhum curandeiro sábio lhe impôs as mãos, porque estava muito perto da morte e não poriam em perigo suas vidas por uma cria de duende. Meu pai a levou a um hospital humano e contou a agressão às autoridades. Meu pai era o príncipe da Chama e a Carne, e inclusive sua irmã a rainha o temia, por isso não lhe castigaram por recorrer aos seres humanos. Tinha ficado registro deste fato, assim podia falar disso sem ser castigada. Por fim algo sobre o qual podia contar a verdade aquela noite.

-Conte-me isso disse, com uma voz ainda mais delicada.

-Quando nós duas tínhamos dezessete anos, minha melhor amiga Keelin Nic Brown foi violentada. -Minha voz era suave, e tão vazia como tinham estado momentos antes os olhos de Alvera. -Romperam-lhe o osso ao redor dos olhos de maneira que o olho ficou pendurado sobre o rosto.

Inspirei profundamente e tentei empurrar a lembrança, sem ser consciente de ter feito um gesto com as mãos, como se isso fosse ajudar, até que pus fim ao movimento.

-Vi gente que apanhou, mas nunca dessa maneira. Nunca dessa maneira. Queria matá-la a pancadas e quase conseguiram. Voltei a me controlar. Não queria chorar. Era feliz e odiava chorar. Chorar me fazia sentir fraca.

-Sinto muito -disse.

-Não o sinta por mim, detetive Alvera. Seguir o processo de cura de Keelin me deu uma vara de medir a violência: se não era tão mau como o que tinham feito a Keelin, então eu podia suportar. Conheci coisas verdadeiramente atrozes sem me derrubar.

-Como esta noite -disse com a mesma voz com a que se fala com alguém que quer saltar de um prédio.

Assenti.

-Sim, como hoje, embora admita que o que aconteceu a Alistair Norton foi uma das piores coisas que já vi, e vi algumas coisas horríveis. Eu não o matei. Não digo que não tivesse podido lhe matar se tivesse consumado a violação.

Quando tivesse me recuperado do feitiço de prazer, teria ido atrás dele. Não sei. Mas alguém se encarregaria disto por mim.

-Quem? -Perguntou.

Minha voz se converteu em um sussurro.

-Eu gostaria de saber, detetive. Realmente, eu gostaria de saber.

-Precisa me tocar para demonstrar que esse óleo de prazer é real?

Assenti.

-Dou-lhe permissão -disse Alvera.

-Se demonstrar que o feitiço de prazer é real, chamará os homens da narcóticos?

-Sim.

-Promete? -Perguntei-. Quero que me dê sua palavra. Ficou muito sério. Ao que parece entendia que dar a palavra significava para mim algo mais que para um ser humano. Finalmente, assentiu.

-Sim, dou-lhe minha palavra.

Olhei para Eileen Galan e novamente para o espelho unidirecional da parede do fundo.

-É uma promessa pronunciada diante de testemunhas. Os deuses lhe castigarão se a romper.

Assentiu.

-Terei que esperar ver um relâmpago?

Neguei com a cabeça.

-Não, um relâmpago não.

Começou a rir, mas quando percebeu que eu não via graça, seu sorriso se desvaneceu.

-Manterei minha palavra, princesa.

-Assim o espero, detetive, pelo bem de todos. Eileen me puxou a um lado, longe do detetive.

-O que pretende fazer, Meredith?

-Pratica alguma arte mística? -Perguntei.

-Sou advogada, não bruxa.

-Então, se limite a olhar. Isto se explica por si mesmo.

Separei-me dela delicadamente e voltei a me dirigir a Alvera. Não me aproximei muito, só o suficiente para poder lhe tocar. Tinha óleo nos dedos, mas tinha secado. Queria que funcionasse, de maneira que passei os dedos por meus peitos, onde o óleo ainda estava fresco e brilhante. As Lágrimas do Branwyn se conservavam. Me inclinei para o rosto de Alvera mas ele foi para trás.

Levantei uma sobrancelha, ao tempo que elevava a mão.

-Disse que podia lhe tocar.

Assentiu.

-Perdão, é o costume.

Aproximou-se de mim, mas nos colocamos de maneira que nossa audiência nos pudesse observar do outro lado do espelho. Estava claro que se esforçou para não separar-se de mim. Não sabia se não queria que lhe tocasse porque era um duende ou porque pensou que tinha matado alguém com magia ou por algum outro motivo de tipo esotérico.

Passei-lhe os dedos por toda a boca até que cintilaram como se tivesse brilho de lábios. Seus olhos se abriram, parecia pasmado. Afastei-me e ele me

alcançou. Então se deteve um momento, pregou os braços no seu peito e tentou falar mas logo em seguida sacudiu a cabeça.

Eu retornei a minha cadeira e me sentei. Cruzei as pernas, e a saia era tão curta que mostrava o cóis das calcinhas. Alvera notou. Observava os movimentos de minhas mãos enquanto colocava a saia em seu lugar. Eu vi como pulsavam as veias do pescoço, seus olhos como pratos, seus insinuantes lábios entre abertos enquanto tentava se conter. Exegia muito auto controle para não acabar com a distância que nos separava. Eu permanecia a salvo com as runas do Jeremy, mas tive que me conter para não me dirigir para ele.

Eileen Galan estava contemplando nos dois, com uma expressão de desconcerto na cara.

-Perdi algo?

Alvera continuou me olhando, abraçando-se a si mesmo, como se temesse se mover ou até mesmo falar, por medo de que o menor movimento para frente lhe fizesse saltar e cair em meus braços.

-Sim, perdeu algo -respondi à advogada.

- O que?

-As Lágrimas do Branwyn - disse com suavidade.

Alvera fechou os olhos, enquanto seu corpo começava a balançar-se ligeiramente.

-Está bem, detetive? -Perguntou Eileen.

Abriu os olhos, e disse:

-Sim, estou... -Voltou me a olhar- bem.

Mas esse último apenas se ouviu. Sua cara era a imagem do pânico, como se não pudesse acreditar no que estava pensando.

Não sei quanto tempo ele poderia ter ficado ali de pé, mas essa noite tinha acabado com a minha paciência. Passei um dedo sobre os brancos e cintilantes pequenos montes de meus peitos, e com isso bastou.

O detetive cruzou a quarto em três pernadas, agarrou-me pelos antebraços e me levantou do chão. Ele era quase um palmo mais alto que eu, e tinha que inclinar-se em um ângulo estranho, mas conseguiu. Apertou seus apetitosos lábios contra meus e assim que os provei se rompeu o cuidadoso feitiço do Jeremy. De repente, converti-me em um objeto vibrante e necessitado. Meu corpo ainda queria acabar o que lhe tinha negado anteriormente. Beijei-lhe como se estivesse me alimentando de seus tenros lábios, e minha língua procurou no interior de sua boca. Acariciei-lhe com as mãos cheias de óleo. Quanto mais óleo lhe tocava, mais forte era o feitiço. Agarrou-me pela cintura e me elevou até a altura dos olhos para não ter que inclinar-se.

Enrolei as pernas ao redor de sua cintura: podia lhe sentir através das capas de roupa que nos separavam. Meu corpo se agitava com o contato, e tive que interromper o beijo, não para respirar mas para gritar.

Me jogou contra a superfície da mesa, oprimindo sua virilha contra a minha. Jogado sobre a mesa, era muito alto para seguir me beijando e manter o contato mais abaixo, de maneira que se levantou com a ajuda dos braços e manteve seu corpo unido ao meu.

Percorri seu corpo com o olhar até que finalmente encontrei seus olhos. Tinham o brilho que normalmente não mostram os olhos de um homem até mais tarde, quando já não há roupa nem possibilidade de voltar atrás. Agarrei-lhe a camisa com as duas mãos e atirei dela para cima, fazendo saltar os

botões e deixando nu seu peito e seu abdômen. Me curvei para poder lamber seu peito e mover as mãos por seu abdômen, plano como uma tábua. Tentei colocar a mão por dentro das suas calças, mas o cinto impediu.

De repente, o quarto se encheu de agentes uniformizados e detetives. Tiraram Alvera de cima de mim, e ele lutou com eles. Tiveram que amontoar-se sobre ele, arrastá-lo ao chão entre uma montanha de agentes.

Eu estava sobre a mesa com a saia levantada até a cintura, e sentia meu corpo tão cheio de sangue e ânsia que não podia me mover. Estava zangada, raivosa porque nos tinham separado. Sabia que era uma estupidez, que não queria ter relações sexuais em um sala de interrogatórios, diante de toda a delegacia de polícia e mesmo assim... Desejava-o.

Um jovem policial uniformizado estava junto à mesa, tentando não me olhar e falhando. Foi fácil lhe alcançar a mão, impregnar seu punho de Lágrimas. Seu pulso pulsou contra minha mão e ele se inclinou para mim e me beijou diante de qualquer um que quisesse observar o que estava acontecendo.

-Meu deus, Riley, não a toque! -Gritou alguém.

Umas mãos agarraram Riley e o separaram de meus lábios e minhas mãos. Levantei-me para agarrá-lo e gritei:

-Não!

Saltei da mesa, quando outro detetive me agarrou os braços e me obrigou a ficar sentada na quina da mesa. Olhou para suas mãos como se as tivesse queimado com meus braços nus.

-OH, Meu deus -sussurrou.

Justo antes de agachar-se para me beijar, murmurou:

-Tragam algumas oficiais mulheres pra cá.

Mais tarde, soube que esse homem de tamanho médio e ligeiramente calvo com mãos fortes e um corpo musculoso era o tenente Peterson. Tiveram que lhe algemar para tirá-lo da sala.

Enterraram-me sob um montão de mulheres policiais até que já não pude me mover. Duas das oficiais tiveram os mesmos problemas que os homens, de igual modo que ao menos um dos homens não tinha tido nenhum problema em me tocar. Não há nada como sair do armário no trabalho!

Trouxeram o Jeremy para recompor a defesa. Acalmei-me, mas não estava em situação de falar com ninguém. Jeremy me assegurou que já tinha falado com a brigada de narcóticos, embora estava convencido de que os oficiais que tinham estado na sala comigo saberiam lhes fazer ver o perigo das Lágrimas do Branwyn.

Roane estava me esperando, com um par de luvas cirúrgicas postos para poder me tocar e uma jaqueta para me cobrir a cabeça e assim evitar que alguém me reconhecesse. A polícia nos tirou pela porta de atrás. De momento, os meios de comunicação desconheciam que finalmente eu tinha saído à luz e em que circunstâncias. Mas alguém da delegacia de polícia ou das ambulâncias contaria a verdade. Possivelmente o faria por dinheiro ou acidentalmente, mas os meios de comunicação o descobririam. Era só questão de tempo. Uma correria para ver que sabujos me encontrariam primeiro: os tablóides ou a guarda da rainha. Se estivesse me sentindo bem, teria ido a meu carro e teria abandonado a cidade essa noite ou teria subido no primeiro avião. Mas Roane me levou a seu apartamento porque estava mais perto que o meu. Não me importava aonde íamos enquanto houvesse uma ducha. Se não

limpasse meu corpo das Lágrimas ou tivesse relações sexuais logo, ficaria louca. Desejava por uma ducha. O que não percebi até muito tarde é que Roane desejava pelo sexo.

A parte frontal de meu cérebro sabia que devia lhe pedir ao Roane que me levasse a meu carro. Debaixo do assento do condutor havia um pacote com dinheiro e a documentação completa de uma nova identidade, com uma carteira de motorista e cartões de crédito. Sempre tinha planejado sair de carro da cidade ou ir ao aeroporto e subir ao primeiro avião que me desejasse muito. Era um bom plano. A polícia já estaria contatando com a embaixada, e antes do anoitecer minha tia saberia quem era, onde estava, e o que tinha estado fazendo durante três anos.

A parte primitiva de meu cérebro queria saltar em cima de Roane enquanto conduzia a cento e vinte por hora pela rodovia. Sentia a pele torcida pelo desejo. Em realidade, não lhe podia tocar. Quão último precisava era lhe poluir com as Lágrimas. Como mínimo um de nós precisava permanecer cordato essa noite, e até que não tomasse banho, esse um não ia ser eu.

Subi a escada até o apartamento do Roane, me abraçando a mim mesma, me cravando as unhas com tanta força para me deixar marcas nos braços. Isso era quão único podia fazer para me frear e não tocar ao Roane quando subia a escada justo diante de mim.

Deixou a porta aberta detrás de si, e lhe segui até a habitação. Ele estava de pé no centro de uma ampla estadia. Inclusive na escuridão, a habitação brilhava de forma estranha e as paredes brancas resplandeciam à luz da lua. Roane se erguia como uma

Figura negra no meio do fulgor prateado. Estava olhando ao mar, como fazia cada vez que entrávamos em seu apartamento, logo se voltou e olhou pelas janelas que formavam as paredes oeste e sul. O mar se elevava ao outro lado dos cristais e as ondas escuras e chapeadas rompiam na borda com um cóis de espuma.

Sempre seria segunda no coração do Roane, porque seu amor pertencia a seu primeira amante: o mar. Seguiria chorando sua perda quando eu já só fora pó em uma tumba. Esta certeza provocava solidão. A mesma solidão que tinha sentido na corte, observando a disputa das sidhe por insultos pronunciados um século antes de que eu nascesse, e sabendo que continuariam discutindo um século depois de minha morte. Era um pouco amargo, sim, mas sobre tudo certificava que era alheia à sociedade. Era uma sidhe, com o qual não podia ser humano, e era mortal, de maneira que não podia ser uma sidhe. Nem carne nem pescado.

Embora me sentia isolada, abandonada, meu olhar se dirigiu à cama: um montão de lençóis brancos e almofadas pulverizadas. Roane a tinha desfeito, mas só a tinha feito pela metade. Nunca tinha entendido por que terei que engomar as rugas se os lençóis estavam podas. Tive uma súbita visão do Roane nu sobre esses lençóis brancos. A visão era tão nítida que me doía. Esticava-me o estômago e me fazia sentir algo mais abaixo, até que me custou respirar. Apoiei-me na porta fechada até que não pude me mover e, continuando, estirei-me. Não estava sob o efeito de produtos químicos nem de magia. Era uma sidhe, uma sidhe débil, menor, mas isso não trocava o fato de que tivesse aquilo que todos nós e os homens denominam mágico. Não era um camponês humano que logo que tinha entrado em contato com as fadas. Era uma princesa sidhe e pela deusa, que atuaria como tal.

Olhei a porta que tinha detrás, e nem tão sequer o som da fechadura ao fechar-se fez voltar-se para o Roane. Permaneceria em comunhão com sua visão até que estivesse preparado para mim. Eu não tinha tanta paciência essa noite. Passei junto a ele e cruzei a habitação às escuras até o quarto de banho. Ao acender a luz fiquei deslumbrada. O quarto de banho era minúsculo, com sítio só para o inodoro, um pequeno lavamanos e a banheira. A banheira possivelmente datasse da época da construção da casa, porque era funda e tinha patas e parecia muito antiga. A cortina da ducha, pendurada de uma varinha, tinha imagens de espécies de focas dos quatro rincões do mundo, com os nomes comuns escritos ao lado de cada imagem. Tinha-a encarregado eu de um desses catálogos que sempre lhe enviam quando tem uma formação em biologia. Encontrei-a entre camisetas com motivos animais, vela em forma de animais, livros sobre viagens ao círculo polar ártico e verões passados avistando lobos em lugares remotos. Ao Roane gostou da cortina, e me agradou dar de presente-lhe. Eu gostava de ter relações sexuais na ducha, rodeada pelo presente que lhe tinha feito.

Assaltou-me uma imagem de seu corpo úmido e nu, a sensação de sua pele com uma capa de sabão. Amaldiçoei em voz baixa e apartei a cortina. Abri o grifo da água quente e esperei a que a água adquirisse a temperatura adequada. Precisava me tirar as Lágrimas antes de fazer algo que depois lamentaria. Essa noite estaria a salvo. Não ia apresentar se ninguém até o dia seguinte, como muito em breve. Podia tomar ao Roane, encher minhas mãos com sua pele sedosa, me cobrir com a doce proximidade de seu corpo. A quem faria mal?

Eram as Lágrimas as que falavam, não eu. Eu necessitava essa noite para tirar vantagem se queria fugir da cidade. À polícia não ia gostar de lhe que abandonasse a cidade, mas eles não me matariam, e minha família sim. Céus, em Califórnia nem sequer existia a pena capital.

O vestido estava tão rasgado que me tentei tirar isso como uma jaqueta, mas a cremalheira ainda agüentava. O dianteiro estava empapado e pesado pelo azeite. Nunca tinha conhecido a ninguém que gastasse tanto de algo que até um sidhe considerava valioso. Embora possivelmente o bruxo sidhe contava com que eu muriese com o Alistair Norton e deste modo ninguém soubesse o que eram as Lágrimas do Branwyn. Os sidhe eram muito esnobes quanto ao que os duendes menores faziam e deixavam de fazer. Ele, ela ou eles podiam ter contado que minha morte os deixaria a salvo.

As sidhe, fossem as que fossem, tinham entregue as Lágrimas do Branwyn a mortais para que as usassem contra outros duendes. Podia-se castigar com uma tortura eterna. Há poucos inconvenientes de ser imortal. Um dos maiores é que o castigo pode durar muito, muito tempo.

É obvio, o mesmo é aplicável ao prazer. Fechei os olhos como se deste modo fora a conjurar as imagens que chegavam até mim. Não pensava no Roane. Pensava no Griffin. Tinha sido meu noivo durante sete anos. Se tivéssemos tido um menino, seríamos marido e mulher. Mas não nasceu nenhum menino, e ao final só houve dor. Foi infiel com outras sidhe, e quando tive o mau gosto de protestar, disse-me que estava cansado de estar com uma semimortal. Queria algo de verdade, não uma pálida imitação. Suas palavras ainda me zumbiam nos ouvidos, mas era sua carne dourada o que via atrás de minhas pálpebras fechadas, seu cabelo acobreado esparramado sobre mim, a

maneira em que a luz das velas brilhava em seu membro. Não tinha pensado nele durante anos, e nesse momento podia degustá-lo em meus lábios.

Durante essa noite, enquanto durasse o azeite, podia atuar como um duende menor, ou como uma sidhe humana, dar e receber prazer de qualquer modo. Era um grande presente, mas como a maioria de presentes de conto de fadas, tinha um dobro fio. Porque o humano ou o duende passariam o resto de sua vida desejando este poder, este toque. Um ser humano podia desperdiçar sua vida e morrer por sua carência. Roane era um duende sem sua magia, sem sua pele de foca. Não tinha magia própria que lhe protegesse do que as Lágrimas podiam lhe fazer.

Eu sabia o muito que desejava o contato de outro sidhe, mas até esse momento não me tinha dado conta de até que ponto. Se Griffin tivesse estado na outra habitação, me teria arrojado a por ele. À manhã seguinte poderia lhe haver parecido uma faca no coração, mas essa noite, me teria entregue a ele.

Ouvi o Roane na entrada, detrás de mim, mas não me voltei. Não queria lhe ver ali de pé. Não estava segura de se minha maltratada força de vontade seria capaz de resisti-lo. O dianteiro do vestido estava rasgado, destruído, mas não me podia baixar a cremalheira.

-Pode me baixar a cremalheira, por favor?

Minha voz soou estrangulada como se tivesse que arrancar as palavras de meus lábios. Acredito que era porque o que queria dizer era «tome, minha fera selvagem», mas isso carecia de dignidade e Roane merecia algo melhor que ser abandonado necessitado, desejando para sempre algo que não poderia voltar a tocar nunca mais. Podia deixar cair meu encanto e me deitar com ele depois dessa noite, mas cada noite que me tocasse de verdade só aumentaria meu vício.

Baixou-me a cremalheira e eu me separei dele.

-Minha pele está lubrificada com as Lágrimas. Não me toque.

-Nem sequer com as luvas postas? -Perguntou.

Tinha esquecido as luvas cirúrgicas.

-Não, suponho que com as luvas estará a salva.

Tirou-me o vestido pelos ombros, lenta e delicadamente, como se temesse me tocar. Tirei os braços, mas a malha estava tão pesada pelo azeite que o vestido não escorregava. Pegava-se para mim como uma mão grossa e pesada. Sugava-me a pele enquanto me desprendia dele. Roane me ajudou a me tirar o vestido úmido dos quadris, ajoelhando-se para que pudesse sair dele. Ainda levava os saltos e me amaldiçoava por não haver me tirado isso antes. Tinha fechado os olhos para não lhe ver enquanto me ajudava a me despir. Toquei seu ombro em busca de um ponto de apoio e quase me caí de todos os modos ao sentir que tocava sua pele nua.

Abri os olhos e o encontrei ajoelhado ante mim, nu salvo pelas luvas. Separei-me dele com tanta violência que caí de culo na banheira, com uma mão diante de mim para lhe manter afastado. Estava sentada em um par de centímetros de água e batalhava com o grifo para fechá-lo. Embora possivelmente teria que havê-la deixado correr e me inundar nela.

Roane ria.

-Acreditei que te poderia baixar a cremalheira antes de que te desse conta, mas não sabia que tinha fechado os olhos.

Tirou-se as luvas com a ajuda dos dentes; meu vestido permanecia em seus braços. Colocou suas mãos nuas na malha empapada de azeite, e o apertou contra seu peito nu.

Eu não parava de negar com a cabeça.

-Não sabe o que está fazendo, Roane.

Ele me olhou por cima do bordo da banheira, e seus grandes olhos castanhos não mostravam inocência alguma.

-Esta noite posso ser sidhe para ti.

Sentei-me na banheira como se estivesse disposta a tomar banho em roupa interior, e tentei me mostrar sensata. O sangue parecia ter abandonado o cérebro para afluir a outras partes de meu corpo. Não estava em condições de pensar em nada.

-Não posso produzir encanto esta noite, Roane.

-Não quero que o faça. Quero estar contigo, Merry. Sem máscaras nem ilusões.

-Sem sua própria magia, será como um humano. Não será capaz de te proteger do encanto. Será vítima dos elfos.

-Não me murcharei nem morrerei pelo anseio de carne de sidhe, Merry. Pode que tenha perdido minha magia, mas sou imortal.

-Possivelmente não morra, Roane, mas a eternidade é muito tempo para desejar o que não pode ter.

-Sei o que quero -disse.

Comecei a abrir a boca, para lhe contar como mínimo parte da verdade, parte do motivo pelo que devia me desencardir e partir da cidade. Mas ele se levantou e a voz me afogou na garganta. Não podia respirar, muito menos falar. Quão único podia fazer era olhar.

Roane espremeu o vestido com tal densidade que os músculos de seus braços se esticaram. O azeite jorrava do tecido e se derramava sobre seu peito, ao longo de seu abdômen plano, baixando cada vez mais. Já tinha uma ereção, mas quando o azeite escorregou sobre ele, sua respiração se converteu em um agudo vaio. Pôs uma mão sob seu ventre, aplicando o azeite sobre a pálida perfeição de sua pele. Deveria havê-lo detido, deveria ter gritado em busca de ajuda, mas me limitei a observar como sua mão descendia, até que por fim pulverizou o azeite sobre seu membro. Atirou a cabeça para trás, com os olhos fechados, e sua voz saiu em um grito afogado:

-OH, Deus.

Lembrei-me de que havia algo importante que deveria haver dito ou feito, mas, por minha vida que não podia recordar o que era. Estava pensando em imagens, não em palavras. As palavras me tinham abandonado, deixando só sensações: vista, tato, olfato e finalmente, gosto.

A pele do Roane tinha gosto de canela e baunilha, mas subjazia algo verde, herbal, um sabor ligeiro e limpo, como beber água de um manancial do centro da Terra. Debaixo de todo isso estava o sabor de sua pele: doce, delicada e ligeiramente salgada pelo suor.

Acabamos na cama. Eu já não levava roupa, embora não me lembrava de como a tinha perdido. Estávamos nus e empapados em azeite sobre os lençóis brancos e podas. Sentir seu corpo escorregando sobre o meu me fez ofegar. Beijou-me e explorou com a língua. Eu me abri para ele, me levantando da cama para ajudar a que sua língua penetrasse mais em minha boca. Meus quadris se moviam ao ritmo do beijo, e ele tomou como um convite para me

penetrar, lentamente, até que me encontrou úmida e preparada. Então afundou toda a longitude de seu membro em meu interior, tão rápido e tão a fundo como pôde. Gritei debaixo dele, meu corpo se levantou da cama e a seguir, caí de novo sobre os lençóis e o olhei aos olhos.

Sua cara estava a só uns centímetros da minha, seus olhos tão perto que enchiam meu campo visual. Olhava-me à cara enquanto penetrava, sustentando-se sobre seus braços para ver meu corpo vibrando debaixo do dele. Não podia ficar quieta. Tinha que me mover, tinha que me levantar para ir a seu encontro, até que entre os dois construímos um ritmo, um ritmo feito de carne palpitante, do batimento do coração de nossos corações, dos sucos pegajosos de nossos corpos e a excitação de cada nervo. O mais mínimo contato era como cem carícias; um beijo, mil beijos. Cada movimento de seu corpo parecia me encher como água quente que brota sem cessar, alagando minha pele, meus músculos, meu sangue, meus ossos, até que tudo foi um fluir de calor que aumentava e aumentava como a luz quando se abre caminho ao amanhecer. Meu corpo cantava a esse ritmo. Sentia um comichão nos dedos e, quando pensei que não poderia resistir mais, o calor se converteu em um incêndio que me abrasava e rugia sobre mim, dentro de mim. Ouvia ruídos, gritos distantes, mas era Roane, era eu.

Derrubou-se em cima de mim, de repente mais pesado, com o pescoço apoiado contra minha cara de maneira que sentia seu pulso acelerado sobre minha pele. Permanecemos ali abraçados com toda a intimidade com a que um homem pode estar com uma mulher, nos abraçando até que nossos corações começaram a pulsar mais lentamente.

Roane foi o primeiro em levantar a cabeça, agüentando-se com seus braços para me olhar. Seu olhar era de admiração, como um menino que aprendeu algo novo cuja existência desconhecia. Não disse nada, só me olhava, sorrindo.

Eu também sorria, mas havia em mim uma veia de nostalgia. De repente recordei o que tinha esquecido. Deveria haver ido da cidade. Nunca teria que haver meio doido ao Roane com as Lágrimas do Branwyn em nossos corpos. Mas o dano já parecia.

Minha voz era suave, estranha a meus próprios ouvidos, como se não tivéssemos pronunciado palavra durante muito tempo.

-Olhe sua pele.

Roane olhou seu próprio corpo e se arrepiou como um gato assustado. Separou-se de meu corpo para sentar-se olhando-as mãos, os braços, tudo. Estava brilhando, com uma luz tênue, quase ambarina como quando o fogo se reflete em uma jóia de ouro. E a jóia era seu corpo.

-O que me passa? -Perguntou, em voz baixa e quase assustado.

-É sidhe, esta noite.

Olhou-me.

-Não o entendo -disse.

-Sei -sussurrei.

Pôs sua mão justo por cima de minha pele. Eu brilhava com uma luz branca e fria, como o claro de lua depois do cristal. O brilho ambarino de sua mão refletia o resplendor branco, convertendo-o em um amarelo pálido à medida que sua mão se movia quase roçando minha pele.

-O que posso fazer?

Observei como movia sua mão brilhante sobre meu corpo, tendo ainda cuidado em não tocar minha pele.

-Não sei. Não há um sidhe igual a outro. Cada um tem poderes distintos. São diferentes variações de um mesmo tema.

Pôs sua mão na cicatriz de minhas costelas, justo sob meu peito esquerdo. Doía como um ataque de artrite quando faz frio, mas não fazia frio. Apartei sua mão do sinal. Era o rastro perfeito de uma mão, maior que a do Roane, de dedos mais largos e magros. Era marrom e se levantava ligeiramente sobre minha pele. A cicatriz se voltava negra quando minha pele brilhava, como se a luz não a pudesse tocar.

-O que te passou? -Perguntou.

-Foi em um duelo.

Começou a me tocar de novo a cicatriz, e tomei a mão, apertando nossas carnes, forçando que o âmbar brilhasse em minha pele branca. Sentia-o como se nossas mãos se fundissem, como se a carne de desfizera. Apartou-se, limpando-a mão no peito, mas este movimento fez que o azeite escorregasse por sua mão, e isso não ia ajudar lhe. Roane ainda não compreendia que logo que tinha provado o que podia significar ser um sidhe.

-Todos os sidhe têm uma mão de poder. Alguns podem curar por imposição de mãos. Alguns podem matar. O sidhe que combati colocou sua mão contra minhas costelas. Rompeu-me várias costelas, rasgou-me o músculo e tentou me esmagar o coração, e todo isso sem me rasgar em nenhum momento a pele.

-Perdeu o duelo -disse.

-Perdi o duelo, mas sobrevivi, e isso sempre foi vitória suficiente para mim.

Roane franziu o sobrecenho.

-Parece triste. Sei que te gostou. Por que esta melancolia?

Passou-me um dedo pela cara, e o brilho se intensificava ali onde tocava. Apartei a cara dele.

-É muito tarde para te salvar, Roane, mas não é muito tarde para me salvar a mim.

Senti como se colocava a meu lado, e movi meu corpo o justo para evitar o contato. Olhei a uns centímetros de distância.

-Te salvar do que, Merry?

-Não posso te dizer por que, mas tenho que partir esta noite, e não só tenho que ir deste apartamento, mas também também da cidade.

Olhou-me assombrado.

-Por que?

Neguei com a cabeça.

-Se lhe o conto, poria-te em um perigo maior do que já corre.

Aceitou-o e não voltou a perguntar.

-Há algo que possa fazer para te ajudar? Sorri e depois pus-se a rir abertamente.

-Com este brilho não posso ir a meu carro, e menos ainda ao aeroporto. E não posso produzir encanto até que desapareça o azeite.

-Durante quanto tempo? -Perguntou.

-Não sei. -Meu olhar percorreu seu corpo e o encontrei flácido, embora ele sempre se recuperava rapidamente. Mas eu sabia algo que ele desconhecia. Essa noite, gostasse ou não, era um sidhe.

- Qual é sua mão de poder? -Perguntou, embora lhe custou muito tempo formular a pergunta. Tinha que estar muito ansioso por saber algo para perguntar o que não lhe contava.

Sentei-me.

-Não tenho nenhuma.

Franziu o sobrecenho.

-Disse que todas as sidhe têm uma. Assenti.

-É uma das muitas desculpas que usaram outros ao longo dos anos para me negar.

-Te negar o que?

-Tudo. -Coloquei a mão quase roçando seu corpo e a luz ambarina se intensificou, seguindo meu movimento como um fogo quando alguém sopra sobre ele para lhe dar força-. Quando nossas

Mãos se fundiram se produziu um dos efeitos secundários do poder. Nossos corpos podem fazer o mesmo.

Roane levantou as sobrancelhas para ouvir isto.

Tomei em minha mão e respondeu, mas assim que desprendi poder sobre ele, imediatamente ficou duro e a ponto. Seu ventre se contraiu e ele se sentou de repente e me apartou a mão.

-Esteve muito bem. Quase fazia danifico.

-Sim.

Riu nervosamente.

-Pensei que não tinha nenhuma mão de poder.

-Não a tenho, mas descendo de cinco deusas da fertilidade distintas. Posso te devolver a força toda a noite, tão freqüentemente e tão rapidamente como queremos. -Inclinei minha cara sobre a sua-. É como um menino esta noite, Roane. Você não pode controlar o poder, mas eu sim. Posso te devolver as forças indefinidamente até que me rogue que pare.

Roane foi tendendo-se de barriga para cima à medida que eu me colocava em cima dele. Olhou-me com os olhos muito abertos e o cabelo cor mogno sobre a cara. Essa noite, tinha quase o mesmo tom que o meu... Quase. Falou precipitadamente.

-Se o fizer, será você a que rogará que pare.

-Pensa na possibilidade de que eu não fora a única sidhe desta habitação, Roane. Pensa o que poderíamos te fazer, e você não poderia nos parar.

Pronunciei isto último roçando seus lábios entreabertos. Quando lhe beijei, saltou como se lhe tivesse feito mal, mas sabia que não. Retirei-me o suficiente para lhe ver a cara.

-Tem-me medo.

Tragou saliva.

-Sim.

-Bom. Agora começa a entender o que chamaste à vida nesta habitação. O poder tem um preço, Roane, e o prazer também. Convocaste aos dois, e se eu fosse uma sidhe diferente; pagaria tributo por isso.

Detectei medo em seu rosto, um medo que aparecia em seus olhos.

Eu gostava. Eu gostava da aparência que o medo pode conferir ao sexo. Não o pavor, no que um não está seguro de se sairá vivo da situação, a não ser o medo menor, no que se arrisca sangue, dor, mas nada que não possa curar-se, nada que não se deseje. Há uma grande diferencia entre a crueldade e jogar um pouco. Eu não gostava da crueldade.

Olhei ao Roane, sua carne doce, seus encantadores olhos, e queria cravar minhas unhas naquele corpo perfeito, afundar meus dentes em sua carne, e fazer que o sangue aparecesse em muitos sítios. O pensamento me esticava o corpo em muitos lugares nos que a maioria de gente não responderia à violência, independentemente de sua intensidade. Possivelmente se tratava de conexões mau feitas em meu interior, mas há um momento no que alguém assume o que é ou se condena a ser um desgraçado o resto da vida. Já haverá quem tenta te fazer infeliz; não lhes ajude fazendo o trabalho você mesmo. Queria compartilhar um pouco de dor, um pouco de sangue, um pouco de temor, mas Roane não queria. Lhe fazer danifico não lhe causaria prazer, e eu não procurava tortura. Não era uma sádica sexual, e Roane nunca saberia a sorte que tinha de que essas conexões errôneas não formassem parte de minhas prioridades. É obvio, sempre há outras urgências.

Queria-lhe, queria-lhe com tanto desespero que não podia confiar em que seria cuidadosa com ele. Roane se levaria até a tumba o desejo desta experiência, mas podia acabar a noite com algo mais que cicatrizes psicológicas se eu não tomava cuidado. Inclusive nesse momento e lugar, inclusive sendo ele sidhe durante essa noite, não podia perder por completo o controle. Ainda tinha que ser eu quem levasse as rédeas, quem estabelecesse o que íamos fazer e o que não. Quem dissesse o longe que iriam as coisas. Estava cansada de marcar os limites. Não só tinha perdido a magia, também tinha perdido ter a alguém a meu lado ou, como mínimo, a alguém igual. Não queria ter que me preocupar com ferir meu amante. Queria que meu amante fosse capaz de proteger-se a si mesmo para que eu pudesse lhe fazer tudo o que queria lhe fazer sem me preocupar com sua integridade. Acaso era pedir muito?

Olhei novamente ao Roane. Estava recostado sobre as costas, com um braço jogado sobre a cabeça, outro sobre o estômago e uma perna flexionada, de maneira que se apresentava em toda sua glória. O medo se desvaneceu de sua cara, deixando só desejo. Não tinha nem idéia do mal que iria nas próximas horas se eu não ia com cuidado.

Escondi a cara entre as mãos. Não queria ir com cuidado. Queria tudo o que a magia podia me proporcionar essa noite... E ao corno com as consequências. Possivelmente se o fazia suficiente dano, Roane não recordaria a experiência como algo extraordinário. Possivelmente não o registraria como um sonho dourado. Possivelmente o temeria como um pesadelo. Uma vocecita interior me sussurrou que, a longo prazo, esta seria a melhor solução. Conseguir que nos tema, que tema nosso tato, nossa magia, para que não volte a desejar que as mãos de uma sidhe toquem outra vez seu corpo. Um pouco de dor essa noite para lhe salvar de uma eternidade de sofrimentos.

Sabia que eram mentiras, e mesmo assim não podia lhe olhar.

Seus dedos acariciavam minhas costas, e saltei como se me tivesse golpeado. Tampei-me a cara. Não estava preparada para voltar a olhar.

-Isto de seus ombros não são cicatrizes de queimaduras, verdade? - Perguntou.

Baixei as mãos, mas mantive os olhos fechados.

-Não.

-O que são então?

-Foi outro duelo. Utilizou magia para me obrigar a trocar de forma em meio da batalha.

Escutava que Roane se movia pela cama, que me aproximava, mas não tentou voltar a me tocar. Estava-lhe agradecida.

-Mas trocar a forma não dói. É uma sensação maravilhosa.

-Possivelmente não aduela a um roano, mas sim a um de nós. Trocar de forma causa dor, como se todos seus ossos se rompessem ao mesmo tempo e adotassem outra estrutura. Não posso trocar minha forma por própria iniciativa, mas o vi em outros. Está indefeso nos minutos que dura a mudança de forma.

-O outro sidhe tentava te distrair.

-Sim.

Abri os olhos e olhei para a escuridão das janelas. Atuavam como um espelho, mostrando ao Roane sentado detrás de mim, com o corpo brilhando como o sol detrás da lua de meu corpo. Os três anéis de cor de meus olhos brilhavam com suficiente intensidade como para, inclusive desde essa distância, poder distinguir cada cor: esmeralda, jade, ouro líquido. Até os olhos do Roane brilhavam com uma cor mel escuro, como bronze. Sentava-lhe bem a magia de sidhe.

Estirou-se para mim, e me pus tensa. Colocou sua mão na enrugada pele das cicatrizes.

-Como conseguiu que parasse de te trocar em algo distinto?

-Matei-o.

Vi nas janelas que os olhos do Roane se abriam como pratos e senti que seu corpo se esticava.

-Matou a um sidhe real?

-Sim.

-Mas são imortais.

-Eu sou bem mortal, Roane. Qual é a única maneira de que mora um sidhe eterno?

Vi em seu semblante que os pensamentos fluíam a sua mente até que por fim a determinação apareceu em seu olhar.

-Invocar sangue mortal. O mortal compartilha nossa imortalidade, e nós compartilhamos a mortalidade dos mortais.

-Exato.

Ajoelhou-se a meu lado, mas não se dirigiu para mim diretamente, a não ser a meu reflexo.

-Mas isto é um ritual muito específico. Não se pode invocar a imortalidade de forma acidental.

-O ritual de um duelo ata aos dois participantes em um combate mortal. Entre os sidhe da Escuridão, compartilha-se sangue antes de lutar.

Seus olhos se abriram lentamente, até que se converteram em dois charcos imensos de escuridão.

-Quando beberam seu sangue, compartilharam sua mortalidade.

-Sim.

-Eles sabiam?

Não pude reprimir um sorriso.

-Não até que chave minha adaga ao Arzhul.

-Deveu ter liberado uma dura batalha para que ele tratasse de te fazer trocar de forma. É um feitiço maior para um sidhe. Se não temia a morte, então deveu lhe ferir muito.

Neguei com a cabeça.

-Ele estava alardeando. Pretender me matar não lhe bastava. Primeiro queria me humilhar. Para um sidhe, forçar uma mudança de forma é prova do poder de sua magia.

-Assim estava alardeando -disse Roane. Era sua melhor maneira de dizer que queria saber o que ocorreu a seguir.

-Cravei-lhe uma punhalada com a esperança de lhe distrair, mas meu pai sempre ensinou a não economizar um golpe. Inclusive se souber que está ante um imortal, golpeia-o como se pudesse morrer porque um golpe mortal dói mais mesmo que não pode matar.

-Matou a quem te deixou esta cicatriz? -Sua mão se deslocou desde atrás para me percorrer as costelas.

Estremeci-me quando me tocou, e não porque me fizesse mal.

-Não, Rozenwyn ainda vive.

-Então, por que não te esmagou ela o coração? -Suas mãos se deslocavam ao longo de minha cintura, me apertando contra seu corpo.

Abandonei-me à curva de seus braços, ao sólido calor de seu corpo.

-Porque seu duelo foi depois do do Arzhul e quando a apunhalei, sentiu pânico, acredito. Disse que tinha ganho o duelo sem necessidade de matar.

Esfregou sua bochecha contra a minha, e os dois olhamos como se fundiam as cores com o contato de nossas peles.

-Foi o último duelo, então -disse.

-Não -pinjente.

Beijou-me na bochecha, com infinita ternura.

-Não?

-Não, houve outro.

Voltei-me para ele. Seus lábios roçavam meus, sem chegar a beijá-los.

-O que aconteceu? -Pronunciou estas palavras em um quente sussurro contra minha boca.

-Bleddyn tinha formado parte da corte da Luz até que fez algo tão terrível que ninguém se atreveria a pronunciá-lo, e lhe expulsou. Mas era tão capitalista que a corte da Escuridão o admitiu. Perdeu-se seu verdadeiro nome, e lhe deu o do Bleddyn. Significa lobo ou *transgressor*, ou o significou faz muito tempo. E inclusive na corte escura era um transgressor.

Roane me beijou no pescoço e o pulso me acelerou. Levantou a cabeça o suficiente para perguntar:

-Por que era um transgressor?

Então sua boca começou a me baixar pelo pescoço sem deixar de me beijar.

-Estava irado sem razão. Se não tivesse estado rodeado de imortais, teria matado a gente, tanto a amigos como a inimigos. Os lábios do Roane tinham chegado ao ombro e continuavam pelo braço. Deteve-se para dizer:

-Irado?

Então inclinou a cabeça e me beijou até que chegou ao cotovelo. Levantou meu braço para poder colocar sua boca ao redor da frágil pele da articulação. De repente, sugou-me a pele e me cravou os dentes no braço o justo para causar dano, o justo para me fazer ofegar. Ao Roane não interessava a dor, mas era um amante atento, e sabia o que eu gostava, igual a eu sabia o que gostava a ele. Mas de repente não pude me concentrar mais no que dizia.

Levantou a cara de meu braço, deixando uma marca redonda, quase perfeita, de seus dentes pequenos e afiados. Não tinha rasgado a pele. Nunca tinha conseguido lhe persuadir de que chegasse tão longe, mas o sinal em minha carne me satisfazia e fez que me dobrasse para ele. Deteve-me com uma pergunta.

-Só eram ataques de cólera ou havia algo mais que indicava que Bleddyn era perigoso?

Demorei um segundo em recordar. Tive que me separar dele.

-Se quer ouvir a história, te comporte.

Estava convexo de flanco, apoiado em um braço que o fazia as vezes de travesseiro. Estirou-se de forma que pude observar o movimento de seus músculos sob a pele brilhante.

-Acreditava que me estava comportando. Sacudi a cabeça.

-Conseguirá que me esqueça de mim mesma, Roane. E você não quer isso.

-Quero-te esta noite, Merry. Quero-te toda, sem encanto nem escudos nem reticências. -De repente, sentou-se, aproximando-se tanto a minha cara que comecei a me retirar, mas me agarrou o braço-. Quero ser o que necessita esta noite, Merry.

Neguei com a cabeça.

-Não entende o que pede.

-Não, não o entendo, mas se em alguma ocasião tem que o ter tudo, será esta noite.

Agarrou meu outro braço, nos obrigando a ambos a nos ajoelhar, fincando suficientemente seus dedos para me dar conta de que pela manhã estaria machucada. Este movimento brusco me acelerou o pulso.

-Vivi centenas de anos, Merry. Se algum de nós é um menino, é você, não eu. -Suas palavras eram vívidas; nunca lhe tinha visto assim, com tanta força, com tanta exigência.

Poderia lhe haver dito: «Faz-me mal, Roane», mas eu gostava do papel, assim pinjente:

-Não parece você.

-Sabia que conservava seu encanto incluso quando nos deitávamos juntos, mas nunca imaginei quanto escondia. -Sacudiu-me duas vezes, com tanta força que quase estive a ponto de lhe dizer que me fazia danífico-. Não te esconda, Merry.

Então me beijou, esfregando seus lábios contra meus, forçando tanto sua boca contra a minha que se não a tivesse aberto me teria talhado os lábios com os dentes. Voltou-me a tombar na cama. A situação começava a não me gostar de: eu gosto da dor, não a violação.

Detive-lhe com uma mão no peito, lhe apartando de mim. Ainda estava em cima de mim, com uns olhos extrañamente apaixonados, mas escutava.

-O que tenta fazer, Roane? -O que aconteceu em seu último duelo?

A mudança de tema foi muito rápido para mim.

- O que?

-Em seu último duelo, o que aconteceu? -Sua boca e sua cara mostravam uma absoluta seriedade enquanto seu corpo nu oprimia o meu.

-Matei-o.

-Como?

De algum jeito soube que não estava perguntando pela mecânica do assassinato.

-Não me valorou o suficiente.

-Eu nunca te valorei pouco, Merry. Não faça menos por mim. Não me trate como algo inferior só porque não sou sidhe. Sou um tipo de duende sem uma só gota de sangue mortal em minhas veias. Não tema por mim. -Sua voz era normal de novo, mas se mantinha uma corrente latente de orgulho.

Olhei sua cara e vi o orgulho ali, não um orgulho masculino, a não ser o orgulho de um duende. Tratava-lhe como se fosse menos que um duende, e se merecia mais, mas...

-O que aconteceria te machucasse sem querer?

-Curaria-me -disse.

Isto me fez sorrir, porque naquele momento lhe queria. Não era o tipo de amor que cantam os bardos, mas era amor ao fim e ao cabo.

-Muito bem, mas adotemos uma postura que te faça dominante a ti, não a mim.

Uma idéia encheu seu olhar.

-Não tem confiança em ti mesma.

-Não -pinjente.

-Então, confia em mim. Não te defraudarei.

-Prometido? -Pinjente.

Sorriu e me beijou na frente, de forma delicada, como se beija a um menino.

-Prometido.

Tomei a palavra.

Minhas mãos acabaram agarrando as frite varinhas de metal do travesseiro. O corpo do Roane me imobilizou na cama, com seu entrepierna encaixada em minhas nádegas. Era uma postura que lhe dava uma grande margem de controle e mantinha a maior parte de meu corpo afastado dele. Eu não podia lhe tocar. Havia muitas coisas que não podia fazer nessa postura, e por isso a tinha eleito. Uma atadura, era o mais seguro no que podia pensar, mas ao Roane não gostava do *bondage*. Além disso, os perigos reais não tinham nada que ver com as mãos ou os dentes ou um pouco puramente físico. As ataduras não teriam servido de nada, só me teriam recordado que devia ir com cuidado. Tinha muito medo de que em algum momento da confusão de poder e carne o esquecesse tudo exceto o prazer, e Roane sofreria por isso, e não me refiro a sofrer no bom sentido.

Quando me penetrou, soube que teria dificuldades. Ele dava medo, apoiava-se nas mãos para poder impulsionar-se e me penetrar com toda a força de suas costas e seus quadris. Tinha visto uma vez ao Roane colocar seu punho pela porta de um carro para desalentar a um assaltante. Era como se queria me atravessar. Observei algo que não tinha observado anteriormente. Roane pensava que eu era humano com sangue de duende, mas mesmo assim humana. Tinha sido tão cuidadoso comigo como eu o tinha sido com ele. A diferença era que eu tinha medo de que minha magia lhe prejudicasse, e ele tinha medo de sua força física. Essa noite não haveria reservas, os dois íamos atuar sem rede. Pela primeira vez, caí na conta de que poderia ser eu a ferida, não Roane. Não há nada como o sexo perigoso, e se acrescentávamos uma magia capaz de fundir nossa pele... Ia ser uma noite fantástica!

Seu corpo adquiriu um ritmo precipitado, entrando e saindo do meu; o som da carne que golpeava a carne cada vez que realizava um embate contra mim. Isto, isto era o que tinha desejado durante muito tempo. Tomou meu corpo, e senti a primeira quebra de onda de prazer. De repente, senti a preocupação de

que me fizesse chegar ao orgasmo antes de que a magia tivesse tempo de atuar.

Abri minha pele metafísica à medida que abria as pernas, mas em lugar de lhe deixar entrar, subi para ele. Abri sua aura, sua magia, do mesmo modo que ele antes me tinha baixado a cremalheira do vestido. Seu corpo começou a afundar-se no meu, não fisicamente, mas o efeito é surpreendentemente parecido. Vacilava com seu corpo dentro do meu, detinha-se. Podia sentir que seu pulso se acelerava, acelerava-se, e não por exercício físico mas sim por medo. Separou-se de mim por completo, e durante um estremeceador instante pensei que se deteria, que todo se deteria. Então me voltou a penetrar, e foi como se se entregasse totalmente a mim, a nós, de noite.

O âmbar e o brilho do claro de lua sobre nossas peles se expandiram até que nos convertemos em um núcleo de luz, de calor, de poder. Cada embate de seu corpo aumentava o poder. Cada contorção de meu corpo debaixo do seu desenhava a magia como um escudo a nosso redor, próximo e sufocante. Sabia que estava tentando lhe atrair para mim, não a seu órgão, a não ser a ele, igual a minha magia tentava bebê-lo completamente. Aferre-me com força às varinhas da cama até que o metal me feriu a pele e me fez voltar a pensar. Roane se desabou em cima de mim, de maneira que seu peito e seu abdômen se apoiaram em minhas costas, enquanto seu membro se abria passo entre minhas pernas. Roane não podia aplicar tanta potência desde esse ângulo, mas a magia flamejava entre nós com o contato de tanta pele. Nossos corpos se fundiram igual ao tinham feito nossas mãos anteriormente, e pude sentir como se afundava em minhas costas até que nossos corações se tocaram, palpitando juntos em uma dança mais íntima que nada que tivéssemos conhecido até então.

Nossos corações começaram a pulsar compassados, cada vez mais perto, até que seu ritmo foi idêntico e se confundiram em um só coração, um só corpo, um solo ser, e eu já não sabia onde acabava eu e onde começava Roane. Foi neste momento de quase perfeita união quando ouvi o mar pela primeira vez. Um murmúrio delicado de ondas na borda. Flutuava imaterial, sem forma, em um lugar de luz brilhante sem nada mais que o batimento do coração de nossos corações unidos para me fazer saber que ainda era carne e não pura magia. E neste lugar brilhante e sem forma, sem corpos que nos sustentaram, percebi o som apressado e transbordante da água. O som do oceano perseguia os batimentos do coração de nossos corações, enchendo aquele sítio brilhante. Nossos batimentos do coração se afundaram nas ondas. Afundamo-nos cada vez mais em um círculo de luz cegadora, sob a água, e não havia medo. Tínhamos chegado a casa. Estávamos rodeados de água por toda parte e podia sentir a pressão da profundidade como se fora a esmagar nossos corações, embora sabia que não o faria. Roane sabia. O pensamento, um pensamento separado, enviou-nos para a superfície do oceano invisível que nos agüentava. Tome consciencia do tremendo frio que fazia, e estava assustada, mas Roane não. Ele estava eufórico. Saímos à superfície, e embora sabia que ainda estávamos aprisionados na cama de seu apartamento, senti o golpe do ar na cara. Tomei uma grande quantidade de ar, e de repente me dava conta de que o mar estava quente. A água estava muito quente, mais quente que o sangue, tão quente que quase queimava.

De repente, voltava a ter consciência de meu corpo. Podia sentir o corpo do Roane dentro do meu. Mas a onda de água quente do oceano passava sobre

nós. Meus olhos me diziam que ainda estava na cama, com as mãos apoiadas no travesseiro, mas podia sentir o quente, muito quente redemoinho de água a nosso redor. O oceano invisível enchia a luz brilhante de nossos dois corpos mesclados como água em um aquário, o oceano sustentado por nosso poder como se fora cristal metafísico. Nossos corpos eram como a mecha de uma vela flutuante, apanhada na água e o cristal: fogo, água e carne. Logo começaram a ser mais reais, mais sólidos. A sensação de oceano invisível se desvaneceu pouco a pouco. A luz de nossas peles começou a ocultar-se de novo nos escudos cutâneos. Então se apoderou de nós o prazer, e o calor que tinha estado na água e na luz caiu sobre nós. Gritamos. O calor se converteu em sufoco, e me encheu, derramou-se por minha pele, por minhas mãos. Saíram sons de minha boca, muito primitivos para ser gritos. O corpo do Roane se inclinou para o meu, e a magia sustentou aos dois, prolongando o orgasmo até que senti que o metal da cama começava a derreter-se entre minhas mãos. Roane chiou, e não se tratava de um grito de prazer. Finalmente estávamos livres. Separou-se de mim, e lhe ouvi cair no chão. Dava-me a volta na cama.

Roane estava recostado de lado, com uma mão levantada para mim. Tive uma vislumbre de seu rosto, os olhos grandes e aterrados, antes de que começasse a crescer cabelo naquela cara, e Roane se ovillara sob um montão de pele suave.

Sentei-me na cama, a seu lado, consciente de que não podia fazer nada. Então se viu uma foca no chão. Uma foca grande, de pelagem avermelhada, que me olhava com os olhos castanhos do Roane. Quão único pude fazer foi olhar. Não houve palavras.

A foca se moveu torpemente para a cama, e então uma costura que não estava ali antes se abriu na parte dianteira do animal e Roane saiu arrastando-se. Levantou-se, sujeitando a nova pele em seus braços. Olhou-me, com um olhar de leve assombro. Estava chorando, mas não acredito que soubesse.

Aproximei-me dele e toquei sua pele, toquei-o a ele, como se nenhum dos dois fora real. Abracei-o, e minhas mãos sentiram que suas costas estava completa, intacta, com uma pele tão suave e perfeita como o resto de seu ser. As cicatrizes tinham desaparecido.

Voltou-se a pôr a pele antes de que eu fora capaz de encontrar palavras. A foca me olhava, movendo-se pela habitação com movimentos torpes, quase reptando, e então Roane saiu de novo da pele. Voltou-se para mim e estalou em uma gargalhada.

Me agarrando pelas coxas, levantou-me por cima de sua cabeça, e cobriu aos duas com a pele de foca. Dançamos pela habitação rendo, apesar de que as lágrimas ainda não lhe tinham secado. Eu também ria e chorava de uma vez.

Roane se desabou na cama, me arrastando a mim, ambos sobre a pele de foca. De repente, senti-me muito cansada, terrivelmente cansada. Precisava tomar banho e sair. Já não brilhava. Estava virtualmente segura de que poderia voltar a produzir encanto, mas era incapaz de manter os olhos abertos. Só me tinha embebedado uma vez em minha vida, e me tinha cansado redonda. Isso era o que me acontecia nesse momento. Estava a ponto de perder o conhecimento por causa das Lágrimas do Branwyn, ou possivelmente só por excesso de magia.

Dormimos abraçados com a pele enrolada ao redor de nós. Quão último pensei antes de entrar em um sonho muito mais profundo do habitual não tinha

nada que ver com minha segurança. A pele estava quente, tão quente como os braços do Roane a meu redor, e sabia que a pele estava muito viva, igual a qualquer parte dele. Abandonei-me à escuridão me sentindo abraçada entre partes da calidez do Roane, da magia do Roane, do amor do Roane.

Uma voz dizia com doçura “Merry Merry”. Uma mão me acariciou a bochecha e me arrumou o cabelo. Voltei-me e abri os olhos. Mas o abajur estava aceso, e durante um instante fiquei deslumbrada. Levantei a mão para tampar os olhos e me coloquei de lado, escondendo a cara no travesseiro.

-Apaga a luz- consegui dizer.

Senti que a cama se movia, um segundo mais tarde tinha desaparecido o halo de brilho de debaixo do travesseiro. Elevei a cabeça e senti o quarto em uma escuridão quase perfeita. Era quase de madrugada quando Roane e eu dormimos. Teria que ter havido luz lá fora. Incorporei-me para inspecionar o quarto escuro. De algum jeito, não me surpreendeu que Jeremy estivesse perto do interruptor. Não me preocupei com o Roane. Sabia que estava no oceano, com sua nova pele. Não tinha me deixado desprotegida, mas tinha me deixado. Possivelmente este fato deveria ter ferido meus sentimentos, mas não foi assim. Havia - devolvido ao Roane seu primeiro amor, o mar.

Há um dito antigo: não te interponha nunca entre um duende e sua magia. Roane estava nos braços de sua amada, e não era eu. Possivelmente não voltaríamos a nos ver nunca mais, e ele não havia me dito adeus. Mas sabia que se alguma vez necessitasse de algo que pudesse me dar, não tinha mais que baixar ao mar e lhe chamar. Mas não podia me dar amor. Eu amava o Roane, mas por fortuna não estava apaixonada por ele.

Ajoelhei-me nua nos lençóis enrugados, olhando pelas janelas negras.

-Quanto tempo estivemos dormindo?

-São oito da noite da sexta-feira.

Saltei da cama e me pus de pé.

-OH, Meu deus.

-Suponho que isso significa que não é nada bom que siga na cidade agora que já obscureceu.

Olhei-o. Estava de pé perto da porta, com a luz acesa. Era difícil dizer na escuridão, mas parecia vestido com um de seus trajes habituais, com uma feitura impecável, tão elegante como sempre. Mas havia uma tensão latente nele, porque queria dizer outras coisas, coisas mais diretas, ou possivelmente já sabia algo. Algo mau.

-O que aconteceu?

-Ainda nada -disse.

Olhei para ele.

-O que acha que acontecerá? - Não podia conter a suspeita de minha voz.

Jeremy se pôs-se a rir.

Não se preocupe, não tenho feito nenhuma ligação, mas estou seguro de que nestes momentos a polícia sim o tem feito. Não sei por que estiveste escondida durante todo este tempo, mas se te esconde do *sluagh*, o *Hóspede*, terá muitos problemas.

Sluagh era uma forma depreciativa de chamar as fadas menores da Escuridão. O *Hóspede* era o termo delicado. Primeiro vinha o termo depreciativo, a delicadeza era um pensamento secundário. OH, bom. Só outro membro da corte da Escuridão podia dizer *sluagh* sem que fosse um insulto mortal.

-Sou uma princesa da Escuridão. Por que deveria me esconder delas?

Apoiou-se na parede.

-Esta é a questão, não?

Inclusive através da escuridão podia sentir o peso e a intensidade de seu olhar. Era grosseiro que um duende interrogasse a outro com perguntas diretas, mas, vá, ele tinha vontade de perguntar. As perguntas não formuladas se apalpavam no ar.

-Seija uma boa garota e te coloque na ducha. - Elevou uma bolsa que tinha a seus pés. Trouxe-te roupa. Ringo e Uther esperam aqui embaixo, na caminhonete. Te levaremos ao aeroporto.

-Me ajudar pode ser muito perigoso, Jeremy.

-Então, ande pressa.

-Não tenho aqui o passaporte.

Atirou na cama um pacote de papel dobrado. Era o que estava debaixo do assento de meu carro. Havia trazido minha nova identidade.

-Como sabia?

-Estiveste te escondendo das autoridades humanas, de sua... Família e seus esbirros durante três anos. Não é tola. Sabia que lhe encontrariam, e por isso tinha um plano para te proteger. A próxima vez que esconder papéis secretos escolha outro lugar. Foi um dos primeiros lugares onde olhei.

Observei o pacote, e depois a ele.

-Isto não é quão era a única coisa que havia debaixo do assento.

Jeremy abriu a jaqueta como um modelo na passarela, mostrando a delicada linha de sua camisa e gravata, mas o que em realidade exibia era a arma escondida no cóis da calça. Só era uma sombra recortada sobre a palidez de sua camisa, mas intuí que se tratava de uma LadySmith de nove milímetros, porque era minha arma. Tirou outro carregador de um bolso.

-As caixa de munições está na bolsa da roupa.-Colocou a arma em cima do pacote e retrocedeu até os pés da cama.

-Parece nervoso, Jeremy.

-Não teria que estar?

-Nervoso comigo. Não pensei que te impressionasse a realeza. -Olhei-o nos olhos e tentei sem êxito descobrir que era o que estava ocultando.

Jeremy levantou a mão esquerda.

-Tão somente te direi que as Lágrimas do Branwyn duram muito. Tome banho.

-Já não sinto o poder do feitiço.

-Melhor para você, mas confie em mim com relação ao banho. Olhei-lhe.

-Está te incomodando me ver nua.

Ele assentiu.

-Peço-te desculpas, mas essa é a razão pela que Ringo e Uther estão lá embaixo na caminhonete. Só é por precaução.

Sorri, e me assaltou o desejo de me aproximar dele, de reduzir essa distância de segurança que ele tinha estabelecido. Não queria o Jeremy desse modo, mas a urgência de ver até que ponto podia lhe atrair era um escuro pensamento que me espreitava. Tratava-se dos restos da necessidade da noite passada, ou as Lágrimas ainda me afetavam mais do que me dava conta? Não voltei a pensar nisso. Simplesmente dei a volta e caminhei para o banheiro. Uma ducha rápida e logo estaríamos no caminho do aeroporto.

Vinte minutos mais tarde já estava preparada, embora meu cabelo ainda estava úmido. Estava vestida com calças, jaqueta azul marinho e uma blusa de

seda cor verde esmeralda. Jeremy também tinha escolhido um par de sapatos negros de salto alto e tinha incluído umas meias 7/8. Dado que não tinha nenhum outro tipo de meias, não importava muito. Mas o resto...

-A próxima vez me escolha roupa para sair correndo, e não se esqueça dos tênis de esporte. Os sapatos, embora sejam de salto baixo, não são feitos para isto.

-Nunca tive problemas por usar sapatos -disse.

Estava se reclinando em uma das cadeiras da cozinha de encosto duro. Fazia com que a cadeira parecesse cômoda, e tinha um aspecto gracioso quando se jogava para trás nela. Jeremy controlava muito a situação e me recordava a postura de um gato. Mas foi esse animal o que me passou pela cabeça quando o vi esticar-se na cadeira. Com a diferença de que os gatos não posam. Jeremy estava posando e tentava mostrar-se depravado.

-Sinto ter esquecido suas lentes de contato marrons, embora não acredito que isto seja um problema. Eu gosto dos olhos de cor verde jade. Combinam com a blusa, mas são muito humanos. Embora eu tivesse deixado o cabelo mais vermelho e um pouco menos mogno.

-O cabelo vermelho destaca inclusive quando se está em meio de uma multidão. Supõe-se que o encanto é para ajudar a esconder, não a destacar.

-Conheço muitas duendes que usam o encanto só para chamar a atenção, para ser mais bonitas, mais exóticas.

Encolhi-me de ombros.

-Esse é seu problema. Não preciso fazer propaganda. Levantou-se.

-Em todo este tempo não tinha imaginado que fosse uma sidhe. Pensei que fosse uma fada, uma verdadeira fada, e que se escondia por algum motivo, mas nunca imaginei a verdade.

Separou-se da mesa, com os braços presos ao corpo. Percebia nele uma tensão muito presente desde que tinha acordado.

-Isto te incomoda, verdade? – eu disse.

Ele assentiu.

-Sou um grande mago. Deveria ter observado através da ilusão. Ou acaso é melhor maga que eu, Merry? Também ocultaste você magia? - Pela primeira vez senti que o poder crescia a seu redor. Possivelmente não fora mais que um escudo, embora também podia ser o início de outra coisa.

Situei-me frente a ele, com os pés separados e as mãos nos quadris, imitando sua imagem como em um espelho. Convoquei meu próprio poder, lentamente, com cuidado. Se fossêmos pistoleiros, ele já teria sacado sua arma. Eu ainda tratava de manter a arma na cartucheira. Pensará que depois de todo este tempo já não confio em ninguém, mas o certo é que não podia acreditar que Jeremy fosse meu inimigo.

-Não temos tempo para isto, Jeremy.

-Pensei que poderia te tratar como se não tivesse mudado nada, mas não posso. Tenho que saber.

-Saber o quê, Jeremy?

-Quero saber quanto dos últimos três anos foi uma mentira.

Senti que o poder tomava fôlego em torno dele, que preenchia sua aura. Estava convocando uma grande quantidade de poder em seus escudos.

Meus escudos sempre permaneciam em seu lugar, carregados. Era um reflexo em mim, um pouco tão automático que a maioria da gente, inclusive a mais sensível, confundia meu escudo com meu nível normal de poder. Eu

enfrentava o Jeremy com os escudos a pleno poder. Não tinha nada que acrescentar, era um fato que meu escudo era melhor que o seu. Meus feitiços ofensivos, em troca..., Bom, tinha visto o Jeremy exercendo magia e sabia que embora ele nunca poderia penetrar meus escudos, eu nunca poderia lhe ferir magicamente. Esperava não ter que comprovar nada de tudo isto.

-Vai me levar ao aeroporto ou mudou de opinião enquanto eu estava no banho?

-Vou te levar -disse.

A maioria dos sidhe podem ver magia nas cores ou as formas, mas eu nunca tinha conseguido. Entretanto, sou capaz de senti-lo e Jeremy estava carregando o ambiente com toda a energia que vertia em seus escudos.

-Então o que é essa viagem de poder?

-Você é uma sidhe. Uma sidhe da Escuridão. Só está um grau por cima de um sluagh. – O sotaque das Terras Altas se fazia patente nas frases do Jeremy. Nunca antes tinha o visto perder seu sotaque americano, de algum lugar indeterminável. Punha-me nervosa porque muitos sidhe estão orgulhosos de conservar seus sotaques originais, sejam de onde forem.

-E o que pretende? -Mas tinha o pressentimento de que sabia aonde queria chegar. Quase tivesse preferido uma batalha.

-A Escuridão se desenvolve no engano. Não terá que lhes acreditar.

-Não mereço confiança, Jeremy? Três anos de amizade representam menos para ti que velhas histórias?

Um pensamento amargo lhe cruzou pelo rosto.

-Não são histórias. -E seu sotaque se voltou a reforçar-. Jogaram-me pequeno da terra do Trow. A corte da Luz não se dignaria a aceitar um trow, mas a corte da Escuridão admite a todo mundo.

Sorri antes de poder me conter.

-Não a todo mundo. - Não acredito que Jeremy sentiu o sarcasmo.

-Não, não a todo mundo.

Estava tão zangado que suas mãos começaram a tremer levemente. Eu estava a ponto de pagar por uma ofensa cometida centenas de anos antes. Não seria a primeira vez e provavelmente, tampouco a última, mas mesmo assim me chateava. Não tínhamos tempo para seu chique, e menos para um dos meus.

-Sinto que meus antepassados abusaram de ti, Jeremy, mas isso foi antes de que eu nascesse. A corte da Escuridão teve um porta-voz durante a maior parte de minha vida.

-Para difundir as mentiras -disse em um tom gutural.

-Quer comparar cicatrizes? Levantei-me a blusa e lhe mostrei o rastro de uma mão marcada em minhas costelas.

-É uma ilusão -disse, mas soava duvidoso.

-Pode tocar se quiser. O encanto engana a vista, mas não o tato de outro elfo.

Isto era, no máximo, uma verdade parcial, porque eu podia utilizar o encanto para enganar qualquer sentido, inclusive o de outro elfo, mas não era uma habilidade comum, nem sequer entre as sidhe, e confiava que Jeremy acreditasse. Em ocasiões, uma mentira plausível surte efeito com mais rapidez que uma verdade não desejada.

Se aproximou lentamente, com semblante receoso. Encolhia-me o peito ver este olhar na cara do Jeremy. Olhou a cicatriz, mas estava longe para tocá-la.

Sabia que a magia pessoal mais capitalista de uma sidhe se ativava com o contato, o qual revelava um conhecimento das sidhe maior do que lhe supunha.

Suspirei e me enlacei os dedos em cima da cabeça. A camisa se deslizou para baixo e cobriu a cicatriz, mas supus que Jererny podia levantar a minha roupa. Continuou me olhando enquanto se aproximava até que fiquei ao alcance de seu braço. Tocou a seda verde, mas me olhou muito tempo nos olhos antes de levantá-la, como se estivesse tentando ler meus pensamentos. Mas minha cara tinha recuperado esse ar familiar, educado, ligeiramente aborrecido e vazio que tinha aperfeiçoado na corte. Podia contemplar como era torturado um amigo ou atirar uma punhalada em alguém com o mesmo olhar impávido. Não se pode sobreviver na corte se sua cara revelar seus sentimentos.

Jeremy levantou o tecido muito devagar, sem apartar nunca sua vista de minha cara. Finalmente, teve que baixar o olhar, e eu me esforcei em não fazer o menor movimento. Detestava que Jeremy Grei, meu amigo e chefe, me tratasse como uma pessoa muito perigosa. Se soubesse quão inofensiva era.

Pôs seus dedos sobre minha pele ligeiramente áspera.

-Há mais cicatrize em minhas costas, mas acabo de me vestir, de maneira que se não se importa, até aqui está bom.

-Por que não as vi quando estava nua ou quando lhe esconderam o microfone?

-Não quero que as vejam, mas não me incomodo em esconder quando estou vestida.

-Não esbanje nunca energia mágica – disse, como se comentasse a si mesmo. Sacudiu a cabeça, como se estivesse ouvindo algo que eu não podia escutar. Olhou-me desconcertado-. Não temos tempo para estar aqui de pé discutindo, não?

-Eu já não disse isso?

-Merda -disse-. É um feitiço de descontente, desconfiança, discórdia. Significa que eles estão vindo agora. -E o medo invadiu seu rosto.

-Poderiam estar a muitos quilômetros de distância, Jeremy.

-Ou estar na porta -disse.

Tinha razão. Se estavam ali fora, seria preferível chamar à polícia e esperar. Não podia assegurar que não houvesse meninos maus da corte da Escuridão à espreita, mas estava convencida de que se chamava o detetive Alvera e lhe dizia que a princesa Meredith estava a ponto de ser assassinada em sua jurisdição, enviaria-me ajuda.

Mas se podia, preferia sair. Precisava saber quem estava por perto.

Jeremy me olhava de forma estranha.

-No que está pensando?

-O *Hóspede* não está visível para os sidhes, salvo um ou dois enviados para dirigir a partida de caça. Faz parte do horror da perseguição. Se os sidhe não quiserem que os encontre provavelmente não possa fazê-lo, mas posso encontrar o resto.

Jeremy não discutiu. Não perguntou se eu podia fazer, ou se era seguro. Simplesmente, aceitou. Já não se comportava como meu chefe. Era a princesa Meredith NicEssus, e se dizia que podia encontrar a *Hóspede* em plena noite, acreditava em mim. Nunca teria acreditado em Merry Gentry, sem provas.

Lancei minha força, conservando os escudos em seu lugar, mas estendendo meu círculo de poder. Era perigoso, porque se estavam em cima de nós, bastaria-lhes esta abertura para me vencer, mas era a única maneira de saber o quão perto estavam. Senti ao Uther e ao Ringo fora, senti seus corpos, sua magia. Percebi a força do mar e um repico para a terra, a magia de todos os seres vivos, mas nada mais. Estendi meu poder cada vez mais, quilômetro a quilômetro, e não havia nada, até que, quase ao limite de minhas possibilidades, algo pressionava o ar como uma tormenta que avançava para mim, mas não era uma tormenta, ou ao menos não era uma tormenta de vento e chuva. Estava muito longe para obter uma percepção clara de que misteriosas criaturas acompanhavam os sidhe, mas era suficiente. Tínhamos bastante tempo.

Voltei-me novamente a meus escudos, me aferrando a eles.

-Estão a vários quilômetros.

-Então, como fizeram o feitiço de desacordo?

-Minha tia poderia sussurrá-lo no vento da noite e mesmo assim alcançaria seu objetivo.

-De Illinois?

-Demoraria um dia ou três, mas sim, de Illinois. Mas não esteja tão preocupado. Nunca se sujaria as mãos pessoalmente com trabalhos de mensageiro. Possivelmente me queira ver morta, mas não a distância. Quer me dar um castigo exemplar, e para isso precisarão me levar pra casa.

-Com quanto tempo contamos?

Neguei a cabeça.

-Uma hora, possivelmente duas.

-Então, chegaremos a tempo ao aeroporto. Te tirar da cidade é o única coisa que posso oferecer. Um mago sidhe, um que nem sequer estava ali, afastou-me da casa do Alistair Norton. Não posso romper a magia de sidhe, e isso significa que não vou poder te ajudar.

-Você enviou as aranhas através do amparo que havia na casa do Norton. Recomendou-me esconder debaixo da cama. Fez bem.

Olhou-me de forma estranha.

-Pensei que você tinha fabricado as aranhas. Nos olhamo um para o outro por um momento.

-Não fui eu – eu disse.

-Eu tampouco -disse em voz baixa.

-Sei que é um clichê, mas se não foi você e tampouco fui eu...

-Uther não é capaz de algo assim.

-Roane não pratica magia ativa – eu disse. De repente, senti frio, e não tinha nada a ver com a temperatura. Um de nós tinha que dizê-lo em voz alta-. Então quem foi? Quem me salvou?

Jeremy sacudiu a cabeça.

-Não sei. Às vezes, a corte da Escuridão pode te proteger antes de te destroçar.

-Não acredite em todas as histórias que lhe contam, Jeremy.

-Não é uma história.

A ira que se filtrava nestas simples palavras as faziam grosseiras. De repente, dava-me conta de quão assustado estava Jeremy. A ira era um escudo do medo. Todas as reações do Jeremy tinham um gosto pessoal. Não

se tratava de um medo genérico, mas sim de um medo concreto, apoiado em algo além das histórias ou lendas.

-Tiveste contato com o Hóspede?

Assentiu e abriu a porta.

-Possivelmente só tenhamos uma hora. Vamos embora daqui.

Apoiei-me na porta e lhe impedi que a abrisse.

-Isto é importante, Jeremy. Se tiver sido escravo de uma delas, então esta sidhe terá... Poder sobre você. Preciso saber o que aconteceu.

Então fez algo que eu não esperava. Começou a desabotoar a camisa.

Arqueei as sobrancelhas.

-Não estarão lhe afetando ainda as Lágrimas do Branwyn? Então, sorriu. Não era seu sorriso habitual, mas mesmo assim supunha uma melhora.

-Uma vez, fui protegido por um membro do Hóspede. -Apertou-se a gravata e o pescoço da camisa, mas desabotoou os botões, tirou a jaqueta, colocou-a sobre um braço, e se virou. -Me levante a camisa.

Não queria levantar sua camisa. Sabia do que eram capazes meus familiares quando têm criatividade. Havia muitas possibilidades horríveis e não desejava ver nenhuma delas marcada na pele do Jeremy. Mas levantei o tecido cinza porque tinha que saber. Não gritei porque estava preparada. Chiar era um excesso.

Suas costas estava coberta de cicatrizes de queimaduras, como se alguém o tivesse marcado com fogo uma e outra vez. Com exceção de que a marca tinha a forma de uma mão. Toquei suas cicatrizes, igual a dele que havia meio doído as minhas. Comecei a colocar minha mão sobre uma das marcas de mão, então duvidei e lhe adverti.

-Quero colocar minha mão sobre uma das cicatrizes para ver seu tamanho.

Assentiu.

A mão era muito maior que a minha, muito maior que a marca de meu próprio corpo. Era uma mão de homem, com uns dedos mais grossos que os da maioria de sidhe.

-Sabe o nome de quem lhe fez isso?

-Tamlyn -disse. Parecia incômodo, e tinha que estar.

Tamlyn era o nome mais habitual dos elfos. Tamlyn, junto ao Robin Goodfellow e duas ou três mais eram as típicas identidades falsas quando tinha que esconder meu nome verdadeiro.

-Tinha que ser muito jovem para não suspeitar nada quando te impôs este nome –eu disse.

Ele assentiu.

-Era.

-Posso comprovar sua aura?

Sorriu-me por cima do ombro. O movimento lhe enrugou a pele das costas, fazendo que as cicatrizes desenhasssem formas.

-Aura é uma palavra nova. Os duendes não a utilizam.

-Poder pessoal, então – eu disse, mas meu olhar estava fixo em suas costas. Levantei-lhe a camisa até os ombros. -Estava amarrado quando lhe fizeram isto?

-Sim, por quê?

-Pode colocar as mãos na postura em que foram atadas?

Respirou como se queria perguntar porquê, mas finalmente se limitou a levantar as mãos sobre a cabeça e apoiou o corpo na porta. Levantou os

braços até que estivessem o mais estendidos possível, ligeiramente separados de seu corpo até formar uma Y. A camisa tinha voltado para seu lugar e tive que levantá-la novamente. Mas quando o fiz, vi o que pensei que veria. As queimaduras em forma de mão tinham formado um desenho. Era a imagem de um dragão, ou possivelmente, mais exatamente, de um wyrm, comprido e em forma de serpente. Tinha uma vaga forma oriental por causa da forma de mão, mas era sem dúvida um dragão. Não obstante as queimaduras só formavam o desenho se Jeremy estava exatamente na mesma postura de quando foi torturado. Quando baixava os braços, a pele se separava e só ficaram cicatrizes.

-Pode baixar os braços –eu disse.

O fez e ao mesmo tempo se voltou para me olhar. Começou a ajeitar a camisa. Não acredito que fosse consciente do que estava fazendo.

-Tá com uma cara ruim. O que viu nas cicatrizes que ninguém mais viu?

-Não ponha a camisa, ainda não, Jeremy. Tenho que colocar um amparo em suas costas.

-O que viu, Merry? -Deixou de abotoar a camisa, mas não a tirou para mim.

Neguei com a cabeça. Jeremy tinha tido estas cicatrizes durante centenas de anos e nunca tinha sabido que um sidhe tinha jogado um pouco com sua carne. O ato revelava um grande desprezo pela vítima, uma crueldade insuportável. É obvio, poderia ser muito prático: crueldade com intenção. O sidhe, quem quer que fosse, podia ter colocado um feitiço sobre as queimaduras. Poderia fazer sair um dragão das costas do Jeremy ou convertê-lo em um. Ou possivelmente não, mas mais valia assegurar-se.

-Deixa que te proteja as costas, na caminhonete lhe explicarei isso.

-Tem tempo? -Perguntou.

-Claro. Tire a camisa para que as queimaduras fiquem ao descoberto.

Olhou-me como se não acreditasse, mas quando lhe pus de cara à porta, não se queixou e levantou a camisa de seda para que eu pudesse trabalhar.

Concentrei poder em minhas mãos como se sustentasse o calor nas Palmas. Abri as mãos lentamente, com as Palmas viradas para as costas nua do Jeremy. Coloquei as mãos quase roçando sua pele e o calor tremente acariciou as costas do Jeremy e lhe produziu um calafrio.

-Que runas utiliza? -Perguntou, inquieto.

-Não utilizo –eu disse. Pulverizei aquele poder quente pelas cicatrizes de suas costas.

Começou a se virar.

-Não te mova.

-O que quer dizer com ‘não utiliza runas’? Que outras coisas pode usar?

Tive que me ajoelhar para me assegurar de que o poder cobria cada cicatriz. Quando estive assegurada de que tudo estava coberto, selei-o, visualizando o poder como uma capa de luz amarela brilhante sobre sua pele. Selei os extremos desse brilho para ajustá-la a sua pele, como um escudo.

Jeremy respirava com dificuldade.

-O que utiliza, Merry?

-Magia – eu disse, e me levantei.

-Posso baixar a camisa?

-Sim.

A seda cinza caiu em seu lugar, e o amparo era tão sólido que senti que a camisa ficava avultada pela magia, embora não era assim. A seda se pegou a

suas costas como se não lhe tivesse feito nada, mas nunca duvidei de que tinha feito bem meu trabalho.

Começou a colocar a camisa por dentro da calça, antes inclusive de voltar-se para mim.

-Usaste só sua magia pessoal para isto?

-Sim.

-Por que não utiliza runas? Contribuiriam a potencializar sua magia.

-Muitas runas são em realidade antigos símbolos de deidades ou criaturas esquecidas faz tempo. Quem sabe? Poderia invocar ao mesmo sidhe que te fez mal. Não posso correr esse risco. Jeremy ficou a americana e se arrumou a gravata.

-Agora me conte o que é o que te assustou das cicatrizes de minhas costas. Abriu a porta do apartamento.

-No caminho à caminhonete. -Saí ao patamar sem lhe dar tempo a protestar. Tínhamos perdido muito tempo, mas precisava proteger suas costas. Nossos sapatos repicavam nos degraus.

-O que era, Merry?

-Um dragão. Em realidade, um wyrm porque não tinha patas.

-Teve uma visão nas cicatrizes?

Abriu-me a porta da rua, como sempre. Tirei a arma de minhas costas a destravei.

-Pensei que o Hóspede estava longe -disse Jeremy.

-Só um sidhe poderia se esconder de mim. -Mantinha a arma apontada para baixo, de forma que resultasse pouco visível-. Não voltarão a me levar pra lá, Jeremy. Custe o que custar.

Pus-me a andar em meio de uma suave noite antes de que ele pudesse dizer nada. Muitos elfos, especialmente os sidhe, consideravam que usar armas modernas era fazer armadilha. Não havia nenhuma norma escrita contra o uso de pistolas, mas mesmo assim se considerava incorreto, a não ser que fosse membro do guarda de elite da rainha ou do príncipe. Tinham que levar armas para proteger aos membros da realeza. Bom, eu era um membro da realeza, um membro exilado, mas mesmo assim real, mesmo que se outros gostassem ou não. Não tinha nenhum guarda que me protegesse, de maneira que o faria eu mesma. Ao preço que fosse.

A noite nunca era verdadeiramente escura em Los Angeles: havia muita luz elétrica, muita gente. Procurei uma figura solitária oculta na penumbra. Busquei-a com os olhos e estabelecendo um círculo de energia em torno de nós enquanto avançávamos para a caminhonete. Havia gente nas outras casas. Podia-lhes sentir movendo-se, vibrando. Um grupo de gaivotas sobrevoava um dos telhados, meio dormidas, revoando em sinal de protesto ao notar que minha magia se deslocava sobre elas. Havia uma festa na praia. Percebia como se elevava a energia, a tensão, o medo, mas era um medo normal; devo fazê-lo ou não devo fazê-lo?, É seguro? Não havia nada mais, à exceção da presença permanente da energia do mar quando me achava perto da costa. Convertia-se em uma espécie de ruído branco, em algo ao que não se nota, mas não deixava de estar ali. Roane estava em alguma parte desse poder puxador. Esperava que estivesse passando bem. Sabia que eu não.

Abriu-se a porta da caminhonete e vi o Uther agachado na penumbra. Estendeu-me a mão e eu estirei meu braço esquerdo. Sua mão agarrou a minha e me atirou no interior da caminhonete. Fechou a porta.

Ringo me olhou por cima do assento do condutor. Quase não cabia nele, com toda aquela musculatura, aqueles largos braços e aquele peito imenso aprisionados em um assento construído para humanos. Ele sorriu mostrando uma boca de dentes afiados como os de um lobo. A cara era um pouco alargada para deixar lugar para os dentes, o qual desproporcionava com o resto de seu rosto, mais humano. Os dentes apareciam por cima de sua pele marrom. Ringo tinha formado parte de uma gangue de bairro. Um dia um grupo de sidhe da corte da Luz se perderam no mais profundo e escuro de Los Angeles. Encontraram-se com uns gangueiros: a máxima expressão da interação cultural. Os sidhe levaram a pior parte na batalha. É difícil saber o que aconteceu. Talvez fossem muito arrogantes para lutar contra um grupo de gangueiros. Possivelmente os adolescentes eram muito piores do que se imaginaram os visitantes reais. O caso é que estavam perdendo a briga até que um dos membros da turma teve uma idéia brilhante. Trocou de bando com a condição de que se cumprisse seu desejo.

Os sidhe estiveram de acordo, e Ringo matou a seus companheiros de turma. Seu desejo era ser um elfo. Os sidhe lhe tinham dado sua palavra de honra de que lhe concederiam este desejo e não podiam voltar atrás. Para converter a um humano pleno em duende parcial, terá que derramar nele um pouco de magia, puro poder, e é a vontade ou o desejo humano o que determina a forma dessa magia. Ringo tinha uns quatorze anos quando isto aconteceu. Possivelmente pretendia mostrar-se feroz, aterrador, ser o maior filho de puta do bairro, e assim a magia lhe tinha concedido seu desejo. Segundo os padrões humanos, era um monstro. Segundo os dos sidhe, o mesmo. Segundo as medidas de duende, era simplesmente mais um da turma.

Não sei por que motivo Ringo deixou as gangues. Possivelmente lhe deslumbraram. Possivelmente alcançou a sabedoria. Quando lhe conheci, já levava muitos anos sendo um cidadão exemplar. Estava casado com a mesma mulher e tinha três filhos. Estava especializado no trabalho de guarda-costas e trabalhava para muitas celebridades que só procuravam a companhia de uma imagem exótica e musculosa. Um trabalho fácil e sem grande perigo, e com a oportunidade de manter contato com as estrelas. Não estava mal para o filho de uma yonki de quinze anos e de pai desconhecido. Ringo guarda no escritório uma foto de sua mãe à idade de treze anos. Tem olhos brilhantes e aparece bonita e bem penteada, com toda a vida por diante. No ano seguinte, já se drogava e morreu de overdose aos dezessete. Não tem fotos de sua mãe maior de treze anos, nem em seu escritório nem em sua casa. É como se, para o Ringo, tudo fosse irrereal depois daquilo, como se não fosse sua mãe.

Sua filha maior, Amira, tem um aspecto misterioso como nessa foto. Não acredito que tivesse sobrevivido se a tivesse descoberto drogando-se. Ringo diz que drogar-se é pior que a morte, e estou convencida de que ele acredita nisso.

Nenhum dos dois se impressionou com a arma quando a coloquei na cintura. Possivelmente estavam com o Jeremy quando encontrou a arma e os papéis.

Jeremy se sentou no assento do acompanhante.

-Vamos para o aeroporto.

Foi tudo o que disse. Ringo arrancou o carro e fomos.

A parte de atrás da caminhonete estava vazia salvo por um carpete e um cinto de segurança adaptado que Jeremy tinha instalado em um lado. Era o assento do Uther. Comecei a me arrastar até a fila central, mas Uther me tocou o braço.

-Jeremy diz que se se sinta comigo, minha aura servirá para cobrir a tua e confundirá a seus perseguidores.

Pronunciava cada palavra com supremo cuidado, porque embora as presas se sobressaíam da boca, não eram mais que dente modificados do interior de sua cavidade bucal, com o qual tinha certa tendência a não falar claro. Tinha trabalhado com um dos logopedas mais conhecidos de Hollywood, para aprender a falar como seu professor universitário do Meio Oeste. Isto não quadrava com um rosto que era mais de javali que humano. Uma vez, nos deprimiu uma cliente quando lhe falou pela primeira vez. Sempre é divertido assustar aos humanos.

Olhei ao Jeremy, e ele assentiu.

-Pode que eu seja melhor mago, mas Uther sempre está envolto nessa energia mais velha que Deus. Acredito que isso lhes despistará.

Era uma idéia tão singela como genial.

-Vá, Jeremy, sabia que havia algum motivo para que fosse o chefe.

Sorriu-me, e depois se dirigiu ao Ringo.

-Agarra todo reto pela Sepúlveda até o aeroporto.

-A1 menos a esta hora não há tráfico -disse Ringo.

Sentei-me na parte traseira da caminhonete, ao lado do Uther. A caminhonete girou na Sepúlveda muito depressa, e Uther teve que me agarrar para que não caísse. Seus enormes braços me apertavam contra ele, me atraindo para um peito quase tão grande como todo meu corpo. Inclusive com meus escudos em seu sítio, era um ser grande, quente, vibrante. Tinha conhecido a outros elfos que não tinham nenhum tipo de magia, só o mais singelo dos encantos, mas eram tão velhos e tinham vivido com tanta magia ao redor ao longo de suas vidas que era como se tivessem absorvido o poder em cada poro de sua pele. Nem tão sequer um sidhe poderia me encontrar nos braços do Uther. Sentiriam a ele, não a mim. A1 menos ao princípio.

Relaxe-me apoiada no amplo peito do Uther, na cálida firmeza de seus braços. Não sei o que havia nele, mas sempre me fazia sentir segura. Não era só sua envergadura. Era Uther. Transmitia calma, como um fogo ao que alguém se aproxima na escuridão.

Jeremy se voltou em seu assento, tudo o que lhe permitia o cinturão. O movimento lhe enrugou o traje, o qual significava que se dispunha a dizer algo sério.

-Por que protegeu minhas costas, Merry?

-O que? -Disse Uther.

Jeremy se desfez rapidamente da pergunta.

-Tinha uma antiga ferida de sidhe nas costas. Merry pôs um amparo nela e quero saber por que.

-É insistente -pinjente.

-Diga-me isso Suspiré, colocando los brazos de Uther a mi alrededor como una manta.

Suspirei, colocando os braços do Uther a meu redor como uma manta.

-É possível que o sidhe que te feriu invoque ao dragão de suas costas ou te obrigue a te converter em um.

Os olhos do Jeremy se abriram.

-Pode fazê-lo?

-Eu não, mas não sou uma sidhe puro-sangue. Vi fazer coisas similares.

-Agüentará o amparo?

Tivesse-me gostado de poder dizer que sim, mas teria sido uma mentira.

-Agüentará um tempo, mas se estiver aqui o sidhe que fez o feitiço pode ser o suficientemente capitalista para romper minha magia, ou simplesmente golpear o amparo com seu próprio poder até quebrá-la. As possibilidades de que o mesmo sidhe me esteja perseguindo agora são muito escassas, Jeremy, mas não podia permitir que me ajudasse sem te proteger.

-Só no caso de -disse.

Assenti.

-Isso.

-Era muito jovem quando me fizeram isto, Merry. Agora poderia me cuidar sozinho.

-É um mago poderoso, mas não um sidhe.

-De verdade é algo tão diferente? -Perguntou.

-Sim.

Jeremy se calou e se voltou para ajudar ao Ringo a encontrar o caminho mais rápido para o aeroporto.

-Está tensa -comentou Uther.

Sorri-lhe.

-E te surpreende?

Sorriu, com aquela boca tão humana debaixo do osso curvado das presas, o focinho de porco. Era como se uma parte de sua cara fora uma máscara, e debaixo houvesse só um homem, um grande homem, mas nada mais.

Pôs seus grossos dedos sobre meu cabelo, ainda molhado.

-Suponho que as Lágrimas do Branwyn ainda estavam ativas quando subi Jeremy.

Do contrário não me teria entretido tomando banho, e Uther sabia.

-Isso me disse Jeremy -Sentei-me para não lhe umedecer a camisa com meu cabelo-. Não queria te molhar a roupa, perdoa.

Atraiu-me delicadamente a cabeça de novo para seu peito com seu enorme emano.

-Não me queixo, era uma simples observação.

Apoiei minha bochecha em seu antebraço.

-Roane se foi justo depois de que chegássemos nós. Foi procurar ajuda?

Expliquei o do Roane e sua nova pele.

-Não sabia que podia lhe curar? -Perguntou Uther.

-Não.

-Interessante -disse-. Muito interessante.

Olhei-o.

-Sabe algo que eu não saiba sobre o que aconteceu?

Observou-me, com uns olhos pequenos quase perdidos na cara.

-Sei que Roane está louco.

Isto me obrigou a lhe olhar, procurando sua cara, tratando de interpretar o que se ocultava detrás daqueles olhos.

-É um roano, e o hei devolvido ao oceano. O oceano o chama no mais profundo de seu coração.

-Não está zangada com ele?

Torci o gesto e me encolhi de ombros.

-É um roano. Não posso culpá-lo por isso. Seria como acusar à chuva por te molhar. É assim.

-Então não se preocupa absolutamente?

Voltei a me encolher de ombros, e ele me abraçou e me embalou quase como a um bebê. Olhei-o com mais comodidade.

-Admito estar decepcionada, mas não surpreendida.

-Muito pomenorizada.

-Não é isso, Uther, é que não posso trocar a realidade.

Esfreguei minha bochecha em seu quente braço e reparei no encanto do Uther. Era tão alto e eu tão pequena... Era como voltar a ser uma menina, a sensação de que se alguém pode te sustentar completamente em seus braços, nada poderá te fazer danificar. Não era verdade quando acreditava sendo uma menina pequena, e certamente não o era então, mas não por isso deixava de resultar agradável. Em ocasiões, uma falsa sensação de segurança é melhor que nada.

-Maldita seja -exclamou Jeremy, elevando a voz para nós-. houve um choque aí diante. Acredito que Sepúlveda está completamente bloqueada. Tentaremos ir por ruas secundárias.

Inclinei minha cabeça no braço do Uther para ver o Jeremy

. -Me deixe adivinhar, todo mundo tenta sair por aqui.

-É óbvio -disse-. Te acalme. Demoraremos um momento.

Levantei a cabeça para voltar a olhar ao Uther.

-Contaram-lhe alguma piada boa, ultimamente?

Sorriu um pouco.

-Não, mas me vão dormir as pernas se tiver que as agüentar pregadas desta maneira durante muito tempo.

-Perdão. -Comecei a me mover para que se pudesse colocar bem.

-Não faz falta que te mova.

Pô-me um braço debaixo das coxas, colocou-me o outro braço detrás das costas, e me levantou. Elevou-me como a um menino pequeno, sem esforço, enquanto estirava as pernas. Sentou-me em seu regaço, com um braço detrás de minhas costas, e o outro descansando ao longo de minhas pernas e das suas.

Ri.

-Às vezes me pergunto como seria se fosse... Maior.

-E eu me pergunto como seria se fosse pequeno.

-Mas foi menino alguma vez. Lembrará-te de como era.

Olhou ao longe.

-Minha infância passou faz muito tempo, mas sim, recordo-o. Mas não referia a esse tipo de pequenez. -Olhou-me, e senti em seus olhos um pouco de solidão e de necessidade, algo que rompia aquela tranquilidade que eu tanto valorava.

-O que te passa, Uther?

Minha voz era suave. Desfrutávamos de grande intimidade ali atrás ao não haver ninguém nos assentos de no meio.

Sua mão descansava tranqüila em minha coxa, e finalmente interpretei o olhar de seus olhos. Não era um olhar que não tivesse visto antes na cara do Uther. Recordei seu comentário quando me estavam pondo o microfone, quando disse que esperaria na outra habitação porque fazia muito tempo que não tinha visto uma mulher nua.

Devi mostrar surpresa, porque desviou o olhar.

-Sinto muito, Merry. Se tiver estado inoportuno, diga-me isso e não voltarei a mencioná-lo nunca mais.

Não sabia o que dizer, mas o tentei.

-Não é isso, Uther. Estou a ponto de agarrar um avião e ir a Deus sabe onde. Possivelmente não nos voltamos a ver nunca mais.

Isso era parcialmente certo. Quero dizer que abandonava a cidade e não me ocorria nenhuma maneira de acabar com isso no curto trajeto sem ferir seus sentimentos ou lhe mentir. Queria evitar ambas as coisas.

Falou sem me olhar.

-Acreditava que foste humano com um pouco de sangue de duende. Nunca teria sugerido um pouco parecido a alguém que tivesse sido educado como humano. Mas sua reação ante a deserção do Roane prova que não pensa como um humano.

Voltou-se para mim quase com acanhamento. O olhar de seus olhos era tão aberta, tão confiada. Não era que pensasse que ia dizer lhe que sim, isso não sabia, mas confiava em que não reagiria mau.

No dia anterior tinha pensado pela primeira vez em quão sozinho devia sentir-se Uther na costa. Quantas vezes me havia acurrucado em seu corpo dessa maneira, pensando nele como uma espécie de irmão maior, como um substituto do pai. Muitas. Eu tinha atuado mau, e ele sempre tinha sido o perfeito cavalheiro porque pensava que eu era humano. Agora ele conhecia a verdade, e isso tinha trocado as coisas. Inclusive se dizia que não, e ele tomava a bem, não poderia voltar a lhe tratar daquela maneira. Não poderia acurrucarme em seus braços com a mesma inocência. Isso tinha passado e por mais que me doesse não havia volta atrás. Quão único podia fazer nesse momento era tratar de não ferir o Uther. O problema era que não sabia como fazê-lo porque não tinha nem idéia do que dizer.

Minha reflexão se prolongou em excesso. Fechou os olhos e me tirou a mão da coxa.

-Sinto muito, Merry.

Toquei-lhe o queixo:

-Não, Uther, sinto-me adulada.

Abriu os olhos, olhou-me, mas a ferida estava ali, claramente visível. Ele tinha posto seu coração na mão, e eu lhe tinha parecido uma punhalada. Mierda! Estava a ponto de agarrar um avião e não voltar a ver essa gente nunca mais. Não queria deixar ao Uther assim. Era um amigo muito bom para lhe fazer isso.

-Sou humano em parte, Uther. Não posso... -Não havia uma maneira delicada de expressá-lo-. Não posso me danificar tanto como o faria um duende puro-sangue.

-Dano?

A1 corno com o acanhamento.

-É muito grande para mim, Uther. Se fosse... Mais pequeno, poderíamos ter uma relação sexual uma tarde, embora não me vejo saindo contigo. É meu amigo.

Olhou aos olhos.

-Poderia te deitar comigo e não sentir repulsão?

-Repulsão? Uther, estiveste muito tempo entre humanos. Tem exatamente o aspecto que deveria ter. Não é nenhum inseto estranho.

Sacudiu a cabeça.

-Estou exilado, Merry. Não posso voltar para país dos elfos, e aqui entre os humanos sou um inseto estranho.

Estremecia-me para lhe ouvir dizer isso.

-Uther, não deixe que os olhos de outros lhe façam te odiar a ti mesmo.

-Como posso consegui-lo? -Perguntou.

Pus uma mão sobre seu peito, sentindo o pulso seguro de seu coração.

-Dentro está Uther, meu amigo, e te quero como a um amigo.

-Estive suficiente tempo entre humanos para conhecer esse discursito de «te quero como a um amigo».

Apartou-se novamente de mim, e observei que seu corpo se sentia incômodo, como se não suportasse que lhe tocasse.

Ajoelhei-me. Poderia dizer que me pus escarranchado sobre ele, mas o mais que alcançava era a pôr um joelho em cada um de suas coxas. Toquei-lhe a cara com as mãos, explorando a curva de sua frente, suas espessas sobrancelhas. Tinha que baixar os braços e me aproximar de abaixo para lhe tocar a bochecha. Passei-lhe o polegar pelos lábios, deslocando minhas mãos pelo delicado osso de suas presas.

-É um gigante muito bonito. O duplo presa é muita apreciada. E esta curva ao final se considera um signo de virilidade.

-Como sabe? -Sua voz era quase um sussurro.

-Quando era adolescente, reina-a tomou como amante a um criado chamado Yannick. Depois de ter estado com ele, disse que nenhum sidhe a podia encher como o fazia seu precioso gigante. Logo o gigante perdeu seu favor, mas salvou a vida, que era mais do que conseguiam a maioria de amantes não sidhe da rainha. Os humanos normalmente se suicidaban.

Uther me olhou. Enquanto me ajoelhava frente a suas pernas, estávamos quase frente a frente.

-O que pensava você do Yannick? -Perguntou, com uma voz cada vez mais frouxa, que me obrigava a me aproximar dele para lhe escutar.

-Acredito que estava louco. -Aproximei-me para lhe beijar e se apartou. Pus uma mão em cada lado de sua cara e lhe situei diante de mim para que me olhasse-. Mas acredito que todos os amantes da rainha estavam loucos.

Tive que me sentar no regaço do Uther, com uma perna a cada lado de sua cintura para ter um bom ângulo para lhe beijar. As presas se interpunham, mas se servia para quiterle a dor dos olhos, valeria a pena.

Beijei-lhe como amigo. Beijei-lhe porque não lhe encontrava feio. Tinha crescido entre elfos que faziam que Uther parecesse um menino de capa segundo modelos humanos. Algo que aprende na corte da Escuridão é a amar a qualquer forma de elfo. Há beleza em todos nós. A fealdade é um conceito desconhecido na corte da Escuridão. Na corte da Luz me considerava feia, porque não era nem o bastante alta nem o bastante magra, e meu cabelo era da cor acobreada da corte da Escuridão, não do vermelho mais humano da

corrente da Luz. Na Escuridão tampouco tinha tido muitos noivos. Não porque não me encontrassem atraída, mas sim porque era mortal, e acredito que uma entidade mortal era algo que lhes assustava. Me

Tratavam como se padecesse uma enfermidade contagiosa. Só Griffin o tinha tentado, e ao final tampouco tinha sido suficiente entidade para ele.

Sabia o que significava ser sempre um inseto estranho. Pus-lo tudo naquele beijo, fechando os olhos, lhe acariciando o queixo. Beijei-lhe com suficiente força para sentir como se alargavam os ossos de sua mandíbula antes de curvar-se.

Uther beijava igual a falava, com cuidado, pensando cada movimento como cada sílaba. Suas mãos me acariciavam as costas, me transmitindo seu surpreendente força, o potencial de um corpo capaz de me quebrar como a uma boneca frágil. Terei que confiar muito nele para acompanhá-lo à cama e acreditar que sairá intacta. Mas confiava no Uther, e queria que voltasse a acreditar em si mesmo.

-Detesto interromper -disse Jeremy-, mas há outra colisão frente a nós. Há um acidente em cada rua em que entramos.

Não deixei que me continuasse beijando.

-O que há dito?

-Há duas colisões nas duas ruas secundárias que agarramos -disse Jeremy.

-Muita coincidência -disse Uther.

Beijou-me delicadamente na bochecha e me deixou liberar de seu abraço para me sentar a seu lado, ainda à sombra de sua energia. A dor se desvaneceu de seus olhos, deixando algo mais sólido. O beijo tinha merecido a pena.

-Sabem que estava no piso do Roane, mas não sabem onde estou agora. Estão tentando cortar todas as vias de escape. Jeremy assentiu.

-Por que não lhes detectou?

-Esteve muito ocupada -comentou Ringo.

-Não -pinjente-, mas da mesma maneira que o aura do Uther lhes impede de me localizar, também bloqueia meu poder para lhes sentir.

-Se te separar dele, poderá lhes sentir -disse Jeremy.

-E eles a mim -pinjente.

-O que quer que faça? -Perguntou Ringo.

-Parece que estamos entupidos. Não acredito que possa fazer nada -pinjente.

-Bloquearam todas as estradas -afirmou Jeremy-. Agora começarão a procurar entre os carros e ao final nos encontrarão. Precisamos um plano.

-Se Uther se vier comigo, jogarei uma olhada para comprovar se meus olhos podem sentir algo que o resto de meu corpo não pode.

-Será um prazer -disse Uther, e riu.

Os dois estávamos rindo quando me dirigi à segunda fila de assentos. Uther mantinha uma de suas mãos sobre meu ombro. Havia carros estacionados a um lado da rua, e dois sulcos de trânsito. O motivo pelo que não avançávamos era uma colisão de três carros à altura do semáforo. Um carro estava derrubado sobre o meio-fio. O segundo se incrustou nele, e um terceiro nos dois anteriores, de maneira que os três veículos formavam uma massa de ferros e de cristais quebrados. Imaginei como o segundo e o terceiro carro se embutiram no primeiro. O que carecia de explicação era como o primeiro automóvel tinha ido parar aonde estava, derrubado em meio do meio-fio.

Nenhum percalço explicava que o primeiro veículo acabasse ali, bloqueando por completo a rua. Apostava a que alguém ou algo tinha derrubado o carro e o tinha deixado para que outros veículos se chocassem com ele até formar uma pilha de ferros e gente ensangüentada. Enquanto pudessem usar encanto para esconder-se e não ser acusados, os pedestres feridos não lhes importavam absolutamente. Como ódio às vezes a minha família.

A gente se amontoava nas calçadas, saía de seus carros e aparecia às portas. Havia dois carros de polícia estacionados em meio da intercessão, parando o tráfico que ainda tentava acessar à rua transversal. As luzes dos carros de polícia cortavam a noite em rajadas de luz colorida, competindo com os néones e as cristaleiras iluminadas das lojas e os bares situados a ambos os lados da rua. Ouvi a sirene de uma ambulância, provavelmente o motivo pelo qual a polícia abria passo.

Olhei para a multidão, mas não vi nada estranho. Utilizei meu outro sentido. Tinha estado limitada pela energia do Uther, mas não completamente indefesa. Poderia determinar o perto que estavam antes de me revelar.

O ar vibrava dois carros diante de nós, como uma onda de calor, com a diferença de que não era calor e nunca tem uma sensação deste tipo depois do anoitecer. Algo grande avançava entre os carros, algo que não queria deixar-se ver. Estendi meu poder e detectei outras três ondas:

-Há quatro formas que se movem, todas elas maiores que um humano. A mais próxima está só dois carros mais adiante.

-Pode ver formas? -Perguntou Jeremy.

-Não, só ondas.

-Reter o encanto em seu sítio estando entre carros é mais do que podem fazer a maioria de duendes -disse Jeremy.

Aparentemente, nenhum de nós acreditava que o primeiro carro tivesse derrubado por si só.

-A maioria de sidhe não podem fazê-lo, mas alguns sim.

-Assim, quatro maiores que humanos, e como mínimo um sidhe nas proximidades -disse Uther.

-Sim.

-Qual é o plano? -Perguntou Ringo.

Uma boa pergunta, esta. Desgraçadamente, não dispunha de uma resposta adequada.

-Temos quatro policiais no cruzamento. Serão uma ajuda ou um estorvo?

-Se pudéssemos romper seu encanto, fazê-los visíveis à polícia, e eles não o descobrissem imediatamente... -Disse Jeremy.

-Se fizessem algo mal a plena vista da polícia... -Pinjente.

-Merry, carinho, acredito que compreendeste meu plano.

Ringo me voltou a olhar.

-Não sei muito de magia de sidhe, mas se Merry não é uma sidhe puro-sangue, terá suficiente poder para romper seu encanto?

Todos me olharam.

-E bem? -Disse Jeremy.

-Não temos que romper o feitiço. Quão único temos que fazer é sobrecarregá-lo -pinjente.

-Escutamo-lhe -disse Jeremy.

-O primeiro carro derrubou, mas outros simplesmente chocaram. Estão olhando nos carros, me buscando a mim mas sem tocar a ninguém. Se sairmos e lhes combatemos, os sidhe não poderão ocultar-se.

-Acreditava que queríamos evitar a luta direta na medida do possível -disse Ringo.

A onda já quase estava ali.

-Se alguém tiver uma idéia melhor, têm uns sessenta segundos para pô-la em comum. Já estão aqui.

-Esconder-se -propôs Uther.

-O que?

-Que Merry se esconda -disse.

Era uma boa idéia. Passei atrás e Uther se apartou o suficiente da parede para que pudesse me arrastar como um verme detrás dele. Não acreditava que fosse funcionar, mas era melhor que não fazer nada. Podíamos lutar mais tarde se me encontravam, mas se pudesse me esconder... Apertei-me entre a fria parede metálica e as costas quente do Uther e tentei não pensar muito. Alguns sidhe lhe podem ouvir pensar se estiver o bastante agitado. Estava completamente fora de seu campo visual. Embora abrissem a grande porta trilha, e não pensava que se arriscassem a isso, não me veriam. Mas em realidade não eram seus olhos o que me preocupava. Há muitos tipos de elfos, e não todos têm uma vista confiável como a de um humano. E isso sem contar com o sidhe que estava produzindo o encanto. Se fomos o único carro com ocupantes não humanos, os sidhe viriam a nos investigar antes de abandonar a área. Ele, ou ela, teriam que ocupar-se.

Ansiava olhar aquela onda que aparecia a todas as janelas. Mas um olhar tivesse acabado com minha intenção de me esconder, assim que me agachei detrás do Uther e tentei ficar muito quieta. Ouvia e sentia que algo fazia ruído contra a parede metálica de minhas costas. Um pouco muito grande pressionava contra o metal. Então ouvi um ruído nasal, como o de um hipopótamo gigante.

Tive a intuição de pensar que ia cheirar me e a seguir, algo transpassou o metal a poucos centímetros de mim. Chiei e saltei desde minha posição antes de que minha mente registrasse o punho, comprido como minha cabeça, encravado no lateral da caminhonete.

Ouvi um som de cristal que se fazia pedacinhos. Algo com um braço grande como o tronco de uma árvore e um peito mais largo que a janela da caminhonete estava apoiado do lado do condutor. Ringo lhe golpeou o braço, mas este lhe agarrou pela camisa e começou a atirar dele através da janela rota.

Eu empunhava a arma, mas não podia disparar. Jeremy se moveu entre os assentos, e vi o brilho de uma espada em sua mão.

Ouviram-se ruídos metálicos quando os punhos do gigante destroçavam o lateral da caminhonete, e então uma cara imensa olhou pelo buraco. Olhou além do Uther, como se não estivesse ali, e cravou em mim seus olhos amarelos.

-Princesa -disse o ogro-, estivemo-lhe procurando.

Uther lhe deu um murro na cara. O ogro sangrou pelo nariz e retrocedeu. Ouviam-se chiados fora, chiados humanos. O encanto se desvaneceu sob os efeitos da violência. Os ogros apareceram ante os humanos como por arte de magia. Ouvi um grito.

-Alto, polícia!

A polícia se aproximava. Sim. Guardei-me a arma para me economizar explicações.

Voltei-me para a parte dianteira. Ringo continuava no assento do condutor. Jeremy estava inclinado sobre ele e tinha sangue nas mãos. Passei a fila de assentos de no meio até eles. Comecei a perguntar se Ringo estava ferido, mas assim que vi seu peito obtive a resposta. Sua camisa estava empapada de sangue e tinha uma parte de cristal grande como minha mão parecido no peito.

-Ringo -pronunciei seu nome delicadamente.

-Perdão -disse-, não te serei de muita ajuda. Tossiu, e vi que lhe doía.

Toquei-lhe a cara.

-Não fale.

Ouvia a polícia falando com os ogros, lhes dizendo coisas como:

« As mãos em cima da cabeça! De joelhos! Não te mova! ». Continuando, ouvi a voz de outro homem, uma voz suave e masculina, com um pequeno deixo. Conhecia aquela voz.

Lancei-me à porta trilha, enquanto Jeremy ainda dizia:

-O que? O que acontece?

-Sholto -pinjente.

A cara do Jeremy mostrava desconcerto. O nome não significava nada para ele.

Tentei-o de novo.

-Sholto, senhor daquilo que acontece no meio, senhor das sombras, rei dos sluagh.

Foi o último título o que lhe fez abrir os olhos e fez que o medo aparecesse em seu rosto.

-OH, Meu deus! -Disse.

Uther disse:

-Está aqui Shadowspawn?

Olhei-o.

-Nunca lhe diga isso à cara.

Através da janela rota escutava as vozes com clareza. Sentia-me como se me estivesse movendo em câmara lenta. A porta não queria abrir, ou eu estava torpe pelo medo.

A voz dizia:

-Muito obrigado, agentes.

-Esperaremos a que chegue o transporte para os ogros -disse o policial.

A porta se abriu e logo que tive um momento para vê-lo tudo. Três dos ogros estavam ajoelhados na calçada, com as mãos sobre suas cabeças. Dois policiais os apontavam com suas armas. Um agente estava na calçada frente aos ogros; o outro, ao outro lado da fila de carros estacionados. Entre os carros e este polícia havia uma figura alta, embora de uma altura somente humana. A figura ia vestida com uma gabardina cinza e luzia uma larga juba branca. A última vez que tinha visto o Sholto levava uma capa cinza, mas o efeito foi surpreendentemente similar quando se voltou, como se tivesse percebido minha presença. Inclusive a vários metros de distância e na escuridão observei em seus olhos três tons distintos de dourado: dourado metálico ao redor da pupila, depois âmbar e finalmente um círculo da cor das folhas em outono. Tinha medo do Sholto, sempre lhe tinha temido, mas quando vi aqueles olhos, dava-me conta do muito que tinha saudades aos sidhe, porque durante um

segundo me alegrei de ver outro ser com uma triplo íris. Logo o olhar daqueles olhos familiares me fez estremecer.

Voltou-se, sorrindo, para a polícia.

-Esperarei à princesa.

Começou a caminhar para a caminhonete e não lhe detiveram. Compreendi o motivo à medida que me aproximava. Pendurava-lhe do pescoço o emblema da rainha, a placa que levava seu guarda. Parece-se muito à placa de polícia, e se deu muita publicidade ao feito de que usar um dos emblemas se não lhe merece comporta isso uma maldição. Uma maldição a que não se arriscaria nem tão sequer um sidhe.

Não sabia o que lhes tinha contado, mas o podia adivinhar. Lhe tinha enviado para deter o ataque de que era vítima e me queria levar a casa sã e salva. Tudo muito razoável.

Sholto se dirigiu para mim com passos largos e elegantes. Era bonito, não com a beleza que te tira o sentido de alguns sidhe, mas mesmo assim impressionante. Sabia que os humanos lhe olhavam ao caminhar, porque não o podiam evitar. Sholto tinha o aspecto, os olhos, a pele, a cara, os ombros, tudo humano, à exceção de que justo debaixo de seu peito havia um montão de tentáculos, extremidades com bocas. Sua mãe era sidhe, seu pai não.

Alguém me tocou o ombro e eu me sobressaltei e não pude reprimir um grito. Era Jeremy.

-Fecha a porta, Uther.

Uther fechou a porta, quase nos mesmos narizes do Sholto. Apoiou-se contra ela para que não pudesse abrir-se do exterior sem um considerável esforço.

-Corre -disse Uther.

-Corre -repetiu Jeremy.

Entendi-o. Salvo em uma guerra, os sluagh caçavam uma presa por vez, e sua presa era eu. Sholto não lhes faria mal se eu não estava ali. Escapei-me pelo buraco que os ogros tinham aberto na chapa, ao outro lado da caminhonete. Arrumei-me isso para passar pela abertura sem me cortar. Escutei que Sholto golpeava educadamente a porta da caminhonete.

-Princesa Meredith, vim para te levar a casa.

Atirei-me ao chão e usei os carros estacionados para me esconder e me deslizar até a calçada a fim de me mesclar com a multidão que se reuniu para contemplar o espetáculo. Joguei-me em cima outra capa de encanto. O cabelo era de um marrom indescritível, a pele mais escura ainda, bronzeada. Abri-me passo entre a multidão, trocando pouco a pouco de aspecto para não atrair a atenção de ninguém. Quando consegui chegar à rua lateral, quão único conservava o mesmo aspecto era a roupa. Tirei-me a jaqueta, empunhei a arma e enrolei a jaqueta ao redor da mão e o braço. Sholto tinha visto uma mulher ruiva de pele pálida, com jaqueta azul marinho. De repente era uma mulher com cabelo marrom e camisa verde. Caminhei lentamente pela rua, embora havia um lugar entre minhas omoplatas que me doía como se ele me estivesse perfurando.

Queria me voltar e olhar atrás, mas me obriguei a continuar caminhando. Avancei até a esquina sem que ninguém dissesse: « É ela! ». Ali me detive um segundo. Queria olhar por cima do ombro. Lutei contra aquela necessidade e dobrei a esquina. Quando estive fora de sua vista, deixei escapar um suspiro

que não sabia que estava retendo. Não estava fora de perigo, não com o Sholto perto, mas era um bom começo.

Percebi um ruído por cima de minha cabeça, um som agudo e fino, quase muito agudo para ser ouvido, mas se filtrou entre os sons normais da cidade como uma flecha disparada diretamente ao coração. Observei o céu noturno, mas estava vazio, à exceção do rastro distante de um avião que brilhava na escuridão. Voltei a ouvir um som tão agudo que quase fazia danifício, como os chiados de morcegos, mas não vi nada.

Comecei a caminhar para trás, lentamente, olhando ainda ao céu, quando um movimento captou minha atenção. Fixei-me na parte superior do edifício mais próximo. Ali, uma fila de formas negras aparecia à cornija. Era uma fileira de capuzes negros do tamanho de pessoas baixas. Um dos capuzes se removeu como um pássaro ao posar-se. A forma negra levantou a cabeça e revelou uma cara pálida e plaina. Sua boca se abriu levemente e emitiu um guincho.

Podiam voar mais rápido do que eu corria. Já sabia, mas de todas formas me virei e pus-se a correr. Escutei suas asas desdobrar-se com um som cortante. Segui correndo. Seus gritos agudos me perseguiram em meio da noite. Corri mais depressa.

Voavam por cima de minha cabeça a toda velocidade e seu som se fundia como uma rajada de vento de uma tormenta que te persegue. Isto era o que teriam ouvido os humanos: vento, uma tormenta ou o vôo de um bando de aves. Se é que havia humanos para ouvir algo. A rua parecia deserta até o final do quarteirão. Eram oito horas em ponto de um sábado a noite em um bairro comercial e não havia ninguém. Parecia algo arranjado, e possivelmente era. Se conseguisse fugir da área do feitiço, encontraria gente. O vento soprava contra minhas costas, e eu me joguei na calçada rolando com o impacto. Continuei rolando mais e mais, vislumbrando de maneira fugaz as aves noturnas que se estendiam sobre mim, a menos de um metro da calçada como um bando dirigido por controle remoto, movendo-se muito rápido atrás de seu líder, para trocar de direção.

Rodei até a entrada da porta vizinha, que estava coberta por teto e vidro em três lados. Os seres voadores permaneciam acima. Não desceriam por mim. Fiquei ali um momento, escutando o ruído surdo do sangue que se amontoava em minhas têmporas. Então me dei conta de que não estava sozinha.

Me ergui e fiquei sentada com as costas apoiada na vitrine cheia de livros, tentando pensar em alguma desculpa suficientemente boa para explicar a um humano o que acabava de fazer. O homem estava de costas. Era baixo, da minha estatura, aproximadamente, usava uma camisa havaiana gritante e uma daquelas boinas com viseira. Não era algo muito visto de noite.

Apoiei-me na vitrine para me pôr de pé. Por que usava uma boina com viseira de noite?

-Algum vento -disse.

Separei-me da vitrine, mas me mantive sob a proteção do teto. Ainda conservava a pistola na mão. A jaqueta me caía solta como a capa de um toureiro, mas mesmo assim tampava a arma.

O homem se voltou e a luz da loja se refletiu em seu rosto. Sua pele era negra, os olhos como brasas de carvão. Sorriu e mostrou uma boca cheia de dentes afiados.

-Nosso mestre quer falar com você, princesa.

Senti um movimento detrás de mim e girei a cabeça para ver o que era, mas tinha medo de me virar por completo e dar as costas ao indivíduo sorridente. Emergiram três figuras da loja vizinha. Tudo estava escuro, não havia luzes para se esconder. Os três eram mais altos que eu, usavam capa e capuz.

*****-Estivemos lhe esperando, porca - disse uma das figuras com capa. Era uma voz de mulher.

-Porca? -Perguntei.

-Piranha. - Uma segunda voz de mulher.

-Estão com ciúmes? – eu disse.

Se aproximaram, e eu atirei a jaqueta ao chão e lhes apontei com a pistola. Ou não sabiam que se tratava de uma arma ou não se importavam. Eu atirei em uma delas. A figura se desmanchou em um monte de roupas no chão. As outras duas se afastaram, com as mãos estendidas como se quisessem desviar um golpe.

Apoiei as costas na vitrine e me permiti um olhar ao homem que sorria atrás de mim, mas estava de pé na entrada da livraria com suas mãos enlaçadas por

cima da boina. Conservei a pistola e a maior parte de minha atenção sobre as mulheres, embora este seja um termo muito impreciso para descrevê-las. Eram arpías. Não as estava desprezando. É o que eram... Arpías noturnas.

A que tinha recebido o tiro tentava sentar-se e se refugiava nos braços de uma segunda.

-Atiraste nela!

-Me alegro de que tenha se dado conta – eu disse.

O capuz da arpía ferida saiu da cabeça e deixava descoberto um enorme nariz, olhos pequenos e brilhantes e uma pele da cor de neve amarelada. Seu cabelo negro era um matagal seco que caía como palha sobre seus ombros. Assobiou quando a segunda arpía lhe abriu a capa o suficiente para revelar a ferida. Havia um buraco sangrento entre seus peitos cansados. Levava um colar de ouro ao redor do pescoço e um cinturão com jóias que lhe rodeava a cintura. Pelo resto, estava nua. Vislumbrei a adaga que pendurava do cinturão e estava presa à coxa com uma correia de ouro.

Retorceu-se, incapaz de obter suficiente ar para me amaldiçoar. Tinha-lhe atingido no coração e possivelmente, em um pulmão. Não era mortal, mas sim muito doloroso.

A segunda arpía levantou a cara para a luz. Sua pele era de um cinza sujo com grandes crateras como de varíola que lhe cobriam o rosto e o nariz afiado. Seus lábios eram quase muito magros para uma boca cheia de afiados caninos.

- Me pergunto se ele ainda te quereria se não tivesse toda essa carne branca e delicada.

A última arpía permanecia de pé, oculta sob o capuz. Sua voz era melhor que as das demais, em certo modo mais cultivada.

-Poderíamos lhe converter em uma das nossas, em nossa irmã.

Olhei a de pele cinza.

-No mesmo segundo que alguém comece a me amaldiçoar, eu irei atirar no rosto.

-Não me matará - disse a arpía cinza.

-Não, mas não ficará mais bonita do que está.

-Vadia -sussurrou.

-O mesmo digo -repliquei.

Era a única que ainda permanecia de pé a que me preocupava. Ela não mostrava medo nem se deixou dominar pela ira. Tinha sugerido utilizar a magia contra mim quando ainda estava parcialmente escondida entre as sombras e a noite. Era mais preparada, mais precavida e perigosa.

Deliberadamente, não tinha utilizado encanto para me esconder. Estava de pé diante da vitrine de uma livraria iluminada e apontando com uma arma totalmente visível. O disparo deveria ter atraído alguém à porta ou provocado uma chamada à polícia. Estendi meu poder para inspecionar e encontrei as grossas dobras do encanto, pesados e bem construídos. Tinha perícia em utilizar encanto, mas não daquela maneira. Sholto tinha construído uma parede invisível que protegia a rua. Os humanos das lojas não veriam nem escutariam nada que lhes alarmasse. Suas mentes explicariam o disparo como algum ruído ordinário. Se gritasse pedindo ajuda, seria inútil. Se não lançasse ninguém pela vitrine que tinha detrás de mim, ninguém veria nada.

Eu teria gostado de quebrar a vitrine com o corpo de alguma delas, ou das três de uma vez, mas não me atrevia a me aproximar. As mãos que tocavam a

ferida eram garras negras como as unhas de um grande pássaro. Os dentes que mostravam ao falar com esse som sibilante estavam concebidos para rasgar carne. Não podia as vencer em uma batalha corpo a corpo. Precisava as manter a distância, mas Sholto estava a ponto de apresentar-se e eu tinha que desaparecer antes de que isso acontecesse. Se chegasse, estava perdida. E não está indo muito bem. Elas não podiam me fazer mal, eu estava cercada. Se saísse, as aves noturnas me atacariam em grupo, e logo as arpias ou o homem sorridente poderiam me agarrar. Estaria desarmada, ou algo pior, antes de que Sholto aparecesse.

Não tinha magia ofensiva. Uma arma não podia matar a nenhuma delas, só as podia ferir e deter. Necessitava de uma idéia melhor, mas não me ocorria nenhuma. Tentei falar. Em caso de dúvida, fale. Nunca se sabe o que o inimigo pode deixar escapar em uma conversa.

-Nerys a Cinza, Segna a Dourada e Agnes a Negra, suponho.

-Quem é você? Stanley? -Disse Nerys.

Sorri.

-E ainda dizem que vocês não tem senso de humor.

-Quem diz? -Perguntou.

-Os sidhe – eu disse.

-Você é uma sidhe - disse Agnes a Negra.

-Acha que estaria aqui me escondendo de minha rainha se fosse uma sidhe completa?

-O fato de que você e sua tia sejam inimigas te converte em uma louca suicida, mas não te faz nem um pouco menos sidhe. -Agnes estava de pé, bem rígida.

-Não, mas o sangue de brownie de minha mãe sim. Acredito que a rainha perdoaria a mancha humana, mas não pode esquecer o resto.

-É mortal -disse Segna-. Esse é o pecado imperdoável para uma sidhe.

As minhas mãos começavam a intumescer. Os braços começariam a tremer. Tinha que disparar ou baixar a arma. Embora sustentasse a arma com as duas mãos, não podia manter a posição eternamente.

-Há outros pecados que minha tia ache igualmente imperdoáveis –eu disse.

-Como ter uma rede de tentáculos em meio de toda esta carne perfeita de sidhe - disse uma voz masculina.

Movi a arma para a voz, sem tirar a vista das três bruxas. Logo teria tantos alvos em tantas direções distintas que seria impossível disparar em todos de uma vez. O mínimo movimento e a descarga de adrenalina tinham contribuído a mitigar a fadiga muscular. De repente me convenci de que podia manter a posição de disparo eternamente.

Sholto estava de pé na calçada. Acredito que tentava sem êxito parecer inofensivo.

-A rainha me disse isso em uma ocasião, que era uma lástima ter uma rede de tentáculos em meio de um dos corpos de sidhe mais perfeitos que tinha visto.

-Muito bem. Minha tia é uma vadia. Todos sabemos. O que quer, Sholto?

-Lhe chame pelo seu título -disse Agnes, enquanto sua voz cultivada mostrava um pouco de desgosto.

Nunca prejudica ser educado, de modo que fiz o que ela pedia.

-O que quer, Sholto, Senhor Daquilo que Acontece no Meio?

-Ele é o rei Sholto. - Segna me cuspiu estas palavras, quase literalmente.

-Não é meu rei – eu disse.

-Isso pode mudar -disse Agnes, com uma ameaça implícita muito pouco sutil.

-Já basta -disse Sholto-. A rainha te quer morta, Meredith.

-Nunca fomos amigos, Senhor Sholto. Utilize meu título.- Era um insulto que tivesse omitido meu título depois de eu havê-lo utilizado. Também era um insulto insistir nisso por parte de alguém que era o rei de outras pessoas. Mas Sholto sempre se complicou a vida tentando ser o Senhor das Sidhe e rei dos Sluagh.

Em seu semblante se refletiu algo, aborrecimento, acredito, embora não o conhecia o bastante para estar certa.

- A rainha te quer morta, princesa Meredith, filha do Essus.

-E enviou a ti para que me leve para casa para a execução. Já tinha imaginado isso.

-Não poderia estar mais equivocada -disse Agnes.

- Silêncio! -Ordenou Sholto.

As arpias pareceram encolher-se, sem fazer reverências, mas como se estivessem pensando nisso.

E o homem que sorria a minha direita se aproximou. Sem desviar a arma do Sholto, eu disse:

-Dê dois passos atrás ou atiro no seu rei.

Não sei o que o homem fez porque Sholto disse:

-Gethin, faça o que ela pediu.

Gethin não discutiu, simplesmente retrocedeu, embora tinha observado com o canto do olho que suas mãos estavam cruzadas sobre seu peito. Já não colocava as mãos por cima da cabeça. Não me importava enquanto se mantivesse a distância. Todos eles estavam muito perto. Se alguém pulasse em mim, seria o fim. Mas Sholto não queria que eu estivesse encurralada. Queria conversa. Para mim, estava perfeito.

-Não te quero morta, princesa Meredith -disse Sholto.

Não podia tirar a suspeita do meu rosto.

-Enfrentará a rainha e todos seus sidhe para me salvar?

-Aconteceram muitas coisas nos últimos três anos, princesa. A rainha confia cada vez mais nos sluagh. Não acredito que iniciasse uma guerra pelo fato de que você esteja viva e se você permanecer seguramente longe da vista dela.

-Estou tão longe quanto possível da vista dela, mas ainda corro perigo.

-Ah, mas possivelmente haja outros na corte que lhe sussurrem à orelha e lhe recordem sua existência.

-Quem? -Perguntei.

Sorriu, e isso converteu seu formoso rosto em quase agradável.

-Temos muitas coisas que discutir, princesa. Tenho um quarto em um dos melhores hotéis. Quer me acompanhar para discutir sobre o futuro?

Incomodava-me um pouco a maneira como aquilo soava, mas era a melhor oferta que podia receber aquela noite. Baixei a arma.

-Jura por sua honra e pela escuridão que tudo devora que é verdade tudo o que acaba de dizer.

-Juro por minha honra e pela escuridão que tudo devora que todas as palavras que pronunciei nesta rua são a verdade.

Travei a arma e a coloquei nas minhas costas. Peguei a jaqueta do chão, sacudi-a e vesti. Estava um pouco enrugada, mas serviria.

-Está muito longe seu hotel?

Desta vez o sorriso foi mais aberto e o fez parecer menos perfeito, mas mais... Humano. Mais real.

-Deveria sorrir mais freqüentemente, senhor Sholto. Fica bem.

-Espero ter motivos para sorrir mais freqüentemente no futuro próximo.

Ofereceu-me seu braço, embora estava muito longe. Aproximei-me porque tinha feito o juramento mais solene da corte da Escuridão e não podia rompê-lo sem arriscar-se a uma maldição.

Enlacei-lhe o braço. Ele esticou os músculos: um homem é sempre um homem.

-Em que hotel está?

Sorri. Nunca faz mal ser agradável. Sempre poderia ser desagradável mais tarde se tivesse que ser.

Ele me contou. Era um hotel muito bonito.

-Está um pouco longe para ir caminhando – eu disse.

-Se quiser, podemos pedir um táxi.

Levantei as sobrancelhas diante a esta proposta, porque uma vez dentro da estrutura metálica de um carro já não poderia produzir magia muito maior. Muito metal provocava interferências. Eu podia produzir feitiços maiores dentro de chumbo sólido se eu precisasse. Meu sangue humano servia para umas quantas coisas.

-Não se sentirá desconfortável? -Perguntei.

-Não é tão longe, e procuro a comodidade para nós dois.

Outra vez senti que me estava perdendo algum sentido de suas palavras.

-Um táxi seria fantástico.

Agnes chamou o Sholto.

-O que temos que fazer com o Nerys?

Sholto olhou para elas e seu rosto era outra vez frio, com essa beleza esculpida que o fazia parecer distante.

-Voltem para seus quartos como puderem. Se Nerys não tivesse tentado atacar a princesa, não teria se ferido.

-Estivemos lhe servindo durante mais séculos dos que viverá esse pedaço de carne branca e este é o tratamento que você nos dá -disse Agnes.

-Recebem o tratamento que merecem, Agnes. Lembre disso.

Sholto se virou e me acariciou a mão em seu braço, mas seus olhos três vezes dourados ainda mantinham um rastro de frieza.

Gethin apareceu ao lado do Sholto e fez uma reverência da calçada. Tinha umas orelhas tremendamente largas, como as de um burro.

-O que queres de mim, mestre?

-Lhes ajude a levar Nerys aos quartos.

-Será um prazer.

Gethin desenhou outro sorriso com seus dentes, enquanto suas orelhas lhe caíam emoldurando seu rosto quase como o de um cão ou como o de um coelho de orelhas bicudas. Se virou e se afastou em direção às bruxas.

-Acredito que estou perdendo algo – eu disse.

Envolveu-me a mão com a sua, que estava quente, enquanto seus robustos dedos se deslizavam entre meus.

-Explicarei-lhe isso tudo quando chegarmos ao hotel.

Havia um olhar em seus olhos que tinha conhecido em outros homens, mas não podia significar o mesmo. Sholto era um dos guardas da rainha, o qual

significava que não podia deitar-se com nenhuma sidhe exceto com ela. Ela não compartilhava seus homens com ninguém. O castigo por romper o tabu era a morte por tortura. Inclusive se Sholto queria arriscar-se a isso, eu não. Minha tia pretendia me executar, mas o faria depressa. Se eu quebrasse seu mais estrito tabu, também me mataria, mas não seria rápido. Já tinha me torturado antes, é difícil evitar isso na corte da Escuridão. Mas nunca tinha sido torturada pela mão da própria rainha. Tinha visto sua obra, entretanto. Era criativa, muito, muito, muito criativa.

Faz anos que prometi a mim mesma, que nunca lhe daria uma desculpa para fazer comigo.

-Já tenho uma sentença de morte, Sholto. Não me arriscarei a sofrer tortura, além disso.

-Se pudesse te manter viva e segura, que risco teria?

-Viva e segura? Como?

Começou a rir, levantou a mão, e gritou:

-Táxi!

Em um momento apareceram três táxis na rua vazia. Sholto só pretendia chamar um táxi. Não tinha nem idéia de quão impressionante era que em Los Anjos aparecesse três táxis em uma rua vazia. Também podia reanimar cadáveres que ainda não se esfriaram, e isto era assustador. Mas estava a três anos na cidade, e conseguir um táxi quando se precisava me impressionava mais que ver um cadáver caminhando. No fim das contas já tinha visto cadáveres caminhando antes. Um conveniente táxi era algo completamente novo.

Uma hora mais tarde Sholto e eu estávamos sentados em torno de uma mesita branca em duas encantadoras embora incômodas cadeiras. A habitação era elegante, embora para meu gosto se excederam um pouco com o rosa e o dourado. Havia um carrinho com entrantes nos esperando na mesa e um vinho de sobremesa muito doce, ideal para acompanhar o queijo, embora chocava com o caviar. Claro que ainda não tinha provado nada que pudesse fazer agradável o caviar. Por muito caro que fora seguia tendo gosto a ovas de pescado.

Parecia que ao Sholto gostava do caviar e o vinho.

-O champanha teria sido mais adequado, mas nunca me gostou -disse.

-Estamos celebrando algo? -Perguntei.

-Uma aliança, espero.

Tomei meu tempo para provar o vinho doce e lhe olhei.

-Que tipo de aliança?

-Entre nós dois.

-Isso já me imaginava. A grande pergunta, Sholto, é por que quer fazer uma aliança comigo.

-É terceira na linha sucessória ao trono.

Seu semblante se tornou muito fechado, muito cuidadoso, como se não queria me ocultar o que estava pensando.

-E? -Pinjente.

Olhou-me com seus olhos dourados.

-Por que não quereria um sidhe unir-se a uma mulher que está a só dois passados do trono?

-Normalmente, isto seria um raciocínio correto, mas você e eu sabemos que o único motivo pelo que ainda sou terceira na linha sucessória é que antes de morrer meu pai o fez jurar à rainha. Desde não ter sido por isso, me teria deserdado só por minha mortalidade. Não tenho direitos sobre a corte, Sholto. Sou a primeira princesa da linha que não tem magia.

Sholto deixou cuidadosamente a taça de vinho sobre a mesa.

-É uma das melhores em questão de encanto pessoal -disse.

-Certo, mas esse é o major de meus poderes. Pela Deusa, ainda me chamo NicEssus, filha do Essus. Um título que deveria ter perdido depois da infância, quando alcancei meu poder. Claro que não alcancei meu poder. Possivelmente não o alcance nunca, Sholto. Isto solo bastaria para me apartar da linha sucessória.

-Se não fora pelo juramento que a rainha fez a seu pai -disse Sholto.

-Sim.

-Sou consciente do muito que te aborrece sua tia, Meredith. me detesta de igual modo.

Baixei a taça de vinho, cansada de fingir desfrutar com ele.

-Tem suficiente magia para ter um título na corte. Não é mortal.

Olhou-me, e era um olhar largo, dura, quase áspera.

-Não seja tímida, Meredith, sabe exatamente por que a rainha não pode lombriga.

Sustentei-lhe aquele olhar duro, mas era... Desagradável. Sabia, toda a corte sabia.

-Diga-o, Meredith, diga-o em voz alta.

-À rainha não gosta de seu sangue mesclado. Assentiu.

-Sim.

Parecia quase aliviado. A aspereza de seus olhos era desagradável, mas como mínimo era genuína. Por isso sabia, todo o resto

Era falso. Queria ver o que tinha que verdadeiro detrás desse rosto agradável.

-Mas esse não era o motivo, Sholto. Agora, entre as sidhe reais, há mais sangue mesclada que pura.

-É certo -disse-, não gosta da linha sangüínea de meu pai.

-Não é pelo fato de que seu pai seja um ave noturna, Sholto. Franziu o sobrecenho.

-Se conhecer o motivo, diga-me isso -La genética -dijo-, olvidaba que eres nuestra primera licenciada universitaria.

-À exceção da orelha bicuda, até que você chegou a genética sidhe se impunha independentemente de com quem se mesclasse.

-A genética -disse-, esquecia que é nossa primeira licenciada universitária.

Sorri:

-Meu pai queria que fosse médico.

-Não pode curar com o tato, que tipo de médico é esse?

-Tomou um bom gole de vinho.

-Algum dia te tenho que levar de visita um hospital moderno -pinjente.

-Ensine-me o que me ensine, será um prazer.

Fora qual fosse a emoção que começava a aparecer, desvaneceu-se entre os dobre sentidos.

Eu não fiz caso da insinuação e continuei pinçando. Havia visto verdadeira emoção, e queria ver mais. Se estava a ponto de arriscar minha vida, tinha que ver o Sholto sem as máscaras que nos tinham ensinado a levar na corte.

-Até que nasceu você, todas as sidhe tinham aspecto de sidhe com independência de com quem se juntassem. Acredito que a reina te vê como uma amostra de que o sangue de sidhe se está debilitando, igual a minha mortalidade demonstra que o sangue de sidhe se está fazendo mais clara.

O rosto do Sholto se endureceu.

-Na Escuridão pregam que todos os elfos são belos, mas alguns de nós só o somos durante uma noite. Somos entretenimentos, mas nada mais.

Vi como o aborrecimento se abria passo por seus ombros, até chegar aos braços. Seus músculos se esticavam à medida que a ira se apoderava dele.

-Minha mãe -e recalcou esta palavra- pensava que teria uma noite de prazer e não lhe custaria nada. O preço fui eu.

Comia-se as palavras, enquanto a raiva intensificava a luz de seus olhos de maneira que os anéis dourados resplandeciam como uma chama.

Tinha parecido uma agulha através de sua formosa aparência e tinha cravado em osso.

-Eu diria que foi você quem pagou o preço, não sua mãe. Quando te pariu, voltou para a corte e recuperou sua vida.

Olhou-me, e em sua cara ainda havia raiva ao vermelho vivo.

Falei-lhe cuidadosamente com lhe ver tão zangado, porque não queria que vertesse sua ira para mim, mas eu gostava de lhe ver assim. Era algo autêntico, não um estado de ânimo calculado para obter algo. Não tinha planejado estar desse humor. Eu gostava, eu gostava de muito. Uma das

coisas que me agradava do Roane era que suas emoções estivessem tão perto da superfície. Nunca fingia nada que não sentisse. É obvio, este era o mesmo rasgo que lhe tinha permitido voltar para mar com sua nova pele de foca, sem preocupar-se jamais de despedir-se. Ninguém é perfeito.

-E me abandonou com meu pai -disse Sholto. Olhou à mesa e a seguir, levantou para mim seus extraordinários olhos-. Sabe que idade tinha antes de conhecer outro sidhe?

Neguei com a cabeça.

-Tinha cinco anos. Passaram cinco anos até que vi alguém com uma pele e uns olhos como meus. -Deixou de falar, com os olhos distantes pela lembrança.

-Conta-me o pinjente, pausadamente.

Falou-me com suavidade, como se estivesse falando consigo mesmo.

-Agnes me tinha levado a bosque para jogar em uma noite escura, sem lua.

Queria perguntar se Agnes era a arpia Agnes quão negra tinha visto antes, mas lhe deixei falar. Já haveria tempo para as perguntas quando seu humor trocasse e deixasse de compartilhar comigo seus segredos. Tinha sido surpreendentemente fácil conseguir que se justificasse. Normalmente, quando os amparos de alguém se superam com tanta facilidade é porque deseja falar, porque precisa falar.

-Vi um brilho entre as árvores como se a lua tivesse baixado à terra. Perguntei ao Agnes o que era aquilo. Não me disse isso, simplesmente me agarrou da mão e me conduziu perto da luz. Ao princípio, pensei que eram humano, mas os humanos não brilham como se tivessem fogo debaixo da pele. Então a mulher se voltou para nós, e os olhos... -Sua voz se apagou, e havia nele uma mescla de admiração e dor que quase me obrigava a deixá-lo tranquilo, mas não o fiz. Queria saber mais, se ele me queria explicar isso Seus olhos... -Animei-lhe.

-Seus olhos brilhavam, ardiam. Eram azuis, logo depois de um azul escuro, depois verde. Tinha cinco anos, por isso não era sua nudez nem o corpo do homem em cima do seu o que me admirou, a não ser aquela pele branca e aqueles olhos. Como meus olhos, como minha pele. -Olhou-me como se não estivesse ali-. Agnes me apartou dali antes de que nos vissem. Eu queria lhe fazer infinidade de perguntas, mas ela me disse que perguntasse a meu pai.

Olhou-me e respirou profundamente como se retornasse literalmente de outro sítio.

-Meu pai me contou coisas sobre os sidhe, e me disse que eu era um deles. Ele me educou para pensar que era um sidhe. Não podia ser o que era ele. - Sholto soltou uma risada seca-. Rompi a chorar a primeira vez que me dava conta de que nunca teria asas.

Olhou-me, franzindo o cenho.

-Nunca tinha explicado esta historia a ninguém da corte. Tem algum tipo de magia sobre mim?

Em realidade, não acreditava que se tratasse de um feitiço, do contrário se teria mostrado mais alterado, possivelmente inclusive atemorizado.

-Quem mais da corte, exceto eu, compreenderia o significado da história? - Perguntei.

Olhou-me durante uns segundos compridos e a seguir, assentiu lentamente.

-Sim, embora seu corpo não está tão marcado como o meu, você tampouco é uma deles. Não lhe deixarão pertencer a seu grupo.

Apoiava-se na mesa com tanta força que suas mãos ficaram brancas. As toquei, e se apartou como se lhe fizesse mal, mas se deteve em metade do movimento. Observei o esforço que representava para ele voltar a pôr suas mãos a meu alcance. Atuava como alguém temente resultar ferido.

Cobri suas grandes mãos com uma das minhas ou, melhor dizendo, cobri-as na medida do possível. Sorri com o primeiro sorriso real, porque esta vez carecia de sua habitual confiança. Não sei o que vi em minha cara, mas fora o que fosse, tranqüilizou-lhe, porque abriu as mãos e se levou a meus lábios. Não me beijou isso propriamente, mas bem apertou sua boca contra ela. Foi um gesto surpreendentemente delicado. A solidão pode ser um vínculo mais forte que nenhum outro. Quem mais em alguma das dois cortes nos compreendia melhor que cada um de nós? Não era amor nem amizade, mas sem dúvida era um vínculo.

Separou a cara de minha mão e me cravou um olhar que poucas vezes tinha visto entre os sidhe, um olhar aberto, primitivo. Percebia-se em seus olhos uma necessidade tão grande que era como olhar a um poço sem fundo. Seus olhos pareciam os de uma criatura sem domesticar, os de uma cria de animal selvagem ferido gravemente. Espero que meus olhos nunca pressentem esse aspecto.

Apartou minha mão lentamente, a contra gosto.

-Nunca estive com outra sidhe, Meredith. Compreende o que significa?

Compreendia-o, provavelmente melhor que ele, porque era pior ainda ter estado com um e tê-lo perdido. Entretanto, mantive minha voz neutra porque estava começando a temer aonde nos estávamos dirigindo, e com independência da simpatia que sentisse por ele, não merecia a pena ser torturada até a morte.

-Pergunta-te como seria.

Sacudiu a cabeça.

-Não, anseio ver carne pálida tensa debaixo de mim. Quero que meu brilho seja correspondido por alguém. Isso é o que quero Meredith, e você me pode dar isso -A la reina le gusta que sus guardias la vean con sus amantes. Algunos se niegan a mirar, pero la mayoría de nosotros estamos allí con la esperanza de que nos invite a entrar. Incluso cuando se realiza con crueldad, el sexo entre dos sidhe es algo maravilloso. Daría mi alma por él.

Estava expondo a situação que temia.

-Já lhe hei isso dito, Sholto, não me arriscaria a morrer torturada por prazer. Ninguém, nada, o merece. -Acreditava no que dizia.

-À rainha gosta que seus guardas a vejam com seus amantes. Alguns se negam a olhar, mas a maioria de nós estamos ali com a esperança de que nos convide a entrar. Inclusive quando se realiza com crueldade, o sexo entre dois sidhe é algo maravilhoso. Daria minha alma por ele.

Ocultei minhas emoções o melhor que pude.

-Não sei o que fazer com sua alma, Sholto. Que mais me poderia oferecer, algo pelo que valesse a pena arriscar-se a morrer torturada?

-Se for meu amante sidhe, Meredith, então a rainha saberá o que representa para mim. Assegurarei-me de que compreenda que se te passar algo, perderá a lealdade dos sluagh. Atualmente, não o pode permitir.

-Por que não fazer este trato com outra mulher sidhe mais poderosa?

-As mulheres do guarda do príncipe Cel contam com ele para ter relações sexuais e a diferença da rainha, Cel as mantém ocupadas.

-Quando fui, algumas mulheres estavam começando a rechaçar a cama do Cel.

Sholto sorriu com satisfação:

-Esse ato adquiriu bastante popularidade. Arqueei as sobrelanceiras.

-Está dizendo que o pequeno harém do Cel lhe dá cabaças?

-Cada vez mais.

Sholto ainda parecia contente.

-Então, por que não faz esta oferta a uma delas? Todas elas são mais capitalistas que eu.

-Possivelmente é o que disse antes, Meredith. Nenhuma delas me compreenderia tão bem como você.

-Acredito que as subestima. Mas o que lhes pode fazer Cel para que lhe abandonem? A própria rainha é uma sádica sexual, mas seus guardas se arrastariam sobre cristais quebrados para deitar-se com ela. O que oferece Cel que seja pior que isto?

Não esperava uma resposta, mas nem tão sequer podia começar a pensar em um pouco tão mau.

Na cara do Sholto se desvaneceu o sorriso.

-Reina-a o fez uma vez -disse.

-O que? -Perguntei, torcendo o gesto.

-Fez que um de nós se despiu e se arrastasse sobre cristais quebrados. Se o fazia sem mostrar dor, então se o follaría. Olhei-lhe. Tinha escutado coisas piores, inclusive tinha visto coisas piores. Mas uma parte de mim queria saber de quem se tratava, de modo que o perguntei:

-Quem era?

Negou com a cabeça.

-Os membros do guarda juramos não revelar as humilhações. Nosso orgulho e nossos corpos sobrevivem melhor assim. -Seu olhar voltava a estar perdida.

De novo, perguntei-me o que podia fazer Cel pior que os jogos da rainha.

-Por que não fazer esta oferta a uma mulher sábia mais capitalista que não seja membro do guarda do príncipe? -Perguntei.

Mostrou um leve sorriso.

-Há mulheres na corte que não são membros do guarda do príncipe, Meredith. Não me houvessem meio doido antes de entrar no guarda. Têm medo de trazer para o mundo mais criaturas perversas. -Emitiu uma risada selvagem, quase como um grito. Fazia danifico ouvi-lo-. Assim é como me chama a rainha, sua «criatura perversa»: às vezes, simplesmente «criatura». dentro de uns séculos serei simplesmente sua criatura -Emitiu de novo aquela risada dolorosa-. Estou disposto a me arriscar para impedir que isto aconteça.

-Realmente necessita tanto o apoio dos sluagh, tanto que abandonaria a idéia de me matar e deixaria de nos castigar por ir contra seu mais estrito tabu?

-Sacudi a cabeça-. Não, Sholto, não o vai permitir. Se encontrarmos uma maneira de romper seu tabu do celibato, então outros o tentarão. Será como a primeira greta de um empoce. A1 final se rompe.

-Reina-a está perdendo o controle, Meredith, está perdendo o mando sobre a corte. Estes três anos não foram bons para ela. A corte se está desagregando sob o peso de sua conduta errática e além disso, o príncipe Cel...

Parecia não encontrar as palavras

-Quando chegar ao poder -disse por fim-, Cel fará que Andam pareça cordato. Será como Calígula depois do Tiberio.

-Está dizendo que se pensarmos que agora a situação é má, é que ainda não vimos nada? -Tentei lhe fazer sorrir, sem consegui-lo.

Olhou-me com desespero.

-Reina-a não se pode permitir perder o apoio dos sluagh. Me acredite, Meredith, eu tampouco quero acabar a mercê da rainha. A mercê da rainha se converteu em uma expressão entre nós; se tinha medo de algo, dizia «preferiria estar a mercê da rainha que fazer isto». Significava que não havia nada que te assustasse mais.

-O que quer de mim, Sholto?

-Quero a ti -disse, com um olhar muito direto.

Tive que sorrir.

-Você não me quer, o que quer é uma sidhe na cama. Recorda que Griffin me repudiou porque não era suficiente sidhe para ele.

-Griffin estava louco.

Pus-se a rir, e isto me fez pensar nas palavras do Uther dessa mesma noite, quando havia dito que Roane estava louco. Se todo mundo estava louco por me deixar, por que não paravam de fazê-lo? Olhei-lhe e tentei ser igual de direta.

-Não estive nunca com um ave noturna.

-Considera-se perverso inclusive entre os que consideram que nada é perverso -disse Sholto, e sua voz era amarga-. Não espero que tenha nenhuma experiência conosco.

Nós. Um pronome interessante. Se me perguntava o que era, era sidhe, nem humana nem brownie. Era sidhe e se me apertavam, pertencia a corte da Escuridão, para bem ou para mau, embora podia reclamar ter sangue de ambas as cortes. Mas jamais houvesse dito «nós» para me referir a algo que não fora uma sidhe da Escuridão.

-Depois de que minha tia, nossa querida reina, tentasse me afogar quando tinha seis anos, meu pai se assegurou de que tivesse meu próprios guarda-costas sidhe. Um deles era um ave noturna, Bathar.

Sholto assentiu.

-Perdeu uma asa na última batalha que liberamos em chão americano. Nós podemos voltar a fazer crescer a maioria das partes de nosso corpo, de maneira que não era uma ferida mortal.

-Bhatar dormia em minha habitação de noite. Nunca se separou de meu lado quando era pequena. Meu pai me ensinou a jogar xadrez, mas Bhatar me ensinou como ganhar em meu pai. -A lembrança me fez sorrir.

-Ainda fala bem de ti -disse Sholto.

Dispu-me a formular uma pergunta, mas depois sacudi a cabeça.

-Não, ele nunca te tivesse proposto que fizesse algo semelhante. Nunca teria posto em perigo minha segurança ou a tua. Já vê, ele também falava bem de ti, rei Sholto. O melhor rei que os sluagh tinham tido em duzentos anos, é o que estava acostumado a dizer.

-Sinto-me adulado.

-Já sabe o que seu povo opina de ti. -Tentei interpretar seu rosto. Havia nele necessidade, sem dúvida, mas a necessidade pode mascarar muitas coisas-. O que ocorrerá com as arpías de seu pequeno harém?

-A que te refere? -Perguntou, mas havia em seus olhos um olhar que não deixava acreditar suas palavras.

-Querem me fazer danifico para me manter afastada de ti. O que crie que farão se me deito contigo?

-Sou seu rei. Farão o que lhes diga.

Então, pus-se a rir, mas não era uma risada amarga, só irônica:

-É o rei de um povo de elfos, Sholto, nunca fazem exatamente o que lhes diz, ou exatamente o que pensa que farão. Das sidhe às pixies, são seres livres. Se confiar em sua obediência é você quem quer correr o risco.

-Igual a tem feito a rainha durante um milênio? -Disse a meio caminho entre a pergunta e a afirmação.

Sorri.

-Ou igual a tem feito há ainda mais tempo o rei da corte da Luz.

-Comparado com eles, sou um rei novo e não tão arrogante.

-Então me explique com sinceridade o que farão seus amantes arpías se as abandonar por mim.

Refletiu comprido e tendido sobre esta questão antes de me olhar com semblante sério.

-Não sei.

Quase me pus a rir.

-Não tem experiência como rei. Nunca ouvi nenhum deles admitir ser ignorante.

-Não saber algo não é ignorância. Fingir um conhecimento que não tem, sim pode sê-lo -sentenciou.

-Inteligente e modesto; um caso único na realeza dos elfos. -Lembrei-me de uma pergunta que me tivesse gostado de fazer-. A Agnes que te levou a bosque quando foi menino, seu nodriza, era Agnes a Negra?

-Sim -disse.

-Sua antiga nodriza é agora seu amante?

-Não envelheceu -disse-, e eu agora já sou maior.

-Crescer em meio de seres imortais é desconcertante, admito-o, mas mesmo assim não penso dessa maneira nos elfos que me educaram.

-O mesmo me passa com alguns sluagh, mas não com o Agnes.

Queria perguntar por que, mas me absteve. Para começar não era de minha incumbência; em segundo lugar, pode que não compreendesse a resposta incluso se me dava isso.

-Como tem sabor de ciência certa que a rainha quer me executar? -Voltei para a questão importante.

-Porque enviaram aos Anjos para te matar. -Disse-o como se isso não significasse nada: sem emoção, sem lamentar-se, uma mera constatação.

O coração me pulsava um pouco mais rápido, e me fez um nó na garganta. Tive que me concentrar para deixar escapar o ar sem que se notasse.

-Se não aceitar me deitar contigo, executará a sentença?

-Jurei que não queria te fazer danifico. E não quero.

-Lutaria contra a rainha por mim?

-O mesmo raciocínio que nos manterá seguros se nos deitarmos juntos, é válido se te deixar viva. Necessita aos sluagh mais do que precisa ser vingativa.

Parecia muito convencido disto último. Seguro do que estava seguro, inseguro de todo o resto; como a maioria de nós, se formos sinceros. Observei

sua cara, a mandíbula um pouco larga para meu gosto, os ossos do queixo exageradamente marcados. Eu gostava dos homens com um aspecto mais suave, mas era bonito, sem lugar a dúvidas. Seu cabelo era de um branco perfeito, denso e liso, recolhido em uma rabo-de-cavalo solta. O cabelo lhe chegava até os joelhos como aos sidhe mais velhos, embora Sholto só rondava os duzentos anos. Seus ombros eram largos, o peito se adivinhava forte debaixo da camisa branca. Esta lhe sentava muito bem, e me perguntava se teria usado algum tipo de encanto para que caísse daquela maneira, porque sabia que o que havia debaixo da camisa não era muito suave.

-Não esperava esta oferta, Sholto. Eu gostaria de ter um pouco de tempo para pensá-lo.

-Até manhã de noite -disse.

Assenti e me levantei. Também ele ficou de pé. De repente me descobri lhe olhando o peito e o estômago, tentando ver o que tinha visto na rua. Não se via nada, estava gastando encanto em escondê-lo.

-Não sei se posso fazê-lo -pinjente.

-O que? -Perguntou.

Movi-me para ele.

-Uma vez te vi sem camisa quando era muito mais jovem. E não esqueci essa visão.

Sua cara empalideceu, seus olhos se endureceram. Estava colocando as coisas em seu sítio.

-Entendo. A idéia de me tocar te assusta. Entendo-o, Meredith. -Deixou escapar uma larga baforada de ar-. Foi bonito enquanto durou.

Separou-se de mim, recolhendo o casaco do respaldo da cadeira onde o tinha pendurado. Pesada-a acréscimo de seu cabelo caía por seu corpo como uma tira de pele.

-Sholto -pinjente.

Não se voltou, simplesmente se tornou todo o cabelo para um lado enquanto ficava o casaco.

-Não hei dito que não, Sholto.

Então, voltou-se. A expressão de seu rosto seguia cuidadosamente indecifrável, com todas as emoções que tanto me havia flanco fazer aflorar enterradas de novo.

-Então, o que me diz?

-Digo que esta noite não quero sexo, mas não posso dizer que sim, que terei uma relação contigo, até que o veja tudo.

-Tudo? -Voltou a perguntar.

-Agora quem é o tímido? -Pinjente.

Vi que a idéia tomava corpo em sua cara, em seus olhos. Desenhava-se em seus lábios um pequeno sorriso estranho.

-Pede-me lombriga nu?

-Não de tudo. -Não pude reprimir um sorriso-. Mas até o quadril, sim, por favor. Tenho que ver como me sinto com vocês... Extras.

Sorriu e o ambiente estava esquentado com um ponto de incerteza. Era seu sorriso autêntico, com aquele ponto de encanto e medo.

-Esta é a palavra mais amável com a que alguém o há descrito.

-Se não poder estar contigo com ilusão e prazer compartilhados, então seu sonho de unir seu brilho com outro se desvanece. Uma sidhe não brilha por dever, mas sim por prazer.

Assentiu. -Entendo.

-Assim o espero, porque é mais que verte nu. Preciso tocar e ser tocada para ver se... -Abri as mãos-. Se posso fazê-lo.

-Mas sem sexo esta noite? -Sua voz nunca se aproximou tanto a um tom pícaro.

-Sonha com carne de sidhe e nunca a tiveste. Eu sim a tive, e durante três, quase quatro anos, passei sem ela. Sinto falta de meu lar, Sholto. Embora seja estranho e perverso, sinto melancolia. Se consentir a isso, então terei um amante sidhe e um lar. Sem mencionar que estou fugindo de uma sentença de morte. Não é um destino pior que a morte, Sholto.

-Alguns pensaram que sim ao longo dos anos. -Tentou fazer uma piada desta situação, mas seus olhos lhe traíam.

-Este é o motivo pelo que preciso ver onde me estou colocando.

-Então, pergunto-te pelo amor ou o amor é algo muito ingênuo para um rei e uma princesa? -Perguntou.

Sorri, mas esta vez era um sorriso triste.

-Provei o amor uma vez; traiu-me.

-Griffin não se merece emoções tão profundas e é, sem lugar a dúvidas, incapaz das corresponder.

-Já me dava conta -pinjente-. O amor é grande enquanto dura, Sholto, mas não dura.

Olhamo-nos o um ao outro. Perguntei-me se meus olhos estavam tão cansados e cheios de recriminações como os seus.

-Supõe-se que tenho que discutir contigo e te dizer que algum amor sim dura? -Perguntou Sholto.

-Fará-o?

Sorriu e sacudiu a cabeça.

-Não.

Aproximei minha mão para ele.

-Não quero mentiras, Sholto, nem tão sequer as piedosas.

Sua mão estava muito quente e envolvia a minha.

-Deixa que te leve a cama e me mostre o que me oferece -pinjente.

Permitiu-me que lhe levasse a cama.

-Posso ver o que me oferece você?

Empurrei-o para trás na cama para lhe olhar a cara. -Se quiser.

Passou por seus olhos um olhar que não era nem sidhe, nem humana, nem sluagh, a não ser simplesmente masculina.

-Quero -disse.

Soltei sua mão e retrocedi na cama para poder lhe ver. Tirei a pistola e a coloquei debaixo de um dos travesseiros, depois me deitei de barriga para cima, me apoiando nos cotovelos. Sholto estava de pé junto à cama, me contemplando. Tinha um meio sorriso estranho no rosto. Seus olhos olhavam com incerteza, não infelicidade, só incerteza.

-Parece muito contente –disse.

-Nunca faz mal ver um homem bonito nu pela primeira vez.

Seu sorriso se desvaneceu

-Bonito? Nunca ninguém que tenha conhecido o que há debaixo de minha camisa tinha me chamado assim antes.

Deixei que meu olhar falasse por mim. Fixei-me em seu rosto, seus olhos, seu nariz forte e quase perfeito, sua larga boca de lábios magros. O resto do corpo tinha um aspecto fantástico, embora sabia que no mínimo uma parte do que estava olhando se devia à magia. Não sabia quanto. Fixei o olhar nas partes de cuja realidade estava quase segura, como seus estreitos quadris ou a longitude e musculatura de suas pernas. Até que o visse sem calças, não saberia o que era o vulto que ocultavam, assim passei por cima dessa zona. A rainha tinha razão, era uma pena; ele era absolutamente magnífico.

-Fantasiei mais de uma vez com que uma sidhe me olhasse desta maneira.

-Ainda parecia solene.

-De que maneira? -Perguntei. Formulei a pergunta em voz baixa, sensual.

-Como se eu fosse algo para comer. -Sorriu.

Sorri e fiz tudo como ele queria, tudo como ele necessitava que fosse.

-Comer, né?. Tire o casaco e a camisa, e possivelmente chegaremos a isso.

-Se lembre nada de sexo –ele disse.

-E se não chegarmos ao orgasmo?

Ele jogou a cabeça e pôs-se a rir, ruidosamente, alegre. Olhou-me com olhos brilhantes, e não era magia o que os fazia brilhar, só a risada. Parecia mais jovem, mais depravado. Me dei conta de que sua pele e seus cabelos brancos, seus olhos dourados teriam sido muito bem recebidos na corte da Luz. Enquanto conservasse a camisa posta, ninguém suspeitaria.

A risada se desvaneceu.

-Agora você parece séria - disse.

-Simplesmente pensava que tem mais aspecto de pertencer a corte da Luz que eu.

Franziu o sobreceixo.

-Se refere à cor acobreada do cabelo?

-E a minha pouca estatura, e meus peitos são muito grandes para o estilo de uma sidhe.

De repente fez uma careta.

-Só pode ser uma mulher que se queixou de uns peitos assim. Nenhum homem se queixaria.

Arrancou-me um sorriso.

-Tem razão. Minha mãe, minha tia e minhas sobrinhas.

-O que acontece é que elas têm inveja -disse.

-Obrigado por pensar assim – eu disse.

Deixou cair o casaco cinza no chão, depois desabotoou um botão do punho da camisa. Olhava-me no rosto enquanto fazia isso. Desabotoou a outra manga, e passou ao primeiro botão da camisa, ao seguinte, abrindo o tecido para deixar ao descoberto um triângulo de pele

Branca e brilhante. Um terceiro botão fez aparecer sua musculatura peitoral. Seus dedos se dirigiam ao quarto botão, mas não o desabotoou.

-Quero te pedir um beijo agora, antes de que o veja.

Eu gostaria de ter perguntado porquê, mas pensei que sabia. Tinha medo de que, depois de vê-lo, não lhe desse nenhum beijo.

Arrastei-me pela cama para ele. Sholto apoiou as mãos na cama e ficou de joelhos. Baixou até que seu queixo quase roçava a cama, com as mãos apoiadas na colcha.

Eu estava um pouco acima dele. Olhou-me e eu baixei o rosto para o seu em uma posição similar a quando a gente faz flexões de braços. Dava-lhe um beijo, um suave roce dos lábios. Sholto começou a separar-se e eu lhe acariciei com suavidade.

-Ainda não – eu disse.

Sholto tinha razão, depois de que visse seus «extras» possivelmente não voltasse a lhe beijar. Se ia ser seu contato físico com uma sidhe, queria que fosse memorável. Um beijo não podia compensar não haver sentido nunca a pele de sidhe, mas era o que lhe podia oferecer. A sua maneira, estava tão só como Uther.

Sholto havia tornado a aproximar-se e levantava seus olhos para mim. Aguardava-me pacientemente, totalmente passivo, esperando que lhe fizesse tudo o que tinha pensado. Nesse momento, me respondeu outra pergunta. Se tinha que me vincular a outra pessoa pela vida, tínhamos que ter em comum algo mais que sangue de sidhe. Teríamos que compartilhar meu amor pela dor.

Atirei-me sobre a cama, com o qual nossos rostos ficaram à mesma altura.

-Abre a boca, só um pouco – eu disse.

Fez-o sem perguntar nada. Isso eu gostei. Beijeí seu lábio superior, com delicadeza, com doçura. Utilizei a língua para abrir mais sua boca, e a seguir lhe explorei com os lábios e a língua. Estava completamente passivo a princípio, deixando que me alimentasse ligeiramente de sua boca, depois começou a me beijar a sua vez. Beijava devagar, quase com dúvidas, como se fosse sua primeira vez, e sabia que não era. Então sua boca apertou a minha com mais dureza, mais exigente.

Mordi-lhe o lábio inferior, suave mas firmemente. Fez um pequeno ruído gutural, e se ficou de joelhos, me arrastando com ele, suas mãos em meus braços. Apertava-me os lábios. O beijo era o bastante forte para machucar, e tive que abrir mais a boca para que seus lábios e sua língua penetrassem completamente em meu interior, tão profundamente como ele queria.

Tombou-me na cama, e eu o permiti, mas me dava conta de que tinha seu corpo sobre o meu. Utilizava as mãos para levantar-se, de maneira que só nossas bocas se tocassem. Apartei minha boca da sua para olhá-lo. Podia sentir seu corpo sobre o meu, como uma linha de energia tremendo. Era como se já pudesse sentir seu peso sobre mim. Sua aura, sua magia, tinha substância, tal que um segundo corpo enganchado ao primeiro. A pressão do poder me alterou a respiração, acelerou-me o pulso. Sua magia circulou por minha corrente sanguínea igual a um ímã atrai metal.

Nem sequer estar com o Roane com as Lágrimas do Branwyn tinha sido assim. Tinha sido fantástico, mas não tinha sido isto. E isto era o que eu queria, o que eu necessitava, o que eu desejava. Sholto me olhou com uma espécie de admiração delicada em seus olhos.

-O que é isto?

Dava-me conta de que podia sentir meu poder igual a eu percebia o seu. Poderia haver dito simplesmente «magia», mas a última vez que tinha estado com outro sidhe tinha sido com o Griffin, e ele me explicou que meu poder era um brilho menor, algo pálido. Então acreditei nele; agora, não. Tinha que perguntar, porque possivelmente não voltaria a estar nunca com outro sidhe. Provavelmente nunca seria capaz de responder às dúvidas que Griffin tinha semeado em mim.

-O que sente? -Perguntei.

-Calor. Como calor que se desprende de seu corpo e me pressiona a pele. - Colocou todo seu peso em um braço, utilizando sua mão livre para acariciar o ar que havia entre nós como se estivesse tocando algo que tivesse forma e peso. A sensação de lhe ver passar a mão ao longo de minha aura me obrigou a fechar os olhos, e meu corpo se estremeceu sob esse não-contato.

Introduziu sua mão através da energia e, inclusive com os olhos fechados, sabia onde estava sua mão.

-Me pega à mão como algo que me chupa a pele -disse Sholto, com a voz agitada e de uma vez carregada com o assombro que mostrava seu rosto.

Senti que sua mão atravessou o poder, como se meu corpo estivesse em baixo da água e sua mão lhe trouxesse um ar. Sua mão não se limitou a me tocar, rompeu meus escudos, forçou sua magia em meu interior. Abriu-me os olhos, cortou-me a respiração. Obrigou-me a arremeter com meu poder, a cobri-lo como quando fica a mão sobre uma ferida.

Seu corpo se esticou ao contato com minha magia. Olhou-me com os lábios entre abertos; percebia o batimento do coração e de suas veias sob a frágil pele de sua garganta.

-Não tinha nem idéia do que estava perdendo.

Assenti, lhe olhando, estendida sobre a cama, e senti sua mão como um peso palpitante em minhas costelas.

-Isto é só o princípio – eu disse, e minha voz se converteu em um sussurro.

Não tentava parecer sensual, era toda a voz que me deixava a pressão de seu corpo sobre o meu. Naquele momento, não podia pensar em nenhuma deformidade que me impedisse de dizer que sim.

Procurei sua camisa. Ele apartou sua mão de meu corpo para apoiar-se em ambos os braços e deixar que eu alcançasse os botões de sua camisa. Desabotoei-lhe o seguinte botão; não saiu nada. Desabotoei outro botão. O poder tremia como o calor que se levanta do asfalto.

-Aparta a ilusão, Sholto, me deixe ver.

-Tenho medo. -Sua voz era um sussurro. Olhei-o.

-Acha realmente que quero deixar escapar esta oportunidade? Quero acabar com este exílio, Sholto. Estou cansada de fingir. Quero recuperar tudo. - Acariciei-lhe o pescoço, e a mescla de nossos poderes fluiu como um véu invisível-. Carne de sidhe, carne igual à minha para ser bem recebida; quero retornar a casa, Sholto. Deixa cair seu encanto para que veja que aspecto tem.

Fez o que lhe pedi. Os tentáculos saíram da camisa, e me recordou um ninho de serpentes, ou os intestinos que se pulverizam quando se abrem as

tripas de alguém. Eu tremi, e desta vez não foi a paixão a responsável pelo nó que se formou em minha garganta. Sholto começou a retirar-se imediatamente. Levantou-se e me deu as costas para que não pudesse lhe ver. Tive que lhe agarrar o braço para lhe parar. Minha reação tinha quebrado a magia existente entre nós ou, a reação dele a minha reação. Seu braço era simplesmente um braço, quente e vivo sob minha mão, mas nada mais.

Agarrei-lhe com as duas mãos. Tentei lhe dirigir novamente para mim, mas resistiu. Ajoelhei-me. Deixei uma mão sobre seu braço, mas estirei a outra para sua camisa. Não toquei nada, e deveria ter sentido muitas coisas. Tinha convocado novamente encanto e eu não sentia o que realmente estava aí.

Obriguei-lhe a me olhar. Levava a camisa aberta até o abdômen. Seu peito e seu estômago estavam pálidos, musculosos, limpos, perfeitos. Desabotoei outro botão e seu torso se mostrou como no anúncio de um ginásio. Sholto me permitiu lhe desabotoar a camisa e deixá-la aberta de tudo, mas não me olhou.

-Suponho que também será agradável se te esconder atrás do encanto.

Então me olhou, e parecia zangado:

-Se esta fosse minha verdadeira aparência, não te separaria de mim.

-Se esta fosse sua verdadeira aparência nunca teria chegado a ser rei do Hóspede.

Passou por seus olhos um sentimento ilegível, mas este sentimento era melhor que a anterior angústia tinta de amargura.

-Teria sido um nobre na corte dos sidhe -disse.

-Um senhor, nada mais. A linha sangüínea de sua mãe não é o suficientemente nobre para adquirir um título melhor.

-Sou um senhor -disse.

Assenti.

-Sim, por méritos próprios, por seu poder. A rainha não podia deixar que um poder assim abandonasse nossa corte sem um título.

Sorriu, mas seu sorriso era amargo, e a angústia apareceu de novo a seus olhos.

-Está dizendo que é melhor governar no inferno que servir no céu?

Disse que não com a cabeça.

-Nunca, mas digo que tem tudo que o sangue de sua mãe poderia te dar, e é um rei.

Olhou-me, de novo com uma máscara arrogante. A que tinha visto tão freqüentemente na corte.

-O sangue de minha mãe poderia ter me dado você.

-Eu não te dispensei – eu disse.

-Vi seu olhar, sentir a relutância de seu corpo. Não tem que dizê-lo em voz alta para que seja verdade.

Comecei a lhe tirar a camisa das calças, mas ele me agarrou as mãos.

-Não.

-Se você fugir agora, estará acado. Deixa cair a ilusão, Sholto, me deixe ver.

-Já fiz isso. - Arrancou sua camisa com tanta força das minhas mãos que quase me atirou da cama.

-Teria sido fantástico se te tivesse podido te abraçar sem vacilar. Sinto não ter podido, mas dê outra oportunidade a esta garota. A primeira vez assusta um pouco.

Sacudiu a cabeça.

-Tem razão, sou o rei dos sluagh. Não serei humilhado. Sentei-me na borda da cama e o olhei. Tinha um aspecto formidável, embora estivesse um pouco carrancudo. Mas não era real, e eu tinha passado três anos me ocultando e fingindo. O engano pode durar muito tempo. Embora o tivessem rechaçado, ninguém resumia a corte da Escuridão melhor que Sholto. Uma combinação de incrível beleza e de horror, não uma ao lado da outra, mas entrelaçadas. Uma não podia existir sem a outra. Sholto era a sua maneira a combinação perfeita de todas as características da corte, e o rechaçavam porque temiam que fosse em realidade a essência de um sidhe da Escuridão. Duvido que pensassem assim tão claro, com estas palavras, mas isto é o que lhes assustava no Sholto: não que fosse um estranho, mas sim que não fosse.

-Não posso te dar minha palavra de honra de que não te rechaçarei pela segunda vez, mas posso te dar minha palavra de que tentarei.

Olhou-me, com arrogância nos olhos; um escudo mais:

-Isso não é suficiente.

-É o máximo que posso te oferecer. O temor a ser rechaçado merece perder o primeiro contato com a carne de sidhe?

A dúvida lhe invadiu o olhar.

-Se não poder... Digeri-lo. - Alguma coisa nessa frase o embarçou mas não de uma maneira feliz. -Então convocarei o encanto e...

Acabei por ele quando sua voz se desvaneceu.

-Sim, nós podemos.

Assentiu.

-Isto é o mais perto que estive implorar a alguém.

Eu ri.

-Sorte sua!

Pareceu desconcertado, e foi quase um alívio ver o verdadeiro Sholto mostrando-se através de sua cuidadosa máscara.

-Não entendi.

-Sua magia tem tanto poder que certamente não entenda mesmo. -Era minha voz que mostrava amargura agora. Sacudi isso literalmente agitando a cabeça e o cabelo caiu sobre meu rosto. Estendi-lhe os braços.

- Vêem aqui.

Em seu rosto se observava desconfiança. Imagino que não podia lhe culpar, mas começava a me cansar de ser a mão que sustentava suas emoções. Não queria lhe machucar e não obstante, não estava segura de que queria me vincular com ele para sempre. Não se tratava dos tentáculos, mas sim de sua instabilidade emocional. Os homens assim resultam tão exaustivos que normalmente os evito, mas Sholto me podia oferecer coisas que outros não podiam. Podia me devolver a casa, assim valia a pena agüentá-lo durante um tempo. Mas na realidade era um estigma quase tão grande como seus extras.

-Tire a camisa e vêem aqui. Ou não o faça se não quiser. Você escolhe.

-Parece impaciente -disse.

Encolhi-me de ombros.

-Um pouco. -Atraí-o para mim.

Tirou-se a camisa dos ombros e a atirou ao chão. Um montão de emoções cruzaram seu rosto até que finalmente se concretizaram em um desafio. Dava-me igual, porque sabia que seu rosto não refletia o que realmente sentia. Ia utilizar uma máscara até estar seguro de que seria bem recebido.

Deixou cair o encanto

Tentei não apartar o olhar enquanto caminhava para mim. Os tentáculos tinham o mesmo branco brilhante que o resto de seu corpo. Apreciava-se um leve efeito marmóreo nos tentáculos mais grossos, e eu sabia pelo Bathar que estes eram seus braços musculosos, os tentáculos que realizavam o trabalho pesado. Havia tentáculos mais largos e mais magros agrupados ao redor de suas costelas e seu estômago. Eram os dedos, embora cem vezes mais sensíveis que os de um sidhe. Continuando, justo em cima do umbigo se apreciava uma linha de tentáculos mais curtos com pontas ligeiramente mais escuras. O fato de que tivesse estes tentáculos fez que me questionasse se o que havia debaixo de suas calças era sidhe ou não.

Sentei-me na cama e olhei até que ficou de pé diante de mim. Olhava para um lado e mantinha as mãos enlaçadas detrás das costas, como se não quisesse lombriga nem me tocar. Alcancei-lhe e toquei um daqueles delicados tentáculos musculosos; estremeceu-se. Acariciei-lhe, e senti o olhar do Sholto antes de levantar a minha para me encontrar com seus olhos.

Voltei a tocar a pele do tentáculo.

-Estes são para o trabalho duro, levantar coisas, capturar presas. -Pus um dedo na parte inferior do tentáculo, sentindo uma textura ligeiramente diferente. Não era desagradável, embora era mais grosso que a pele humana, quase elástico, como a pele de um golfinho.

-Suponho que Bathar lhe disse isso. -Sua voz mostrava preocupação.

-Sim.

Toquei a base do tentáculo, onde este se unia ao torso. Percorri-o com meus dedos, devagar mas com firmeza. Enredou-se ao redor de minha mão, sustentando-a, separando a de seu corpo.

-Não o faça -disse.

-Gostou-te, verdade? -Perguntei.

Olhou-me, muito zangado e assustado:

-Como sabe o que gosta a um ave noturna?

-Só perguntava.

Então pareceu desconcertado, e pude apartar a mão dele. Toquei um dos grupos de tentáculos mais magros e estes se encolheram como algas marinhas quando um submarinista as roça no fundo de muito coral.

-Bathar sabia tecer os trabalhos mais complicados com seus dedos. -Movi a mão para baixo, sem tocar a última fileira visível de tentáculos-. Estes são muito sensíveis, servem para os trabalhos tateantes mais delicados, mas em realidade são um órgão sexual secundário.

Sholto se mostrava atônito.

-Normalmente, não compartilhamos este tipo de informação com estranhos.

-Sei. -Pu-me a rir-. Bathar estava acostumado a usá-los para acariciar às mulheres que lhe visitavam. Muitas vezes tinham medo de lhe dizer que as deixasse, por medo a lhe ofender e ofender a meu pai. Quando finalmente retornei a corte dava conta de que o Hóspede estava acostumada acariciar aos que não eram sluagh com os tentáculos inferiores. É uma espécie de brincadeira privada. Tocam-nos com o equivalente de seus mamilos, e nós sem sabê-lo.

-Mas você sabe -disse.

-Eu gosto das brincadeiras quando não são a minha costa. -Movi a mão em um comprido movimento sobre sua última linha de órgãos. Sholto deixou escapar em um suspiro o ar que tinha estado contendo. Seu olhar permanecia desafiante, à defensiva. Não lhe culpava por isso. Tinha muita mescla genética em meu sangue para me colocar nesta questão.

Toquei seus tentáculos inferiores com delicadeza, e começaram a mover-se ao redor de meus dedos. As pontas eram ligeiramente preênsais, não tanto como as de acima, mas todos eles mostravam uma ligeira depressão em uma cara. Coloquei um dedo em uma das depressões, e isto lhe fez estremecer.

-Suponho que isto cumpre uma missão especial se estiver com um ave noturna fêmea.

Assentiu, sem pronunciar palavra.

-O que podem fazer por mim?

Formulei a pergunta por várias razões. Em primeiro lugar, tinha curiosidade. Em segundo lugar, tinha que saber se podia agüentar que me tocasse intimamente com eles. Estava-lhe tocando de uma maneira quase científica. A gente faz x, e acontece Y. A objetividade me permitia lhe tocar, mas não me conduziria ao sexo.

Ele baixou as mãos, mas isto pôs os tentáculos mais grossos em uma massa que se apoiava em minha cara. Causou-me repulsão e retrocedi. Sholto se endireitou imediatamente. Possivelmente pensava apartar-se de novo, mas lhe agarrei vários tentáculos inferiores. Isto lhe deteve, e conteve o fôlego. A reação me fez recordar o que ocorre quando toca o pênis de um homem quando não o espera.

Seguiu baixando as mãos e me tirou a blusa. O movimento provocou que os grossos membros musculosos se colocassem contra minha cara. Esta vez não me apartei, embora me custou bastante esforço.

Tirou-me a camisa pela cabeça, e a deixou cair ao chão. O desafio estava tingido com algo distinto, um pouco mais escuro e mais real. Utilizava dois dos tentáculos musculosos para apartar delicadamente minhas mãos dos órgãos inferiores. Então, os compridos e magros tentáculos se estiraram, voltando-se até mais largos e mais magros. As pontas me acariciavam os peitos com movimentos rápidos.

Quando as pontas entraram em meu prendedor foi como se uma serpente reptara por minha pele. Estava a ponto de lhe dizer que não, que não podia fazê-lo, quando aquelas pontas avermelhadas encontraram meus mamilos e descobri para que serviam as depressões da cara inferior. Tinham capacidade de sucção, e seu toque era perito.

Meus mamilos se endureceram com a sensação de ser chupados e apertados.

Um segundo órgão atuava em meu ventre, pinçando pela parte de acima de minhas calças. Perguntou sem palavras e eu o apartei delicadamente.

-Basta já, por favor.

Separou-se de mim, mas esta vez não estava ferido. Seu semblante era quase a viva imagem do triunfo.

-Por agora me basta vendo sua cara. Significa muito para mim.

Tomei uma pausa e tentei pensar.

-Alegra-me ouvir isso, mas há algo mais que tenho que comprovar antes de estar segura.

Olhou-me.

-Te desabote o cinturão, por favor.

Não tive que pedir-lhe duas vezes. Tirou-se o cinturão, mas deixou as calças grampeadas. Eu gostava que tivesse feito exatamente o que lhe tinha pedido, nem mais, nem menos.

Desabotei-lhe as calças, deixando ao descoberto a borracha das cueca. O vulto que cobriam era consistente e firme, e tinha um aspecto muito.. Humano. Mas depois do que acabava de ver, tinha que estar segura. Tirei-lhe a roupa interior, delicadamente, e lhe vi nu pela primeira vez.

Estava tão erguido e perfeito como o tinha anunciado sua cara, como uma escultura de alabastro. Pus minha mão a seu redor, e ele deixou escapar um grito.

Eu não estava jogando, estava procurando algo. Bathar tinha um espinho quase tão grande como minha mão dentro de seu pênis. Algo que não resistiria nenhuma mulher humana. Só os seres reais de seu tipo a tinham, e significava que eram machos férteis: sem espinho, as fêmeas não ovulaban durante o ato sexual.

Sholto me olhou com impaciência.

-O controle de um homem não é perfeito.

-Por isso levo as calcinhas postas. -Era como um veludo duro e musculoso em minhas mãos, mas ali só havia carne, nenhuma surpresa desagradável-. Seu pai não era nobre?

-Está procurando o espinho. -Sua voz era baixa, rouca.

-Sim.

-Meu pai não pertencia aos escravos reais.

Sussurrou estas palavras sensatas com uma voz que a cada carícia se voltava menos razoável.

-Então, como conseguiu chegar a ser rei?

Minha voz era tranqüila. Já não estava excitada depois de que os tentáculos deixassem de me tocar. Não tinha durado, porque não estava excitada com sua visão. Que o Senhor me perdoe, mas para mim os extras eram uma espécie de deformidade.

-A coroa dos sluagh não se herda, ganha.

-Que ganha -pinjente-. Como ganha?

Negou com a cabeça.

-Agora mesmo me custa pensar.

-Pergunto-me por que será.

Expu-lo de forma graciosa, mas não o era. Tivesse-me gostado que o fora. Me teria gostado de tomá-lo tentáculo a tentáculo, mas tinha mais de uma dúzia. A idéia de apertar meu corpo nu contra o seu, de ser abraçada por aquele cacho de tentáculos... Estremecia-me de só pensá-lo.

Sholto não compreendeu minha reação, e um de seus tentáculos musculares penteou meu cabelo igual a teria feito a mão de um homem. Fechei os olhos e tentei desfrutar da carícias, mas não pude. Uma noite, possivelmente, mas não noite detrás noite. Simplesmente, não podia.

Baixei a cara, e o tentáculo se apartou. Sustentei ao Sholto em minha mão, tão sólido e encantador como qualquer homem com o que tinha estado, mas por culpa do que se retorcia por cima, não obtive o prazer esperado.

Sholto me olhava com espera, como se já houvesse dito que sim. O lógico teria sido me levantar e lhe beijar, mas se lhe beijava a massa de tentáculos me envolveria e Sholto saberia o que em realidade pensava. Não queria que

me visse retrocedendo horrorizada. Queria que sua última carícia de carne de sidhe fora algo agradável, não humilhante. Se não resistia subir por seu corpo, bom, só ficava uma opção: descender.

Desci da cama e me ajoelhei frente a ele. O movimento lhe obrigou a apartar-se da cama, e deixou minha cara à altura daquele comprido parte de carne firme e sedosa. Tomou ar para dizer algo, mas o parei tomando-o na boca. Subi minhas mãos por suas coxas até lhe cravar minhas unhas em suas nádegas.

Deixou escapar um grito, e seu corpo avançou para mim para entrar em minha boca. Normalmente, eu gostava de subir o olhar pelo corpo de um homem para desfrutar de sua reação, mas não nesta ocasião. Não queria ver nada. Alimentei-me dele, lhe chupando, usando a língua, a boca, os lábios e inclusive, delicadamente, os dentes. Sua respiração adotou um cadencioso ofego que deixava claro que teria que me deter rapidamente se não queria romper o tabu da rainha. O poder também havia tornado, como um sólido zumbido de energia contra meu corpo. Ali onde lhe tocava, desprendia-se energia. Sentia na boca uma espécie de vibração, e tive uma visão repentina do que podia representar ter entre as pernas aquela coisa quente e poderosa. A imagem era tão vívida que me tive que apartar. Abri os olhos e encontrei sua pele branca, quase translúcida pelo poder.

Subi lentamente o olhar. Cada centímetro de seu corpo resplandecia. As pontas dos tentáculos mais pequenos brilhavam como brasas vermelhas, e os tentáculos superiores mostravam uma gama de tons marmóreos. Era formoso contemplar a combinação de vermelho delicado, violeta tênue e tiras de ouro da cor de suas pupilas em contraste com a branca luz de sua pele.

Olhei-lhe, e nesse momento tudo o que via era belo. Era como se supunha que tinha que ser: um objeto moldado com luz e recheado com cor e magia. O poder se desprendia dele com uma vibração que me acariciava a pele e me fazia vibrar, me abraçando como uma manta invisível e de seda. Queria entrar em seu interior, sentir como me penetrava.

-Te solte o cabelo. -Minha voz soou estranha, como se estivesse falando outra pessoa.

Sholto fez o que lhe pedi. O cabelo lhe caiu até debaixo dos joelhos de uma forma deslumbrante, como neve recente. Enchi-me as duas mãos com ele e o acariciei meigamente. Fazia tanto tempo que não desfrutava de uma juba caindo em cascata sobre meu corpo... Era como cetim vivo e pesado. Baixei-me o prendedor para pentear seu cabelo com meus peitos. O contato me fez estremecer, e esta vez era paixão.

Olhei-lhe, ainda de joelhos.

-Pensa que nos poderíamos conter se pusesse toda esta massa de cabelo sobre meu corpo nu?

Tudas as cores de sua íris brilhavam; seus anéis pareciam formar redemoinhos-se como o olho de um furacão. O desejo que mostrava seu rosto se transformou em risada.

-Tenho que mentir e dizer que sim?

Levantei uma mão brilhante, quase translúcida, que tocou seu corpo.

-Sim, me minta, se isso nos impede de parar.

-Esta conversa é perigosa -disse, em voz baixa.

-São momentos perigosos -pinjente, e lhe lambi, fazendo que seu corpo reagisse das pernas até os ombros, enquanto a cabeça se tornava para trás, e sua respiração se convertia em um ofego.

-Meredith -disse com aquele tom que um homem reserva só para as ocasiões mais íntimas. Aí ouvi-lo meu corpo se endureceu em sítios que ele não tinha visto, e muito menos meio doido.

A porta se abriu de repente com um rangido de madeira e um aura de poder nos golpeou como a mão de um gigante. Sholto se cambaleou, mas se manteve em pé. Eu captei a imagem de uma figura negra que se movia de forma imprecisa e a seguir, Sholto tinha saltado por cima da cama e se arrojou ao chão.

Nerys a Cinza estava de pé, emoldurada no dintel, um instante depois se movia a toda velocidade para mim. Saltei para a cama, em detrás da arma que havia debaixo do travesseiro, mas me dava conta de que não chegaria a tempo.

Tive que dar as costas a arpía para contar com alguma oportunidade de alcançar a arma. Já tinha metido a mão debaixo do travesseiro, quando suas garras se cravaram em minhas costas nua. Gritei, ainda em busca da pistola. Suas garras me agarraram pelos braços e me atiraram da cama. Golpeei o chão ao cair, desarmada, e antes de que pudesse recuperar o fôlego já tinha a Nerys em cima.

Eu lhe chutei, e ela me rasgou as calças. Continuei lhe chutando enquanto tratava de me levantar, mas não me deu oportunidade. Atacava-me, soltava zarpazos a minhas calças, arranhava-me a carne. Eu me arrastei até a parede, mas uma vez ali já não havia nenhum lugar parr escapar.

Não parava de chiar: « Ele é nosso! Nosso! Nosso! ». Cada palavra a pontuava com um zarpazo. Protegia-me o corpo com os braços, mas ela estava disposta a me deixar em carne viva, assim que isso não ia detê-la.

Esperava que o terror e a dor atenuassem meu brilho, mas seguia sendo um objeto resplandecente. O sangue se derramava de meus braços com um brilho carmesim; meu próprio sangue brilhava. Senti que o poder subia por meu corpo e se estendia, mas não como nenhuma outra magia que tivesse conhecido antes. O poder flamejava em meu interior e meu corpo brilhava com tanta intensidade que a arpía vacilou.

-Vamos ver se brilhará quando te arrancar a pele – ela disse.

Arranhou-me os braços até me fazer chiar, e vi aquela garra negra aproximando-se de meus olhos.

Golpeei seu peito ossudo, e o poder me subiu pelo braço e se pulverizou por minha mão. Senti que esmagava a arpía. Ela deixou de me dar zarpazos e ficou paralisada, de joelhos ante mim. O poder que fluía por meu interior me doía como se todas as fibras de meu corpo se queimassem de uma vez. Gritei e tentei pará-lo, mas a dor não cessou de aumentar até que olhei para Nerys com uma visão nublada. Estava a ponto de me deprimir de dor mas, se o fazia, Nerys me mataria.

Sentia-me como se me estivessem esquartejando com facas ao vermelho vivo. Finalmente, consegui voltar a gritar e Nerys se uniu ao chiado. Separou-se de mim e se arrastou até o lateral da cama. Olhou-me com os olhos muito abertos, com uma expressão de incredulidade em seu rosto crispado. Sua pele começou A... Crescer, é a melhor palavra que me ocorre para descrevê-lo. Começou a levantar-se como leite fervendo, derramando-se sobre sua garra.

Nerys estava gritando:

-Não, não!

Seu corpo começou a render-se sobre si mesmo, os ossos se deslizavam de seu lugar, os músculos afloravam à superfície como troncos flutuando em um rio. O sangue se derramou pelo tapete e a seguir, fluídos mais espessos e escuros emanaram de suas vísceras em um chapinho acre. Observei como seu coração saía à luz e arrastava o resto de seus órgãos internos. Deixou escapar um chiado interminável, e inclusive quando ficou reduzida a uma grande bola de carne, ouviam-se seus chiados, distantes e longínquos, mas vivos. Nerys era imortal, e lhe tirar as tripas não trocava isso.

Minha dor começou então a dissipar-se, como um membro amputado que continua doendo. Tinha visto meu pai fazer coisas similares com uma de suas mãos de poder, a que lhe valeu o título de Príncipe da Carne.

Comecei a me arrastar para a porta, contemplando aquela massa de carne vibrante que acabava de criar. Quando levantei o lençol vi Agnes a Negra escarranchado em cima de Sholto. Tinha tomado aquela parte brilhante dele entre a pálida escuridão de seu corpo. Sholto se debatia, mas lhe mantinha os braços presos, lhe imobilizando o corpo enquanto o montava. Entre os elfos há seres fisicamente mais fortes que os sidhe, e as arpías são um deles.

Lancei-me para a porta, feita pedacinhos, e ouvi a voz do Agnes a minhas costas.

-Nerys, mata a essa puta branca.

A última coisa que ouvi o um resmungo:

- Nerys?

Antes de que começasse o seguinte turno de gritos, já tinha alcançado os elevadores. Se Agnes a Negra me queria morta antes, o que lhe tinha feito a sua irmã não ia lhe fazer trocar de opinião. Demorava muito chegar ao vestíbulo. Eu estava tremendo de frio. Olhei meus os braços ensangüentados: doíam como essa dor aguda que só lhe dão os zarpazos. O esquerdo levou a pior parte. A ferida do antebraço deixava o osso à vista e o sangue brotava em um incessante fluxo carmesim desde meu cotovelo até o chão do elevador. Minhas calças estavam empapadas de sangue, quase púrpura.

As ferida eram o bastante importantes para sofrer um choque, mas não acredito que essa fosse a causa. Era a magia. Fazia o que só podia fazer uma mão de poder, algo que poderia ter feito meu pai com seu poder mais terrível, um poder que inclusive ele utilizava com pesar, porque eles não morrem. Nerys não morreria. Ficaria eternamente apanhada no cárcere de sua própria carne e seus próprios fluídos. Ficaria cega, incapaz de alimentar-se nem de respirar, mas não morreria nunca. Nunca.

Em minha garganta se forjou um grito, e soube que se o deixasse escapar não pararia de chiar até que Agnes me encontrasse e me arrancasse os olhos. Deixei a camisa, a jaqueta e a pistola no quarto. Nem sequer tinha algo com o que cobrir as feridas. Pus o sutiã em seu lugar para me tampar meus seios.

Abriu-se o elevador e um casal esteve a ponto de entrar, mas me viram. Em suas caras se observava comoção e medo, e deixaram que as portas se fechassem lentamente. Tinha esquecido o encanto. Não podia cruzar o vestíbulo dessa maneira.

O encanto pessoal é meu melhor feitiço, mas mesmo assim tinha que lutar como nunca antes para me cobrir com um véu de encantamento. O melhor que podia fazer era procurar que ninguém me visse ferida e que não se dessem conta de que não usava nada mais que o sutiã por cima da cintura. Não podia me concentrar em trocar meu aspecto. Precisava utilizar encanto para me esconder dos sluagh, e não podia me ver mentalmente. Não conseguia visualizar minha aparência e sem fazer isso, não podia produzir encanto.

A portas se abriram no térreo e eu saí do elevador. Ninguém gritou nem me apontou, de maneira que o encanto estava sortindo efeito. Tudo estava em ordem, ou ia estar. Então vi a Segna a Dourada sentada na poltrona oval do centro da recepção, me observando com uns semi cerrados olhos amarelos.

Virei e me dirigi à entrada traseira, mas a poucos metros dali estava Gethin, com a camisa hawaiana e a boina de beisebol, diante da outra porta. Observei

a recepção ampla e cheia de gente sorridente, a fila para pedir quarto, e entendi que podiam me matar aí mesmo, e ninguém se inteiraria até que meu corpo caísse nesse tapete e meus assassinos tivessem desaparecido.

O banheiro das mulheres era visível desde minha posição. Caminhei tranqüilamente para ali, entrei e fechei. Voltei-me e escrevi na porta os símbolos de amparo e força; de fato, sangrava tanto que poderia ter escrito uma carta. Apoiei as mãos contra a porta e convoquei o poder. Temia fazê-lo depois do que, acidentalmente, tinha realizado no quarto, mas não tinha alternativa. Verti meu poder naquela porta, naquelas runas, e soube que não passaria ninguém. Sabia, porque o desejava assim, e porque era uma sidhe e tinha protegido a porta com meu próprio sangue. Ninguém utiliza sangue - é muito valioso para desperdiçá-lo em minúcias -, mas exagerar um pouco não ia vir me mal essa noite. Necessitava de tempo para pensar.

Caminhei pela pequena sala de espera, com seu sofá e sua sucessão de espelhos, até a cabine que havia mais à frente. O que vi na parede do fundo me fez perceber de que já não havia nada que pensar: tinha que ir. Havia uma janela no alto da parede. A única coisa que devia fazer era chegar a ela.

Agarrei um montão de toalhas de papel para conter a hemorragia do braço até que encontrasse assistência médica. Mas antes de tudo precisava sobreviver, ou a única assistência médica que obteria seria a de um legista.

A voz do Gethin (ou supus que era ele, dado que não era a arpía) disse:

-Pequena sidhe, pequena sidhe, me deixe entrar.

Se queria contar contos infantis, que o fizesse, mas eu me estava dando o fora. Finalmente, arrastei uma das cadeiras de encosto curvo da sala de espera até a cabine mais próxima à janela. Tive que saltar um pouco para me agarrar à barra metálica. Fiquei um segundo pendurada dos braços e a seguir comecei a usar os pés para subir até o alto da parede. As feridas voltaram a sangrar com mais intensidade. Escorreguei duas vezes em meu próprio sangue antes de chegar ao alto da parede e olhar pela vidraça. A abertura era tão pequena que pelo menos uma vez agradei ser tão pequena.

Estava a ponto de me sentar no batente quando algo golpeou a janela. Ao cair no chão vislumbrei uns tentáculos e uma boca. Tive que voltar a escalar para a janela, não para escapar por ela, a não ser para protegê-la com magia. Não poderiam entrar, mas eu tampouco poderia sair.

Estava encurralada, tinha perdido muita sangue e não me ocorria nada. Como não tinha nada que fazer, ocupei-me em conter a hemorragia. Agarrei um montão de toalhas de papel e me dirigi a pia. Precisava de um pano ou um pouco de roupa para improvisar uma vendagem. Estava comprovando a profundidade da ferida de meu braço esquerdo no espelho quando vi algo pequeno e negro.

Voltei-me, apertando as toalhas de papel contra a ferida, para inspecionar o banheiro. As cabines das privadas estavam pintadas de um rosa pálido, iguais as paredes da sala. Até os poucos tubos que se sobressaíam das paredes e do teto tinham sido pintados dessa mesma cor. Não havia nada escuro na habitação à exceção de minhas calças e meu prendedor, e não era isso o que tinha visto.

Seguia ali quando me voltei de novo para o espelho. Era como uma figura escura, recortada entre sombras, que se aproximava e aumentava de tamanho a cada passo. Não pensei imediatamente que fosse o sidhe que tinha tentado me matar na casa de Alistair Norton, porque muitos sidhe sabem produzir

magia de espelhos. Não podia proteger o espelho, porque não era uma porta ou nenhuma janela, ao menos não como entendia eu. Se atravessavam o espelho significava que tinham melhor magia que eu e não lhes poderia deter.

A porta se abriu e meu coração quase deixou de pulsar, mas só eram duas mulheres. Duas mulheres normais, humanas; não eram nem um pouco sensíveis senão não teriam atravessado a porta. Estavam rindo e me lançaram um par de olhares de estranheza, mas seguiram rindo e conversando até que entraram em duas cabines contínuas. Viram-me vestida e sem sangrar, porque era a imagem que projetava. Sempre vem bem comprovar que algo funciona.

Não sabia o que fazer. Então, vi algo no espelho. Havia uma pequena aranha que pendurava dele. Não, não dele, a não ser *dentro* dele. A aranha estava no interior do espelho, arrastando-se pela outra face do vidro. Era como as aranhas que tinham contribuído para me salvar na casa do Norton. Era o elfo que tinha me salvado. Ele, ou ela, tinha me salvado uma vez, e necessitava que o fizesse de novo.

Rasguei uma parte de toalha de papel e escrevi com sangue: «Ajuda-me.» Esperei a que o sangue se secasse um pouco e então formei uma bola com o papel. Estava acabando o tempo.

Passei as pontas dos dedos justo por cima da superfície do espelho, pondo muito cuidado em não tocá-lo. Não queria tomar contato com o espelho até me formar uma idéia mais concreta do tipo de feitiço que se tratava. Percebia a vibrante linha de poder ali onde a magia atirava como uma corda. A magia era uma sorte de greta metafísica. Não sabia se quem exercia a magia tinha descoberto uma debilidade no espelho e a tinha utilizado, ou se era ele mesmo quem a causava. Apertei os dedos contra o frio cristal e pensei no calor que tinha forjado o espelho. Separei os dedos e o vidro se fez pedacinhos. Então uma linha de luz branca e deslumbrante apareceu com um brilho diamantino.

Atirei a bola de papel por aquele buraco que se abriu e voltei a recompor o espelho e a colocá-lo em seu lugar como quem molda barro com a mão. A porta se abriu detrás de mim: já não tinha tempo. Tinha ficado uma mancha no cristal. Inclinei-me para o espelho e simulando comprovar meu inexistente carmim, tampei a pequena imperfeição.

A primeira mulher tinha aberto uma pequena bolsa e estava pintando os lábios.

Eu não olhava para os lábios, a não ser aquela figura de sombras na parte inferior do espelho. Distingui uns pequenos braços, que abriam minha mensagem. Uma voz masculina soou como um timbre no ambiente:

-Sim.

-Ouviste isso? -Perguntou a mulher que se observava no espelho.

-O quê? -Perguntei.

-Julie, ouviste?

-Ouvi o quê? -Disse a outra mulher, ainda na cabine. Deu descarga e Julie se juntou a sua amiga diante do espelho.

Para meu horror, a figura de sombras começou a crescer e estava a ponto de sair do espelho. Não ficava suficiente encanto para cobri-la. Maldição!

Me ocorreu um modo de apartar às mulheres. Cruzei o banheiro até o interruptor da luz e a apaguei. Ao mesmo tempo que a escuridão nos envolvia, senti que trocava a pressão. Sabia que alguém estava arrastando-se através do espelho como se estivesse apartando uma grossa cortina cristalina. Traguei

saliva para aliviar o zumbido dos ouvidos e me perguntei o que devia fazer com as duas mulheres que falavam.

Estava de pé em meio a escuridão, sentindo que algo se movia, e sabia que não eram as mulheres.

-Que diabos está acontecendo? -Exclamou uma mulher.

-Foi-se a luz – eu disse.

-Fantástico -disse a outra mulher-. Saíamos daqui, Julie.

Ouvi as duas caminhando rápido para a porta.

Ao sair penetrou um pouco de claridade até que a porta se fechou detrás delas.

Uma chama amarela e verde cobrou vida na escuridão. As chamas arrojavam sombras sobre um rosto escuro, muito escuro.

A pele de Doyle não era marrom, era negra. Parecia esculpida em ébano. Tinha os maçãs do rosto muito marcadas e o queixo muito afiado para meu gosto. Era todo ângulos e escuridão. Tinha um aspecto delicado, como os ossos de um pássaro, mas tinha visto como lhe golpeavam no rosto com um martelo. Tinha sangrado, mas tinha resistido.

Assim que o vi, percorreu-me um calafrio de medo. Se não tivesse salvado a minha vida teria pensado que queria me matar. Ele era a mão direita da rainha. Ela diria: “Onde está minha Escuridão? Me tragam minha Escuridão”. E alguém morreria ou sangraria ou ambas as coisas. Era Doyle o responsável por minha execução, não Sholto. Tinha me salvado antes para me matar agora?

-Não quero te fazer mal, princesa Meredith.

Quando pronunciou isto em voz alta pude voltar a respirar. Doyle não fazia jogos de palavras. Dizia o que pensava e pensava o que dizia. O problema era que a maioria das vezes soltava coisas como “vim te matar”. Entretanto, esta vez não queria me fazer mal. Por quê ou, melhor dizendo, por quê não?

Estava de pé no lavabo de mulheres. Os amparos que tinha convocado nas portas e janelas terminariam por ceder e entrariam os slugh, e não confiava no Sholto para que me salvasse deles. Se não se tratasse do Doyle teria me jogado a seus braços ou teria me deixado cair pela perda de sangue e o choque. Mas era Doyle, e ele não era uma pessoa em cujos braços possa se deixar cair, sem comprovar antes se levava alguma faca.

-O que quer, Doyle?

Estas palavras saíram com mais severidade da que pretendia, mas não me desculpei pelo tom. Esforçava-me em não tremer visivelmente, mas era em vão. Ainda estava sangrando por meia dúzia de feridas nos braços, e o sangue escorregava também por dentro de minhas calças como um verme quente. Necessitava ajuda, não podia ocultá-lo, e isso me situava em uma posição muito fraca para negociar com a rainha. E não me enganaria: negociar com o Doyle era negociar com a rainha. A não ser que as coisas tivessem trocado drasticamente na corte em só três anos.

-Obedecer a minha rainha.

Seu tom era como sua pele, escuro. Sua voz profunda podia chegar a notas tão baixas que me davam calafrios.

-Isso não é nenhuma resposta – eu disse.

O cabelo era negro, mas não tanto como sua pele. Parecia que o usava muito curto, mas eu sabia que o recolhia em uma grossa tranca que lhe descia

pelas costas até os tornozelos. A trança deixava nuas e ao descoberto as pontas de suas orelhas.

O brilho verde procedia de dois brincos de diamante que agraciavam suas bonitas orelhas, e havia duas jóias escuras, quase da cor de sua pele, ao lado dos diamantes. Também usava vários aros de prata ao longo de ambos os lóbulos até o extremo destes, onde se afiavam ligeiramente.

As orelhas em ponta mostravam que não pertencia de tudo à alta corte, mas sim era uma mescla bastarda como eu mesma. Era o único sinal que o delatava e embora teria podido tampá-la com o cabelo, quase nunca o fazia.

Além dos brincos, luzia um pequeno pinjente de prata em forma de aranha sobre o peito.

-Deveria ter recordado que sua marca é uma aranha.

Sorriu um pouco, o qual para o Doyle era uma exagerada amostra de expressividade.

-Em circunstâncias normais te daria tempo para que se arrumasse, mas seus amparos não durarão muito, assim se tiver que te salvar é melhor que ajamos rápido.

-A rainha enviou aqui o senhor Sholto para me matar. Por que envia a ti para me salvar? Isto não tem sentido nem tratando-se dela.

-A rainha não enviou o Sholto.

Olhei-o. Não sabia se acreditava. Quase nunca mentíamos abertamente, mas alguém estava mentindo porque não podiam estar me contando os dois a verdade.

-Sholto disse que a rainha tinha ordenado minha execução.

-Pensa, princesa. Se a rainha Andais desejasse realmente sua execução, levaria-te a corte para que todos vissem o que ocorre às sidhe que desobedecem as ordens reais. Utilizaria-te para dar exemplo. -Fez um gesto para abranger todo o banheiro e suas mãos pulverizaram uma espécie de chama. -Não te mataria às escondidas, onde ninguém pode vê-lo.

A chama se voltou atrás sobre si mesma como água que escorre por um prato, mas continuou dançando ao redor das pontas de seus dedos.

Apoiei-me no lavabo. Se não acabássemos logo com a conversa terminaria caindo de joelhos. Tinha perdido muito sangue e seguia perdendo.

-Quer dizer que a rainha não renunciaria a me ver morrer – eu disse.

-Sim- ele disse.

Algo golpeou a janela com tanta força que a habitação pareceu tremer. Doyle se voltou para o som, tirando uma grande faca, ou uma pequena espada, de detrás das costas. As chamas verdes flutuavam ao redor de suas costas e ainda por cima de um de seus ombros como um fiel falcão.

A luz saía do fio da espada e do punho. Lavrados no punho havia um trio de corvos com as asas entrelaçadas e os bicos abertos sustentando as jóias da corte.

Caí ao chão, mas mantive uma mão obstinada ao lavabo.

-Essa espada é a Temor Mortal.

Era uma das armas privadas da rainha e nunca tinha ouvido que a cedesse a ninguém por motivo algum.

Doyle se apartou lentamente da janela vazia. A espada curta concentrava a trêmula luz.

-Agora acredita que a rainha me enviou para te salvar?

-Ou isso ou a matou para lhe tirar a espada – eu disse.

Olhou-me, e seu semblante indicava que não via o humor nesta última observação. Melhor, porque não pretendia fazer uma piada. A Temor Mortal era um dos tesouros da corte da Escuridão. Utilizou-se sangue mortal quando ela foi forjada, o qual significava que uma ferida mortal da arma era realmente uma ferida mortal para qualquer elfo, inclusive para um sidhe. Teria jurado que a única maneira de conseguir a espada era arrancá-la das mãos frias do cadáver de minha tia.

Algo golpeava a janela uma e outra vez. Pensava que queriam romper o amparo com magia, o qual levaria certo tempo, mas simplesmente se propunham a jogá-la abaixo. Se a janela desaparecia, desaparecia o amparo. A força bruta nem sempre funcionava sobre a magia, mas em certas ocasiões sim. Essa noite sim ia funcionar. Ouvi um som agudo quando o vidro reforçado começou a esquartejar-se. Doyle se ajoelhou ante a mim, com a ponta da espada para baixo.

-Não temos tempo, princesa.

Assenti.

-Estou ouvindo.

Dirigiu para mim sua mão direita vazia, e me acovardei tanto que caí ao chão.

-Tenho que te tocar, princesa.

-Por quê?

O vidro se quebrou e o vento começou a soprar na habitação. Ouvi que algo grande roçava a parede, e os agudos gorjeios das aves noturnas respirando aos mais fornidos.

-Posso matar a alguns deles, minha princesa, mas não a todos. Daria minha vida por ti, mas isso não será suficiente, não contra o poder de quase a totalidade dos sluagh.

Se aproximou tanto que tive que deixar que me tocasse, do contrário teria tido que me apartar dele me arrastando para trás como um caranguejo.

Pus uma mão adiante, tocando a pele de sua jaqueta. Ele continuou pressionando, e minha mão escorregou para a camiseta negra que levava debaixo. Senti algo úmido. Retrocedi, e vi na inquietante penumbra que minha mão estava negra.

-Está sangrando – eu disse.

-Os sluagh não queriam que eu te encontrasse esta noite.

Tive que pôr uma mão atrás para não cair ao chão, porque ele estava muito perto. O bastante perto para me beijar, ou para me matar.

-O que quer, Doyle?

O vidro se fez pedacinhos e provocou uma tintilante chuva de lascas.

-Sinto muito, mas não há tempo para delicadezas.

Deixou cair a espada ao chão e me agarrou pelos antebraços para me atrair para ele. Só tive um segundo para me dar conta de que queria me beijar.

Se tivesse tentado me cravar a espada, teria estado preparada, ou ao menos não teria me surpreendido, mas um beijo... Estava desconcertada. Sua pele cheirava a alguma especiaria exótica. Seus lábios eram delicados, e o beijo agradável. Fiquei paralisada entre seus braços, muito turvada para saber o que fazer, como se tivesse me enfeitado. Sussurrou contra meus lábios:

-Ela disse que tinha que dar o beijo da mesma forma que ela me deu. -Suas palavras deixavam entrever seu aborrecimento.

Ouvi que algo atravessava a janela e caía pesadamente. Doyle me soltou tão de repente que voltei a cair ao chão. Então, com um só movimento fluido, como um passo de baile, agarrou a espada, voltou-se e cruzou o quarto para cravar a arma em um tentáculo negro, tão grande como ele, que tinha penetrado pelo buraco da janela. Ouviu-se um grito do outro lado do vidro quebrado. Doyle extraiu a espada do tentáculo e este começou a retroceder. Ele levantou a espada por cima da cabeça e a fez cair com toda sua força. O tentáculo cerceado derramou um banho de sangue negro em meio de uma luz verde amarelada.

O resto do tentáculo se retirou pela janela com um som similar ao gemido do vento. Doyle se voltou para mim.

-Isto lhes reterá, mas não muito.

Aproximou-se de mim, com a espada ensangüentada na mão. Tudo tinha acontecido em questão de segundos. Inclusive as tinha arrumado para que permanecer em um lado, com o qual o sangue não lhe sujaria, como se tivesse sabido onde colocar-se ou para onde ia saltar o sangue.

Ao lhe ver aproximar-se de mim, não pude permanecer no chão. Ele tinha vindo para me manter com vida, mas à medida que se aproximava, todos meus instintos ficaram de acordo para me fazer gritar. Doyle era algo elementar esculpido de escuridão e de penumbra, armado com uma espada assassina e avançava para mim como a própria encarnação da morte. Nesse momento, entendi por que os humanos nos adoravam.

Agarrei-me no lavabo para me pôr em pé, porque não podia enfrentá-lo de joelhos. Devia me manter de pé diante daquela graça da Escuridão, ou me inclinar ante ele como um humano em posição de adoração. Me pôr em pé fez com que a habitação girasse. Estava tão enjoada que temia cair, mas me mantive em pé me agarrando no lavabo com todas as minhas forças. Quando se esclareceu a minha visão, continuava de pé e Doyle estava o bastante perto para que pudesse ver chamas verdes nos espelhos escuros de seus olhos.

De repente me apertou contra seu corpo e senti em minha pele o sangue-frio de sua camisa. Notava a força de suas mãos em minhas costas, me apertando contra seu corpo.

-A rainha pôs em mim sua marca para que eu lhe entregue isso. Assim que a tenha, todos saberão que te fazer mal será arriscar-se a perder a misericórdia da rainha.

-O beijo – eu disse.

Ele assentiu.

-Disse que tinha que dar isso, igual ela me deu. Me perdoe.

Beijou-me antes de que eu pudesse perguntar por que motivo pedia perdão. Beijou-me como se tentasse escalar dentro de mim através de minha boca. Eu não estava preparada nem lhe tinha dado permissão. Tentei me apartar de seu braço, mas se aferrou a minhas costas, pressionando a jaqueta de pele contra meu corpo. Sua outra mão segurava meu rosto e os dedos se cravavam em meu queixo. Não podia impedir que me beijasse, não podia me separar dele.

Lutar não estava me levando a nenhum lugar, de maneira que me detive e abri a boca, lhe devolvendo o beijo. Senti que ele se relaxava, como se pensasse que eu estava lhe dando permissão. Agarrei sua camiseta negra e comecei a tirá-la de suas calças. Estava tão úmida de sangue que se pegava à pele, mas a tirei de tudo. Pus minhas mãos sobre a superfície de seu estômago, para cima, para a suavidade de seu peito.

Fundiu-se comigo, e sua mão pressionava com força a pele nua de minhas costas.

Minhas mãos encontraram a ferida de seu peito. Era um rasgo largo e profundo. Aconteceram três coisas ao mesmo tempo: afundei meus dedos em sua ferida; seu corpo se esticou e senti como reagia ante a dor. Acredito que estava a ponto de me soltar, mas então, quanto mais ele sentia dor e eu afundava os dedos em sua ferida, ocorreu a terceira coisa: a marca da rainha lhe encheu a boca e penetrou em meu interior.

Uma doce corrente de poder me encheu a boca, deslocando-se do corpo do Doyle para o meu e fundindo-se entre nossos lábios, como se nós dois estivéssemos chupando o mesmo caramelo. O poder se inchou em nosso interior e nos encheu de calor, como um vinho especial e quente vertido em duas taças iguais, até que o poder encheu nossos corpos e se derramou em um líquido morno através de nossa pele.

Doyle deixou de me beijar e se separou de mim. Deixei-me cair ao chão, esta vez não pela hemorragia, mas sim porque os joelhos não me sustentavam.

Não era capaz de focar nada, via o mundo através de uma neblina. Doyle apoiava suas duas mãos no lavabo, cabisbaixo, como se estivesse enjoado. Ouvi o dizer:

-Consorte, me salve.

Não sei qual teria sido minha aguda réplica, porque a porta se abriu de repente e golpeou a cabine mais afastada. Distingui a silhueta do Sholto na soleira. Pôs-se o casaco cinza sobre o peito nu, mas o ninho de tentáculos aparecia como um monstro que tentava desprender-se de sua pele.

Percebi um movimento detrás de mim, e ao me virar vi o Doyle indo procurar a espada que tinha deixado no lavabo. Senti o poder do Sholto formando um vendaval. De repente, dava-me conta de que ambos pensavam que o outro tinha vindo para me matar.

Tive tempo para gritar:

-Não!

A chama do Doyle se desvaneceu, devorada por uma escuridão aveludada e perfeita, cheia dos sons de corpos em movimento.

Eu gritei:

-Não! Sholto, Doyle, não machuquem um ao outro!

Ouvi carne golpeando carne, pisadas escorregando à medida deslizavam pela escuridão. Alguém respirou com dificuldade e a seguir, ouvi uns ruídos.

-Por favor, me escutem, nenhum de vocês está aqui para me fazer mal. Os dois me querem viva.

Não sei se não me ouviram, ou não queriam me ouvir. Pelo menos, alguém utilizava uma espada na escuridão, com o qual não me levantei mas sim fui me arrastando até o interruptor. Apalpava as pias à direita e avançava medindo com a mão esquerda.

A batalha continuou em um silêncio quase completo até que alguém começou a gritar, e pronunciei uma prece silenciosa para que ninguém morresse. Quase me choquei com a parede. Levantei, medindo com as mãos até que achei o interruptor. Acendi e o banheiro se iluminou. Fiquei ali, deslumbrada.

Os dois sidhe estavam abraçados, com os corpos tensos. Doyle, de joelhos, com um tentáculo lhe oprimindo o pescoço. Sholto estava sangrando, e demorei um segundo para me dar conta de que um dos tentáculos do estômago tinha sido cortado e se retorcia junto ao joelho do Doyle. Este ainda sustentava a espada, mas a mão do Sholto e dois de seus tentáculos a mantinham afastada. As outras mãos pareciam entrelaçadas em um jogo de luta de dedos. Só que não era um jogo. Surpreendeu-me a resistência do Sholto. Doyle era o campeão reconhecido da corte da Escuridão. Havia muito poucos que lhe pudessem resistir e quase ninguém capaz de lhe vencer. Sholto não fazia parte dessa pequena lista, ou isso era o que eu pensava. Então, distingui algo com a extremidade do olho: um pequeno resplendor. Quando olhei não vi nada. Às vezes a magia é assim, só perceptível mediante a visão periférica. Havia um objeto que brilhava na mão do Sholto: um anel.

Doyle teve que soltar a espada e começou a afrouxar nas mãos do Sholto. Este a agarrou antes de que tocasse o chão. Os tentáculos imobilizavam o braço do Doyle. Eu avançava, mas ainda não tinha pensado o que faria ao chegar ali.

Sholto sustentou o corpo do Doyle com seus tentáculos e levantou a espada com as duas mãos, disposto a afundar-lhe no peito. Estava detrás do Doyle quando a espada começou a baixar. Baixei meu corpo ao dele e levantei uma mão sem que meu olhar abandonasse em nenhum momento a brilhante espada. Tive só um instante para me perguntar se Sholto se deteria a tempo. Então ele girou a espada e a sustentou para cima.

-O que está fazendo, Meredith?

-Ele está aqui para me salvar, não para me matar.

-Ele é a Escuridão da Rainha. Se ela quiser sua morte, ele será seu instrumento.

-Mas tem Temor Mortal, uma de suas armas pessoais. Levava com ele a marca dela para me dar. Se conseguir se acalmar o suficiente, entenderá.

Sholto me olhou e a seguir, franziu o sobrecenho.

-Então, por que me enviou pra te matar? Isso não faz sentido nem sequer para o Andais.

-Se parar de estrangulá-lo, possivelmente poderemos entender.

Olhou o corpo do Doyle, que ainda se pendurava dos tentáculos.

-OH! -Disse como se tivesse esquecido que ainda estava espremendo a outro homem. Tecnicamente, não é possível estrangular um sidhe até matá-lo, mas eu não gosto de comprovar os limites da imortalidade. Nunca se sabe em que ponto a armadura pode ter uma gruta suficientemente larga para morrer por ela.

Sholto liberou o Doyle, e este caiu em meus braços. Seu peso me obrigou a me fincar de joelhos. O sangue que tinha perdido não explicava semelhante debilidade. Devia-se a um estado de choque ou a ter utilizado pela primeira vez uma mão de poder. Fosse qual fosse a causa, só queria fechar os olhos e descansar, mas isso não ia acontecer.

Sentei-me no chão, colocando a cabeça do Doyle em meu colo. O pulso de seu pescoço era forte, constante, mas não despertou. Respirou duas vezes, rapidamente. Logo jogou a cabeça para trás, abriu os olhos e agarrou uma grande quantidade de ar. Começou a tossir e se sentou. Vi-o tenso, e sem dúvida Sholto também, porque de repente apontava a espada à cara do Doyle.

Doyle ficou imóvel, olhando o outro homem.

-Acabe de uma vez.

-Ninguém vai terminar nada – eu disse.

Nenhum dos dois me olhou. Não podia ver a expressão do Doyle, mas sim a do Sholto, e eu não gostei do que vi. Aborrecimento, satisfação. Via em seu rosto que desejava matar o Doyle.

-Doyle me salvou, Sholto. Me salvou de seus sluagh.

-Se não tivesse protegido a porta, teria chegado a tempo -disse Sholto.

-Se não tivesse protegido a porta, teria chegado a tempo para chorar sobre meu cadáver, mas não para me salvar.

Sholto seguia sem tirar olho de Doyle.

-Como entrou se eu não pude?.

-Sou um sidhe -disse Doyle.

-Eu também -disse Sholto. A irritação se fez mais visível em seu rosto.

Dei um forte tapa no ombro de Doyle. Não se virou, mas fez uma careta de dor.

-Não o provoque, Doyle.

-Não estava o provocando, simplesmente constatava um fato. A luta começava a adquirir uma aparência muito pessoal, como se houvesse entre eles algum assunto pendente que não tivesse nada que ver comigo.

-Olhe, não sei o que vocês têm um contra o outro, podem me chamar de egoísta, mas eu não ligol. Quero sair viva deste maldito banheiro, e isto é prioridade sobre qualquer vingança pessoal que vocês dois tenham. Portanto, deixem de agir como garotinhos e comecem a se comportar como guardacostas reais. Me tirem daqui inteira.

-Tem razão -disse Doyle, em voz baixa.

-A Escuridão da Rainha, retirando-se de uma luta? Custa imaginá-lo. Ou é porque agora sou eu quem está com a espada? Sholto moveu a espada para frente, até tocar o lábio superior do Doyle.

-Uma espada que pode matar a qualquer elfo, inclusive a um sidhe nobre. OH, esqueci, não tem medo de nada. -Na voz do Sholto havia um tom de ressentimento, de brincadeira, que deixava claro que tinha ido de encontro com uma velha rixa.

-Tenho medo de muitas coisas -disse Doyle, com uma voz acalmada e neutra. -A morte não é uma delas. Mas o anel de seu dedo é algo com o que sou cauteloso. Como conseguiu Beathalachd? Não tinha visto ser utilizado por ninguém há séculos.

Sholto levantou a mão de maneira que o bronze escuro de seu anel brilhou fracamente. Era uma peça pesada de joalheria, e me teria observado ela se tivesse estado em seu dedo antes.

-Foi um presente da rainha para mostrar sua bênção a esta caçada.

-A rainha não te deu Beathalachd, ao menos não pessoalmente. -Doyle parecia muito seguro disso.

-O que é Beathalachd? -Perguntei.

-Vitalidade -disse Doyle-. Rouba a vida e a destreza de seu adversário, que é o único modo que tem Sholto de me vencer em uma batalha.

Sholto se ruborizou. Considerava-se um sinal de debilidade utilizar magia alheia a para vencer a outro sidhe. O que Doyle devia dizer era que Sholto não poderia ganhar uma batalha em condições de igualdade e que tinha que fazer armadilhas. Mas não era fazer armadilhas: só ser pouco cavalheiresco. Pro inferno com o cavalheirismo, o importante é sair vivo. Isso era o que havia dito a todos os homens que tinha amado, incluindo meu pai, antes de qualquer duelo.

-O anel demonstra que conto com o favor da rainha -disse Sholto, com a cara ainda corada.

-O anel não chegou da mão da rainha à tua --disse Doyle-, nem mesmo a ordem de matar à princesa tampouco saiu de sua boca.

-Sei quem fala pela rainha e quem não -disse Sholto, e a vez dele de parecer convincente.

-De verdade? -Disse Doyle-. E se eu tivesse me dirigido a ti e tivesse te dado as ordens da rainha, teria acreditado?

Sholto torceu a boca, mas assentiu.

-É a Escuridão da Rainha. Quando sua boca se move, são suas palavras as que saem por ela.

-Então, escuta estas palavras. A rainha quer a princesa Meredith viva e em casa.

Não podia decifrar todos os pensamentos que se refletiam no rosto do Sholto, mas havia muitos. Tentei formular a pergunta que não queria responder ao Doyle.

-A própria rainha te falou que viesse a Los Angeles e me matasse? Sholto me olhou. Era um olhar largo e condescendente, mas finalmente moveu a cabeça.

-Não -disse.

-Quem te disse que viesse a Los Angeles e matasse a princesa? - Perguntou Doyle.

Sholto abriu a boca para responder, mas depois a fechou. A tensão se dissipou, e se separou do Doyle, baixando a espada.

-Não, de momento reservarei para mim o nome do traidor.

-Por quê? -Perguntei.

-Porque a presença do Doyle aqui só pode significar uma coisa. A rainha quer que retorne a corte. -Olhou para o Doyle-. Tenho razão, certo?

-Sim -disse Doyle.

-Quer que eu retorne a corte?

Doyle se moveu para poder olhar tanto para o Sholto como para mim, dando as costas as privadas.

-Sim, princesa.

Neguei com a cabeça.

-Eu fui embora porque havia gente que queria me matar, Doyle. E a rainha não ia os deter.

-Eram duelos legais -disse.

-Eram assassinatos sancionados pela corte – eu disse.

-Eu falei isso para ela -disse Doyle.

-E o que ela disse?

-Deu-me sua marca para lhe dar. Se alguém te matar agora, inclusive em um duelo, terá que confrontar a vingança da rainha. Confia nisto, princesa: nem sequer os que mais desejam sua morte estão dispostos a pagar tão alto preço por isso.

Olhei para Sholto, e o movimento me enjoou um pouco.

-Está certo, voltarei para a corte, se a rainha pode garantir minha segurança. O que tem isso a ver com você não nos dar o nome do traidor? Quem utilizou o nome da rainha para te ordenar que me matasse, se ela não me queria morta?

-Me reservarei essa informação de momento -repetiu Sholto. Sua cara voltava a ser aquela máscara arrogante que estava acostumado a utilizar na corte.

-Por quê? -Perguntei.

-Porque se a rainha te permite retornar a corte, não precisará negociar comigo. Poderá voltar para mundo mágico, para a corte da Escuridão, e eu retornarei para o meu reino e ela te encontrará outro amante sidhe. De maneira que não precisa de mim, Meredith. Terá tudo o que eu podia te oferecer, e não estará ligada por toda a vida a um monstro deformado.

-Você não é deformado, Sholto. Se suas arpías não tivessem impedido, eu teria demonstrado isso.

Algo iluminou seu rosto por cima dessa máscara de arrogância.

-Sim, minhas arpías. -Voltou para mim seus olhos amarelos-. Pensei que não tinha a mão de poder, Meredith.

-Não a tenho – eu disse.

-Acredito que Nerys não estaria de acordo contigo a respeito disso.

-Não sabia, Sholto, não queria... -Não tinha palavras para definir o que tinha feito a Nerys.

-O que aconteceu? -Perguntou Doyle.

-Agnes a Negra mentiu para os sluagh. Disse que se eu dormisse com o Meredith, converteria-me em um sidhe puro, e já não seria seu rei. Convenceu-os de que estavam me protegendo de mim mesmo, me protegendo das artimanhas da bruxa sidhe.

Arqueei as sobrelhas para ouvir isto. Sholto me olhou.

-Mas convenci a Agnes e ao resto de que você não constitui nenhum perigo.

Olhei-o nos olhos.

-Vi o método de persuasão antes de ir.

Assentiu.

-Agnes queria te pedir obrigado. Nunca tinha ido tão bem comigo. Acredita que tem algo que ver com sua magia.

-Não está furiosa por causa de Nerys? -Perguntei.

-Ela te quer morta, sim, mas agora tem medo de ti, Meredith. Uma mão de carne como a seu pai, quem sonharia com isso? Havia em seus olhos algo mais que uma cuidadosa arrogância. Me dava conta em seguida de que era medo, um medo que transpassava sua máscara. Agnes a Negra não era a única assustada pelo que eu tinha feito naquele quarto.

-Uma mão de carne? -Repetiu Doyle-. O que está dizendo, Sholto?

Sholto estendeu a espada ao Doyle, com o punho por cima.

-Pegue, e vêem a meu quarto para ver o que tem feito nossa princesinha. Nerys não pode curar-se, de modo que te peço que lhe conceda uma morte digna antes de acompanhar Meredith a casa. Os acompanharei a um táxi no caso de meus sluagh não serem... Totalmente obedientes.

Suas palavras e sua linguagem corporal revelavam sua antipatia para o Doyle.

Doyle fez uma leve reverência e agarrou a espada.

-Se for um favor o que precisa, então te concederei em troca do nome do traidor que te enviou a Los Angeles.

Sholto negou com a cabeça.

-Não lhes direi o nome, agora não. Reservarei-me isso até que me sirva de algo, ou até que possa tratar pessoalmente com ele.

-Se nos dissesse contribuiria isso para manter à princesa a salvo na corte.

Sholto pôs-se a rir, com aquele estranho som amargo que ele tomava por risada.

-Não direi quem me enviou aqui, mas imagino quem queria que entregasse a mensagem, igual a você. Meredith foi embora da corte, porque os que apoiavam ao príncipe Cel não paravam de desafiá-la a duelos. Se tivesse sido algum outro quem estava por trás dos ataques contra a vida do Meredith, a rainha teria tomado parte no assunto e os teria parado. Não teria permitido um insulto deste tipo contra a família real, nem sequer cometido contra uma mortal sem magia e com sangue mesclado. Mas era seu encantador garotinho quem estava por trás, e todos sabíamos. Por isso, Meredith fugiu e se escondeu, porque não confiava em que rainha a mantivesse com vida quando Cel a queria morta.

Doyle olhou aqueles olhos acusadores com semblante tranqüilo.

-Acredito que descobrirá que nossa rainha já não é tão tolerante com as... Excentricidades do príncipe.

Sholto voltou a rir, fazendo um som doloroso.

-Quando sai da corte há só uns dias, parecia que ainda as tolerava muito bem.

A cara do Doyle seguia mostrando quietude, como se nada do que pudesse fazer o outro homem fosse capaz de lhe perturbar. Acredito que isto incomodava a Sholto mais que qualquer outra reação do Doyle, e este sabia.

-Um problema de cada vez, Sholto. De momento, tenho a promessa da rainha e sua magia para assegurar que a princesa não sofrerá dano algum na corte.

-Acredito em você, Doyle, mas de momento te pediria que me ajudasse a matar alguém a quem eu apreciava.

Doyle se levantou com facilidade, como se não tivesse estado quase a ponto de ser estrangulado momentos antes. Eu não estava segura de que pudesse me manter em pé. Não é só imortalidade o que me falta por ter saído a meu sangue humano.

Os dois me ofereceram sua mão ao mesmo tempo, e eu agarrei a ambas. Quase me levantaram dos meus pés.

-Muito bem, meninos, mas preciso de ajuda para me levantar, não para voar.

Doyle me olhou.

-Está pálida. Está muito ferida?

Neguei com a cabeça e me separei dos dois.

-Nem tanto. Basicamente, é só um choque, e... Doeu quando... Fiz o que fiz a Nerys.

-O que lhe fez? -Perguntou.

-Vem ver -disse Sholto-. Vale a pena. -Então me olhou-. As notícias do que tem feito chegarão antes que você a corte, Meredith. Meredith, Princesa da Carne, já não só a filha do Essus.

-É muito estranho que um filho receba os mesmos dons que seu pai - afirmou Doyle.

Sholto caminhou para a porta, colocando-se bem o casaco cinza à medida que andava. A roupa ficava empapada de sangue ali onde a tocava o tentáculo cortado.

-Vem, Doyle, Portador da Chama Dolorosa, Barão Língua Doce, vem e me diga o que acha dos dons de Meredith.

Conhecia seu primeiro título, mas não o segundo.

-Barão Língua Doce? -Perguntei.

- É um nome muito antigo -disse.

-Que isso, Doyle, está sendo muito modesto. Era o nome carinhoso que lhe pôs a rainha.

Os dois homens se olharam um a outro, e novamente o rancor se podia notar.

-O nome não representa o que imagina, Sholto -disse Doyle.

-Não imagino nada, mas acredito que o apelido fala por si mesmo. Não te parece, Meredith?

-O Barão Língua Doce. Tem certo encanto – eu disse.

-Não é para o que você pensa -repetiu Doyle.

-Bom -disse Sholto-, sem dúvida não é por causa de suas palavras de mel.

Estava certo. Doyle não gostava dos grandes discursos, nem era amigo dos comentários.

-Se diz que não é nada sexual, então acredito em você –eu disse.

Doyle me fez uma leve reverência.

-Obrigado.

-A rainha não põe apelidos que não tenham a ver com o sexo -assegurou Sholto.

-Se engana – eu disse.

-Quando e para quê?

-Quando acredita que um nome incomodará à pessoa, e porque gosta de incomodar.

-Bom, esse último não cabe dúvida -afirmou Sholto. Tinha a mão sobre a maçaneta da porta.

-Surpreende-me que ainda não tenha entrado ninguém – eu disse.

-Coloquei um pequeno feitiço de aversão na porta. Nenhum mortal se atreveria a passar, e muitos poucos elfos. -Começou a abrir a porta.

-Você não quer o seu... membro (tentáculo)? Possivelmente possa voltar a se unir.

-Voltará a crescer -disse.

Certamente, meu aspecto era tão cético como o que estava passando por minha mente, porque sorriu de uma maneira que em parte indicava superioridade e em parte pedia perdão.

-Há algumas vantagens de ser metade ave noturna, não muitas, mas sim algumas. Posso regenerar qualquer parte perdida de meu corpo. -Pareceu refletir um segundo, e depois acrescentou-: Ao menos de momento.

Não sabia o que lhe dizer, assim que fiquei calada.

-Acredito que a princesa necessita um pouco de calma, ou seja que se pudéssemos ver seu amiga... -Disse Doyle.

-É obvio. -Sholto segurou a porta.

-E o que faremos com tudo isto? -Perguntei-. Vamos deixar partes de tentáculo e sangue pulverizados pelo chão?

-O Barão é o responsável, deixe que a limpe – disse Sholto.

-Nem as partes do corpo nem o sangue me pertencem -assegurou Doyle-. Se o quiser limpo, sugiro-te que você mesmo se encarregue. Quem sabe o dano que poderia fazer uma bruxa com talento com uma parte de corpo deixada pelos chãos?

Sholto protestou, mas ao final meteu a parte de tentáculo no bolso de seu casaco. A parte maior ficou ali. Eu em seu lugar teria dado uma boa gorjeta à empresa de limpeza, embora só fosse para compensar por limpar o banheiro.

Nos dirigimos ao elevador, e Doyle se ajoelhou no chão estudando o que restava de Nerys a Cinza. Era uma massa de carne de aproximadamente o tamanho de um cesto de papéis. Nervos, tendões, músculos, órgãos internos, todos brilhavam, úmidos, pelo exterior dessa massa. E todos pareciam funcionar com normalidade. Aquele montão de carne subia e descia ao ritmo da respiração. O pior era o som: um chiado agudo, apagado porque tinha a boca dentro do corpo, mas mesmo assim seguia vociferando. Gritou. O tremor, que se tinha mitigado, intensificou-se de novo. De repente, senti frio, ali de pé com apenas o sutiã e as calças.

Peguei minha camisa do chão justo onde a tinha deixado e a vesti, embora sabia que a roupa não serviria para acalmar esse tipo de frio. Era mais um tremor da alma que do corpo. Podia me colocar debaixo de um montão de mantas e não serviria de nada.

Doyle me olhou, ajoelhando-se ao lado daquela massa de carne vociferante:

-Impressionante. O príncipe Essus em pessoa não o teria feito melhor. -As palavras eram um elogio, mas seu rosto impassível não me permitiu determinar se gostava ou não.

Em realidade, pensei que era uma das coisas mais horríveis que tinha visto, mas sabia que não devia compartilhar a observação. Era uma arma poderosa, a mão de carne. Se as pessoas acreditassem que a utilizava com facilidade, serviria-me mais como arma dissuasiva. Se pensavam que eu mesma a temia, então a ameaça seria menor.

-Não sei, Doyle, uma vez vi meu pai tirar as tripas de um gigante. Acha que eu poderia fazer algo com essas características?

Minha voz era seca, interessada, mas em um plano teórico. Era a voz que tinha cultivado na corte. A voz que utilizava quando tentava não mostrar

histeria ou sair gritando de um ambiente. Tinha aprendido a observar as coisas mais horríveis e a fazer comentários secos e educados.

Doyle tomou a pergunta ao pé da letra.

-Não sei, princesa, mas será interessante descobrir os limites de seu poder.

Estava em desacordo, mas não rebati o comentário, porque não podia pensar em um comentário suficientemente seco e educado para cobrir a situação. Os chiados afogados continuavam com o mesmo ritmo que a respiração daquela massa de carne. Nerys era imortal. Meu pai tinha feito o mesmo uma vez a um inimigo da rainha. Andais guardou aquela bola de carne em um arca, em sua quarto. Periodicamente, alguém a encontrava em sua cama. Que eu saiba, nunca ninguém perguntou o que fazia fora do arca. Um simplesmente a agarrava, devolvia-a à arca, fechava esta e lutava contra as imagens que lhe passavam pela cabeça quando encontrava essa bola de carne na cama da rainha.

-Sholto pediu que desse morte a Nerys. Faça, assim poderemos sair daqui.

Mostrei-me desinteressada, aborrecida inclusive. Pensei que, se tinha que estar de pé ali escutando durante muito tempo como gritava aquela coisa, me uniria a seus gemidos.

Ainda de joelhos, Doyle me ofereceu a espada, sustentando-a pelo fio.

-É sua magia: mata-a você.

Olhei o punho de osso, os três corvos e seus olhos adornados com jóias. Não queria fazer aquilo. Olhei o fio durante outro minuto, tentando pensar em como sair da situação sem mostrar debilidade. Não me ocorreu nada. Se me comesse a gritar, a tormenta de Nerys seria em vão. Eu ganharia um novo título, mas não a reputação de como o tinha conseguido.

Agarrei a espada e amaldiçoei ao Doyle por me oferecer isso. Deveria ser fácil de fazer. Seu coração estava pulsando em um lado da bola. Afundei a espada nele e começou a brotar sangue. O coração deixou de pulsar, mas os chiados não se detinham.

Olhei aos dois homens.

-Por que não está morta?

-É mais difícil matar a um sluagh que a um sidhe-disse Sholto.

-Muito mais?

Encolheu-se de ombros.

-É você quem está matando.

Então, odiei para os dois, porque me dava conta finalmente de que se tratava de uma prova. Se me negasse a matá-la, eram capazes de deixá-la com vida, e isso era inadmissível. Não a podia deixar assim, sabendo que nunca envelheceria, nem se curaria, nem morreria. Simplesmente, continuaria existindo. Neste caso a morte era uma expressão de misericórdia; qualquer outra coisa era uma loucura, para ela e para mim.

Cravei a espada em todos os órgãos vitais que encontrei. Sangravam, deixavam de funcionar, e mesmo assim o chiado continuava. Finalmente, levantei a espada com as duas mãos por cima da cabeça e comecei a esfaqueá-la. Ao princípio, fazia uma pausa entre cada estocada, mas os chiados não cessavam no interior daquela bola de carne. Em algum momento, depois da décima estocada, ou da décima quinta, deixei de fazer pausas, deixei de escutar, limitei-me a cravar a espada.

Tinha que deter o chiado. Tinha que matá-la. Meu mundo se estreitou, circunscreveu-se ao afundamento da espada naquela carne dura. Meus braços

subiam e desciam, subiam e desciam. A espada golpeou a carne. Salpicou-me sangue na cara e na camisa. Acabei de joelhos ao lado de algo que já não era redondo nem inteiro. Tinha despedaçado aquela coisa, em peças irreconhecíveis. E o chiado, por fim, acabou.

Tinha as mãos empapadas de sangue carmesim, até os cotovelos.

A lâmina da espada era escarlate, o punho de osso, sangue coagulado, mas se seguia adaptando a minha mão, sem escorregar. A camisa de seda verde que tinha vestido estava empapada de sangue. Alguém respirava muito rápido, muito apressado, e percebi que era eu. Em algum momento daquilo tinha experimentado uma satisfação feroz, quase tinha encontrado prazer na destruição pura. Olhei o que tinha feito e não senti nada. Já não era capaz de sentir nada. Estava intumescida, e não podia me queixar por isso.

Levantei-me, me apoiando no bordo da cama. A cama já estava manchada com sangue: o que significaria outro rastro? Meus braços estavam doloridos, e os músculos tremiam por causa do exercício. Ofereci a espada ao Doyle igual a ele tinha feito.

-Uma boa espada, o punho nunca escorrega.

Minha voz soou tão vazia de emoção como eu a sentia. Perguntava-me se estar louco era isso. Se o era, não estava tão mal.

Doyle pegou a espada e se ajoelhou, inclinando a cabeça. Sholto o imitou. Doyle me saudou com a espada ensangüentada e disse:

-Meredith, Princesa da Carne, verdadeira soberana de sangue, bem-vinda ao círculo íntimo dos sidhe.

Olhei para os dois, ainda um pouco intumescida. Se existiam palavras rituais para responder, não podia pensar nelas. Ou não as tinha conhecido nunca, ou não podia fazer funcionar minha cabeça. A única coisa que me ocorreu dizer foi:

-Posso usar sua ducha?

-É minha hóspede -respondeu Sholto.

O tapete chapinhava sob meus pés, e quando saí dele, deixei rastros de sangue detrás de mim. Me despi entrei numa ducha muito quente. O sangue não era vermelho quando escorria pelo ralo, era rosado. Então me dava conta de duas coisas. Em primeiro lugar, estava orgulhosa da valentia que tinha mostrado ao matar Nerys e não deixá-la naquele horror. Em segundo lugar, uma parte de mim tinha passado bem matando-a. Estive tentada em pensar que a parte que lhe tinha gostado de matá-la estava motivada pela misericórdia do primeiro pensamento, mas não podia me permitir ser tão generosa comigo mesma. Eu pensei se a parte de mim que desfrutava afundando a espada na carne era a mesma parte que fazia com que Andais conservasse sua parte de carne em um arca fechada no seu dormitório. No segundo que você deixa de se questionar é o momento em que se converte em um monstro.

Retornei a meu apartamento com o cabelo ainda molhado pela ducha do hotel. Doyle insistiu em me abrir a porta, para o caso de ter alguma armadilha mágica. Tomava o ofício de guarda-costas com seriedade, claro que não tinha esperado menos do Doyle. Quando me assegurou que não havia perigo, caminhei descalça para o tapete cinza. Usava uma camisa havaiana e um par de shorts, que Sholto tinha pego emprestado do Gethin. A única coisa que não me serviu do homem foram os sapatos. Minha roupa seguia no quarto do hotel, tão empapada de sangue que até a roupa interior era irrecuperável. Parte do sangue era de Nerys, e parte, minha.

Acendi a luz do interruptor ao lado da porta. O abajur se iluminou. Tinha pago mais para que me permitissem pintar o piso de uma cor que não fosse branco. As paredes do cômodo da frente eram de um rosa pálido. A poltrona era púrpura, malva e rosa. A cadeira da esquina, muito macia, era rosa. Os lençóis, também rosas com detalhes púrpura. Jeremy havia dito que era como estar dentro de um ovo de Páscoa cenário de forma cara. As estantes eram brancas. Acendi o abajur de pé que havia junto à cadeira macia e logo o de cima da pequena mesa branca da cozinha, frente à qual se abria uma janela emoldurada por cortinas brancas com pontinhas. O vidro da janela era muito negro e de algum jeito, ameaçador. Corri as cortinas e a escuridão da noite ficou cativa depois da persiana branca. Fiquei um momento de pé diante do único quadro que havia na habitação. Tratava-se de uma lâmina da caça de mariposas do W. Scott Milhares. O quadro era virtualmente todo verde, e as mariposas reproduzidas de tamanho natural contribuíam com preciosos detalhes de cor rosa e púrpura. Embora a gente nunca escolha um quadro porque combina com os tons de uma habitação, mas sim porque te diz algo, algo do que quer te lembrar cada dia. Aquele quadro sempre tinha me parecido relaxante, idílio, mas essa noite era simplesmente pintura sobre um tecido. Essa noite nada ia me agradar. Acendi as luzes da cozinha e me dirigi ao dormitório.

Doyle tinha ficado a um lado enquanto eu ia de cômodo em cômodo acendendo todas as luzes, igual a um menino que se acorda de um pesadelo. Luz para expulsar o mal. O problema era que o mal estava em minha cabeça e não havia luz suficientemente brilhante para isso.

Doyle me seguiu quando entrei no dormitório. Dava um golpe contra o abajur do teto ao passar pela porta.

-Eu gosto do dormitório -disse.

O comentário fez com que me voltasse para ele.

-A que te refere?

Sua cara permanecia impassível, impenetrável.

-A sala de estar era tão... Rosa. Temia que o dormitório também o fosse.

Olhei as paredes de um cinza pálido, o papel pintado de granada, com flores malva, rosa e brancas. A cama tinha quatro colunas e era tão grande que quase não ficava espaço entre o pé desta e o banheiro. A colcha era de cor burdeos e sobre ela tinha um montão de almofadas: granadas, púrpura, malva, rosa e algumas, só umas poucas, negras. A penteadeira era de madeira de cerejeira, com um verniz tão escuro que quase parecia negra. A cômoda situada junto à janela fazia jogo com ela. Jeremy havia dito que meu dormitório

parecia o de um homem, com uns quantos retoques acrescentados por sua noiva. Havia um armário negro laqueado na esquina oposta ao banheiro. Era de estilo oriental, com grou e montanhas estilizadas. A grou formava parte da librea de meu pai. Lembrei-me de quando comprei o armário pensei que ele teria gostado. Em cima havia um filodendro, que tinha crescido tanto que as folhas se derramavam como uma cabeleira verde sobre a bela madeira.

Observei o dormitório e de repente o senti alheio. Voltei-me para o Doyle.

-Como se te importasse de que cor é meu dormitório.

Não se alterou, mas seu rosto se tornou mais impenetrável se pudesse, com um rastro de arrogância que me recordou a máscara da corte do Sholto.

O comentário tinha sido mesquinho, e era isso que pretendia. Estava zangada com ele. Zangada com ele porque não tinha matado a Nerys. Zangada com ele por me obrigar a fazer o que se tinha que fazer. Zangada com ele por tudo, inclusive por aquilo que não era culpa dele.

Dedicou-me um olhar gélido.

-Não te falta razão, princesa Meredith, seu dormitório não me interessa. Sou um eunuco da corte.

Neguei com a cabeça.

-Não, o problema não é esse. Você não é um eunuco; nenhum de vós o é. O que ocorre é que ela não quer compartilhar nada. Encolheu-se de ombros em um gesto não isento de graça, mas que lhe causou dor.

-Como está sua ferida? -Perguntei.

-Estava zangada comigo faz uns segundos e agora já não o está. Por quê?

Tentei expressá-lo com palavras:

-Não é sua culpa.

-O que não é minha culpa?

-Não me tem feito mal. Salvaste-me a vida. Não foi você quem me enviou os sluagh para que me perseguissem. Não foi você que provocou que esta noite se manifestasse a mão de carne. Não é tua culpa. Estou zangada e procuro um bode expiatório, mas você não tem que carregar culpas alheias.

Doyle arqueou as sobrancelhas.

-É uma atitude muito progressista vindo de uma princesa. -Sacudi a cabeça.

-Te esqueça do título, Doyle. Sou Meredith, só Meredith.

As sobrancelhas do sidhe se levantaram ainda mais, até que seus olhos se abriram de tal modo que a expressão que ficou me fez rir. A risada soou normal e me fez bem. Sentei-me no bordo da cama e sacudi a cabeça.

-Não acreditava que fosse rir esta noite.

Ajoelhou-se ante mim.

-Mataste antes: por que agora é diferente?

Olhei-o, surpreendida de que tivesse compreendido exatamente o que me preocupava.

-Por que era tão importante que eu matasse Nerys?

-Um sidhe chega ao poder mediante um ritual, mas isso não significa que o poder tenha que se manifestar. Depois de utilizar o poder pela primeira vez, um sidhe tem que se manchar de sangue em combate. -Pôs as mãos sobre a cama, uma a cada lado de meus quadris, mas sem me tocar. -É uma espécie de sacrifício de sangue, que assegura que os poderes sigam crescendo e não voltem a entorpecer-se.

-O sangue faz crescer as colheitas – eu disse.

Assentiu.

-A magia de morte é a mais antiga de todas as magias, princesa. -Esboçou um leve sorriso e se corrigiu:-Meredith.

Pronunciou meu nome em voz baixa.

-Assim que me fez trucidar a Nerys para que meus poderes não ficassem entorpecidos.

Voltou a assentir. Olhei aquela cara séria.

-Disse que um sidhe adquire seu poder depois de um ritual. Eu não tive nenhum ritual.

-A noite que passou com o roano foi seu ritual. -Neguei com a cabeça.

-Não, Doyle, não fizemos nada ritual aquela noite.

-Há muitos rituais para despertar o poder, Meredith. Combate, sacrifício, sexo, e muitos mais. Não é surpreendente que seu poder escolhesse o sexo. Descende de três deusas distintas da fertilidade.

-Em realidade, cinco. Mas sigo sem entendê-lo.

-Seu roano estava coberto com Lágrimas do Branwyn; durante aquela noite ele representou para ti ao amante sidhe. Convocou seus poderes secundários.

-Sabia que era mágico, mas não sabia... -Me entrecortou a voz. Franzi o sobrecenho. -Pensava que em tudo isto tinha que haver algo mais que só bom sexo.

-Por quê? O sexo gera o milagre da vida, o que pode haver maior que isso?

-A magia curou ao Roane, devolveu-lhe sua pele de foca. Não tinha tentado curá-lo, porque não sabia que podia fazê-lo.

Doyle se sentou ao bordo da cama, com suas largas pernas apoiadas na cômoda.

-Curar a um roano sem pele não é nada. Vi a sidhe levantar montanhas no mar, ou alagar cidades inteiras, quando adquiriram seu poder. Teve sorte.

De repente, assustei-me.

-Quer dizer que o encargo de meus poderes poderia ter causado algum grande desastre natural?

-Sim.

-Alguém poderia ter me avisado – eu disse.

-Ninguém sabia que onde você estava, assim não lhe pudemos dar conselhos. E ninguém sabia que tinha poderes secundários, Meredith. A rainha estava convencida de que se sete anos com o Griffin em sua cama e anos de duelos não tinham despertado seus poderes, então é que não podiam despertar.

-Por que agora? –Perguntei. -Por que depois de todos estes anos?

-Não sei. A única coisa que sei é que é a Princesa da Carne e tem outra mão de poder que ainda não se manifestou.

-É estranho que um sidhe tenha mais de uma mão de poder. Por que eu deveria ter dois?

-Suas mãos apertaram duas das barras metálicas da cama. Duas barras fundidas, uma para cada mão.

Levantei-me e me separei dele.

-Como sabe?

-Eu te vi, do balcão, dormindo. Vi a cabeceira.

-Por que não me fez saber isso?

-Naquele momento estava em uma espécie de sono letárgico. Duvido que tivesse podido despertar.

-E por que não na noite que utilizou as aranhas? A noite na casa do Alistair Norton.

-Refere-te ao humano que adorava aos sidhe.

Isso me deteve. Olhei-o.

-Do que está falando, Doyle? Quando adorou Norton a um sidhe?

-Quando roubou o poder das mulheres utilizando as Lágrimas do Branwyn - afirmou Doyle.

-Não, eu estava ali. Fui quase uma vítima. Não houve nenhuma cerimônia de invocação aos sidhe.

-A todos, na escola, ensinam que é a única coisa que se proibia fazer aos sidhe quando se admitiu nossa entrada neste país.

-Não podíamos nos converter em deuses. Não podíamos ser adorados. Meu pai me ensinou a lição, e também me explicaram isso na escola, na aula de história e na de política.

-É a única de nós que foi educada entre humanos normais. Às vezes esqueço. A rainha ficou lívida quando descobriu que o príncipe Essus tinha se matriculado em uma escola pública.

-Tentou me afogar quando tinha seis anos, Doyle. Tentou me afogar como a um cachorrinho de puro sangue que nasce com rasgos mesclados. Não pensei que pudesse se importar a que escola ia.

-Não acredito que tenha visto nunca a rainha tão surpreendida como quando o príncipe Essus levou a ti e a seu séquito e se estabeleceu entre os humanos. -Sorriu, e seu rosto escuro se iluminou por um instante. -Quando se deu conta de que o príncipe não ia consentir que lhe maltratassem começou a tentar atrain-lo novamente a corte. Ofereceu-lhe muito, mas ele se negou durante dez anos, tempo suficiente para que crescesse entre humanos.

-Se estava tão ofendido, por que permitiu que nos visitassem tantos membros da corte da Escuridão?

-A rainha e o príncipe temiam que te fizesse muito humana se não via sua gente. Embora a rainha não aprovasse a eleição do séquito de seu pai.

-Refere-se ao Keelin – eu disse.

Assentiu.

-A rainha não compreendeu nunca por que insistia em escolher a um elfo sem sangue de sidhe nas veias como seu companheiro permanente.

-Keelin é meio brownie, como minha avó.

-E meio trasgo -disse Doyle, -e isso é algo que você não tem em sua árvore genealógica.

-Os trasgos são os soldados de infantaria do exército da Escuridão. Os sidhe declaram a guerra, mas são os trasgos quem a começam.

-Agora cita a seu pai -disse Doyle.

-Sim, é certo.

De repente, senti-me cansada. Nem o pequeno estalo de humor nem as extraordinárias novas possibilidades de poder nem uma volta a corte podiam mitigar meu extremo cansaço. Mas tinha que saber uma coisa:

-Você disse que Alistair Norton adorava aos sidhe, a que te referia?

-Referia-me a que utilizou um ritual para invocar aos sidhe quando estabeleceu o círculo de poder ao redor de sua cama. Reconheci os símbolos. Você não viu nenhum ritual porque até o humano menos preparado saberia que não se pode convocar poder de sidhe para exercer magia.

-Realizou o ritual de preparação antes de que chegassem as mulheres – eu disse.

-Exato -disse Doyle.

-Vi um sidhe nos espelhos, mas não vi seu rosto. Pôde perceber quem era?

-Não, mas era suficientemente poderoso para que eu não pudesse penetrar. O única coisa que podia te enviar era meu animal e minha voz. É muito difícil me tirar de uma habitação.

-Assim, um dos sidhe permite ele mesmo...

-Ou ela mesma -disse Doyle.

Assenti.

-Ou ela mesma ser adorada, e deram Lágrimas do Branwyn a um mortal para que as usasse contra outros elfos.

-Normalmente, os humanos descendentes de elfos não estão qualificados para adquirir plena categoria de elfo, mas neste caso, sim.

-Admitir adoração se castiga com uma sentença de morte -disse.

-Permitir que as Lágrimas sejam utilizadas contra outro elfo deve ser condenado com tortura durante um período indefinido. Alguns prefeririam a morte a isto.

-Contou à rainha?

Doyle se levantou.

-Falei-lhe do sidhe que se deixa adorar e das Lágrimas. Tenho que lhe dizer que tem a mão de carne e que te manchaste de sangue. Também tem que saber que não é Sholto o traidor, a não ser alguém que falou em nome da própria rainha.

Abri desmesuradamente os olhos.

-Está me dizendo que a rainha enviou a ti sozinho contra Sholto e todos os sluagh, quando pensou que ele a tinha traído? -Doyle se limitou a me olhar.

-Não é nada pessoal – eu disse, -mas você necessitava de apoio.

-Não, enviou-me para te levar a casa antes de que Sholto se fosse de Saint Louis. Cheguei na noite em que tinha te enviado as aranhas para te ajudar. Foi no dia seguinte que Sholto veio para aqui.

-Assim alguém descobriu que a rainha me queria em casa e em vinte e quatro horas riscaram um plano para me matar.

-Isso parece -disse Doyle.

-Não abandonaste à rainha salvo para cometer assassinatos durante quanto tempo?, Seiscentos, oitocentos anos.

-Mil e vinte e três anos, para ser exato.

-Assim, se não quer que me mate, por que te enviou? Há outros de seus corvos que confio mais.

-Confia mais ou você gosta mais? -Disse Doyle.

Refleti sobre isso e depois assenti.

-Está bem, eu gosto mais. Esta é a conversa mais longa que tivemos, Doyle. Por que te enviou, Sua Escuridão?

-A rainha te quer em casa, Meredith. Mas temia que não acreditasse. Eu sou sua prova. Enviou-me com sua arma pessoal na mão, com sua magia em meu corpo, para demonstrar sua sinceridade.

-Por que quer que retorne a casa, Doyle? Enviou-te antes de que eu adquirisse meu poder, o qual foi uma surpresa para todos nós. Então, o que lhe fez trocar de opinião? Por que, de repente, vale a pena que eu siga viva?

-Nunca ordenou sua morte.

-Tampouco impediu nunca a ninguém que me matasse.
Doyle fez uma leve reverência.

-Isso não posso negar.

-Então, o que mudou?

-Não sei porque, Meredith, simplesmente o quer assim.

-Nunca fez suficientes pergunta – eu disse.

-E você, princesa, sempre fez muitas.

-Possivelmente, mas quero uma resposta a esta pergunta antes de voltar para a corte.

-O que pergunta?

Franzi o sobreceitou.

-Por que a mudança de opinião, Doyle? Tenho que saber antes de confiar minha vida a corte.

-E se ela não quer compartilhar essa informação?

Considere abandonar para sempre a vida dos elfos por causa de uma só pergunta não respondida, mas era uma questão muito complexa para mim.

-Não sei, Doyle, não sei. A única coisa que sei é que estou cansada.

-Com sua permissão, utilizarei o espelho do banheiro para contatar com a rainha e apresentar meu relatório.

Assenti.

-Fique a vontade.

Fez uma profunda reverência e se encaminhou para o banheiro. Tinha que dobrar a esquina e não era visível do dormitório.

-Como sabia onde estava o banheiro? -Perguntei.

Olhou-me, com uma cara amável mas impenetrável.

-Vi o resto do apartamento. Onde mais poderia estar?

Olhei-o e não acreditei. Ou minha cara não expressou incredulidade ou ele escolheu não fazer conta. Dobrou a esquina e ouvi que a porta do banheiro se abria e se fechava.

Sentei-me na borda da cama e tentei recordar onde tinha posto os sacos de dormir. Doyle tinha salvado a minha vida. O mínimo que podia fazer era conseguir que se sentisse confortável. Suponho que o que tinha feito por mim bem valia que lhe oferecesse a cama, mas estava arrebitada e a queria para mim. Além disso, até que soubesse por que tinha me salvado essa noite, resistia a me mostrar muito agradecida. Há coisas piores que a morte na corte da Escuridão. Nerys era um exemplo perfeito disso. A marca da rainha não seria violada com um feitiço assim. De maneira que, até que estivesse absolutamente convencida de que não estava me salvando para que confrontasse algum destino horrível, conteria-me na gratidão. Encontrei os sacos de dormir no armário da sala de estar. Acabava de desdobrar um ao pé da cama para arejá-lo, quando senti um grito no banheiro. Doyle levantava a voz, furioso. A Escuridão da Rainha e a rainha estavam discutindo, ou era o que parecia. Perguntei-me se me explicaria o porquê da disputa, ou se seria simplesmente outro segredo que teria que guardar.

Aproximei-me da porta fechada do banheiro. Doyle dizia em voz bem alta:

-Por favor, minha senhora, não me faça fazer isto.

Eu não sei o que mais eu teria ouvido, porque ele entreabriu a porta.

-Sim, princesa?

-Se puder ficar aí uns minutos mais, trocarei de roupa para ir me deitar.

Assentiu com um movimento de cabeça. Não me convidou a ver minha tia no espelho. Não tentou dar explicações da discussão, simplesmente fechou a porta. Segui ouvindo as vozes, mas eram muito débeis. Já não houve mais gritos. Não queriam que eu soubesse do motivo de discussão. Supus que tinha algo que ver comigo. O que era aquilo tão terrível a que Doyle se negava, até o ponto de discutir com a rainha?

Não queria me matar, mas depois daquela noite eu já não estava segura de que me importava. Apaguei a luz do teto e acendi a da mesinha ao lado da cama. O abajur de teto iluminava muito para um dormitório. O fato de que queria apagar uma luz provava que me sentia melhor. No mínimo mais calma.

Minha roupa de dormir é toda de lingerie. Eu gosto da sensação da seda e o cetim contra minha pele. Mas me parecia quase uma crueldade para com o Doyle.

Era privilégio da rainha deitar-se com seus guardas reais, seus Corvos, até que um deles a deixou grávida; então, casou-se com este e já não se deitou com outros. Poderia os ter liberado para terem outras amantes, mas decidiu não fazê-lo. Se não se deitavam com ela, não se deitariam com ninguém. Fazia muito tempo que dormiam sozinhos.

Finalmente, escolhi uma camisola de seda que me caía até os joelhos; tinha mangas curtas e só revelava um fino v de pele na parte superior de meu peito. Cobria mais que nenhum outro objeto da gaveta, mas sem sutiã roçavam a suave seda e os mamilos se marcavam duros sob o fino tecido. A seda era de um púrpura real vibrante e tinha muito bom aspecto sobre minha pele e meu cabelo. Tentava não provocar o Doyle, mas minha vaidade me impedia de me mostrar mal vestida.

Olhei-me no espelho. Parecia uma mulher que esperava a seu amante, salvo pelos cortes. Levantei os braços para o vidro. As garras de Nerys tinham marcado linhas vermelhas em meus antebraços. O zarpazo do braço esquerdo ainda supurava sangue. Possivelmente necessitava de pontos. Normalmente me curava sem eles, mas já deveria ter parado de sangrar. Levantei a camisola o suficiente para ver a ferida da coxa. Era uma espetada, muito acima. Tinha tentado perfurar a minha artéria femural. Queria me matar, mas eu a tinha matado. Seguia sem sentir nada a respeito de sua morte. Possivelmente no dia seguinte me sentiria mal, ou possivelmente não. Em ocasiões, você só fica intumescido porque todo o resto não serve de nada. Às vezes é preciso este intumescimento para manter a prudência.

Contemplei meu rosto impávido no espelho. Meus olhos mostravam aquele olhar apagado característico de um estado de choque. A última vez que a tinha visto foi depois do último duelo, quando por fim compreendi que os duelos não finalizariam até que estivesse morta. Foi a noite em que tomei a decisão de fugir, de me esconder.

Só fazia umas horas que tinham me convidado para retornar ao país dos elfos e eu já tinha o aspecto de alguém traumatizado pela guerra. Voltei a levantar os braços e observei os zarpazos. De algum jeito, tinha pago o preço de minha volta. Tinha-o pago com sangue, com carne, com dor: a moeda da corte da Escuridão. A rainha havia me convidado a voltar e tinha garantido minha segurança, mas eu a conhecia. Ainda queria me castigar por fugir, por me esconder, por destruir seus melhores esforços para me caçar. Dizer que minha tia não é boa perdedora é um eufemismo de proporções universais.

Golpearam à porta do banheiro.

-Posso sair? -Perguntou Doyle.

-Estou tentando decidir isso agora – eu disse.

-Perdão? -Perguntou.

-Tá certo, pode sair – eu disse.

Doyle a espada presa em torno de seu peito nu. O punho estava situado em suas costelas abaixo, ligeiramente inclinada, como uma pistola em sua cartucheira. As correias pareciam soltas, como se tivesse tirado algo que tinha contribuído para às manter em seu lugar.

Sempre tinha visto o Doyle vestido do pescoço até o tornozelo. Inclusive em pleno verão, não usava mangas curtas, só roupa um pouco mais folgada. Usava um aro de prata no mamilo esquerdo. Era algo que chamava a atenção na escuridão de sua pele. A ferida escarlate que se estendia por cima de seu músculo peitoral esquerdo tinha um aspecto quase decorativo, como uma maquiagem muito sofisticada para alegrar a vista.

-São graves suas feridas? -Perguntou.

-Poderia te perguntar o mesmo.

-Não tenho sangue mortal, princesa. Curarei-me. Volto a te perguntar o mesmo: são graves suas feridas?

-Possivelmente necessito de pontos no braço, e... -Comecei a subir a camisola para mostrar a espetada da coxa, mas me detive a meio movimento. Os sidhe não se importam com a nudez, mas eu sempre tinha tratado de ser mais recatada com os guardas. -Pergunto-me que profundidade terá a ferida de minha coxa.

Deixei que a seda púrpura caísse de novo sem mostrar a ferida. Estava muito acima da coxa e ainda não me tinha vestido roupa de baixo. Tinha o costume de não usar roupa de baixo na cama, mas nesse momento lamentei não ter vestido. Apesar de que Doyle não podia saber o que usava ou deixava de usar sob a camisola, de repente me senti com pouca roupa.

Teria provocado o Jeremy, mas não o Uther, e tampouco o Doyle, por motivos muito similares. Os dois tinham sido privados de uma parte deles mesmos. Uther, porque seu exílio o privava de mulheres de sua estatura. Doyle, por capricho de sua rainha.

Pegou o saco de dormir e o colocou no chão entre a cama e a parede, logo se sentou na borda da cama.

-Posso ver a ferida, princesa?

Sentei a seu lado, ajeitando a camisola em seu lugar. Levantei o braço esquerdo para ele.

Utilizou as duas mãos para levantar o braço, dobrando-o à altura do cotovelo para ver melhor a ferida. Notava seus dedos mais compridos do que eram na realidade, mais íntimos.

-É profunda; alguns músculos estão rasgados. Deve estar doendo.

Olhou-me ao dizer essa última frase.

-Não estou podendo mostrar muito de meus sentimentos, atualmente – eu disse.

Pôs sua mão em minha testa. Sua mão estava muito quente, quase queimava.

-Está fria, princesa. -Moveu a cabeça-. Eu deveria ter percebido antes. Está em choque. Não é grave, mas foi uma negligência por minha parte não detectá-lo. Você precisa se curar e se aquecer.

Afastei minha mão dele. A sensação de seus dedos deslocando-se por minha pele à medida que me separava dele me obrigou a virar o rosto para que não me visse.

-Dado que nenhum de nós pode curar mediante o tato, acredito que deverei me buscar algumas bandagens e comertores.

-Posso curar mediante magia -disse.

Olhei uma vez mais seu rosto inexpressivo.

-Nunca vi você fazer isso na corte.

-É um método mais... Íntimo que a imposição de mãos. Na corte há curandeiros muito mais poderosos que eu. Não há necessidade de minhas pequenas habilidades na área da cura. -Pegou minhas mãos-. Posso te curar, princesa. Ou prefere ir a emergências para que lhe deem pontos? De um modo ou outro terá que deter as hemorragias.

Não tenho especial predileção pelos pontos, de maneira que pus minha mão na sua. Dobrou-me novamente o braço à altura do cotovelo, tomou a mão e enlaçamos nossos dedos. Minha pele branca contrastava com a sua, como uma pérola engastada em azeviche gentil. Colocou sua outra mão justo detrás de meu cotovelo para me sustentar o braço de um modo delicado mas firme. Dava-me conta de que não podia me separar dele e não sabia como funcionava esta cura.

-Me fará mal?

Olhou-me.

-Possivelmente, um pouco. -Começou a se curvar para meu braço como se fosse beijar a ferida.

Coloquei minha mão livre em seu ombro, freando seu movimento. Sua pele era como seda quente.

-Espera, como vais me curar, exatamente?

Esboçou aquele leve sorriso.

-Se esperar só uns segundos, verá.

-Eu não gosto de surpresas – eu disse, com a mão ainda em seu ombro.

Sorriu e negou com a cabeça.

-Muito bem. -Mas seguia me segurando, como se já tivesse decidido me curar por bem ou por mal. -Sholto te disse que um de meus nomes é Barão Língua Doce.

-Lembro-me – eu disse.

-Supôs que tinha conotações sexuais, mas não é assim. Posso curar a sua ferida, mas não com as mãos.

Olhei-lhe durante uns segundos.

-Está dizendo que cicatrizará a ferida lambendo-a?

-Sim.

Continuei lhe olhando.

-Alguns cães da corte podem fazer isso, mas nunca ouvi dizer que um sidhe tivesse esta habilidade.

-Como disse Sholto, não ser sidhe puro tem suas vantagens. Ele pode fazer crescer uma parte amputada de seu corpo, e eu posso lamber uma ferida até que se cure.

Não tentei ocultar minha incredulidade.

-Se fosse qualquer outro guarda, te acusaria de procurar uma desculpa para pôr sua boca em cima de mim.

Sorriu, e esta vez o sorriso era mais brilhante, mais cheio de humor.

-Se meus companheiros corvos tentassem te enganar, não seria seu braço que tocariam.

Não pude conter a risada.

-Bem pensado. De acordo, então, faça que deixe de sangrar. Não quero ir a emergência esta noite. -Tirei o braço de seu ombro-. Pode ir.

Inclinou-se para meu braço, devagar, falando enquanto se movia.

-Tentarei que lhe incomode o menos possível. -Senti sua respiração cálida junto a minha pele e a seguir sua língua me lambeu ligeiramente a ferida.

Saltei.

Olhou-me sem afastar o rosto de meu braço.

-Te machucou, princesa?

Neguei com a cabeça, porque não confiava em minha voz.

Lambeu duas vezes mais ao longo da ferida, muito devagar, e a seguir sua língua se meteu na ferida. A dor foi aguda, imediata, e tive que sufocar um grito.

Esta vez não se retirou, mas sim apertou mais a boca contra minha pele. Seus olhos se fecharam enquanto sua língua pinçava na ferida, provocando sensações de dor aguda.

Dor como pequenas descargas elétricas. Com cada pontada sentia que algo se esticava em meu corpo, mais abaixo. Era como se os nervos que tocava estivessem conectados a outras coisas que não tinham nada que ver com meu braço.

Começou a lamber a ferida com movimentos largos e lentos. Continuava com os olhos fechados, e eu estava o bastante perto para ver suas negras pestanas. Já logo não sentia dor, só a sensação de sua língua deslizando-se por meu corpo. Sentir sua boca em minha pele me acelerou o pulso e me formou um nó na garganta. Seus brincos capturavam a luz e a refletiam com um brilho argentino, como se os lóbulos de suas orelhas estivessem lavrados em prata. A ferida começou a concentrar calor. Era semelhante a ser curada por imposição de mãos. O calor crescente e a energia que vibrava contra minha pele, dentro de minha pele, eram sensações quase idênticas.

Doyle se separou de meu braço, com os olhos semi cerrados. Tinha o aspecto de quem acordava de um sonho, ou como se lhe tivessem interrompido pensamentos mais íntimos. Soltou-me o braço, lentamente, quase a contra gosto.

Falou muito devagar, com voz rouca.

-Fazia muito tempo que não fazia isso. Tinha esquecido como se sente.

Dobrei o braço para ver a ferida, e já não havia ferida. Toquei a pele com a ponta dos dedos. Estava limpa, intacta, ainda úmida pela boca do Doyle, ainda quente ao tato, como se uma parte da magia se aferrasse à pele.

-É perfeito, nem sequer ficou cicatriz.

-Parece surpreendida.
-Mas bem contente.
Fez uma leve reverência, ainda sentado ao bordo da cama.
-Me alegro de ter sido útil a minha princesa.
-Esqueci de trazer mais almofadas.
Pus-me de pé, e comecei a me mover para o armário, mas Doyle me agarrou pela ombro.
-Está sangrando.
Olhei o braço, perfeitamente curado.
-Sua perna, princesa.
Baixei o olhar e vi sangue escorrendo por minha perna direita.
-Droga!
-Se deite na cama e me deixe olhar a ferida. -Ainda me segurava pelo ombro e tentava me deitar na cama.
Resisti e me soltou.
-Não era pra estar sangrando, princesa Meredith. Me deixe curá-la, como fiz com o braço.
-Está muito acima de minha coxa, Doyle.
-A arpia tentou destroçar sua artéria femural.
-Sim – eu disse.
-Devo insistir em ver a ferida, princesa. É uma área muito vital para não cuidá-la.
-Está muito acima de minha coxa -repeti.
-Entendo -disse-. Agora, por favor, se deite e me deixe ver.
-Não uso nada debaixo da camisola – eu disse.
-OH -disse.
Por um instante seu rosto mostrou distintas emoções, mas passaram tão depressa que não fui capaz das interpretar.
-Possivelmente poderia vestir algo para que pudesse ver a ferida -disse finalmente.
-Boa idéia.
Abri a gaveta da cômoda que continha meus objetos íntimos. As calcinhas, como as camisolas, eram quase todas de cetim e seda, com fechos. Escolhi umas calcinhas de cetim negro, sem rendas ou fechos. Era o mais discreto que tinha.
Voltei a olhar para o Doyle, que tinha se virado sem que eu pedisse. Vesti a roupa de baixo, acomodei-me a camisola e lhe disse:
-Já pode olhar.
Voltou-se, e sua expressão era muito solene.
-A maioria das senhoras da corte não teriam se incomodado em me advertir. Algumas para irritar, e outras simplesmente porque não lhes teria ocorrido dizer isso. A nudez é bastante comum nas cortes. Por que pensou em me dizer isso.
-Alguns guardas se divertem, dão palmadas, e não me teria ocorrido advertir a nenhum deles. Seria simplesmente outra parte do jogo. Mas você não joga nunca, Doyle. Sempre está à margem. Me deitar na cama e separar as pernas teria sido... Cruel.
Assentiu.
-Sim. Muitos membros da corte tratam aos que se mantem a distância como eunucos, como se não sentíssemos nada. Eu prefiro não tocar carne suave

para não me excitar até o ponto de não ter como fugir. Isso para mim é pior que nada de nada.

-A rainha ainda os proíbe de que toquem em si mesmos?

Baixou o olhar e me dei conta de que tinha ido além das perguntas educadas.

-Sinto muito, Doyle, não temos tanta confiança para te perguntar isto.

Falou sem levantar a cabeça.

-É a mais educada das soberanas da Escuridão. Para a rainha, sua educação era uma... Debilidade. -Seu olhar procurou por fim o meu.- Mas nós que estávamos na guarda nós gostávamos. Era sempre um alívio ter que te proteger, porque não lhe temíamos.

-Não tinha suficiente poder para que tivessem medo de mim – eu disse.

-Não, princesa, não refiro a sua magia. Refiro-me a que não temíamos sua crueldade. O príncipe Cel herdou o... Senso de humor de sua mãe.

-Refere-te ao fato que é um sádico.

Assentiu.

-Em todos os sentidos. Agora se deite na cama e me deixe olhar sua ferida. Se por pudor eu deixar que sangue até a morte, a rainha me converterá em eunuco.

-Você é a escuridão dela, a sua mão direita. Não te perderia por minha causa.

-Acredito que está se desprezando e me supervalorizando. -Estendeu-me a mão-. Por favor, princesa, se deite.

Peguei a mão que me oferecia e subi de joelhos à cama.

-Pode me chamar Meredith, por favor? Faz anos que não ouvia isto princesa, aquilo princesa. Já terei tempo para me fartar quando voltar a Cahokia. Deixemos de títulos por esta noite. Inclinou levemente a cabeça.

-Como quer, Meredith.

Deixei que me ajudasse a me colocar no meio da cama, embora não necessitasse de ajuda. O permiti em parte porque aos sidhe maiores gosta de ajudar, e em parte pela sensação de sua mão na minha.

Acabei me deitando com a cabeça recostada nas muitas almofadas da cama. Com a cabeça levantada, tinha uma visão perfeita de meu corpo.

Doyle se ajoelhou junto a minha perna.

-Quando quiser, princesa.

-Meredith – eu disse.

Assentiu.

-Quando quiser, Meredith.

Levantei a seda até que apareceu a ferida. A espetada estava o suficientemente alta para deixar aparecer as calcinhas pretas. Examinou a ferida com as mãos, me apertando a pele. Doía e não era o tipo de dor que eu gostava, como se houvesse uma lesão maior do que eu pensava. A hemorragia continuava, mas sem dúvida o sangue não emanava de uma artéria. Se tivesse seccionado a femural já teria morrido sangrando.

Doyle se incorporou.

-A ferida é muito profunda, e acredito que há algum músculo prejudicado.

-Não doía tanto até que começou a tocá-lo.

-Se eu não te curar esta noite, amanhã estará pior e teremos que ir à emergência. Pode ser que precise de cirurgia, que tenham que suturar a ferida. Ou posso curá-la agora.

-Eu voto por agora – eu disse. Sorriu.

-Bom. Detestaria ter que explicar à rainha por que te levo para casa mancando, quando podia te curar. -Começou a inclinar-se para mim, mas se levantou. -Seria mais fácil se eu me movesse.

-Você é o curador, faça o que tenha que fazer – eu disse.

Colocou-se entre minhas pernas, e tive que as abrir para deixar lugar para seus joelhos. Custou algumas manobras, e alguns «me perdoe, princesa», mas finalmente acabou convexo de barriga para baixo, me agarrando as coxas. Seu olhar percorreu o meu corpo até que encontrou o meu olhar. Bastou vê-lo nessa posição para que acelerasse o meu pulso. Tentei disfarçar, mas acredito que não consegui.

Doyle deixou escapar o ar e eu senti como um vento quente contra a pele da minha coxa. Olhou para o meu rosto enquanto fazia isso, e compreendi que o fazia deliberadamente, e não acredito que tivesse nada a ver com minha cura.

Afastou-se um pouco.

-Me perdoe, mas não só é o sexo que se sente falta, mas também pequenas intimidades, a expressão de uma mulher quando reage a suas carícias. -Deu-me uma rápida lambida na minha coxa.-Tomar ar enquanto o corpo dela começa a elevar-se em busca do contato.

Estava entre minhas pernas, me olhando. Olhei sua silhueta. Seu cabelo caía em uma grossa cortina negra por cima da pele nua de suas costas e seguindo a suave linha de seu jeans justo. Quando voltei a lhe olhar, vi essa certeza que mostram os olhos de um homem quando está seguro de que não lhe dirá que não, pode pedir o que pedir. Doyle não me ganhou esse olhar, ainda não.

-Supõe-se que não devo te provocar, lembra.

Roçou minha coxa com seu queixo enquanto falava.

-Normalmente, não estou acostumado a me deixar colocar em uma situação tão comprometedor, mas acredito que uma vez aqui será muito difícil não tirar partido de minha posição.

Mordeu-me a coxa, delicadamente, e isto me fez estremecer fincou seus dentes com mais firmeza em minha pele. Esticou-me a coluna vertebral e me fez gritar. Quando pude voltar a olhar, fixei-me na marca vermelha de seus dentes em minha coxa. Fazia tanto tempo que não tinha um amante desejoso de me deixar o corpo marcado.

Falou com uma voz surpreendentemente profunda:

-Foi maravilhoso.

-Se me provocar, eu também te provocarei.

Tentei que soasse como uma advertência, mas ofegava muito.

-Mas você está aí acima e eu estou aqui embaixo.

Apertou-me as coxas com mais força. Entendi o que queria dizer. Tinha suficiente força para me segurar só me agarrando pelas coxas. Podia me sentar se eu quisesse, mas não podia me soltar. Então se relaxou uma tensão que nem sequer tinha percebido surgir. Acalmei-me entre suas mãos e me recostei na cama. Estive perdendo muitas coisas que tinham pouco que ver com o orgasmo. Doyle nunca me olharia horrorizado pelas coisas que lhe pedisse. Nunca faria me sentir como um monstro por pedir o que meu corpo suplicava.

Levantei a camisola de seda de debaixo de minhas costas, e a tirei pela cabeça. Me levantei e sentei sobre ele. A sábia escuridão de seus olhos tinha desaparecido, deixando em seu lugar necessidade pura. Vi em seu rosto que tinha levado o jogo muito longe. Pus a camisola diante de meus peitos para me cobrir. Não sabia como pedir desculpas sem agravar a incômoda situação.

-Não -disse-, não se cubra. Me surpreendeste, isso é tudo.

-Não, Doyle. Não podemos chegar até o final, e por ti, especialmente... Sinto muito. -Comecei a vestir a camisola.

Seus dedos apertavam minhas coxas com força; estava doendo. As pontas dos dedos se afundavam em minha pele. Contive um grito e o olhei com a camisola no meio do caminho.

Doyle falou com voz imperativa, com uma raiva logo que contida que fazia que seus olhos brilhassem como jóias negras.

-Não!

Esta palavra me deixou paralisada. Olhei-o com os olhos abertos como pratos e meu coração pulsou como se algo tivesse entupido minha garganta.

-Não - disse, com uma voz só um pouco menos severa, -não, quero te ver. Te farei estremecer, minha princesa, e quero ver seu corpo enquanto o faço.

Deixei cair a camisola na cama e me sentei o mais perto dele que pude. Sua forma de agarrar as minhas coxas tinha superado o ponto de prazer e se converteu em simples dor, mas isto, também, nas circunstâncias adequadas, é um tipo de prazer.

Seus dedos me soltaram um pouco, e notei que tinha deixado marcas das unhas: pequenas meias luas de sangue.

Começou a tirar as mãos de debaixo de minhas coxas, mas eu disse que não com a cabeça.

-Você está aí abaixo e eu aqui acima, lembra.

Não discuti, limitou-se a colocar de novo as mãos em torno de minhas coxas, desta vez sem me machucar, só me agarrou o necessário para que não pudesse me mover. Subi as mãos por meu estômago até os seios e os sustentei com elas, e depois me recostei nas almofadas para que me visse bem.

Olhou-me durante longos segundos, como se pretendesse memorizar a maneira em que meu corpo jazia entre as almofadas escuras, logo sua boca se aproximou da ferida. Lambeu-a com movimentos amplos e lentos. Então se deteve ante a ferida e começou a chupar. Sugou-me a pele com tanta força que me fez mal, como se estivesse chupando algum veneno oculto no mais profundo da ferida.

A dor me fez levantar, e me olhou cheio desse escuro conhecimento que ele não ganhou. Joguei-me de novo na cama, com a pressão de sua boca em minha coxa e seus dedos fincando-se em minha carne com tanta força que soube que no dia seguinte estaria machucada. Minha pele tinha começado a brilhar com luz trêmula no dormitório.

Olhei-o, mas seus olhos estavam concentrados em seu trabalho. Começou a aumentar o calor sob a pressão de sua boca, a encher a ferida como água quente vertida na fissura de minha pele.

Doyle começou a brilhar. Sua pele nua resplandecia como a luz da lua em um atoleiro de água, com a diferença de que aquela luz procedia de seu interior e tremia sob sua pele em silhuetas claras e escuras.

O calor me golpeava a coxa como um segundo pulso. Sua boca se apertou a meu corpo, ao ritmo deste pulso, como se quisesse me sugar até me esvaziar por completo. Algo no centro do meu corpo começou a esquentar-se e compreendi que era meu próprio poder, mas nunca tinha sido assim anteriormente.

O calor da minha coxa e o do meu corpo se fundiram como dois focos de calor, cada vez mais quente, mais e mais, até que o calor me devorou e minha pele brilhou branca e pura em uma dança sub aquática. Os dois poderes fluíam um contra o outro e durante um instante, o calor curador do Doyle flutuou na superfície do meu. Logo os dois poderes se salpicaram mutuamente, fundindo-se em uma quebra de onda de magia que dobrava a coluna vertebral, fazia dançar a pele e esticava o corpo.

Doyle levantou seu rosto da minha coxa.

-Meredith, não! -Gritou.

Mas era muito tarde, o poder penetrou através de nós dois em uma quebra de onda de calor que endureceu meu corpo abaixo até que não pude me mover. Gritei, e o poder brotou de mim com um brilho que deixava sombras da minha pele no quarto.

Vi o Doyle como através de uma neblina. Estava de joelhos. Tinha uma mão levantada como se quisesse proteger-se de um golpe, depois o poder se abateu sobre ele. Vi que sua cabeça se tornava para atrás, que seu corpo se elevava apoiado nos joelhos, como se o poder tivesse braços para lhe levantar. A dança da claridade de lua começou a crescer sob sua pele até que distingi uma nuvem de luz negra, brilhando como um arco íris escuro em torno de seu corpo. Durante um segundo impossível permaneceu elevado, tenso, como um objeto brilhante, tão belo que só se podia chorar ou ficar cego ao olhá-lo. Então um grito escapou de sua boca, um grito entre a dor e o prazer. Dobrou-se sobre a cama, abraçando seu próprio corpo. Esse brilho maravilhoso começou a desvanecer-se como se sua pele estivesse absorvendo a luz, sugando-a de novo às profundidades das que procedia.

Sentei-me, dirigi-me para ele com uma mão que ainda guardava um pouco dessa tênue luz branca.

Ele se separou de mim e em seu apuro caiu da cama. Olhou-me pela borda dela com os olhos abertos e assustados.

-O que você fez?

-O que está acontecendo, Doyle?

-O que está acontecendo? -Levantou-se e foi se apoiar contra a parede, como se suas pernas não fossem capazes de lhe sustentar-. Não sou permitido a nenhum alívio sexual, Meredith. Nem com minha mão nem com a de ninguém mais.

-Eu nunca te toquei lá.

Fechou os olhos e apoiou a cabeça na parede. Falava sem me olhar.

-Fez com sua magia. Percorreu-me tudo como uma espada. -Abriu os olhos e me olhou. -Entende agora o que fez?

Finalmente, entendi.

-Está dizendo que a rainha dirá que o que temos feito conta como sexo.

-Sim.

-Nunca pretendi... Meu poder nunca tinha sido assim antes.

-Foi assim a noite em que estive com o roano?

Pensei sobre isso durante um momento e logo franzi o sobrecenho.

-Sim e não. Não foi exatamente assim, mas... -Detive-me no meio da frase e lhe olhei o peito.

Meu rosto deve ter mostrar espanto, porque olhou pra si mesmo.

-O quê? O que vê?

-A ferida de seu peito desapareceu.

Minha voz era delicada, de surpresa.

Doyle passou as mãos pelo peito, apalpando a pele.

-Está curada. Não fui eu quem o fiz. -Foi para a ponta da cama-. Foram seus braços.

Olhei para baixo e vi que as marcas dos zarpazos tinham desaparecido. Meus braços estavam curados. Me toquei as coxas, mas não estavam curados. As marcas das unhas, cheias com pequenas partes de sangue; as marcas vermelhas de seus dentes; a pressão de sua boca que tinha provocado um machucado na coxa, ali onde tinha estado a ferida.

-Por que está tudo curado, exceto estas marcas?

Sacudiu a cabeça.

-Não sei.

Olhei para ele.

-Disse que minha iniciação no poder curou o Roane, mas o que aconteceria se não fosse só uma primeira explosão de poder? O que ocorreria se fosse uma parte de minha magia recém descoberta?

Olhei-o para tentar dar sentido a minhas palavras.

-Poderia ser, mas curar mediante sexo não é um dom da corte da Escuridão.

-É da corte da Luz -afirmei.

-Procede de sua linhagem sangüínea -disse em voz baixa. -Tenho que contar à rainha.

-Lhe contar o quê? -Perguntei.

-Tudo.

Arrastei-me para a borda da cama, ainda meio nua, me estirando para o Doyle.

Ele se separou de mim, apertando-se contra a parede como se eu estivesse lhe ameaçado.

-Não, Meredith, não mais. Possivelmente a rainha nos perdoe porque foi um acidente, e gostará que tenha mais poderes. Pode ser que isso nos salve, mas se voltar a me tocar... -Sacudiu a cabeça-. Não terá piedade de nós se voltarmos a nos juntar esta noite.

-Só queria tocar o seu braço, Doyle. Acredito que deveríamos falar antes de que vá contar à rainha.

Pregou as costas à parede e caminhou assim até a esquina do quarto.

-Acabo de ter o primeiro alívio há mais séculos de que você possa imaginar e você aí sentada, assim... -Voltou a sacudir a cabeça-. Você só tocaria o meu braço, mas meu autocontrole não é ilimitado, já o vimos. Não, Meredith, outro toque, e poderia cair sobre você e fazer o que estive querendo fazer desde que vi seus seios tremendo sobre mim.

-Posso-me vestir – eu disse.

-É uma boa idéia -disse-, mas mesmo assim contarei a ela o que aconteceu.

-O que ela faz? Contagem de esperma? Não tivemos uma relação sexual. Por que tem que contar?

-É a Rainha do Ar e da Escuridão; saberá. Se não confessamos e ela descobre, o castigo será mil vezes pior.

-Castigo? Foi um acidente.

-Sei, e talvez isso nos salve.

-Não estará dizendo a sério que ela pedirá o mesmo castigo para isto como se tivéssemos feito amor voluntariamente.

-Morte por tortura –disse -Espero que não, mas tem direito a exigí-la.

Neguei com a cabeça.

-Não, não perderia você depois de mil anos por um acidente.

-Espero que não, princesa, espero francamente que não.

Dobrou a esquina perto do banheiro.

-Doyle -chamei-o. Retornou.

-Sim, princesa?

-Se ela disser que nos executará por isso, há uma parte boa. Colocou sua cabeça para um lado como faria um pássaro.

- Qual?

-Podemos ter uma relação sexual, de verdade, carne com carne. Se vamos ser executados por algo, ao menos sejamos culpados disso.

Em seu rosto se vislumbraram emoções, que uma vez mais não soube interpretar, e finalmente sorriu.

-Nunca pensei que pudesse olhar a minha rainha com estas notícias e duvidar a respeito do que devo lhe dizer. Você é tentadora, Meredith, algo pelo que um homem não duvidaria em entregar a vida.

-Não quero sua vida, Doyle, só seu corpo.

Isto o enviou rindo ao banheiro. Enfim, sempre é melhor rir que chorar. Voltei a colocar a camisola e estava enfiada sob as mantas quando chegou. Tinha uma cara solene, mas disse:

-Não nos castigarão, embora deixou entrever que queria te ver curar com este poder recém descoberto.

-Não farei suas pequenas exposições públicas de sexo – eu disse.

-Eu sei, e ela também, mas tem curiosidade.

-Deixe que seja curiosa. Então não executarão a nenhum de nós?

-Não -disse.

-Por que não alegra essa cara? -Perguntei.

-Não trouxe outra muda de roupa.

Demorei um segundo para me dar conta do que queria dizer. Lhe dei uma cueca boxer de seda. Ficaria um pouco ajustada no quadril, porque ele e Roane não tinham o mesmo tamanho, mas serviriam.

Retornou ao banheiro. Pensei que não demoraria e que voltaria a dormir, mas ouvi que abria a ducha. Finalmente, coloquei alguns travesseiros em cima dos sacos de dormir e me girei para tentar dormir. Não estava segura de poder conciliar o sono, mas Doyle ficou muito tempo no banheiro. A última coisa que ouvi antes de que me invadissem o sono foi o som de um secador. Já não o escutei sair do banheiro. Simplesmente, despertei no dia seguinte e já estava na minha frente com chá quente em uma mão e nossos bilhetes de avião na outra. Não sabia se Doyle tinha utilizado o saco de dormir, nem se tinha dormido.

Doyle me cedeu amavelmente a janela. Ele se agarrava com força aos braços do assento e estava o cinto apertado. Fechou os olhos quando o avião decolou. Normalmente, eu gosto de ver como a terra vai ficando cada vez mais abaixo, mas esse dia observar o rosto do Doyle era uma experiência muito mais divertida.

-Como é possível que você tenha medo de voar? -Perguntei.

Respondeu-me sem abrir os olhos:

-Não tenho medo de voar. Tenho medo de voar em avião.

Sua voz soou muito razoável, como se tudo fizesse o maior sentido.

-Então, você poderia cavalgar em um corcel voador e não ter medo?

Assentiu, e por fim abriu os olhos quando o aparelho se nivelou.

-Montei as bestas do ar muitas vezes.

-Então, por que se preocupa com os aviões?

Olhou-me como se eu tivesse que saber a resposta.

-É o metal, princesa Meredith. Não me sinto confortável rodeado por tanto metal fabricado pelo homem. Cria uma barreira entre a terra e eu, e eu sou uma criatura da terra.

-Como disse, Doyle, há vantagens de não ser uma sidhe pura. Eu não tenho nenhum problema com o metal.

Girou a cabeça para me olhar.

-Pode fazer magias arcanas* dentro de uma tumba de metal como esta?

Magia Arcana (ou **arcano, ou **arcana**) é aquela que não é divina; que pode ser compreendida e manipulada por meio de estudos. É uma denominação para o estudo dos magos, em RPGs. A magia arkana é praticamente composta por forças naturais e elementais como: água, fogo, terra e ar.*

Assenti.

-Não há magia que eu não possa realizar tão bem em uma tumba de metal como fora dela.

-Isto poderia resultar muito útil, princesa.

A comissária de bordo, uma loira alta impecavelmente maquiada, deteve-se junto ao assento do Doyle, inclinando-se o suficiente para assegurar-se de que oferecia uma esplêndida panorâmica de seu decote. Assegurou-se disso as três vezes que tinha passado nos últimos vinte minutos para perguntar se queria algo, o que fosse. Ele disse que não. Eu pedi um vinho tinto.

Desta vez, trouxe-me o vinho, servido em uma taça alta, já que viajávamos na primeira classe. Ideal para que salpicar em cima de você quando o avião entra em uma turbulência, que é exatamente o que ocorreu.

O avião deu uma sacudida e realizou uma virada tão repentina que devolveu o vinho a comissária, e ela me deu um montão de guardanapos.

Doyle fechou novamente os olhos e respondia a todas suas perguntas: «Não, obrigado, estou bem.» Não lhe ofereceu explicitamente tirar a roupa e ter relações sexuais no chão do avião, mas o oferecimento era claro. Se Doyle entendia o convite, realmente sabia esquivasse muito bem. Não sei se realmente não se dava conta de que ela estava se atirando para ele, ou que já estava acostumado a que as mulheres humanas ajissem desse modo com ele.

Finalmente, ela captou a indireta e se afastou, segurando-se nos assentos para não cair.

Era uma turbulência perigosa. Doyle tinha um aspecto cinza. Acredito que era sua forma de mostrar medo.

-Está bem?

Fechou os olhos ainda com mais força.

-Estarei bem quando estivermos a salvo no chão.

-Posso fazer algo para que faça com que o tempo passe mais rápido?

Abriu os olhos só um poquinho.

-Acredito que a aeromoça já tem feito essa oferta.

-Aeromoça é uma palavra sexista – eu disse. -É comissária da bordo. Então, captaste suas indiretas.

-Não acho que apertar as minhas coxas e esfregar meus ombros com seus peitos sejam indiretas, eu considero que são convites.

-Rechaçaste-a com graça.

-Tenho muita experiência.

O avião se agitou tanto que eu mesma me intranquilei. Doyle voltou a fechar os olhos.

-Você realmente quer me ajudar a fazer da viagem mais curta?

-Devo-te ao menos isso depois que mostrasse sua identidade da Guarda e nos permitiram subir ao avião com nossas armas. Sei que legalmente nós dois estamos autorizados a levar armas pelos Estados Unidos, mas não estou acostumada a ser tão fácil nem rápido.

-Ajudou-nos o fato de que a polícia nos escoltou até as portas, princesa.

Tinha tido muito cuidado de me chamar de «princesa», ou «princesa Meredith», desde que me levantei pela manhã. Já não nos tratávamos mais pelo nome.

-Parece que a polícia estava ansiosa por me colocar no avião.

-Temiam que lhe assassinassem em sua jurisdição. Não queriam ser responsáveis por sua segurança.

-Ou seja que é por isso que você conseguiu me embarcar armada no avião.

Assentiu, com os olhos ainda fechados.

-Expliquei-lhes que com um só guarda-costas estaria mais segura se você mesma fosse armada. Todo mundo concordou.

Sholto havia me devolvido a LadySmith de nove milímetros. Levava uma cartucheira dentro das calças, ideal para desencapar cruzando o braço. Normalmente, a levava às costas, coberta com uma jaqueta, mas a polícia tinha me dado carta branca para levar armas, com o qual não tinha que me preocupar com escondê-la.

Tinha uma faca de trinta centímetros em uma capa lateral, cujo extremo se mantinha fechado na minha perna com uma correia de pele, para poder tirá-lo com mais rapidez, como um pistoleiro do oeste. A correia de pele também permitia que a capa se adaptasse ao movimento de minha perna. Sem uma capa atada, acabava tendo que movê-la cada vez que trocava de postura, do contrário se cravava ao corpo ou se enganchava em qualquer lado.

Levava também uma navalha Spyderco enganchada ao aro do meu sutiã. Na corte tinha o costume de levar sempre duas facas no mínimo. Só estavam admitidas em determinados sithen, os promontórios dos elfos. Mas eu tinha me permitido conservar as facas. Antes do banquete que essa noite iam celebrar

em minha honra, conforme tinha me informado o Doyle, ainda pegaria mais facas. Uma garota nunca leva muitas jóias... Nem muitas armas.

Doyle conservava a Temor Mortal na capa das costas e levava uma bolsa cheia de armas. Quando lhe perguntei por que não as tinha utilizado contra os sluagh, disse:

-Só a Temor Mortal podia lhes provocar a morte, nenhuma outra arma. Queria que soubessem que eu estava falando sério.

Francamente, sempre pensei que fazer buraco nas costas de alguém pelo qual se pode colocar um punho, indica que alguém está falando sério. Mas muitos guardas consideram que as pistolas são armas inferiores. Levam pistola quando estão entre humanos, mas quase nunca as usamos entre nós, salvo em tempos de guerra. Mas o fato de que Doyle tivesse trazido elas significava que as coisas estavam relamente más, ou possivelmente ocorreu uma mudança de política durante minha ausência. Saber assim que visse se os outros guardas também estavam armados.

O avião caiu tão de repente que inclusive eu afoguei um grito. Doyle gemia:

-Converse comigo, Meredith.

-Sobre o quê?

-Qualquer coisa.

-Poderíamos falar sobre a noite passada – eu disse.

Abriu os olhos o suficiente para me fulminar com o olhar. O avião se sacudiu de novo, e Doyle voltou a fechar os olhos.

-Me conte uma história -disse quase em um sussurro.

-Não sou muito boa contando histórias.

-Por favor, Meredith.

Tinha me chamado de «Meredith», uma melhora.

-Posso te contar uma história que você já conhece.

-Muito bem -disse.

-Meu avô por parte de mãe é Uar o Cruel. Além de ser um filho da puta da pior índole, ganhou este nome porque gerou a três filhos que eram monstros, até para os padrões dos elfos. Nenhuma mulher fada se deitaria com ele depois do nascimento de seus filhos. Haviam-lhe dito que possivelmente gerasse filhos normais se encontrasse alguém com sangue de elfo que se meteria na cama voluntariamente com ele.

Olhei os olhos fechados e o rosto inexpressivo do Doyle.

-Continua, por favor -disse.

-Vovó é meio brownie e meio humana. Estava disposta a meter-se na cama com ele, porque queria ser membro da corte da Luz mais que qualquer outra coisa. -Em silêncio, porque não fazia parte da história, eu não culpava a vovó. Ela, mais até do que eu mesma, sabia o que era pisar em dois mundos distintos.

O avião se endireitou, mas ainda se movia quando o vento lhe açoitava. Um vôo difícil.

-Você já está entediado? -Perguntei.

-Tudo o que você disser será fascinante até que aterrissemos sãs e salvos.

-Sabe, você fica fofo quando tá com medo.

Entreabriu um instante os olhos para me olhar e os voltou a fechar a seguir.

-Continua, por favor.

-Vovó deu a luz a duas bonitas meninas gêmeas. A maldição do Uar se acabou, e vovó se converteu em uma das mulheres da corte; a mulher do Uar,

em realidade, porque lhe tinha dado filhos. Pelo que sei, meu avô nunca mais voltou a tocar a sua esposa. Era um dos cavalheiros refinados e brilhantes. Vovó era muito vulgar para ele, uma vez que se liberou da maldição.

-É um guerreiro poderoso -disse Doyle, com os olhos ainda fechados.

-Quem?

-Uar.

-É verdade; você deve ter lutado contra ele nas guerras da Europa.

-Era um digno competidor.

-Você está tentando que melhore a consideração que tenho dele?

O avião tinha estado voando em linha reta e com relativa facilidade durante três minutos, e isso bastou para que Doyle abrisse completamente os olhos.

-Fala com muita amargura.

-Meu avô maltratou a vovó durante muitos anos. Pensava que se a machucasse o suficiente conseguiria que ela abandonasse a corte, porque legalmente não podia se divorciar dela sem sua permissão. Não a podia repudiar, porque lhe tinha dado filhos.

-E por que ela não o deixou?

-Porque sem ser a mulher do Uar, não teria sido bem recebida na corte e não lhe teriam permitido levar a suas filhas consigo. Ficou para assegurar-se de que suas filhas estariam a salvo.

-A rainha ficou perplexa quando seu pai convidou à mãe de sua mãe a que lhes acompanhasse ao exílio.

-Vovó era a senhora da casa. Fiscalizava para ele o funcionamento da casa.

-Era uma servente, então -disse Doyle.

Desta vez fui eu quem o fulminou com o olhar.

-Não, era... Era sua mão direita. Educaram-me juntos durante aqueles dez anos.

-Quando deixou a corte esta última vez, a sua avó também se foi. Abriu uma pensão.

-Vi os anúncios nas revistas: «*Vitória. Bom serviço. Pensão com cama e café da manhã de brownie, boa atenção e excelente comida a cargo de um ex-membro da corte real*».

-Não falaste com ela desde que foi faz três anos? -Perguntou.

-Não me pus em contato com ninguém, Doyle. Teria lhe posto em perigo. Simplesmente desapareci. Isto significa que deixei tudo e a todo mundo.

-Havia jóias, relíquias de família que lhe pertenciam por direito. À rainha se surpreendeu que você tivesse partido só com a roupa do corpo.

-Teria sido impossível vender as jóias sem retornar a corte; e o mesmo digo das relíquias.

-Tinha dinheiro que seu pai tinha guardado para ti. -Olhava-me, tentando compreender, acredito.

-Vivi por minha conta durante três anos, um pouco mais. Nunca peguei nada de ninguém. Fui uma mulher autônoma, livre de obrigações com os elfos.

-O qual significa que pode invocar direitos de virgem quando retornar a corte.

Assenti.

-Exatamente.

Virgem, no antigo ideal celta, era uma mulher que vivia de forma autônoma, que não devia nada a ninguém durante certo tempo. Precisava-se um mínimo de três anos para reclamar esta condição na corte. Ser virgem significava que

se estava à margem de qualquer disputa ou rixa. Não podiam me obrigar a manifestar minha opinião sobre algo, porque estava à margem de tudo. Era uma maneira de estar na corte, sem ser da corte.

-Muito bem, princesa, muito bem. Conhece a lei e como usá-la em seu benefício. É inteligente, além de educada, francamente maravilhoso para uma soberana da Escuridão.

-Ser virgem me permitiu fazer reservas de hotel sem me arriscar à ira da rainha – eu disse.

-Ela não compreende por que não deseja se alojar na corte. Afinal de contas, quer retornar conosco, não é?

Assenti.

-Sim, mas também quero tomar certa distância até que veja o quanto segura vou estar na corte.

-Poucos se arriscariam a que a rainha se zangue com eles –ele disse.

Procurei seu olhar para poder captar sua opinião sobre o que me dispunha a dizer.

-O príncipe Cel se arrisca a sua ira, porque nunca o castigou seriamente por nenhum de seus atos.

O rosto do Doyle se esticou quando mencionei o nome do Cel, mas nada mais. Se eu não estivesse prestando atenção, não teria advertido nenhuma reação.

-Cel é seu único herdeiro, Doyle; não o matará. Ele sabe.

Doyle me dirigiu um olhar vazio.

-O que faz ou deixa de fazer a rainha com seu filho e herdeiro não é questionável.

-Doyle, todos sabemos quem é Cel.

-Um príncipe sidhe poderoso que herdou o ouvido da rainha, sua mãe - advertiu Doyle.

-Só tem uma mão de poder, e o resto de suas habilidades tampouco são tão impressionantes.

-É o príncipe do Sangue Antigo, e eu não iria querer que utilizasse esta capacidade comigo em um duelo. Poderia fazer sangrar de uma vez todas as feridas que sofri em mais de mil anos de batalhas.

-Não disse que não era uma capacidade terrível, Doyle. Mas há outros com uma magia mais poderosa, sidhes que podem provocar a morte com apenas um toque. Vi como sua chama devorava a alguns sidhe, como os comia vivos.

-E você matou aos dois últimos sidhe que a desafiaram em um duelo, princesa Meredith.

-Eu trapaceei – eu disse.

-Não, não trapaceou. Simplesmente empregou táticas para as quais não estavam preparados. É a marca do bom guerreiro utilizar as armas que tem ao seu dispor.

Olhamo-nos o um ao outro.

-Sabe alguém, além da rainha, que agora tenho a mão de carne?

-O Sholto sabe, e seus sluagh. Já não será um segredo quando aterrissarmos.

-Poderia assustar a possíveis oponentes – eu disse.

-Ficar apanhado para sempre como uma massa de carne disforme, sem poder morrer nunca, nem envelhecer, simplesmente continuar; OH, sim, princesa, acredito que se assustarão. Depois de que Griffin... deixou você,

muitos se converteram em inimigos teus, porque pensaram que não tinha poder. Todos se lembrarão dos insultos que lhe dirigiram e estarão perguntando-se se volta com rancor.

-Invoco direitos de virgem, isso significa que começo do zero, igual a eles. Se exigir a vingança a que tenho direito, perderei meu status de virgem, e voltarão a me arrastar para o meio de toda essa merda. -Sacudi a cabeça. - Não, deixarei-lhes em paz se eles me deixarem tranqüila.

-É mais inteligente do que te corresponde por idade, princesa.

-Tenho trinta e três anos, Doyle, já não sou uma menina segundo os critérios humanos.

Ficou a rir, uma gargalhada sombria que me fez pensar em seu aspecto da última noite, com a metade da roupa. Tentei apartar este pensamento, e certamente o consegui, porque sua expressão não mudou.

-Lembro-me de quando Roma era simplesmente um descampado, princesa. Trinta e três anos é uma criança para mim.

Deixei que o que pensava se refletir em meu olhar.

-Não recordo que me tratasse como a uma menina ontem à noite.

Doyle desviou o olhar.

-Isso foi um engano.

-Se você diz.

Olhei pela janela, observando as nuvens. Doyle estava disposto a fingir que na última noite não tinha ocorrido nada. Eu estava cansada de tentar falar sobre isso, quando ele, obviamente, não queria discutir a respeito.

A comissária de bordo retornou. Desta vez se ajoelhou, com a saia ajustada às coxas. Sorri ao Doyle e sustentou as revistas formando um leque.

-Quer algo para ler?

Pôs sua mão livre sobre a perna do Doyle e a deslocou pelo interior de sua coxa.

Tinha a mão a um centímetro da virilha quando Doyle lhe agarrou pelo pulso e lhe apartou a mão.

-Por favor, senhorita.

Ela se ajoelhou mais perto dele e pôs uma mão em cada um de seus joelhos, escondendo parcialmente com as revistas o que estava fazendo. Inclinou-se de tal maneira que os peitos roçavam as pernas do Doyle.

-Por favor –sussurrou, -por favor, faz tanto tempo que não estive com um de vocês.

Isto captou minha atenção.

-Quanto tempo? -Perguntei.

Piscou, como se não pudesse se concentrar o suficiente em mim estando Doyle sentado tão perto.

-Seis semanas.

-Quem foi?

Negou com a cabeça.

-Posso guardar um segredo, não me rechace. -Olhou ao Doyle. -Por favor, por favor.

Deitou-se com um elfo. Se um sidhe mantiver relações sexuais com um humano e não tenta rebaixar a magia, pode converter ao humano em uma espécie de viciado. Os humanos nestas circunstâncias podem chegar a morrer por esta ânsia de tocar carne de sidhe. Aproximei-me do ouvido do Doyle, tão perto que meus lábios acariciavam seus brinços. Experimentei o irresistível

impulso de lhe lamber um dos aros, mas me contive. Só era uma daquelas perversas necessidades que alguém tem às vezes. Murmurei:

-Pega o nome dela e seu número de telefone. Teremos que comunicar ao Escritório de Assuntos Humanos e Feéricos.

Doyle fez o que pedi.

A comissária de bordo tinha lágrimas de agradecimento nos olhos quando Doyle pegou o nome, número e endereço. Em realidade, beijou-lhe a mão e teria podido fazer mais se outro comissário não a tivesse afastado.

-É ilegal ter relações sexuais com humanos sem proteger suas mentes – eu disse.

-Sim, é - disse Doyle.

-Seria interessante saber quem era seu amante sidhe.

-Seus amantes, eu acho -disse Doyle.

-Pergunto-me se ela sempre faz a rota de L.A. a Saint Louis.

Doyle me olhou.

-Ela poderia saber quem vai e volta de Los Angeles com a frequência necessária para instituir um culto.

-Um só homem não constitui um culto – eu disse.

-Disse-me que a mulher mencionou a outros, alguns deles com implante nas orelhas, ou possivelmente fossem sidhe eles mesmos.

-Continua sem ser um culto. É um bruxo com seguidores, um adorador de sidhe, no melhor dos casos.

-Ou um culto, no pior dos casos. Não temos nem idéia de quantas pessoas estão envolvidas, princesa, e o homem que teria podido responder a essa pergunta está morto.

-É engraçado que a a polícia não se importasse que eu deixe o estado com uma investigação por assassinato em curso.

-Não me surpreenderia absolutamente que sua tia, nossa rainha, fizesse algumas chamadas telefônicas. Pode ser bastante encantadora quando quer.

-E quando isso não funciona, pode ser aterradora como o inferno – eu disse.

Assentiu.

-Isso também.

O comissário de bordo homem se ocupou da primeira classe durante o resto da viagem. A mulher já não voltou a aproximar-se até que descemos do avião. Então, agarrou a mão do Doyle.

-Me ligará, não é? -Perguntou com voz urgente.

Doyle lhe beijou a mão.

-OH, sim, te ligarei, e você responderá honestamente a todas minhas perguntas, certo?

A mulher assentiu, e escorregavam lágrimas por sua bochecha.

-Farei tudo o que queira.

Tive que apartar ao Doyle dela.

-Eu se fosse você não iria sozinho lhe fazer perguntas-murmurei.

-Não pretendia ir sozinho -disse. Olhou-me, e nossos rostos estavam muito próximos porque estávamos murmurando. -Eu descobri recentemente que não sou imune às insinuações sexuais.

Seu olhar era muito franco, aberto, o olhar que eu teria gostado de ver no avião. -Terei que ser mais cuidadoso no futuro.

Dito isto, levantou-se e começou a caminhar pelo estreito corredor para o aeroporto. Segui-lhe.

Deixamos atrás o ruído dos motores e caminhamos para o murmúrio de pessoas.

As pessoas formavam um estrondo de murmúrios que me engolia, era como se muito ruído me tragasse ao avançar para a sala. A multidão caminhava de um lado a outro como um muro humano formado por tijolos multicoloridos. Doyle ia justo diante de mim, como o guarda-costas que era.

Nosso portão se encontrava em paralelo com o largo corredor que entrava no aeroporto. Doyle estava na entrada da sala, me esperando a um lado. Então, distingui entre a multidão uma figura alta que se dirigia para nós. Galen estava vestido de verde e branco: um suéter verde pálido, umas calças verdes ainda mais pálidas e um casaco branco, comprido até os tornozelos, que se movia por detrás dele como uma capa. O suéter tinha a cor de seu cabelo, que caía em curtos cachos de cabelo até debaixo de sua orelha. Também luzia uma larga e magra trança. Seu pai era um pixie, ao que a rainha tinha ordenado matar por cometer a ousadia de seduzir a uma de suas damas de companhia.

Não acredito que a rainha tivesse matado ao pixie se soubess que tinha engravidado de um menino. Os meninos são preciosos, e algo que alimente, que transmita o sangue, é digno de ser conservado.

Alegrei-me de lhe ver, embora sabia que se ele estava aqui, haveria um fotógrafo perto. Francamente, surpreendia-me que não tivéssemos encontrado uma multidão de meios de comunicação. A princesa Meredith retornava a casa, sã e salva depois de três anos desaparecida. Minha cara tinha aparecido impressa durante anos nos periódicos: as fotos da princesa americana dos elfos tinham rivalizado com as visões do Elvis. Não sabia o que tinham feito para me salvar da tormenta da imprensa, mas estava agradecida.

Deixei a bolsa de mão com Doyle e corri para o Galen. Levantou-me em um abraço e me beijou na boca.

-Merry, que alegria de te ver, garota. -Seus braços me sustentavam um palmo por cima do chão sem aparente esforço.

Nunca gostei que meus pés dançassem no ar, assim que rodeei a sua cintura com as pernas, e ele passou suas mãos de minha cintura a minhas coxas para me agüentar.

Tinha pulado nos braços do Galen desde que me lembro. Depois da morte de meu pai, se tornou meu defensor na corte da Escuridão em mais de uma ocasião, embora não sendo puro-sangue, como eu, tinha escassa influência. O que realmente tinha era mais de metro oitenta de puro músculo, e era um guerreiro bem adestrado que intimidava.

Certamente, quando me levantava em seus braços aos sete anos, não havia tantos beijos nem outras coisas. Com pouco mais de cem anos, Galen era um dos guardas reais mais jovens de Andam. Tínhamos a diferença de setenta anos, o qual entre sidhe era como crescer juntos. O pescoço em V de seu suéter chegava até bastante abaixo, mostrando o cabelo de seu peito, que era de um verde mais escuro que seu cabelo, quase negro. O suéter era suave e lhe sentava muito bem. Sua pele era branca, mas o suéter ressaltava o tom verde muito pálido subjacente, com o qual sua pele aparecia ou branca pérola ou de um verde de sonho, dependendo de como lhe refletisse a luz.

Seus olhos, da cor da erva fresca na primavera, tinham um tom mais humano que a esmeralda líquida dos meus. Entretanto, o resto de seu corpo era muito único para expressá-lo com palavras. É o que pensava desde os

quatorze anos, mas não era com ele com quem meu pai me tinha comprometido. Porque Galen era um menino muito bonito, mas não se movia com destreza no campo da política para que meu pai confiasse em que viveria o bastante para ver-me crescer. Não, Galen falava quando o sábio era calar. Era uma das coisas que mais eu gostava dele sendo menina e que mais me assustavam quando cresci.

Ficou a dançar comigo pelo corredor, ao som de uma música que só ele podia ouvir, mas eu quase a sentia quando o olhava nos olhos, e riscava com meu olhar a curva de seus lábios.

-Estou encantado de te ver, Merry.

-Nem posso falar – eu disse.

Riu com uma risada muito humana. O que o fazia tão especial era a alegria do Galen, embora para mim sempre era algo especial.

Me aproximou e sussurrou no meu ouvido:

-Cortou o cabelo. Teu lindo cabelo.

Lhe dei um delicado beijo na bochecha.

-Já crescerá.

Tinha só alguns jornalistas, porque não tinham tido suficiente informação para planejar um assalto de grande escala, mas a maioria deles traziam câmaras. As fotos da nobreza sidhe, especialmente fazendo algo pouco habitual, sempre encontravam um mercado. Deixamos que tirassem fotos porque não podíamos impedir. Utilizar magia contra eles constituía um delito contra a liberdade de imprensa. Assim o tinha sentenciado o Supremo tribunal. Muitos repórteres que cobriam rotineiramente aos sidhe tinham poderes psíquicos, ou eram bruxos. Sabiam quando se utilizava magia sobre eles. Bastava uma denúncia para que acabasse envolta em uma demanda civil.

Os elfos tinham duas posturas distintas frente aos repórteres. Alguns eram muito decorosos em público e nunca proporcionavam nada de interessante aos paparazzi. Galen e eu fomos dos que acreditavam que tínhamos que lhes dar algo para fotografar, algo sem importância para que não procurassem material mais sensacionalista. Sempre algo positivo, animado, interessante. Esta era a idéia da rainha Andam. Tinha estado trabalhando durante os últimos trinta anos, aproximadamente, para dar a sua corte uma publicidade melhor e mais positiva. Toda minha vida. Eu tinha aparecido com meu pai, celebrou-se uma cerimônia pública de comprometimento entre o Griffin e eu. Não existia vida privada se a rainha decretava que tinha que ser pública.

Alguém coçou a garganta e eu olhei além do Galen para encontrar o Barinthus. Se Galen tinha um aspecto único, Barinthus parecia um extraterrestre. Seu cabelo era da cor do mar, dos oceanos. O turquesa do Mediterrâneo; o azul profundo do Pacífico; um azul cinzento tempestuoso como o oceano antes da tempestade, derivando para um azul virtualmente negro, como as águas abissais, como o sangue de gigantes adormecidos. As cores trocavam com a luz, fundindo-se entre eles como se não fosse cabelo. Sua pele era de um branco alabastro, como a minha; seus olhos, azuis, mas com duas frestas negras nas pupilas. Sabia que tinha uma membrana, o modo de segunda da pálpebra, que cobria seus olhos quando estava debaixo da água. Quando eu tinha cinco anos, me ensinou a nadar, e eu gostava que pudesse piscar duas vezes com o mesmo olho.

Era mais alto que Galen, passava dos dois metros, como corresponde a um deus. Usava uma gabardina azul real aberta que deixava à vista um traje negro

de desenho. A camisa era de seda azul, com um daqueles pescoços altos e redondos que os desenhistas tentam vender para que os homens já não tenham que usar gravata. Barinthus tinha um aspecto esplêndido. Deixou o cabelo solto, flutuando como uma segunda gabardina. E sabia que alguém, provavelmente minha tia, tinha escolhido sua roupa. Quando decidia por si mesmo, Barinthus era homem de jeans e camiseta.

Galen e Barinthus eram dois dos mais assíduos visitantes da casa que meu pai tinha entre os humanos. Barinthus gozava de poder entre os sidhe, era da Corte Antiga. Os sidhe ainda comentavam seu último duelo, muito antes de meu nascimento, no qual um sidhe se afogou em uma pradaria, a muitos quilômetros de qualquer rastro de água. Barinthus, como meu pai, nunca aceitou um duelo a não ser que se invocasse mortalidade. Não perdia o tempo em nada inferior.

Galen me deixou no chão. Me dirigi a Barinthus, com as duas mãos abertas para saudar. Ele tirou as mãos dos bolsos da gabardina com cuidado, as mantendo fechadas até que pude pôr minhas mãos entre as suas. Tinha uma membrana entre os dedos que o tinha feito sensível a respeito desde que um jornalista dos anos cinqüenta o chamou de o «homem peixe». Custa acreditar que alguém venerado antigamente como um deus dos mares pudesse incomodar-se pelo comentário de um jornalista do século XX, mas assim era. Barinthus não o tinha esquecido nunca.

A membrana era completamente retrátil, só uma fina capa de pele adicional entre seus dedos, a não ser que decidisse usá-la. Então, podia expandir a pele e nadar como... Como, bom, como um peixe. Embora isto não era uma vantagem que pudesse se dizer em voz alta, nunca.

Tomou minhas mãos entre as suas e se inclinou para me dar um beijo educado e bem-intencionado na bochecha. Devolvi-lhe o beijo. Barinthus gostava de mostrar-se educado em público. Seu lado pessoal não era para consumo general, e tinha suficiente poder para assegurar-se de que nem a rainha poderia lhe fazer trocar de opinião. Os deuses, inclusive os cansados, deviam ser tratados com respeito. O jornalista dos anos cinqüenta, que tinha colocado o título de homem peixe no serviço mundial de notícias, tinha morrido em um acidente em um barco pelo Mississippi aquele verão. A água se elevou e cobriu o barco, conforme afirmaram as testemunhas. O mais estranho que jamais tinham visto.

As câmaras continuaram tomando fotos. Nós seguimos alheios a elas.

-Me alegro de que voltaste para nós, Meredith.

-Eu também me alegro de te ver, Barinthus. Espero que a corte seja o bastante segura para converter minha volta em algo mais que uma visita.

Piscava com a segunda pálpebra, o qual, quando não estava nadando, era um indício de nervosismo.

-Isto deverá discutir com sua tia.

Eu não gostei de como soou a frase. Um jornalista me plantou um pequeno gravador no rosto.

-Quem é você?

O fato de que tivesse que perguntar significava que não estava há muito tempo no ofício.

Galen se meteu no meio sorrindo, encantador. Abriu a boca para responder, mas outra voz encheu o buliçoso silêncio.

-A princesa Meredith NicEssus, Filha da Paz.

O homem que tinha falado se aproximou das janelas que permanecia apoiado.

-Jenkins, como me desagrada te ver – eu disse.

Era um homem magro e alto, embora não tanto como Barinthus. Jenkins tinha uma sombra permanente na cara, tão notável que uma vez lhe perguntei por que não usava barba. Respondeu que a sua mulher não gostava de cabelo na cara. Eu lhe repliquei que não podia acreditar que alguém se casou com ele. Jenkins tinha vendido fotos do corpo despedaçado de meu pai. Não nos Estados Unidos, é obvio, somos muito civilizados para isso, mas há outros países, outros periódicos, outras revistas. Encontrou quem comprasse e publicasse as fotos. Foi também ele quem me surpreendeu no funeral e infiltrou minhas fotos com lágrimas nas bochechas, e uns olhos tão tristes que brilhavam. Esta foto tinha sido nomeada para um prêmio. Não ganhou, mas meu rosto e o corpo morto de meu pai foram notícias mundiais graças ao Jenkins. Ainda lhe odiava por isso.

-Ouvi rumores de que volta de visita. Fica todo o mês até o Halloween? - Perguntou.

-Não posso acreditar que alguém se arrisque ao desprazer de minha tia por falar contigo – eu disse, sem responder a sua pergunta. Tinha muita prática em passar por cima as perguntas da imprensa.

Sorriu.

-Surpreenderia-te saber quem fala comigo e sobre o quê.

Eu não gostei de sua expressão, soava vagamente ameaçadora, vagamente pessoal. Não, eu não gostei nem um pingo.

-Bem-vinda a casa, Meredith -disse e fez uma reverência leve mas elegante.

O que queria lhe dizer não era correto para o consumo público, e havia muitos gravadores. Se Jenkins estava aí, então os jornalistas da televisão não andariam muito longe. Se não podia obter uma exclusiva, asseguraria-se de que ninguém a conseguisse.

Não disse nada, deixei passar. Tinha estado me provocando desde que era uma menina. Só tinha uns dez anos mais que eu, mas parecia vinte anos mais velho, porque eu ainda aparentava vinte e poucos. Eu possivelmente não ia viver sempre, mas me conservava bem. Acredito que isto incomodava de verdade ao Jenkins, ter que falar de gente que ou não envelhecia ou o fazia muito mais lentamente que ele. Houve momentos, quando eu era mais jovem, que tinha encontrado consolo em pensar que provavelmente ele morreria primeiro.

-Ainda cheira a cinzeiro, Jenkins. Não sabe que fumar reduz sua esperança de vida?

Seu semblante se endureceu pelo aborrecimento. Baixou o tom de sua voz e murmurou:

-Ainda é a pequena vadia do oeste, verdade, Merry?

-Tenho uma ordem de afastamento contra ti, Jenkins. Mantenha-se a quinze metros ou chamarei à polícia.

Barinthus se aproximou de nós e me ofereceu seu braço. Não tinha que me dizer isso sabia que não me convinha me pôr a insultar um jornalista diante de outros. A ordem de afastamento se estabeleceu depois de que Jenkins divulgou minha foto por todo mundo. Os advogados da corte tinham encontrado a uns quantos juizes que pensavam que em realidade Jenkins tinha abusado

de uma menor e invadido minha intimidade. Depois disto, lhe proibiu falar comigo e tinha que manter-se a quinze metros de distância.

Acredito que o único motivo pelo que Barinthus não tinha matado Jenkins era que os sidhe o teriam interpretado como uma debilidade. Eu não era só uma soberana sidhe, era terceira na linha sucessória da corte da Escuridão. Se não podia me proteger a mim mesma de jornalistas excessivamente entusiastas de seu trabalho, não merecia o lugar que ocupava. De modo que Jenkins se converteu em meu problema. A rainha nos tinha proibido a todos de fazer mal à imprensa depois do pequeno acidente nas águas do Mississippi. Desgraçadamente, a única coisa que podia me liberar do Barry Jenkins era sua morte. Algo menor do que isso e ele se curaria e se arrastaria atrás de mim.

Lancei um beijo a Jenkins e passei junto a ele no braço do Barinthus. Galen nos seguia, respondendo as perguntas da imprensa. Captava fragmentos de suas explicações: reunião familiar, as próximas férias, bla, bla, bla. Barinthus e eu pudemos nos afastar da imprensa porque atacava novamente ao Galen. Então, perguntei algo a sério:

-Por que a rainha me perdoou de repente por haver escapado de casa?

-Por que se pede que retorne a casa o filho pródigo? -Replicou.

-Não me venha com adivinhações, Barinthus, se limite a responder.

-Não contou seus planos a ninguém, mas insistiu muito em que retornasse a casa como convidada especial. Quer algo de ti, Meredith, algo que só você pode lhe dar, ou algo que pode fazer por ela ou pela corte.

-O que poderia fazer eu que outros não possam?

-Se soubesse, te diria.

Apoiei-me no Barinthus, deslocando uma mão por seu braço e invocando um feitiço. Era um feitiço menor, tratava-se de envolver uma parte de ar ao redor de nós para que ricocheteasse o ruído. Não queria que nos escutassem, e se estávamos sendo espiados por sidhe, ninguém sentiria saudades de que o fizesse com repórteres a meu redor.

-E Cel? Quer me matar?

-A rainha insistiu muito, a todo mundo - pôs ênfase no «*todo mundo*»- em que não se deve te incomodar enquanto permaneça na corte. Quer que retorne entre nós, Meredith, e parece disposta a utilizar a violência para cumprir seu desejo.

-Inclusive contra seu filho? -Perguntei.

-Não sei. Mas mudou algo entre ela e seu filho. Não está contente com ele, e ninguém sabe exatamente por quê. Eu gostaria de dispor de mais informação, Meredith, mas nem os maiores fofoqueiros da corte sabem nada a este respeito. Todo mundo tem medo de instigar à rainha ou ao príncipe. - Tocou-me o ombro. -Sem dúvida, estão nos espiando e suspeitarão se mantivermos o feitiço de confusão sobre nossas palavras.

Assenti e retirei o feitiço, jogando-o no ar com um pensamento. O ruído nos envolveu de novo, e me dava conta de que tínhamos tido sorte de não se chocar com ninguém, o qual teria destruído o feitiço. É obvio, estava caminhando com um semideus de mais de dois metros de altura e de cabelo azul, e isso contribuía a abrir passo. Alguns sidhes gostavam de fãs, mas Barinthus não era um deles, e um simples olhar daqueles olhos bastava para que quase todo mundo retrocedesse.

Barinthus continuou com um tom excessivamente carinhoso.

-Te levaremos daqui a casa de sua avó. -Baixou a voz-. Embora não sei como conseguiu que a rainha aceitasse que visitasse familiares antes de lhe apresentar seus respeitos.

-Invoquei direitos de virgem, que é o motivo pelo qual me levará ao hotel para me registrar e trocar de roupa.

Estávamos na zona de recolhimento de malas, contemplando o brilho da esteira vazia que não parava de girar.

-Ninguém invocou direitos de virgem entre as sidhe há muitos séculos.

-Não importa quanto tempo faça, Barinthus, continua sendo nosso direito.

Barinthus sorriu.

-Sempre foste inteligente, inclusive quando pequena, mas quando cresceu tem te feito mais ardilosa.

-E precavida, não esqueça, porque sem precaução, a astúcia só serve para que lhe matem.

-É uma observação cínica, mas verdadeira. Realmente sentiste falta da gente, Meredith, ou você gostou de se liberar de tudo isto?

-Poderia passar sem a parte da política, mas... -Agarrei-lhe o braço-. Senti sua falta, sua, e de Galen, e... nosso lar não é algo que possa escolher e determinar, Barinthus. É o que é.

Ele se inclinou para mim e sussurrou:

-Quero que volte, mas tenho medo por ti.

Olhei aqueles olhos maravilhosos e sorri.

-Eu também.

Galen chegou saltando até nós; colocou um braço em cima de meus ombros e o outro ao redor da cintura do Barinthus.

-Uma grande família feliz!

-Não seja frívolo, Galen -disse Barinthus.

-Uau! -Replicou Galen-, decaíram os ânimos. Do que falavam pelas minhas costas?

-Onde está Doyle? -Perguntei.

O sorriso do Galen se esfumou.

-Foi informar à rainha. -Sorriu de novo-. Agora nos interessa sua segurança.

Deve ter passado algo por minha cara, ou pela do Barinthus, porque Galen perguntou:

-O que aconteceu?

Olhei à superfície espelhada da esteira de malas e vi que Jenkins estava do outro lado da barreira. Mantinha-se afastado, a quinze metros, mais ou menos. Sem dúvida, o suficientemente longe para que não pudessem lhe deter.

-Aqui não, Galen.

Galen também olhou e viu o Jenkins.

-Ele realmente te odeia, não é?

-Sim -respondi.

-Nunca compreendi a animosidade dele contigo -afirmou Barinthus. – Mesmo quando era uma menina você já o aborrecia.

-Parece que se converteu em algo pessoal, verdade?

-Sabe por que é tão pessoal para ele? -Perguntou Galen, e havia algo na maneira de perguntar que me fez desviar o olhar, evitar seus olhos.

Minha tia tinha decretado, anos antes de meu nascimento, que não podíamos utilizar nossos poderes mais escuros diante de um membro da imprensa. Eu rompi esta norma só uma vez, para gratificação pessoal do

Jenkins. Minha única desculpa era que tinha dezoito anos quando meu pai morreu. Dezoito quando Jenkins difundiu minha dor por todo mundo. Eu tinha tirado seus mais lúgubres temores e os tinha colocado em seus olhos. Tinha-lhe feito gritar e rogar. Tinha-lhe convertido em um corpo tremendo junto a uma solitária estrada rural. Durante alguns meses, tinha sido mais agradável, educado; depois retornou para vingar-se. Mais mesquinho, mais severo, mais desejoso de fazer algo por conseguir uma reportagem. Tinha me contado que a única maneira que tinha de lhe parar era lhe matar. Não lhe tinha domesticado, tinha-o feito mais selvagem. Jenkins foi quem me ensinou a lição de que ou matas a seus inimigos ou lhes deixa em paz.

Minha mala foi uma das primeiras a sair pela esteira. Galen a pegou.

-Sua carruagem te espera, querida.

Olhei-o. Se tivesse sido só Galen, teria podido acreditar, mas Barinthus não faria um ardil publicitário, e uma carruagem era sem dúvida um ardil.

-A rainha Andais enviou seu próprio carro pessoal para ti -disse Barinthus.

Meu olhar passeou de um para o outro.

-Enviou a carruagem negra de caçada para mim? Por quê?

-Até que escureça -disse Barinthus-, é simplesmente um carro, uma limusine. E o fato que sua tia lhe tenha devotado isso, comigo como chofer, é uma grande honra que não deve ser desprezada.

Aproximei-me dele e baixei a voz como se pudessem nos ouvir os jornalistas que aguardavam. Não podia continuar invocando magia para esconder nossas palavras porque, embora não podiam perceber, nada me assegurava que não estávamos sendo espiados.

-É uma honra desmensurada, Barinthus. O que está acontecendo? Normalmente, meus familiares não me dão um trato real.

Olhou-me, e permaneceu calado tanto tempo que pensei que não responderia.

-Não sei, Meredith -disse finalmente.

-Já falaremos no carro -disse Galen, rindo e saudando a imprensa.

Conduziu às portas automáticas. A limusine nos esperava como um tubarão negro. Até as janelas estavam polarizadas de negro, de maneira que impedissem de ver o interior.

Detive-me no corredor lateral. Os dois homens caminharam a meu lado, depois se detiveram, me olhando.

-O que foi? -Perguntou Galen.

-Perguntava-me quem pode ter entrado no carro enquanto estávamos no aeroporto.

Olharam um para o outro, e depois novamente pra mim.

-O carro estava vazio quando o deixamos aqui -disse Galen. Barinthus era mais prático.

-Dou minha palavra mais solene de que, a meu conhecimento, o carro está vazio.

Sorri, mas não era um sorriso feliz.

-Sempre foste precavido.

-Digamos que não dou minha palavra sobre coisas que não posso controlar.

-Como os caprichos de minha tia – eu disse.

Inclinou-se um pouco e seu cabelo se converteu em uma cortina multicolorida.

-Efetivamente.

Minha tia tinha eleito bem. Havia três vezes três vezes três guarda-costas reais. Vinte e sete guerreiros dedicados a qualquer desejo de minha tia. Destes, os dois que confiava mais estavam de pé a meu lado. Andais queria que me sentisse segura. Por quê? Minha segurança ou falta de segurança nunca lhe tinha interessado anteriormente. Recordei as palavras do Barinthus. A rainha queria algo de mim, algo que só eu podia lhe oferecer, ou fazer por ela ou pela corte. A pergunta era o que era isso que só eu podia fazer? Não me ocorria nada que só eu pudesse lhe oferecer.

-Para o carro, meninos -disse Galen com um sorriso que mostrou seus dentes apertados.

Havia uma van da televisão a certa distância, presa no trânsito mas que ia se aproximando. Se nos bloqueassem a saída, o que já tinha acontecido no passado, teríamos outros problemas além de minha paranóia, à margem de quão justificada estivesse.

Barinthus tirou as chaves do bolso e apertou um botão do chaveiro. O portamalas se abriu com um zumbido de ar, como se tivesse estado hermeticamente fechado. Galen pôs minha mala em seu interior e estendeu a mão para que lhe entregasse a bolsa.

Neguei com a cabeça.

-Eu a levarei.

Galen não perguntou por quê: sabia, ou podia imaginar. Não teria voltado para casa desarmada.

Barinthus abriu a porta traseira pra mim.

-A van da televisão não demorará, Meredith. Se tivermos que fazer uma, como a chamam?, Fuga limpa, terá que fazê-la agora.

Dava meio passo para aquela porta aberta e me detive. A tapeçaria era negra. Tudo era negro. O carro tinha uma história muito larga para não fazer soar todos meus timbres psíquicos. O poder daquela porta aberta me impregnou a pele e me arrepiou o cabelo dos braços. Era a limusine negra da caçada. Embora não havia armadilhas esperando em seu interior, era um objeto de poder selvagem, e esse poder fluía sobre mim.

-Por favor, Merry -disse Galen. Passou na minha frente e se meteu na escuridão do carro. Meteu-se nela e voltou a sair. Mostrou-me sua mão pálida.

-Não vai te morder, Merry.

-Promete? -Perguntei.

-Prometo -respondeu, sorrindo.

Peguei sua mão, e me levou pela a porta aberta.

-É obvio, não prometi que eu não vá te morder. Me colocou dentro carro, nós dois rindo. Era bom estar em casa de novo.

O couro fez um ruído similar a um suspiro humano quando sentei. Um painel de vidro negro nos impedia de ver Barinthus. Era como estar em uma cápsula espacial negra. Em um pequeno compartimento situado diante de nós havia um cubo de prata que continha uma garrafa de vinho e um pano para usar na hora de servi-lo. Duas taças de cristal esperavam para serem cheias, e havia também uma bandeja com torradas e algo com aspecto de caviar atrás do vinho.

-Você fez isso? - Perguntei.

Galen negou com a cabeça.

-Eu gostaria de ter feito, embora teria tirado o caviar. Tenho paladar de japoneses.

-Você também não gosta. – eu disse.

-Mas também sou um camponês.

-Isso nunca.

Sorrii com esse sorriso que me esquentava da cabeça aos pés. Depois, o sorriso se desvaneceu.

-Eu dei uma olhada no carro antes. Estou de acordo em que a rainha está agindo de forma estranha, e queria me assegurar de que não haveria surpresas por trás de todo este vidro negro.

-E? -Perguntei.

Levantou o vinho.

-E isto não estava aqui.

-Tem certeza?

Assentiu, afastando o pano para ver a etiqueta da garrafa. Deixou escapar um assobio.

-É de sua reserva privada. -Ele segurou a garrafa com cuidado, virando-a para que eu a visse, porque ela já estava aberta. -Importaria-te degustar um Borgonha de mil anos de antigüidade?

Fiz um gesto de negação com a cabeça.

-Não comerei nem beberei nada do que nos possa oferecer este carro. Obrigado de todas formas. -Passei a mão pelo couro do assento do carro. – Sem ofensas.

-Poderia ser um presente da rainha - disse Galen.

-Razão a mais para não bebê-lo – eu disse. -Não até que descubra o que pretende.

Galen me olhou, assentindo, e voltou a colocar o vinho em seu lugar.

-É um bom argumento.

Nos acomodamos nos assentos. O silêncio parecia mais duro do que deveria, como se alguém estivesse escutando. Sempre pensei que era o carro que nos escutava.

A carruagem Negra é um dos objetos que, entre os elfos, tem energia e vida própria. Não foi criado por nenhum elfo ou antigo deus de que tenhamos conhecimento. Simplesmente, existiu há mais tempo do que nenhum de nós possa recordar. Mais de seis mil anos e ainda contando. É obvio, antes era uma charrete negra puxada por quatro cavalos negros. Os cavalos não eram de raça sidhe. Não eram visíveis até que caía a noite. Então apareciam como

criaturas da escuridão com órbitas oculares vazias que flamejavam quando lhes atava a charrete.

Um dia, ninguém sabe exatamente quando, a charrete se desvaneceu e apareceu uma ampla carruagem negra. Só os cavalos seguiam sendo os mesmos. A charrete trocou quando deixaram de utilizá-las. Atualizou-se.

Então, uma noite, não faz nem vinte anos, a ampla carruagem Negra se desvaneceu e apareceu uma limusine. Os cavalos não retornaram nunca, mas vi o tipo de mecanismo que há debaixo da carroceria deste engenho. Juro que queima com o mesmo fogo doentio que enchia os olhos daqueles cavalos. O carro não consome gasolina, assim não tenho nem idéia do que arde ali, mas sei que o carro ou limusine ou carro às vezes o desvanece tudo. A Limusine Negra era um presságio de morte, o aviso de um cataclismo iminente. Já tinha começado a circular a lenda de um sinistro carro negro que aparecia diante de uma casa a todo gás e com fogo verde dançando por sua superfície, e logo uma desgraça se abatia sobre o dono da casa. Assim, me perdoem se estava um pouco nervosa em cima daqueles assentos de couro tão delicado.

Olhei para o Galen e lhe estendi a mão. Ele sorriu e tomou-a entre as suas.

-Senti saudades – eu disse.

-Eu também.

Levantou minha mão para seus lábios e me deu um beijo suave nos nódulos. Atraiu-me para ele, e eu não resisti. Movi-me pelos assentos de couro até me situar entre seus braços. Adorava a sensação de seu braço ao redor de meus ombros, me envolvendo contra seu corpo. Minha cabeça acabou repousando na suavidade de seu suéter, sobre seu firme peito inchado, debaixo do qual escutava o batimento de seu coração como um relógio.

Suspirei e me afaguei contra seu corpo, pondo minha perna ao redor da sua até ficar enlaçados.

-Sempre me abraçaste melhor que ninguém – eu disse.

-Esse sou eu, simplesmente um urso de pelúcia grande e adorável. -Havia algo em sua voz que me fez levantar o olhar.

-O que foi?

-Nunca me falou que iria embora.

Sentei-me, com seu braço ainda sobre meus ombros, mas tinha se quebrado a perfeita comodidade de um segundo antes. Quebrado com acusações, e certamente haveria mais.

-Não podia me arriscar a contar a ninguém, Galen, já sabe. Se alguém tivesse suspeitado que ia fugir da corte, teriam me detido, ou algo pior.

-Três anos, Merry. Passei três anos sem saber se estava viva ou morta.

Comecei a sair de debaixo de seu braço, mas me apertou com mais força e me atraiu para si.

-Por favor, Merry, deixa que te abrace, só isto, me deixe saber que é real.

Deixei-lhe me abraçar, mas a sensação de comodidade se perdeu. Nenhum outro teria me perguntado por que não havia dito a ninguém, por que não tinha contatado com ninguém. Nem Barinthus, nem vovó, ninguém, ninguém exceto Galen. Havia momentos em que entendia por que meu pai não tinha eleito ao Galen como marido para mim. Galen se deixava governar pela emoção, e isso era algo muito perigoso.

Finalmente, apartei-me.

-Galen, já sabe por que não me pus em contato contigo.

Não me olhava. Toquei seu queixo e lhe movi a cabeça para que me olhasse. Aqueles olhos verdes estavam feridos, todas suas emoções se refletiam neles como em um lago cristalino. Era péssimo para a política da corte.

-Se a rainha tivesse suspeitado que sabia onde estava, ou tinha alguma notícia de mim, te teria torturado.

Segurei minha mão, sustentando-a contra seu rosto.

-Nunca te teria traído.

-Eu sei, e você acha que teria podido viver sabendo que você estava sendo torturado indefinidamente enquanto eu me mantinha a salvo em outro lugar? Não tinha que saber nada, assim ela não teria nenhum motivo para te fazer perguntas.

-Não necessito que me proteja, Merry.

Isto me fez sorrir.

-Protegemo-nos mutuamente.

Ele também sorriu, porque nunca passava muito tempo sério.

-Você é o cérebro, e eu o músculo.

Me ajoelhei e o beijei na testa.

-Como evitaste os problemas sem meus conselhos?

Pôs seus braços ao redor da minha cintura e me atraiu para si.

-Com dificuldade. -Olhou-me, franzindo o sobrecenho. -O que me diz desse suéter perto? Pensei que tínhamos acordado em não se vestir nunca de negro.

-Fica bem com estas calças cinzas e a jaqueta combinando - eu disse.

Apoiou seu queixo justo em cima de meus seios, e aqueles olhos verdes honestos não me deixariam evitar a pergunta.

-Estou aqui para ficar, se puder, Galen. Se isso significa me vestir de negro como a maior parte da corte, então posso fazê-lo. -Olhei-o. -Além disso, o negro fica bem em mim.

-Sem dúvida.

Aqueles olhos honestos removeram em meu interior velhas sensações. Tinha havido uma tensão entre nós desde que era grande o suficiente para me dar conta do que era aquela estranha sensação em meu corpo. Mas independentemente do calor que houvesse, nunca poderia haver nada entre nós. Não fisicamente, pelo menos. Ele, igual a muitos outros, era um dos Corvos da Rainha, e isso significava que lhe pertencia e estava a suas ordens. Entrar na Guarda da Rainha tinha sido a única jogada política acertada que tinha feito Galen. Não tinha poderes mágicos e não se dirigia bem nos bastidores, só contava com um corpo forte, uns bons braços e a habilidade de fazer sorrir às pessoas. Seu corpo transpirava graça igual a algumas mulheres deixam um rastro de perfume detrás de si. Era uma habilidade fantástica, mas igual a muitas das que eu possuía, não muito útil em uma batalha. Como membro dos Corvos da Rainha, desfrutava de certa segurança. As pessoas não os desafiava facilmente a duelo, porque nunca se sabia se a rainha tomaria como um insulto pessoal. Se Galen não tivesse sido um guarda, provavelmente teria morrido muito antes de que eu nascesse; entretanto, o fato de que fosse um guarda nos manteve eternamente separados, sem cumprir nunca nossos desejos. Tinha me zangado com meu pai por não me deixar ficar com o Galen. Foi o único desacordo importante que tivemos. Custou-me anos ver o que tinha visto meu pai: que a maioria dos pontos fortes do Galen eram também seus pontos débeis.

Galen apoiou sua bochecha em meus seios e a esfregou em meu decote. Isto deteve minha respiração durante um segundo, logo deixei escapar um suspiro.

Baixei meus dedos por sua bochecha e passei a ponta por seus lábios grossos e suaves.

-Galen...

-Shhh – ele disse.

Levantou-me pela cintura e acabei com os joelhos sobre suas coxas, lhe olhando. Meu pulso batia tão forte em minha garganta que quase me fazia mal.

Baixou suas mãos lentamente até as colocar em minhas coxas. Não pude evitar recordar o ocorrido com o Doyle a noite passada. Galen moveu as mãos para separar pouco a pouco minhas pernas, me fazendo escorregar por seu corpo até que fiquei escarranchada sobre ele. Me afastei o suficiente para não estar em contato com ele. Não queria que seu corpo tocasse intimamente ao meu, ainda não.

Suas mãos se deslocaram por meu pescoço até a nuca, acariciou-me o cabelo com seus dedos finos até que o incrível calor de sua palmas tomou contato com minha pele.

Galen era um dos guardas que acreditavam que tocar um pouco de carne era melhor que nada. Sempre tínhamos dançado no fio da navalha.

-Passou muito tempo, Galen – eu disse.

-Dez anos desde que te tive assim – ele disse.

Sete anos com o Griffin, três anos fora, e Galen tentava retomá-lo de onde o tínhamos deixado, como se não tivesse mudado nada.

-Galen, não acho que devamos fazer isso.

-Não pense - disse.

Inclinou-se para mim, com os lábios tão perto que um suspiro o teria levado a mim, e o poder brotou de sua boca em uma linha de calor que roubava o fôlego.

-Não, Galen. - Minha voz soava agitada, mas falava sério. -Não use magia.

Se inclinou para trás para ver meu rosto.

-Sempre fizemos desta maneira.

-Faz dez anos – eu disse.

-E que diferença há? -Perguntou.

Suas mãos tinham escorregado por debaixo de minha jaqueta e massageavam os músculos de minhas costas.

Possivelmente dez anos não lhe tinham feito mudar, mas a mim sim.

-Galen, não.

Olhou-me, claramente desconcertado.

-Por que não?

Não estava segura de como explicar-lhe sem lhe machucar. Esperava que a rainha me desse permissão para tomar de novo a um guarda como companheiro, como tinha feito quando autorizou a meu pai para escolher ao Griffin. Se deixasse que as coisas com o Galen voltassem a ser como antes, ele iria supor que o escolheria. Queria-lhe, certamente lhe queria sempre, mas não podia permitir que se convertesse em meu companheiro. Necessitava de alguém que me ajudasse política e magicamente, e Galen não era essa pessoa. Meu companheiro já não teria o apoio da rainha quando abandonasse a Guarda. Minha magia não bastava para manter ao Galen fora de perigo, e muito menos a sua, porque era menos desumano que eu. O dia em que Galen

se convertesse em meu companheiro assinaria sua sentença de morte. Mas nunca tinha podido explicar tudo isto a ele. Não aceitaria nunca o terrivelmente perigoso que era para mim e para ele.

Eu tinha crescido e finalmente, era a filha de meu pai. Algumas eleições se fazem com o coração, outras com a cabeça, mas em caso de dúvida, escolher com a cabeça antes que o coração pode te salvar a vida.

Ajoelhei-me sobre ele, começando a me afastar de seu colo. Seus braços me seguraram pelas costas. Parecia tão ferido, tão perdido.

-Tá falando sério.

Assenti. Vi que seus olhos tentavam compreender.

-Por quê? -Perguntou por fim.

Toquei-lhe o rosto, penteei a ponta de seus cabelos com meus dedos.

-OH, Galen.

Seus olhos mostravam pena, com a mesma clareza com que mostravam alegria, ou assombro, ou qualquer emoção que sentisse. Era o pior ator do mundo.

-Um beijo, Merry, para te dar as boas-vindas a casa.

-Já nos beijamos no aeroporto – eu disse.

-Não, um beijo de verdade, só uma vez mais. Por favor, Merry.

Deveria ter dito que não, lhe pedir que me soltasse, mas não pude. Não podia dizer não a aquele olhar, e na verdade, se nunca iria voltar a estar com ele, queria um último beijo.

Levantou sua rosto para o meu, e eu baixei minha boca para a sua. Seus lábios eram muito delicados. Minhas mãos encontraram a curva de seu rosto e lhe sustentei enquanto nos beijávamos. Suas mãos me acariciaram as costas, roçaram minhas nádegas, escorregaram por minhas coxas. Afastou as minhas pernas delicadamente de maneira que voltei a escorregar até seu corpo. Desta vez, assegurou-se de que não ficasse espaço entre nós. Podia sentir seu membro duro apertado contra suas calças, contra mim.

A sensação do contato me fez afastar minha boca da sua, me fez afogar um grito. Suas mãos escorregavam por meu corpo, me agarrando as nádegas, me apertando com força contra ele.

-Pode tirar a pistola? Está me incomodando.

-A única maneira de tirar a pistola é desatar o cinto – eu disse, e minha voz afirmava coisas não verbalizadas.

-Eu sei – ele disse.

Abri a boca para dizer que não, mas não foi isso o que saiu. A história se repetiu em toda uma série de decisões: cada vez, deveria ter dito que não, deveria ter parado, e nunca parava. Acabamos jogados sobre o comprido assento de couro com quase toda nossa roupa e todas nossas armas dispersas pelo chão.

Minhas mãos se deslizaram pelo largo e suave peito do Galen. A fina trança de cabelo verde lhe caía pelo ombro e se curvava para a pele escura de seu mamilo. Acaricieei a linha de pêlo que baixava do centro de seu estômago e se perdia sob as calças. Não podia me lembrar de como tínhamos chegado a esta situação. Não estava usando nada, exceto o sutiã e as calcinhas. Não me lembrava de ter tirado as calças. Era como se tivesse perdido a noção do tempo durante alguns minutos e logo tivesse despertado para comprovar o quanto tínhamos avançado.

Suas calças estavam desabotoadas e vislumbrei sua cueca verde. Queria inundar minha mão aí, desejava-o tanto que já o sentia em minha mão como se o estivesse agarrando.

Nenhum de nós tinha usado poder, era unicamente a sensação de pele sobre pele, nossos corpos que se tocavam. Tínhamos chegado mais longe fazia uns anos, mas algo não estava bem. Simplesmente, não podia me lembrar do quê.

Galen se inclinou para beijar meu abdômen. Sua língua desenhou um atalho úmido em meu corpo. Não podia pensar, e precisava fazê-lo.

Sua língua jogava pela borda das minhas calcinhas, seu rosto se afundava nas pontas, apartava-as com seu queixo e sua boca, para seguir mais abaixo.

Agarrei-lhe um punhado de cabelo e lhe levantei o rosto, separando-o do meu corpo.

-Não, Galen.

Pôs as mãos em meu colo e logo forçou seus dedos sob o aro do meu sutiã. Levantou-o e deixou meu seios ao descoberto. -Diga que sim, Merry, por favor, diga que sim. -Acariciou-me os seios e os sustentou entre suas mãos, amassando-os, sopesando-os.

Não podia pensar, não podia me lembrar de por que não devíamos fazer isso.

-Não posso pensar -disse em voz alta.

-Não pense -disse Galen.

Baixou sua rosto para meus seios. Beijou-os brandamente e me lambeu os mamilos.

Pus uma mão sobre o seu peito e o afastei. Estava em cima de mim, com um braço em cada lado de meu torso, com as pernas estiradas e seu corpo sobre o meu.

-Algo está errado –protestei. -Não deveríamos fazer isso.

-Nada está errado, Merry.

Tentou baixar seu rosto aos meus seios, mas pus minhas mãos sobre seu peito para mantê-lo afastado.

-Sim, algo está errado.

-O quê? -Perguntou.

-Esse é o problema, eu não me lembro. Não me lembro, Galen, entende? Não me lembro. Deveria me lembrar.

Franziu o sobrecenho.

-Há algo -insisti.

Negou com a cabeça.

-Por que estamos na parte traseira deste carro? -Perguntei.

Galen se separou de mim e se sentou com as calças ainda aberta, e as mãos no colo.

-Vais ver sua avó.

Voltei a colocar o sutiã em seu lugar e me sentei, me arrastando para meu lado do carro.

-Sim, está bem.

-O que acaba de acontecer? -Perguntou.

-É um feitiço, eu acho – eu disse.

-Não bebemos vinho nem comemos nada.

Olhei o negro interior do carro.

-Está aqui em alguma parte. -Comecei a mover as mãos pelo bordo do assento. -Alguém o pôs aqui dentro, e não foi o carro.

Galen deslocou suas mãos pelo teto, procurando.

-Se tivéssemos feito amor...

-Minha tia nos tinha executado.

Não lhe falei do Doyle, mas tinha sérias dúvidas de que a rainha me deixasse manchar a dois de seus guardas em poucos dias sem ser castigada por isso.

Encontrei uma protuberância debaixo da tapete negro do chão. Levantei-o delicadamente, com cuidado para não danificar o carro. O que encontrei foi uma corda com um anel de prata preso a um extremo. O anel era o anel da rainha, um dos objetos mágicos que os elfos puderam trazer da Europa durante o grande êxodo. O anel era um objeto de grande poder que tinha permitido que a magia da corda atuasse sem tocar nenhuma de nossas peles nem ser invocada.

Levantei o anel para examiná-lo.

-Encontrei-o, e está com o anel dela.

Os olhos do Galen se abriram como pratos.

-A rainha nunca tira este anel. -Puxou a corda de mim, tocando os filamentos de diversas cores. -Vermelho pela luxúria, laranja pelo amor temerário, mas por que verde? Normalmente, o verde está reservado para encontrar a um companheiro monógamo. Não deveriam mesclar-se nunca estas cores.

-Isto é uma loucura, inclusive para Andais. Por que me convidar pra casa para ser sua hóspede de honra e me preparar para a execução a caminho da corte? Não tem nenhum sentido.

-Ninguém poderia ter obtido este anel sem sua permissão, Merry.

Um objeto branco saía de entre o assento e a parte traseira. Aproximei-me dele e vi que era a metade de um envelope.

-Não estava aqui antes – eu disse.

-Não, não estava -confirmou Galen. Agarrou o suéter do chão e o pôs.

Puxei-o, e senti que algo estava puxando do outro lado; mantínhamos uma espécie de pulso como um músculo. Me acelerou o coração, mas consegui pegar o envelope. Tinha meu nome escrito com uma bela caligrafia, a letra da rainha.

O mostrei ao Galen enquanto continuava vestindo-se.

-Será melhor que o abra -disse.

O virei e encontrei o selo da rainha em lacre negro, sem romper. Rompi o selo e tirei uma única folha grossa.

-O que diz? -Perguntou Galen.

O li em voz alta.

-«À Princesa Meredith NicEssus. Aceita este anel como um presente e uma amostra de coisas por vir. Quero o ver em sua mão quando nos encontrarmos». Inclusive o assinou. -Olhei ao Galen. -Isto cada vez tem menos sentido.

-Olhe -disse.

Olhei para onde estava apontando, e vi uma bolsinha de veludo que aparecia pelo assento e que não estava aí no momento que peguei o envelope.

-O que está acontecendo?

Galen pôs a bolsinha à vista, delicadamente. Era muito pequena, e só continha uma parte de seda negra.

-Me deixe ver o anel -disse.

Tirei o anel da corda e o pus na palma de minha mão. O frio metal se esquentou em minha mão. Esperava com tensão que se esquentasse mais, mas era só um calor delicado. Ou era uma parte do encanto do anel ou... Passei o anel ao Galen.

-Pegue-o com a palma de sua mão e me diga o que sente.

Galen agarrou o anel entre dois dedos e o pôs em sua outra mão. Vi a pesada jóia octagonal brilhando delicadamente em sua palma. Sentamo-nos e olhamos o anel durante uns segundos. Não aconteceu nada.

-Está quente? -Perguntei.

Galen me olhou, levantando as sobrancelhas.

-Quente? Não, deveria estar?

-Não para ti, conforme parece.

Envolveu o anel com a parte de seda e o depositou na bolsinha de veludo. Cabia perfeitamente, mas não havia espaço para a pesada corda. Olhou-me.

-Não acredito que a rainha provocou o feitiço. Acredito que pôs este anel aqui como um presente para ti, como diz a nota.

-Então alguém acrescentou o feitiço – eu disse.

Assentiu.

-Era um feitiço muito sutil, Merry. Quase não o notamos.

-Sim, quase pensei que se tratava de mim. Se tivesse sido algum feitiço de luxúria, o teríamos percebido muito antes.

Não havia tanta gente na corte da Escuridão capaz de levar a cabo um feitiço de amor tão sofisticado. O amor não era nossa especialidade; a luxúria, sim.

Galen ecoou meus pensamentos.

-Só há três, ou possivelmente quatro, pessoas em toda a corte que possam fazer este feitiço. Se tivesse me perguntado isso, haveria te dito que nenhuma delas deseja seu mau. Pode ser que nem todos lhe queiram bem, mas não são seus inimigos.

-Ou não o eram há três anos – eu disse. –As pessoas trocam de opinião e formam novas alianças.

-Não observei nada distinto -disse Galen.

Não pude reprimir o sorriso.

-Diz como se fosse extraordinário que não te desse conta das destrezas políticas nos bastidores.

-Tudo bem, tudo bem não sou um animal político, mas Barinthus sim o é, e nunca mencionou que tenha havido uma mudança de sentimentos importante entre as partes neutras da corte.

Estendi a mão para pegar o anel. Galen me deu a bolsa. Peguei-o e o coloquei na minha palma. Antes mesmo de que tocasse minha pele, notei o calor que desprendia. Envolvi o anel com a mão e fechei com força o punho. O calor aumentou. O anel, o anel de minha tia, o anel da rainha, respondia a minha carne. Gostaria disto a nossa rainha ou a enfureceria? Se não queria que o anel me reconhecesse, por que me teria dado ele?

-Parece satisfeita –disse Galen. -Por quê? Acaba de ser vítima de uma tentativa de assassinato; se lembra não é?

Estava observando meu rosto, como se tentasse desentranhar meus pensamentos.

-O anel se esquentava quando o toco, Galen. É uma relíquia de poder e me reconhece. -O assento se sacudiu bruscamente debaixo de mim e me fez saltar. -Senti isso?

Galen assentiu.

-Sim.

A luz do teto se acendeu e saltei de novo.

-Foi você que fez isso? -Perguntei.

-Não.

-Eu tampouco – eu disse.

Desta vez vi o assento de couro atirando o objeto ao ar. Foi como ver algum objeto vivo sacudindo-se de forma repentina. Tratava-se de uma jóia pequena e de prata. Quase temia tocá-la, mas o assento continuou sacudindo-se até que o objeto ficou à luz, e imediatamente vi que era uma abotoadura.

Galen o agarrou. Seu rosto se escureceu, e me entregou ele. A abotoadura tinha a letra C perfilada com umas linhas maravilhosas.

-A rainha mandou fabricar abotoaduras para todos os guardas faz aproximadamente um ano. Têm gravadas nossos iniciais.

-Está dizendo que foi um guarda que pôs o feitiço no carro e tentou enterrar a carta e a bolsa nos assentos.

Galen assentiu.

-E o carro guardou as abotoaduras até que te mostrou.

-Ob... Obrigado, carro -murmurei.

Por sorte, o carro não deu amostras de entender. Meus nervos agradeceram. Não obstante, sabia que tinha me escutado. Podia sentir que me observava, era como a sensação de que alguém está te olhando e quando se vira o vê detrás de ti.

-Quando disse «todos os guardas», quer dizer as guardas do príncipe, também? -Perguntei.

Galen assentiu.

-À rainha gostava do aspecto das guardas mulheres com camisa de homem, disse que era estético.

-E isto acrescenta quantas, cinco, seis mais, à lista de suspeitos?

-Seis.

-Desde quanto tempo se sabe que a rainha ia enviar a Limusine Negra para ir me buscar no aeroporto?

-Barinthus e eu nos inteiramos faz só duas horas.

-Tinham que atuar rapidamente. Possivelmente o feitiço de amor não estava destinado a mim. Talvez o tinham deixado aí com algum outro propósito.

-Temos sorte de que não estivesse destinado a nós. Poderíamos não ter reagido a tempo se o tivesse estado.

Voltei a pôr o anel na bolsinha de veludo e vesti meu suéter negro. Por algum motivo que não sabia dizer, queria estar vestida antes de colocar o anel. Olhei ao teto negro do carro.

-É isto a única coisa que tem que me mostrar, carro?

Apagou-se a luz do teto. Não pude evitar de dar outro salto, embora já esperava isso.

-Merda -disse Galen. Separou-se de mim ou da luz apagada. Olhou-me, com os olhos muito abertos. -Não viajei nunca no carro com a rainha, mas ouvi que...

-Este carro, se responde a alguém – eu disse, -é a ela.

-E agora a ti -disse com delicadeza.

Neguei com a cabeça.

-A Limusine Negra é magia selvagem; não sou tão pretensiosa para pretender que a controlo. O carro ouve minha voz. Se houver algo mais... - Encolhi-me de ombros. -O tempo o dirá.

-Não faz nem uma hora que aterrissaste em Saint Louis, Merry, e já houve um atentado contra sua vida. É pior que quando foi.

-Quando te fez tão pessimista, Galen?

-Quando se foi da corte -respondeu.

Tinha uma expressão de causar pena. Acariciei-lhe o queixo.

-OH, Galen, senti saudades.

-Mas sentistes mais saudades da corte. -Apertou minha mão contra seu queixo. -Vejo-o em seus olhos, Merry. A antiga ambição que se acordada.

Apartei minha mão dele.

-Não sou ambiciosa da maneira em que o é Cel. Só quero poder caminhar pela corte com relativa segurança, e desgraçadamente isto requererá algumas manobras políticas.

Coloquei a bolsinha de veludo em meu colo e me vesti o suéter. Ato seguido, embainhei-me as calças e voltei a colocar a pistola e as facas em seu lugar. Por último coloquei a jaqueta. -Você está sem batom-disse Galen.

-Em realidade, parece que você ficou com a maior parte – eu disse.

Voltei a aplicar meu batom utilizando o espelho de minha bolsa e limpei o da boca do Galen com um lenço de papel. Penteei-me: já estava vestida. Já não podia demorá-lo mais.

Agarrei o anel na penumbra. Era muito grande para meu dedo anelar, de modo que o coloquei no polegar. Tinha-o posto em minha mão direita sem pensá-lo. O anel proporcionava uma agradável calidez, como se fosse uma forma de me recordar que estava ali, esperando a que descobrisse o que fazer com ele. Ou, possivelmente, para que ele descobrisse o que fazer comigo. Não obstante, confiava em meu próprio sentido da magia. O anel não era ativamente malvado, o qual não significava que não pudessem acontecer acidentes. A magia é como qualquer ferramenta: tem que ser tratada com respeito, ou pode se voltar contra ti. A magia não está acostumada ser mais perigosa do que o é uma serra circular, mas ambas as ferramentas lhe podem matar.

Tentei tirar o anel, mas não pude. Meu coração pulsou um pouco mais depressa; fez-se um nó na garganta. Comecei a tirá-lo de uma maneira quase desesperada, e depois me detive. Respirei profundamente e com calma. O anel era um presente da rainha, apenas em vê-lo em minha mão muitos me tratariam com mais respeito. O anel, como o carro, tinha seu próprio programa. Queria ficar em meu dedo, e ficaria ali até que desejasse partir, ou até que me ocorresse como tirá-lo. Não me fazia mal. Não havia necessidade de alarmar-se.

Estendi a mão ao Galen.

-Não está saindo.

-Passou o mesmo com a mão da rainha uma vez -disse, e sabia que tratava de mostrar-se tranqüilizador.

Levou minha mão a seu rosto e a beijou delicadamente. Quando suas mãos acariciaram o anel, produziu-se uma espécie de descarga elétrica, mas não se tratava disso, mas sim de magia.

Galen me soltou e se arrastou para o outro extremo do assento.

-Eu gostaria de saber se o anel salta desta maneira se o tocar Barinthus.

-A mim também – eu disse.

A voz do Barinthus chegou pelo interfone.

-Estaremos na casa de sua avó dentro de uns cinco minutos.

-Obrigado, Barinthus – eu disse.

Perguntei-me o que diria quando visse o anel. Barinthus tinha sido o conselheiro mais próximo de meu pai, seu amigo. Era Barinthus o Influente e ao morrer meu pai, converteu-se em meu amigo e assessor. Alguns membros da corte se burlavam de que servisse a uma mulher, mas só a suas costas. Barinthus era um dos poucos membros da corte capazes de vencer com magia a quem tentou me assassinar. Mas se tivesse destruído a meus inimigos, eu teria perdido a escassa credibilidade que tinha entre os sidhe. Barinthus tinha tido que observar sem poder fazer nada enquanto eu me defendia, embora tinha me aconselhado ser desumana. Às vezes, não se tratava de quanto poder desprende, mas sim do que quer fazer com ele. «Faz que seus inimigos lhe temam, Meredith», havia dito, e eu tinha feito tudo o que estava a meu alcance. Mas eu nunca causaria tanto terror como Barinthus. Ele podia destruir exércitos inteiros com um pensamento. O que significava que seus inimigos evitavam encontrar-se com ele.

Também significava que se fosse nadar com tubarões, um ex-Deus de seis mil anos de idade era uma boa companhia. Amava ao Galen, mas eu não gostava de o ter como aliado. Preocupava-me que tivesse que morrer por ser meu amigo. Não me preocupava com o Barinthus. Imaginei que se alguém ia enterrar ao outro, seria ele quem me enterraria.

Vovó tinha reservado para ela os quartos do piso superior. Em tempos antigos, quando esta monstruosidade vitoriana era nova, esses quartos eram as dependências de serviço, trema no inverno e torre no verão. Mas o ar condicionado e a calefação central são coisas maravilhosas. Ela tinha tirado algumas das paredes para criar um acolhedor salão com um banheiro completo em um lado, um pequeno espaço sem uso algum junto a ele e um dormitório grande para ela do outro lado do salão.

O salão estava decorado em branco, nata e vários tons de rosa. Sentamo-nos em um confortável estampado de encosto duro, com tantos travesseiros pontudos que não sabia o que fazer com eles. Tinha empilhado umas quantas de um lado, formando uma improvisada montanha de flores e pontas.

Estávamos tomando o chá em um jogo decorado com flores. Minha segunda xícara de chá, junto com um pires delicado, flutuava da mesinha de café para mim. O truque para pegar algo que levita é se manter aquieto. Se for agarrá-lo, vai derramá-lo. Terá que esperar, e se a pessoa que realiza a levitação o faz bem, a xícara ou o que seja tocará sua mão: é então quando tem que pegá-la. Às vezes, penso que a maior lição de paciência é aguardar que uma xícara flutue até sua mão.

Tinha estado me concentrando muito nesse momento. Em não derramar o chá, em pegar um torrão de açúcar de um açúcareiro flutuante. Me concentrando, simplesmente, em estar com minha avó depois de três anos. Mas no fundo de minha mente não deixava de formular perguntas. Quem tinha tentado nos matar no carro? Tinha sido Cel? Por que a rainha ansiava tanto minha volta? O que queria de mim? Dizem que as corridas de cavalos são o esporte dos reis, mas não é esse o autêntico esporte real. O verdadeiro esporte real é a sobrevivência e a ambição.

A voz de vovó me devolveu ao presente com uma sacudida que me fez saltar. A xícara de chá que levitavam se moviam um pouco, como um navio ajustando-se para entrar no cais.

-Perdão, vovó, não te ouvi.

-Querida, está muito nervosa.

-Não posso evitar.

-Não acredito que a rainha tenha te trazido só para ver como se matam seus inimigos.

-Se estivesse governada pela lógica, estaria de acordo, mas nós duas a conhecemos muito bem para pensar assim.

Vovó suspirou. Era inclusive mais baixa que eu, uns centímetros abaixo do metro e meio. Lembro-me de uma época em que a achava enorme e acreditava que nada podia me fazer mal quando estava em seus braços. O comprido cabelo castanho e ondulado de vovó acariciava seu delicado corpo como uma cortina de seda, mas não escondia seu rosto. Sua pele era marrom como uma noz e um pouco enrugada, e não pela idade. Seus olhos eram grandes, e marrons como seu cabelo, com umas pestanas maravilhosas. Mas não tinha nariz e só uma boca muito pequena. Era quase como se seu rosto fosse um crânio marrom. Distinguiam-se os dois buracos onde deveria estar o nariz, como se o tivessem talhado, mas este era o rosto com que tinha nascido. Sua mãe, minha bisavó, pensava que era bonita. Seu pai humano, meu bisavô,

tinha lhe repetido desde pequena que é óbvio que era. Tinha o aspecto de sua mãe, a mulher que amava.

Teria gostado de conhecer meu bisavô, mas era um humano puro e viveu no século XVII. Teria podido conhecer meu tataravô se não a tivessem matado em uma das grandes guerras entre humanos e elfos na Europa. Morreu em uma guerra na qual, como brownie, não tinha necessidade de participar. Mas negar-se a ir a uma guerra se considera traição. E a traição se paga com a morte.

Os chefes sidhe lhe controlam sempre.

O pires de porcelana tocou a minha mão, abri os dedos delicadamente e o peguei. Teria sido mais fácil pôr toda a mão debaixo do pires para sustentá-lo, mas não era correto para uma mulher. Tinha aprendido a tomar o chá segundo umas regras de etiqueta que estavam a cem anos ou mais em desuso. O segundo ponto delicado com uma bebida quente em levitação é que quando a pessoa rechaça o convite, a xícara volta mais pesada. Quase todo mundo derrama um pouco de chá nas primeiras ocasiões. Não tem que se envergonhar por isso.

Eu não derramei nada. Vovó me convidou a tomar o chá pela primeira vez quando eu tinha cinco anos.

-Eu gostaria de saber o que te dizer a respeito da rainha, querida, mas não sei. O melhor que posso fazer é te alimentar. Pegue umas massas, querida. São um pouco pesadas para tomar com o chá, mas são suas favoritas.

-Cheias de cordeiro? -Perguntei.

-Com nabos e batatas, como você gosta.

Sorri.

-Haverá comida esta noite no banquete.

-Mas vais querer comer? -Perguntou.

Era um bom argumento. Agarrei uma das massas cheias de cordeiro do prato flutuante em que descansavam.

-O que você acha do anel?

-Nada.

-O que quer dizer com *nada*?

-Quero dizer, querida, que não disponho de suficiente informação nem para aventurar uma resposta.

-Foi Cel quem tentou nos matar ao Galen e a mim? Acredito que o que mais me incomoda é o fato de que, quem quer que pusesse o feitiço no carro, queria sacrificar ao Galen para chegar em mim, como se Galen não tivesse importância.

A pasta cheirava maravilhosamente, mas tinha perdido o apetite de repente. O chá estava se remexendo no meu estômago e sentia como se ele estivesse prestes a voltar. Nunca me sinto bem para comer quando estou nervosa. Pus a torta no prato, e este flutuou para a mesa.

Vovó pegou minha mão. Tinha as unhas pintadas de uma granada tão escura que quase era da mesma cor que sua pele.

-Não conheço a magia superior, Merry; minha magia é mais uma habilidade inata. Mas se pretendiam te matar, por que utilizaram uma corda verde? A cor de esperança, de uma vida familiar frutífera. Por que acrescentar esta cor?

-A única coisa que me ocorre é que tinham o feitiço para outro propósito e o usaram contra mim no último momento. Porque, por que outro motivo poderia ter estado o feitiço ali?

-Não sei, querida, eu gostaria de saber – ela disse.

Levantei a mão para que o anel brilhasse à luz outonal.

-Quem quer que pusesse o feitiço no carro, usou este anel para aumentar sua magia. Sabiam que o anel estaria ali. A quem ia confiar a rainha esta informação?

-A lista daqueles que confia é curta, mas a daqueles muito assustados para ir contra seus desejos é larga. Poderia ter dado o anel e a nota a qualquer um, e acredito que a obedeceriam. À rainha não lhe passa pela cabeça que sua Guarda possa desobedecê-la. -Apertou-me a mão-. Obviamente, não comerá estes bolos. Mandarei-os ao piso de abaixo. Gostarão os meus convidados.

-Sinto muito, vovó. Não posso comer quando estou nervosa.

-Não me sinto ofendida, Merry, só sou prática.

Fez um gesto e a porta se abriu ao pequeno corredor. Os pratos com comida começaram a desfilar para as escadas do fundo.

-Para que serviria executar ao Galen e a mim? -Perguntei.

Os pratos ainda saíam em dança pela porta, mas ela se dirigiu para mim sem que nada caísse nem salpicasse.

-Possivelmente deveria se perguntar pelas conseqüências que o anel da rainha tirasse o chapéu envolto em um feitiço de amor concebido para ti.

-Mas não estava concebido para mim. Poderia ter viajado qualquer um no assento traseiro do carro.

-Não acredito -disse ela. Agarrou-me a mão e tocou a jóia de prata. Não respondeu a seu toque como tinha respondido ao do Galen. -Este é o anel da rainha, e você é do sangue da rainha. Mas por azar de ordem de nascimento, Essus poderia ter sido rei. Você já seria rainha, e não Andais. Seria seu primo Cel o segundo da linha ao trono, e não você.

-Meu pai nunca gostou da maneira de governar a corte de Andais.

-Sei que havia quem lhe insistia para matar a irmã e chegar ao trono -disse vovó.

Não tentei esconder minha surpresa.

-Não pensava que todo mundo soubesse.

-Por que acha que foi assassinado, Merry? Alguém temia que Essus aceitasse o conselho e começasse uma guerra civil.

Agarrei-lhe a mão.

-Sabe quem ordenou sua morte?

Negou com a cabeça.

-Se soubesse, querida, já teria lhe dito. Eu não fazia parte das maquinações de nenhuma das cortes. Era tolerada, nada mais.

-Meu pai fez mais que te tolerar – eu disse.

-Sim, fez. Concedeu-me o prazer de te ver crescer de menina a mulher. Sempre lhe estarei agradecida.

Sorri.

-Eu também.

Vovó se sentou com as mãos no colo, um indício inequívoco de que se sentia incômoda.

-Se sua mãe tivesse podido ver sua bondade... Mas a cegou o fato de você fazer parte da corte da Escuridão.

-Minha mãe queria casar-se com um príncipe da corte da Luz. Ninguém queria tocar nela, porque, embora fosse alta e bonita, dava-lhes medo levá-la pra cama. Tinham medo de mesclar seu sangue, tão puro, com o dela. Não

queriam manchar sua reputação com ela, e menos ainda depois quando sua irmã gêmea, Eluned, ficou grávida depois de uma só noite com o Artagan, e lhe obrigou a casar-se.

Vovó assentiu.

-Sua mãe sempre pensou que Eluned tinha jogado por terra suas possibilidades de umas bodas na corte da Luz.

-Assim é – eu disse. -Especialmente depois de que nasceu sua filha, e... - Olhei o rosto de vovó. -A filha era igual a você. -Estirei o braço para ela ao dizer isto.

Agarrou-me a mão.

-Sei o que pensam os da Luz de meu aspecto, querida. Sei o que pensa minha outra neta sobre o parentesco familiar.

-Minha mãe se foi com meu pai porque o rei Taranis lhe prometeu um amante real ao retornar. Três anos na suja e impura corte da Escuridão, e poderia retornar e reclamar um amante da Luz. Não acredito que pensasse ficar grávida durante o primeiro ano.

-O qual converteu o acerto temporário em permanente -disse vovó.

Assenti.

-Por isso sou o Pesadelo de Besaba na corte da Luz. Meu nascimento a vinculou a corte da Escuridão, e sempre estive ressentida comigo por este motivo.

Vovó negou com a cabeça.

-Sua mãe é minha filha e a amo, mas tem muitas... Dúvidas às vezes sobre a quem quer e por quê.

Estava pensando que possivelmente mamãe não queria a ninguém, a não ser a sua própria ambição, mas não disse em voz alta. No final das contas, vovó era sua mãe.

O sol da tarde estava baixo.

-Preciso ir ao hotel e me vestir para a festa.

Grande pegou meu braço.

-Deveria ficar aqui.

-Não, e já sabe por quê.

-Coloquei amparos em minha casa e minhas propriedades.

-Amparos capazes de resistir à Rainha do Ar e da Escuridão? Ou a quem quer que deseje me matar? Não acredito.

Abracei vovó, e seus magros braços me sustentaram, me apertando contra ela com uma força imprópria de um corpo tão delicado.

-Tome cuidado esta noite, Merry. Não suportaria te perder.

Passei uma mão por seu cabelo maravilhoso e vi uma fotografia por cima de seu ombro. Era uma fotografia dela e Uar o Cruel, que tinha sido seu marido. Era alto e musculoso. Ele estava sentado em uma cadeira e ela de pé a seu lado. Ela tinha uma mão sobre o ombro do Uar, cujo cabelo se derramava como ondas de ouro. Seu traje era negro com uma camisa branca, nada de particular. Nada especial, exceto seu rosto. Era muito... Agradável o rosto. Seus olhos eram como círculos de azul dentro de azul. Aparentemente, era tudo o que uma mulher poderia desejar. Mas não o chamavam «o Cruel» só por ter gerado três filhos monstruosos.

Tinha espancado a minha avó porque era feia. Porque não tinha sangue real. Porque deu a luz duas filhas as gêmeas, e isso significava que, a não ser

que ela estivesse de acordo com o fim, seu matrimônio era para sempre. Com vovó e Uar, pra sempre não era brincadeira.

Só lhe tinha concedido a versão sidhe do divórcio fazia três anos, quando eu abandonei a corte. Me perguntei, na época se vovó lhe tinha concedido o divórcio em troca de que este intercedesse por mim ante a Andais. Era poderoso, e Andais respeitava seu poder. Não digo que ele a ameaçou. Não, isto teria sido pouco inteligente. Mas pode ter sugerido que me deixassem percorrer meu caminho durante certo tempo.

Não perguntei nunca. Separei-me dela e olhei aqueles grandes olhos castanhos, tão parecidos com os de minha mãe.

-Por que lhe concedeu o divórcio há três anos? Por que então?

-Porque era hora, menina, era hora de deixá-lo ir.

-Intercedeu por mim ante Andais, não foi? Foi esse o preço que pagou por livrar-se de ti?

Gargalhou durante um bom tempo.

-Querida, querida, realmente acredita que esse velho tonel ia falar com a Rainha do Ar e da Escuridão? Ainda não está recuperado do desengano de que seus três filhos fossem expulsos de sua corte e obrigados a se converterem em súditos de Andais.

Assenti.

-Meus primos não são realmente tão maus. As luvas cirúrgicas modernas são tão magras que quase é como não usar nada. Já não envenenam às pessoas pelo simples contato.

Grande voltou a me abraçar.

-Mas o veneno que se desprende de suas mãos te impede de ser um guarda com sangue real, não é?

-Bom..., Sim. Mas enquanto evitar o sangue real, há mulheres que querem.

-Na corte da Escuridão poderia acreditar.

Olhei-a.

Tinha a graça de parecer embaraçada.

-Sinto muito, Merry. Foi bastante inoportuno da minha parte. Peço-te desculpas. Deveria saber melhor que a maioria que não há tanto para escolher em nenhuma das duas cortes.

-Preciso ir ao hotel, vovó.

Conduziu-me para a porta, com seu braço em torno de minha cintura.

-Tenha cuidado esta noite, querida, muito cuidado.

-Terei.

Ficamos de pé, nos olhando mutuamente durante um segundo ou dois, mas o que podíamos dizer, o que se pode dizer? –Te amo vovó.

-E eu a ti, querida.

Havia lágrimas naqueles fantásticos olhos marrons. Beijou-me com seus finos lábios que sempre tinham me acariciado com mais carinho e amor que a formosa cara de minha mãe ou suas mãos como lírios brancos. Senti o calor das lágrimas de vovó em minhas bochechas. Suas mãos se aferraram para mim quando comecei a descer a escada. Separamo-nos uma da outra, e as pontas dos dedos tremiam quando nos tocamos pela última vez.

Olhei várias vezes para trás para observar aquela pequena figura marrom no alto da escada. Diz-se que não é bom olhar pra trás, mas se a gente não está seguro do que há diante, o que fica a não ser olhar para trás?

O hotel tinha certo encanto. Funcional, em certo modo decorativo, mas continuava sendo um hotel com toda a monotonia que isso implica.

Entramos pelas portas do lobby. Barinthus e Galen levavam as malas; eu carregava a bolsa de mão. Prefiro conduzir eu mesma minhas armas, não é que eu ache que chegarei a ter tempo de as tirar se falharem a pistola e a faca que levo no corpo, mas me fazia bem as ter perto. Estava só a algumas horas em Saint Louis, e já se produziu um atentado contra minha vida e contra a do Galen. Não era uma tônica agradável e meu estado de ânimo não melhorou absolutamente quando vi quem me estava esperando na sala de estar.

Barry Jenkins tinha chegado antes que nós ao hotel. Fiz reservas em nome do Merry Gentry, um aliás que não tinha utilizado nunca em Saint Louis. E isto significava que Jenkins sabia quem era eu. Merda.

Asseguraria-se de que outros caça-notícias me encontrassem. E nada do que dissesse ia me ajudar. Se lhe pedia que mantivesse segredo, ainda desfrutaria mais.

Galen me tocou delicadamente o braço: também tinha visto o Jenkins. Conduziu-me ao balcão como se temesse minha reação, porque havia algo muito pessoal na cara do Jenkins quando se levantou da cômoda cadeira. Faria-me mal se pudesse. OH, não acredito que ele me desse um tiro ou que me apunhalasse, mas se podia escrever algo capaz de me ferir, gostaria de levá-lo a imprensa.

A mulher que havia atrás do balcão sorria ao Barinthus. Tinha um bonito sorriso e o estava explorando ao máximo, mas Barinthus só pensava no trabalho. Nunca lhe tinha visto em outra faceta. Nunca provocava nem media os limites das restrições que a rainha lhe tinha imposto. Parecia limitar-se às aceitar.

A mão da mulher roçou as minhas quando peguei as chaves. Tive uma vívida impressão do que estava pensando: Barinthus descansando em lençóis brancos, com todo seu cabelo multicolorido esparsos por seu corpo nu como um leito de seda.

Meu punho se fechou não só ante esta imagem, mas também ante a força do desejo da recepcionista. Sentia seu corpo tão tenso como meu punho. Olhava ao Barinthus com olhos ofegantes, e falei sem pensar para romper a conexão com a garota.

Aproximei-me e lhe disse:

-A imagem que tem na cabeça de seu corpo nu... -Começou a protestar, mas suas palavras se apagaram. Tinha os olhos muito abertos e lambia o lábio inferior. Finalmente, limitou-se a assentir.

-Não lhe está fazendo justiça -acrescentei.

Seus olhos se abriram mais, e olhou ao Barinthus enquanto este permaneceu ao lado dos elevadores.

Eu ainda observava suas emoções. Ocorria-me às vezes, era como captar ondas de programas de televisão ou de rádio. Mas minha sensibilidade era estreita: imagens de desejo, principalmente. Aleatórias imagens de luxúria, e só de humanos. Nunca captei nada de nenhum outro elfo. Jamais compreendi porquê.

-Quer que peça que ele tire o casaco para que o veja melhor?

Isto lhe fez ruborizar-se, e a imagem que tinha construído em sua cabeça se destruiu pelo peso da vergonha. Sua mente se converteu em um matagal de confusões. Tinha me liberado de seus pensamentos, de suas emoções.

Um dos antigos deuses da fertilidade da corte da Luz havia me dito que poder ver as imagens luxuriosas de outra pessoa era uma arma útil se estava procurando sacerdotes e sacerdotisas para seu templo. Uma pessoa com um grande desejo podia ser útil em cerimônias, a energia sexual se aproveitava e se magnificava para transmitir seu desejo a outros. Uma vez pensei que o prazer era equivalente à fertilidade. Desgraçadamente, não era assim.

Se luxúria equivalesse à reprodução, os elfos já teriam povoado o mundo, ao menos isso dizem as antigas histórias. A mulher da recepção teria uma decepção se soubesse que Barinthus era celibatário. Se ele ficasse no hotel, poderia lhe advertir a respeito dela. A mulher me deu a sensação de ser capaz de apresentar-se em sua quarto em plena noite. Mas ao cair a noite Barinthus já teria voltado para a colina. Nenhum problema.

Jenkins estava de pé ao lado dos elevadores, recostado na parede, rindo. Tentava falar com o Barinthus quando Galen e eu nos dirigimos para eles. Barinthus fazia caso omissos dele, como só pode fazê-lo uma divindade, com um desprezo absoluto, como se a voz do Jenkins fosse o zumbido de um inseto insignificante. Ia mais à frente do desprezo. Era como se, para o Barinthus, o repórter não existisse absolutamente.

Era uma habilidade da que eu carecia, e lhe invejava.

-Bom, Meredith, que gracioso te encontrar aqui. -Jenkins arrumou para que sua voz soasse agradável e cruel ao mesmo tempo.

Tentei não lhe fazer caso, mas sabia que se o elevador não chegasse logo não conseguiria.

-Merry Gentry, a verdade é que não é um sobrenome muito original.

Me ocorreu algo e me virei para ele mostrando um doce sorriso.

-Acha que utilizaria um sobrenome tão óbvio se me preocupasse o mínimo que alguém me descubra?

A dúvida percorreu seu semblante. Endireitou-se e se afastou até ficar fora do alcance de meu braço.

-Quer dizer que não te importa que publique seu nome?

-Barry, não me importa o que publique, mas acredito que está a meio metro de mim. -Olhei à sala de estar. -Em realidade, não acredito que haja neste vestíbulo nada que esteja a mais de quinze metros de mim. -Dirigi ao Galen: - Poderia lhe pedir por favor a recepcionista que chame à polícia -olhei ao Jenkins- e que lhes diga que estão me importunando?

-Será um prazer -disse Galen. Dirigiu-se ao balcão.

Barinthus e eu ficamos ali com a bagagem. Jenkins deixou de olhar a mim e olhou ao Galen.

-Não me farão nada.

-Já veremos, não é? – eu disse.

Galen estava falando com a mesma recepcionista que tinha olhos para o Barinthus. Estaria imaginando ao Galen nu, agora? Eu gostava de estar do outro lado do vestíbulo e fora de perigo de um contato acidental. Poder sentir, de vez em quando, o desejo das pessoas possivelmente resultasse útil para recrutar sacerdotisas, mas dado que eu não tinha nenhum templo, era simplesmente irritante.

Jenkins me olhava.

-Me alegro de que tenha voltado para casa, Meredith, me alegro muito.

Suas palavras eram suaves, mas seu tom destilava veneno. Seu ódio por mim era quase evidente.

Ambos vimos que a moça levantava o telefone. Dois homens jovens, um com uma placa que dizia «Ajudante de Direção», e outro com uma placa que só indicava seu nome, começaram a caminhar para nós.

-Barry, acredito que vão te despachar. Aproveite esperando à polícia.

-Nenhuma ordem judicial vai me manter longe de ti, Meredith. Minhas mãos coçam quando estou perto de uma notícia. Quanto melhor é a notícia, mais coçam. Sinto vontade de me arranhar cada vez que estou perto de ti, Meredith. Alguma coisa importante está vindo, e o sinto a seu redor.

-Ah, Barry, quando te converteu em profeta?

-Uma tarde perto de uma estrada local -disse. Se aproximou tanto que percebi seu hálito sob o aroma de tabaco. -Tive o que poderia chamar uma revelação, e após tive este dom.

Os empregados do hotel já quase tinham chegado. Jenkins se inclinou tanto que, a distância, deve ter parecido como um beijo. Murmurou:

-Os deuses enlouquecem primeiro a quem quer destruir.

Os empregados o agarraram pelos braços e o separaram de mim. Jenkins não se opôs.

Galen disse:

-Eles o manterão no escritório do gerente até que chegue a polícia. Não vão prendê-lo, Merry, já sabe.

-Não, Missouri não tem leis de perseguição ainda.

Tive uma idéia divertida. Se conseguisse que Jenkins me seguisse até a Califórnia, a coisa seria diferente. Há leis de perseguição muito estritas no condado de Los Angeles. Se Jenkins se tornasse muito incômodo, possivelmente trataria de atrair-lo aonde o que acabava de fazer lhe custaria uma estadia no cárcere. Beijou-me contra minha vontade em público -ou disso podia lhe acusar- ante testemunhas imparciais. Em um marco jurídico adequado, isto lhe convertia em um menino muito mau.

Abriram-se as portas do elevador. Fantástico, justo quando já não necessitava que me resgatassem. As portas do elevador se fecharam, nos deixando sozinhos na cabine. Todos nos concentramos em nossos reflexos no espelho, mas Galen rompeu o silêncio.

-Jenkins não aprenderá nunca. Você pensou que ele teria medo de ti depois do que você fez a ele.

Vi que meu reflexo mostrava surpresa e meus olhos se alargavam. Quando me recuperei, era muito tarde.

-Isso era um palpite – afirmei.

-Mas um dos bons - disse Galen.

-O que você fez, Meredith? -Perguntou Barinthus. -Conhece as regras.

-Conheço as regras.

Comecei a caminhar para o corredor, mas Galen me deteve, colocando uma mão sobre meu ombro.

-Somos os guarda-costas. Deixa que um de nós te preceda.

-Perdão, perdi o costume -expliquei.

Barinthus disse:

-Recupera o costume rapidamente. Não quero que resulte ferida por não te haver escondido detrás de nós. Nosso trabalho é assumir os riscos e te manter a salvo.

Apertou o botão de abertura da porta.

-Sei, Barinthus.

-E mesmo assim foste sair ao corredor -disse.

Galen olhou a ambos os lados com muito cuidado e a seguir, saiu do elevador.

-Não há nada.

Fez uma pequena reverência. A trança escorregou sobre seu ombro até tocar o chão. Lembrança quando seu cabelo se derramava como uma cascata verde até seus pés. Havia uma parte de mim que pensava que assim é como deveria ser o cabelo de um homem. O bastante comprido para tocar o chão. Suficientemente comprido para cobrir meu corpo como um lençol de seda ao fazer amor. Chorei quando o cortou, mas não era assunto de minha incumbência.

-Te levante, Galen. -Comecei a caminhar pelo corredor, com a chave na mão.

Estava de pé e corria e dançava pelo corredor para ficar diante de mim.

-OH, não, minha senhora. Eu que devo abrir a fechadura.

-Para, Galen. Digo-o a sério.

Barinthus nos seguiu tranqüilamente, com a mala na mão, como um pai que vê a seus filhos já crescidos comportando-se de maneira inadequada. Não, não nos fazia o menor caso, quase igual a antes com o Jenkins. Voltei a olhá-lo, mas não pude ler nada naquela cara pálida, reservada e impenetrável. Houve uma época em que ria mais, sorria mais, verdade? Lembrava-me de seus braços me levantando da água em meio de uma gargalhada, com seu cabelo flutuando sobre seu corpo como uma nuvem. Me teria submerso nessa nuvem, me teria levado a ela com minhas mãozinhas. Tínhamos rido juntos. A primeira vez que nadei no Pacífico, pensei no Barinthus. Queria lhe mostrar aquele vasto oceano novo. Que eu soubesse, ele não o tinha visto nunca.

Galen me aguardava ante a porta. Detive-me e esperei a que Barinthus me alcançasse.

-Parece muito sério hoje Barinthus.

Olhou-me com aqueles olhos e a segunda pálpebra pestanejou. Estava nervoso. Tinha medo de mim? Ele tinha gostado do anel, e não tinha gostado do feitiço do carro. Mas não tinha lhe desagradado muito, nem tinha lhe impressionado muito, como se fosse algo normal. De algum jeito, sim o era.

-O que acontece, Barinthus? O que é que ainda não me disse?

-Confia em mim, Meredith.

Agarrei sua mão livre com as minhas, e desloquei meus dedos pelos seus. Minha mão estava perdida na sua.

-Confio em ti, Barinthus.

Sustentou minha mão delicadamente como se temesse quebrá-la.

-Meredith, minha pequena Meredith. -Sua cara se enterneceu ao falar. - Sempre foste uma mescla de franqueza, orgulho e ternura.

-Já não sou tão tenra como antes, Barinthus.

Assentiu.

-Desgraçadamente, o mundo tenta te arrebatrar estas qualidades.

Pôs minha mão em seus lábios e me deu um tenro beijo nos dedos. Seus lábios esfregaram o anel e enviaram uma onda palpitante sobre nós.

Recuperou o semblante sério quando soltou minha mão.

-O que, Barinthus? O que ocorre? -Agarrei-lhe o braço.

Negou com a cabeça.

-Passou muito tempo desde que este anel cobrou vida desta maneira.

-O que tem que ver o anel com tudo isto? -Perguntei.

-Converteu-se em só uma parte de metal, e agora volta a viver.

-E? -Perguntei.

Olhou ao Galen.

-Vamos levá-la ao quarto. À rainha não gosta de esperar indefinidamente.

Galen pegou a chave e abriu a porta. Comprovou que não houvesse feitiços nem perigos ocultos no quarto enquanto Barinthus e eu esperávamos na entrada.

-Me diga o que significa que o anel reaja ante a ti e ante o Galen, mas não ante minha avó.

Suspirou.

-Em uma ocasião, a rainha utilizou o anel para escolher a seus companheiros.

Arqueei as sobancelhas.

-E isso o que significa?

-Reage ante os homens que o anel considera dignos de ti.

Olhei-o, procurando sua cara agradável e exótica.

-O que significa isso de *dignos de mim*?

-A rainha é a única que conhece os poderes completos do anel. Eu só sei que há séculos o anel está vivo em sua mão. Que o anel viva para ti é ao mesmo tempo bom e perigoso. Pode ser que a rainha esteja ciumenta de que o anel seja teu agora.

-Ela me deu isso, por que teria que estar ciumenta?

-Porque é a Rainha do Ar e a Escuridão.

Disse-o como se isto explicasse tudo. Em certo modo sim explicava; em certo modo, não. Como tantas coisas de nossa rainha, era uma paradoxo.

Galen se aproximou da porta.

-Tudo está limpo.

Barinthus passou junto a ele, obrigando ao Galen a apartar-se.

-Qual é o problema dele? -Perguntou Galen.

-O anel, acredito. -Entrei. Era um típico quarto encaixotada grafite com sombras de azul.

Barinthus tinha colocado a mala em uma das colchas azul escuro.

-Por favor, ande depressa, Meredith. Galen e eu ainda temos que nos vestir para o jantar.

Olhei-o. Estava de pé no quarto azul, vestido de azul. Adequava-se ao cenário. Se o quarto fosse verde, teria combinado com o Galen. Você pode combinar seus guarda-costas com as cores do seu quarto. Comecei a rir.

-O que acontece? -Perguntou Barinthus.

Aproximei-me dele.

-Você combina com o quarto.

Olhou a seu redor como se se fixasse pela primeira vez no papel pintado de azul, as colchas azul escuro e o carpete azul.

-Verdade. Agora, por favor, se vista.

Abriu a mala para fazer insistência em sua petição, embora tinha o gosto de uma ordem, com independência de sua formulação.

-Há algum fim de prazo que eu não seja consciente? -Perguntei.

Galen se sentou na outra cama.

-Nisto estou de acordo com o grandalhão. A rainha está organizando uma cerimônia de boas-vindas para você, e não querará esperar a que nos vistamos, e se não nos vestimos com a roupa que nos preparou, zangará-se conosco.

-Vocês dois vão ter problemas? -Perguntei.

-Não se você se apressar – disse Galen.

Entrei no banheiro com a bolsa de mão. Tinha colocado meu vestido para essa noite na bolsa se por acaso se perdesse a mala. Não queria ter que comprar de última hora um vestido que contasse com a aprovação de minha tia, um vestido na moda da corte. As calças não eram roupa adequada para uma mulher em um jantar. Sexista mas verdadeiro. Aos jantares era preciso ir sempre com roupa formal. Se você não quer se vestir, tinha que comer em seu quarto.

Deslizei as calcinhas de cetim negro com laços. O sutiã era de aros e também tinha laços. As meias eram negras e altas até as coxas. O antigo dito humano de que usar lingerie limpa se por acaso te atropela um ônibus também se aplicava na corte da Escuridão. Ali, a gente usava lingeire bonita porque a rainha podia vê-la. Embora, para falar a verdade, eu gostava de saber que tudo o que usava era bonito, inclusive os objetos que tocavam minha pele onde ninguém poderia ver.

Coloquei sombra nos olhos e rímel escuro e apliquei suficiente delineador para que meus olhos ressaltassem como esmeraldas e ouro incrustados em ébano. Escolhi uma tonalidade de batom vinho escuro.

Tinha duas navalhas Spyderco. Abri uma delas. Sua folha de quinze centímetros, larga e fina, brilhava como a prata, mas era de aço, o modelo militar. Aço ou ferro era o que alguém necessitava contra meus familiares. A outra navalha era muito mais pequena, uma Delica. Cada navalha tinha um clipe para sujeitar à roupa. Comprovei que as duas fossem fáceis de tirar, depois as fechei e as prendi. A Delica encaixava perfeitamente no centro do sutiã, no aro. Coloquei uma liga negra na perna esquerda, não para segurar as meias (não necessitavam), a não ser para sustentar a navalha militar.

Tirei o vestido de sua capa. Era de uma cor granada escura e seu decote com muita dificuldade tampava o sutiã. A parte de cima era acetinada, grossa e ajustada; o resto do vestido, de um tecido mais fino e com um aspecto mais delicado, caía até o chão desenhando minha figura. A jaqueta era feita no mesmo tecido cor granada, salvo as lapelas que eram de cetim.

Tinha uma cartucheira de tornozelo com uma Beretta Tomcat em seu interior, o modelo de pistola automática mais moderno, de calibre trinta e dois. A arma pesava quatrocentos gramas. Havia armas menores, mas se tivesse que atirar em alguém essa noite, queria contar com algo mais que uma vinte e dois. O verdadeiro problema com as cartucheiras de tornozelo é que lhe fazem caminhar de forma estranha. Alguém tem tendência a arrastar o pé em cuja perna está a cartucheira, a ampliar o passo com um pequeno movimento estranho. As meias supunham um problema adicional, e as possibilidades de que não enganchassem na cartucheira enquanto caminhava eram virtualmente nulas. Mas era o único lugar que me ocorria para esconder uma arma que não

resultasse evidente com apenas um olhar, e não me importava sacrificar as meias para conservar a arma.

Caminhei para frente e para trás com sapatos granadas de salto. Em realidade eram de só cinco centímetros, se por acaso tinha que me mover com rapidez. Além disso, com um vestido tão comprido, as pessoas não se daria conta do altos, ou o baixos, que eram. Na loja onde tinha comprado o vestido o ajustaram para que ficasse bem com os sapatos. Com uma altura de um metro e meio, não se pode usar saltos de cinco centímetros e não necessitar que lhe arrumem a barra do vestido.

Finalmente, coloquei as jóias. O colar era de metal antigo, escurecido até quase parecer negro, com apenas brilhos escondidos da verdadeira cor da prata. As pedras eram granadas. Deliberadamente, não tinha limpo o metal, para que conservasse sua cor escura. Pensei que a granada destacava na prata velha.

Corri o risco de frisar as pontas do cabelo para que ficasse sobre os ombros. Brilhava com um vermelho tão escuro como o das pedras do colar. O vestido cor vinho dava um brilho similar a meu cabelo.

Não sabia se minha tia me permitiria conservar as armas. Provavelmente, não desafiariam a duelo em minha primeira noite, tendo em conta que minha presença respondia a uma petição especial da própria rainha, mas... Sempre é melhor ir armado. Há elementos da corte que não são reais e que não participam de duelos. São elementos que foram sempre do Hóspede (os monstros de nossa raça, de nossa espécie) e não raciocinam como fazemos nós. Em ocasiões, por um motivo que ninguém pode explicar, um dos monstros ataca. Qualquer um pode morrer antes de que lhe possa deter.

Por que manter então estes instáveis horrores? Muito simples, porque a única regra que houve sempre na corte da Escuridão é que todos são bem-vindos. Não se pode rechaçar a ninguém, nem a nada. Somos o fundo escuro de pesadelos muito malvados, muito retorcidos, para a claridade da corte da Luz. É assim, sempre foi assim e sempre será. Embora ser aceito na corte não significa ser aceito como sidhe. Tanto Sholto como eu podíamos testemunhar isso.

Voltei a me olhar no espelho e acrescentei um último toque de lápis de lábios. Pus o lápis de lábios no bolsa bordada com lentejoulas, que combinava com o vestido. O que queria a rainha de mim? Por que tinha insistido em que retornasse? Por que nesse momento? Deixei escapar um comprido suspiro, olhando como o cetim se levantava e voltava a cair em meu peito. Tudo brilhava em mim: a pele, os olhos, o cabelo, os reflexos das gemas granadas em meu pescoço. Tinha um aspecto fantástico. Até eu o admitia. A única coisa que revelava que não era pura sidhe era minha estatura. Simplesmente, era muito baixa para ser um deles.

Coloquei uma escova junto com o lápis de lábios em minha bolsa, logo me ocorreu e decidi pegar mais maquiagem para me retocar durante a noite ou um aerossol de defesa pessoal. Entre mais maquiagem ou mais arma terá que escolher sempre as armas. Só o fato de que alguém se debata entre estas duas possibilidades demonstra que vai necessitar mais as armas.

Os sithin, as colinas do país dos elfos, levantavam-se entre a tênue luz, pequenas montanhas de veludo que se recortavam contra um céu alaranjado. A lua de prata já estava no alto, brilhando com um resplendor argentino. Respirei fundo várias vezes naquele ar frio e cortante. Em ocasiões, na Califórnia levantava pela manhã com um ar que parecia de outono, e tinha que usar calças e um pulôver ligeiro até o meio-dia. Algumas folhas caíam esporadicamente ao chão, sem nenhuma ordem, e haveria pequenos montículos de folhas marrons seca que, em determinadas manhãs, dançariam uma estranha dança no mesmo nível do chão, empurradas por um vento que parecia de outubro. Logo, ao meio dia, tinha que usar shorts e se sentia como no mês de junho.

Mas esta era a realidade. O ar era frio, embora não muito. O vento que soprava nas nossas costas cheirava a campos de milho seco e ao perfume escuro e rangente das folhas moribundas.

Se tivesse podido voltar pra casa em outubro e ver só às pessoas que desejava ver, eu teria gostado. Outono era minha estação favorita, e outubro meu mês preferido.

Detive-me no caminho, e os dois homens se detiveram comigo. Barinthus me olhou e arqueou as sobrancelhas.

-O que foi? -Perguntou Galen.

-Nada –eu disse, -absolutamente nada.

Voltei a respirar profundamente o ar de outono.

-O ar nunca cheira assim em Califórnia.

-Sempre gostou do mês de outubro -disse Barinthus.

Galen sorriu.

-Eu levava você e Keelin pra fazer 'doce ou travessura' na noite do Halloween até que você ficou muita velha para isso.

Neguei com a cabeça.

-Nunca fiquei muito velha. Simplesmente, meu encanto se fez bastante poderoso para que eu pudesse esconder minha verdadeira essência. Keelin e eu íamos sozinhas quando fiz quinze anos.

-Tinha suficiente encanto aos quinze anos para esconder Keelin da vista dos mortais? -Perguntou Barinthus.

Olhei-o e assenti com a cabeça.

-Sim.

Abriu a boca como se quisesse falar, mas uma poderosa voz masculina nos interrompeu:

-Bem, isso não é comovente?

A voz envolveu a todos em um redemoinho até que vimos uma mancha no caminho. Galen se colocou diante de mim, me oferecendo seu corpo como escudo. Barinthus procurava na escuridão se por acaso havia alguém mais detrás de nós. Não havia ninguém detrás, mas bastava com o que havia na frente.

Meu primo Cel estava de pé no meio do caminho. O cabelo solto caía sobre seu corpo como uma capa larga e reta, com o qual era difícil discernir onde acabava o cabelo e onde começava a gabardina negra. Estava vestido todo de

negro com exceção de uma camisa branca que cintilava como uma estrela em noite fechada.

Não estava sozinho. De pé a seu lado, disposta a colocar-se diante dele se fosse preciso, estava Siobhan, a capitã de sua guarda e sua assassina favorita. Era baixa, não muito mais alta que eu, mas a tinha visto levantar um Volkswagen e amassar alguém com ele. A brancura de seu cabelo reluzia na escuridão, mas sabia que era branco e de um cinza prateado, como teias de aranha. Sua pele era pálida, de um branco apagado, distinto do branco brilhante do Cel ou de mim. Seus olhos eram de um cinza extinto, como os de um peixe morto. Levava uma armadura negra, e um casco sob um braço. Era um mau presságio que Siobhan usasse a vestimenta completa de batalha.

-Uma armadura completa -disse Galen-. Qual a ocasião, Siobhan?

-A preparação é tudo na batalha, Galen. -Sua voz, um sussurro seco e sibilante, adequava-se a sua presença.

-Estamos prestes a entrar numa batalha? -Perguntou Galen.

Cel riu com aquela mesma risada que tinha contribuído a converter minha infância em um inferno.

-Não haverá batalha esta noite, Galen, só é uma paranóia de Siobhan. Tinha medo de que Meredith tivesse adquirido poderes em sua viagem para as terras do oeste, mas já vejo que os temores de Siobhan não estavam justificados.

Barinthus pôs suas mãos em meus ombros e me atraiu para ele.

-Por que está aqui, Cel? A rainha nos enviou para que levemos Meredith a sua presença.

Cel se deslizou pelo caminho, puxando uma correia que ia desde sua mão a uma pequena figura deitada a seus pés. A figura tinha estado escondida detrás da gabardina de Cel e do corpo de Siobhan. A princípio, não me dava conta de quem era.

A figura se incorporou até ficar agachada, de maneira que sua cabeça ficou à altura do peito do Cel. Era de uma pele tão marrom como a de vovó, mas seu cabelo grosso caía em cachos castanhos até os tornozelos. Parecia humano ou quase humano na escuridão, mas eu sabia que com uma boa luz apreciaria que sua pele estava coberta com um pêlo suave e sedoso. Sua cara era plaina e anódina, como se estivesse ao meio esculpir, inacabada. Seu corpo magro e delicado, tinha alguns braços adicionais e quatro pernas, com o qual se deslocava com um estranho balanço. A roupa ocultava aqueles apêndices, mas não o movimento de seu andar.

O pai de Keelin era um durig, um duende com um senso de humor muito sombrio: o tipo de humor que poderia custar a vida a de um ser humano. Sua mãe era uma brownie. Keelin tinha sido escolhida como minha companheira desde a infância. Foi uma eleição de meu pai, e nunca tinha tido motivo para me queixar disso. Ao crescer, tínhamo-nos feito grandes amigas. Possivelmente se devesse ao sangue de brownie que tínhamos ambas. Fosse qual fosse a causa, estabeleceu-se uma conexão imediata entre nós. Tínhamos sido amigas do primeiro momento que olhei seus olhos marrons.

Ver Keelin no extremo da correia do Cel me deixou sem palavras. Havia grande variedade de maneiras de acabar como «mascote» do Cel. Uma era ser castigado pela rainha e ser entregue ao Cel; outra, voluntariamente. Sempre tinha me surpreendido quantas duendes menores permitiam que Cel abusasse

delas da maneira mais infame só pela esperança de que se ficassem grávidas se converteriam em membros da corte. Exatamente como vovó.

Embora vovó tivesse parecido uma ponta de ferro no coração de meu avô antes que permitir que a tratasse como a um cão.

Separei-me do Barinthus até que ele baixou as mãos e fiquei sozinha no caminho. Galen e Barinthus estavam detrás de mim, cada um a um lado como bons guardas reais.

-Keelin –eu disse, -o que faz... Aqui?

Não era exatamente a pergunta que queria formular. Minha voz soou tranqüila, razoável, ordinária. O que queria fazer era gritar, chiar.

Cel a atraiu para si, lhe puxando pelo cabelo, lhe pressionando a cara contra seu peito. Sua mão se deslocou por seu ombro, cada vez mais abaixo, até que agarrou um de seus peitos, amassando-o.

Keelin voltou a cabeça e seu cabelo lhe escondeu a cara de mim. O sol já quase se punha, faltavam poucos minutos para a verdadeira escuridão; ela era só uma sombra mais densa contra a escuridão do Cel.

-Keelin, Keelin, me fale.

-Quer ser membro da corte -disse Cel.

-Enquanto eu dela desfrute a faz partícipe de todas as celebrações. - Aproximou-se mais ao corpo de Keelin, e sua mão se perdia de vista sob o pescoço redondo de seu vestido.

-Se tiver um filho, será uma princesa, e seu filho herdeiro ao trono. Seu filho poderia se deslocar para o quarto lugar da sucessão ao trono -disse, com voz clara e sossegada enquanto sua mão se deslocava pelo corpo do Keelin.

Dava um passo para frente, estirando o braço.

-Keelin...

-Merry -disse ela, girando-se para me olhar durante um momento, com uma voz com o mesmo som doce que tinha tido sempre.

-Não, não, meu bichinho -disse Cel. -Não fale. Já falei eu pelos dois.

Keelin ficou em silêncio e ocultou de novo a cara.

Fiquei ali, e até que Barinthus me tocou o ombro não me dava conta de que meus punhos estavam apertados... Voltava a tremer, mas não de medo, mas sim de ira.

-A rainha nos proibiu de te contar, Merry. Deveria ter te avisado de todos os modos -desculpou-se Galen, movendo-se para o outro lado.

Era quase como se os dois esperassem ter que me agarrar para me reter antes de que fizesse algo estúpido. Mas não ia fazer. Isso era o que procurava Cel. Tinha vindo para fazer ostentação de Keelin, para me irritar, com Siobhan a suas costas para me matar. Estou segura de que teria inventado alguma história, teria explicado que eu lhe tinha atacado e sua guarda se viu obrigada a lhe defender. A rainha já acreditou em histórias com menos fundamento ao longo dos anos. Tinha motivos para mostrar-se crédulo em relação à rainha. Eu devia manter a calma, porque eu não podia fazer nada aqui e agora a não ser morrer. Poderia ter dado conta do Cel. Era uma das poucas pessoas com as quais utilizaria a mão de carne sem perder o sono por isso. Mas Siobhan era diferente. Siobhan me mataria.

-Quanto tempo Keelin está com ele? -Perguntei.

Cel começou a responder, mas levantei uma mão.

-Não, não fale, primo. Perguntei ao Galen.

Cel sorriu, como um brilho de branco na escuridão. Curiosamente, permaneceu em silêncio. Surpreendeu-me, embora também sabia que se tivesse que ouvir sua voz ainda uma vez mais, começaria a gritar até se calar.

-Me responda, Galen.

-Quase desde que foi.

Senti uma opressão no peito, ardiam-me os olhos. Esse era meu castigo, meu castigo por escapar da corte. Apesar de que não havia dito a Keelin que ia embora, apesar dela ser inocente, tinham-lhe feito mal para me fazer mal. Cel a tinha conservado como mascote durante quase três anos, esperando que eu retornasse a casa. Se divertindo sem dúvida, e se nascesse uma criança, melhor ainda. Mas não era o desejo de crianças que o tinha motivado a escolher Keelin. Olhei o rosto petulante do Cel, e até à luz da lua interpretei sua expressão. Ela tinha sido escolhida por vingança, para me castigar. E eu tinha estado a milhares de quilômetros, desaparecida.

Cel e minha tia tinham esperado pacientemente para me mostrar sua surpresa. Três anos de tortura de Keelin e ninguém havia me dito nada. Minha tia me conhecia melhor do que eu imaginava, porque saber que Keelin tinha sofrido durante todo o tempo que eu tinha estado fora teria me corroído. E se me reservava a liberdade de Keelin como pagamento por aquilo que queria de mim, poderia me ter. Precisava falar a sós com Keelin.

Por mais que odiasse Cel, esta era uma das poucas maneiras nas que Keelin poderia entrar na corte. Tinha sido uma de minhas damas durante a espera, minha companheira. Mas ser minha amiga e minha faxineira lhe tinha permitido ver as destrezas da corte. Sabia que tinha grande necessidade de ser aceita entre aquela turfa, necessidade suficiente, possivelmente, para aturar Cel e ficar ressentida se eu colocasse fim à situação. O fato de que eu visse como um resgate não significava necessariamente que Keelin veria igual. Até saber exatamente como se sentia, não podia fazer nada.

A mão do Cel apareceu finalmente à vista. Ver sua mão pálida no ombro de Keelin em lugar de nas profundidades de seu vestido me ajudava a ficar olhando, sem atuar.

-A rainha me enviou para escoltar a minha prima até seus aposentos. Vocês dois têm uma entrevista no salão do trono.

-Já sei o que tenho que fazer -disse Barinthus.

-Como podemos confiar em que não lhe fará mal? -Perguntou Galen.

-Eu? Fazer mal a minha prima? -Cel voltou a rir.

-Não deveríamos partir. -A voz do Barinthus soou grave e firme. Teria que o conhecer muito bem para perceber sua ira.

-Você também tem medo de que lhe faça mal, Barinthus?

-Não -disse Barinthus. -Tenho medo de que te faça mal ela a ti, príncipe Cel. A vida de seu único herdeiro é de grande importância para nossa rainha.

Cel soltou uma gargalhada larga e sonora. Continuou rindo até que lhe saltaram as lágrimas, ou fingiu limpá-las.

-Quer dizer, Barinthus, que tem medo de que tente me fazer mal e eu a coloque em seu lugar.

Barinthus se inclinou para mim e murmurou:

-Não pode permitir se mostrar fraco diante do Cel. Não esperava que se encontrasse conosco. Seria uma ousadia. Se tiver adquirido poder nas terras do oeste, mostra-o agora, Meredith.

Me virei para olhar seu rosto. Estava tão perto de mim que seu cabelo me roçava o peito; cheirava a oceano e a erva fresca. Voltei a lhe murmurar:

-Se lhe mostrar meus poderes agora, perderei o fator surpresa. Sua voz era como o delicado murmúrio de água sobre um leito de calhaus. Usava seu próprio poder para assegurar-se de que Cel não nos poderia ouvir.

-Se Cel insistir para irmos embora e nós desobedecermos, será muito ruim para nós.

-Desde quando a Guarda da Rainha deve obediência a seu filho? - Perguntei.

-Desde que a rainha decretou.

Cel disse em voz alta:

-Ordeno a ti, Barinthus, e a ti, Galen, que vão a sua entrevista. Nós escoltaremos a minha prima até a rainha.

-Lhe assuste, Meredith -disse Barinthus. -Faça com que deseje que fiquemos. Cel teria acesso ao anel de sua mãe.

Olhei-o. Não me incomodei em perguntar ao Barinthus se realmente pensava que Cel tinha tentado me matar no carro. Se não acreditasse ser possível, não o teria dito.

-Dei aos dois uma ordem direta- disse Cel. Levantou a voz porque o vento aumentava.

O vento tomou força, soprando pelas largas gabardinas dos homens, chiando entre as folhas secas das árvores da confine do bosque que se abria a nossa direita. Voltei-me para as árvores. Quase podia entender o vento e as árvores, quase distinguia o lamento das árvores ao perceber a chegada do inverno e o frio que se movia. O vento aumentou e arrastou um pequeno montão de folhas recém caídas com o passar do caminho rochoso, passando pelo Cel e suas mulheres, até que roçaram meus pés. O vento levantou as folhas em um redemoinho que senti como delicadas mãos brincando com minhas pernas. As folhas eram arrastadas por um impulso repentino de doce vento outonal. Fechei os olhos e respirei aquele ar.

Separei-me do Barinthus e me aproximei um pouco do Cel, mas não me dirigia para ele. Era o chamado da terra. O país estava contente pela minha volta e seu poder me recebeu de uma maneira nova para mim.

Levantei os braços de cada lado e me abri para a noite. Sentia o vento soprando não contra meu corpo a não ser através dele, como se eu fosse uma das árvores de cima, não um obstáculo ao vento a não ser parte dele. Senti o movimento da noite, seu pulso apressado e impetuoso. Sob meus pés o chão se afundava a profundidades inimagináveis, e as podia sentir todas, e durante um momento notei como o mundo girava. Experimentei um balanço lento e pesado ao redor do Sol. Estava de pé, plantada solidamente, como as raízes de uma árvore que penetra mais e mais profundamente para a terra viva e fria. Mas isto era a única parte sólida que havia em mim. O vento soprou através de meu corpo como se não estivesse ali, e soube nesse momento que poderia ter envolto a noite em torno de mim e caminhar de forma invisível entre os mortais. Mas não estava tratando com mortais.

Abri os olhos com um sorriso. A ira, o desconcerto, tudo tinha desaparecido, tinha sido varrido por aquele vento que cheirava a folhas secas e a especiarias, como se pudesse sentir nele como se estivesse meio recordando, meio sonhando. Era uma noite selvagem, e desprendia uma magia selvagem, se você pudesse reconhecer. A magia da Terra pode ser arrancada por alguém o

suficientemente poderoso para fazê-lo, mas a Terra é tenaz e se recente se se abusar dela. Sempre se acaba pagando pela força exercida contra os elementos. Entretanto, algumas noites, ou inclusive alguns dias, a Terra se oferece como uma mulher desejosa de deitar-se nos braços de seu amante. Aceitei seu convite. Baixei as barreiras e senti que o vento arrancava pequenas partes de mim como pó na noite, mas por cada parte que arrancava, enchia-me com outro maior. Entreguei-me à noite e a noite me encheu, o chão me abraçou, deslizando-se pelos novelos de meus pés, para cima, para cima, como uma árvore que se alimenta, profundamente, com tranqüilidade e frieza.

Durante um momento não estive segura se queria mover os pés o suficiente para caminhar. Tinha medo de romper aquele contato. O vento formava redemoinhos ao meu redor, me colocando o cabelo pela cara, me trazendo o aroma de folhas queimadas, e ri. Avancei pelo caminho de pedras e, a cada passo, a Terra se movia comigo. Andei através da noite como se estivesse nadando, nadando por correntes de poder. Caminhei para meu primo, sorridente.

Siobhan ficou diante dele, com seu cabelo emaranhado oculto sob o casco completamente negro. Só brilhavam suas mãos brancas, como fantasmas flutuantes na escuridão. Podia ferir ou matar com um toque daquela pele pálida.

Barinthus me seguiu. Sabia sem necessidade de olhar que levantava o braço para mim, podia lhe sentir avançando através do poder, a minhas costas. Quase podia lhe ver, como se eu tivesse olhos na nuca. Toda a magia que sempre havia possuído tinha sido muito pessoal. Esta não era pessoal. Sentia minha própria pequenez, quão vasto era o mundo, mas não se tratava de uma sensação de solidão. Durante aquele momento, senti-me abraçada toda. Querida.

Barinthus voltou a baixar o braço, sem me tocar. Sua voz assobiou como água em cima de areia.

-Se tivesse sabido que podia fazer isto, não me teria preocupado por ti.

Ri, e o som era jovial, livre. Segui me abrindo, como uma porta deixada de par em par. Não; como se a porta, a parede em que se encontrava e a casa que a albergava se fundissem no poder.

Barinthus respirou bruscamente.

-Pela graça da Terra, o que tem feito, Merry? -Nunca utilizava este nome.

-Compartilhando -murmurei.

Galen se dirigiu a nós, e o poder se abriu ante ele sem que precisasse de pensamento algum por minha parte. Nós três estávamos ali cheios de noite. Era um poder generoso, uma presença que ria e que dava as boas-vindas.

O poder brotou de mim para o exterior, ou possivelmente fui eu quem me movi para frente através de algo que sempre tinha estado ali, mas aquela noite o podia sentir. Siobhan deu um passo para frente, mas o poder não a encheu, rechaçou-a. A magia de Siobhan era um insulto contra a Terra e o lento ciclo da vida, porque Siobhan roubava a vida, precipitava a morte para a porta de alguém ou de algo antes de que chegasse sua hora. Pela primeira vez compreendi que, de algum jeito, Siobhan estava fora do círculo, que era morte que ainda se movia como se vivesse, mas a Terra não a conhecia.

O poder teria saudado o Cel, mas pensou que eu tinha provocado o primeiro ímpeto e se protegeu dele. Senti que seus escudos se colocavam em

seu lugar, sustentavam-no detrás das paredes metafísicas, a salvo mas incapaz de compartilhar a oferenda.

Mas Keelin não se fechou nem se apartou. Possivelmente não tinha suficientes escudos para levantar paredes, ou possivelmente não desejava as construir. Mas notei que ela entrava no poder, que se abria a ele, e ouvi sua voz derramando-se em um suspiro que se mesclou com o vento.

Keelin avançou até o limite que estabelecia a correia, levantando cada um de seus quatro braços para saudar a noite.

Cel puxou ela para trás com a correia de pele. Keelin deu um tropeção, e senti como seu espírito se desmoronava.

Dirigi uma mão para ela e o poder, embora escapava a meu controle, ampliou-se e abraçou a Keelin. Empurrou ao Cel igual à água empurra uma rocha que se acha no centro de uma corrente, como algo que rodear, como se não existisse. O empurrão lhe fez tropeçar e a correia lhe escapou da mão. Sua cara pálida se levantou para a lua crescente, e seu belo rosto refletiu o terror mais absoluto.

A visão eu gostei, era um prazer. O fluxo generoso de poder se curvou a meu redor, puxou como a mãe puxa o braço de seu filho travesso. Não havia lugar para a delicadeza em meio de uma vida assim. Keelin estava de pé no meio do caminho, com os braços estendidos e a cabeça para trás, de maneira que a claridade da lua brilhava totalmente em seu rosto. Para Keelin foi um momento estranho e maravilhoso mostrar seu rosto claramente à luz.

Siobhan veio para mim com um brilho escuro de mãos brancas e o brilho negro da armadura. Reagi sem pensar, movendo a mão para frente como se aquele grande poder entorpecido fosse responder ao meu gesto. E o fez.

Siobhan se deteve topando contra um muro. Suas mãos brancas brilhavam com uma chama pálida que não era tal. Seu poder se dirigiu para algo que nem tão sequer eu podia ver. Não obstante, senti sua frieza tentando devorar a noite cálida, e aqui não tinha poder. Se tivesse estado entre os verdadeiramente vivos, se seu tato tivesse provocado uma morte ordinária, a Terra não a teria detido. O poder era mais neutro que tudo isso. Queria-me, de algum jeito me dava as boas-vindas, mas daria igualmente as boas-vindas a meu corpo em decomposição com seu abraço quente e cheio de vermes. Tomaria meu espírito no vento e o levaria a algum outro lugar.

Entretanto, a magia de Siobhan não era natural, e não podia passar. Entender seu poder podia me dar a chave de sua destruição. Mas necessitaria de alguém com mais experiência em feitiços ofensivos para decifrar a chave.

Produziu-se um movimento além de nosso pequeno grupo. Cel e Siobhan se viraram para ver sua última ameaça, e quando advertiram que se tratava do Doyle, seus corpos não se relaxaram. O príncipe e herdeiro ao trono e sua guarda pessoal tinham medo da Escuridão da Rainha. Resultou-me interessante. Três anos atrás, Cel não tinha medo do Doyle. Não temia a ninguém, exceto a sua mãe. E nem sequer ante ela temia a morte, porque ele era quão único tinha para transmitir seu sangue. Seu único filho. Seu único herdeiro. Ninguém desafiou ao Cel a duelo, nunca, porque não ousavam ganhar, e perder poderia significar a morte. Tinha vivido durante os três últimos séculos intacto, sem desafios, sem temor, até então.

Então vi, quase percebi, o desconforto do Cel. Tinha medo. Por quê?

Doyle estava vestido com uma capa negra, com capuz, que lhe caía até os tornozelos e o cobria por completo. Sua cara era tão escura que o branco de seus olhos parecia flutuar no negro círculo de seu capuz.

-O que está acontecendo aqui, príncipe Cel?

Cel se separou do caminho para poder olhar para o Doyle e para o resto de nós. Siobhan o acompanhou. Keelin ficou no caminho, mas o poder se estava retirando, como se se movesse com o vento e passasse a nosso lado para viajar a outro lugar. Deu-me uma última carícia fria, picante, e se escorreu.

Novamente havia solidez sob minha pele. Havia um preço para toda magia, mas não para esta. Me tinha devotado sem que eu a pedisse. Possivelmente esse fosse o motivo pelo qual não me sentia cansada, mas forte e inteira.

Keelin avançou pelo caminho para mim, e me estendeu suas mãos primitivas. Sem dúvida, sentia-se tão renovada como eu, porque sorria e aquele medo atroz tinha desaparecido, varrido pelo doce vento.

Tomei suas mãos entre as minhas. Beijamo-nos as duas, nas duas bochechas, e logo a atraí para mim e ela me rodeou os ombros com seus braços superiores, e pela cintura com os inferiores. Apertamo-nos com tanta força que senti a pressão de seus pequenos peitos, os quatro. Assaltou-me um pensamento: teria gostado o Cel de estar com alguém tinha tantos peitos? Em minha cabeça se formou uma imagem e esfreguei os olhos, como se assim fosse conseguir me libertar dela.

Percorri-lhe as costas com a mão até seu cabelo espesso, como uma pele, e me dava conta de que eu já estava chorando.

A voz de Keelin, doce e quase como a de um pássaro, consolava-me.

-Está tudo bem, Merry. Está tudo bem.

Neguei com a cabeça e me joguei para trás para poder lhe ver a cara.

-Não está tudo bem.

Tocou-me a cara, tocando minhas lágrimas com os dedos. Ela não tinha lágrimas, uma má jogada da genética a tinha deixado sem elas.

-Sempre choraste por mim, mas não chore agora.

-Como posso evitar?

Voltei a olhar o Cel, que sussurrava algo ao Doyle. Siobhan estava me observando. Podia sentir seu olhar morto através do casco que usava, embora não lhe visse os olhos. Não ia esquecer facilmente que tinha utilizado magia contra ela e tinha ganho ou, melhor dizendo, não tinha perdido. Nem o esqueceria nem me perdoaria. Mas este era um problema para outra noite. Voltei a me centrar em Keelin: os desastres de um em um, por favor. Minhas mãos se dirigiram ao duro colar de pele que lhe rodeava o pescoço. Tocou-me os ombros.

-O que faz, Merry?

-Estou te tirando isto.

Delicadamente, retirou minhas mãos.

-Não.

Neguei com a cabeça.

-Como pode... ? Como pudeste?

-Não volte a chorar -disse Keelin. -Sabe por que o fiz. Só ficam algumas semanas, só até o Samhain. Três anos em total. Se não estiver grávida, ficarei livre dele. Se ficar grávida, deverá me tratar como a uma esposa, ou não me tocar absolutamente.

Mantinha a calma a respeito, uma calma terrível, sólida, como se se tratasse de uma situação... Habitual.

-Não entendo – eu disse.

-Sei, mas você sempre teve sangue real, Merry. -Pôs uma mão nos meus lábios antes de que pudesse protestar, e suas outras mãos ainda sustentavam as minhas. -Sei que lhe trataram como um parente pobre, Merry, mas é uma deles. Seu sangue flui em suas veias, e... -Levantou a cabeça, tirando sua mão de minha boca, mas me apertou as mãos com mais força ainda. -É um membro do clube, Merry. Está dentro da casa grande, enquanto que nós esperamos fora sob o frio e a neve com nossas caras contra o vidro.

Separei-me daqueles tenros olhos marrons.

-Utiliza minha própria metáfora contra mim.

Tocou-me a cara com a mão superior esquerda, sua mão dominante.

-Lhe ouvi dizer isso muitas vezes.

-Se lhe tivesse pedido, teria vindo comigo?

Ficou a rir, mas mesmo na claridade da lua, era um sorriso amargo.

-A não ser que estivesse comigo em todas as horas do dia e da noite, não poderia usar seu encanto para me proteger. -Agitou a cabeça. -Sou muito espantosa para os olhos humanos.

-Não é...

Esta vez, deteve-me com apenas um olhar.

-Sou como você, Merry. Não sou nem durig nem brownie.

-E Kurag? Cuidou de ti.

Baixou a cabeça.

-É certo que entre certo tipo de trasgos, me considera bastante peculiar. Ter membros e peitos adicionais é uma marca de grande beleza entre eles.

Sorri.

-Lembro-me do ano em que me levou ao Baile dos Trasgos. Me viam como a feia.

Keelin se pôs a rir mas sacudiu a cabeça.

-Mas todos tentaram dançar contigo, feia ou não. -Olhou-me, conduzindo meu olhar para a seu. -Todos queriam tocar a pele de uma princesa com sangue real, porque sabiam que a não ser que lhe violassem não poderiam tocar nunca seu doce corpo.

Não sabia como reagir ante a amargura de sua voz.

-Não é responsável por seu aspecto, nem eu do meu. Não é culpa de ninguém. Nós somos o que somos. Através de ti vi a corte e a multidão brilhante. Não podia retornar ao Kurag e a seus duendes depois da vida que me tinha mostrado. Tinha estado contente de estar detrás de sua cadeira nos banquetes durante o resto de meus dias, mas quando vi que desaparecesse de repente... -Soltou-me as mãos e se separou de mim. -Não podia resistir perder tudo quando foi. -Riu; a risada era ainda como a de um pássaro, mas agora era zombadora, e ouvi nela o eco do Cel. -Além disso, Cel gosta de uma mulher de quatro peitos e diz que nunca se deitou com ninguém que pudesse colocar dois jogos de pernas ao redor de seu corpo branco.

Keelin fez um pequeno som de sucção, e soube que estava chorando. Que não tivesse lágrimas não significava que não pudesse chorar.

Voltou-se para o Cel, e eu a deixei partir. Acusava-me de lhe mostrar a lua quando não a poderia ter. Possivelmente Keelin tinha razão. Possivelmente lhe

tinha feito mal, mas não era minha intenção. É obvio, que o mesmo fazendo sem querer não supunha que doesse menos.

Tomei ar várias vezes naquela noite outonal, tentando não voltar a chorar. O ar era ainda tão doce como antes, mas tinha ido uma parte do prazer.

-Sinto muito, Meredith -disse Barinthus.

-Não o sinta por mim, Barinthus, não sou eu que está no extremo da correia do Cel.

Galen me tocou o ombro e começou a me abraçar, mas lhe apartei.

-Não, por favor. Se me consolar, chorarei.

Esboçou um sorriso fugaz.

-Tentarei lembrar disso para o futuro.

Doyle se aproximou. Baixou o capuz, mas era virtualmente impossível dizer onde acabava seu cabelo negro e onde começava a capa. O que se via era que a parte frontal de seu cabelo estava recolhida em um pequeno coque no centro de sua cabeça, deixando amostra suas exóticas orelhas bicudas. Os brincos de prata brilhavam à luz da lua. Tinha trocado alguns por aros maiores, de maneira que chocavam entre si quando se movia, produzindo um leve tinido. Quando chegou a nossa altura observei que usava aros adornados com plumas, tão largas que lhe roçavam os ombros.

-Barinthus, Galen, acredito que nosso príncipe lhes deu ordens.

Barinthus deu um passo adiante para olhar a seu interlocutor. Se Doyle estava intimidado pela presença física do outro, não o mostrou.

-O príncipe Cel disse que levaria Meredith à presença da rainha. Pareceu-me pouco sensato.

Doyle assentiu.

-Eu escoltarei Meredith até a rainha. -Olhou por cima do Barinthus até me encontrar. Era difícil afirmar na escuridão, mas me pareceu perceber um muito leve sorriso. -Acredito que nosso príncipe já teve suficiente de sua prima por hoje. Não sabia que podia invocar à Terra.

-Não a invoquei. Me ofereceu ela mesma -eu disse.

Ouvi-lhe tomar ar e expulsá-lo.

-Ah, isso é distinto. Não é tão poderosa como os que podem apartar à Terra de seu curso, mas, em alguns aspectos, é mais desconcertante, porque o país te deu as boas-vindas. Reconhece-te. Interessante.

Olhou ao Barinthus.

-Acredito que lhes requer aos dois em outro lugar.

Sua voz era muito sossegada, mas baixo estas singelas palavras se percebia algo escuro e ameaçador. Doyle sempre tinha podido controlar a seus homens com a voz, preferindo as mais doces palavras junto com as mais terríveis ameaça.

-Tenho sua palavra de que não lhe fará nenhum dano? -Perguntou Barinthus.

Galen se colocou ao lado do Barinthus. Tocou o braço do homem mais alto. Uma pergunta assim quase equivalia a questionar uma ordem. E isso podia lhe custar ser esfolado vivo.

-Barinthus -disse Galen.

-Dou-te minha palavra de que chegará sã e salva à presença da rainha.

-Não é isso o que perguntei -disse Barinthus.

Doyle se aproximou o suficiente de Barinthus para que sua capa se mesclasse com o casaco do homem mais alto.

-Tome cuidado, deus do mar, de não perguntar mais do que deveria.

-O que significa que teme por sua segurança nas mãos da rainha, igual a mim -disse Barinthus, com uma voz neutra.

Doyle levantou uma mão perfilada em fogo verde. Eu comecei a caminhar para eles antes de ter tempo de pensar em algo adequado para dizer quando chegasse lá.

Barinthus centrou sua atenção no Doyle e aquela mão que queimava, mas Doyle viu que me aproximava deles. Galen estava ao lado, obviamente sem saber o que fazer. Tentou me alcançar, para me deter, acredito.

-Fica à margem, Galen. Não vou fazer nenhuma loucura.

Duvidou um momento, mas logo se retirou e deixou que me encarasse com os outros dois homens. O fogo da mão do Doyle derramava sobre ambos as sombras de luz verde e amarela. Os olhos do Doyle não refletiam o fogo, mas sim pareciam arder a sua maneira. A tão curta distância, percebia não só seu poder como um desfile de insetos sobre minha pele, mas também o lento despertar do poder do Barinthus, o poder do mar que golpeia as rochas.

Sacudi a cabeça.

-Parem, os dois.

-O que disse? -Perguntou Doyle.

Empurrei o Barinthus com força suficiente para fazê-lo cambalear. Possivelmente não podia levantar carros e esmagar com eles às pessoas, mas podia colocar meu punho pela porta de um carro e não quebrar a mão. Empurrei-o de novo, até que estiveram o bastante separados para não temer que se pegassem nas bofetadas.

-Recebeste ordens do herdeiro ao trono e do capitão de sua Guarda. As obedeça e vá. Doyle te deu sua palavra de que chegarei a salvo a presença da rainha.

Barinthus me olhou. Seu semblante parecia neutro, mas seus olhos não. Doyle sempre tinha sido um dos obstáculos entre a rainha e a morte prematura. Por um momento, perguntei-me se Barinthus procurava uma desculpa para enfrentar-se à Escuridão da Rainha. Se era o caso, eu não ia proporcionar se a Matar ao Doyle suporia o estalo de uma revolução. Olhei a cara do Barinthus e tentei compreender o que pensava. Havia sentido a acolhida do país? Ou havia alguma nova tensão entre os dois homens, sobre a qual não tinha me informado? Não importava.

-Não –eu disse. Continuei com meu olhar cravado nele e repeti-: Não.

Barinthus olhou por cima de mim até fixar seu olhar no Doyle.

Doyle dobrou sua mão livre até uni-la com a mão de fogo para formar com ambas uma só mecha.

Situei-me entre ele e Barinthus.

-Basta de teatro, Doyle.

Sentia seu cruzamento de olhares como um peso que aprisiona o ar. Sempre tinha havido tensão entre eles, mas não tanta.

Caminhei para o Doyle até que o fogo colorido desenhava sombras horríveis em minha cara e em meu vestido. Estava o suficientemente perto para ver que o fogo não dava nem calor, nem vida, nem nada, mas não era uma ilusão. Tinha visto do que era capaz o fogo do Doyle. Igual às mãos do Siobhan, podia matar.

Tinha que fazer algo para dissipar a tensão existente entre eles. Tinha visto começar muitos duelos por menos. Muito sangue, muita morte por estas coisas estúpidas.

Toquei os dois cotovelos do Doyle e movi minhas mãos lentamente por seus antebraços.

-Ver Keelin me tem quebrado o coração, tal e como Andais sabia, de modo que me leve ante a ela.

Minhas mãos se deslizaram lentamente por seus braços, e observei que sua negra pele estava descoberta; usava manga curta debaixo da larga capa.

-O país te recebe, pequena, e sua ousadia cresce -disse Doyle.

-Não era ousadia, Doyle. -Minhas mãos estavam quase em seus punhos, quase no interior das chamas. Não havia calor para me avisar, só a lembrança de ver um homem retorcendo-se de dor e morrendo devorado por uma chama verde. -Isto é ousadia.

Fiz duas coisas de uma vez. Levei minhas mãos para cima, ali onde estava a chama e soprei, como se estivesse apagando uma vela.

As chamas se desvaneceram como se as tivesse apagado, mas não o tinha feito. Doyle as tinha apagado uma fração de segundo antes de que minha pele as tocasse.

Estava o suficientemente perto para que, à luz da lua, pudesse ver que estava comovido e aterrorizado pelo que quase tinha feito.

-Está louca.

-Deu-me sua palavra de que chegaria à rainha sã e salva. Sempre mantém sua palavra, Doyle.

-Confiou em que não te farei mal.

-Confiei em seu sentido de honra, sim.

Doyle voltou a olhar para o Cel e Siobhan. Keelin tinha se reunido com eles. Cel nos observava com uma expressão que indicava que quase acreditava que eu tinha feito exatamente o que parecia que tinha feito, apagar a chama do Doyle.

Deixei uma mão no punho do Doyle e lancei um beijo para meu primo com minha mão livre.

Saltou como se o beijo lhe tivesse golpeado. Keelin havia se agachado perto dele e estava me olhando, com olhos não de tudo amistosos.

Siobhan se interpôs, e esta vez tirou sua espada, uma linha brilhante de gélido aço. Sabia que a mão era de osso lavrado, e a armadura, de bronze; mas, para matar, utilizava aço ou ferro. Tinha uma espada curta de bronze a seu lado, mas tinha tirado o fio de aço que levava em suas costas. Para a defesa, teria tirado o bronze, mas havia tirado a de aço. Queria matar. Resultava interessante saber que era honesta.

Doyle me segurou os dois braços e se virou para que o olhasse.

-Esta noite não quero lutar contra Siobhan porque assustaste a seu primo.

Seus dedos me cravaram na pele e soube que me tinha machucado, mas ri. E minha risada soou com uma amargura que recordou a alguém, a alguém com olhos marrons sem lágrimas.

-Não esqueça que também assustei Siobhan. Isto é muito mais impressionante que assustar Cel.

Sacudiu-me com força.

-E mais perigoso.

Soltou-me tão de repente que tropesei e estive a ponto de cair. Só sua mão em meu cotovelo impediu minha queda.

Olhou além de mim.

-Barinthus, Galen, partam agora.

Havia autêntica preocupação em sua voz, e poucas vezes deixava transparecer esta emoção primitiva. Eu estava desconcertando a todo mundo, e uma pequena parte escura de mim estava gostando.

Doyle continuou me agarrando do braço e começou a me conduzir pelo caminho.

Não olhei para trás para ver Barinthus e Galen partirem, nem para inquietar mais Siobhan. Não se tratava de prudência. Não queria ver Keelin abraçada ao Cel.

Tropecei, e Doyle teve que me segurar de novo.

-Está indo muito rápido para os sapatos que uso – eu disse.

Em realidade era culpa da cartucheira do tornozelo, mas atribuiria aos sapatos enquanto pudesse. Caminhava ao lado da pessoa que tiraria minha pistola se a encontrasse.

Reduziu o passo.

-Deveria colocado algo mais cômodo.

-Vi à rainha obrigando a alguns sidhe a despir-se nos banquetes quando não gostava de sua roupa. Assim me perdoe, mas quero que goste do vestido.

-Sabia que não podia soltar o braço sem lutar, e mesmo assim tinha que ganhar; tentei recorrer ao raciocínio. -Me dê o braço, Doyle, me escolte como a uma princesa, não como a um prisioneiro.

Reduziu ainda mais o passo, me olhando com a extremidade do olho.

-Você sim que sabe fazer teatro, não é, princesa Meredith?

-Defendo-me -respondi.

Deteve-se e me ofereceu o braço. Enlacei o meu e deixei minha mão sobre seu pulso. Podia sentir os pequenos cabelos de seu braço sob meus dedos.

-Faz um pouco de frio para usar mangas curtas, não? -Perguntei.

Percorreu-me com o olhar da cabeça aos pés.

-Bom, no mínimo você escolheu bem.

Pus minha mão livre em cima da outra, lhe dando uma espécie de duplo abraço, mas nada que não estivesse permitido.

-Você gosta?

Olhou minha mão. Deteve-se e me agarrou a mão direita, e no momento em que sua pele tocou o anel cobrou vida, nos banhando aos dois com uma dança elétrica. Independentemente da magia que houvesse no anel, reconhecia ao Doyle igual a tinha reconhecido ao Barinthus e ao Galen.

Apartou sua mão como se lhe tivesse feito mal.

-Onde conseguiu este anel? -Sua voz soava estranha.

-Deixaram-no no carro para mim.

Negou com a cabeça.

-Sabia que se perdeu, mas não esperava encontrá-lo em sua mão.

Olhou-me, e se se tivesse tratado de qualquer outra pessoa, haveria dito que estava assustado. Entretanto, o olhar se desvaneceu quando eu ainda tentava decifrá-lo. Recuperou sua expressão impenetrável, inclinou-se formalmente e me ofereceu o braço como o faria um cavalheiro.

Agarrei-o, rodeando-o com minhas duas mãos, mas dado que minha mão direita estava em cima da esquerda, não lhe toquei a pele. Pensei em lhe tocar

simulando fazê-lo acidentalmente, mas não sabia o que fazia exatamente o anel. Não sabia para que servia, e até que soubesse, certamente não era uma boa idéia continuar invocando sua magia.

Caminhamos agarrados de braço, com passo tranqüilo mas constante. Meus saltos repicavam nas pedras. Doyle caminhava em silêncio a meu lado, como uma sombra; só a solidez de seu braço e o roce de sua capa contra meu corpo me recordavam que estava ali. Sabia que se soltasse o braço, poderia fundir-se na escuridão que era sua xará: nunca veria o golpe que acabaria com minha vida a não ser que ele o quisesse. Não, a não ser que minha tia o quisesse.

Eu gostaria de ter preenchido o silêncio com uma conversa, mas Doyle nunca tinha gostado de conversar, e essa noite eu tampouco estava no clima.

O caminho de pedra desembocou na avenida principal, que era suficientemente larga para uma carruagem e um cavalo ou um carro pequeno, claro que a circulação de automóveis não estava autorizada. Tempo atrás, contaram-me, havia tochas, depois lanternas, para iluminar a avenida. A moderna legislação sobre incêndios via com desagrado as tochas, de maneira que os postes que se elevavam a cada cinco ou seis metros sustentavam fogos fátuos. Um artesão tinha desenhado armações de madeira e vidro para as luzes. Estas eram azuis, brancas, de um amarelo tão pálido que quase era outra tonalidade de branco e de um verde claro, apenas distinguível do brilho tênue das luzes amarelas. Caminhar entre uma luz tênue e a seguinte era como andar pisando em fantasmas de cores.

Quando Jefferson convidou aos elfos a seu país, também lhes ofereceu uma terra a sua escolha. Tinham escolhido as colinas da Cahokia. Nas largas noites de inverno se explicavam lendas que falavam dos anteriores moradores dessas montanhas. Os seres que... expulsamos das montanhas. Os seres que viviam naquelas terras foram apartados ou destruídos, mas a magia é algo mais resistente. O lugar se percebia de um modo estranho à medida que se avançava pela avenida, flanqueada por duas colinas. O promontório mais elevado das proximidades se elevava ao final da avenida. Estive em Washington durante a época de estudo, e quando retornei a casa me desconcertou que aquela cidade nas colinas me recordasse tanto a Washington, à praça rodeada de monumentos à glória dos Estados Unidos. Essa noite, caminhando pela rua central, a única rua, sentia o peso da história. O lugar tinha sido uma grande cidade, igual a Washington agora, um centro de cultura e poder, que agora repousava, despojada de seus moradores originários. Os humanos tinham pensado que as colinas estavam vazias quando nos ofereceram ela: só alguns ossos enterrados em lugares dispersos. Mas a magia permanecia ali, adormecido. Tinha combatido aos elfos e logo os tinha abraçado. A conquista desta magia estrangeira foi uma das últimas ocasiões nas que as duas cortes trabalharam unidas contra um inimigo comum.

É obvio, a última vez foi durante a Segunda guerra mundial. No princípio, Hitler atraiu aos elfos da Europa. Queria assimilá-los à mescla genética de sua raça dominante. Logo tinha se encontrado com alguns dos membros menos humanos dos elfos. Entre nós existe uma estrutura de classes tão rígida e inquebrável como absurda; na corte da Luz, especialmente, menospreza-se aqueles com um aspecto distinto ao que dá seu sangue. Hitler confundiu esta arrogância com falta de afeto. Mas era como uma família com irmãos menores. Entre eles, podiam lutar e golpear-se inclusive de maneira sanguinária, mas se alguém os atacava, uniam suas forças contra o inimigo comum.

Hitler utilizou os bruxos que tinha reunido para destruir aos duendes menores. Seus aliados elfos não lhe abandonaram, voltaram-se contra ele sem prévio aviso. Os humanos haveriam sentido a necessidade de distanciar-se, de lhe advertir de sua mudança de opinião, embora possivelmente isto seja um ideal americano. Sem dúvida não era um ideal nosso. Os aliados encontraram Hitler e a todos os bruxos pendurados pelos pés em seu esconderijo subterrâneo. Nunca encontraram a sua concubina, Eva Braun. De vez em quando, os periódicos diziam que encontraram um neto do Hitler.

Nenhum de meus parentes diretos estava comprometido na morte de Hitler, de maneira que não sei com segurança, mas suspeito que simplesmente algo comeu a Eva Braun.

Meu pai tinha obtido duas estrelas de prata durante a guerra. Tinha sido um espião. Não recordo de ele ter estado nunca particularmente orgulhoso das medalhas, sobre tudo porque ele nunca pareceu lhes emprestar muita atenção. Entretanto, quando morreu, deixou-me isso em sua caixa forrada. Coloquei-as em uma caixa de madeira esculpida junto com o resto de meus tesouros de juventude: plumas de aves de cores, pedras que brilhavam ao sol, as pequenas bailarinas de plástico que tinham decorado o bolo de meu sexto aniversário, um ramalhete seco de lavanda, um gato de pelucia com olhos de azeviche e duas estrelas de prata concedidas a meu defunto pai. Agora as medalhas voltavam a estar em sua caixa forrada em uma gaveta da minha penteadeira. O resto de meus tesouros os tinha levado o vento.

-Parece que está na lua, Meredith -disse Doyle.

Ainda caminhava a seu lado, com as mãos em seu braço, mas durante um momento só tinha estado ali meu corpo. Preocupava-me em se dar conta do longe que tinha estado meu espírito.

-Sinto muito, Doyle, falava-me? -Sacudi a cabeça.

-No que estava pensando tão concentrada? -Perguntou.

As luzes brincavam em sua cara, pintando sombras de cores em sua pele negra. Era quase como se sua pele as refletisse, como madeira esculpida e polida. Ao lhe tocar o braço sentia seu calor, os músculos debaixo, a delicadeza de sua pele.

-Estava pensando em meu pai – eu disse.

-No quê?

Doyle girou a cabeça para me olhar enquanto caminhávamos. As largas plumas lhe roçavam o pescoço, fundindo-se com o esbanjamento de negro cabelo que levava só parcialmente recolhido detrás da capa. Dava-me conta de que, à exceção do pequeno coque que recolhia a parte dianteira de seu cabelo, o resto caía sem atar por debaixo da capa.

-Pensava nas medalhas que ganhou na Segunda guerra mundial.

Doyle continuou andando, mas voltou sua cara completamente para mim, sem perder nunca um passo. Parecia assombrado.

-Por que pensa nisso agora?

Neguei com a cabeça.

-Não sei. Pensava na glória perdida, suponho. Os promontórios me recordam a praça de Washington. Toda aquela energia e determinação. Algum dia deve ter sido igual aqui.

Doyle olhou as colinas.

-E agora está tranqüilo, quase deserto.

Sorri.

-Sei que não é assim. Há centenas, milhares, sob nossos pés.

-Mas a comparação das duas cidades te entristece. Por quê?

Olhei-o, e ele me olhou. Estávamos de pé sob um foco de luz amarela, mas havia bolinhas de cada um das cores de fogo fátuo em seus olhos, rondando como uma pequena nuvem de vaga-lumes. Com exceção de que as cores de seus olhos eram ricos e puros, não fantasmagóricos, e havia vermelhos e púrpuras e cores inauditas.

Fechei os olhos, e de repente me senti enjoada. Respondi com os olhos ainda fechados:

-É triste pensar que Washington possa ser algum dia uma mera ruína. É triste saber que os dias de glória passaram por este lugar muito antes de que chegássemos nós. -Abri os olhos e o olhei. Suas pupilas eram novamente simples espelhos negros. -É triste pensar que os dias de glória dos elfos já ficaram pra trás, e o fato de que nós estejamos aqui é boa prova disso.

-Preferiria que estivéssemos entre os humanos, trabalhando com eles, nos adaptando a eles como os elfos que ficaram na Europa? Já não são elfos, são só outra minoria.

-Eu sou só parte de uma minoria, Doyle?

Um pensamento sério que não pude ler apareceu em seu semblante. Não tinha estado nunca com um homem cujo rosto refletisse tantas emoções, e que estas fossem tão ilegíveis para mim.

-É Meredith, Princesa da Carne, e tão sidhe como eu. Sobre isto, poderia prestar juramento.

-Tomo como um elogio procedendo de ti, Doyle. Sei quanta importância concede a seus juramentos.

Sua cabeça se inclinou para um lado para me examinar. O movimento apartou parte de seu cabelo da capa à medida que endireitava o pescoço.

-Tenho sentido seu poder, princesa, não posso negar.

-Sempre vi o cabelo preso ou recolhido. Nunca o havia visto solto – eu disse.

-Você gosta?

Não esperava que perguntasse minha opinião. Nunca lhe tinha ouvido pedir a opinião de ninguém sobre assunto algum.

-Acredito que sim, mas precisaria te ver sem a capa para estar segura.

-Isso é fácil de conseguir -disse, e se desabotoou o botão do pescoço para que a capa caísse sobre seus ombros e escorregasse até um braço.

Da cintura para acima usava o que parecia um intrincado de fios de couro e metal, embora se tivesse sido desenhado para ser uma armadura, teria que talher mais. Em seus músculos se refletiam as luzes de cor como se estivessem realmente esculpidos com algum tipo de mármore negro. Sua cintura e quadris eram magras e suas largas pernas foram embutidas em couro. As calças ajustadas ficavam cobertas até a altura de seus joelhos por umas botas negras, onde a parte superior se ajustava em seu lugar mediante umas correias com pequenas fivelas de prata. As correias que cobriam a parte superior de seu corpo tinham fivelas iguais. A prata brilhava contra sua escuridão. O cabelo lhe aderiu como uma segunda capa negra que se agitava ao vento, e se emaranhava em torno dos tornozelos e as panturrilhas. O vento lhe enviava à boca as plumas que emolduravam seu rosto.

-Caramba, olha o que você não está usando – eu disse, tentando em vão me mostrar frívola.

O vento soprou, afastando o cabelo do meu rosto. Sussurrou entre a erva alta do campo próximo, e mais à frente escutei as folhas de milho murmurando ao ouvido. O vento soprou pela avenida, acanalou-se entre as colinas e formou redemoinhos a nosso redor como mãos ansiosas, em um eco da magia de boas-vindas da Terra, que tinha saudado minha chegada às terras sidhe.

-Você gosta que use o cabelo solto, princesa?

- O quê?

-Disse que tinha que vê-lo sem a capa. Você gosta?

Assenti, sem dizer nada. OH, sim, eu gostava.

Doyle me olhou, e a única coisa que via eram seus olhos. O resto de seu rosto se perdia no vento, as plumas e a escuridão. Sacudi a cabeça e deixei de olhar.

-Já tentaste duas vezes me enfeitiçar com seus olhos, Doyle. O que está acontecendo?

-A rainha queria que te testasse com meus olhos. Sempre disse que é o melhor que eu tenho.

Passei meu olhar pelas fortes curvas de seu corpo. O vento fazia rajadas, e Doyle ficou apanhado de repente em uma nuvem de seu próprio cabelo, negro e delicado, com a carne quase nua, perdido negro sobre negro.

Procurei de novo seu olhar.

-Se minha tia considerar que seus olhos são o melhor que tem, então... - Sacudi a cabeça e deixei escapar um suspiro. -Digamos simplesmente que ela e eu temos gostos distintos.

Riu. Doyle riu. Tinha-o ouvido rir em Los Angeles, mas não assim. Essa era uma risada profunda, sincera, ensurdecadora: uma boa risada. Ecoou nas colinas e encheu a noite ventosa com um som alegre. Assim, por que me pulsava o coração na garganta até me deixar quase sem respiração? Senti um comichão nas pontas dos dedos: Doyle não tinha rido nunca assim.

O vento se acalmou, a risada se deteve, mas seu brilho permaneceu em seu rosto, lhe fazendo sorrir o suficiente para mostrar uns dentes brancos e perfeitos.

Doyle jogou a capa sobre os ombros. Se havia sentido frio sem ela na noite de outubro, não o tinha mostrado em nenhum momento. Inclinou a capa e me ofereceu seu braço nu. Estava paquerando comigo.

Franzi o sobreceixo.

-Pensei que havíamos ficado de fingir que ontem à noite não passou nada.

-Não mencionei nada.- disse, com uma voz anódina.

-Você está flertando – eu disse

-Se fosse Galen que estivesse de pé aqui, você não hesitaria. – ele disse.

O humor estava chateando em um brilho tênue que lhe enchia os olhos. Ainda estava se divertindo comigo, e eu não sabia por quê.

-Galen e eu estivemos azucrinando um com o outro desde que eu alcancei a puberdade. Nunca te vi azucrinar com ninguém, Doyle, até a noite passada.

-A noite ainda nos proporciona mais surpresas, Meredith. Maravilhas muito mais surpreendentes que eu mesmo com o cabelo ao ar e sem camisa em uma fria noite de outubro.

Nesta ocasião havia em sua voz aquela nota características dos mais velhos, um tom condescendente que devia dizer que eu era uma criança e que, independentemente de quão mais velha eu chegasse a me tornar, sempre seria uma criança comparada com eles, uma criança tola.

Doyle tinha sido condescendente comigo anteriormente. Era quase reconfortante.

-O que poderia haver mais extraordinário que a Escuridão da Rainha paquerando com outra mulher?

Negou com a cabeça, me oferecendo ainda sua mão.

-Acredito que a rainha tem notícias que farão que tudo o que eu possa dizer pareça insosso.

-Que notícias, Doyle? -Perguntei.

-Será a rainha quem terá o prazer de lhe dar isso não eu.

-Então, deixa de fazer insinuações -advertei-lhe. -Não é próprio de ti.

Fez um gesto de negação com a cabeça, e um sorriso se abriu em seu semblante.

-Não, suponho que não. Depois de que a rainha tenha te dado sua notícias, explicarei-te a mudança de minha conduta. -Seu rosto ficou sóbrio e lentamente recuperou sua habitual máscara de ébano. -Está bem assim?

Olhei-o, lhe estudando o rosto até que desapareceu dele qualquer vestígio de humor. Assenti.

-Suponho que sim.

Ofereceu-me o braço.

-Se afaste e tomarei seu braço – eu disse.

-O que é o que se preocupa tanto de me ver assim?

-Insististe muito em que a noite de ontem não existiu, em que não voltaríamos a falar dela, e agora volta a flertar. O que mudou?

-Se disser que é o anel de seu dedo, entenderia?

-Não – eu disse.

Sorriu, desta vez brandamente, quase como sua habitual curvatura de lábios. Voltou a acomodar a capa, de maneira que só sua mão me sobressaía da grossa malha.

-Melhor?

Assenti.

-Sim, obrigado.

-Agora, pegue o meu braço, princesa, e me permita o prazer de te conduzir ante nossa rainha.

Sua voz era lisa, sem emoções, vazia de significado. Quase teria preferido ouvir a densa emoção do momento anterior. Agora suas palavras simplesmente ficavam aí. Podiam significar muitas coisas ou nada absolutamente. As palavras sem a cor da emoção logo que servem de nada.

-Não tem nenhum tom de voz intermediário entre esse amargo vazio e a alegre condescendência? -Perguntei.

Apareceu em seus lábios um ligeiro sorriso.

-Tentarei encontrar um... tom intermediário entre os dois.

Desloquei meus braços cuidadosamente por seu braço, e a capa ficou apertada entre nossos corpos.

-Obrigado – eu disse.

-De nada.

Sua voz era ainda vazia, mas havia nela uma delicada faísca de calor.

Doyle havia dito que tentaria encontrar um tom intermediário, e estava se esmerando nisso. Uma estranha disposição.

O caminho de pedra acabou abruptamente na grama. O caminho, igual aos atalhos, terminavam pouco antes de qualquer colina. Estávamos no extremo do caminho e não havia nada além de grama mais à frente. Grama pisoteada por muitos pés, mas pisoteada de forma regular, sem nenhuma parte mais transitada que outra. Antigamente tinham nos chamado de «os escondidos». Por mais que fôssemos uma atração turística hoje em dia, não é fácil que desapareçam os antigos hábitos.

Às vezes há observadores de elfos com binóculos fora da zona, e não vêem nada durante dias e noites. Se alguém estava olhando na fria escuridão, poderia ver «algo».

Não tentei encontrar a entrada. Doyle me levaria a ela sem nenhum esforço por minha parte. A porta dava voltas seguindo um ritmo próprio, ou possivelmente o ritmo da rainha. Fosse o que fosse que a fazia mover, às vezes a porta dava para o caminho, e outras não. Quando era adolescente e queria escapar de noite e retornar tarde, tinha que confiar em que não movessem a porta durante minha ausência. A pequena magia precisa para procurar a abertura alertaria aos guardas do interior, e o jogo, como diriam eles, teria terminado. Mais de uma vez, quando adolescente, tinha pensado que esta maldita porta se movia por conta própria.

Doyle entrou na zona da grama. Meus saltos se afundaram na terra branda, e me vi obrigada a caminhar quase nas pontas dos pés para evitar que se sujassem. Era difícil caminhar com a cartucheira do tornozelo. Estava agradecida por não ter escolhido saltos mais altos.

À medida que Doyle me conduzia mais longe da avenida e das luzes fantasmagóricas, a escuridão ia se fazendo ainda mais densa. As luzes da avenida eram tênues, mas qualquer luz dá peso e substância à escuridão. Apoiava-me cada vez com mais força no braço do Doyle à medida que deixávamos a luz atrás e entrávamos em uma noite escura, embora estrelada.

Doyle deve ter percebido porque perguntou:

-Você quer uma luz?

-Posso invocar meu próprio fogo fátuo, muito obrigado. Meus olhos se ajustarão em um momento.

Encolheu-se de ombros, e eu só percebi pelo leve movimento de seu braço.

-Como quiser. -Sua voz tinha retomado seu tom neutro habitual. Ou tinha problemas em encontrar um tom mediano, ou era o hábito. Eu apostava no último.

Quando Doyle se deteve na metade da colina, meus olhos já se ajustaram à luz tênue e fria das estrelas e à lua crescente.

Doyle olhou a terra. Sua magia produziu uma sensação cada vez mais cálida à medida que se concentrava na colina. Olhei a terra coberta de grama. Sem um pouco de esforço de concentração, aquele lugar herboso tinha o mesmo aspecto que qualquer outro lugar igual.

O vento soprou de novo e a noite se encheu do seco sussurro da grama de outono, um sussurro tão delicado que se convertia em música. Não era o bastante claro para reconhecer uma melodia nem sequer estava o bastante segura de que não se tratava tão somente do vento, mas essa música fantasmagórica era a pista que indicava que nos achávamos ante a entrada.

Era uma espécie de timbre espectral ou um jogo mágico de quente e frio. Quando não ouvia nada significava que estava frio.

Doyle soltou seu braço e passou sua mão por cima do chão de grama. Eu nunca estava segura de se a grama se fundia e desaparecia ou se a porta aparecia sobre ela e esta permanecia ali debaixo, em algum espaço metafísico. Independentemente de como

funcionasse, apareceu um caminho circular na ladeira. O caminho era exatamente da medida adequada para que coubésssemos os dois. A abertura estava banhada em luz. Em caso de necessidade, o caminho podia ser o suficientemente grande para que passasse por ele um caminhão, como se percebesse quão grande tinha que ser.

A luz me pareceu mais brilhante do que em realidade era, porque meus olhos já tinham se habituado à escuridão. A luz era branca mas não dura, uma suave luz branca que se apreciava do caminho como um bafo luminoso.

-Você primeiro, minha princesa - disse Doyle, fazendo uma reverência.

Eu queria retornar a corte, mas ao olhar aquela colina brilhante pensei que um buraco no chão é um buraco no chão, seja um sithen ou uma tumba. Não sei porque me ocorreu de repente esta peculiar analogia. Possivelmente fosse pela tentativa de assassinato, ou talvez fosse por causa dos nervos.

Entrei e me encontrei em um enorme corredor de pedra, o bastante largo para que um tanque passasse comodamente ou para que um gigante não tivesse que abaixar a cabeça. O corredor sempre era largo, independente de quão pequena fosse a porta. Doyle se uniu a mim e a porta se desvaneceu atrás dele, deixando só outra parede de pedra cinza. Igual à colina escondia a entrada, o interior escondia a saída. Se a rainha desejasse, a porta não se veria absolutamente de dentro. Era muito fácil passar de convidado a prisioneiro. Este pensamento era muito pouco reconfortante.

A luz branca que banhava o corredor não tinha origem, vinha de todas partes e de nenhuma. A pedra cinza parecia granito, o qual significa que não era de St. Louis. Aqui a pedra é vermelha ou avermelhada, não cinza. Inclusive nossa pedra a importamos de alguma costa estrangeira.

Contaram-me que faz tempo havia mundos inteiros debaixo do chão. Prados e vales e um sol e uma lua próprios. Vi orquídeas moribundas e jardins de flores com alguns brotos disseminados, mas não um sol e nenhuma lua próprios. Os quartos são maiores e mais quadrados do que deveriam ser, e o desenho do interior parece trocar ao azar, em ocasiões enquanto está caminhando por aí: é como caminhar por uma casa de parque de atrações feita de pedra, em lugar de espelhos. Mas não há prados, ou não os vi. Eu estou tentada a acreditar que os outros mantenham segredos de mim. Não me surpreenderia, mas que eu saiba não há mundos debaixo do chão, só pedra e cômodos.

Doyle me ofereceu seu braço, de um modo muito formal. Enlacei-o com delicadeza, basicamente por falta de costume.

O corredor se curvava mais adiante. Ouvi passos aproximando-se para nós. Doyle tocou delicadamente o meu braço. Eu me detive e o olhei.

-O que é isso? - Perguntei.

Doyle retrocedeu, comigo no braço. De repente se deteve, agarrou-me o vestido e levantou a saia o suficiente para deixar ao descoberto meus tornozelos e a arma.

-Não eram os saltos o que lhe fazia tropeçar nas pedras, princesa. -Parecia zangado comigo.

-Me permite levar armas.

-Não se permite levar armas na colina -disse.

-Desde quando?

-Desde que você matou o Bleddyn com uma.

Olhamo-nos mutuamente durante um segundo eterno. Tentei me mover, mas sua mão se fechou em torno do meu pulso.

Os passos se aproximavam ainda mais. Doyle me desequilibrou e caí contra ele. Apertou-me contra seu corpo, me passando um braço por detrás das costas. Abriu a boca para falar, e as pisadas deram a volta à esquina.

Ficamos a plena vista; Doyle me apertava contra seu corpo, e segurava meu pulso com a mão livre. Parecia uma luta interrompida ou o começo de outra.

Os dois homens que tinham passado pela esquina se separaram, deixando espaço para a luta no corredor.

Observei o rosto do Doyle e tentei resumir a pergunta em um olhar. Roguei-lhe em silêncio que não mencionasse a arma e que não a pegasse.

Pôs sua boca contra minha bochecha e sussurrou:

-Você não precisa disso.

Olhei pra cima para encará-lo.

-Você me dá o seu juramento sobre isso?

O aborrecimento esticou os músculos de sua mandíbula.

-Não prestarei meu juramento sobre um capricho da rainha.

-Então, me deixe conservar a arma - murmurei.

Moveu-se para interpor-se entre os outros guardas e eu. Ainda me segurava o braço. A única coisa que os outros podiam ver era a capa do Doyle.

-O que tá acontecendo, Doyle? - Perguntou um dos homens.

-Nada - respondeu.

Mas me obrigou a colocar a outra mão nas minhas costas e me agarrou os dois pulso com uma só mão. Suas mãos não eram tão largas, de maneira que para me segurar mantinha meus pulsos apertados com firmeza. Eu teria me debatido se pensasse que contava com alguma oportunidade de escapar, mas mesmo que eu escapasse do Doyle, ele tinha visto a arma. Não podia fazer nada a respeito, assim não resisti. Mas eu não gostava.

Doyle usou seu outro braço para me obrigar a me sentar no chão. Com exceção da pressão que exercia sobre meus pulsos, fez tudo com bastante cuidado. Ajoelhou-se, de forma que a capa ainda nos escondia dos outros homens. Quando sua mão se aproximou de minha perna, movendo-se para a arma, pensei em lhe dar um chute; mas era difícil e não tinha sentido. Poderia destroçado meus pulsos sem esforço. Possivelmente recuperasse a arma essa noite, mas se destroçava meus pulsos já não me serviria de nada. Tirou a arma da cartucheira. Eu me sentei no chão e o deixei fazer. Mostrava-me passiva, lhe permitindo que manipulasse meu corpo a seu desejo. Só meus olhos escapavam a essa passividade, porque não podia manter a ira afastada deles. Não, queria que a visse.

Soltou-me e deslizou a pistola em suas próprias costas, embora as calças de couro ficassem tão apertadas que não ia ser cômodo. Eu esperava que a arma lhe cravasse nas costas até lhe fazer sangrar.

Agarrou-me uma das mãos e me ajudou a me levantar. Depois se virou, agitando a capa, para me apresentar aos outros guardas, segurando uma das mãos como se estivéssemos a ponto de fazer uma entrada espetacular por uma escada de mármore. Era um gesto estranho depois do que acabava de acontecer. Me dei conta de que o Doyle se incomodava com a pistola ou sua decisão de me tirá-la ou possivelmente se perguntava se eu tinha mais armas. Estava no mínimo inquieto e estava tentando encobrir isso.

-Um pequeno desentendimento, nada mais -disse.

-Um desentendimento sobre o quê?

A voz pertencia ao Frost, o segundo em comando do Doyle. Deixando de lado o fato de que os dois eram altos, fisicamente eram quase opostos. O cabelo que caía em uma cortina brilhante até os tornozelos do Frost era prateado, com um brilho similar ao da espuma das árvores de Natal. Sua pele luzia tão branca como a minha. Os olhos eram de um cinza plúmbeo, como o céu de inverno antes da tormenta. A cara angulosa mostrava uma beleza arrogante. Seus ombros eram um pouquinho mais largos que os do Doyle, pelo resto os dois tinham pontos em comum e diferenças notáveis.

Usava um colete prateado que lhe caía até justo por cima dos joelhos, combinando com as calças e as botas, também prateados. O cinto de prata, tachonado com pérolas e diamantes, combinava com o pesado colar que adornava seu peito. Todo ele resplandecia como se tivesse sido esculpido de uma única peça de prata, mais estátua que homem. Mas a espada ao seu lado com o punho de prata e osso era claramente real, e embora só mostrasse uma arma, tratando-se do Frost não me cabia dúvida de que levaria mais. A rainha lhe chamava de «meu Assassino Frost». Se em alguma ocasião tinha tido outro nome, não o conhecia. Não usava armas mágicas ou enfeitiçadas: para o Frost, isso era quase o mesmo que ir desarmado.

Olhou-me com aqueles olhos cinzas, claramente receoso.

Conseguí falar, dizer algo para encher o silêncio. O que precisava era distração. Soltei-me da mão do Doyle e dei um passo para frente. Frost se preocupava com sua aparência e sua roupa.

-Frost, que roupa fashion! -Minha voz saiu com força, alguma coisa entre brincadeira e ironia.

Seus dedos se moveram para a borda do colete antes de poder reter-se. Franziu o sobrecenho.

-Princesa Meredith, é um prazer, como sempre.

Uma leve mudança de tom pôs em evidência a brincadeira oculta em suas delicadas palavras. Não me preocupei por isso. Não estava se perguntando pelo que Doyle acabava de esconder, e isso era a única coisa que importava.

-E o que passa comigo? -Disse Rhys.

Dei a volta para encontrar a meu terceiro guarda preferido. Não confiava nele tanto como no Barinthus ou no Galen. Havia um pouco de debilidade no Rhys, a sensação de que não daria a vida por minha honra, mas, à margem disso, podia confiar nele.

Jogou-se a capa e seu cabelo branco e ondulado, comprido até a cintura, sobre um braço, com o qual tive uma visão direta de seu corpo. Rhys media menos de um e setenta, baixo para um guarda. Por isso sabia, era da corte, puro-sangue. Simplesmente tinha saído baixo. Seu corpo estava embutido em um traje branco tão ajustado que alguém sabia de cara que não havia nada debaixo da roupa exceto ele mesmo. Luzia um bordado branco sobre branco

no tecido em torno do pescoço redondo e o ligeiro punho das mangas, e também em torno do círculo talhado sobre seu estômago que revelava uns abdominais como paralelepípedos, do mesmo modo que uma mulher alardeia de seu decote.

Deixou que a capa e o cabelo caíssem de novo a seu lugar. Sorriu com aqueles lábios do Cupido que se correspondiam com uma cara bonita e infantil e um olho azul claro. O olho era um triplo círculo azulado; azul escuro ao redor da pupila, azul celeste e a seguir, um círculo de céu de inverno. O outro olho estava perdido para sempre sob um sulco de cicatrizes. As marcas de arranhões ocupavam o quarto superior direito de seu rosto. Havia um arranhão, separado um par de centímetros de outros, que lhe cortava a pele, perfeita salvo por isso, da parte superior direita da frente até a parte inferior de sua bochecha esquerda, passando pela ponta do nariz. Tinha me contado uma dúzia de histórias diferentes sobre como perdeu o olho. Grandes batalha, gigantes, acredito recordar a um dragão ou dois. Acredito que eram as cicatrizes o que lhe faziam trabalhar seu corpo dessa maneira. Era curto de estatura, mas puro músculo.

Sacudi a cabeça.

-Não sei se parece o boneco de um bolo de despedida de solteira ou um super herói. Poderia ser o Homem Abdominal. -Sorri.

-Mil abdominais cada dia fazem milagres -disse, passando-a mão sobre o ventre.

-Suponho que todo mundo necessita uma distração.

-Onde está sua espada? -Perguntou Doyle.

Rhys o olhou.

-Junto com a tua. A rainha disse que não as necessitamos esta noite.

Doyle olhou ao Frost.

-E o que passa contigo, Frost?

Rhys respondeu com um sorriso fugaz, que fez brilhar seu olho azul.

-A rainha lhe tira uma arma de cada vez. Decretou que tem que estar desarmado quando ela se vista para ir ao salão do trono.

-Não considero prudente que toda sua guarda esteja desarmada -disse Frost.

-Eu tampouco -disse Doyle, -mas ela é a rainha e acataremos suas ordens.

A cara agradável do Frost se escureceu. Se houvesse sido humano, já teria rugas na testa, mas sua cara não as tinha nem as teria nunca.

-A roupa do Frost é correta para um banquete de boas-vindas, mas por que estão você e Rhys vestidos de uma maneira tão...? Gesticulei com as mãos em um intento por encontrar um adjetivo que não resultasse insultante.

-A rainha desenhou pessoalmente meu conjunto -disse Rhys.

-É fantástico – eu disse.

Sorriu.

-Segue dizendo-o quando encontrar ao resto do guarda esta noite.

Pus os olhos como pratos.

-OH, por favor. Ela não está tornado hormônios de novo, está?

Rhys assentiu.

-Hormônios de bebê e seu impulso sexual faz horas extras. -Olhou sua roupa. -É uma pena estar vestido e não ter aonde ir.

-Muita pena – eu disse.

Olhou-me com expressão genuinamente desolada. Sua cara triste me apagou o sorriso.

-A rainha é nossa soberana. Sabe o que faz - afirmou Frost.

Comecei a rir antes de poder me conter.

O olhar do Frost me fez me arrepender da risada. Durante uma fração de segundo vi dor naqueles olhos cinzas. Um instante depois já reconstruía suas defesas. Fechou os olhos para ocultar seus sentimentos, mas já tinha visto o que se escondia atrás daquela cuidadosa fachada, a roupa cara, seu obsessivo cuidado pelos detalhes, sua moralidade rigorosa e sua arrogância. Parte disso era real, mas outra parte era uma máscara.

Nunca tinha gostado de Frost, e esse único episódio significava que já não poderia aborrecê-lo nunca mais. Merda.

-Já não falaremos disto -disse. Voltou-se e se encaminhou para o lugar pelo que tinham vindo. A rainha te espera. -Seguiu andando, sem olhar atrás para comprovar se o seguíamos.

Rhys se colocou a meu lado. Deslizou um braço por meus ombros e me abraçou.

-Me alegro de que tenha retornado.

Apoiei-me nele um momento.

-Obrigado, Rhys.

Sacudiu-me com delicadeza.

-senti saudades, olhos verdes.

Rhys, ainda mais que Galen, falava inglês moderno. Adorava o jargão. Seu autor preferido era Dashiell Hammett; seu filme favorito, *O falcão maltês*, com o Humphrey Bogart. Tinha uma casa fora da cidade das colinas, com eletricidade e televisão. Eu tinha passado alguns fins de semana em sua casa. Tinha me introduzido no mundo dos filmes antigos, e quando eu tinha dezesseis anos tínhamos ido a um festival de *Film Noir* no Tivoli de Saint Louis. Ele usou um casaco e um chapéu de feltro com asa curva. Inclusive me conseguiu roupa de época para que pudesse segurar em seu braço como uma *femme fatale*.

Rhys tinha deixado claro naquela ocasião que me considerava algo mais que uma irmã pequena. Não tínhamos feito nada que pudesse nos custar a vida, mas sim o suficiente para considerá-lo um encontro de verdade. Depois disso, minha tia se assegurou de que não passássemos muito tempo juntos. Galen e eu fazíamos brincadeiras entre nós de uma maneira muito sensual, mas a rainha parecia confiar no Galen, igual a mim. Nenhum de nós confiava o suficiente no Rhys.

Rhys me ofereceu seu braço.

Doyle se colocou a meu outro lado. Pensei que me ofereceria seu próprio braço e que me levariam os dois, mas ao invés disso disse:

-Vai pelo corredor e nos espere -disse.

Frost teria discutido ou inclusive se negado, mas não Rhys.

-É o capitão do Guarda -disse.

Era a resposta de um bom soldado. Dobrou a esquina. Doyle se afastou, me segurando pelo braço, com objetivo de comprovar que Rhys se afastava o suficiente para não poder nos ouvir. Então; Doyle retrocedeu comigo até ficar fora do campo visual do Rhys no caso de que este olhasse por cima do ombro.

Sua mão apertou com força meu antebraço.

-O que mais está levando?

-Confiará no que eu te disser? -Perguntei.

-Se me der sua palavra, sim -disse.

-Quando fui minha vida estava ameaçada, Doyle. Preciso me proteger. Sua mão me apertou com força e me sacudiu pelo braço.

-É minha responsabilidade proteger a corte, especialmente à rainha.

-E é minha responsabilidade me proteger a mim mesma – eu disse.

Continuou baixando a voz.

-Não, é minha responsabilidade. É a responsabilidade de toda a Guarda.

Fiz um gesto de negação com a cabeça.

-Não, você é da guarda da rainha. A guarda do rei protege ao Cel. Não há guarda para a princesa, Doyle. Sou muito consciente disso.

-Sempre tiveste seu contingente de guarda-costas, igual a seu pai.

-E olhe do que lhe serviu – eu disse.

Agarrou-me o outro braço, me obrigando a me pôr nas pontas dos pés.

-Quero que sobreviva, Meredith. Aceita o que ela te oferece esta noite. Não tente lhe fazer mal.

-E se não o quê? Matará-me?

Suas mãos se relaxaram, e pude voltar a apoiar os saltos no chão.

-Me dê sua palavra de que esta era sua única arma e acreditarei.

Não podia mentir na cara, não tinha que lhe dar minha palavra. Olhei ao chão, e depois de novo a seu rosto.

-As Bolas do Ferghus.

Sorriu.

-Devo interpretar isto como que tem mais armas.

-Sim, mas não posso estar aqui desarmada, Doyle. Não posso.

-Sempre terá a um de nós contigo esta noite. Isso posso lhe garantir.

-A rainha foi muito cuidadosa esta noite, Doyle. Pode ser que eu não goste de Frost, mas em certo sentido confio nele. Assegurou-se de que todos os guardas que encontre sejam sidhe nos que confio ou me agradem, mas há vinte e sete guardas da rainha, e outros vinte e sete guardas do rei. Confio em possivelmente meia dúzia deles, dez como muito. O resto me aterrorizam, ou inclusive me feriram no passado. Não vou passear por aqui desarmada.

-Sabe que posso te desarmar -disse.

Assenti.

-Sei.

-Me conte o que leva, Meredith, será mais fácil.

Contei-lhe tudo o que levava. Supunha que insistiria em me revistar ele mesmo, mas não o fez. Acreditou em minha palavra. Alegrei-me de não haver omitido nada.

-Entenda, Meredith. Sou o guarda-costas da rainha antes que ser o teu. Se tentar fazer mal a ela, entrarei em ação.

-Me permite que eu me defenda? -Perguntei.

Refletiu durante um instante.

-Não... Não vou te matar simplesmente porque quer se defender. É mortal e nossa rainha não o é. É a mais frágil das duas. –Lambeu os lábios, sacudiu a cabeça. -Esperemos que não tenha que escolher entre vocês. Não acredito que ela planeja um ato de violência contra ti esta noite.

-O que minha querida tia planeja e o que acontece não é sempre o mesmo. Todos sabemos.

Voltou a negar com a cabeça.

-Possivelmente. -Ofereceu-me seu braço. -Vamos?

Agarrei-lhe o braço delicadamente, dobramos a esquina e chegamos até o Rhys, que nos aguardava pacientemente. Rhys nos viu nos aproximar dele, e a seriedade de seu rosto eu não gostei absolutamente. Estava pensando em algo.

-Te fará mal pensando tanto, Rhys – eu disse.

Riu e baixou o olhar, mas quando voltou a elevar a cabeça, ainda estava sério.

-O que pensa fazer, Merry?

A pergunta me desconcertou, e não tentei dissimular minha surpresa.

-Meu único plano para esta noite é sobreviver e não resultar ferida. Isso é tudo.

Seus olhos se estreitaram.

-Acredito em você. -Mas sua voz soava pouco convincente, como se não estivesse seguro de acreditar. Então sorriu e disse: -Eu lhe ofereci o braço primeiro, Doyle. Está interferindo em meus planos.

Doyle começou a dizer algo, mas eu intervim.

-Tenho dois braços, Rhys.

Seu sorriso se ampliou até converter-se em uma careta. Ofereceu-me o braço e eu o enlacei. À medida que deslocava minha mão por sua manga, dava-me conta de que era minha mão direita, a que ostentava o anel. Mas o anel não reagiu ante o Rhys. Estava quieto, era só uma pequena parte de prata.

Rhys o viu e pôs os olhos em branco.

-É...

-Sim, é -disse Doyle, tranqüilamente.

-Mas... -Começou Rhys.

-Sim -disse Doyle.

-O quê? -Perguntei.

-Saberá quando a rainha considerar oportuno -disse Doyle.

-Os mistérios me dão dor de cabeça – eu disse.

Rhys fez sua melhor imitação do Bogart.

-Então compra uma caixa de aspirinas, querida, porque a noite é uma criança.

Olhei-o.

-Bogart nunca disse isso em um filme.

-Não -disse Rhys com voz normal. -Estava improvisando.

Apertei um pouco seu braço.

-Acredito que senti sua falta.

-Eu sim que senti a sua falta. Ninguém mais na corte sabe que diabos é *Film Noir*.

-Eu sei -afirmou Doyle. Nós dois o olhamos.

-É um filme que não é em cores, verdade?

Rhys e eu nos olhamos mutuamente e começamos a rir. Caminhamos pelo corredor seguidos pelos ecos de nossa própria risada. Doyle não se juntou a nós. Continuou dizendo coisas como «significa filme negro, verdade?».

Isto fez que percorrer os últimos metros até os aposentos privados de minha tia resultasse quase divertido.

Assim que se abriram as duas folhas da porta, a pedra ,mudou. A habitação de minha tia, a habitação da rainha, estava construída com pedra negra. Uma pedra brilhante, quase cristalina, com aspecto de que poderia fazer-se pedacinhos se nos apoiávamos com força. Entretanto, se se golpeava com aço o único que se conseguia era fazer saltar faíscas de cores. Parecia obsidiana, mas era imensamente mais forte.

Frost ficou tão perto da porta da habitação como pôde ou, dito de outro modo, tão longe da rainha como pôde. Permanecia muito erguido, como uma brilhante figura chapeada em meio da escuridão, mas algo em sua maneira de se comportar me dizia que estava perto da porta por uma boa razão. Uma fuga rápida, possivelmente.

A cama, apoiada contra a parede do fundo, estava coberta de lençóis, mantas e inclusive corte. Havia um homem nela, um homem jovem. Seu cabelo era de um loiro do verão, comprido acima e curto para a metade. Seu corpo luzia um suave bronzeado, natural ou possivelmente conseguido sob um abajur de sol artificial. Tinha um braço estendido, com a mão relaxada. Parecia profundamente dormido e terrivelmente jovem. Se tinha menos de dezoito anos, era ilegal em todos os estados, porque minha tia era uma sidhe e os humanos não nos confiavam seus filhos.

A rainha se incorporou, emergindo de entre aquele ninho de colchas e peles negras, só um pouco mais escura que o cabelo que lhe caía por sua cara pálida. Recolheu o cabelo no alto da cabeça formando o que parecia uma coroa negra, salvo pelos três largos cachos de cabelo que lhe caíam pelas costas. O sutiã do vestido era de vinil negro e impregnado e duas finas alças realçavam os ombros brancos de Andais mais que cobria-os. A saia era grossa, e lhe caía ligeiramente por detrás; tinha o aspecto de couro brilhante mas se movia como tecido. Suas mãos estavam embainhadas em luvas de couro que cobriam toda a longitude de seu braço. Seus lábios eram vermelhos; a sombra de olhos, negra e perfeita. Suas pupilas tinham três tonalidades diferentes de cinza, desde carvão até nuvem de tempestade e céu pálido de inverno. A última cor era tão pálida que parecia branco. Por último, a maquiagem escura contribuía a ressaltar uns olhos extraordinários.

Antigamente, a rainha tinha podido vestir-se com tecidos de aranha, escuridão e sombras: os seres sobre os que governava teciam ao desejo da rainha. Mas agora estava fascinada pela roupa de desenho e por seu modista particular. Era só um sintoma mais do poder que tínhamos perdido. Meu tio, o rei da corte da Luz, ainda podia se vestir de luz e ilusão. Alguns pensavam que isto demonstrava que a corte da Luz era mais poderosa que a da Escuridão, mas jamais se atreveram a dizê-lo diante de tia Andais.

Ao se levantar a rainha, viu-se um segundo homem, embora este não era mortal. Tratava-se do Eamon, o consorte real. Seu cabelo negro lhe caía em ondas delicadas e grossas ao redor da cara. As suas pálpebras pesadas eram evidente, por sono ou por... outras coisas. Frost e Rhys se apressaram a situar-se ao lado da rainha. Ambos a pegaram pela mão, enluvada em couro, e o cotovelo e a levantaram por cima do homem loiro. A saia negra se formou redemoinhos a seu redor, deixando entrever várias anáguas negras e um par de sandálias de verniz que mantinham ao descoberto a maior parte de seus

pés. Quando a levantaram e a depositaram graciosamente no chão, quase pensei que começaria a soar música e a aparecer bailarinos desde algum lugar. Minha tia era certamente capaz de provocar esta ilusão.

Apoiei-me em um joelho, e meu vestido era o bastante largo para fazer que o gesto parecesse garboso. O tecido voltaria para seu lugar quando me levantasse, um dos motivos pelos que o tinha escolhido. A liga estava apertada contra o tecido, mas a única coisa que podia adivinhar debaixo da roupa granada era que no mínimo usava uma liga. A faca não se via. Ainda não inclinei a cabeça. A rainha estava atuando e queria ser observada.

A rainha Andais era sem dúvida uma mulher alta, inclusive para os critérios atuais: mais de um metro e oitenta. Sua pele brilhava como alabastro gentil e a perfeita linha negra das sobrancelhas e suas grossas pestanas constituíam um surpreendente contraste.

Inclinei a cabeça, porque era o que se esperava de mim, e a mantive baixa, com o qual a única coisa que podia ver era o chão e minha própria perna. Ouvi como sua saia se deslizava pelo chão. Seus saltos fizeram um som agudo ao passar do tapete ao chão de pedra. As ligas se levantavam em uníssono à medida que caminhava para mim, e descobri que era um mini ataque, áspero e incômodo em contato com a pele.

Finalmente, apareceu uma parte de saia negra no chão, a meus pés. Sua voz era baixa, um contralto gracioso:

-Saudações, princesa Meredith NicEssus, Filha da Paz, Veneno de Besaba, filha de meu irmão.

Mantive a cabeça inclinada, e a manteria assim até que me desse permissão para elevá-la. Não tinha me chamado de sobrinha, embora tinha reconhecido nosso parentesco. Era um ligeiro insulto não mencionar a relação familiar que nos unia, mas até que não me chamasse de sobrinha, não a podia chamar de tia.

-Saudações, rainha Andais, Rainha do Ar e da Escuridão, Amante da Carne Branca, irmã do Essus, meu pai. Vim das regiões ao oeste a teu pedido. O que quer de mim?

-Nunca entendi como o faz -disse.

Mantive o olhar baixo.

-O que, minha rainha?

-Como pode dizer exatamente as palavras corretas com exatamente o tom de voz correto e mesmo assim não soar sincera, como se achasse tudo terrível, terrivelmente tedioso.

-Desculpo-me se te ofendi, minha rainha.

Esta era a resposta mais segura que podia oferecer, porque efetivamente achava tudo terrível, terrivelmente tedioso. Simplesmente, não tinha pensado que se manifestaria tão claramente em minha voz. Estava ali de joelhos, com a cabeça inclinada, esperando que me autorizasse a me levantar. Nem com saltos de cinco centímetros poderia agüentar muito tempo nesta posição. Custava-me manter o equilíbrio. Se Andais o desejava, podia me deixar como estava durante horas, até que minha perna inteira dormisse, à exceção de um ponto de dor no joelho, onde descansava quase todo meu peso. Meu recorde de permanecer de joelhos era de seis horas e o tinha conseguido depois de romper o toque de silêncio, quando tinha dezessete anos. Teriam me deixado mais tempo, mas ou dormi ou desmaiei, não tenho certeza.

-Cortaste-te o cabelo -disse minha tia.

Estava começando a memorizar a textura do chão.

-Sim, minha rainha.

-Por que o cortou?

-Usar o cabelo quase até os tornozelos te marca como sidhe de alta corte. Tenho-me feito passar por humana.

Senti que se inclinava para mim. Sua mão me levantou o cabelo, deslocou seus dedos por ele.

-Assim, sacrificou seu cabelo.

-É muito mais fácil de cuidar assim curto – eu disse, com a voz tão neutra como pude.

-Te levante, sobrinha.

Levantei-me lenta e cuidadosamente.

-Obrigado, tia Andais.

De pé, via-me tremendamente baixa, comparada com sua alta e nobre presença. Com saltos, ela era uns trinta centímetros mais alta que eu. A maior parte do tempo não tenho consciência de ser baixa, mas minha tia tinha intenção de me recordar isso queria me fazer sentir pequena.

Olhei-a e lutei por não sacudir a cabeça e suspirar. Junto com o Cel, Andais era o que eu menos gostava da corte da Escuridão. Observei-a com olhos tranquilos e me concentrei em não exalar nenhum suspiro.

-Estou-te aborrecendo? -Perguntou.

-Não, tia Andais, é obvio que não.

A expressão não tinha me traído. Tinha praticado durante anos a expressão de indiferença. Entretanto, Andais tinha tido séculos para aperfeiçoar seu estudo das pessoas. Não podia ler nossas mentes, mas sua consciência da menor mudança na linguagem corporal, na respiração, era quase tão útil como a autêntica telepatia.

As sobrancelhas perfeitas de Andais se enrugaram ligeiramente quando me olhou.

-Eamon, leve a nosso mascote e lhe vista para o banquete na outra habitação.

O consorte real deu um salto da cama de brocado púrpura de entre o matagal de almofadas e o pôs antes de levantar-se. O cabelo lhe caía em uma negra juba emaranhada quase até os tornozelos. O púrpura escuro da bata não servia tanto para lhe esconder o corpo para emoldurar sua pele branca.

Inclinou ligeiramente a cabeça ao passar perto de mim. Eu fiz o mesmo. Deu a Andais um beijo delicado na bochecha e caminhou para a pequena porta que conduzia ao dormitório menor e ao banheiro situado atrás. A instalação de água corrente era uma das comodidades modernas que a corte tinha adotado.

O loiro se sentou na borda da cama, nu. Levantou-se, estirando seu corpo até formar uma larga linha de carne bronzeada. Lançou-me um olhar enquanto o fazia, e quando se deu conta de que o estava observando, sorriu. Seu sorriso era depredador, lasciva, agressiva. Os «mascotes humanos» nunca entendiam bem a nudez despreocupada dos guardas.

O loiro se dirigiu para nós rebolando. Provocador. Não era sua nudez o que me fazia sentir incômoda, a não ser sua expressão.

-Suponho que é novo – eu disse.

Andais dedicou ao homem um olhar gélido. Tinha que ser muito novo para não dar-se conta do que significava aquele olhar. Não gostava, não gostava absolutamente.

-Diga a ele o que pensa de seu alarde, sobrinha.

Sua voz era muito tranqüila, mas havia um tom subjacente que quase podia sentir na língua, como algo amargo entre doces. Olhei ao jovem desde seus pés nus até seu cabelo recém cortado. Sorria enquanto o fazia, aproximando-se de mim, como se o olhar fosse um convite. Decidi acabar com seu sorriso.

-É jovem e bonito, mas Eamon está melhor dotado.

Isto deteve o mortal e lhe fez torcer o gesto. Recuperou o sorriso, mas tinha perdido toda sua segurança.

-Não acredito que saiba o que significa *dotado* -disse Andais.

Olhei-a.

-Nunca os escolheste por sua inteligência – eu disse.

-Não se deve falar com seu mascote, Meredith. Já deveria saber.

-Se quiser um mascote, arrumarei um cão. Isto... -Assinalei ao jovem. - Resulta-me muito caro de manter.

O jovem estava franzindo o sobrecenho, nos olhando às duas, obviamente descontente e também desconcertado. Andais tinha quebrado uma de minhas normas fundamentais para o sexo. Independentemente de quão cuidadosa você seja, pode acabar grávida. Este é o motivo para que serve o sexo no final das contas. Assim, não te deite nunca com ninguém que seja mesquinho ou estúpido. O loiro era bonito, mas não o bastante para compensar o assombro de seu rosto.

-Vai com o Eamon. Lhe ajude a vestir-se para o banquete -disse Andais.

-Posso ir ao baile de esta noite, minha senhora? -Perguntou.

-Não -disse.

Voltou-se para mim, como se o mortal tivesse deixado de existir. Quando me olhou percebi nela um sombrio temor. Sabia que a tinha insultado, mas não estava muito segura de quanto. Seu olhar me fez estremecer. Havia pessoas na corte muito mais feias que seu novo mascote com a que me teria deitado antes.

-Não o aprova -disse.

-Seria presunçoso por minha parte aprovar ou desaprovar as ações de minha rainha – eu disse.

Pôs-se a rir.

-Já está outra vez, dizendo exatamente o que teria que dizer, mas obtendo que soe como um insulto.

-Me perdoe – eu disse, e comecei a me ajoelhar de novo.

Colocou uma mão no braço para me deter.

-Não, Meredith, não. A noite não durará eternamente, e você está em um hotel. De maneira que não temos muito tempo. -Apartou sua mão sem me fazer mal. -Certamente, não temos tempo para jogos, verdade?

Olhei-a, estudei sua cara sorridente, e tentei decidir se era sincera ou se se tratava de algum tipo de armadilha. Finalmente, disse:

-Se desejas jogar, minha rainha, então me honrarei em ser incluída. Se houver questões que atender, honro-me então em que também me inclua, tia Andais.

Voltou a rir.

-OH, boa garota, por me recordar que é minha sobrinha, meu parente de sangue. Tem medo de meu caráter, não confia nele, assim que me recorda o que verdadeiramente vale para mim. Muito bem.

Não parecia uma pergunta, de modo que não disse nada, porque além disso tinha toda a razão.

Olhou-me à cara, mas disse:

-Frost.

O guarda se aproximou dela, com a cabeça inclinada.

-Minha rainha.

-Vá a sua habitação e coloque a roupa que tenho feito confeccionar para ti, para esta noite.

Ajoelhou-se.

-A roupa não fica... Bem, minha rainha.

Vi como a luz morria em seus olhos, deixando-os tão frios e vazios como um céu branco de inverno.

-Sim –disse, -sim fica bem. Fizeram-na para ti. -Agarrou um montão de seu cabelo de prata e lhe levantou a cabeça. -Por que não a vestiu? -Passou a língua por seus lábios.

-Minha rainha, a outra roupa me resultava incômoda.

Andais inclinou a cabeça igual a um corvo quando olha os olhos de um enforcado antes de comê-lo.

-Incômoda, incômoda. Ouve-o, Meredith? A roupa que desenhei lhe resultava incômoda.

Jogou a cabeça do Frost para trás, tanto que pude ver o batimento do pulso em seu pescoço.

-Ouvi, tia Andais – eu disse, e desta vez minha voz era tudo quão neutra podia, anódina e vazia. Alguém estava a ponto de resultar ferido, e não queria ser eu. Frost estava louco. Eu teria posto essa roupa.

-O que acha que deveríamos fazer com nosso desobediente Frost? - Perguntou.

-Lhe obrigar a retornar a sua habitação e trocar-se de roupa – eu disse.

Empurrou a cabeça do guarda até lhe dobrar a coluna vertebral e intuí que podia lhe romper o pescoço com apenas um pouco mais de pressão.

-Isso não é castigo suficiente, sobrinha. Desobedeceu uma ordem direta minha. Isso não está permitido.

Tentei pensar em algo que Andais encontrasse divertido, sem fazer mal ao Frost. Minha mente ficou em branco. Nunca tinha sido particularmente boa neste jogo em concreto. Então, tive uma idéia.

-Falou que não jogaríamos mais esta noite, tia Andais. A noite é curta.

Soltou ao Frost tão abruptamente que caiu ao chão de quatro patas. Estava ajoelhado, com a cabeça inclinada e seu cabelo prateado lhe tampando a cara como uma cortina.

-Assim é -disse Andais. -Doyle!

Doyle se apresentou ante a rainha, inclinando a cabeça.

- Minha senhora?

Olhou-o, e com isto bastou. Deixou-se cair sobre um joelho. A capa se abriu a seu redor como água negra. Estava ajoelhado ao lado do Frost, tão perto dele que seus corpos quase se tocavam.

Andais pôs uma mão em cada uma das cabeças de seus guardas, um toque ligeiro esta vez.

-Que par mais bonito, não te parece?

-Sim – eu disse.

-Sim o quê? -Disse.

-Sim, são um bonito par, tia Andais – eu disse.

Assentiu, como se a tivesse agradado.

-Encarrego-te, Doyle, levar ao Frost a sua habitação e comprovar que use a roupa que tenho feito confeccionar para ele. Lhe leve ao banquete com essa roupa ou entrega-o ao Ezekial para que seja torturado.

-Como deseja minha senhora, assim se fará -disse Doyle. Levantou-se e pegou o braço do Frost para pô-lo em pé.

Os dois se encaminharam para a porta, com as cabeças inclinadas. Doyle me dirigiu um olhar enquanto se foram. Possivelmente se desculpava por me deixar a sós com ela, ou me advertia de algo. Não pude decifrá-lo. Mas se foi da habitação com minha pistola ainda na cartucheira. Eu teria gostado de ter a arma.

Rhys se deslocou para colocar-se ao lado da porta, como um bom guarda. Andais observou seu movimento igual aos gatos quando olham aos pássaros, mas o que disse foi bastante suave.

-Espera fora, Rhys. Quero falar em particular com minha sobrinha.

Seu rosto denotou surpresa. Olhou-me, como se estivesse solicitando minha permissão.

-Obedece, ou quer ir com os outros a ver o Ezekial?

Rhys negou com a cabeça.

-Não, senhora, farei o que me ordena.

-Sai -disse.

Ao sair me olhou de esquelha uma vez mais, mas fechou a porta detrás dele. A habitação se tornou de repente muito, muito silenciosa. O som do vestido de minha tia ao mover-se pelo corredor ressonava em meio da calma, como as escamas secas de uma serpente enorme. Caminhou até o extremo da habitação, onde uns degraus conduziam a uma pesada cortina negra. Abriu a cortina para revelar uma mesa de madeira com uma cadeira esculpida a um lado e um tamborete sem respaldo no outro. Havia um tabuleiro de xadrez sobre a mesa redonda, cujas pesadas peças estavam gastas pelo roce de mãos que as tinham deslizado sobre o mármore ao longo de séculos. O tabuleiro de mármore tinha literalmente estrias, como caminhos criados por pisadas repetidas.

Havia uma caixa de armas apoiada contra a parede arredondada do grande quarto, cheia de rifles e de pistolas. Duas molas de suspensão penduravam da parede em cima da caixa de madeira. Sabia que as flechas estavam debaixo, depois das portas fechadas da parte inferior, junto com as munições. Havia um luzeiro do alvorado, com uma bola cravejada ao extremo de uma cadeia e uma maçã, montado a um lado da caixa de armas. Estavam cruzadas como as espadas do outro lado da caixa. Debaixo da maçã e o luzeiro do alvorado havia um enorme escudo com a marca de Andais na superfície: um corvo, um mocho e rosas vermelhas. O escudo do Eamon estava debaixo das espadas cruzadas. Na parede tampouco faltavam correias para pulsos e tornozelos. Em cima destas, um látego enroscado como uma serpente pendurava de um gancho. Um látego mais pequeno pendurava por cima das correias da direita. Teria dito que era um açoite de nove nós, mas tinha muitos mais, cada um rematado por uma pequena bola de ferro e um gancho de aço.

-Vejo que seus hobbies não trocaram – eu disse. Tentei ser neutra, mas a voz me traiu. Às vezes, quando ela abria a cortina, a gente jogava xadrez. Outras vezes não.

-Vêem, Meredith, sente-se. Vamos conversar. -Sentou-se na cadeira de alto respaldo, colocando-a cauda de seu vestido sobre um braço para que não se enrugasse. Indicou-me o tamborete. -Sente-se, Meredith. Não mordo. -Sorriu, e a seguir estalou em uma gargalhada. -Ao menos, de momento.

Era o mais parecido a uma promessa de que não me faria mal –ainda. Sentei-me no alto tamborete, com os saltos de meus sapatos enlaçados em uma das barras de madeira para não perder o equilíbrio. Acredito que em ocasiões Andais ganhava partidas de xadrez simplesmente porque seu rival caía de costas.

Toquei o extremo do pesado tabuleiro de mármore.

-Meu pai me ensinou a jogar xadrez no tabuleiro gêmeo deste –eu disse.

-Não precisa me recordar outra vez que é a filha de meu irmão. Não tenho intenção de te fazer mal esta noite.

Acaricieei o tabuleiro e a olhei, notando naqueles agradáveis mas perigosos olhos.

-Possivelmente iria com menos cautela se não dissesse coisas como «não tenho intenção de te fazer mal esta noite», possivelmente poderia dizer simplesmente «não tenho intenção de te fazer mal». -Formulei-o a meio caminho entre a pergunta e a afirmação.

-OH, não, Meredith. Dizer isso seria como mentir, e nós não mentimos. Podemos falar até que pense que o negro é branco e que a lua é feita de queijo tenro, mas não mentimos.

-Assim, tem a intenção de me fazer mal, só que não esta noite – eu disse, tão tranqüilamente como pude.

-Não te farei mal se não me obrigar.

Olhei-a então, franzindo o sobreceixo.

-Não entendo, tia Andais.

-Perguntaste-te alguma vez por que faço celibatários a meus formosos homens?

A pergunta era tão inesperada que me limitei a olhá-la durante um ou dois segundos. Finalmente, abri a boca e pude falar.

-Sim, tia, perguntei-me isso. -Em realidade, tinha sido o grande debate durante séculos: por que o tinha feito?

-Durante séculos, os homens de nossa corte pulverizaram suas sementes muito longe. Havia muitos com sangue mesclado, mas cada vez menos sidhe de sangue puro. Por isso os obriguei a conservar suas energias.

Olhei-a.

-Então, por que não lhes conceder acesso às mulheres da alta corte?

Tornou-se para trás na cadeira, e suas mãos enluvadas em couro acariciaram os braços de madeira esculpida do móvel.

-Porque queria que continuasse minha linha sangüínea, não a sua. Houve uma época em que teria preferido morrer antes de que herdasse meu trono.-

Procurei seus olhos pálidos.

-Sim, tia Andais.

-Sim, o quê?

-Sim, eu sei.

-Vi que os mestiços se apoderavam de toda a corte. Os humanos não só nos tinham ameaçado clandestinamente, mas também seu sangue estava corrompendo nossa corte.

-Estou de acordo, tia, acredito que os humanos sempre nos engendraram. Tem algo que ver com o fato de que são mortais.

-Essus me disse que era sua filha. Que te amava. Também me disse que seria uma rainha excelente algum dia. Ri dele. -Olhou-me no rosto. -Agora não estou rindo, sobrinha.

Pisquei.

-Não entendo, tia.

-Tem sangue do Essus em suas veias. O sangue de minha família. É melhor que continue um pouco de meu sangue que nada. Quero que continue nossa linha sangüínea, Meredith.

-Não estou segura do que quer dizer com «nossa», tia. -Embora me assustava pensar que sim sabia.

-Nossa, nossa, Meredith, a tua, a minha, a do Cel.

A inclusão do meu primo na lista fez que me formasse um nó no estômago. Não era desconhecido entre elfos casar-se com familiares próximos. Se era isso o que tinha em mente, estava em uma boa confusão. O sexo não é um destino pior que a morte. O sexo com meu primo Cel podia ser.

Olhei as peças de xadrez porque não confiava em minha expressão. Não ia me deitar com o Cel.

-Quero que continue nossa linhagem sangüínea, Meredith, a qualquer preço.

Finalmente levantei a cabeça, com rosto inexpressivo.

-Qual pode ser esse preço, tia Andais?

-Nada tão desagradável como o que parece que está pensando. De verdade, Meredith, não sou sua inimiga.

-Se me permitir a ousadia, tia, tampouco é minha amiga.

Assentiu.

-É totalmente certo. Você não significa nada para mim além da possibilidade de continuar nossa linhagem.

Não pude evitar sorrir.

-Tem graça o que acabo de te dizer? -Perguntou.

-Não, tia Andais, sem dúvida não tem nenhuma graça.

-Muito bem, me deixe falar francamente. Tirei de minha mão o anel que leva na tua.

Olhei-a. Não parecia albergar más intenções. Em realidade, não parecia saber nada da tentativa de assassinato no carro.

-É um presente muito apreciado – eu disse, mas não convenci nem a mim mesma.

Ou não o ouviu ou não fez conta.

-Galen e Barinthus me contaram que o anel volta a reviver em sua mão. Estou mais contente do que te possa imaginar, Meredith.

-Por quê? -Perguntei.

-Porque se o anel tivesse permanecido apagado em sua mão, isto significaria que é estéril. O fato de que o anel viva é prova de sua fertilidade.

-Por que reage ante qualquer um que o toque?

-Ante quem mais reagiu, além do Galen e Barinthus? -perguntou.

-Ante o Doyle e Frost.

-E ante o Rhys não? -Perguntou.

Neguei com a cabeça.

-Não.

-Tocou a prata com sua pele nua?

Comecei a dizer que sim, e a seguir pensei sobre isso.

-Parece-me que não, acredito que só lhe toquei a roupa.

-Tem que ser pele ao nu -disse Andais. -Até o mais fino tecido pode pará-lo.

Inclinou-se para frente, colocando suas mãos em cima da mesa, agarrando uma torre de xadrez capturada, lhe dando a volta com suas mãos com luvas. Se fosse qualquer outra pessoa, teria pensado que estava nervosa.

-Vou rescindir a ordem de celibato para minha Guarda.

-Minha senhora – eu disse, com a voz doce pela respiração que tinha tomado. -É uma notícia maravilhosa. -Tinha melhores adjetivos, mas fiquei em maravilhoso. Nunca era bom mostrar-se muito agradado ante a rainha. Embora não deixava de me perguntar por que me contava isso em primeiro lugar.

-O compromisso ficará levantado para ti e só para ti, Meredith. -Concentrou-se na peça de xadrez, sem me olhar aos olhos.

-Perdão, senhora. -Nem tão sequer tentei dissimular a surpresa.

Levantou o olhar.

-Quero que continue nossa linha de sangue, Meredith. O anel reage ante os guardas que ainda podem engendrar filhos. Se o anel ficar quieto, não se preocupe por eles. Mas se o anel reage, então pode se deitar com eles. Quero que escolha a vários guardas para te deitar com eles. Não me importa quem, mas dentro de três anos quero teu menino, um filho de seu sangue. -Deixou a peça de xadrez e me olhou.

Lambi-me os lábios e tentei pensar em uma maneira educada de expor as perguntas.

-Esta é uma oferta muito generosa, minha rainha, mas quando diz vários, o que quer dizer exatamente?

-Quero dizer que deveria escolher a mais de dois; três ou mais de uma vez.

Fiquei parada durante alguns segundos, porque novamente me faltava informação e não queria me mostrar grosseira.

-Três de uma vez, de que maneira, senhora?

Franziu o sobrecenho.

-OH, Por Deus, faça logo estas perguntas, Meredith!

-De acordo – eu disse, -quando diz três ou mais de uma vez, quer dizer literalmente na cama comigo de uma vez, ou só sair com três deles de uma vez?

-Como quer interpretá-lo –disse. -Os leve à cama um por um, ou todos de uma vez, desde que os leve.

-Por que têm que ser três ou mais de uma vez?

-É uma perspectiva tão horrível escolher entre alguns dos homens mais belos da terra? Conceber um menino de um deles e continuar a linhagem? É isso tão terrível?

Olhei-a, tentando decifrar aquele belo rosto, mas sem êxito.

-Passo liberar os homens do celibato, mas, querida tia, não faça de mim sua única possibilidade. Rogo-lhe isso. Atirarão-se um em cima do outro como lobos famintos, e não porque eu seja um prêmio fantástico, mas sim porque sempre é melhor alguém que ninguém.

-Esta é a razão pela que insisto em que te deite com mais de um de uma vez. Tem que te deitar com a maioria deles antes de fazer sua eleição. Para que todos sintam que tiveram uma oportunidade. Pelo resto, tem razão. Haverá

duelos até que não fique ninguém em pé. Faz que se esforcem em te seduzir em lugar de em matá-los uns aos outros.

-Eu gosto do sexo, minha rainha, e não tenho intenções de ser monógama, mas há alguns de seus Guardas aos que não posso dirigir a palavra, e o sexo é algo mais que uma conversa educada.

-Farei-te minha herdeira -disse, com uma voz muito tranqüila.

Olhei seu rosto impenetrável. Não dava crédito a meus ouvidos.

-Poderia-o repetir, por favor, minha rainha?

-Farei-te minha herdeira -disse. Olhei-a.

-E o que pensa disso meu primo Cel?

-Aquele entre vós que me dê uma criança primeiro, herdará o trono. Não é isto agradável de ouvir?

Levantei-me, muito abruptamente, e o tamborete caiu ao chão. Olhei-a durante um décimo de segundo. Não estava segura do que dizer, porque o acontecido não me parecia real.

-Vou particularizar humildemente, tia Andais, que eu sou mortal e você não. Certamente sobreviverá alguns séculos. Inclusive se parisse um filho, nunca ocuparia o trono.

-Cederei-te meu posto -disse.

Soube que estava jogando comigo. Tudo era uma espécie de jogo. Tinha que ser.

-Uma vez contou a meu pai que ser rainha era toda sua existência. Que você gostava de ser rainha mais que algo ou qualquer pessoa.

-Querida, tem uma grande memória para conversações escutadas às escondidas.

-Sempre falaste sem disfarces ante mim, tia, como se fosse um de seus cães. Quase me afogou quando tinha seis anos. Agora me diz que abdicaria por mim. Que coisa do reino dos bem-aventurados pode te haver feito trocar de opinião tão completamente?

-Lembra-te do que Essus me respondeu aquela noite? -Perguntou.

Neguei com a cabeça.

-Não, minha rainha.

-Essus disse: «Inclusive se Merry não chegar nunca ao trono, será mais rainha ela que Cel rei».

-Aquele noite bateu nele – eu disse. -Nunca recordo por quê.

Andais assentiu.

-Este era o motivo.

-Assim, não está contente com seu filho.

-Isso é meu assunto -disse.

-Se me eleva a concorrente com o Cel, será o meu. -Tinha a abotoadura na bolsa. Pensei em mostrar a ela, mas não o fiz. Andais tinha vivido negando o que era Cel e do que era capaz durante séculos. Falar com a rainha contra Cel era arriscado. Afinal, a abotoadura podia pertencer a um dos guardas, embora não me ocorria nenhum motivo para que, sem que pedisse o Cel, algum guarda pudesse desejar minha morte.

-O que quer, Meredith? O que quer que te possa dar e que mereceria que fizesse o que te peço?

Estava me oferecendo o trono. Barinthus estaria agradado. Estava-o eu?

-Está segura de que a corte me aceitará como rainha?

-Anunciarei-te como Princesa da Carne esta noite. Ficarão impressionados.

-Se acreditarem – eu disse.

-Farão-o se eu os ordenar -disse.

Olhei-a, estudei sua cara. Acreditava em suas palavras. Andais se superestimava. Mas uma arrogância tão absoluta era típica das sidhe.

-Vêm pra casa, Meredith, não pertence aos humanos.

-Como me recordaste muitas vezes, tia, sou humana em parte.

-Faz três anos estava contente e feliz. Não tinha intenções de nos abandonar. -Acomodou-se em sua cadeira, me olhando, me permitindo estar de pé ante ela. -Sei o que fez Griffin.

Procurei seus olhos pálidos, mas não pude sustentar seu olhar. Não havia piedade nela, só frieza, como se quisesse simplesmente observar minha reação, nada mais.

-Seriamente acha que fui da corte por causa do Griffin?

Não oculte minha surpresa. Ela não podia acreditar honestamente que tivesse ido da corte porque alguém tinha quebrado meu coração.

-A última briga que tiveram os dois foi muito pública.

-Lembro da briga, queridíssima tia, mas não é esse o motivo pelo qual fui da corte. Fui porque não ia sobreviver ao próximo duelo.

Fez caso omissivo de minha afirmação. Nesse momento, dava-me conta de que nunca acreditaria do que era capaz seu filho, a não ser que o mostrasse além de toda dúvida. Não dispunha de uma prova irrefutável, e sem isso não podia lhe comunicar minhas suspeitas, não sem arriscar minha vida.

Andais continuou falando do Griffin como se ele fosse o verdadeiro motivo de minha partida.

-Mas foi Griffin quem começou a briga. Foi ele quem queria saber por que não estava em sua cama e em seu coração como antes. Tinha-o estado perseguindo pela corte durante noites, e de repente era ele quem ia atrás. O que fez para que trocasse de opinião tão depressa?

-Rechacei-o em minha cama. -Olhei-a nos olhos, mas não havia diversão neles, só uma intensidade constante.

-E isso bastou para fazer que te perseguisse em público como uma lavadeira zangada?

-Acredito que estava convencido de que o perdoaria, de que o castigaria durante um tempo e depois voltaria a aceitá-lo. Essa última noite se convenceu por fim de que não falava por falar.

-O que lhe disse? -Perguntou.

-Que ele não voltaria a estar nunca mais comigo deste lado da tumba.

Andais cravou seu olhar em mim.

-Ainda o ama?

-Não.

-Mas ainda sente algo por ele. -Não era uma pergunta.

Neguei com a cabeça.

-Sinto algo sim, mas nada bom.

-Se ainda quer ao Griffin, pode o ter um ano mais. Se até então ainda não estiver grávida, pedirei-te que escolha a outro.

-Não quero ao Griffin, já não lhe amo.

-Percebo um lamento em sua voz, Meredith. Está segura de que não é ele a quem quer?

Suspirei, e apoiei as mãos no tabuleiro da mesa. Sentia-me incômoda e cansada. Tinha me esforçado muito por não pensar no Griffin e no fato de que o veria essa noite.

-Se ele pudesse sentir por mim o que eu sentia por ele, se pudesse estar tão apaixonado por mim como eu estive por ele, então lhe quereria, mas não pode. Não pode ser de outra forma de como é, nem eu tampouco. -Olhei-a através da mesinha.

-Pode lhe incluir na luta por seu coração, ou pode lhe excluir da competição. Você decide.

Assenti e me endireitei.

-Obrigado, queridíssima tia.

-Por que estas palavras saem de seus lábios como o mais vil dos insultos?

-Não pretendia insultar.

Fez-me calar.

-Não te incomode, Meredith. Perdeu-se o afeto entre nós. As duas sabemos. -Olhou-me dos pés a cabeça. -Sua vestimenta é aceitável, embora não é a que eu teria escolhido.

Sorri, mas não era um sorriso alegre.

-Se tivesse sabido que iria me nomear herdeira esta noite, teria posto um Tommy Hilfiger original.

A rainha riu e ficou em pé entre um sussurro de saias.

-Pode comprar todo um guarda-roupa novo, se quiser. Ou podemos fazer que os modistas da corte desenhem um para ti.

-Estou bem assim – eu disse, -mas obrigado pela oferta.

-É independente, Meredith. Nunca me agradou essa sua característica.

-Eu sei – eu disse.

-Se Doyle tivesse dito nas terras do oeste o que tinha reservado para ti esta noite, teria vindo voluntariamente ou teria tentado fugir?

Olhei-a.

-Está me nomeando herdeira. Permite que eu me deite com toda a Guarda. Não é um destino pior que a morte, tia Andais. Ou acaso há algo do que não me tenha falado ainda?

-Pegue o tamborete, Meredith. Vamos deixar a habitação como estava, tudo bem?

Baixou os degraus de pedra para a porta que se abria na contrária.

Eu peguei o tamborete, mas eu não gostava que não tivesse respondido a minha pergunta. Ainda não havia me dito tudo.

Chamei-a antes de que abrisse a pequena porta.

-Tia Andais.

Voltou-se.

-Sim, sobrinha.

Sua expressão era vagamente divertida, de condescendência.

-Se o feitiço de luxúria que colocou no carro tivesse funcionado e Galen e eu tivéssemos feito amor, teria nos matado

Piscou, e o leve sorriso que tinha mostrado desapareceu.

-Feitiço de luxúria? Do que fala?

O contei.

Fez um gesto de negação com a cabeça.

-Não era meu feitiço.

Levantei a mão e o anel brilhou.

-Mas o feitiço utilizou seu anel para alimentar seu poder.

-Dou-te minha palavra, Meredith. Não pus nenhum tipo de feitiço na Limusine Negra. Limitei-me a deixar o anel ali para que o encontrasse, isso é tudo.

-Deixou o anel ou o deu a alguém para que o pusesse na limusine? - Perguntei.

Recusou meu olhar.

-O coloquei lá.

Sabia que estava mentindo.

-Conhece alguém mais seu plano de rescindir a ordem de celibato no que a mim concerne?

Negou com a cabeça, e um cacho negro e comprido escorregou por seu ombro.

-Eamon sabe, ninguém mais, e sabe guardar segredo.

Assenti.

-Sim, é certo. -Minha tia e eu nos olhamos mutuamente, uma a cada extremo da habitação, e vi como se formava a idéia em seus olhos e se estendia por seu rosto.

-Alguém tentou te assassinar -disse.

Assenti.

-Se Galen e eu tivéssemos feito amor, teria podido me matar por isso. O destino do Galen parece um acidente em tudo isto.

A ira iluminou seu rosto como uma vela dentro de um copo.

-Sabe quem o fez -afirmei.

-Não sei, mas sei quem sabia que seria ser nomeada co-herdeira.

-Cel – eu disse.

-Tinha que lhe preparar -acrescentou.

-Sim.

-Ele não fez isso - disse, e pela primeira vez havia em sua voz algo semelhante ao protesto que se detecta na voz de uma mãe quando defende a seu filho.

Limitei-me a olhá-la com rosto inexpressivo. Era o melhor que podia fazer, porque conhecia o Cel. Não cederia sua primogenitura simplesmente pelo desejo de sua mãe, rainha ou não.

-O que fez Cel para te zangar? -Perguntei.

-Digo-te, igual a o disse a ele, que não estou zangada com ele. Mas sua voz trasluzia um protesto muito forte. Pela primeira vez essa noite, Andais se tinha posto à defensiva, e isso eu gostava.

-Cel não acreditou, verdade?

-Conhece meus motivos -disse.

-Importaria-te compartilhá-los comigo? -Perguntei.

Sorriu com o primeiro sorriso genuíno daquela noite. Um movimento de lábios quase incômodo. Assinalou-me com um dedo enluvado.

-Não, meus motivos só me concernem . Quero que escolha a alguém para sua cama esta noite. O leve ao hotel. Não me importa quem seja, mas quero começar esta noite.

O sorriso se apagou. Voltava a ser ela, impenetrável, fria, misteriosa e ao mesmo tempo, absolutamente óbvia.

-Nunca me entendeste, tia.

-E o que quer dizer com isso, se se pode saber?

-Quero dizer, queridíssima tia, que se tivesse guardado esta última ordem, provavelmente eu teria levado alguém à cama esta noite. Mas ao me ordenar que o faça me faz sentir como uma puta de palácio. Eu não gosto.

Levantou-se as saias de maneira que a cauda se deslizasse atrás dela, e caminhou para mim. À medida que se movia, seu poder começou a desdobrar-se, alagando a habitação como faíscas invisíveis que me mordiam a pele. As duas primeiras vezes saltei, depois fiquei ali e deixei que seu poder me roesse a pele. Levava aço, mas umas poucas facas nunca me tinham bastado para resistir sua magia. Tinham que ser meus próprios poderes recém descobertos os que impedissem que a situação fosse a pior.

Seus olhos se estreitaram quando se plantou ante mim. Eu estava em cima da pequena plataforma, de modo que ficávamos à mesma altura. Sua magia saiu dela como uma parede de força que avançava. Tive que fazer força com os pés como se estivesse de pé frente o vento. A pequena queimação das mordidas se converteu em uma dor constante como estar de pé ante um forno; sem tocar a superfície vermelha, mas sabendo que com apenas um pequeno empurrão, sua pele se queimaria e jogaria faíscas.

-Doyle disse que seus poderes tinham aumentado, mas não me fez acreditar muito. Mas aqui está, ante mim, e tenho que aceitar que no final é uma verdadeira sidhe. -Pôs o pé no último degrau. -Mas não esqueça nunca que a rainha, aqui, sou eu, não você. Por mais poderosa que chegue a ser, nunca será rival para mim.

-Nunca o pretenderia, minha senhora – eu disse. Minha voz tremia ligeiramente.

Sua magia me empurrou. Não podia respirar bem. Pestanejei como se estivesse olhando ao sol. Lutei por me manter em pé.

-Minha senhora, me diga o que quer que faça e o farei. Não te desafiei em modo algum.

Subiu outro degrau e, esta vez, joguei-me ao chão. Não queria que me tocasse.

-Que fique de pé ante meu poder, já é um desafio.

-Se quiser que me ajoelhe, ajoelharei-me. Me diga o que quer, minha rainha, e lhe darei isso. -Não queria entrar em uma disputa de magia com ela, porque sem dúvida teria todas as chances de perder.

-Faz que o anel cobre vida em meu dedo, sobrinha.

Não sabia o que dizer. Finalmente, levantei minha mão para ela. -Quer recuperar o anel?

-Mais do que possa chegar a imaginar, mas agora é teu, sobrinha. Desejo que desfrute dele. -Esse último soava mais como uma maldição que como uma bênção.

Dirigi-me para o extremo mais afastado da mesa, me agarrando a ela para manter o equilíbrio contra a crescente pressão de sua magia.

-O que quer de mim?

Não me respondeu. Andais levantou as duas mãos para mim e a pressão se converteu em uma força que me empurrou para trás. Durante um segundo voei pelos ares até que minhas costas se chocaram contra a parede e um instante depois, minha cabeça.

Quando me esclareceu a visão, Andais estava de pé diante de mim, com uma faca na mão. Colocou a ponta no pequeno oco da base de minha garganta e apertou até que notei que me perfurava a pele. Colocou seu dedo

enlurvado na ferida e o tirou com uma gota de meu sangue. Pôs o dedo para baixo para que a gotas caísse tremente ao chão.

-Quero que saiba algo, sobrinha. Seu sangue é meu sangue, e este é o único motivo pelo que me importa o que te aconteça. Não me importa se você gosta ou não o que planejei para ti. Preciso que continue nossa linhagem sangüínea, mas se não contribuir a isso, não te preciso.

Retirou a faca muita devagar, até deixá-lo a cinco centímetros de minha pele. Colocou a folha contra minha bochecha, com a ponta perigosamente perto de meus olhos. Notava o pulso na língua, e me tinha esquecido de respirar. Ao ver sua cara, soube que podia me matar assim, sem mais.

-O que não me serve, desprezo, Meredith. -Apertou a folha contra minha pele; quando piscava, a ponta da faca me roçava as pestanas, -Escolherá a alguém para te deitar com ele esta noite. Não me importa quem. Posto que invocaste direitos de virgem, é livre de voltar para Los Angeles, mas terá que escolher a algum de meus guardas para que te acompanhe. Assim lhes olhe esta noite, Meredith, com esses teus olhos de esmeralda, verde e ouro, esses olhos da corte da Luz, e escolhe. -Colocou sua cara ao lado da minha, tão perto que teria podido me beijar. Murmurou as últimas palavras em minha boca. -Foda a um esta noite, Meredith, porque se não o faz, amanhã de noite entreterá a corte com um grupo a minha escolha. -Sorriu, e era o sorriso que aparecia em seu rosto quando pensava em algo perverso e doloroso. -No mínimo um dos que escolha tem que ser de suficiente confiança, para que espie para mim se retornar a Los Angeles.

Minha voz saiu em um sussurro.

-Tenho que me deitar com seu espião?

-Sim -disse.

A ponta do fio se moveu um pouco mais, aproximando-se tanto que me nublou a visão, e resisti a piscar, porque se o fazia a ponta da faca se cravaria em minha pálpebra.

-Está de acordo, sobrinha? Está tudo bem que te faça dormir com meu espião?

Eu disse a única coisa que podia dizer.

-Sim, tia Andais.

-Escolherá a seu pequeno harém esta noite, no banquete?

Meus olhos não pestanejavam, mas sentia a necessidade de fazê-lo.

-Sim, tia Andais.

-Deitará-te com alguém esta noite antes de retornar às terras do oeste?

Abri mais os olhos e me concentrei em sua cara, em lhe olhar à cara. A faca era uma parte de aço que me tampava virtualmente toda a visão do olho direito, mas ainda podia ver, ainda via sua cara por cima de mim como uma lua grafite.

-Sim -sussurrei.

Apartou-me a faca da cara e disse:

-Assim. Era tão difícil?

Apoiei-me contra a parede, com os olhos fechados. Mantinha-os fechados, porque não podia dissimular a raiva que sentia, e não queria que Andais visse. Queria sair dessa habitação, nada mais que sair dessa habitação e me afastar dela.

-Chamarei o Rhys para que te acompanhe até o banquete. Parece um pouco agitada. -Riu.

Abri os olhos, piscando para limpar as lágrimas que se acumularam. Ela já estava baixando os degraus.

-Enviarei ao Rhys, embora possivelmente com o feitiço da limusine necessite outro guarda. Pensarei em quem te enviar. -Estava quase ao lado da porta quando se voltou e disse: -E quem tem que ser meu espião? Terei que escolher a alguém bonito, a alguém que seja bom na cama, para que não seja uma carga muito pesada.

-Não me deito com homens estúpidos ou mesquinhos – eu disse.

-O primeiro não limita muito o campo, mas o segundo... Alguém generoso de espírito, isso é pedir muito. -Seu sorriso se ampliou; obviamente, estava pensando em alguém. -Ele poderia servir.

-Quem? -Perguntei.

-Você não gosta das surpresas, Meredith?

-Não especialmente.

-Bom, a mim sim. Eu adoro as surpresas. Ele será meu obséquio. Na cama é um espetáculo ou era há sessenta anos, ou eram noventa? Sim, acredito que o fará bem.

Não me preocupei em perguntar de novo de quem se tratava.

-Como pode estar segura de que me espiará para ti uma vez que esteja em Los Angeles?

Deteve-se com a mão no pomo da porta.

-Porque me conhece, Meredith. Sabe que sou capaz de dar prazer, e também de provocar dor. -Com isto, deixou abertas as duas portas e ordenou ao Rhys que retornasse à habitação.

Este passeou o olhar desde ela para mim. Seus olhos se abriram só um pouco, mas isso foi tudo. Seu semblante parecia cuidadosamente inexpressivo enquanto caminhava para mim para me oferecer o braço. O enlacei agradecida. Custava uma eternidade caminhar por aquele lugar para abrir a porta. Queria correr para ela e continuar correndo. Rhys me deu um tapinha na mão, como se notasse a tensão de meu corpo. Sabia que tinha visto a pequena ferida do pescoço. Podia fazer suas próprias teorias sobre como se produziu.

Alcançamos a porta e saímos ao corredor que se abria detrás dela. Meus ombros se relaxaram só um pouco.

Andais nos chamou:

-Se divirtam, meninos. Veremo-nos no banquete.

Fechou as portas detrás de nós com uma portada que me fez dar um salto.

Rhys começou a deter-se.

-Você está bem?

Agarrei-lhe o braço e me segurei nele para continuar caminhando.

-Me tire daqui, Rhys. Me tire daqui, por favor.

Não perguntou nada. Simplesmente me acompanhou pelo corredor, longe de ali.

Retrocedemos o caminho pelo que tínhamos chegado, mas agora o corredor era reto e mais estreito, outro corredor, em definitivo. Olhei por cima do ombro e não vi a porta de duas folhas. Os aposentos da rainha estavam em outro lugar. De momento, estava a salvo. Comecei a tremer e não podia parar.

Rhys me abraçou, me apertando contra seu peito. Afundei-me nele, e deslizei meus braços em torno de sua cintura, debaixo de sua capa. Ele me apartou o cabelo da cara.

-Tem a pele fria. O que ela fez, Merry? -Voltou a me levantar a cabeça, com delicadeza, para poder ver meu rosto enquanto eu me aferrva a ele. -Fale comigo.-o disse, com voz doce.

Neguei com a cabeça.

-Ela me ofereceu tudo, Rhys, tudo o que uma sidhe pode desejar. O problema é que não confio nela.

-Do que está falando? -Perguntou.

Então, separei-me dele.

-Disto. -Toquei-me a garganta, onde se estava secando o sangue-. Sou mortal, Rhys. O fato de que me ofereça a lua não significa que eu vá sobreviver para pô-la em meu bolso.

Tinha uma expressão doce, mas de repente me dei conta de que era muito maior que eu. Seu rosto era ainda jovem, mas não o olhar de seu olho.

-É essa a pior das feridas?

Assenti.

Tocou-me a mancha de sangue. Não tinha sequer doído. Na realidade não era nem sequer uma ferida. Custava-me muito explicar que a verdadeira ferida não se manifestava em minha pele. A rainha vivia negando a autêntica essência do Cel, mas eu não. Não compartilharia nunca o trono comigo: um de nós teria que estar morto antes de que o outro se sentasse nele.

-Ameaçou-te? -Perguntou Rhys.

Assenti de novo.

-Parece aterrorizada, Merry. O que te disse?

Olhei-o, e não queria contar. Era como se dizer em voz alta fosse o fazer mais real. Mas havia algo mais: o fato de que se Rhys sabia, ele não ficaria de todo insatisfeito.

-Como está acostumado a dizer tenho uma notícia boa e uma má -soltei.

-Qual é a boa?

Expliquei-lhe que tinha me nomeado co-herdeira.

Abraçou-me com força.

-É uma notícia fantástica, Merry. Que má notícia poderia haver depois disso?

Desfiz-me do abraço.

-Acha realmente que Cel me deixará viver o suficiente para lhe deslocar? Ele esteve detrás dos atentados contra minha vida faz três anos, e nem sequer tinha nenhuma boa razão para me querer morta.

O sorriso desapareceu do rosto do Rhys.

-Agora leva a marca da rainha, nem sequer Cel se atreveria a te matar. Se alguém te machuca morrerá por ordem da rainha.

-A rainha acha que eu tinha ido da corte por causa do Griffin. Tentei lhe contar que não tinha ido porque quebraram o meu coração, que tinha ido por causa dos duelos. -Neguei com a cabeça. -Falou de mim, Rhys, como se eu não dissesse nada. Nega-se a ver a realidade, e não acredito que minha morte mude isso.

-Quer dizer que acredita que seu filho nunca faria algo assim -disse.

-Exatamente. Além disso, acha realmente que Cel poria em perigo seu próprio pescoço? Se pode ordenará que o façam outros, e assim serão eles os que ficarão em perigo, não ele.

-Nossa missão é te proteger, Meredith. Nós fazemos bem nosso trabalho.

Ri, mas era uma risada mais tensa que alegre.

-Tia Andais mudou as condições de seu trabalho, Rhys

-O que quer dizer?

-Vamos andando enquanto lhe conto. Sinto a necessidade de pôr distância entre nossa rainha e eu.

Voltou-me a oferecer o braço.

-Como queira minha senhora.

Sorriu ao dizê-lo, e me dirigi a ele, mas lhe rodeei a cintura em lugar de tomar seu braço. Ficou tenso, surpreso por um segundo, mas em seguida passou o braço pelos meus ombros. Caminhamos pelo corredor, abraçados. Ainda tinha frio, como se algum calor interior tivesse se extinguido.

Há homens com os que não posso caminhar abraçada, como se nossos corpos tivessem ritmos diferentes. Rhys e eu caminhávamos pelo corredor como duas metades de um todo. Dava-me conta de que, simplesmente, não podia acreditar que tivesse permissão para lhe tocar. Não parecia real que, de repente, entregassem-me as chaves do reino. Rhys se deteve e me girou até que pôde me esfregar os braços.

-Ainda está tremendo.

-Não tanto como antes – eu disse.

Deu-me um beijo delicado na testa.

-Venha, tesouro, me conte o que te fez a Bruxa Malvada do Leste.

Sorri.

-Tesouro?

Sorriu.

-Céu? Encanto?

Ri de novo.

-Cada vez pior.

Seu sorriso se desvaneceu. Olhou o anel em contato com sua manga branca.

-Doyle disse que o anel cobrou vida para ele. É verdade?

Olhei a pesada jóia octogonal de prata e assenti.

-Está quieto em meu braço.

Olhei-o à cara. Tinha um aspecto... de causar pena.

-A rainha estava acostumada a deixar que o anel escolhesse a seu consorte – ele disse.

-Reagiu com quase todos os guardas que encontrei esta noite.

-Exceto comigo. -Sua voz estava tão cheia de pesar que não podia deixá-lo assim.

-Tem que te tocar pele nua – eu disse.

Começou a pegar a minha mão e o anel. Separei-me dele.

-Não, por favor.

-Qual o problema, Merry? -Perguntou.

A luz se reduziu a um tênue resplendor. O corredor estava coberto de teias de aranha, como grandes cortinas de prata brilhante. Entre os fios se ocultavam umas aranhas pálidas e brancas, maiores que minhas duas mãos juntas, como fantasmas inchados.

-Porque inclusive com dezesseis anos, era eu quem dizia basta. Já devia saber isso.

-Uma pequena palmada e fico afastado para sempre do jogo. Carinho, isto é uma crueldade.

-Não, é prático. Não quero acabar minha vida cravada em uma cruz de São André.

É obvio, que o acabava de lhe dizer já não tinha sentido. Poderia contar-lhe e colocá-lo contra a parede nesse mesmo instante, e não haveria nenhum castigo. Ou isso havia dito Andais. Mas não confiava em minha tia. Só havia me dito que se suprimiu o celibato. Só tinha sua palavra de que Eamon sabia, e ele era seu consorte, sua criatura. O que aconteceria se colocasse o Rhys contra a parede e então ela mudasse de opinião? Não seria real, não seria seguro, até que anunciasse em público. Então, e só então, acreditaria nisso de verdade.

Uma aranha grande e branca se aproximou do extremo da teia. Sua cabeça media no mínimo sete centímetros. Teria que passar justamente por debaixo daquela coisa.

-Viu uma mulher mortal torturada até a morte por seduzir a um guarda e te lembra disso o resto de sua vida. Boa memória -disse Rhys.

-Vi o que ordenou a seu torturador que lhe fizesse ao guarda que transgrediu a lei Rhys. Acredito que sua memória é muito curta. Detive-o me afastando do seu braço, justo antes de que tocasse a aranha. Podia convocar fogos fátuos, mas as aranhas não se sentiam impressionadas por eles.

-Pode convocar a um pouco mais forte que fogos fátuos? -Perguntei.

Olhei à aranha que esperava, com um corpo tão grande como meu punho. As teias de em cima de minha cabeça pareceram, de repente, mais pesadas, e começaram a curvar-se sob o peso dos corpos inchados, como uma rede carregada de pescado, ameaçando cair sobre minha cabeça.

Rhys me olhou, desconcertado, depois olhou para cima como se sentisse que as espessas teia fossem ceder.

-Nunca gostou das aranhas.

-Não – eu disse, -nunca gostei.

Rhys se moveu para a aranha que parecia estar me esperando. Deixou-me de pé no meio do corredor, escutando os pesados movimentos e olhando como se afundavam as teias. Não fez nada que eu pudesse ver. Simplesmente pôs um dedo no abdômen da aranha. Esta começou a escapar, mas em seguida se deteve abruptamente, e começou a agitar-se, suas patas se convulsionaram, estremeceu-se e rasgou a teia, de maneira que ficou pendurada sem poder fazer nada.

Ouvia dezenas daqueles insetos correndo detrás de um lugar seguro em uma ruidosa retirada. As teia ondearam como um oceano posto de barriga para baixo pelo peso da desenfreada fuga. Tinha que haver centenas.

O corpo branco da aranha começou a murchar-se, fechando-se sobre si mesmo como se o estivesse esmagando uma mão enorme. Aquele gordo

corpo branco se converteu em uma casca seca, até o ponto de que nunca teria sabido o que era se não a tivesse visto viva antes.

O movimento nos tecidos de aranha tinha cessado. No corredor reinava a calma, só rota pela figura sorridente do Rhys. A luz tênue, muito tênue, parecia reunir-se em torno de seus cachos e do traje branco e fazia brilhar ao guarda contra as cinzas teias e a pedra, ainda mais cinza. Estava sorrindo, carinhoso, normal nele.

-Está bom? -Perguntou.

Assenti.

-Só te tinha visto fazer isso uma vez antes e foi em combate, mas então sua vida estava em perigo.

-Está lamentando pelo inseto?

-É um aracnídeo, não um inseto, e não, não lamento por ele. Nunca tive o tipo de poder adequado para caminhar com segurança por este lugar. -Mas... O que queria era que tivesse feito aparecer fogo em suas mãos, ou luzes mais intensas, e as tivesse afugentado. Não queria que ele...

Apartou sua mão de mim, ainda sorrindo.

Olhei à casca negra ondeando delicadamente da teia quando nosso movimento provocou uma minúscula corrente de ar ao avançar pelo corredor.

O sorriso do Rhys não mudou, mas seus olhos se voltaram mais amáveis.

-Sou um deus da morte, ou fui, Merry. O que pensava que faria, acender um fósforo e gritar: « Uh! »?

-Não, mas...

Olhei a mão que me oferecia. Olhei-a durante mais tempo do que mandavam as boas maneiras, mas finalmente estirei o braço para ele. As pontas de nossos dedos se tocaram, e Rhys exalou um suspiro.

Seus olhos procuraram a jóia de minha mão e logo subiram até encontrar meu olhar.

-Merry, posso, por favor?

Olhei a seu olho azul pálido.

-Por que é tão importante para ti?

Perguntava-me se já se divulgou um rumor sobre o que a rainha pretendia anunciar essa noite.

-Todos temos a esperança de que te tenha chamado para que escolha a um consorte. Imagino que aquele ao que não reconheça o anel não participará da competição.

-Está mais perto do que imagina – eu disse.

-Então, posso? -Perguntou.

Tentou ocultar sua ansiedade, mas não conseguiu. Suponho que não podia lhe culpar. Assim que corresse a palavra toda a noite ia ser assim. Não, seria pior, muito pior.

Assenti.

Começou a aproximar minha mão a seus lábios sem deixar de falar.

-Sabe que nunca te faria mal conscientemente, Merry.

Beijou-me a mão, e seus lábios roçaram o anel. O anel despertou, é a única palavra que tenho para explicá-lo. Flamejou através de meu corpo, de nossos corpos. A sensação me pôs o coração na garganta.

Rhys ficou dobrado sobre minha mão, mas o ouvi respirar e pronunciar um «OH, sim». Se levantou, e seu olho parecia desfocado. Era a reação mais forte até o momento, e isso de algum modo me preocupou. Acaso a força da reação

guardava relação com a virilidade do homem, como se fosse uma espécie de conta espermática? Não era nada pessoal contra Rhys, mas tinha que me deitar com alguém essa noite, e provavelmente o eleito seria Galen, embora o anel não reagisse contra seu pequeno coração. Eu decidiria quem compartilharia minha cama. Até que a queridíssima tia enviasse a seu espião, é obvio. Apartei este pensamento. Não podia me ocupar dele nesse momento. Havia alguns sidhe em sua Guarda que os mataria antes de beijá-los, sem falar outra coisa.

Rhys colocou seus dedos entre os meus, apertando a palma de sua mão contra o anel. Seu pulso era mais forte e me fez afogar um grito. Senti que me acariciava algo muito profundo dentro de meu corpo. Algo que nenhuma mão poderia tocar nunca, mas o poder... O poder não estava limitado pelos limites da carne.

-OH, eu gosto -disse Rhys.

Apartei minha mão da sua.

-Não o volte a fazer.

-Gostou e sabe disso.

Observei sua cara preocupada e disse:

-A rainha não quer simplesmente que encontre outro noivo. Quer que tenha relações sexuais com vários guardas ou com todos os que reconheça este anel. É uma disputa para ver quem lhe dá em primeiro lugar um herdeiro de sangue real. Cel ou eu.

Olhou-me, examinando meu semblante, como se tentasse desentranhar meus pensamentos.

-Sei que não faria brincadeiras com isto, mas parece muito bom para ser verdade.

Fez-me sentir melhor que Rhys tampouco acreditasse.

-Exatamente. Agora mesmo acaba de dizer que para mim não há celibato, mas não tenho testemunhas. Acredito que é sincera, mas até que o anuncie ante a corte em pleno, farei como se o sexo continuasse estando proibido.

Rhys assentiu.

-O que representa esperar umas quantas horas mais depois de mil anos?

Arqueei as sobrancelhas.

-Não posso fazê-lo com todos esta noite, Rhys, ou seja que terá que esperar mais de umas quantas horas.

-Enquanto seja o primeiro da lista, o que importa isto?

Tentou dizer de forma jocosa, mas não ri.

-Tenho medo de que assim seja como se sinta exatamente todo mundo. Eu só sou uma, e vós, quantos?, Vinte e sete?

-Tem que te deitar com todos nós?

-Não o disse assim, mas insistirá em que me deite com seu espião, seja quem for este.

-Odeia a alguns dos guardas, Merry, e eles também lhe odeiam. Não pode pretender que os leve a cama. Meu deus, se um dos que odeia te deixasse grávida... -Não acabou o pensamento.

-Ficaria obrigada a me casar com um homem que desprezo, e seria rei.

Rhys pestanejou, e seu olho fechado se iluminou à medida que movia a cabeça.

-Não tinha pensado nisso. Sinceramente, só pensava no sexo, mas tem razão, um de nós será rei.

Olhei ao cinza montão de teias. Estavam vazias, mas...

-Preferiria não falar disto com essas teias em cima.

Rhys levantou a cabeça.

-Tem razão. -Ofereceu-me o braço. -Posso-te acompanhar ao banquete, senhora?

Desloquei a mão por seu braço.

-Será um prazer.

Deu-me um tapinha na mão.

-Assim o espero, Merry. Certamente, assim o espero.

Ri, e o som provocou um estranho eco no corredor. Foi quase como se o teto se afastasse em uma vasta escuridão que só as teias nos ocultavam. Minha risada se desvaneceu, muito antes de sair de debaixo das teias.

-Obrigado, Rhys, por compreender por que tenho medo, em lugar de só te concentrar no fato de que pode estar a ponto de pôr fim a vários séculos de abstinência.

Apertou minha mão esquerda contra seus lábios.

-Só vivo para servir debaixo ti, ou em cima de ti, ou de qualquer maneira que você queira.

Toquei-lhe no ombro.

-Pára.

Sorriu.

-Rhys não é o nome de nenhum deus da morte conhecido. Investiguei na universidade, e não te encontrei.

De repente, vi-lhe muito ocupado olhando o corredor que se estreitava cada vez mais.

-Rhys é meu nome agora, Merry. Já não importa quem era antes.

-É obvio que importa – eu disse.

-Por quê? -Perguntou, e de repente ficou muito sério, como se tivesse formulado uma pergunta de adulto.

Lhe vendo brilhar em branco, recortado em uma luz cinza, eu não me sentia adulta. Sentia-me cansada. Mas havia um peso em seu olhar, uma pergunta em sua cara, que tinha que responder.

-Só queria saber com quem estava tratando, Rhys.

-Conhece-me sempre, Merry.

-Então, diga-me isso.

-Não quero falar dos anos passados, Merry.

-E se te convidou a minha cama? Contaria-me todos seus segredos então?

Estudou-me a cara.

-Está me provocando.

Toquei suas cicatrizes, passando as pontas dos dedos sobre sua pele áspera até chegar a seus lábios.

-Não estou te provocando, Rhys. É bonito. Foste meu amigo durante muitos anos. Protegeu-me quando era mais jovem. Seria uma egoísta se te deixasse celibatário, quando posso pôr fim a isso; além disso, percorrer com minha boca seu estômago liso foi uma de minhas fantasias sexuais recorrentes.

-Que graça, eu tive a mesma fantasia -disse, e levantou as sobrancelhas em uma má imitação do Groucho Marx. -Possivelmente possa subir a minha casa para que te mostre minha coleção de selos.

Sorri e sacudi a cabeça.

-Já não vê filmes desde que são em cor?

-Quase nunca.

Estendeu-me a mão e a agarrei. Caminhamos pelo corredor de mão dadas, e era agradável. De todos os guardas que eu gostava, pensava que Rhys seria o mais insistente quanto à possibilidade de ter uma relação sexual com ele. Mas tinha se comportado como o cavalheiro perfeito. Outra prova evidente de que eu não entendia aos homens.

As portas do fundo do corredor eram pequenas esta noite: da altura de uma pessoa. Às vezes as portas eram o suficientemente grandes para que passasse um elefante por elas. Eram de um cinza pálido com bordas douradas, muito ao estilo Luis algo coisa. Não era minha intenção perguntar ao Rhys se a rainha as havia redecorado. Os sithen, igual à Limusine Negra, cuidavam de sua própria redecoração.

Rhys abriu as elegantes portas, mas não chegou a entrar na habitação porque Frost nos deteve. Não é que estivesse bloqueando fisicamente a porta, embora o estava. Colocou o conjunto que queria a rainha, e a visão dele desta maneira me deixou surpresa. Acredito que Rhys se deteve porque eu também o fiz.

A camisa era completamente transparente e se atia a seu peito como uma segunda pele, mas as mangas eram abobadas, com tecido transparente, cortadas justo por cima de seu cotovelo com um largo apliquei de prata brilhante. O resto da manga caía em forma de tubo. O fio que mantinha a camisa unida era de prata e brilhava em todas as costuras. As calças eram feitas de cetim prateado, tão baixa que deixavam à vista os ossos do quadril através do tecido transparente da camisa. Se tivesse posto roupa interior, teria que visto por cima das calças. Estas só se mantinham no lugar porque se ajustavam de um modo incrível. Uma série de cordas brancas na entre perna, com ganchos como os de um sutiã, fazia as vezes de ziper.

Seu cabelo tinha sido dividido em três seções. A parte superior estava levantada mediante uma peça de osso lavrado, com o qual o cabelo de prata lhe caía pela cabeça como a água de uma fonte. A segunda seção de cabelo estava simplesmente para trás a cada lado e preso no lugar com passadores de osso. A seção inferior pendurava livremente, mas ficava tão pouco cabelo que era como um delicado véu de prata que realçava seu corpo, em lugar de escondê-lo.

-Frost, quase é muito belo para ser real.

-Trata-nos como bonecos que têm que ser vestidos a seu desejo.

Era o mais próximo a uma crítica aberta da rainha que lhe tinha ouvido pronunciar.

-Eu gosto, Frost -disse Rhys. -É você.

Retificou ao Rhys.

-Não sou eu.

Nunca tinha visto o guarda alto tão zangado por algo tão insignificante.

-É só roupa, Frost. Não te fará mal levá-la com graça. Mostrar seu desagrado sim poderia te fazer mal, e muito.

-Obedeci a minha rainha.

-Se souber o muito que odeia esta roupa, encarregará mais do mesmo para ti. Já sabe.

Seguiu franzindo o cenho até que lhe desenharam rugas ao longo daquela cara perfeita. Então se ouviu um grito da habitação de atrás. Até sem palavras, reconheci aquela voz. Era Galen. Dava um passo para frente. Frost não se moveu.

-Me deixe passar, Frost – eu disse.

-O príncipe ordenou este castigo, mas permitiu graciosamente que tivéssemos intimidade. Ninguém pode entrar até que tenha terminado.

Olhei ao Frost. Não podia me abrir passo, e não o ia matar. Não ficavam opções.

-Nomearão Merry co-herdeira esta noite -disse Rhys.

Os olhos do Frost se passearam entre o Rhys e eu.

-Não acredito.

Galen voltou a gritar. O som tremeu a carne do meu braço e me fez fechar os punhos.

-Serei co-herdeira esta noite, Frost.

Sacudiu a cabeça.

-Isso não muda nada.

-O que aconteceria se ela te dissesse que nosso celibato será levantado para Merry, e só para Merry? -Perguntou Rhys.

Frost se arrumou para parecer arrogante e incrédulo.

-Não tenho vontades de jogar «o que aconteceria...?».

Galen lançou outro guincho. Os corvos da rainha não gritam facilmente. Dirigi ao Frost, e ficou tenso. Acredito que esperava uma luta.

Passei meus dedos por sua camisa, e saltou como se lhe tivesse feito mal.

-A rainha anunciará esta noite que tenho que escolher entre os guardas. Ordenou me deitar com um de vós esta noite. Se não o fizer, amanhã terei um papel protagonista em uma de suas pequenas orgias. -Pus meus braços ao redor de sua cintura, apertando ligeiramente meu corpo contra o seu. -Acredite em mim, Frost, terei a um de vós esta noite, e amanhã, e depois de amanhã. Seria uma lástima que não estivesse na lista de convidados a minha cama.

A arrogância desapareceu, substituída por um pouco de entusiasmo e de medo. Não entendia o medo, mas sim o entusiasmo. Olhou ao Rhys.

-Me jure que é verdade.

-Juro-o -disse Rhys. -Deixa-a passar, Frost.

Olhou-me. Ainda não havia me retribuído -minha carícia tinha sido como um beijo contra uns lábios passivos, -mas se afastou, retirando-se do círculo de meus braços. Olhava-me como quem olha a uma serpente enroscada, sem movimentos bruscos, e temeroso de que possa te morder de todos os modos. Tinha medo do que estava acontecendo naquela sala.

Passei junto a ele. Sentia ao Rhys a minhas costas, mas a única coisa que podia ver era o que havia no centro da habitação: um pequeno jardim em torno de um pequeno lago, com uma grande rocha decorativa no meio. Uma série de pedras conduziam à rocha, nas quais havia umas correias incrustadas. Galen estava encadeado à rocha. Seu corpo ficava virtualmente oculto pelo lento bater as asas de mariposas dos semi-elfos. Eram como autênticas mariposas ao bordo de um atoleiro, asas que se moviam lentamente ao ritmo da energia que recebiam. Mas não estavam bebendo água, estavam bebendo seu sangue.

Voltou a gritar, e eu me pus a correr para ele. Doyle se plantou diante de mim. Certamente tinha estado custodiando as outras portas.

-Não pode detê-los uma vez que começaram a alimentar-se.

-Por que está gritando? Não deveria doer tanto.

Tentei passar junto a ele, e me agarrou o braço.

-Não, Meredith, não.

Galen lançou um interminável alarido, e seu corpo se arqueou até estirar ao máximo as correias. O movimento desalojou a alguns dos semielfos, e espionei

o motivo de seus gritos. Seu entre perna estava ensangüentada e os semielfos também se alimentavam de carne, não só de sangue.

Rhys assobiou.

-Bestas sanguinárias. -Doyle me apertou o braço.

-Estão-o mutilando -protestei.

-Já se curará.

Tentei me apartar, mas seus dedos pareciam soldados a minha pele.

-Doyle, por favor!

-Sinto muito, princesa.

Galen gritou, e a rocha se esticou sob a pressão de seu corpo, mas as correias agüentaram.

-Isto é excessivo e sabe.

-O príncipe está em seu direito de castigar ao Galen por lhe desobedecer. - Tentou me afastar, como se isso fosse solucionar a situação.

-Não, Doyle, se Galen tiver que sofrer, não olharei a outro lado. Agora me solte.

-Promete não ser imprudente?

-Dou-te minha palavra – eu disse.

Deixou-me, e quando lhe toquei o ombro, apartou-se a um lado para me deixar ver bem. As asas eram de todas as cores do arco íris, e alguns que o arco íris só pode sonhar: grandes asas, maiores que minhas mãos, agitando-se lentamente apenas me permitiam vislumbrar o corpo quase nu do Galen. Tinha as calças baixadas até os tornozelos, e não levava nenhuma outro objeto. A cena tinha uma beleza terrível, como um formoso retrato do inferno.

Um jogo de asas era maior que o resto. Correspondia à própria rainha Niceven que estava dando um festim justo em cima da entre perna do Galen. Tive uma idéia.

-Rainha Niceven – eu disse, -não é digno de uma rainha fazer o trabalho sujo de um príncipe.

Levantou sua pequena cara pálida e me olhou, com os lábios e o queixo vermelhos pelo sangue do Galen, e a parte dianteira de seu corpo manchada de carmesim.

Levantei a mão com o anel nela.

-Nomearão-me co-herdeira esta noite.

-E o que me importa? -Sua voz era como um toque de morte, doce e preocupou-me.

-Uma rainha merece mais que o sangue de um senhor sidhe.

Olhou-me com olhinhos pálidos. Parecia um fantasma.

-O que me oferece que seja mais tenro que isto?

-Algo não mais tenro, mas sim mais poderoso. O sangue de uma princesa sidhe para a rainha dos semielfos.

Olhou-me, limpando o sangue da boca com a mão. Agitou as asas para voar para mim. Outros continuaram alimentando-se. Niceven ficou flutuando ante mim, enquanto suas asas provocavam uma pequena corrente de ar junto a minha pele.

-Ocuparia seu lugar?

-Não, princesa -disse Doyle.

Fiz-lhe calar com um gesto.

-Ofereço meu sangue à rainha Niceven dos semielfos. O sangue de uma princesa sidhe é um prêmio muito importante para ser compartilhado.

Frost e Rhys se situaram ao lado do Doyle. Olhavam-nos como se nunca antes tivessem visto um espetáculo semelhante.

Niceven se lambeu os lábios com sua língua magra, igual à pétala de uma flor.

-Me deixaria beber seu sangue?

Levantei um dedo em direção a ela.

-Deixa que ele se vá, e poderá me perfurar a pele e beber.

-O príncipe Cel pediu que acabássemos com sua dignidade.

-Como disse Doyle, curará-se. Por que ia pedir o príncipe o favor dos semielfos para causar um dano que não será permanente? Revooou em torno de meu dedo, como uma mariposa inspecionando uma flor.

-Isso tem que perguntar-lhe ao príncipe Cel. -Passeou seu olhar desde meu dedo a minha cara. -Deveria ter ouvido o que queria que fizéssemos em primeiro lugar. Queria que acabássemos com sua dignidade para sempre, mas a rainha não permite que seus amantes se malogrem. -Niceven se aproximou de minha cara e me tocava a ponta do nariz com sua delicada mão. -O príncipe Cel me recordou que será rei algum dia. -Tocou meus lábios ligeiramente com aqueles dedos diminutos. -Recordei-lhe que ainda não governa aqui e que não me arriscaria a sofrer a cólera da rainha Andais.

-O que respondeu?

-Aceitou o trato. Provamos sangue e carne reais, as duas preciosas, e por esta noite ele será inútil na cama da rainha. -Franziu o sobrecenho, cruzando os braços em cima de seu delicado peito. -Não sei por que tem ciúmes deste e não dos outros.

-Não estava apartando ao Galen do leito da rainha – eu disse.

Niceven inclinou a cabeça, e um comprido cabelo de teia de aranha acompanhou o movimento.

-Você?

Movi o anel diante dela.

-Ordenaram me deitar com um guarda esta noite.

-E este ia ser seu eleito?

Assenti.

Niceven sorriu.

-Cel está com ciúmes de ti.

-Não da maneira que imagina, rainha Niceven. Podemos chegar a um acordo, meu sangue para sua doce boca, e Galen fica livre.

Continuou perto de meu rosto durante uns quantos segundos mais, e a seguir assentiu.

-Trato feito. Estende o braço e me dê um lugar para aterrissar.

-Primeiro, libera o Galen, e depois te alimento.

-Como quer.

Voou de novo para seus súditos, e o que lhes disse os fez fugir para o teto em uma nuvem multicolorido. A pele pálida e verde do Galen estava coberta de pequenas mordidas vermelhas; umas magras linhas de sangue começaram a desenhar-se em sua pele, como se uma caneta vermelha invisível estivesse tratando de unir os pontos.

-Desencadeiem-o e lhe curem as feridas – eu disse.

Rhys e Frost se moveram para me obedecer. Só Doyle ficou perto, como se não confiasse em alguma de nós, ou em nenhuma das duas.

Estendi meu braço, ligeiramente levantado. Niceven aterrissou em meu antebraço. Era mais pesada do que parecia, mas seguia sendo leve e extremamente quebradiça, como se seus pequenos pés nus fossem feitos de ossos secos. Colocou as duas mãos ao redor do meu dedo indicador, a seguir baixou seu rosto para a ponta de meu dedo, como se pretendesse me beijar. Uns dentinhos muito afiados morderam meu dedo. A dor foi profunda e imediata. Sua pequena língua de pétala começou a lamber o sangue me fazendo cócegas. Encurvou seu corpo ao redor de minha mão até que se insinuou a minha pele cada centímetro de seu pequeno ser. Era um movimento extremamente sensual, como se obtivesse algo mais que simplesmente sangue para alimentar-se.

O resto dos semielfos pululavam pelo ar a meu redor formando um vento de cor que soprava brandamente. Suas delicadas bocas apresentavam manchas de sangue, mãos de miniatura vermelhas com o sangue do Galen. Niceven me acariciou a mão com suas mãos, seus pés nus; um minúsculo joelho golpeou a palma de minha mão.

Levantou a cabeça e respirou.

-Estou cheia de carne e sangue de seu amante. Já não posso mais. - Sentou-se em minha mão, e recostou a cabeça em meu dedo. -Daria o que fosse por poder beber mais algum dia, princesa Meredith. Tem sabor de magia superior e sexo.

Incorporou-se e se elevou lentamente de minha mão com suaves movimentos de suas asas. Ficou me olhando perto do rosto, como se visse algo que eu não via, ou estivesse tentando encontrar algo em mim que não estava ali. Finalmente, assentiu, e disse:

-Nos veremos no banquete, princesa.

Dito isto, elevou-se no ar, e outros a seguiram em uma nuvem multicolorida. As enormes portas do final da sala se abriram sem que ninguém as tocasse, e uma vez que a multidão voadora se desvaneceu, se fecharam lentamente...

Um pequeno som centrou de novo minha atenção na sala. Galen estava apoiado contra a parede, com as calças em seu lugar, embora sem fechar. Rhys lhe aplicou um líquido claro nas pequenas mordidas, até que o corpo nu do Galen brilhou nas luzes.

Olhou-me.

-É certo que o celibato será abolido?

-É – eu disse, ao tempo que me aproximava dele.

Riu, mas isto encheu seus olhos de dor.

-Não te serei de muita utilidade esta noite.

-Haverá outras noites – eu disse.

O sorriso se ampliou, mas fez uma careta de dor quando Rhys lhe limpou outra ferida.

-Por que preocupa ao Cel que eu seja o que vai a sua cama?

-Acredito que Cel pensa que se eu não posso me deitar contigo esta noite, dormirei sozinha.

Galen me olhou.

Não esperei a que dissesse algo que fizesse a situação ainda mais desagradável.

-Não sei se ouviu o que falei antes a outros, mas se não tiver uma relação sexual esta noite com alguém de minha escolha, amanhã entreterei a corte com um grupo de escolha da rainha.

-Terá que levar a alguém à cama esta noite, Merry.

-Eu Sei.

Toquei seu rosto e o encontrei frio e ligeiramente impregnado de suor. Tinha perdido muito sangue, nada fatal para um sidhe, mas essa noite estaria fraco para muitas coisas, não só para o sexo.

-Se este foi seu castigo por desobedecer ao Cel, qual foi o castigo do Barinthus?

-Lhe proibiu assistir ao banquete de esta noite -disse Frost. Ao ouvir isto, arqueei as sobrancelhas.

-Galen é esmiuçado e Barinthus perde simplesmente o jantar?

-Cel tem medo do Barinthus, mas não teme ao Galen -disse Frost.

-Sou um menino muito agradável.

-Assim é -disse Frost.

-Pretendia ser uma brincadeira -disse Galen.

-Desgraçadamente -disse Doyle, -não tem graça.

-Não podemos permitir que a rainha continue esperando -disse Rhys. - Pode caminhar?

-Me ponha de pé e caminharei.

Doyle e Frost o ajudaram a levantar-se.

Moveu-se com lentidão, como se as articulações lhe doessem, mas depois de que o acompanhassem às portas mais longínquas, ficou a andar por seus próprios meios. Estava se curando ante nossos olhos, e sua pele absorvia as dentadas. Era como olhar um filme que mostrava as flores abrindo-se na primavera.

O óleo contribuiu a acelerar o processo, mas sobre tudo era seu próprio corpo. A surpreendente máquina de carne de um guerreiro sidhe. Horas depois, as dentadas estariam curadas; dentro de poucos dias, o resto do dano teria desaparecido também. Ao final de uns dias, Galen e eu sufocaríamos o calor existente entre nós. Mas tinha que procurar a algum outro para essa noite. Olhei aos outros três guardas como quem olha seus pertences, era como ir a sua cozinha e comprovar que a despensa está cheia de suas bolachas favoritas. Nenhum deles era um destino pior que a tortura. Só era questão de escolher qual. Como decidir entre duas flores perfeitas quando não se trata de amor? Não tinha a menor ideia. Possivelmente terminaria lançando uma moeda ao ar.

As portas que se abriam da fonte de dor conduziam a uma grande hall, um quarto escuro. A luz branca que não surgia de nenhuma parte parecia muito pálida e muito cinza aí. Algo se movia sob meus pés. Baixei a cabeça e encontrei folhas, folhas secas em qualquer parte. Ao levantar o olhar observei que as folhas do emparrado que cobria nossas cabeças estavam secas e sem vida. As folhas se haviam murchado ou tinham caído ao chão.

Toquei os ramos que havia perto da porta e não havia sensação de vida nelas. Dirigi ao Doyle.

-As rosas estão mortas -murmurei, como se fosse um grande segredo.

Ele assentiu.

-Faz anos que estão morrendo, Meredith -disse Frost.

-Morrendo, Frost, mas não mortas.

As rosas constituíam uma última defesa para a corte. Se os inimigos penetravam até esse ponto, as rosas cobriam vida e lhes matariam, ou o tentariam, já fora lhes estrangulando ou com os espinhos. A vegetação inferior, mais jovem, tinha espinhos como qualquer rosa trepadeira, mas havia outras, perdidas no emparrado, que mantinham espinhos do tamanho de pequenas adagas. Mas não eram simplesmente uma defesa. Eram um símbolo de que em um tempo tinha havido jardins mágicos sob o chão. As parras e árvores frutíferas tinham morrido em primeiro lugar, conforme me contaram, depois o fizeram as ervas, e finalmente, faziam-no as flores.

Procurei um signo de vida entre os caules, mas estavam secos. Enviei um halo de poder às rosas e senti uma resposta de poder, ainda constante, mas débil, não a pressão cálida que deveria ter percebido. Toquei delicadamente os caules mais próximos com os dedos. Seus espinhos eram pequenos, mas secos, como alfinetes erguidos.

-Te esqueça das rosas -disse Frost. -Temos problemas mais urgentes.

Voltei-me para ele, com uma mão ainda nas rosas.

-Se as rosas morrerem, se morrerem de verdade, entende o que significa isso?

-Muito provavelmente, melhor que você –disse, -mas também compreendo que não podemos fazer nada pelas rosas ou pelo fato de que o poder sidhe se esteja apagando. Mas se tomarmos cuidado, possivelmente possamos nos salvar esta noite.

-Sem nossa magia não somos sidhe –eu disse.

Retirei a mão sem olhar e me cravei um dedo. O pequeno espinho escuro era fácil de ver e fácil de tirar com a ponta da unha. Tampouco doía tanto, não era mais que uma pequena gota carmesim em meu dedo.

-Dói? -Perguntou Rhys.

-Não – eu disse.

Um assobio percorreu a habitação como uma grande serpente se arrastando pela escuridão. O som procedia de cima de nossas cabeças, e todos olhamos para cima. Um estremecimento percorreu a roseira, e umas quantas folhas secas caíram ao chão como uma chuva, sobre nosso cabelo e nossa roupa.

-O que ocorre? -Perguntei.

-Não sei -respondeu Doyle.

-Não deveríamos ir à outra sala? -Disse Rhys.

Sua mão direita foi procurar uma espada que não estava ali, mas sua esquerda me agarrou pelo braço, e me atirou para a porta mais próxima, de novo para o corredor. Nenhum deles estava armado, a não ser que Doyle ainda conservasse minha pistola. E, por algum motivo, não pensei que fosse um arma o que necessitava.

Outros se colocaram em torno de mim como uma barreira de carne. A mão do Rhys tocou o pomo da porta, e a roseira se derramou por esta como uma chuva seca. Rhys se tornou para trás, me apartando da porta e dos ramos. Doyle agarrou meu outro braço, e nos colocamos a correr para a porta mais afastada. Os guardas foram muito rápido para que pudesse lhes seguir com saltos altos. Tropecei, mas suas mãos me agüentaram de pé e em movimento, embora meus pés mal tocavam o chão. Frost ia diante de nós, em detrás das portas.

-Depressa! -Gritou.

-Já o fazemos -replicou Rhys.

Olhei por cima do ombro. Galen não me olhava, cobria-me as costas sem nenhum arma nas mãos. Entretanto, os espinhos não lhe tocavam. O movimento se percebia por toda parte, como um ninho de serpentes, mas os brincos secos dançavam em cima de mim como um polvo: foram só por mim. Quando Doyle e Rhys entraram na sala, os espinhos caíram sobre minha cabeça, me roçando o cabelo. Quando Doyle levantou o pescoço para olhar, detectei uma mancha escarlate em seu rosto: sangue fresco.

Os espinhos me envolviam o cabelo, tentando me apartar. Comecei a gritar e baixeí a cabeça. Rhys me ajudou a tirar os espinhos do cabelo, deixando atrás mais de uma mecha.

Frost conseguiu que se abrissem as portas. Vislumbrei luzes mais brilhantes e caras que se aproximavam de nós, algumas eram humano e outras não. Frost gritava:

-Uma espada, me dêem uma espada!

Um guarda começou a mover-se para frente, brandindo uma espada. Ouvi uma voz:

-Não, guardem sua espada! -Era a voz do Cel.

Doyle proferiu uma ordem:

-Sithney, nos dê sua espada!

O guarda da porta começou a tirá-la. Frost estirava o braço para agarrá-la. A roseira se tornou para a soleira como uma onda seca. Houve um momento no que Frost poderia haver-se arrojado para fora, poderia haver se salvado, mas voltou à habitação. A porta se desvaneceu depois de uma onda de espinhos.

Rhys e Doyle me atiraram ao chão. Doyle empurrou ao Rhys em cima de mim. De repente, fiquei sob um montão de corpos. Os cachos chapeados do Rhys se derramaram sobre minha cara. Entre seu cabelo e o braço de alguém vislumbrei uma capa negra. Estava tão apertada contra o chão que não somente não podia me mover, mas sim mal que podia respirar.

Se tivesse estado em cima alguém que não tivesse sido Doyle ou Frost, teria esperado os gritos. Em troca, só aguardava a que a pilha se aliviasse à medida que os homens fossem arrancados pelos espinhos. Mas segui sentindo o mesmo peso em cima.

Estava de barriga para baixo, apertada contra a fria pedra do chão, olhando através do cabelo do Rhys. O braço que tinha visto antes estava nu, e era de um branco ligeiramente menos puro, assim era Galen.

O sangue tinha estado me esmurando os ouvidos até que só pude ouvir o pulso de meu próprio corpo. Mas os minutos passaram e não aconteceu nada. Meu pulso se acalmou. Apertei com as mãos as pedras que havia debaixo de mim. A pedra cinza era quase tão suave como o mármore, alisada por séculos de pés caminhando sobre ela. Percebia a respiração do Rhys perto de minha orelha, o som de roupa de alguém que se movia por cima de nós. Mas sobre tudo se ouvia o som dos espinhos, um murmúrio baixo e contínuo, como o rumor do mar.

Rhys murmurou em meu cabelo.

-Pode me dar um beijo antes de morrer?

-Não parece que vamos morrer – eu disse.

-Para ti é fácil dizê-lo. Está debaixo da pilha. -O comentário foi do Galen.

-O que passa aí acima? Não posso ver nada - disse.

-Agradeça por não saber -disse Frost.

-O que acontece? -Perguntei de novo, com mais força em minha voz.

-Nada. -A voz profunda do Doyle se deixou ouvir entre o montão de homens, como se os outros corpos levassem seu tom grave como um diapasão por cima de minhas costas. -E acho surpreendente -disse.

-Parece decepcionado -disse Galen.

-Decepcionado não -disse Doyle, -só intrigado.

A capa do Doyle desapareceu de minha vista, e o peso que sentia sobre mim foi, de repente, menor.

-Doyle! -Gritei.

-Não tema, princesa. Estou bem -disse.

A pressão sobre mim se voltou a aliviar, mas não muito. Custou-me uns quantos segundos entender que Frost se estava levantando, mas sem mover seu corpo do montão.

-Isto é muito estranho -disse.

O braço do Galen desapareceu de minha vista.

-O que faz? -Perguntou.

Não podia ouvir ninguém caminhando por ali, mas via o Galen a um lado, ajoelhado. Apartei o cabelo do Rhys de minha cara como se se tratasse das duas asas de uma cortina. Frost também estava ajoelhado ao lado do Galen. Doyle era o único que permanecia de pé, sozinho, ao outro lado. Vi de novo sua capa negra.

Rhys se levantou apoiando-se nos braços.

-Que estranho -disse.

Isso foi tudo. Tinha que olhar.

-Se afaste de mim, Rhys. Quero olhar.

Baixou sua cabeça para minha cara para me olhar, agüentando-se ainda em seus braços, mas com a parte inferior de seu corpo pressionando o meu. Em outras circunstâncias, teria dito que fazia de propósito. Mas o tecido de minha roupa era o suficientemente fino e sua roupa suficientemente leve para poder assegurar que não era esse o motivo. Olhar a seu olho de um azul de três tonalidades a só uns centímetros de distância mas de abaixo acima quase me enjoou.

-Sou o último corpo que te separa da grande coisa malvada –disse. -Irei quando Doyle me diga que devo fazê-lo.

Olhar sua pequena boca movendo-se abaixo me provocava dor de cabeça. Fechei os olhos.

-Não fale de cabeça pra baixo– eu disse.

-Claro que -disse Rhys - bastaria com que olhasse para cima. Apartou sua cara de novo, tornando-se para trás até que ficou de quatro patas em cima de mim como uma égua que amamenta a seu potro.

Estava estendida no chão, mas jogava meu pescoço para trás. A única coisa que podia ver eram os espinhos das rosas. Penduravam por cima de nós como cordas magras, ruidosas, marrons, que se moviam daqui para lá, quase como se houvesse vento, mas não havia vento, e o ruído eram os espinhos.

-Além do fato de que as rosas voltam a viver, o que se supõe que estou vendo?

Doyle respondeu:

-São só pequenos espinhos que se dirigem para ti, Merry.

-E? – eu disse.

Aproximou-se de nós.

-Significa que não acredito que as rosas tenham intenção de te fazer mal.

-Que outra coisa poderiam querer? -Perguntei.

Deveria me sentir estúpida falando do chão com o Rhys em cima de mim a quatro patas. Mas não era assim. Queria que houvesse algo, alguém, entre o ruído dos espinhos e eu.

-Acredito que podem querer um gole de sangue real -disse Doyle.

-O que quer dizer com um gole? -Perguntou Galen antes de que pudesse fazê-lo eu.

Voltou a sentar no chão, movendo-se de maneira que podia ver a maior parte de seu torso. O sangue secou deixando pontinhos, mas as dentadas já quase tinham desaparecido, deixando só sangue como prova de que tinha sido ferido. A parte dianteira de suas calças estava empapada de sangue, mas se movia melhor, com menos dificuldade. Tudo estava se curando.

Eu não me curaria se os espinhos penetrassem meu corpo. Simplesmente morreria.

-As rosas, faz tempo, bebiam da rainha cada vez que passava por aqui - disse Doyle.

-Isso faz séculos -disse Frost -antes de que nem sequer tivéssemos sonhado em viajar às terras do oeste.

Levantei-me, me apoiando nos cotovelos.

-Passei debaixo das rosas mil vezes em minha vida, e nunca tinham reagido contra mim, nem tão sequer quando ainda conservavam algumas floresça.

-Alcançaste seu poder, Meredith. O país a reconheceu quando te deu a boas-vindas ontem à noite -disse Doyle.

-O que quer dizer com que o país a reconheceu? -Perguntou Frost.

Doyle o explicou. Rhys se inclinou para me olhar de novo à cara naquele estranho movimento de barriga para baixo.

-Genial -disse.

Isto me fez rir, mas de todos os modos empurrei sua cabeça para cima, apartando a de minha cara.

-O país me reconhece como um poder agora.

-Não só o país -disse Doyle.

Sentou-se longe de mim, estendendo a negra capa por seu corpo com um gesto familiar, como se tivesse um montão de capas largas até os tornozelos. E assim era.

Podia lhe ver a cara. Tinha um aspecto pensativo, como se estivesse consumido em alguma profunda reflexão filosófica.

-Tudo isto é fascinante -disse Rhys, -mas podemos discutir se Merry for a escolhida de algo mais tarde. Agora temos que sair daqui antes de que as rosas tentem comê-la.

Doyle me olhou, com uma cara escura impassível.

-Sem espadas temos muito poucas possibilidades de passar por alguma das portas. Nós sobreviveríamos às piores intenções das rosas, mas Merry não. Dado que o primitivo é sua segurança e não a nossa, temos que pensar em uma saída que não requeira violência. Se oferecermos violência às rosas, devolverão-nos mais violência. -Moveu sua mão para cima, assinalando vagamente o emaranhado. -Parecem ter bastante paciência conosco, por isso sugiro que utilizemos sua paciência para pensar.

-O país nunca viu com bons olhos ao Cel, nem as rosas se dirigiram a ele - disse Frost.

Arrastou-se perto de mim para sentar-se ao lado do Doyle. Não parecia confiar na paciência das rosas tanto como Doyle, e eu estava de acordo com o Frost sobre isto em particular. Nunca antes tinha visto as rosas movendo-se, nunca de forma tão repentina. Tinha escutado histórias, mas nunca pensei ver a realidade eu mesma. Frequentemente, desejava ver a habitação coberta de doces rosas fragrantas. Terá que ir com cuidado com o que deseja. É obvio, aí não havia flores, só espinhos, e isso não era exatamente o que eu tinha desejado.

-Não basta por a coroa na cabeça de alguém para que seja apto para governar- disse Doyle. -Na antigüidade era a magia, o país, quem escolhia a nossa rainha ou rei. Se a magia os rechaçava, se o país não os aceitava, então, com ou sem linha de sangue, tinha que escolher um novo herdeiro.

De repente, fui muito consciente de que todos me observavam. Eu passeei meu olhar de um a outro. Mostravam expressões quase idênticas, e quase me assustava saber o que estavam pensando.

-Não sou a herdeira.

-A rainha te fará herdeira, esta noite -disse Doyle.

Olhei a sua cara escura e tentei decifrar aqueles olhos negros de corvo.

-O que quer de mim, Doyle?

-Em primeiro lugar, nos deixe ver o que acontece quando Rhys abra o caminho dos espinhos. Se reagirem violentamente, não avançaremos mais. Em seu caso, resgatarão-nos os outros guardas.

Rhys perguntou:

-Quer que o tente agora?

Doyle assentiu.

-Sim, por favor.

Agarrei ao Rhys pelos braços e o coloquei em cima de mim.

-O que acontece se as rosas caírem sobre mim e tentarem me despedaçar membro a membro?

-Então nos atiraremos sobre seu corpo e deixaremos que os espinhos nos rasguem antes de que toquem sua carne branca.

A voz do Doyle era monocórdio, vazia, mas mesmo assim interessada. Era a voz que utilizava em público na corte quando não queria que ninguém adivinhasse suas intenções. Uma voz aperfeiçoada durante séculos de responder a membros da realeza que freqüentemente não estavam muito em seu julgamento.

-A verdade é que não me consola – eu disse.

Rhys voltou a me olhar à cara.

-Como acha que me sinto? Tenho que sacrificar toda esta carne tonificada e musculosa justo quando encontro a alguém mais que a pode apreciar.

Isto me fez sorrir. Vi outra vez seu sorriso investido, como um gato do Cheshire.

-Se soltar os meus braços -disse- prometo me atirar em cima de ti ao mínimo indício de perigo. -Seu sorriso se converteu em careta. -De fato, com sua permissão, atirarei-me em cima de ti a mais mínima oportunidade.

Resultou-me impossível não sorrir. Se tinha que ser esquartejada, era melhor sorrir que pôr má cara. Soltei-o.

-Vai, Rhys.

Deu-me um beijo na testa e se levantou.

Fiquei tombada no chão. Me sentei e olhei para cima. Todos os homens se levantaram. Estavam de pé sobre mim, mas só Rhys me olhava. Outros continuavam observando os espinhos.

Os espinhos se balançavam plácidamente por cima de nós, como se estivessem dançando ao som de uma música que não podíamos ouvir.

-Não parece que estejam fazendo nada – eu disse.

-Tenta te pôr de pé. -Doyle me ofereceu a mão.

Olhei aquela mão negra perfeita, com suas unhas pálidas, de um branco quase leitoso. Logo me fixei no Rhys.

-Vai se atirar em cima de mim ao mínimo indício de perigo?

-Rápido como uma lebre -disse.

Surpreendi o Galen olhando ao Rhys. Não era um olhar amistoso.

-Ouvi isso de ti -disse Galen. -Que é rápido.

-Se você quiser ficar abaixo a próxima vez, fique a vontade -disse Rhys. – ficar por cima não é a única possibilidade para mim.

Sua brincadeira era amarga, e tampouco parecia contente.

-Meninos -disse Doyle, com um tom de doce advertência.

Suspirei.

-Ainda não fizeram o anúncio formal e já começaram as brigas. E Rhys e Galen são dois dos mais sensatos.

Doyle se dobrou ligeiramente, pondo sua mão a só uns centímetros de mim.

-Vamos confrontar os problemas de um em um, princesa. Fazer de qualquer outra maneira resulta entristecedor.

Olhei seus olhos escuros e desloquei minha mão na sua. Seu apertão era firme e incrivelmente forte e me levantou quase mais rapidamente do que eu podia resistir. Tive que lhe agarrar fortemente a mão para evitar cair. Sua outra mão me agarrou o antebraço. Por um instante, a situação esteve muito perto de um abraço. Olhei-o, mas não detectei em seu rosto nada que insinuasse que o tivesse feito deliberadamente.

Os espinhos assobiaram com fúria por cima de nossas cabeças. De repente, olhei para cima, com as mãos nos braços do Doyle, mas não em busca de apoio, mas sim porque estava aterrorizada.

-Possivelmente deveria nos dar as facas que leva antes de continuar? - Disse.

Olhei-o.

-Vamos muito longe?

-As rosas desejam beber de seu sangue. Têm que te tocar no pulso ou em outro lugar, mas normalmente no pulso -disse.

Eu não gostava de como soava isto.

-Não tenho consciência de haver me devotado para doar sangue outra vez.

-Primeiro, as facas, Meredith, por favor -pediu.

Olhei aos espinhos que tremiam. Um fino ramo parecia mais baixo que o resto. Soltei ao Doyle e pus uma mão em meu sutiã para procurar a navalha dentro do sutiã. Tirei-a e a abri. Frost pareceu surpreso, mas não contente. Rhys parecia surpreso mas contente.

-Não sabia que pudesse esconder uma arma assim em um objeto tão pequeno -disse Frost.

-Possivelmente não tenhamos que fazer tanto trabalho de amparo como pensava -disse Rhys.

Galen me conhecia o suficiente para saber que na corte sempre ia armada.

Entreguei a navalha ao Doyle e levantei a saia. Quando a saia estava à altura de meus joelhos, notei a atenção dos homens como um peso sobre minha pele. Olhei-os. Frost apartou a vista como se estivesse incômodo. Mas os outros ou olhavam pra a minha perna ou para meu rosto. Sei que tinham visto mais pele em pernas mais longas.

-Se continuam me olhando assim, vou acreditar nisso.

-Perdão -disse Doyle.

-Por que esta atenção repentina, senhores? Viram às damas da corte com muita menos roupa.

Continuei com a saia levantada até tirar a liga. Contemplavam cada movimento igual aos gatos olham a um pássaro em uma jaula.

-Mas as damas da corte estão fora de nosso alcance. Você não está -disse Doyle.

Ah. Tirei a faca da liga. Deixei que a saia caísse de novo a seu lugar e olhei seus olhos seguindo o movimento da roupa. Eu gosto de ser observada pelos homens, mas semelhante nível de escrutínio resultava enervante. Se sobrevivesse esta noite, falaria com eles disto. Mas como disse Doyle, um problema de cada vez.

-Quem fica com a faca?

Três mãos pálidas se estiraram para ela. Olhei pra o Doyle. No fim das contas, era o capitão da Guarda. Assentiu, como se aprovasse minha escolha. Sabia quem eu gostava mais dos três, mas não sabia quem era o melhor com uma faca.

-Dá para o Frost -disse Doyle.

Dei a faca sustentando-a pela ponta; pegou-a com uma pequena reverência. Observei pela primeira vez que havia pequenas manchas de sangue em sua bonita camisa. Apoiou-se nas feridas do Galen. Precisava lavar a camisa ou as manchas de sangue se secariam.

-Já sei que Frost merece uma ou duas olhadas esta noite, Meredith, mas você ficou parada -disse Doyle.

Assenti.

-Acredito que sim.

Observei os espinhos. Tinha um nó no estômago e as mãos tremendo. Tinha medo.

-Estira o braço para o caule que está mais abaixo. Protegeremo-lhe até o último fôlego de nossos corpos. Já sabe.

Assenti.

-Sei.

Sabia. Inclusive acreditava, mas mesmo assim... Observei os espinhos e meu olhar se fundiu na penumbra. Uns caules tão grandes como minha perna se enredavam sobre si mesmos como um montão de serpentes marinhas. Alguns espinhos eram tão grandes como minha mão, e captavam a luz com um brilho negro e apagado.

Voltei a dirigir o olhar para baixo, para os pequenos espinhos dos caules que tinha justo em cima da cabeça. Eram pequenos, mas havia um montão: uma espécie de armadura arrepiada de espinhos.

Respirei profundamente e soltei o ar. Comecei a levantar lentamente a mão, com o punho fechado. Mal tinha a mão à altura da testa quando o caule se desprende para baixo como uma serpente por um buraco. Aquela coisa marrom me rodeou o pulso, e os espinhos me cravaram na pele como anzóis na boca de um peixe. Senti a dor, aguda e imediata, um segundo antes de que a primeira gota de sangue aparecesse em meu pulso. O sangue escorregava por minha pele como uma carícia. Uma chuva carmesim, espessa e lenta, começou a cair.

Galen ficou a meu lado, movendo suas mãos a meu redor como se quisesse me tocar mas tivesse medo.

-Não é suficiente? -Perguntou.

-Parece que não -disse Doyle.

Segui a direção de seu olhar e encontrei um segundo espinho pendurando por cima de minha cabeça. Deteve-se quando se deteve o primeiro, esperando. Esperando o meu convite a aproximar-se.

Olhei ao Doyle.

-Está de brincadeira.

-Faz muito tempo que não se alimenta, Meredith.

-Suportaste mais dor que uns poucos espinhos -disse Rhys.

-Você até gostou -disse Galen.

-O contexto era distinto – eu disse.

-O contexto é tudo – ele disse, em voz baixa. Havia algo estranho em sua voz, mas não tinha tempo de decifrá-lo.

-Ofereceria meu pulso em seu lugar, mas não sou o herdeiro -disse Doyle.

-Nem eu tampouco, ainda.

O caule se moveu lentamente, me acariciando o cabelo como um amante que busca o caminho para a terra prometida. Ofereci-lhe meu outro braço, com o punho fechado. A roseira envolveu o meu pulso em um instante. Os espinhos se afundaram em minha carne; o caule se esticou. Afoguei um grito. Rhys tinha razão. Tinha sofrido penalidades maiores, mas cada dor é singular, uma tortura única. Os caules ficaram suspensórios, levantando minhas mãos por cima de minha cabeça. Havia tantos espinhos que sentia como se algum pequeno animal tentasse me morder o pulso.

Correu sangue por meus braços em uma chuva delicada e contínua. No princípio, podia sentir cada gota de sangue, mas minha pele se insensibilizou ante tanta sensação. A dor dos meus pulsos atraía toda minha atenção. Os

caules me fizeram ficar nas pontas dos pés, até que sua presa foi a única coisa que me impedia de cair. A dor aguda começou a desvanecer-se em uma queimação. Não era veneno. Só era meu corpo que reagia à dor.

Ouvi a voz do Galen como se estivesse longe.

-Já basta, Doyle.

Até que o ouvi não me dava conta de que tinha fechado os olhos. Tinha fechado os olhos e me tinha entregue à dor, porque só abraçando-a podia superá-la, viajar por ela até o lugar onde não havia dor e eu flutuava em muita escuridão. Sua voz me fez recuperar a consciência, voltei para rasgão dos espinhos a derramar meu próprio sangue. Meu corpo se estremeceu com aquela reação súbita, e os espinhos responderam a este movimento me lançando ao ar, sem tocar ao chão.

Gritei. Alguém me segurou pelas pernas. Olhei para baixo até descobrir que era Galen.

-Basta já, Doyle -disse.

-Nunca beberam tanto da rainha -disse Frost. Aproximou-se de nós, com minha faca na mão.

-Se cortarmos os caules, atacam-nos -argumentou Doyle.

-Temos que fazer algo -disse Rhys.

Doyle assentiu.

As mangas de minha jaqueta estavam empapadas de sangue. Pensei vagamente que teria gostado de ir vestida de negro, dissimulava mais o sangue. O pensamento me provocou um risinho tolo. A luz cinza parecia nadar ao nosso redor. Estava enjoada. Queria que a hemorragia se detivesse antes de ter náuseas. Não há nada como as náuseas provocadas por perda de sangue. Alguém se sente muito fraco para mover-se e mesmo assim quer jogar o estômago pela boca. Meu medo se desvanecia em uma sensação clara, quase brilhante, como se o mundo estivesse rodeado de névoa.

Estava perigosamente perto de desmaiar. Já não podia agüentar mais espinhos. Tentei dizer «basta», mas não saiu nenhum som. Concentrei-me nos lábios e estes se moveram, formando a palavra, mas não saiu som algum.

Então se ouviu algo, mas não era minha voz. Os caules da roseira assobiaram e tremeram em cima de mim. Levantei a cabeça para olhar, mas o pescoço não podia sustentá-la. Os caules se enredavam em cima de mim como um negro matagal de cordas. Os espinhos que havia ao redor do meu pulso me puxaram para cima. Só os braços do Galen sobre minhas pernas impediam que o ninho de espinhos me levantasse. A roseira puxava pelo meu pulso para cima, e Galen me segurava, e minha cintura sangrava.

Gritei. Gritei uma palavra:

-Basta!

Os caules se estremeeceram, tremendo contra minha pele. A habitação se encheu de repente de folhas caídas. Desencadeou-se uma nevada marrom e seca. Percebi um aroma forte e picante, como folhas de outono e atrás disso, como uma segunda onda de aroma, o rico aroma da terra fresca.

A roseira me deixou no chão. Galen me acariciou, me sustentando em seus braços à medida que os caules me soltavam lentamente. Tanto os braços do Galen como os caules pareciam extremamente amáveis, se é que os dentes podem ser amáveis enquanto tentam te dar uma dentada no braço.

O som da porta golpeando outra vez a parede foi o primeiro indício que tinha de que os caules se apartaram dela. Galen me sustentava em seus

braços e os caules ainda mantinham meus pulsos por cima da cabeça, quando todos nos voltamos para a corrente de luz que procedia das portas abertas.

A luz resplandecia, desconcertante, envolta em um halo de névoa. Sabia que a luz só parecia brilhante depois da escuridão, e acreditei que o halo de névoa se devia a meu enjôo, até que daquela luz surgiu uma mulher. De cada um de seus dedos cor amarela pálida se levantava fumaça, como se estes fossem velas recém apagadas.

Fflur entrou na habitação com um vestido completamente negro que dava a sua pele amarela a brilhante cor dos narcisistas. Seu cabelo amarelo se pulverizava por sua roupa como uma capa brilhante que se enredava no vento de seu próprio poder.

Os guardas se repartiram a cada um de seus lados. Muitos levavam armas; o resto entrou na habitação com as mãos vazias. Havia vinte e sete homens na Guarda da Rainha e o mesmo número de mulheres na Guarda do Rei, as quais obedeciam ao Cel em ausência de rei. Cinquenta e quatro guerreiros, e menos de trinta apareceram pelas portas.

Na escuridão, tentei memorizar cada cara, tentei recordar quem tinha ido em nossa ajuda e quem ficou atrasado, a salvo. Os guardas que não tinham passado por aquelas portas tinham perdido qualquer oportunidade sobre meu corpo.

Mas não podia me concentrar em todas os rostos. Detrás da Guarda apareceu um montão de novas formas, a maioria delas mais baixas e muito menos humanas.

Tinham chegado os trasgos.

Os trasgos não eram criaturas do Cel. Este foi meu último pensamento antes de que a escuridão se apoderasse de minha visão e se comesse a névoa que tinha ante meus olhos. Afundei-me naquela bendita escuridão como uma pedra jogada na água profunda, que só podia cair e cair, porque não havia fundo.

Havia uma luz na escuridão. Um pontinho branco que flutuava para mim, fazendo-se cada vez maior. E adverti que não se tratava de luz, mas sim de chamas: uma bola de fogo branco que avançava na negrume, que avançava para mim. E eu não podia escapar dela, porque já não tinha corpo. Eu só era algo que flutuava na fria escuridão. O fogo me envolveu e então sim tive corpo. Tive ossos e músculos, pele e voz. A chama devorou a minha pele, senti os músculos fervendo, estalando por causa do calor. O fogo me mordeu os ossos, encheu-me as veias de metal fundido, e começou a me esfolar de dentro pra fora.

Despertei gritando.

Galen estava inclinado sobre mim. Seu rosto foi a única coisa que me salvou do ataque de pânico. Sustentava a minha cabeça e o torso em suas coxas, acariciava-me a testa, afastava o meu cabelo do rosto.

-Está tudo bem, Merry. Está tudo bem. -Em seus olhos brilhavam lágrimas não derramadas, lágrimas de um verde cristalino.

Fflur se inclinou para mim.

-Pobre saudação te trago, princesa Meredith, mas responder à rainha, eu devo.

O qual traduzido queria dizer que tinha me tirado da escuridão, tinha me obrigado a despertar, e isso por desejo da rainha. Fflur era uma das que se esforçava em viver como se o calendário ainda não tivesse chegado ao ano 1000. Tinham exposta suas tapeçarias no Museu de Arte de Saint Louis, e ao menos duas revistas importantes lhe tinham dedicado reportagens ilustradas. Fflur não quis ver sequer os artigos, e sob nenhuma circunstância a puderam convencer para que fosse ao museu. Também tinha se negado a conceder entrevistas à televisão, os periódicos e as mencionadas revistas.

Consegui que minha voz não soasse como um grito.

-Foste você que tirou as rosas da porta?

-Sim -disse.

Tratei de lhe sorrir, mas mal consegui.

-Arriscaste-te muito ao me ajudar, Fflur. Não tem por que te desculpar.

Olhou os rostos de quem nos rodeava, colocou a ponta de um dedo na testa, e pensou umas palavras: «Mais tarde». Queria me falar mais tarde, mas não queria que soubesse ninguém. Entre outras de suas virtudes estava a de sanar. Poderia ter comprovado meu estado de saúde com o mesmo gesto, assim que ninguém suspeitou.

Eu não me atrevi sequer a assentir, o melhor que pude fazer foi olhar ao fundo de seus olhos negros. Estes contrastavam de um modo tão extraordinário com todo aquele amarelo que pareciam os olhos de uma boneca. Olhei-a aos olhos e tentei lhe explicar deste modo que a tinha entendido. Ainda não tinha visto o salão do trono e já estava colocada até o pescoço nas intrigas da corte. Típico.

Minha tia se ajoelhou a meu lado em uma nuvem de pele e vinil. Tomou minha mão direita entre as suas, acariciando-a, manchando-se de sangue as luvas de couro.

-Doyle me diz que cravaste o dedo com um espinho, e as rosas cobraram vida.

Olhei-a e tentei em vão interpretar sua expressão. Meus pulsos doíam com uma queimação aguda que me chegava até os ossos. Seus dedos seguiam brincando com as feridas frescas, e cada vez que a luva de couro passava sobre elas, me fazia estremecer.

-Cravei-me o dedo, sim. O que provocou que as rosas cobrassem vida é interpretação de cada um.

Andais sustentou minha mão com as suas, desta vez com delicadeza, contemplando as feridas com expressão de... Assombro.

-Já tinha perdido a esperança em nossas rosas. Uma perda mais em muito perdas.

Sorriu, e parecia um sorriso genuíno, mas lhe tinha visto utilizar o mesmo sorriso enquanto torturava a alguém em seu dormitório. Não era porque o sorriso era sincero que teria que confiar nela.

-Me alegro de que esteja satisfeita – eu disse, com uma voz tão neutra como pude.

Então ficou a rir e me apertou as feridas: notei cada costura das luvas de couro. Apertou com uma pressão constante e lenta, até que deixei escapar um pequeno gemido de dor. Isto pareceu alegrá-la, e me soltou. Levantou-se entre um rumor de saias.

-Quando Fflur tenha te curado as feridas, poderá te reunir conosco no salão do trono. Anseio sua presença a meu lado.

Voltou-se e os reunidos se apartaram a seu passo, formando um túnel de luz que conduzia ao salão do trono. Eamon, uma sombra de couro negro, saiu de entre a multidão para lhe oferecer o braço.

Um pequeno trasgo, com uma série de olhos que formavam uma espécie de colar em sua testa, ajoelhou-se a meu lado, nas saias negras do Fflur. Os olhos do trasgo me olharam, olharam pra ela, de novo a mim, logo a ela, mas o que realmente centrava sua atenção era o sangue. Era um trasgo pequeno, de apenas meio metro. O círculo de olhos o distinguia como um dos mais bonitos entre seus congêneres. A essa marca a chamavam «colar de olhos», e pronunciavam a expressão com o tom que os humanos utilizam para falar de peitos grandes ou bundas escuras.

A rainha podia pensar o que quisesse sobre as rosas. Eu não acreditava que uma gota de meu sangue tivesse inspirado às rosas moribundas. Acreditava que meu sangue real tinha salvado, mas o ataque inicial... Suspeitei de outro feitiço, escondido em algum lugar entre os espinhos. Podia se realizar se alguém tinha o suficiente poder.

Inimigos não me faltavam. O que precisava eram amigos, aliados.

Deixei escorregar minha mão pelo quadril, como se fosse desmaiar. A ferida estava a só uns centímetros da pequena boca do trasgo, que se tornou para ela e a lambeu com uma língua áspera como a de um gato. Deixei escapar um pequeno som e o trasgo se encolheu.

Galen o separou da maneira em que alguém se tira a um cão de cima. Mas Fflur agarrou ao trasgo pelo cangote.

-Comedor, o que pretende com esta rabugice? -Começou a lhe apartar.

Detive-a.

-Não, provou meu sangue sem minha permissão. Peço recompensa por semelhante abuso.

-Recompensa? -Perguntou Galen.

Fflur continuava agarrando ao pequeno trasgo. A fileira de olhos pestanejava.

-Não queria. Sinto muito, sinto muito. -O trasgo tinha dois braços principais e dois pequenos e inúteis. Os quatro, braços retorcidos, com uns dedos pequenos rematados por garras que abriam e fechavam.

Frost levantou com as duas mãos o trasgo de Fflur. Não empunhava minha faca. Teria que me lembrar de lhe pedir que me devolvesse isso. Mas, de momento, tinha outros problemas.

-Tenho que lhe curar as feridas -disse Fflur, -ou perderá mais sangue.

Fiz um gesto de negação. -Ainda não.

-Merry -disse Galen, -deixa que cure suas feridas.

Observei sua expressão de preocupação. Educou-se na corte, igual a mim. Deveria ter sabido que não era o momento de curar as feridas. Era o momento da ação. Olhei-o no rosto. Não a sua cara graciosa e franca, ou a seus pálidos cachos verdes, ou aquela risada que a iluminava, olhei-o como deve ter ficado quando meu pai decidiu me entregar a outra pessoa. Não tinha tempo de explicar coisas nas que Galen já deveria ter pensado. Observei ao grupinho congregado a meu redor: um grupinho de curiosos ante um acidente de trânsito, só que mais elegantes e mais exóticos.

-Onde está Doyle?

Produziu-se um movimento entre os reunidos, a minha direita. Doyle deu um passo adiante. Parecia muito alto visto do chão. Um pilar com capa negra que se abatia sobre mim. Só os brincos com plumas de pavão que emolduravam seu rosto suavizavam um pouco o aspecto absolutamente intimidador de sua figura. Sua expressão e o porte eram os do velho Doyle. A Escuridão da Rainha estava a meu lado, e as plumas de cores pareciam desconjuradas. Tinham-no vestido para uma festa e se encontrava em meio de uma batalha. Seu semblante não dizia nada, embora de fato sua absoluta inexpressividade já revelava que não era feliz.

De repente, voltei a me sentir confusa e vagamente assustada ante esse homem escuro que tinha estado ao lado de minha tia. Entretanto, nesse momento não estava a seu lado, a não ser ao meu. Acomodei-me de novo no regaço do Galen e encontrei consolo em suas carícias, mas era ao Doyle a quem pedi ajuda.

-Me leve para o Kurag se quer resgatar a este ladrão – eu disse.

Doyle arqueou uma sobrancelha.

-Ladrão?

-Bebeu de meu sangue sem que lhe convidasse. O único roubo mais importante entre os trasgos é o roubo de carne.

Rhys se ajoelhou a meu outro lado.

-Ouvi dizer que os trasgos perdem muita carne durante o ato sexual.

-Só se concordar com antecedência – eu disse.

Galen se inclinou para mim. Murmurou:

-Se se sentir tão fraca pela hemorragia que não pode te deitar com ninguém esta noite... -Roçou minha bochecha com seus lábios. -Não acredito que resistisse te contemplar em um de seus espetáculos de sexo. Tem que te pôr bem para te colocar na cama com alguém esta noite, Merry. Deixa que Fflur te cure as feridas.

Com a extremidade do olho via sua cara como um borrão pálido, seus lábios como uma nuvem rosa ao lado de minha bochecha. Não é que estivesse equivocado, mas não pensava além do imediato.

-Tenho um uso melhor para meu sangue que empapar ataduras.

-Do que está falando? -Perguntou Galen.

Doyle respondeu:

-Os trasgos consideram algo que proceda do corpo mais valioso que as jóias ou as armas.

Galen o olhou. Senti o movimento de seu peito quando suspirou.

-E o que tem isto que ver com o Merry? -Mas havia algo em sua voz que revelou que conhecia a resposta.

Doyle separou de mim seus olhos escuros para cravá-los no Galen. -É muito jovem para recordar as guerras dos trasgos.

-Merry também -disse Galen.

Os olhos negros se posaram de novo em mim.

-É jovem, mas conhece a história. -Voltou a dirigir seu olhar ao Galen. -Conhece você a história, jovem corvo?

Galen assentiu. Me apertou em seu colo para me afastar de Fflur, para me afastar de todo o mundo. Abraçou-me e meus braços mancharam sua pele de sangue.

-Conheço a história. O que acontece é que eu não gosto.

-Está tudo bem, Galen – eu disse.

Olhou-me, assentindo, mas senti que não acreditava.

-Vá procurar ao Kurag -disse ao Doyle.

Este olhou à multidão que esperava.

-Sithney, Nicca, tragam aqui ao rei dos trasgos.

Sithney se voltou acompanhado por um redemoinho de comprido cabelo castanho. Não vi o cabelo cor púrpura escura de Nicca; o pálido brilho de sua pele de lilás deveria ter destacado entre as peles negras e brancas da corte. Mas se Doyle o chamava, estava ali.

A multidão se apartou e entrou Kurag com sua rainha ao lado. Os trasgos, como os sidhe, consideravam que o consorte real era um membro armado, não alguém que tivesse que ser escondido e protegido. Ela tinha muitos olhos na cara. A boca larga e sem lábios mostrava umas presas o suficientemente compridas para intimidar a qualquer um. Alguns trasgos tinham veneno em seus corpos, e apostava a que a nova rainha do Kurag era um destes. Seus olhos, o veneno e um jogo de braços ao redor de seu corpo como uma coleção de serpentes a convertiam no ideal de beleza entre os trasgos, embora só podia presumir de um jogo de pernas arqueadas. As pernas adicionais eram a amostra mais estranha de beleza entre os trasgos. Keelin não apreciava sua boa sorte.

A rainha dos trasgos mostrava um ar de satisfação, prova de que tinha ante mim a uma mulher que compreendia seu autêntico valor e sabia como tirar partido dele. O jogo de braços se pegava ao corpo do Kurag, acariciando-o. Um par de braços se deslizou entre as pernas do rei para acariciar tanto seu membro como seu testículo através do fino tecido das calças. O fato de que sentisse o impulso de fazer algo tão explicitamente sexual quando me apresentaram era isso um indício de que me considerava uma rival.

Meu pai considerava importante que eu conhecesse bem a corte dos trasgos. Tínhamos os visitado muitas vezes, do mesmo modo que eles tinham

visitado nossa casa. Ele havia dito: «Os trasgos são os que mais lutam em nossas guerras. São eles, não os sidhe, a coluna vertebral de nossos exércitos.»

Isto tinha sido verdade na última guerra de trasgos, quando assinamos um tratado que se manteve. Kurag se encontrava tão a gosto com meu pai que tinha pedido minha mão como consorte. O resto dos sidhe o consideraram uma ofensa, e alguns falaram inclusive de declarar a guerra. Os trasgos, por sua parte, consideraram seu desejo de ter uma esposa com aspecto tão humano como a máxima expressão da perversão e falavam pelas suas costas de procurar um novo rei. Não obstante, outros trasgos viam quão benéfico era ter uma rainha com sangue de sidhe. Então fez falta uma boa dose de diplomacia para nos afastar da guerra ou de umas bodas com um trasgo. Foi pouco depois disto que se anunciou meu compromisso com o Griffin.

Kurag se abatia sobre mim. Sua pele era de um tom amarelo similar ao do Fflur, mas enquanto que a dela era delicada e perfeita como o marfim, a pele do Kurag estava coberta de verrugas e protuberâncias. Cada imperfeição de sua pele era uma marca de beleza. Um olho se sobressaía de uma grande protuberância de seu ombro direito, um olho errante, assim o chamavam os trasgos, porque estava afastado do rosto. Quando menina, eu gostava daquele olho, a maneira que tinha de mover-se com independência de seu rosto; eu gostava dos três olhos que lhe agraciavam seus rasgos largos e marcados. O olho de seu ombro era da cor das violetas, com umas pestanas negras muito largas. Abria-se uma boca justo em cima de seu mamilo direito, uma boca de carnudos lábios vermelhos, com uns pequenos dentes brancos. Uma magra língua rosa lambia aqueles lábios, e saía ar daquela boca. Se a gente punha uma pluma diante daquela segunda boca, esta a soprava para cima. Enquanto meu pai e Kurag falavam, entretinha-me olhando aquele olho, e aquela boca e os dois braços gêmeos que saíam de forma pouco elegante do flanco direito do Kurag. Jogávamos cartas, aquele olho, aquela boca, aqueles braços e eu. Sempre tinha pensado que Kurag era muito inteligente para poder concentrar-se em coisas tão díspares de uma vez.

O que não soube até a adolescência era que havia duas pernas magras debaixo do cinto do Kurag, do lado direito, completadas com um pênis pequeno mas completamente funcional. A concepção do cortejo entre os trasgos era pouco sutil, por não dizer grosseira. A proeza sexual era muito importante entre eles. Quando me mostrei apática ante a proposição do Kurag, este se baixou as calças e me mostrou tanto seu próprio membro como o de seu gêmeo parasita. Eu tinha dezesseis anos e ainda lembrava o horror de me dar conta de que havia outro ser apanhado no corpo do Kurag. Outro ser com suficiente inteligência para jogar a cartas com uma menina quando Kurag não prestava atenção. Havia uma pessoa inteira apanhada ali dentro. Uma pessoa completa que, se a genética tivesse sido mais generosa, poderia ter tido outro olho de lavanda.

Nunca voltei a me encontrar a gosto com o Kurag depois disto. Não tinha sido pela proposição nem pela revelação de sua dignidade extraordinária. Foi a visão desse segundo pênis, comprido e ereto, independente do Kurag e desejoso de mim. Quando os rechacei aos dois, aquele único olho cor lavanda tinha derramado uma solitária lágrima.

Tive pesadelos durante semanas. Os membros adicionais estavam bem, mas um ser apanhado dentro de outra pessoa... Não tenho palavras para

descrever esse tipo de horror. A segunda boca podia respirar, de maneira que obviamente tinha acesso aos pulmões, mas carecia de cordas vocais. Não estava segura de se isto era uma bênção ou uma última maldição.

-Kurag, rei dos trasgos, saúdo-te. Gêmeo do Kurag, Carne do Rei Trasgo, saúdo a ti também.

Os magros braços situados ao lado do peito nu do rei me saudaram. Eu saudava aos dois desde a noite em que soube que a pessoa com a que tinha estado jogando a cartas e jogos estúpidos, como sopro plumas, em realidade não era Kurag. Que eu saiba eu era a única que sempre saudava os dois.

-Meredith, princesa sidhe, saudações de nós dois.

Seus olhos laranja me olharam de acima, o maior suspenso ligeiramente por cima e entre os outros dois, como o olho de um ciclope. O olhar que me dirigiu era o que dirigiria qualquer homem a uma mulher a que deseja. Um olhar tão óbvio que senti como o corpo do Galen se esticava. Rhys se levantou para situar-se junto ao Doyle.

-Honra-me com seus cuidados, rei Kurag – eu disse.

Era um insulto entre os trasgos que um homem não olhasse a uma mulher de forma impudica. Significava que era feia e estéril, inválida para o desejo.

A rainha mantinha suas mãos sobre o Kurag, mas levou uma delas a um flanco, onde eu sabia que estavam os outros genitais. Seu labirinto de olhos me observou enquanto suas mãos se ocupavam nas genitálias. As duas bocas do Kurag respiravam de forma entrecortada.

Se não nos apressássemos íamos presenciar o momento em que a rainha o levaria, os levaria ao orgasmo. Os trasgos não viam nada mau em desfrutar do sexo em público. Era uma proeza masculina chegar ao orgasmo várias vezes em um banquete, e se apreciava à mulher capaz de consegui-lo. É óbvio, o trasgo que agüentava durante muito tempo as cuidados de uma mulher era muito valorado entre elas. Se um trasgo tinha problemas sexuais como ejaculação precoce ou impotência ou, no caso das mulheres, frigidez, todo mundo sabia. Nada se ocultava.

Os olhos do Kurag se dirigiram ao Frost e ao pequeno trasgo que o guarda segurava. Para captar a atenção plena do rei, sua rainha deveria ter estado em outra habitação.

-Por que retém um de meus homens?

-Isto não é um campo de batalha, e eu não sou carniça – eu disse.

Kurag piscou. O olho de seu ombro pestanejou um segundo ou dois mais tarde que os três olhos principais. Voltou-se para o pequeno trasgo.

-O que você fez?

-Nada, nada -balbuciou o pequeno trasgo.

Kurag centrou sua atenção em mim.

-Me conte, Merry. Este mente mais que fala.

-Bebeu de meu sangue sem minha permissão.

Seus olhos voltaram a piscar.

-Isso é uma acusação grave.

-Quero uma recompensa pelo sangue roubado.

Kurag tirou uma grande faca de seu cinto.

-Quer seu sangue?

-Bebeu de uma princesa da alta corte dos sidhe. Pensa realmente que obter seu sangue é um trato justo?

Kurag me olhou.

-O que seria um trato justo? -Parecia desconfiado.

-Seu sangue pelo meu – eu disse.

Kurag afastou as mãos da rainha de seu corpo. Ela deixou escapar um grito, e ele se viu forçado a mover a mão com suficiente força para que ela caísse ao chão. Não a olhou para ver como tinha caído, ou se se encontrava bem.

-Compartilhar sangue significa algo entre os trasgos, princesa.

-Sei o que significa – eu disse.

Kurag me olhou com seus olhos amarelos.

-Poderia simplesmente esperar até que perdesse suficiente sangue para te converter em carniça -disse.

Sua rainha ficou a seu lado.

-Eu poderia acelerar o processo.

Brandia uma faca mais comprida que meu antebraço; a folha brilhava fracamente.

Kurag se voltou para ela dando um grunhido.

-Não é de sua incumbência.

-Compartilharia sangue com ela, que não é rainha. Sim é de minha incumbência. -Lançou uma punhalada.

A folha de prata se moveu com muita rapidez para que eu pudesse seguir o movimento com o olhar. Kurag só teve tempo de esticar um braço, em um esforço por evitar que a faca se afundasse em seu corpo. A faca abriu seu braço em uma explosão carmesim. Seu outro braço, o principal, golpeou totalmente a cara da rainha. Escutou-se um rangido de ossos quebrados, e ela caiu ao chão pela segunda vez. Seu nariz explodiu como um tomate amadurecido. Dois dos dentes situados entre suas presas se quebraram. Brotava sangue de sua boca, perdia-se entre o sangue que lhe emanava do nariz. O olho mais próximo ao nariz tinha saltado de sua órbita e aparecia em cima de sua bochecha como uma bola pendurada por um fio.

Kurag lhe arrebatou a faca de debaixo dos pés. Voltou a lhe golpear, e esta vez ela deu uma volta sobre si mesmo e ficou quieta. Tinha tido mais de um motivo para não querer me casar com o Kurag.

O rei dos trasgos se inclinou sobre a rainha caída. Seus grossos dedos comprovaram que ainda respirava, que seu coração seguia pulsando. Assentiu para si mesmo e a levantou em seus braços. Sustentava-a docemente, com ternura. Pronunciou uma ordem, e um trasgo saiu de entre a multidão.

-Leva-a a nossa colina. Procura que lhe curem as feridas. Se morrer, farei que lhe cortem a cabeça.

Os olhos do trasgo olharam um instante a cara do rei antes de baixar o olhar. Por um momento percebi uma expressão do mais puro medo no rosto do trasgo. O rei tinha golpeado a rainha, quase a tinha matado, mas se morria seria culpa do guarda. Desta maneira, o rei se declarava inocente e poderia encontrar rapidamente a outra rainha. Se a tivesse matado diante de tantas testemunhas reais, poderiam lhe haver forçado a renunciar ao trono ou lhe fazer pagar com sua vida. Entretanto, seguia viva quando a depositou com ternura nos braços do guarda: as mãos do rei estariam presas se a rainha morria. Embora era pouco provável que morresse a rainha dos trasgos. Os trasgos eram uma raça forte.

Um segundo guarda trasgo, de menor estatura embora mais forte que o primeiro, agarrou a faca da rainha que lhe entregou Kurag e seguiu ao primeiro

guarda. Kurag tinha direito a executar a ambos se a rainha morresse. Uma das coisas que os membros da realeza aprendem logo é a descarregar-se de culpa. Descarregar-se de culpa e salvar a cabeça. Era como jogar com a Rainha Vermelha de *Alice no país das maravilhas*. Se dissesse algo um pouco equivocado, ou não dizia o correto, podia perder a cabeça. Falando metaforicamente, ou não.

Kurag se voltou para mim.

-Minha rainha nos economizou o problema de me abrir as veias.

-Então sigamos com isso. Estou perdendo sangue – eu disse. Galen ainda tinha suas mãos em meus pulsos, e me dei conta de que estava apertando as feridas.

Olhei-o.

-Galen, não passa nada. -Manteve suas mãos apertadas em torno de meus pulsos. -Galen, por favor, me solte.

Olhou-me, abriu a boca como se fosse dizer algo; logo a fechou e me soltou lentamente os pulsos. Suas mãos estavam manchadas com meu sangue. Mas a pressão exercida tinha diminuído a hemorragia, ou possivelmente foram só as carícias do Galen. Possivelmente não era só minha imaginação o que convertia suas mãos em um alívio.

Ajudou-me a me levantar. Tive que lhe afastar as mãos para poder me manter em pé sozinha. Separei as pernas para conseguir um bom equilíbrio sobre meus saltos, e encarei ao Kurag.

Chegava-lhe ao esterno, e seus ombros eram quase tão largos como eu alta. A maioria dos sidhe eram altos, mas os trasgos mais altos eram realmente corpulentos.

Fflur tinha se posto a meu lado para unir-se ao Galen, Doyle e Rhys. Frost estava de pé a um lado, com o pequeno trasgo pendurando de suas mãos. Havia uma grande pressão de corpos a nosso redor: sidhe, trasgos e demais. Mas eu só tinha olhos para o rei dos trasgos.

-Embora peça desculpas pela grosseria de meu homem -disse Kurag, -não posso te oferecer meu sangue sem obter algo em troca.

Estendi-lhe a mão direita, e pus a mão esquerda na boca vermelha de seu peito.

-Bebe então, Kurag, rei dos trasgos.

Aproximei meu pulso direito tanto como pude a sua boca principal. Levantar a mão tão por cima da cabeça me enjoava. Pressionei meu pulso esquerdo contra a boca aberta de seu peito, e foram estes lábios os que se fecharam em torno de minha pele em primeiro lugar, esta língua a que pinçou na ferida para que brotasse sangue fresco. A língua daquela boca era delicada e humana, não como a áspera língua de gato do pequeno trasgo.

Kurag baixou a cabeça até meu pulso, com cuidado de não utilizar suas mãos para manter a ferida perto dele. Usar as mãos teria sido grosseiro e teria se considerado como uma insinuação sexual. Sua boca era áspera como papel de lixa, inclusive mais áspera que a do pequeno trasgo. Raspou-me a ferida e me fez afogar um grito. A boca de seu peito sugava como um menino; a língua do Kurag continuou lambendo até que surgiu sangue fresco. Quando pôs seus lábios ao redor de minha ferida, meteu na boca quase todo o meu pulso. Seus dentes me mordiam a carne e me faziam mal à medida que aumentava a sucção. Em troca, a boca menor de seu peito era muito mais delicada.

A boca do Kurag trabalhava em meu pulso. Quando tinha me acostumado a sua sucção, seus dentes raspavam a ferida e sua língua se deslocou em um movimento amplo e doloroso. Esteve lambendo a ferida durante muito tempo. Recordou-me uma dessas competições de beber cervejas nas que tomam todas as que pode sem vomitar.

Mas finalmente, Kurag apartou a cabeça de meu pulso. Eu apartei minha mão esquerda de seu peito; os lábios me beijaram fugazmente quando me retirei.

Kurag esboçou um sorriso, mostrando seus dentes amarelados manchados de sangue.

-Faça melhor se puder, princesa, embora as sidhe sempre me pareceram muito afetadas para uma boa atuação com a língua.

-Não conheceste às sidhe adequadas, Kurag. Todas as que conheci tinham... -Baixei o tom de minha voz e lhe lancei um olhar insinuante - talento oral.

Kurag riu entre dentes. Foi uma risada débil e malvada, mas apreciativa.

Cambaleei-me um pouco, mas me mantive em pé e isso era o único que se necessitava. Entretanto, não ia agüentar muito mais.

-É minha vez – eu disse.

Kurag sorriu.

-Me chupe, doce Merry, me chupe forte.

Teria sacudido a cabeça se não tivesse estado convencida de que isso me enjoaria ainda mais.

-Nunca mudará, Kurag – eu disse.

-Por que teria que mudar? –Disse. -Nenhuma mulher com a que me tenha deitado em mais de oitocentos anos se foi insatisfeita.

-Só sangrando – eu disse. Piscou, e voltou a rir.

-Se não haver sangue, onde está a graça?

Tratei em vão de não sorrir.

-Falas muito para não haver me devotado ainda seu sangue.

Estendeu-me o braço. Emanava sangue dele em grandes jorros vermelhos. A ferida que me ofereceu era mais profunda do que tinha parecido, uma profunda fenda como uma terceira boca.

-Sua rainha tinha a intenção de te matar – eu disse.

Olhou para a ferida, sorrindo ainda.

-Sim, é certo.

-Parece agradado – eu disse.

-E você, princesa, parece que está atrasando o momento de colocar em meu corpo seu boquinha branca.

-O sangue de sidhe pode ser doce -disse Galen, -mas o sangue de trasgo é amargo.

Era um antigo provérbio entre nós, mas não era certo.

-Enquanto o sangue seja vermelho, sempre tem mais ou menos o mesmo gosto – eu disse.

Baixei a boca para a ferida. Não podia fazer nada parecido a me colocar na boca todo o braço do Kurag, como tinha feito ele com meu pulso, mas lhe chupar o sangue tinha que ser mais que um simples beijo de meus lábios. A sucção de sangue era uma forma apaixonada por compartilhar, e não mostrar paixão se considerava um insulto.

A arte de sugar uma ferida consiste em fazer brotar sangue do mais profundo. Terá que começar devagar, trabalhar em seu interior. Chupei a pele no lado menos profundo da ferida com compridos e firmes lambidas. Um dos truques para beber muito sangue é tragar freqüentemente. O outro truque consiste em concentrar-se em cada tarefa por separado. Concentrei-me em quão áspera era a pele do Kurag, na protuberância que parecia formar um nó ao final da ferida. Concentrei-me nesse nó, fazendo-o rodar por minha boca durante um segundo para reunir a coragem precisa para lambe a ferida. Eu gosto de um pouco de sangue, um pouco de dor, mas essa ferida era profunda e fresca, em certo modo excessiva.

Voltei a lambe duas vezes o lado pouco profundo da ferida e a seguir, detive minha boca ali. O sangue emanava muito depressa e me provocava convulsões ao tragar. Respirava pelo nariz, mas mesmo assim havia muito líquido doce e metálico. Muito para respirar, muito para tragar. Lutei por conter uma arcada e tentei me concentrar em algo distinto. Os bordos da ferida estavam muito limpos e suaves: boa prova de que a faca estava bem afiada. Teria me ajudado poder tocar ao Kurag com as mãos, ter alguma outra sensação. Era consciente de que minhas mãos se esticavam no ar como se tentassem encontrar algo no que agarrar-se. Mas não o podia evitar. Tinha que fazer algo.

Uma mão me roçou as pontas dos dedos, e a agarrei, apertei-a. Minha outra mão se deslocou no ar até que também a agarraram. Pensei que era Galen, pela delicada perfeição das pontas de seus dedos, mas a palma e os dedos estavam cheios de calos causados pela espada e o escudo. Eram muito rugosas para tratar-se do Galen. Eram mãos que se estiveram exercitando nas armas muito mais tempo do que tinha vivido Galen. Estas mãos agarravam as minhas, respondendo a minha pressão, as apertando enquanto eu aferrava a essa sensação.

Tinha a boca contra o braço do Kurag, mas concentrava a atenção em minhas mãos e na força que me retinha. Podia sentir como uns braços atiravam de mim e me obrigavam a colocar as mãos por detrás das costas e logo a subir: uma dor suave que me distraía, exatamente o que necessitava.

Separei-me da ferida, ofeguei e um instante depois pude por fim respirar corretamente. Tive uma ânsia, mas as mãos seguraram meus braços para cima e pude me conter. Passou o momento crítico e me senti bem. Não ia pôr me em ridículo vomitando todo aquele bom sangue.

As mãos se afrouxaram e a dor de meus braços se aliviou; as mãos já só eram algo ao que agarrar-se.

-Ummm... -Disse Kurag- isto foi bom, Merry. É, certamente, a filha de seu pai.

-Tomo como um elogio, vindo de ti, Kurag.

Separei-me dele e tropecei. As mãos me levantaram e permitiram que me apoiasse no peito de seu proprietário. Sabia quem era antes de me voltar para olhar. Doyle me observava enquanto eu me apoiava em seu corpo, com minhas mãos ainda entre as suas. Articulei uma palavra:

-Obrigado.

Assentiu levemente com a cabeça. Não fez nenhum movimento para me soltar, e eu não fiz nenhum movimento para me liberar da pressão de seu corpo. Temia cair se me separava dele e lhe soltava as mãos. Mas foi também nesse momento quando me senti segura. Sabia que se caía, ele me agarraria.

-Meu sangue está em seu corpo e a teu no meu, Kurag – eu disse. -Somos irmãos de sangue até a próxima lua.

Kurag assentiu.

-Seus inimigos são meus inimigos. Seus amigos são meus amigos.

-Deu um passo adiante, abatendo-se sobre mim e inclusive sobre o Doyle. - Seremos aliados de sangue durante uma lua se...

Olhei-o.

-Se o quê? O ritual se completou.

Kurag levantou seus três olhos e olhou ao Doyle.

-Sua Escuridão sabe o que quero dizer.

-Ainda é a Escuridão da Rainha – eu disse.

Os olhos do Kurag me olharam, e logo se dirigiram ao Doyle.

-Não está agüentando as mãos da rainha.

Comecei a me apartar do Doyle, mas ele me apertou as mãos ainda mais, e eu decidi me relaxar.

-Não te incumbe absolutamente a quem Doyle sustenta as mãos, Kurag.

Os olhos do Kurag se estreitaram.

-É Doyle seu novo consorte? Ouvi um rumor de que esse é o motivo pelo que retornava a corte, para escolher a um novo consorte.

Pus as mãos do Doyle em minha cintura.

-Não tenho consorte. -Recostei-me nos braços do Doyle. Durante um segundo, ficou tenso, mas em seguida senti que um a um seus músculos se foram relaxando. -Embora possa se dizer que saí pra ver o que há no mercado.

-De acordo, de acordo -disse Kurag.

Podia sentir a tensão no Doyle, embora não acreditava que ninguém mais a captasse. Havia algo que me escapava, mas não sabia o quê.

-Se não tiver consorte posso pedir outra coisa ou considerar rota a aliança.

-Não o faça, Kurag -disse Doyle.

-Invoco o direito de carne -anunciou Kurag.

-Tomou seu sangue de maneira pouco leal – disse Frost-. Sabe quem são seus inimigos, e o rei dos trasgos lhes tem medo.

-Está chamando de covarde ao Kurag, o rei dos trasgos? -Perguntou Kurag.

Frost ficou sob o braço o pequeno trasgo que estava agarrando, deixando livre sua outra mão, embora ainda desarmado.

-Sim, chamo-te covarde, se te esconder detrás da carne.

-O que é o direito de carne? -Perguntei. Comecei a me separar do Doyle, mas ele me impediu. Olhei-o. -O que está acontecendo, Doyle?

-Kurag tenta esconder sua covardia detrás de um ritual muito antigo.

Kurag fez uma careta. Chamar covarde a alguém em qualquer das cortes estava acostumado a terminar em um duelo. Kurag estava sendo muito razoável.

-Não temo a nenhum sidhe –disse. -Invoco a carne não para me salvar de seus inimigos, a não ser para unir minha carne com a sua.

-Já está casado -disse Frost. -O adultério é um crime entre os sidhe.

-Mas não entre os trasgos -assegurou Kurag. -assim, meu estado matrimonial não supõe nenhum inconveniente, só o seu. Separei-me do Doyle, mas o movimento foi muito rápido e me fez cambalear. Felizmente Fflur me agarrou pelo cotovelo e não cheguei a cair.

-Vou curar seus pulsos -disse.

Não podia discutir.

-Obrigado -disse-lhe. Enquanto ela começava a me cobrir meus pulsos, eu me virei para os homens. -Que alguém me explique por favor do que está falando.

-Com muito prazer -disse Kurag. -Seu inimigo é o meu e tenho que te ajudar a te defender contra forças poderosas, por isso meu amigo tem que ser completamente seu amigo. Compartilharemos carne igual a compartilhamos sangue.

-Está falando de sexo? -Perguntou Galen.

Kurag assentiu.

-Sim.

Eu disse:

-Não.

-OH, não -disse Galen.

-Se não compartilharmos carne, não há aliança -disse Kurag.

-Entre os sidhe -disse Doyle- seus votos de matrimônio ainda são sagrados. Meredith não pode te ajudar a que engane a sua esposa como tampouco pode enganar a seu próprio marido. A regra da carne só pode aplicar-se quando nenhuma das partes está comprometida.

Kurag torceu o gesto.

-Maldita seja. -Olhou-me. -Sempre me escapa, Merry.

-Só porque sempre faz armadilhas para chegar a minha cama.

Tinha chegado um servente com uma terrina de água, e o sustentava enquanto Fflur lavava meus pulsos. Abriu uma garrafa de anti-séptico e me empapou com ele ambas os pulsos.

-Em uma ocasião, fiz-te uma oferta de matrimônio válida -disse Kurag.

-Tinha dezesseis anos – eu disse. -Assustou-me.

Fflur secou meus pulsos.

-Sou muito homem para ti, não é?

-Vocês dois juntos são muito para mim, Kurag, tem razão – eu disse.

Sua mão se dirigiu para suas genitálias adicionais. Uma só carícia provocou um abultamento debaixo de suas calças.

-Invocou-se a carne -disse Kurag, ainda com a mão em seu flanco. -Não se pode desfazer até que receba resposta.

Olhei ao Doyle.

-O que quer dizer?

Doyle sacudiu a cabeça.

-Não estou seguro.

Uma segunda faxineira trouxe uma bandeja com material médico e a sustentou enquanto Fflur me enfaixava com uma gaze. A faxineira atuou como uma espécie de enfermeira, lhe oferecendo tesouras e esparadrapo quando ela os necessitou.

-Sei o que está fazendo Kurag -disse Frost. -Ainda tenta fugir de seus inimigos.

Kurag se voltou para o Frost com a cólera de uma tempestade.

-Merry necessita todos os braços fortes que possa reunir. É uma sorte para ti, Assassino Frost.

-Honrará sua aliança então e será um de seus braços fortes?- Perguntou Frost.

-Sim -disse Kurag, -mas se não puder ter relações sexuais com nossa Merry, então prefiro não honrar a aliança.

Sua cara com múltiplos olhos se mostrou séria de repente, inclusive inteligente. Compreendi pela primeira vez que Kurag não era tão estúpido como indicavam seus atos, nem tampouco estava tão governado por seus hormônios como pretendia. Por aquele momento três olhos amarelos mostraram uma astúcia absoluta. Um olhar tão penetrante, tão diferente da de um momento antes, que me fez retroceder, como se tivesse tentado me golpear. Porque debaixo daquele olhar tão sério havia algo distinto: medo.

O que estava passando nas cortes para que Kurag, o rei dos trasgos, estivesse espantado?

-Se não respeitar a aliança -disse Frost, -então toda a corte saberá que é um covarde sem honra. Nunca mais se confiará em sua palavra.

Kurag olhou à multidão que nos rodeava. Alguns tinham ido com a rainha como uma comitiva de adúladores, mas muitos ficaram atrasados. Para olhar. Para escutar. Para espiar?

O rei dos trasgos percorreu o círculo espectadores, e depois voltou a centrar-se em mim.

-Invoquei a carne. Compartilha a carne com um de meus trasgos, um de meus trasgos solteiros, e respeitarei a aliança de sangue.

Galen ficou a meu lado.

-Merry é uma princesa sidhe, a segunda na linha sucessória. As princesas sidhe não se deitam com trasgos. -Havia força em sua voz. E também preocupação.

Toquei-lhe o ombro.

-Não tem nada, Galen.

Voltou-se para mim.

-Sim, tem sim. Como se atreve a te pedir algo assim?

Um murmúrio irado se estendeu entre os sidhe da sala. O pequeno grupo de trasgos que tinha sido autorizado a entrar em nosso promontório se fechava em torno de seu rei.

Doyle se aproximou e murmurou:

-Isto poderia sair mau.

Olhei-o.

-O que quer que faça?

-Que te comporte como uma princesa, como a futura rainha -disse.

Galen ouviu parte destas palavras. Voltou-se para o Doyle.

-O que lhe pede que faça?

-O mesmo que faz conosco a pedido da rainha Andais -disse Doyle. Olhou-me. -Não o pediria se o sacrifício não valesse a pena.

-Não! -Disse Galen.

Doyle olhou ao Galen então.

-O que valora mais, sua virtude ou sua vida?

Galen o fulminou com o olhar, e a tensão percorreu seu corpo como uma corrente de ira quase visível.

-Sua vida -disse ao fim, mas o cuspiu como se se tratasse de algo amargo.

Com os trasgos como aliados, Cel teria que confrontar um duelo de sangue com o Kurag e seu corte no caso de que me matasse. Isso faria duvidar ao Cel ou a qualquer outro. Necessitava aquela aliança.

-Tomarei a carne de um de seus trasgos em meu corpo - disse.

Kurag sorriu.

-Sua carne em seu doce corpo. Deixa que sua carne e a dele sejam uma e toda a nação dos trasgos será sua aliada.

-Com quem compartilharei a carne? -Perguntei.

Kurag se mostrou pensativo. O olho de seu ombro se alargou, e os dois braços magros de seu lado gesticularam amplamente.

O rei se voltou para o círculo de seus trasgos e começou a perambular entre eles, seguindo os pequenos braços de seu gêmeo. Não pude ver ante a quem se deteve finalmente. Retornou do fechado grupo de trasgos, e não vi o eleito até que o pequeno trasgo surgiu de detrás de suas costas.

Media só um metro e vinte e tinha uma pele pálida que brilhava como uma pérola. Reconhecia a pele de sidhe quando a via. O cabelo lhe caía pelo pescoço, negro e grosso, embora talhado muito curto por cima dos ombros. Sua cara era extramamente triangular com uns enormes olhos amendoados da cor da safira, com uma pupila negra muito fina. Só usava um tanga de prata, a qual segundo os costumes dos duendes significava que havia um pouco de deformidade nas partes nuas. Não ocultavam nenhuma deformidade, mas sim as viam como um signo de honra.

Caminhou para mim por cima da pedra como um pequeno boneco. Se tinha alguma deformidade, não a podia ver. Salvo por sua talha e seus olhos, poderia ter pertencido a corte.

-Este é Kitto -disse Kurag. -Sua mãe era uma sidhe que foi violentada na última guerra dos trasgos. -O qual significava que Kitto tinha quase mil anos. Sem dúvida, não os aparentava.

-Olá, Kitto – eu disse.

-Olá, princesa.

Havia um assobio estranho em suas palavras, como se lhe custasse as articular. Seus lábios eram carnudos e de cor rosa, mas apenas se moviam quando falava, como se pretendesse ocultar algo em sua boca.

-Antes de mostrar sua conformidade -disse Kurag, -admira a seu par.

Kitto deu a volta e mostrou por que usava tanga: no nascimento do cabelo surgia uma sucessão de escamas iridescentes que lhe desciam pelas costas até a base da coluna vertebral. Suas nádegas eram escuras e perfeitas, mas as escamas brilhantes explicavam por que seus olhos tinham pupilas elípticas e por que tinha problemas com esses.

-Um trasgo serpente – eu disse.

Kitto se voltou para me olhar. Assentiu.

-Abre a boca, Kitto. Me deixe ver tudo – eu disse.

Olhou ao chão durante um momento, e a seguir fixou em mim seus estranhos olhos. Abriu sua boca em um amplo bocejo. Sua língua era como uma cinta vermelha com uma linha negra a cada lado.

-Sssatisfecha? -Perguntou.

Assenti.

-Sim.

-Não pode -disse Rhys. Tinha estado tão quieto que quase tinha esquecido que se encontrava conosco.

-Escolhi assim – eu disse.

Rhys me tocou o ombro e me levou a um lado.

-Olhe bem a cicatriz que me percorre a cara. Sei que te contei milhares de histórias heróicas sobre como me fiz isso, mas a verdade é que a rainha me castigou. Me entregou aos trasgos para uma noite de prazer. Pensei, por que

não, sexo livre, embora seja com trasgos. -Piscou com o olho bom. -A concepção que um trasgo tem do sexo é algo mais violento do que pode imaginar, Merry.

Percorreu toda a cicatriz com a ponta de seu dedo. Tinha o olhar perdido, como se estivesse fazendo memória de algo.

Toquei o extremo da cicatriz, em sua bochecha, e tomei uma de suas mãos entre as minhas.

-Fez-lhe isso um trasgo durante o ato sexual?

Assentiu.

-OH, Rhys – eu disse, em voz baixa.

Agarrou-me a mão e sacudiu a cabeça.

-Não quero compaixão. Só quero que compreenda o que está aceitando.

-Entendo-o, Rhys. Obrigado por me contar isso.

Acaricieei-lhe a bochecha, apertei-lhe a mão e segui caminhando até os trasgos, que estavam esperando. Caminhava direita e em linha reta, mas a cabeça me dava voltas e precisava me agarrar a algo. Mas quando se negocia um tratado de guerra, tem que mostrar-se forte, ou no mínimo não dar a sensação de que se pode dismaiar em qualquer momento.

-A carne do Kitto em meu corpo, verdade? -Perguntei.

Kurag assentiu, e parecia satisfeito consigo mesmo, como se soubesse que já tinha ganho.

-Estou de acordo em tomar a carne do Kitto em meu corpo.

-Está de acordo? -Perguntou Kitto; sua voz trasluzia surpresa. -Está de acordo em compartilhar carne com um trasgo?

Assenti.

-Estou de acordo com uma condição.

Seus olhos se estreitaram.

-Que condição?

-Que a aliança entre nós dure um ano – eu disse.

Senti que Doyle se aproximava. A surpresa percorria a sala em forma de murmúrios e pequenos movimentos.

-Um ano? -Disse Kurag. -Não, é muito.

-Onze luas a partir de agora – eu disse.

Moveu a cabeça.

-Duas luas.

-Dez – disse.

-Três.

-Seja razoável.

-Cinco -disse.

-Oito -repliquei.

Sorriu.

-Seis.

-De acordo – eu disse.

Kurag me olhou durante um instante.

-Feito. -Disse-o em voz baixa, como se até no momento de dizê-lo estivesse seguro de que estava tomando uma má decisão.

Levantei a voz para que enchesse toda a habitação e separei ligeiramente os pés para manter o equilíbrio. Deveria haver me mostrado agressiva, mas não tinha intenção de fazê-lo. Tentava que meu corpo não se contagiasse do movimento que sentia na cabeça.

-A aliança está forjada.

Kurag elevou sua própria voz.

-Estará-o só depois de que compartilhe carne com meu trasgo. Estendi minha mão ao Kitto. Ele pôs sua mão em cima das minhas, uma ligeira carícia de carne suave. Agarrei-lhe a mão e a coloquei em minha cara. Tentei me inclinar e lhe beijar a palma, mas a habitação me dava voltas. Tive que lhe levantar a mão com as minhas. Separei seus dedos perfeitos. Nunca tinha pego uma mão de homem que fosse menor que a minha. Chupar um dedo era o mais sensual que cabia fazer, mas já não queria sugar mais carne essa noite. Dei um beijo delicado mas intenso na palma aberta. Não deixei nenhuma marca de batom, o que significava que já não ficava nada depois de ter gasto no braço do Kurag.

Os olhos estranhos do Kitto se abriram.

Levantei a boca e a separei de sua mão, lentamente, de maneira que fixei meus olhos no Kurag ao deixar de me ocupar da mão do trasgo.

-Já arrumaremos isso para compartilhar a carne, Kurag, não se preocupe. Agora vêm comigo, Kitto. A rainha me espera e a todos meus homens.

Kitto procurou a permissão do Kurag, e depois me olhou.

-É uma grande honra.

Olhei ao alto rei.

- Enquanto eu compartilhe a carne com o Kitto nas noites vindouras, recorda isto, Kurag: foi seu próprio desejo e covardia o que entregou a ele, e ele a mim.

A cara do Kurag trocou de amarelo a um laranja escuro. Fechou os punhos.

-Vadia-disse.

-Passei muitas noites em seu corte, Kurag. Sei que só compartilhar carne com um trasgo é verdadeiro sexo para ti. Menos que isso é só um jogo. E me entregaste a outro trasgo, Kurag. A próxima vez que tente me enganar para me levar a cama, pensa em aonde nos levou seu engano, a ti e a mim.

Senti que minha força se desvanecia ao acabar o discurso. Tropecei. Umas mãos fortes me sujeitaram ambos os braços: Doyle a um lado e Galen a outro. Olhei a ambos e consegui murmurar:

-Preciso me sentar, logo.

Doyle assentiu. Galen manteve um braço em meu cotovelo e me passou o outro pela cintura. Doyle seguia me segurando com força. Deixei que eles sustentassem o peso de meu corpo, mas o fiz de forma que de longe parecia que me mantinha em pé sem nenhum problema. Tinha aperfeiçoado esta técnica muitas vezes, nos casos em que a Guarda me arrastava ante minha tia e ela pedia que permanecesse em pé e eu não podia fazê-lo por mim mesma. Alguns dos guardas me ajudavam; outros, não. Caminhar ia resultar uma experiência interessante.

Doyle e Galen me levaram para as portas abertas. Um dos saltos fazia ruído ao arranhar as pedras. Tinha que fazê-lo melhor. Concentrei-me em caminhar, mas Galen e Doyle me sustentavam. Meu mundo se reduziu à necessidade de pôr um pé diante do outro. Como desejava retornar a casa! Mas a rainha estava esperando, e esperar não era um de seus pontos fortes.

Vi com a extremidade do olho o Kitto, que caminhava detrás de nós, para um lado. Segundo o cerimonial dos trasgos, era meu consorte, meu brinquedo. Sim, podia me ferir durante o ato sexual, mas só se eu era o suficientemente estúpida para me colocar na cama com ele sem negociar antes um contrato

sobre o que era e o que não era aceitável. Rhys teria podido sair ileso se tivesse conhecido aos trasgos, mas a maioria dos sidhe os viam como bárbaros, como selvagens. A maioria não tinham estudado as leis dos selvagens, mas meu pai sim.

É obvio, não estava pensando em ter relações sexuais de nenhum tipo com o trasgo. Estava planejando compartilhar a carne com ele, literalmente. Aos trasgos gostava da carne mais que o sangue ou o sexo. Compartilhar a carne significava tanto sexo com o obséquo ainda maior de permitir uma dentada, uma dentada que deixaria cicatriz até que morresse o amante que a tinha causado. Era uma maneira de marcar a seu amante, mostrando que tinha estado com um trasgo. Muitos trasgos tinham modelos especiais de cicatriz que utilizavam para todas seus amantes, para que as pessoas conhecessem suas conquistas a simples vista.

Mas independentemente do que tivesse que consolidar o trato, tinha aos trasgos como aliados para os próximos seis meses. Meus aliados, não os do Cel, nem tão sequer os da rainha. Se havia uma guerra durante os próximos seis meses, a rainha teria que negociar comigo se queria que os trasgos lutassem a suas ordens. Isto bem valia um pouco de sangue, e inclusive uma libra de carne, sempre que não tivesse que perdê-la toda de repente.

Havia uma depressão nas pedras ao outro lado da porta, no lugar onde os saltos foram se apoiando durante milhares de anos para subir ou descer do soalho. Teria podido passar na mais, completa escuridão, mas essa noite tropecei na pequena depressão do chão. Deveria me sentir forte entre dois guardas, mas meu tornozelo se dobrou e me lançou tão violentamente contra Doyle que arrastei ao Galen comigo. Doyle nos agüentou durante um instante, mas terminamos caindo os três ao chão.

Kitto foi o primeiro em oferecer uma mão ao Galen. Captei a forma em que este olhou aquela mão pequena, mas se agarrou por ela e deixou que o trasgo o ajudasse a ficar de pé. Outros guardas teriam cuspidos naquela mão antes de tocá-la.

Foi Frost, brandindo minha navalha, quem me ajudou a me levantar. Não me olhou, porque estava procurando possíveis ameaças. Se o feitiço tivesse sido um pouco menos violento, poderia ter pensado que se tratava de uma estupidez por minha parte, provocada pela perda de sangue, mas o feitiço tinha sido muito intenso, muito forte. Dois guardas reais não podem cair de forma tão pouco cerimoniosa porque tropece a mulher que levam no meio.

A mão do Frost me obrigou a agüentar todo meu peso sobre meus próprios pés, e um de meus pés não estava preparado para isso. Senti uma pontada de dor no tornozelo esquerdo. Afoguei um grito e levantei o pé. Frost me agarrou pela cintura, e me levantou completamente do chão, abraçada contra seu corpo. Ele seguia esperando um ataque, um ataque que não chegava. Ainda não, aí não.

Rhys procurava no chão outras possíveis armadilhas. Nenhum de nós se moveu até que fez um sinal, ainda ajoelhado.

Doyle estava de pé; não tinha tirado a outra faca. Procurou meu olhar.

-Te fez mal, princesa?

-Torci o tornozelo, e possivelmente também o joelho. Frost me agarrou tão depressa que não estou segura.

Frost me olhou.

-Posso-te deixar no chão, princesa.

-Preferiria que me levasse a uma cadeira.

Olhou ao Doyle.

-Não é um assunto de facas, verdade? -Soava quase sábio.

-Não -disse Doyle.

Frost fechou a navalha com uma mão. Que eu soubesse, não tinha experiência com navalhas, mas conseguiu que o gesto de pregar a folha parecesse elegante e experiente. Guardou-se a arma na parte posterior de seu cinto e me levantou em seus braços.

-Que cadeira prefere? -Perguntou.

-Esta -disse a rainha.

Estava de pé diante de seu trono, sobre o soalho. Seu trono se elevava por cima do de qualquer outro, como correspondia a sua posição. Mas havia dois tronos menores no soalho, justo por debaixo do dela, normalmente reservados para o consorte e o herdeiro. Essa noite, Eamon estava de pé ao lado de Andais e seu escabelo vazio.

Cel estava sentado no outro pequeno trono. Siobhan permanecia atrás dele, e a seus pés, em um pequeno tamborete com almofadas, como um cachorrinho de companhia, Keelin. Cel olhava a sua mãe com uma expressão muito próxima ao pânico.

Rozenwyn se situou ao lado do Siobhan. Era segunda na ordem hierárquica da Guarda do Cel, o equivalente ao Frost. Seu cabelo de algodão formava uma coroa de tranças na parte superior de sua cabeça. Sua pele era da cor das lilás, e seus olhos de ouro fundido. Quando era pequena me parecia encantadora, até que deixou claro que me considerava inferior a ela. Devia ao Rozenwyn a cicatriz em forma de mão de minhas costelas, era ela quem quase tinha esmagado meu coração.

Cel se levantou com tanto ímpeto que Keelin escorregou pelos degraus e ficou pendurada da correia. O príncipe não se dignou a olhá-la quando ela ficou de novo em pé.

-Mãe, não pode me fazer isto.

Quando a rainha o olhou, sua mão ainda nos guiava ao trono vazio do Eamon.

-OH, claro que posso, filho. Ou acaso esqueceste que ainda sou a rainha aqui?

O tom de sua voz teria feito que qualquer outro se jogasse no estou acostumado a fazendo uma reverência e em espera de receber o castigo. Mas se tratava do Cel, e Andais sempre tinha sido doce com ele.

-Sei que é a rainha aqui agora -disse Cel. -O que me preocupa é quem reinará depois.

-Isso também me preocupa -disse, com uma voz sossegada mas ameaçadora. -Pergunto-me quem pode ter colocado um feitiço tão poderoso no salão do trono sem que ninguém se desse conta. -Seu olhar percorreu a imensa estadia, notando-se em todas e cada uma das caras. Havia dezesseis escabelos a cada lado da sala, em soalhos elevados. Em torno de cada um destes se reuniam cadeiras menores, mas nos escabelos principais se sentavam as cabeças de cada família real. Andais os olhou a todos, especialmente aos que se sentavam mais perto das portas. -Não vejo como alguém pode ter feito um feitiço assim sem que ninguém o notasse.

Olhei aos sidhe situados junto às portas e fugiram do meu olhar. Sabiam. Tinham-no visto. E não tinham feito nada.

-Um feitiço tão poderoso -continuou Andais- que se minha sobrinha não tivesse estado apoiada em dois guardas poderia ter quebrado o pescoço em sua queda. -Frost seguia me sustentando em seus braços, mas não tinha feito nenhum movimento para aproximar-se. -Traz-a, Frost. Deixa que se sente a meu lado, como deve ser -disse Andais.

Frost me levou para frente. Doyle e Galen o escoltaram, um à direita e outro à esquerda. Rhys e Kitto nos seguiram.

Frost se ajoelhou no degrau inferior do trono. Ajoelhou-se comigo em braços como se não lhe custasse esforço algum, como se tivesse podido ficar assim toda a noite sem que lhe tremessem os braços. Perguntei-me de passada se seus joelhos ficariam dormentes se o obrigavam a manter-se muito tempo nesta posição.

Outros se ajoelharam um pouco mais atrás de nós, a ambos os lados. Kitto não se limitou a ficar de joelhos, mas sim se atirou ao chão de barriga para baixo, com os braços e as pernas estendidos como algum tipo de penitente

religioso. Até então não tinha me dado conta do problema no que me achava. Existiam distintas e muito específicas reverências segundo a fila da pessoa que saudava e o de quem recebia a saudação. Kitto não era nobre nem tão sequer entre os trasgos. De havê-lo sido, Kurag o teria mencionado. Tinha sido um duplo insulto escolher a um trasgo que além disso era plebeu. Kitto não podia tocar os degraus salvo que recebesse um convite expresso. Só aos membros de outras casas reais sidhe lhes permitia ficar de joelhos no salão do trono, sem inclinar o corpo.

Kitto desconhecia o protocolo, com o qual se decidiu pela opção mais servil. Soube nesse momento que preferiria carne a sexo. Estava mais interessado em manter-se com vida que em qualquer falso sentido do orgulho.

-Vêem, sente-se, Meredith. Vamos anunciar antes de que salte outra armadilha. -Andais olhou ao Cel enquanto dizia isto.

Eu supunha Cel o responsável pelo feitiço, mas só porque sempre pensava nele quando me acontecia algo ruim na corte. Andais sempre tinha atuado de outra maneira. Algo tinha ocorrido entre eles, algo que tinha mudado a atitude da rainha para seu filho único. O que tinha feito ele para perder seus favores?

Frost se levantou com um movimento grácil e subiu os degraus comigo nos braços. Sentia que suas pernas nos subiam. Colocou-me delicadamente na cadeira, apartando suas mãos de debaixo de meu corpo. Logo fincou um joelho no chão e me agarrou o pé esquerdo.

Contemplei o salão do trono. Nunca tinham me permitido subir ao soalho, desconhecia a vista que se oferecia dali de cima.

-Tragam um tamborete para que Meredith apóie o tornozelo. Depois de que faça meu anúncio, Fflur poderá atendê-la.

Não pareceu falar com ninguém em concreto, mas flutuava para nós uma pequena banqueta. Olhei de esguelha, temerosa de observar diretamente a banqueta flutuante. Uma pálida sombra miúda, como uma sombra branca, sustentava a banqueta em suas magras mãos fantasmagóricas. A branca dama colocou a banqueta ao lado da perna do Frost. Senti uma pressão, como quando o peso de um trovão enche o ar. Era a percepção da proximidade de um fantasma. Não tinha que vê-la para saber que estava ali. Então, a pressão diminuiu, e soube que ela se afastava flutuando.

Frost levantou meu pé e o pôs em cima da banqueta. Contive um grito, mas a dor me ajudou a esclarecer os pensamentos. Já não me sentia enjoada. Era o terceiro atentado contra minha vida em uma única noite. Alguém estava firmemente decidido a me matar.

Frost se colocou de pé detrás de minha cadeira, do mesmo modo que Siobhan protegia ao Cel, e igual a Eamon se situou detrás da rainha.

Andais olhou aos nobres reunidos. Os trasgos e aqueles de menor linhagem, os que tinham sido convidados, retiraram-se para encher as largas mesas decoradas dispostas a ambos os lados do salão. Nem sequer Kurag tinha um escabelo no que sentar-se naquela habitação. Era só um mais entre a plebe.

-Faço-lhes saber -anunciou Andais- que a princesa Meredith NicEssus, filha de meu irmão, é agora minha herdeira.

Um rumor contido percorreu a habitação, até que não houve nada mais que silêncio, um silêncio tão profundo que as damas brancas se levantaram no ar como nuvens entrevistas, e ficaram a dançar sobre aquela tensão.

Cel estava de pé.

-Mãe.

-Meredith alcançou finalmente seu poder. Leva a mão de carne igual à levou seu pai antes dela.

Cel continuava levantado.

-Minha prima deve ter usado a mão em um combate mortal, e ter sangrado diante de no mínimo duas testemunhas sidhe. -Sentou-se e se mostrou novamente crédulo.

A rainha o olhou com tanto desdém que desapareceu do rosto do príncipe qualquer indício de confiança.

-Falas como se não conhecesse as leis de meu próprio reino, meu filho. Tudo se tem feito segundo nossas tradições. Sholto! -Gritou.

Sholto se levantou de sua grande cadeira situada junto à porta. Agnes a Negra estava a um lado, e Segna a Dourada ao outro. Algumas aves noturnas penduravam do teto como grandes morcegos e outras criaturas sluagh rodeavam ao Sholto. Gethin me saudou.

-Sim, rainha Andais -disse Sholto. Levava o cabelo recolhido e seu belo rosto mostrava aquela arrogância tão comum no salão do trono.

-Conte a corte o que me contaste .

Sholto falou do ataque do Nerys, embora não explicou os motivos. Contou uma versão modificada dos acontecimentos, mas foi suficiente. Não mencionou ao Doyle, entretanto, e isso me pareceu estranho.

A rainha se levantou.

-Meredith é igual em tudo ao Cel, meu filho. Mas como só tenho um trono para que herdem, concederei-o a aquele que tenha um filho em primeiro lugar. Se Cel deixar grávida a uma das mulheres da corte dentro de três anos, será nosso rei. Se Meredith der a luz em primeiro lugar, então ela será nossa rainha. Para me assegurar de que Meredith pode selecionar entre os homens da corte, levantei o celibato a minha Guarda para ela, e só para ela.

Os fantasmas revoaram por cima de nossas cabeças, e o silêncio se tornou mais denso como se todos estivéssemos sentados no fundo de um poço profundo, embora brilhante. As expressões dos homens foram da surpresa ao desprezo ou a estupefação, e algumas eram de pura luxúria. Seja como for, ao final quase todas as olhadas masculinas se concentraram em mim.

-É livre de escolher a qualquer de vós. -Andais se sentou em seu trono, acomodando suas saias. -Em realidade, acredito que já começou o processo de seleção. -Cravou em mim seus olhos cinzas. -Verdade, sobrinha?

Assenti.

-Então traz-os aqui, deixa que se sentem a seu lado.

-Não -disse Cel, - deve ter dois testemunhos sidhe. Sholto é só um.

-Eu sou o outro -disse Doyle, ainda de joelhos.

Cel voltou a se sentar lentamente em seu trono. Nem sequer ele ousaria pôr em questão a palavra do Doyle. Cel me olhou, e o ódio de seus olhos ardia o suficiente para me queimar a pele.

Desviei o olhar para observar aos homens que continuavam ajoelhados ao pé do soaço. Estirei as mãos para eles. Galen, Doyle e Rhys se levantaram e subiram os degraus. Doyle me beijou a mão e ocupou seu lugar ao lado do Frost, a minhas costas. Galen e Rhys se sentaram junto a minhas pernas, do mesmo modo que Keelin estava sentada ao lado do Cel. Era um pouco servil para meu gosto, mas não estava segura do que outra coisa podia fazer. Kitto continuava convexo de barriga para baixo, sem mover-se.

Dirigi a minha tia.

-Rainha Andais, este é Kitto, um trasgo. Forma parte do trato que fechei com o Kurag, rei dos trasgos. Estabelecemos uma aliança entre o reino dos trasgos e eu para os próximos seis meses.

Andais arqueou as sobrancelhas.

-Vejo que estiveste muito ocupada esta noite, Meredith.

-Senti a necessidade de ter poderosos aliados, minha rainha.- disse. Meus olhos se desviaram para o Cel, embora tratei de não lhe olhar.

-Mais tarde tem que me contar como conseguiste tirar seis meses de aliança ao Kurag mas, agora, chama a seu trasgo.

-Kitto – eu disse, estendendo minha mão, -te levante.

O trasgo elevou a cara sem mover o corpo. O movimento parecia quase doloroso de tão estranho. Seus olhos olharam à rainha, e depois a mim, novamente.

Assenti.

-Pode te levantar, Kitto.

O trasgo voltou a olhar à rainha, e ela sacudiu a cabeça.

-Te levante do chão, menino, para que um médico possa curar as feridas de sua senhora.

Kitto ficou em quatro patas. Ao ver que ninguém lhe gritava, ficou de joelhos, logo sobre um joelho, e finalmente, com muito cuidado, de pé. Subiu os degraus muito rápido, quase correndo, e se sentou a meus pés com expressão de alívio.

-Fflur, atende à princesa -ordenou Andais.

Fflur subiu os degraus com duas damas brancas, uma a cada lado. A que levava a bandeja das ataduras era a mais sólida, quase parecia viva. O outro espírito era completamente invisível e sustentava no ar uma caixa fechada como se lhe ajudasse magia de brownie, mas nenhum brownie fazia magia no salão do trono.

Fflur tirou o sapato e me fez girar o pé, o qual provocou que escorregasse pela cadeira. Obtive não gritar de dor, mas queria fazê-lo. Por sorte se tratava só do tornozelo. Pelo resto estava bem.

-Tem que tirar a meia para que possa te enfaixar o tornozelo -disse.

Comecei a subir a saia, mas Galen pôs suas mãos sobre as minhas e me parou.

-Me permita -disse.

Não se deitaria comigo essa noite, mas o olhar de seus olhos, sua voz e o peso de suas mãos em minha coxa constituíam uma sorte de promessa para o futuro.

Rhys colocou uma mão em meu outro joelho.

-Por que tem que lhe tirar você a meia?

Galen o olhou.

-Porque tive eu a idéia em primeiro lugar.

Rhys sorriu e sacudiu a cabeça.

-Boa resposta.

Galen lhe devolveu o sorriso, esse sorriso que fazia que toda sua cara brilhasse como se alguém tivesse aceso uma vela debaixo de sua pele. Voltou para mim seu rosto brilhante e o humor desapareceu de seus olhos, deixando algo mais escuro e mais sério.

Suas mãos mantinham as minhas apertadas contra minha coxa. Levantou-me os braços e beijou delicadamente a palma de cada mão enquanto as colocava no braço do trono. Apertou-me os dedos contra a madeira: uma forma de me pedir em silêncio que não movesse as mãos.

Por causa da forma em que minha perna repousava sobre a banquetela, Galen tinha se ajoelhado a um lado, contando deste modo com uma excelente panorâmica da estadia. Levantou-me a saia, deixando ao descoberto minha perna e a liga. Deslizou a liga para baixo e a colocou no braço. As gemas de seus dedos tocavam as meias justo por cima do joelho, deslocando-se pela seda até apoiar suas duas mãos na perna, à altura das coxas, como um peso quente contra minha pele. Procurou meu olhar e a expressão de seu rosto me acelerou o pulso.

Baixou os olhos para contemplar como suas mãos escorregavam lentamente por minha perna. Seus dedos se moveram debaixo de minha saia, logo suas mãos se perderam de vista, quase até os pulsos, e as pontas de seus dedos encontraram o extremo superior das meias.

Me pressionando por debaixo da saia, suas mãos pareciam maiores do que em realidade eram. Quando as pontas de seus dedos roçaram minha pele nua por cima do elástico não pude reprimir um estremecimento.

Olhou-me à cara, como perguntando se queria que parasse. Sim e não. A sensação de suas mãos sobre meu corpo, a certeza de que não tínhamos que parar, intoxicava-me, excitava-me; se tivéssemos estado sozinhos, e completamente curados, teria arrojado ao ar a precaução e toda a roupa. Mas estávamos rodeados por quase cem pessoas, e isso era muito público para mim.

Tive que fechar os olhos antes de poder dizer que não com a cabeça.

Seus dedos subiram um pouco mais, acariciou-me a virilha. Respirei de forma precipitada.

Abri os olhos e o olhei. Esta vez minha expressão acompanhou o movimento da cabeça. Aqui não, agora não.

Galen sorriu, mas era uma risada privada. O tipo de sorriso de um homem que sabe que te tem e que só a situação o separa de seu corpo.

Dobrou os dedos sobre a ponta do elástico e começou a me tirar as meias, com cuidado, lentamente.

Souu uma voz detrás de nós.

-Parece que a princesa já escolheu.

Tratava-se do Conri, que jamais tinha sido um de meus favoritos. Era alto e bonito com três tons de ouro fundido em suas pupilas.

-Com todo o respeito devido, alteza, dá-nos uma promessa de carne, e a seguir nos vemos obrigados a nos sentar e olhar enquanto outro reclama o prêmio.

-Parece que Meredith é uma abelha atarefada entre todas estas deliciosas flores -comentou Andais.

Riu, e o som era zombador, alegre, cruel e de algum jeito, íntimo. Fez-me ruborizar enquanto Galen fazia escorregar a meia pela perna e a tirava.

Galen se fez a um lado para que Fflur se ajoelhasse sobre meu tornozelo. Levou a meia à cara e esfregou a malha negra contra seus lábios, enquanto olhava ao Conri.

Conri não tinha sido nunca meu amigo. Era um dos amigos de infância do Cel, um leal servidor do legítimo herdeiro.

Observei a raiva de seus olhos dourados, a inveja, não de mim como pessoa, mas sim de mim como a única mulher a que tinha acesso. Apalpava-se a tensão de salão, crescendo, subindo como a pressão antes de uma tormenta. As damas brancas sempre pareciam responder ante a grande tensão ou as grandes mudanças da corte. Os fantasmas revoavam pelas esquinas da habitação, flutuando em uma dança espectral. Quanto mais se entusiasmavam as damas, mais se agitavam; e eram mais importantes os acontecimentos que se desenvolviam. Eram profetas que prediziam com apenas uns segundos de antecipação.

O que se pode fazer com apenas uns segundos de advertência? Às vezes, muito. Outras, nada. O truque consistia em ver aproximar o perigo para poder detê-lo. Demorava uns segundos em vê-lo e detê-lo, e eu estive outra vez muito lenta.

A voz do Conri voltou a bramar:

-Desafio a morte ao Galen.

Galen começou a levantar-se, mas eu lhe agarrei o braço.

-O que pensa ganhar com sua morte, Conri?

-Ocupar seu lugar a seu lado.

Ri, não pude evitá-lo. A expressão de raiva do Conri enquanto eu ria foi arrepiante. Empurrei ao Galen para que voltasse a ajoelhar-se a meu lado. Fflur escolheu este momento para apertar as vendagens, e tive que expulsar o ar antes de poder falar.

-Então, Galen Cabelo Verde é um covarde? -Burlou-se Conri. Levantou-se da cadeira e tinha descido do soalho.

Dava um tapinha no braço do Galen e o mantive a meu lado.

-Nunca teve senso de humor, Conri – eu disse.

Seus olhos se estreitaram.

-Do que está falando?

-Me pergunte por que ri.

Olhou-me durante um ou dois segundos e a seguir, assentiu.

-Está bem, por que riste?

-Porque você e eu não somos amigos. Somos quase inimigos. Não me deito com gente que eu não gosto, e você eu não gosto.

Parecia desconcertado.

Suspirei.

-Quero dizer que se matas ao Galen, isto não te proporcionará um lugar em minha cama. Eu não gosto de ti, Conri. E você não gosta de mim. Não me deitarei contigo sob nenhuma circunstância. Assim sente-se, te cale e deixa que fale alguém que tenha a possibilidade de compartilhar minha cama.

Conri ficou de pé, com a boca aberta, e sem saber o que fazer. Era um dos guardas que melhor conhecia a corte. Sabia fazer a bola ao Cel. Adulava à rainha com grande propriedade. Sabia a que nobres tinha que tratar bem e a quais podia desprezar ou inclusive maltratar. Eu correspondia à última categoria, porque as pessoas não podiam ser meu amigo e do Cel. Ele não o teria permitido. Observei o rosto do Conri quando este se deu conta de que não conhecia a corte tanto como pensava. Eu gostava dessa vergonha.

Mas não demorou para recuperar-se.

-Minha provocação continua. Se não puder compartilhar sua cama, tampouco quero que o faça Galen.

Minha mão apertou o braço do Galen.

-Por que lutar se sabe que não obterá o prêmio? -Perguntei.

Conri esboçou um desagradável sorriso.

-Porque sua morte te causará dor, e isto será quase tão doce como seu corpo a meu lado.

Galen se levantou, escapando de mim. Começou a baixar os degraus, e eu temi por ele. Conri era um lameculos cruel, mas era um dos melhores espadachins da corte.

Me coloquei de pé, à perna mancando, porque não podia agüentar opeso com o pé esquerdo. Não caí porque Rhys me segurou.

-Ainda sou o motivo deste duelo, Conri.

Conri assentiu, observando como Galen se aproximava.

-Efetivamente, é, princesa. Que saiba quando o mate que o fiz por despeito para contigo.

Então tive um daqueles momentos de inspiração desesperado, uma idéia nascida do pânico.

-Não pode desafiar a um consorte real a um duelo a morte, Conri – eu disse.

-Não será consorte real até que esteja grávida -sentenciou Conri.

-Mas se estou tentando ativamente ter um filho dele, então é meu consorte real, porque não temos maneira de saber se estiver grávida neste preciso momento.

Conri se voltou para mim, surpreso.

-Não há... Quero dizer...

A rainha voltou a rir.

-OH, Meredith, estiveste ocupada, muito ocupada. -Ficou de pé. -Se houver uma possibilidade, embora seja remota, de que Galen tenha engendrado um filho com minha sobrinha, então será um consorte real até que se demonstre o contrário. Se lhe desse morte e ela estivesse grávida, se privasse a esta corte de um casal real fértil, veria sua cabeça apodrecendo-se dentro de um jarro em uma prateleira de meus aposentos.

-Não acredito -disse Cel. -Não tiveram relações sexuais esta noite.

Andais se voltou para ele.

-E não havia um feitiço de luxúria no carro quando estavam sozinhos na parte de atrás?

Conri ficou lívido e seu rosto adquiriu um aspecto doentio. Seu olhar bastou para me revelar que o feitiço de luxúria tinha sido criação dele. Embora poucos dos sidhe ali presentes poriam em dúvida quem lhe tinha ordenado que o fizesse.

-Meredith não é a única que esteve muito ocupada esta noite. -A voz de Andais começava a mostrar a ira que crescia em seu interior.

Cel se sentou muito erguido. Siobhan trocou sua posição detrás da cadeira do príncipe para colocar-se a seu lado, sem chegar a interpor-se entre o príncipe e a rainha. Não obstante, o gesto pareceu o que de verdade era. Siobhan tinha deixado claro sua lealdade diante de toda a corte. Andais não esqueceria nem perdoaria.

Rozenwyn duvidou antes de seguir a liderança de seu capitã. Ao final se colocou ao lado do Siobhan, mas evidenciou seu pesar ao ter que escolher entre a rainha e o príncipe. A lealdade de Rozenwyn era principalmente para Rozenwyn.

Eamon se situou junto à rainha, e Doyle também deu um passo para ela, como se não estivesse seguro de onde devia ficar. Nunca antes o tinha visto duvidar de suas obrigações. A rainha escrutinou seu rosto, e acredito que a vacilação do Doyle lhe tinha doído. Tinha sido seu guarda pessoal durante mil anos, sua mão direita, sua Escuridão. De repente não soube se devia apartar-se de meu lado para ir ao dela.

-Basta já -ordenou Andais. A raiva ardia nestas simples palavras. -Vejo que tem feito outra conquista, Meredith. Minha Escuridão não duvidou em mais de mil anos de serviço, mas agora está aqui trocando o peso de seu corpo de um pé a outro, perguntando-se a quem deve proteger se as coisas vão mau.

O olhar que me dirigiu me fez me aferrar com força à mão do Rhys.

-Agradeça de ser sangue de meu sangue, Meredith. Qualquer outro que tivesse dividido a lealdade de meus mais fiéis servidores o pagaria com a morte.

Era quase como se estivesse ciumenta, mas desde que tenho lembrança nunca tinha tratado ao Doyle como algo distinto a um servente, a um guarda. Nunca lhe tinha tratado como a um homem. Em mais de mil anos, nunca o tinha eleito como amante. Mas agora estava ciumenta.

Doyle se mostrava desconcertado. Compreendi nesse momento que ele a tinha amado, mas já não a queria, embora isso não era de minha incumbência. Andais lhe tinha rechaçado simplesmente não lhe emprestando atenção absolutamente. Era um momento muito íntimo para uma exibição pública desse tipo.

Entre os humanos, alguns de nós teríamos nos virado para outro lado, lhes teríamos proporcionado uma ilusão de intimidade, mas não era o estilo dos sidhe. Olhamos, observamos cada matiz de seus rostos até que no final, depois uns momentos em realidade, Doyle deu um passo atrás para colocar-se a meu lado, com a mão em meu ombro. Não era um gesto particularmente íntimo, especialmente depois do espetáculo que tinha mostrado Galen, mas para o Doyle, nesse momento, era íntimo. Ele, igual a Siobhan, tinha mostrado sua lealdade, tinha queimado suas naves.

Já sabia que Doyle me manteria com vida a custa de sua própria vida porque a rainha o tinha ordenado assim. Então soube que me manteria com vida porque se morria a rainha não voltaria a confiar nele nunca mais. Não seria nunca mais sua Escuridão. Era meu, para bem ou para mau, e isto dava um sentido completamente novo à frase «até que a morte nos separe». Minha morte comportaria a sua, quase com total segurança.

Continuei olhando a minha tia, mas elevei a voz para que me escutassem em todo o salão.

-Todos são meus consortes reais.

Os protestos se expandiram por toda a habitação, e umas vozes masculinas disseram: « não pode te haver deitado com todos! », E « puta! ». Acredito que isto o disse uma mulher.

Levantei a mão em um gesto que tinha visto fazer a minha tia muitas vezes. Os murmúrios não se sossegaram por completo, mas havia suficiente silêncio para me permitir continuar.

-Minha tia, em sua sabedoria, previu os duelos que se poderiam liberar. Sabia que expor a qualquer mulher ante o Guarda podia levar a um grande derramamento de sangue. Poderíamos perder a nossos melhores e mais brilhantes homens.

Uma voz feminina gritou:

-Como se você fosse um prêmio tão valioso!

Ri e procurei apoio no ombro do Rhys, utilizando-o a modo de fortificação. Kitto se levantou e me ofereceu sua mão. Aceitei com gosto a ajuda adicional, porque começava a me doer o tornozelo.

-Sei que foi você, Dilys. Não, não sou um prêmio tão valioso, mas sou uma mulher, e estou ao seu dispor, e ninguém mais o está. Isto me converte em um prêmio valioso, tanto gostem como não. Mas minha tia previu o problema.

-Sim -disse Andais. -mandei a Meredith que escolha não a um de vós, ou a quatro, ou a cinco, a não ser a muitos. Tratará-lhes como a seu próprio... Harém pessoal.

-Estamos autorizados a nos negar se nos escolher?

Escutinei a multidão, mas não soube distinguir quem tinha feito a pergunta.

-São livres de rechazar- disse Andais. -Mas quem de vós rechaçaria a oportunidade de ser o próximo rei? Quem engendra um filho já não será consorte real, a não ser monarca.

Galen e Conri estavam ainda de pé a uns três metros, olhando-se mutuamente.

-Todos sabemos quem quer que seja seu rei. Expressou-o de forma suficientemente clara esta noite -afirmou Conri.

-A única coisa que deixei claro -expliquei- é que não me deitarei contigo, Conri. O resto, como dizem, está por vir.

-Não converterá ao Galen em seu consorte real -disse Cel, e sua voz mostrava satisfação. -Se tiver um filho dele, será o último que terá.

Olhei-o, tentando sem êxito compreender seu nível de animosidade. -Fiz um trato com a rainha Niceven antes de que o dano fosse muito grande.

-O que podia oferecer você a Niceven?

A delicada rainha se elevou por cima da multidão, desde seu minúsculo trono em miniatura instalado sobre uma prateleira. Toda sua corte a rodeava como em uma casa de bonecas.

-Sangue, príncipe Cel. Não o sangue de um senhor inferior, a não ser o sangue de uma princesa.

-Todos nós levamos o sangue da corte da Escuridão em nossas veias, primo – eu disse.

Siobhan interveio para tentar lhe salvar, protegia-o com suas palavras igual a protegeria com a espada.

-E o que acontece se for o trasgo quem a deixa grávida? -Perguntou Siobhan.

A rainha se voltou para ela.

-Então o trasgo será rei.

As amostras de surpresa se estenderam por toda a corte. Murmúrios, imprecções, exclamações de horror.

-Nunca serviremos a um rei trasgo -disse Conri. Outros lhe ecoaram.

-Rechaçar a eleição da rainha é traição -disse Andais. -Te apresente no Salão da Mortalidade, Conri. Acredito que necessita uma lição a respeito do que te pode custar a desobediência.

Conri ficou de pé, olhando à rainha, logo seus olhos procuraram o Cel, e isto foi um engano.

Andais se levantou de repente.

-Sou a rainha! Não olhe a meu filho. Te entregue aos doces cuidados do Ezekial, Conri. Vai agora ou lhe passarão coisas piores.

Conri fez uma ligeira reverência e se retirou do salão do trono sem levantar a cabeça durante todo o caminho até a porta. Era o único que podia fazer. Continuar discutindo lhe teria arrancado a cabeça.

A voz do Sholto troou no tenso silêncio.

-Pergunta ao Conri quem lhe mandou colocar o feitiço de luxúria na Limusine Negra.

Andais se voltou para o Sholto como uma tormenta a ponto de desencadear-se. Sentada a seu lado, podia sentir sua magia reunindo-se, me cravando a pele. Inclusive pôs ao Galen o braço no pescoço.

-Castigarei ao Conri, não tema -disse.

-Mas não ao amo do Conri – disse Sholto.

A corte conteve sua respiração coletiva, porque Sholto estava finalmente dizendo o que todo mundo sabia que era a verdade. Durante muitos anos, Cel tinha estado dando ordens e tinham sido seus adutores os que tinham sofrido ao ser descobertos, mas nunca ele.

-É meu assunto -disse Andais, mas havia um leve indício de pânico em sua voz.

-Quem me disse que Sua Majestade desejava que os sluagh viajassem às terras do oeste e matassem à princesa Meredith? -Perguntou Sholto.

-Não -disse a rainha, mas sua voz era suave, como a de quem tenta convencer-se de que um pesadelo não é real.

-Não o que, Sua Majestade? -Perguntou Sholto.

Doyle falou a seguir.

-Quem teve acesso às Lágrimas do Branwyn e autorizou aos mortais às usar contra outros elfos?

O espesso silêncio se encheu de fantasmas dançantes, que giravam cada vez mais depressa. As caras se dirigiram para o soalho, algumas pálidas, outras ansiosas, outras assustadas, mas todas à expectativa. Esperando a ver o que faria finalmente a rainha.

Mas foi Cel quem falou a seguir. Inclinou-se para mim e murmurou:

-Não é sua vez agora, prima?

Sua voz continha muito ódio. Dava-me conta de que pensou que tinha lhe visto em Los Angeles, e que igual a Sholto só tinha estado esperando o momento idôneo para revelá-lo. Exalei um suspiro, mas Andais me agarrou o braço. Me aproximou e murmurou:

-Não fale de seus adoradores.

Sabia. A rainha sabia que Cel tinha permitido que os humanos lhe adorassem. Fiquei sem palavras. Não fez falta que nenhuma das duas dissesse que o amparo de seu filho nos tinha posto a todos em perigo. Porque se podia ser demonstrado em cortes humanas que alguns sidhe se permitiram ser adorados em solo americano, seríamos expulsos. Não só os sidhe, mas também todos os elfos.

Olhei a aqueles olhos de um cinza triplo, mas não vi a temível Rainha do Ar e a Escuridão, a não ser a uma mãe preocupada com seu único filho. Sempre tinha querido muito ao Cel.

-Terá que pôr fim às adorações -disse-lhe em voz baixa.

-Sem dúvida, tem minha palavra.

-Terá que castigá-lo – eu disse.

-Mas não por isso -murmurou.

Refleti sobre isso durante um ou dois segundos, enquanto sua mão me agarrava a roupa da manga, empapada de sangue.

-Então tem que ser castigado por entregar as Lágrimas a um mortal.

Sua mão me apertou o braço até que me fez mal. Se seus olhos não tivessem conservado neles o medo, teria pensado que me estava ameaçando.

-Castigarei-lhe por tentar te matar.

Neguei com a cabeça.

-Não, quero que seja castigado por entregar a um mortal as Lágrimas do Branwyn.

-Isso é uma sentença de morte -disse.

-Há dois castigos possíveis, minha rainha. Estou de acordo em que lhe mantenha com vida, mas quero que se permita a sentença de tortura em sua totalidade.

Separou-se de mim, pálida, com uns olhos repentinamente cansados. A tortura para este tipo de crime era muito específica. O condenado era despido e encadeado em um quarto escuro, e a seguir coberto com as Lágrimas. O corpo se enchia de uma ardente necessidade, de um desejo mágico, mas se abandonava ao condenado

Sem que ninguém lhe tocasse, sem alívio. Diz-se que algo assim pode enlouquecer a um sidhe. Mas era o melhor, ou o pior, que podia fazer.

-Seis meses é muito tempo -disse a rainha. -Sua mente nunca sobreviveria a isso.

Era a primeira vez que lhe ouvia admitir que Cel era débil ou, no mínimo, não tão forte.

Regateamos do mesmo modo que tínhamos regateado Kurag e eu, e acabamos com três meses.

-Três meses, minha rainha, mas se eu ou minha gente sofremos algum dano durante esse tempo, então Cel perderá a vida.

Voltou-se e olhou a seu filho, que estava nos observando de perto, perguntando-se o que estávamos dizendo. Finalmente, a rainha me olhou.

-De acordo.

Andais se levantou, lentamente, quase como se estivesse mostrando a idade que tinha. Nunca teria um corpo velho, mas os anos passavam em seu interior. Anunciou com uma voz clara e fria o crime do Cel e seu castigo.

Levantou-se.

-Não aceito o castigo.

Andais se voltou para ele, arremetendo com sua magia, lhe empurrando à cadeira, pressionando contra seu peito com mãos invisíveis de poder até que não pôde respirar para falar.

Siobhan fez um pequeno movimento. Doyle e Frost se interpuseram entre ela e a rainha.

-Está louco, Cel -disse Andais. -Salvei-te a vida esta noite. Não faça que me arrependa do que tenho feito. -Deixou-o de repente, e Cel caiu ao chão, perto de onde Keelin continuava agachada.

Andais se dirigiu a corte.

-Meredith pegará aquele a quem gosta esta noite e o levará a seu hotel. É minha herdeira. O país lhe deu as boas-vindas quando retornou esta noite. O anel de seu dedo está vivo e novamente cheio de magia. Viram as rosas, viram-nas viver pela primeira vez durante décadas. Todos estes milagres e

ainda põem em dúvida minha escolha. Tomem cuidado de que suas dúvidas não lhes custem a vida. -Dito isto, sentou-se e pediu a outros que se sentassem. Todos nos sentamos.

As damas brancas começaram a trazer mesas individuais e às colocar diante dos tronos. A comida começou a flutuar em mãos fantasmagóricas.

Galen se uniu a nós a um lado do soalho. Já estavam castigando ao Conri e perderia o banquete, mas não Cel. A ele lhe permitiria desfrutar do banquete antes de que se executasse sua sentença: uma gentileza da corte da Escuridão para com seu príncipe.

A rainha começou a comer. O resto de nós também o fez. A rainha tomou seu primeiro sorvo de vinho. Bebemos.

Deixou de tomar a sopa e me olhou. Não era um olhar furioso, de desconcerto possivelmente, mas sem dúvida não era um olhar feliz. Inclinou-se para mim o suficiente para que seus lábios me acariciassem a orelha.

-Foda a um deles esta noite, Meredith, ou compartilhará a sorte do Cel.

Afastei-me o suficiente para lhe ver a cara. Sabia perfeitamente que Galen e eu não tínhamos feito amor, mas tinha me ajudado a me salvar do desafio do Conri, e lhe estava agradecida por isso. Mesmo assim, Andais não fazia nada sem motivo, e não podia deixar de me perguntar pela razão deste ato de misericórdia. Teria gostado de perguntar-lhe mas a misericórdia da rainha é algo frágil, como uma bolha que flutua no ar. Se a pessoa insistia muito, simplesmente se cravava e deixava de existir. Não cravaria esta amostra de bondade. Simplesmente, aceitaria-a.

Estávamos de novo na Limusine Negra. A escuridão ainda enchia o céu, mas havia uma sensação de amanhecer no ambiente, quase como o gosto de sal no ar da costa. Não se podia ver, mas sabia que estava aí. O alvorecer estava perto, e eu estava contente. Havia coisas na corte da Escuridão que não podiam surgir à luz do dia, coisas que Cel podia me enviar; embora Doyle considerava pouco provável que o príncipe tentasse fazer algo mais essa noite. Entretanto, tecnicamente, o castigo do Cel não começaria até o dia seguinte de noite, com o qual os três meses ainda não tinham começado. Isso significava que todos os homens tinham recuperado suas armas. Frost caminhava produzindo um ruído quase metálico. Outros eram um pouco mais sutis, mas não muito mais.

A grande espada do Frost, Geamhrad, o «beijo de inverno», estava colocada entre ele e a porta do carro. Inclusive colocada a suas costas, era muito larga para levá-la no carro. Não era uma arma capaz de matar como a Temor Mortal, mas podia arrebatrar a paixão de um elfo, lhe deixar frio e estéril como a neve de inverno. Houve uma época em que perder a paixão, a faísca, teria assustado a um elfo mais que a morte.

Doyle conduzia e Rhys ia diante com ele. Doyle tinha ordenado ao Rhys ir atrás com o resto de nós, mas Frost tinha insistido em que lhe permitisse ir atrás. Isso me tinha parecido... Estranho.

Agora estava sentado à esquerda, apertado contra a porta, com as costas erguida, e aquele cabelo de prata brilhando na escuridão. Galen estava sentado no outro lado. A maioria de suas feridas já estavam curadas, e as que não estavam, ocultavam-se debaixo de uns jeans limpos. Pôs uma camiseta branca debaixo de uma camisa verde pálido. Usava esta colocada por dentro dos jeans mas desabotoada, com o qual lhe via a camiseta de ponto elástico. A única coisa que ficava do traje da corte eram as botas até os joelhos, de uma cor verde musgo. A jaqueta de couro marrom que tinha usado durante anos permanecia dobrada sobre seus joelhos.

Ficava espaço no assento para o Kitto, mas tinha preferido agachasse no chão, com os joelhos apertados contra o peito. Galen lhe tinha emprestado uma camisa de largas mangas para cobrir a correia metálica que levava. A camisa ia enorme, e as mangas brancas ondeavam em cima de suas mãos. A única coisa que podia ver eram seus peitos nus que se sobressaíam da roupa. Parecia ter oito anos, agachado naquela escuridão.

A perguntas como «Tem certeza que está bem?», Respondia «Sim, está Senhora» parecia ser sua resposta para tudo, mas resultava evidente que se sentia abatido por algum motivo. Renunciei a lhe surrupiar informação. Estava cansada e me doía o tornozelo. Para ser exatos, doía-me o pé e a perna até a altura do joelho. Rhys e Galen se alternaram para me pôr gelo no tornozelo durante os espetáculos de sobremesa. O baile, que pretendia me ajudar a escolher entre os homens, tinha sido um fracasso porque não pude dançar. Não só me doía o tornozelo, sentia-me mau e tremendamente cansada.

Apoiei-me contra o ombro do Galen. Ele levantou o braço para colocá-lo sobre meus ombros, mas se deteve o meio movimento.

-Ah! -Exclamou.

-Ainda lhe doem as mordidas? -Perguntei.

Assentiu e baixou lentamente o braço.

-Sim.

-Eu não estou ferido. -A voz do Frost fez que nos voltássemos para ele.

-O quê? -Perguntei.

-Que não estou ferido -repetiu.

Olhei-o. Seu rosto mostrava a arrogante perfeição habitual, desde uns maçãs do rosto impossivelmente altas até a forte mandíbula com sua minúscula covinha. Era uma cara que deveria ter sido acompanhada de uns lábios retos e finos. Entretanto, os lábios do Frost eram carnudos e sensuais. A covinha e a boca salvavam aquele rosto de uma severidade excessiva. Nesse momento, seu rosto apresentava uma linha severa, suas costas se mantinha erguida e agarrava o braço da porta com tanta força que revelava os músculos do braço. Tinha sido cuidadoso ao fazer a oferta, mas logo tinha girado o pescoço, me mostrando só o perfil.

Olhei-o ali sentado e compreendi que o Assassino Frost estava nervoso. Nervoso por mim. Existia certa fragilidade em sua maneira de comportar-se, como se custasse muito caro me oferecer seu ombro para me apoiar nele.

Voltei a olhar ao Galen. Ele arqueou as sobrancelhas e tentou encolher-se de ombros, mas se deteve o meio movimento e se decidiu por fazer um gesto de negação com a cabeça. Era interessante saber que Galen tampouco sabia o que estava acontecendo.

Não estava cômoda com a cabeça apoiada no ombro do Frost, mas... Mas ele poderia ter saído, haver se salvado quando os espinhos atacaram, e não o tinha feito. Ficou conosco, comigo. Não me fazia ilusões de que Frost tivesse estado alimentando em segredo um profundo amor por volta de mim durante os últimos anos. Simplesmente, não era verdade. Entretanto, tinham levantado as proibições e se lhe dizia que sim, Frost poderia desfrutar de uma relação sexual pela primeira vez em muito tempo. Tinha insistido em ir detrás comigo e logo, tinha-me devotado seu ombro para que me apoiasse nele. Frost, a sua maneira, estava me cortejando.

Era uma espécie de doçura torpe. Mas Frost não era doce, a não ser arrogante e orgulhoso. Sem dúvida, inclusive aquela pequena insinuação lhe havia custado muito. Se rechaçava a oferta, não sabia se voltaria a se arriscar em algum outro momento. Me voltaria a oferecer embora fosse de uma maneira ínfima?

Não lhe podia rechaçar assim e, inclusive enquanto o pensava, soube quanto lhe teria doído ao Frost que o que me fazia deslizar pelo carro não fora desejo ou beleza física, a não ser um pouco muito próximo à paixão.

Deslizei-me pelo assento, e ele levantou o braço para que pudesse me acomodar. Era um pouco mais alto que Galen, de maneira que em realidade não me apoiei em seu ombro, a não ser na parte superior de seu peito.

O tecido de sua camisa me raspava a bochecha e não conseguia me relaxar. Nunca tinha estado tão perto do Frost, e resultava... Estranho. Dava-me a sensação de que não podíamos nos sentir cômodos juntos. Ele também o sentia, porque ambos continuamos fazendo pequenos movimentos. Frost trocou a mão de minhas costas a minha cintura; eu tentei levantar mais a cabeça e depois baixá-la, tratei de me apertar mais, de me separar um pouco, mas nada funcionava.

Finalmente, ri. Ficou rígido, senti seu braço tenso em minhas costas. Ouvi-o tragar saliva. Estava nervoso!

Comecei a me pôr de joelhos a seu lado, mas me lembrei de meu tornozelo e só pude pregar um pé debaixo de mim, com cuidado para que o salto não se enganchasse na meia que conservava nem no cetim de minhas calcinhas.

Frost voltou a me oferecer seu perfil. Acariciei-lhe o queixo e girei sua cara para mim. A só uns centímetros, até na escuridão, distingi a dor de seus olhos. Alguém lhe tinha feito mal alguma vez. E a ferida seguia sangrando em suas pupilas.

Senti que minha cara se enternecia e a risada se dissolvia.

-Ri porque...

-Sei por que riu - disse e se separou de mim. Apoiou-se contra a porta do carro, embora estava reto e erguido. Fez-me recordar o modo em que se agachava Kitto no chão.

Toquei seu ombro com delicadeza. Aquele magro véu de cabelo tinha cansado por seus ombros. Era como tocar seda. A cor de seu cabelo era tão profundamente metálico que não me surpreendeu que fosse tão delicado. Era mais suave que os cachos do Galen, de uma textura totalmente diferente.

Olhava-me enquanto lhe tocava o cabelo.

Olhei-o.

-É só que estamos nesta estranha fase do primeiro encontro. Nunca nos seguramos nas mãos nem nos beijamos, e ainda não sabemos nos sentir cômodos um com o outro. Galen e eu nos ocupamos de todos os preliminares faz anos.

Separou-se de mim, fazendo escorregar o cabelo entre meus dedos, embora não acredito que esta fora sua intenção. Olhou pela janela de um modo imperturbável, embora esta atuava como um espelho que me mostrava seu rosto como o de uma das damas brancas da corte.

-Como se supera este desconforto?

-Tem que ter tido algum encontro – eu disse.

Sacudiu a cabeça.

-Faz mais de oitocentos anos no meu caso, Meredith.

-Oitocentos anos –disse. -Pensei que o celibato levava mil anos em vigor.

Assentiu sem mover-se, contemplando seu reflexo na janela.

-Fui o consorte de sua eleição faz oitocentos anos. Servi-a três vezes nove anos, e depois escolheu a outro. -Sua voz mostrou um pouco de dúvida quando disse isto último.

-Não sabia – eu disse.

-Eu tampouco -disse Galen.

Frost se limitou a olhar pela janela, como se estivesse fascinado pelo reflexo de seus olhos cinzas.

-Eu atuei igual a Galen durante os primeiros duzentos anos, jogando com as damas da corte. Então me escolheu, e quando me apartou foi muito mais duro abster-se. A lembrança de seu corpo, pelo que... -Sua voz se foi apagando. - Por isso não faço nada. Não toco a ninguém. Não toquei a ninguém durante oitocentos anos. Não beijei a ninguém. Não segurei a mão de ninguém. - Apertou sua frente contra o vidro. -Não sei como parar.

Levantei-me sobre um joelho até que minha cara ficou flutuando ao lado do seu no reflexo da janela. Apoiei o queixo em seu ombro, com uma mão a cada lado dele.

-Quer dizer que não sabe como começar – eu disse.

Levantou a cabeça e olhou meu reflexo ao lado do dele.

-Sim -murmurou.

Desloquei os braços por seus ombros, e o abracei. Queria dizer que sentia que lhe tivessem feito isto. Queria expressar minha compaixão, mas sabia que se em algum momento intuía um pouco de compaixão, tudo teria acabado. Nunca se voltaria a abrir para mim.

Esfreguei meu queixo contra a incrível suavidade de seu cabelo.

-Não tem nada de errado, Frost. Tudo ficará bem.

Ele apoiou a cabeça em minha bochecha e senti que seus ombros se relaxavam. Fechei os braços em torno de seu peito e me agarrei cada um dos pulsos com a outra mão. Ele foi procurar minhas mãos, temeroso, e ao ver que não me movia as agarrou e as colocou contra seu peito.

A pele das palmas lhe suava muito ligeiramente e seu coração pulsava com tanta força que podia senti-lo bater. Acariciei com meus lábios sua bochecha, apenas, sem chegar a ser um beijo.

Frost deixou escapar o ar em um comprido suspiro que fez que seu peito subisse e descesse em minhas mãos. Moveu a cabeça, e este pequeno movimento pôs nossas caras muito perto. Olhei o fundo de seus olhos, acariciei-o com o olhar, como se pretendesse memorizar seu rosto, e de algum jeito era o que estava fazendo. Esta foi a primeira carícia, o primeiro beijo. Não voltaria a repetir-se, nunca voltaria a ser igual à primeira vez.

Frost teria podido salvar com seus lábios a pequena distância que nos separava, mas não o fez. Seus olhos estudavam minha cara igual a eu estudava a sua, mas não fez nenhum movimento para pôr fim à situação. Fui eu quem se inclinou para ele, eu a que salvei a distância entre nossas bocas para lhe beijar docemente. Seus lábios permaneceram completamente quietos contra os meus; só sua boca entre aberta e o batimento apressado de seu coração me deixavam intuir que gostava. Comecei a me retirar, e sua mão se deslocou por meu braço até me tocar a nuca. Afundou seu punho em meu cabelo, apertando-o, sentindo-o igual a eu havia sentido antes seu cabelo sedoso. Então seus olhos se abriram só um pouco mais. Aproximou minha cara a sua boca e nos beijamos, e esta vez foi um beijo compartilhado. Apertava os lábios contra minha boca. Girou a cabeça para mim, de maneira que quase fiquei apoiada em um de seus largos ombros.

Abri a boca ante a pressão de seus lábios, senti a carícia úmida de sua língua. E sua boca se abriu à minha, e o beijo cresceu. Uma mão ficou em meu cabelo, mas a outra percorria a minha cintura e me atraía para seu colo. Beijava-me como se fosse comer toda a minha boca. Sentia a tensão dos músculos de seu pescoço sob minhas mãos enquanto me beijava com lábios e boca, como se sua boca tivesse partes que nunca antes havia sentido. Revolvi-me em seus braços para me sentar mais solidamente em seu colo. Isto arrancou um som do fundo de sua garganta, e suas mãos estavam em minha cintura me levantando. Em um instante minhas pernas ficaram uma a cada um de seus lados, e de repente me encontrei ajoelhada com uma perna a cada lado e unida a ele pela linha úmida do beijo. Meu tornozelo machucado roçou o assento e tive que tomar ar.

Frost apoiou sua bochecha em meu decote; respirava de forma entrecortada. Apertei-lhe a cara contra minha pele, com meus braços ao redor de seus ombros, e pisquei várias vezes como se despertasse de um sonho.

Galen tinha a boca quase totalmente aberta. Temi que estivesse ciumento, mas estava muito surpreso para isso. Com ele éramos dois os surpreendidos,

porque me custava acreditar que fosse Frost o homem que sustentava entre meus braços, que fosse Frost, cuja boca parecia haver deixado uma lembrança abrasadora na minha. Kitto me olhou com seus enormes olhos azuis, e o olhar de sua cara não era de surpresa, mas sim de excitação. Lembrei-me de que não sabia que não ia desfrutar de autêntico sexo essa noite.

Galen foi o primeiro a recuperar-se. Aplaudiu e disse com uma risada nervosa:

-Em uma escala de um a dez, dou-lhe um doze, e a única coisa que fazia era olhar.

Frost me abraçou, ainda respirando como se tivesse feito uma corrida. Falou com voz entrecortada, como se não tivesse se recuperado de tudo.

-Pensei que tinha esquecido como fazer.

Então pus-me a rir, com um som grave, o tipo de risada que faria que um homem voltasse a cabeça em um bar, mas não é o que pretendia. Meu corpo pulsava ainda com muito sangue, muito calor. Apertei ao Frost contra meu corpo: o peso de sua cara em meu decote, sua boca baixando de maneira que o calor de sua respiração parecia queimar o fino tecido de meu vestido, ansiosa para que seus lábios seguissem descendendo, de que me beijasse os peitos.

Conseguí dizer algo:

-Confia em mim, Frost, não esqueceste nada. -Voltei a rir. -E se alguma vez beijaste melhor, não estou segura de que possa suportá-lo.

-Eu gostaria de estar ciumento -disse Galen. -Estava preparado para me pôr ciumento, mas merda, Frost, pode-me ensinar como o faz?

Frost levantou a cabeça para poder me olhar à cara, e seu olhar mostrava um brilhante prazer com um toque um pouco mais escuro. Seu rosto me pareceu mais... Humano, mas não menos perfeito.

Sua voz soou suave, grave, íntima quando disse:

-E isto foi só o toque de minha carne. Sem poder, sem magia.

Olhei-o aos olhos e tragou saliva. De repente, fui eu quem estava nervosa.

-É mágico, Frost, tem sua própria magia- ofeguei.

Ruborizou-se, um tom rosa pálido lhe subiu do pescoço até a frente. Era perfeito. Beije-o na testa e lhe deixei que me ajudasse a pôr meu tornozelo lesado em seu colo. Voltei a me sentar em meu lugar, com os braços do Frost sobre os ombros. Meu corpo se adaptava à curva de seus braços como se sempre tivesse estado ali.

-Vê, já estamos cômodos – eu disse.

-Sim -disse, e inclusive esta palavra tinha uma calidez que sentia no estômago, e mais abaixo.

-Tem que levantar este pé -disse Galen. -Meu regaço se oferece voluntário. -Deu-se uns tapinhas na perna.

Estirei as pernas, e Galen colocou meus pés sobre suas pernas. Mas me resultava incômodo, estando apoiada no Frost.

-Minhas costas não se pode dobrar dessa maneira.

-Se não levantar o tornozelo, inchará -afirmou Galen-. Mantém os pés em minha perna e te deite. Estou seguro de que ao Frost não importará que ponha sua cabeça em seu colo. -Pronunciou isto último com um toque de sarcasmo.

-Não -disse Frost, -não me importa.

Se tinha captado o sarcasmo, não o mostrou na voz.

Deite-me, agüentando a saia com uma mão para que não subisse; com as pernas no colo do Galen, alegrei-me de que a saia fosse larga, isso fazia tudo mais pudico, e eu estava bastante cansada para agradecer.

Apoiei a cabeça na coxa do Frost, com a têmpora em seu estômago. Sua mão se deslocou por meu abdômen até tocar a minha, seus dedos se entrelaçaram com meus e lhe olhei fixamente. O olhar era quase muito íntimo. Movi a cabeça para um lado, e deixei descansar a bochecha tranqüilamente em sua coxa. Sua mão livre jogava com o cabelo que caía a um lado do meu rosto, acariciando-o com os dedos.

-Posso-te tirar o outro sapato? -Perguntou Galen.

Olhei-o atentamente.

-Por quê?

Levantou ligeiramente o quadril, e senti que o salto apertava uma carne muito tenra para tratar-se de uma coxa. Continuou pressionando contra o bicudo salto, com seu olhar cravado em mim.

-O salto é um pouco bicudo -disse.

-Então deixa de te apertar contra ele – eu disse.

-Ainda dói, Merry - disse.

-Sinto muito, Galen, pode tirar o sapato.

Esboçou um sorriso. Tirou-me o sapato e o sustentou no ar enquanto sacudia a cabeça.

-Eu gosto de como ficam os saltos, mas umas sapatilhas lhe teriam salvado o tornozelo.

-Tem sorte de não haver torcido nada mais -disse Frost. -Era um feitiço poderoso, embora mal construído.

Assenti.

-Sim, era como matar moscas a tapas.

-Cel tem poder, mas muito pouco controle -assegurou Frost.

-Estamos seguros de que foi Cel? -Perguntou Galen.

Os dois o olhamos.

-Não o está você? -Perguntei.

-Só digo que não teríamos que carregar todas as culpas ao Cel. É seu inimigo, mas possivelmente não seja o único. Não quero que por nos obcecar com o Cel nos passe algo importante.

-Bem dito -disse Frost.

-Caralho Galen, quase é um comentário inteligente – eu disse.

Galen me aplaudiu a planta do pé.

-Palavras como esta não lhe aproximarão de meu corpo.

Pensei por um instante em pôr meu pé em seu entre perna para demonstrar que já estava perto de seu corpo, mas me abstive. Estava machucado e só conseguiria lhe fazer mal.

Kitto nos observava com um olhar intenso. Algo em sua cara e na maneira tão atenta de se comportar me inclinava a pensar que poderia lhe contar ao Kurag tudo o que dizíamos. Até que ponto era meu?

O trasgo me surpreendeu lhe observando, e seus olhos se cravaram em mim. O olhar não mostrava medo, era atrevido e espectador. Mostrou-se mais depravado desde que tinha beijado ao Frost, embora não estava segura do motivo.

Meu olhar pareceu incrementar a audácia do Kitto. Arrastou-se para frente, para mim. Seus olhos passaram do Galen ao Frost, mas se ajoelhou no chão, com as pernas separadas.

Falava com muito cuidado, mantendo a boca o máximo que podia fechada para esconder as presas e a língua bífida.

-Você fodeu com sidhe de cabelo verde esta noite.

Comecei a protestar, mas Galen tocou minha perna, pressionando-a ligeiramente. Tinha razão. Não sabíamos até que ponto podíamos confiar no trasgo.

-Há beijado...-A esse de «*beijado*» era a primeira sibilante que se permitiu no discurso, e isto lhe fez duvidar. Voltou a começar. -beijaste ao sidhe de cabelo prata esta noite. Peço permissão para defender a honra dos trasgos nesta questão, visto que se não compartilharmos carne, o tratado entre você e meu rei não terá vigor.

-Cuidado com o que diz, trasgo -disse Frost.

-Não – eu disse, - está tudo bem, Frost. Kitto está sendo muito educado tratando-se de um trasgo. Sua cultura é muito atrevida no que se refere ao sexo. Além disso, tem razão. Se acontecer algo ao Kitto antes de que compartilhemos a carne, os trasgos ficarão liberados do acordo.

Kitto se inclinou até que sua testa tocou o assento, e seu cabelo roçou a mão do Frost, que ainda sustentava a minha. Esfregou a cabeça contra minhas pernas, como um gato.

Dei um tapinha na cabeça.

-Nem me ocorre fazê-lo no carro. Não gosto do sexo em grupo.

Levantou-se lentamente, e aqueles olhos azuis me olharam.

-Quando chegemos ao hotel? -Perguntou.

-Está ferida -disse Galen. -Acredito que pode esperar.

-Não – eu disse, -necessitamos dos trasgos.

A mão que Galen mantinha sobre minha perna me bastou para comprovar até que ponto estava tenso.

-Eu não gosto.

-Não faz falta que você goste, Galen, te limite a reconhecer que é prático.

-Tampouco eu gosto da idéia de que te toque -disse Frost -além disso seria muito fácil assassinar a um trasgo. São mais fáceis de matar que os sidhe, se usar magia.

Olhei o corpo delicado do Kitto. Sabia que podia resistir qualquer golpe, mas magia... Esse não era o ponto forte de um trasgo.

Estava cansada, muito cansada. Mas tinha trabalhado muito para conseguir uma aliança com os trasgos e não estava disposta a que se malograsse por detalhes. A pergunta era em que parte de meu corpo lhe deixaria afundar aquelas presas? Não ia perder uma libra de carne, mas Kitto tinha direito a me dar uma dentada. Onde você gostaria que alguém lhe mordesse?

Não podia andar com o tornozelo assim. Doyle me levou nos braços pelo vestíbulo do hotel. Kitto permanecia muito perto de mim, depois de que Rhys fizesse um comentário desagradável ao entrar. Se Rhys continuava mostrando rancor contra todos os trasgos, a situação se complicaria ainda mais. Não necessitava que se complicasse, necessitava algo singelo.

O que me esperava na sala de estar não era nada singelo.

Griffin estava sentado em uma das amaciadas poltronas, com suas largas pernas estiradas para que sua nuca descansasse no respaldo. Quando entramos, tinha os olhos fechados, como se estivesse dormido. Seu cabelo se derramava pelos ombros em uma juba acobreada. Lembrei-me de quando chegava aos tornozelos, e de que chorei quando a cortou. Tinha evitado buscá-lo entre a multidão durante o banquete. Um olhar me bastou para saber que aquele cabelo de cor quase mogno não estava na habitação. Que fazia no hotel? Por que não tinha assistido ao banquete?

Estava desperdiçando encanto para fazer-se passar por humano, mas inclusive amortecido por sua própria magia brilhava. Ia vestido com botas, calças jeans, uma camisa branca abotoada até acima e uma jaqueta também texana com ombreiras e cotoveleiras de couro. Esperava que me fechasse o peito e me custasse respirar ao lhe ver. Porque não estava dormido, estava posando para causar o máximo de efeito. Mas meu peito não se fechou e respirava perfeitamente.

Doyle tinha se detido comigo nos braços, justo antes de pisar no tapete de estilo oriental em que se achavam as poltronas. Olhei ao Griffin dos braços do Doyle e me senti vazia. Tinha compartilhado com ele sete anos de minha vida e podia lhe olhar sem sentir nada mais que um doloroso vazio, uma pouco de tristeza por ter perdido tanto tempo e tanta energia com aquele homem. Tinha temido o reencontro, temia que todos aqueles sentimentos voltassem a aflorar ou me enfurecer com ele. Mas não aconteceu nada. Sempre teria doces lembranças de seu corpo e lembranças menos doces de sua traição, mas o homem que posava ali com tanto esmero já não era meu amor. A constatação me produziu um alívio profundo e uma grande pena.

Abriu lentamente os olhos e um sorriso lhe curvou os lábios. Doe-me, porque em alguma ocasião tinha acreditado que esse sorriso estava pensado especialmente para mim. O olhar de seus olhos cor mel também me era familiar. Muito familiar. Olhava-me como se não tivesse ido nunca, com a mesma segurança que tinha mostrado Galen antes. Seus olhos estavam cheios de um conhecimento de meu corpo e da promessa de que teria acesso a ele rapidamente.

Isto acabou com qualquer simpatia que ainda pudesse sentir por ele.

O silêncio se prolongou muito, mas não senti a necessidade de rompê-lo. Sabia que se não dizia nada, Griffin terminaria por falar. Sempre tinha se mostrado orgulhoso do som de sua própria voz.

Levantou-se em um movimento fluido, ligeiramente curvado, de maneira que não aparentava seu metro e noventa. Mostrou-me seu melhor sorriso, o que fazia que seus olhos se enrugassem e lhe marcava uma minúscula covinha na bochecha.

Olhe-o, impassível. Ajudava-me o fato de que estava tão cansada que mal podia pensar, mas era algo mais que isso. Sentia-me vazia interiormente e deixei que minha cara o mostrasse. Deixei-lhe ver que não representava nada para mim embora, conhecendo o Griffin, sabia que não acreditaria.

Deu um passo adiante, com uma mão estendida como se fosse agarrar a minha. Eu o fulminei com o olhar até que baixou de novo a mão e pela primeira vez, pareceu sentir-se incômodo.

Passeou o olhar por meus acompanhantes, e depois voltou a posá-la em mim.

-A rainha insistiu em que eu não estivesse ali esta noite. Pensou que isso poderia te incomodar. -A segurança se afundou em seus olhos para deixar passo à ansiedade. -O que perdi esta noite?

-O que está fazendo aqui, Griffin? – eu disse. Minha voz estava tão vazia como meu coração.

Trocou o peso do corpo de um pé a outro. Era evidente que a reunião não se desenvolvia segundo suas expectativas.

-A rainha disse que tinha levantado o celibato da Guarda para ti.

Seus olhos se dirigiram ao Doyle e a seguir, aos outros. Torceu o gesto ao ver o trasgo. Não gostava de nenhum deles. Não gostava que eu estivesse em braços de outro. Percebi um fugaz brilho de satisfação, insignificante, mas real.

-Que a rainha tenha levantado o celibato para mim e só para mim não responde a minha pergunta, Griffin.

Franziu o cenho.

-Por que está aqui? -Perguntei.

-A rainha me disse que tinha te advertido de que enviaria a um guarda eleito por ela.

Tentou voltar a sorrir, mas o sorriso se desvaneceu quando o olhei.

-Está tentando me dizer que a rainha te enviou como espião dela?

Levantou a cabeça, e seu delicado queixo se esticou. Era um sinal inequívoco de que não se sentia a gosto.

-Pensei que você gostaria, Merry. Há muitos guardas com os que seria pior compartilhar sua cama.

Neguei com a cabeça e apoiei a cara no ombro do Doyle.

-Estou muito cansada para isto.

-O que quer que nós façamos, Meredith? -Perguntou Doyle.

O olhar do Griffin se endureceu, e me precavi de que Doyle tinha utilizado meu primeiro nome deliberadamente; não um título, a não ser meu nome.

Isto me fez sorrir.

-Me leve ao quarto e te ponha em contato com a rainha. Não me obrigarão a voltar a compartilhar a cama com ele, sob nenhum conceito.

Griffin deu um passo para nós e me acariciou o cabelo. Doyle me pôs fora de seu alcance girando os ombros.

-Ela foi minha consorte durante sete anos -disse Griffin, e esta vez havia raiva em sua voz.

-Então deveria havê-la valorado como o precioso presente que é.

-Vai, Griffin – eu disse. -Conseguirei que a rainha envie a algum outro.

Ficou diante do Doyle, bloqueando nosso caminho para os elevadores.

-Merry Merry, não...?

-Sente nada? -Acabei a frase por ele. -Sinto a necessidade de sair deste vestíbulo antes de atrair a uma multidão.

Griffin olhou de esguelha o balcão, de onde a recepcionista do turno da noite nos dedicava toda sua atenção. Tinha chegado um homem e se colocou a seu lado, como se tivessem medo de que se produzira uma briga.

-Estou aqui às ordens da rainha. Só ela pode mandar embora, não você.

Olhei a seus olhos irados e me pus a rir.

-Muito bem, muito bem, vamos todos para o quarto e a chamaremos dali.

-Está segura? -Perguntou Doyle. -Se quiser que fique no vestíbulo, podemos solucionar isso.

Percebi um sutil tom de ameaça em sua voz e me dava conta de que Doyle queria lhe fazer mal, queria uma desculpa para castigar ao Griffin. Não acredito que fosse algo pessoal comigo. Penso mais que Griffin tinha tido o que todos eles desejavam, acesso a uma mulher que o adorava, e o tinha jogado pela janela enquanto outros não podiam fazer outra coisa a não ser olhar.

Frost se colocou detrás do Doyle. Kitto lhe seguiu. Rhys nos uniu do outro lado e Galen se aproximou do Griffin por detrás.

Griffin se esticou de repente. Aproximou a mão ao cinto e esta começou a desaparecer sob a jaqueta.

Doyle disse:

-Se sua mão não estiver à vista, interpretarei que pretende nos fazer mal. E não acredito que queira que pense isso, Griffin.

Griffin tentava controlá-los a todos visualmente, mas tinha permitido que lhe rodeassem, e uma pessoa não pode olhar pra dois lados ao mesmo tempo. Era uma atitude muito descuidada, e Griffin era muitas coisas, mas não descuidado. Pela primeira vez me perguntei se lhe tinha afetado nossa separação, se havia sentido suficiente dor para voltar-se descuidado, o bastante descuidado para resultar ferido ou inclusive perder a vida.

Esta idéia tinha graça de um ponto de vista sociopático, mas não queria que o matassem, só o queria longe de mim.

-Não tenho vontade de brigas, embora seria divertido

-Quais são suas ordens? -Perguntou Doyle.

-Vamos todos acima pra contatar com a rainha, logo me lavarei um pouco e já veremos.

-Como quer, princesa -disse Doyle.

Levou-me para os elevadores. Os outros nos seguiram, formando uma espécie de rede semicircular em torno de Griffin. Sem necessidade de que ninguém lhes dissesse nada, Rhys e Galen se colocaram um a cada lado do Griffin no elevador.

Doyle ficou a um lado, com as costas no espelho para poder controlar ao Griffin. Frost fazia o mesmo ao outro lado. Kitto continuou olhando ao Griffin como se não o tivesse visto nunca antes.

Griffin apoiou os ombros na parede, com os braços pregados no peito e os tornozelos cruzados: a imagem da tranquilidade absoluta. Mas seus olhos e a rigidez de seus ombros o traíam.

Olhei-o entre o Galen e Rhys. Passava quatro dedos do Galen e muitos mais do Rhys.

Surpreendeu-me olhando e deixou cair seu encanto, lentamente, como um strip tease. Tinha lhe visto fazê-lo nu muitas vezes mais do que podia contar. Era como olhar a uma luz que surgisse de debaixo de sua pele, começando pelos pés, logo suas musculosas pantorrilhas, as coxas fortes, e subindo, para cima, até que cada centímetro de seu corpo brilhava como alabastro gentil com

uma vela em seu interior, tão brilhante o resplendor de sua pele que quase formava sombras.

A lembrança de seu corpo nu e brilhante estava gravado a fogo em minha memória, e fechar os olhos não servia de nada. Tinha sido uma imagem muito querida durante muito tempo. Abri os olhos e vi o brilho metálico de seu cabelo de cobre. As ondas de seu cabelo crepitavam e se moviam com seu poder. Os olhos não eram da cor do mel, tinham três cores: marrom ao redor da pupila, ouro líquido e por último, bronze brunido. A visão de seu corpo envolto em um resplendor me deixou sem fôlego. Sempre seria bonito e nenhum ódio ia mudar isso.

Mas a beleza não era suficiente, nem muito menos.

Ninguém disse nenhuma palavra até que se deteve o elevador. Então Galen agarrou ao Griffin pelo braço e Rhys olhou a ambos os lados do corredor antes de que Doyle me tirasse do elevador.

-Por que tanta precaução? -Perguntou Griffin. -O que aconteceu esta noite?

Rhys examinou a porta e a seguir, pegou a chave magnética e abriu a porta. Examinou o quarto enquanto os outros esperavam fora. Se os braços do Doyle estavam cansados de me carregar, não o mostravam.

-Não há perigo -disse Rhys. Agarrou o outro braço do Griffin e o fizeram entrar no quarto deste modo. O resto de nós os seguimos.

Doyle me depositou na cama, e fiquei sentada com as costas apoiada no travesseiro. Escolheu uma das almofadas que havia sobre a colcha azul e a colocou debaixo de meu tornozelo, logo tirou a capa e a deixou ao pé da cama. Ainda usava o colete de couro e metal sobre o peito; os brincos de prata ainda brilhavam nos lóbulos de suas orelhas; as plumas de pavão ainda penteavam seus ombros. Pela primeira vez, me passou pela cabeça que nunca tinha visto o Doyle de outra maneira. Bom, sim com outra roupa, mas não estava segura de se utilizava encanto ou não. Doyle não tentava ser alguém distinto de que era.

Olhei ao Griffin, que ainda brilhava, ainda formoso. Galen e Rhys lhe tinham feito sentar em uma cadeira. Galen se apoiou na mesinha que havia junto à cadeira. Rhys se recostou na parede. Nenhum dos dois brilhava, mas sabia que no mínimo Galen não pretendia passar por humano.

Kitto subiu à cama e se agachou a meu lado. Passou um braço por minha cintura, perigosamente perto de meu colo. Mas não tratou de aproveitar-se da situação. Acomou o rosto contra meu quadril e parecia satisfeito, como se quisesse dormir.

Frost se sentou na ponta da cama, com as pernas no chão, mas negando-se a deixar toda a cama para o trasgo. Cruzou os braços sobre o peito, justo debaixo das manchas de sangue. Sentou-se ali, alto e erguido, e incrivelmente bonito, mas não brilhava do mesmo modo que Griffin.

De repente, tive uma revelação. Griffin não tinha deixado cair o encanto, tinha acrescentado mais. Em todas as ocasiões em que pensava que se despojava das máscaras, o que em realidade fazia era cobrir-se na maior das ilusões. A maioria dos sidhe não podiam usar encanto para parecer mais belos aos outros sidhe. Podia-se tentar, mas era um esforço em vão. Inclusive depois de ter alcançado meu poder, via-o brilhar, mas agora sabia o que era em realidade: uma mentira.

Fechei os olhos e apoiei a cabeça na cabeceira.

-Deixa cair o encanto, Griffin. Te limite a ficar sentadinho aí como um bom menino. -Minha voz soou cansada, inclusive pra mim.

-É muito bom nisto -disse Doyle. -Possivelmente o melhor que vi em minha vida.

Abri os olhos e olhei ao Doyle.

-Me alegro de saber que o espetáculo não era só para meu desfrute. Sentia-me bastante estúpida.

Doyle olhou ao resto dos reunidos.

-Senhores?

-Está brilhando -disse Galen.

-Como uma vaga-lume em junho -confirmou Rhys.

Frost assentiu.

Toquei o cabelo do Kitto.

-O vê? -Perguntei.

Kitto levantou a cabeça, com os olhos entrecerrados.

-Todos os sidhe me parecem bonitos. -Apertou a nuca contra mim, e desta vez se encostou um pouco mais abaixo de minha cintura.

Olhei ao Griffin, ainda resplandecia e estava tão bonito que estive a ponto de me proteger os olhos como quando se olha o sol. Queria lhe gritar, lhe jogar na cara seus enganos e suas mentiras, mas não o fiz. Meu aborrecimento lhe teria convencido de que ainda sentia algo por ele. Não era assim, ou, melhor dizendo, não o que ele queria que sentisse. Senti-me enganada e estúpida e zangada.

-Ponha-se em contato com a rainha, Doyle – eu disse.

Frente à cama havia uma cômoda com um grande espelho. Doyle se situou ante o espelho. Ainda me via refletida nele. Voltei a me olhar e me perguntei por que mal tinha trocado meu aspecto. OH, sim, estava despenteada, a maquiagem necessitava um retoque, o batom tinha desaparecido completamente, mas minha cara seguia sendo a mesma. Tinha perdido a inocência fazia anos e ficava pouca capacidade de surpresa. A única coisa que sentia era intumescimento.

Doyle colocou as mãos quase roçando o vidro. Senti sua magia como um séquito de formigas caminhando por minha pele. Kitto levantou a cabeça para olhar e apoiou a bochecha em minha coxa.

O poder se percebia em um aumento da pressão, como se pudéssemos apartá-lo tampando as orelhas, igualando a pressão, mas a pressão não se reduziria até que o poder se retirasse. Doyle acariciou o espelho, e este se ondulou como água. As pontas de seus dedos provocavam as ondas como pedras lançadas em uma piscina. Doyle dobrou levemente os pulsos e o espelho perdeu sua transparência. A superfície adquiriu uma tonalidade leitosa.

A névoa se dissipou e apareceu a rainha sentada no bordo de sua cama, nos olhando através do espelho de seus aposentos privados. Tinha tirado as luvas, mas conservava o mesmo vestido. Teria apostado uma parte de meu corpo a que estava esperando a chamada. A seu lado se via o ombro nu do Eamon, convexo de lado, como se estivesse dormindo. O menino loiro estava ajoelhado ao lado dela, apoiado nos cotovelos. Também estava nu, mas não debaixo das mantas. Seu corpo era forte, mas magro, um corpo de menino, sem a musculatura de um homem. Voltei a me perguntar se já teria completado os dezoito anos.

Doyle tinha se afastado a um lado, com o que eu fui primeira a quem procuraram os olhos da rainha.

-Olá, Meredith.

Os olhos da rainha escrutinaram a cena, o trasgo meio vestido e Frost na cama comigo. Mostrou um sorriso de satisfação. Dava-me conta de que as duas cenas, a ambos os lados do espelho, eram muito similares. Ela tinha a dois homens em sua cama, e eu tinha outros dois na minha. Desejava que o estivesse passando melhor que eu. Ou possivelmente não.

-Olá, tia Andais.

-Pensei que estariam todos na cama, esperava ver um ou dois mais de seus meninos. Decepciona-me.

Acariciou as costas nua do menino e terminou separando os dedos sobre suas nádegas. Era um gesto casual, igual a quando a gente acaricia a um cão.

Minha voz soou muito neutra, cuidadosamente vazia.

-Griffin estava aqui quando chegamos. Diz que foi você quem o enviou.

-Assim é –disse. -Esteve de acordo em te deitar com meu espião.

-Não estive de acordo em me deitar com o Griffin. Pensava que depois de nosso bate-papo tinha compreendido o que sinto por ele.

-Não -disse Andais. -Não, não o compreendi absolutamente. Em realidade, não estava segura de que você mesma conhecesse seus sentimentos por ele.

-Não sinto nada por ele – eu disse. -Só quero que suma da minha vista, e certamente não vou me deitar com ele. -Dava-me conta assim que disse isto último de que ela poderia insistir por causa de algum tipo de perversão malvada. Acrescentei rapidamente: -Que saiba que é celibatário outra vez. Foi liberado da proibição faz dez anos para que pudesse deitar-se comigo, mas utilizou sua liberdade para foder com qualquer que se emprestasse. Quero que saiba que me deito com os outros guardas, que estes desfrutem do sexo e ele não. Que, a não ser que consinta em me deitar com ele, nunca mais voltará a ter relações sexuais no resto de sua vida tão pouco natural. -Sorri enquanto falava e me dava conta de que era um sorriso sincero. Que a Deusa me perdoe, era vingativa, mas era sincera.

Andais voltou a rir.

-OH, Meredith, acredito que compartilhamos mais sangue do que nunca teria atrevido a imaginar. Como quer. Envia-o de novo a sua cama solitária.

-Já a ouviste – eu disse. -Vai embora.

-Se não sou eu -disse Griffin- será outro. Possivelmente deveria lhe perguntar a quem enviará para me substituir em sua cama.

Olhei a minha tia.

-A quem enviará para substituir ao Griffin?

Estendeu a mão, e apareceu um homem como se tivesse estado esperando pacificamente seu turno. Sua pele era da cor das lilás, sua juba, larga até o joelho, tinha uma tonalidade rosada. Seus olhos eram como poços de ouro líquido. Era Pasco, o irmão gêmeo de Rozenwyn.

Olhei-o, e ele olhou a sua vez. Nunca tínhamos sido amigos. Em realidade, houve uma época em que pensei que fôssemos inimigos.

Griffin se pôs-se a rir.

-Não pode falar sério, Merry. Deixaria que Pasco lhe foda antes que eu?

Olhei ao Griffin. Tinha deixado de brilhar e tinha um aspecto vizinho ao vulgar. Estava furioso, tanto que percebi um ligeiro tremor em suas mãos enquanto assinalava ao espelho.

-Griffin, querido – disse – há um montão de homens aos que meteria em minha cama antes de a ti.

A rainha estalou em uma gargalhada. Empurrou a Pasco para baixo até que este se sentou em seu colo, como um menino que visita papai Noel em um centro comercial. Olhou-me ao tempo que acariciava o cabelo do Pasco.

-Está de acordo em que Pasco seja meu espião?

-Estou de acordo.

Os olhos do Pasco se abriram um pouco para ouvir isto, como se tivesse esperado ao menos um pouco de resistência por minha parte. Mas já não estava de humor para discutir.

Andais acariciou as costas do Pasco.

-Acredito que lhe surpreendeste. Havia me dito que nunca aceitaria compartilhar a cama com ele.

Encolhi-me de ombros.

-Não é um destino pior que a morte.

-Isso é bem certo, minha sobrinha.

Nossos olhos se encontraram no espelho. Assentiu e convidou ao homem a levantar-se. Vi que dava ao Pasco uma palmada no traseiro justo antes de que desaparecesse da imagem.

-Em seguida estará aí.

-Muito bem – eu disse. -Agora vai, Griffin.

Griffin vacilou. Olhou-nos um a um e abriu a boca como se se dispusera a dizer algo, mas em seguida a fechou. Provavelmente o mais inteligente que podia fazer.

Fez uma reverência.

-Minha rainha. -Dirigi-se para mim. -Já nos veremos, Merry.

Neguei com a cabeça.

-Para quê?

-Me quis uma vez -disse, e era quase uma pergunta, quase uma prece.

Poderia ter mentido, mas não o fiz.

-Sim, Griffin, alguma vez te quis.

Olhou-me, e seus olhos percorreram a cama e meu pequeno harém.

-Sinto muito, Merry. -Parecia sincero.

-Sente ter me perdido, sente ter matado o amor que sentia por ti, ou sente que já não possa foder comigo?

-Tudo isso –disse. -Sinto tudo isso.

-Bom menino. Agora vai – eu disse.

Algo passou por sua cabeça, algo próximo à dor, e pela primeira vez pensei que possivelmente, só possivelmente, tinha entendido que o que tinha feito estava mau. Abriu a porta e saiu, e quando a porta se fechou detrás dele, soube que se foi, que tinha ido em um sentido que ia além de sua ausência física no quarto. Já não era meu amor, já não era minha pessoa especial.

Suspirei e me recostei no travesseiro. Kitto se empurrou mais perto. Perguntei-me se teria alguma oportunidade de estar sozinha aquela noite.

Voltei a olhar ao espelho.

-Sabia que não aceitaria ao Griffin como teu espião, se isso implicava me deitar com ele.

A rainha assentiu.

-Tinha que conhecer seus verdadeiros sentimentos para com ele, Meredith. Tinha que estar segura de que não seguia apaixonada por ele.

-Por quê? -Perguntei.

-Porque o amor pode interferir na luxúria. Agora estou segura de que já não ocupa nenhum lugar em seu coração. Eu gosto de saber isso.

-Estou muito contente de que você goste – eu disse.

-Vai com cuidado, Meredith. Eu não gosto do sarcasmo dirigido contra mim.

-E eu não gosto que me arranquem o coração para sua desfrute. -No momento em que o disse, soube que era um engano.

Seus olhos se estreitaram.

-Quando lhe arrancarem o coração, Meredith, saberá.

O espelho se cobriu de bafo e de repente, voltou a refletir a realidade. Olhei-me nele, e vi o batimento do coração de minhas veias na garganta. -Arrancar o coração -disse Galen. -Não escolheste muito bem suas palavras.

-Eu sei - disse.

-Da próxima vez -disse Doyle- mantén a serenidade. Andais não necessita que lhe dêem idéias.

Afastei ao Kitto. Levantei o pé da cama, com cuidado, me apoiando no criado mudo.

-O que vais fazer? -Perguntou Doyle.

-Vou limpar um pouco deste sangue, e depois irei à cama. -Olhei aos homens reunidos no quarto. -Quem quer me ajudar a encher a banheira?

O silêncio se fez muito denso de repente. Os homens se olharam entre si, como se não estivessem seguros do que fazer, ou o que dizer. Galen deu um passo para frente e me ofereceu a mão para me ajudar a me pôr de pé. Tomei sua mão, mas sacudi a cabeça.

-Não pode estar comigo esta noite, Galen. Tem que ser alguém que possa acabar o que começamos.

Baixou o olhar durante um ou dois segundos, e depois levantou a cabeça.

-OH. -Ajudou a me colocar de novo na cama e eu lhe deixei fazer; depois caminhou até a cadeira onde tinha deixado sua jaqueta de couro. -vou ver se posso conseguir um quarto ao lado deste, e depois irei dar uma volta. Quem me acompanha? Todos voltaram a intercambiar olhadas, mas ninguém parecia saber como controlar a situação.

-Como escolhe a rainha entre vocês? -Perguntei.

-Simplesmente pede ao guarda, ou aos guardas, que deseja ter para a noite -disse Doyle.

-Não tem nenhuma preferência? -Perguntou Frost, e percebi que se sentia ferido.

-Diz-o como se houvesse alguma possibilidade de equivocar-se. Não há nenhuma má escolha; todos são encantadores.

-Eu já tive meu alívio com o Meredith -disse Doyle, -de maneira que esta noite me retiro.

Isto captou a atenção de todo mundo, e Doyle teve que explicar muito brevemente a que se referia com aquele comentário. Frost e Rhys se olharam mutuamente e de repente, percebi uma tensão no ar que não tinha estado ali antes.

-O que foi? -Perguntei.

-Tem que escolher, Meredith -disse Frost.

-Por que? -Perguntei.

Foi Galen quem respondeu:

-Não o pode reduzir a só dois de nós sem perigo de um duelo.

-Não são só dois, são três – eu disse.

Todos me olharam e a seguir, lentamente ao trasgo, que ainda permanecia na cama. Ele se mostrou tão surpreso como os guardas. Observou-nos com os olhos muito abertos. Parecia quase assustado.

-Nunca tive a pretensão de competir com um sidhe.

-Kitto virá comigo ao banheiro independentemente de quem mais me acompanhe – eu disse.

Todos os olhares do quarto se centraram em mim.

-O que disse? -Perguntou Doyle.

-Já me ouviste. Quero que se sele a aliança com os trasgos, o qual significa que tenho que compartilhar carne com o Kitto, e isso é o que vou fazer.

Galen se dirigiu à porta.

-Voltarei mais tarde.

-Me espere -disse Rhys.

-Vai? -Perguntei.

-O mesmo tempo que quero a ti, Merry, odeio aos trasgos. -Rhys saiu com o Galen; fecharam a porta detrás deles e Doyle passou a chave.

-Significa isto que fica? -Perguntei.

-Vou vigiar a porta exterior -disse Doyle.

-E se queremos utilizar a cama? -Perguntou Frost.

Doyle se mostrou pensativo, depois se encolheu de ombros.

-Posso esperar fora do quarto se necessitarem a cama.

Houve um pouco mais de negociação. Frost queria que ficasse claro que ele não teria que tocar ao trasgo. Eu aceitei. Frost me levantou nos braços e me levou ao banheiro. Kitto já estava ali, enchendo a banheira. Levantou a cabeça quando entramos; havia tirado a camisa do Galen. Não nos disse nada, limitou-se a nos olhar com seus enormes olhos azuis, movendo uma mão debaixo do jato.

Frost observou atentamente o banheiro. Finalmente, sentou-me no lavabo. Estava de pé diante de mim, e de repente me senti incômoda. O beijo no carro tinha sido maravilhoso, mas tinha sido a primeira ocasião em que Frost e eu nos tocávamos mutuamente. Agora, de repente, supunha-se que tínhamos que fazer amor, e com público.

-É estranho, não é? – eu disse.

Assentiu, e este movimento bastou para que aquele fino véu de cabelo prateado se deslizasse brilhando sobre seu corpo. Seus dedos procuraram muito devagar, vacilantes, a jaqueta de meu vestido. Colocou suas mãos em meus ombros e lentamente, deixou escorregar a jaqueta por meus braços. Comecei a lhe ajudar com as mangas, mas me deteve:

-Não, deixe que eu faça.

Voltei a colocar as mãos junto ao corpo, e Frost tirou as mangas, primeiro uma, depois a outra. Deixou que a jaqueta caísse ao chão e deslizou as pontas de seus dedos pela pele nua de meus ombros. Me fez arrepiar.

-Solte o cabelo – eu disse.

Tirou o primeiro broche de osso, depois o segundo, e o cabelo caiu a seu redor como uma chuva de espuma. Peguei uma mecha. Parecia arame de prata, mas era suave como cetim, com uma textura como de linho de seda.

Colocou-se suficientemente perto para que suas pernas roçassem as minhas. Acariciou meus braços nus. Tocava-me com acanhamento, como se tivesse medo.

-Se te inclinar para frente, desabotoarei-te o vestido.

Fiz o que pedia, apoiei a cabeça contra seu peito. O tecido de sua camisa raspava um pouco, mas suas mãos desabotoavam o vestido lenta e delicadamente. As gemas de seus dedos se deslizaram no vestido aberto, desenhando círculos na suave pele de minhas costas. Tentei lhe tirar a camisa de dentro das calças, mas não se movia:

-Não te posso tirar a camisa.

-Está presa para que caia com graça -disse.

-Presa? -Perguntei.

-Teria que tirar as calças para tirar a camisa.

Ruborizou-se, sua pele mostrava um maravilho cor rosa avermelhado.

-O que foi, Frost?

O jato da banheira se fechou. Kitto disse:

-O banho está preparado, senhora.

-Obrigado, Kitto. -Olhei ao Frost. -Me responda, Frost. O que foi?

Baixou a cabeça, com todo seu brilhante cabelo atuando como uma cortina. Separou-se de mim para fixar o olhar na parede oposta, de maneira que nem sequer o trasgo podia lhe ver a cara.

-Frost, por favor não me obrigue a saltar do lavabo para te olhar. A única coisa que me falta é torcer outro tornozelo.

Frost falou sem voltar a cabeça.

-Não confio em mim mesmo contigo.

-Em que sentido? -Perguntei.

-No sentido de um homem com uma mulher.

Ainda não lhe compreendia.

-Não o entendo, Frost.

Voltou-se de repente para me olhar; suas pupilas eram da cor das nuvens de tormenta.

-Quero cair sobre ti como uma besta voraz. Não quero ser doce. Simplesmente quero.

-Está dizendo que não confia em ti em que não... -Procurava uma palavra melhor, mas não a encontrei: -Violará-me?

Assentiu.

Não pude conter a risada. Sabia que não gostaria, mas simplesmente não podia evitar.

Sua cara se endureceu, mostrou-se mais arrogante, distante, com os olhos frios mas ainda zangado.

-O que quer de mim, Meredith?

-Frost, me perdoe, mas não pode violar a quem se oferece.

Torceu o gesto.

-Quero ter relações sexuais contigo esta noite. Este é o plano. Como pode ser isto violação?

Negou com a cabeça e seu cabelo riscou um círculo de luz.

-Não o entende. Não confio em que possa me controlar.

-Em que sentido?

-Em nenhum sentido! -Afastou-se de novo.

Finalmente comecei a intuir o que tentava me dizer.

-Se preocupa não durar o suficiente para me dar agradar?

-Isso e...

-O que, Frost, o quê?

-Quer te foder -disse Kitto.

Nós dois olhamos ao trasgo, que permanecia de joelhos.

-Isso eu já sei -disse.

Kitto sacudiu a cabeça.

-Nada de sexo, só foder. Faz tanto tempo que não o faz, que simplesmente quer fazê-lo.

Frost estava fugindo do meu olhar.

-É isso o que quer?

Jogou a cabeça para atrás, escondendo-se detrás de todo aquele cabelo.

-Quero te rasgar as calcinhas, te pôr em cima do lavabo e te penetrar. Não me sinto delicado esta noite, Meredith. Sinto-me meio louco.

-Então o faz – eu disse.

Voltou-se e me olhou.

-O que disse?

-Faz-o como quer. Oitocentos anos lhe dão direito a uma pequena fantasia.

Torceu o gesto.

-Mas você não gostará.

-Deixa que eu seja quem me preocupe disto. Esquece que descendo de deusas da fertilidade. Tantas vezes como penetra em meu interior, posso-te fazer voltar a sentir a necessidade te tocando com a mão. É uma pequena utilidade de meu poder. Que comecemos a noite no banheiro não significa que tenhamos que acabá-la também aqui.

-Deixaria-me fazê-lo?

Olhei-o, ali plantado com seus largos ombros, seu peito robusto aparecendo entre aquele cabelo glorioso, a estreita cintura, o quadril rodeado por aquelas calças tão ajustadas. Pensei em como os tiraria, em vê-lo nu pela primeira vez, em que penetrasse em meu interior, com urgência, tão cheio de necessidade que não tocaria nada, não faria nada exceto empurrar em meu interior. Tive que suspirar antes de responder.

-Sim.

Cruzou o banheiro com grande rapidez, me elevando do lavabo e me colocando no chão. Apoiei-me no tornozelo mau, mas não me deu tempo para protestar. Tirou-me o vestido de meus braços em um movimento abrupto. Tive que me agarrar no lavabo para não cair. Jogou o vestido no chão, deixando-o ao redor de meus pés. Logo atirou com força de minhas calcinhas de cetim negro e as deixou também no chão.

Via o Kitto no espelho embaciado. Olhava a tudo com olhos ansiosos, em silêncio, como se não quisesse romper o feitiço.

Frost teve que desabotoar calças, e isso levava tempo. Um pequeno gemido escapou do fundo de sua garganta quando já os tinha baixado. Levava a camisa sujeita à altura da virilha. Rasgou o tecido. Seu membro era largo, e estava duro e mais que preparado. Vi-o por cima do ombro, e quando me dava conta, já tinha suas mãos em minha cintura, me virando para o espelho embaciado.

Houve um momento no que senti que se deslizava para mim e a seguir, senti-o em meu interior. Empurrava contra meu corpo, forçando-se a entrar em mim. Tinha-lhe dado permissão, desejava-o, mas, sem nenhuma estimulação prévia, a dor se mesclava com o prazer. Uma pressão abrasadora, quase

dilaceradora, fez-me gemer de dor e desejo. Quando estive dentro de mim, tanto como podia, murmurou:

-Está fechada ainda, mas está molhada.

Minha voz saía em um ofego.

-Já sei.

Retirou-se um pouco para voltar a entrar, e depois disso já não houve nada mais que seu corpo dentro do meu. Sua necessidade era grande e feroz e ele também o era. Meteu-se em meu interior com toda sua força e rapidez. O som da carne golpeando à carne acompanhava cada embate de seu corpo. Essa força em estado puro arrancava gemidos de minha garganta e me fazia vibrar quando se movia dentro de mim, sobre mim, através de mim. Meu corpo se abriu, e já não estava fechada, só úmida.

Utilizou as mãos para me obrigar a apoiar os peitos no lavabo, e depois me levantou, com o qual a maior parte de meu corpo ficou sobre o lavabo. Meus pés já não tocavam o chão. Meteu-se em mim, como se estivesse tratando de abrir-se caminho, não só em meu corpo, mas também até o outro lado. Estiquei-me muito lentamente e a respiração me acelerou. Carne contra carne, tão duro e tão depressa, com tanta força que dançava sobre essa magra linha entre o prazer e a dor. Continuei esperando que pusesse fim a sua necessidade com um impulso glorioso, mas não o fez. Duvidava e utilizou suas mãos grandes e fortes para mover meus quadris em cima do lavabo, um pequeno ajuste como se estivesse procurando o lugar adequado, depois chegou o embate para meu interior em um movimento comprido e poderoso, e me pus a chiar. Frost tinha encontrado o lugar adequado de meu corpo, e se deslizava por ele, uma e outra vez, tão poderosa e rapidamente como antes, mas agora me fazia ofegar. A tensão aumentou, um calor crescia em meu interior, inchava-se. Fez-se mais e maior, derramando-se por minha pele como se me caíssem em cima mil plumas para me fazer tremer, estremecer, para arrancar de minha boca gritos sem palavras, sem pensamentos, sem formas. Era a canção da carne, não de amor, nem tão sequer de desejo, a não ser um pouco mais primitivo, mais primário.

Olhei ao espelho e vi que minha pele brilhava e meus olhos cintilavam com um fogo verde e dourado. Vi o Frost no espelho, esculpido em marfim e alabastro; a luz branca brincava em sua pele como se o poder brotasse desde seu interior. Surpreendeu-me lhe olhando no espelho, e aqueles olhos cinzas, brilhantes como nuvens iluminadas pelo claro de lua, encheram-se de preocupação. Tampouco me a cara para que não pudesse lhe olhar. Deixou sua mão ali, me agüentando, com sua outra em minhas costas e seu corpo apertando o meu. Não podia me mover, não podia me afastar, não podia lhe deter. Não queria, mas o entendi. Era importante para ele não ceder o controle, dizer quando e como, e inclusive o fato de que eu o olhasse era uma intrusão. Este era seu momento, e eu era só a carne a que ele se entregava. Necessitava que eu não fosse nada nem ninguém, exceto a ferramenta para encher sua necessidade.

Ouvi que sua respiração se acelerava, que seus embates se apressavam, faziam-se mais vigorosos, mais rápidos, até que me pus a gritar, e mesmo assim não parou. Senti que trocava o ritmo de seu corpo, um estremecimento lhe percorreu, e eu já não pude mais. Aquele calor inchado se derramou em meu interior, através de mim, pressionando profundamente dentro de meu corpo, fazendo que se contraísse, que se sacudisse, incapaz de controlá-lo, só

suas mãos me mantinham quieta, inteira. Mas meu corpo não podia se mover, o prazer tinha que manifestar-se de algum jeito; saía de minha boca em forma de gritos, gritos profundos, incontrolados, mais e mais, tão rápido como podia respirar.

Frost gritou mais alto que eu, lançou seus gritos em detrás dos meus. Apoiou-se no lavabo, com uma mão a cada lado de meu corpo e a cabeça baixa. Seu cabelo se derramava sobre minha pele como seda quente. Eu não me movia, ainda aprisionada debaixo dele, tentando aprender de novo a respirar.

Pôde falar, embora fosse um murmúrio confuso.

-Obrigado.

Se tivesse tido suficiente ar, teria rido, mas tinha a garganta tão seca que minha voz soava rígida.

-Acredite, Frost, foi um prazer.

Inclinou-se e me beijou na bochecha.

-Tratarei de fazê-lo melhor a próxima vez.

Apartou suas mãos de mim para permitir que me movesse, mas ficou em meu interior, como se lhe custasse me deixar livre.

Olhei-o, pensando que estava brincando, mas sua cara estava extremamente séria.

-Pode fazê-lo melhor? -Perguntei.

Assentiu solenemente.

-OH, sim.

-A rainha estava louca - disse em voz baixa.

Então sorriu.

-Sempre pensei isso.

Despertei com uma mecha de cabelo prateado no nariz. Movi a cabeça, e o cabelo me percorreu o rosto como uma teia de aranha brilhante. Frost estava convexo de barriga para baixo, com o rosto voltado para outro lado. Os lençóis estavam enredados por sua cintura, deixando seu torso ao descoberto. Seu cabelo descansava a um lado, como um segundo corpo convexo entre nós, e em parte sobre mim.

Claro que havia um segundo corpo na cama, ou possivelmente deveria dizer um terceiro corpo. Kitto dormia a meu outro lado. Estava curvado, me dando as costas, murmurando como se se escondesse de algo em sonhos. Ou possivelmente era simplesmente que tinha frio, porque estava nu. Sua pele era pálida, como uma bonequinha de porcelana a China. Nunca tinha estado tão perto de um homem que me evocasse semelhantes analogias. O ombro me doía onde tinha gravado sua marca: o molde perfeito de sua dentadura. Tinha-me deixado uma marca em torno da ferida, quase quente ao tato. Não era veneno, só uma dentada verdadeiramente profunda. Ficaria uma cicatriz, e disso se tratava.

Em algum momento durante o terceiro ou quarto encontro com o Frost convidei ao Kitto a nossa cama. Tinha esperado até que o corpo do Frost me levou a um ponto no que se fundiam dor e prazer, e tinha deixado ao Kitto escolher sua parte de carne. Não me fez mal quando me mordeu, o qual indica o longe que tinha chegado essa noite. Quando finalmente dormimos, começava-me a doer e ao despertar essa manhã, doía-me mais. Não era o único que me doía. Todo meu corpo se queixava, me dando a entender que tinha abusado dele durante a noite, ou melhor dizendo que tinha deixado ao Frost abusar dele.

Deleitava-me com as pequenas dores, estirava-me para explorar o que era exatamente o que me fazia mal. Sentia-me como depois de uma sessão de treinamento com pesos e corridas, com a diferença de que a dor muscular se localizava em outros lugares. Não conseguia recordar a última vez que tinha me levantado com a sensação de que o sexo tinha deixado em meu corpo uma queimadura de seda. Fazia muito tempo.

Kitto se sentia honrado de que lhe tivesse permitido me marcar para que todo mundo soubesse que eu era sua amante. Não sei se se deu conta de que nunca ia ter relações sexuais comigo, mas não me tinha perguntado isso. Em realidade, tinha estado extremamente dócil, fazendo só aquilo ao que lhe convidava, ou lhe pedia, mas sem se meter em nenhum momento. Era o público ideal, porque não dizia nada até que lhe chamava, e logo seguia as instruções melhor que nenhum homem com o que tivesse estado.

Ao me incorporar senti o roce do cabelo do Frost como algo vivo. Acariciei meu próprio cabelo, deploravelmente curto. Uma vez identificada como a princesa Meredith, já nada me impedia de deixar crescê-lo outra vez. Meus pulsos doíam quando tocava o cabelo, e não tinha nada que ver com o sexo. As ataduras não tinham sobrevivido ao banho da última noite, e não tinha colocado outras. Entretanto, as marcas dos espinhos se secaram, quase curadas, como se tivessem uma semana ou mais, em lugar de horas. Passei os dedos pelas feridas. Nunca tinha me restabelecido tão rapidamente com antecedência. E isso que Kitto tinha me mordido depois da quarta vez, de outro

modo teria me curado mais rápido. Caso, claro está, que o sexo era o que me curava, o porquê ainda não sabíamos com certeza.

Só conservava para mim uma esquina do lençol: Frost era um monopolizador de mantas. Fazia frio quarto. Puxei as mantas, mas o único que consegui foi lhe arrancar um protesto. Então contemplei suas largas costas nua e me ocorreu uma idéia para puxar o lençol.

Baixei a língua por suas costas, e deixou escapar um suspiro. Apoiei-me nele, desenhando uma linha úmida ao longo de sua coluna vertebral.

Frost levantou a cabeça do travesseiro, devagar, como um homem que acordava de um sonho profundo e escuro. Seu olhar estava ligeiramente desfocado, mas quando me olhou seus lábios se curvaram lentamente em um sorriso agradado.

-Não tiveste suficiente?

Tombei-me nua sobre suas costas, embora as mantas nos impedissem de nos tocar por debaixo da cintura.

-Nunca tenho suficiente – eu disse.

Riu, com uma risada grave e alegre. Rodou para um lado e se apoiou em um cotovelo para me olhar. Também tinha solto as mantas. Cobri com elas ao Kitto, que ainda parecia estar profundamente dormindo.

O braço do Frost rodeava minha cintura e me empurrava de novo para a cama. Eu me recostei nos travesseiros, e ele se inclinou para me dar um delicado beijo nos lábios. Minhas mãos se deslocaram por seu ombro, suas costas, apertando-o contra mim.

Deslizou o joelho entre minhas pernas, e já tinha iniciado um movimento de quadris para colocar-se em cima de mim, quando ficou paralisado, e sua expressão trocou por completo. Ficou alerta.

-O que foi, Frost?

-Tranqüila.

Estava tranqüila. Era meu guarda-costas. Tratava-se da gente do Cel? Esse era o último dia que tinham para me matar sem que isso lhe custasse a vida ao príncipe. Frost rodou ao chão para agarrar a espada, Beijo de Inverno, e cruzou o quarto até as janelas em um movimento ágil, como um relâmpago prateado.

Agarrei a pistola de debaixo dos travesseiros. Kitto estava acordado, olhando a seu redor com os olhos exagerados.

Frost apartou as cortinas da janela, e sua espada avançava para o vidro, quando ficou paralisado no meio do movimento. Do outro lado da janela havia um homem com uma câmara. Vi-o por um instante enquanto levantava a cara, assustado. Em seguida, o punho do Frost atravessou a janela e agarrou ao jornalista pelo pescoço.

-Frost, não, não lhe mate!

Corri nua pelo quarto, ainda empunhando a pistola. A porta se abriu de repente detrás de nós, e me virei, apontando com a pistola, já engatilhada. Doyle estava no corredor, brandindo uma espada. Houve um momento de contato visual no que ele viu a arma em minha mão. Baixei a pistola, e ele entrou no quarto e fechou a porta de uma patada. Não embainhou a espada, mas a atirou à cama enquanto se dirigia para o Frost.

A cara do jornalista tinha adquirido aquela tonalidade arroxeada que indicava que não podia respirar. O rosto do Frost era irreconhecível, esmigalhado pela raiva.

-Frost, o vais matar.

Doyle se colocou a seu lado.

-Frost, se matas a este jornalista, a rainha te castigará por isso.

Frost não parecia escutar a ninguém, como se estivesse em algum lugar remoto e tudo o que ficasse ali dele fora sua mão na garganta daquele homem.

Doyle pegou ao Frost um chute nos rins que o fez cair adiante. O vidro se rompeu ainda mais, mas Frost soltou por fim ao jornalista. Quando se voltou, jorrava sangue de sua mão e seu olhar era a de um animal enfurecido.

Doyle tinha adotado uma posição de briga, sem nenhum arma em suas mãos. Frost atirou sua espada ao chão e adotou uma postura idêntica. Kitto, curvado na cama, observava a cena com os olhos como pratos.

Corri para as cortinas, com a intenção de as fechar, e vi uma nuvem de jornalistas correndo para nós como uma matilha. Alguns tomavam fotos enquanto corriam, outros gritavam:

-Princesa, princesa Meredith!

Corri as cortinas, assim não havia lugar pelo que pudessem olhar, mas isso não duraria muito. Tínhamos que entrar no quarto contínuo, onde tinham dormido Galen e os outros. Ajustei a da pistola à cabeceira, a um lado dos dois guardas. Kitto me olhou e se atirou ao chão pelo outro lado.

Disparei uma só vez, e o disparo ecoou no quarto. Os dois homens se voltaram e me observaram com olhos exagerados. Apontei a arma para o teto.

-Há quase cem repórteres a ponto de caírem sobre nós. Temos que ir para outro quarto. Agora!

Ninguém discutiu comigo. Frost, Kitto e eu agarramos lençóis e roupas e passamos à outro quarto antes de que os jornalistas comessem a penetrar pela janela quebrada. Doyle se situou na retaguarda com as armas. Ele, Galen e Rhys foram procurar as malas. Chamei à polícia e denunciei os jornalistas por entrarem ilegalmente em nosso quarto.

Nós três que estávamos nus nos vestimos por turnos no banheiro, não por pudor, mas sim porque ali não havia janelas. Quando saí do banheiro carregada de toalhas, Doyle e Frost estavam sentados nas duas únicas cadeiras do quarto. Não havia ninguém mais. Os dois tinham sua cara típica de guarda, ilegível, inescrutável. Mas havia algo estranho em seu comportamento.

-O que aconteceu? -Perguntei.

Caminhava com normalidade: tinha esquecido que tinha torcido o tornozelo até que Galen me fez notar isso. Nenhum dos dois chefes do Guarda falava, e isto me punha nervosa.

Os homens se olharam um ao outro. Doyle ficou de pé. Estava com uns jeans negros. Estes cobriam umas botas curtas da mesma cor, que bem podiam passar por sapatos para alguém que não soubesse o que estava olhando. A camisa, de seda negra e com largas mangas, destacava por seu brilho na pele escura do capitão do Guarda. A pistola de ombro era deste modo negra e também a arma, uma Beretta de dez milímetros, do modelo antigo.

Dava a impressão de que levava o cabelo muito curto, porque ocultava sua cabeleira no acréscimo habitual, que lhe caía pelas costas e se perdia sob seu jeans negros. Em suas orelhas bicudas brilhavam uns brincos de prata. Estes e um pequeno cinto, também prateado, eram o único que distraía da total monocromia de seu aspecto. Tinha completado seu traje ficando em uma orelha uma cadeia de prata, ao extremo da qual pendia um pequeno rubi.

-Temos um problema -disse.

-Refere-se a um jornalista fotografando ao Frost e a mim juntos na cama. Sim, diria que temos um problema.

-Não se trata só de um jornalista -disse Frost.

-Vi-os, como um montão de tubarões que cheiravam sangue. -Comecei a colocar um montão de toalhas na mala aberta que esperava na cama. -Fui objetivo da imprensa, mas nunca assim.

Frost cruzou as pernas. Levava calças cinzas e mocassins da mesma cor, mas sem meias três-quartos. Frost nunca usaria calças o bastante curtas para deixar à vista as meias três-quartos, era um pouco passado de moda. Em um bolso da jaqueta, confeccionada a medida e a jogo com as calças, luzia um pequeno lenço celeste. Uma camisa branca com gravata cinza pérola e prendedor prateado completava seu traje. Recolheu-se o cabelo em uma rabo-de-cavalo, de maneira que ressaltavam os rasgos marcados de seu rosto. Sem a distração do cabelo chamava poderosamente a atenção a deslumbrante beleza de seu rosto. Tinha um aspecto tranqüilo, perfeito, completamente distinto do homem que quase tinha me moído a noite anterior no banheiro. Mas sabia que o outro Frost permanecia escondido ali debaixo, esperando a permissão para sair.

Coloquei os últimos artigos de penteadeira na mala e comecei a fechar o zíper. Olhei aos dois homens.

-Meninos, têm uma cara que parece que tem acontecido algo mau de verdade. Algo sobre o que ainda não sei nada. Onde estão outros?

Frost respondeu:

-Estão vigiando a porta e a janela. Tentam afastar aos jornalistas, mas é uma batalha perdida, Meredith.

Doyle colocou as mãos na cômoda, com a cabeça baixa. O grosso rabo-de-cavalo se enredava entre suas pernas como um estranho animal doméstico.

-Estão me assustando. O que aconteceu?

Frost tocou o periódico que estava sobre a mesinha. Um simples gesto, mas...

-É o St. Louis Post-Dispatch? - Perguntei.

Doyle dirigiu um olhar ao Frost, e este levantou as mãos em sinal de rendição.

-Ela tem que saber.

-Sim -sentenciou Doyle.

-Falei com o Barry Jenkins ontem – disse. -Advertiu-me que publicaria que Merry Gentry era a princesa do país dos elfos. Suponho que a ameaça era séria.

Doyle se voltou e se recostou na cômoda, com os braços cruzados, de maneira que sua mão direita acariciava a pistola. Era um de seus gestos de nervosismo característicos. Quando se colocava detrás da rainha acariciando a arma se interpretava como uma ameaça, mas não era a não ser outro gesto de nervosismo.

Aproximei-me da mesinha.

-O que está ocorrendo? Jenkins é um porco, mas nunca mentiria, nem tão sequer no Post.

-Lê, e depois me diga que não há nada pelo que preocupar-se -disse Doyle.

A foto do Galen e eu no aeroporto quase enchia a capa. Mas foi o título o que me preocupou.

«A princesa Meredith volta para casa para encontrar um marido». Em letras menores, debaixo da foto: «É este o eleito?».

Voltei-me para o Doyle e Frost.

-Jenkins estará fazendo conjecturas. Galen e eu sabíamos que havia fotografos no aeroporto. -Olhei aos dois, e a preocupação seguia refletida em seus rostos. -O que acontece com vocês dois? Todos aparecemos nos periódicos anteriormente.

-Não assim -disse Frost.

-A coisa fica melhor, ou pior -disse Doyle. -Lê o artigo.

Comecei a ler por cima o artigo, mas fiquei no primeiro parágrafo.

-Griffin concedeu uma entrevista ao Jenkins – eu disse quase sem fôlego, e de repente tive que me sentar em um extremo da cama. -Que a Deusa nos guarde.

-Sim -confirmou Doyle.

-A rainha já se pôs em contato conosco. Castigará-o por ter traído sua confiança. Convocou uma conferência de imprensa para esta noite.

-Por favor, Meredith, lê o artigo -insistiu-me Doyle.

Li o artigo. Li-o duas vezes. Não me preocupava que Griffin tivesse dado detalhes pessoais, mas sim que os tivesse dado sem meu consentimento. Tinha compartilhado minha vida privada com todo mundo. Os sidhe têm regras estranhas a respeito da intimidade. Não valoramos os segredos íntimos igual aos humanos, mas nós não gostamos que se espiei nossa vida privada. Espiar está acostumado a comportar a pena de morte. E ao Griffin podia lhe custar a vida. A rainha consideraria muito pouco elegante mexericar com um repórter.

Finalmente, sentei-me na cama, olhando ao periódico, mas sem vê-lo realmente. Observei aos dois homens.

-Dá detalhes de nossa relação, indiretas, roupa suja. Sorte que ao menos é um periódico sério e não um sensacionalista.

Olharam-se o um ao outro.

-OH, não, por favor, por favor, me digam que estão brincando.

Frost me ofereceu uma revista.

Deixei cair ao chão o periódico e agarrei a revista colorida. A capa estava ocupada por uma foto do Griffin e eu juntos na cama. Só suas mãos impediam que meus peitos se vissem por completo. Estava rindo. Nós dois ríamos. Lembrei-me das fotos. Lembrei-me de seu desejo de fotografar tudo. Eu ainda conservava algumas dessas fotos, mas não todas. Não todas.

Quando por fim falei, minha voz soou acalmada, embora longínqua.

-Como? Como puderam publicar o artigo com tanta rapidez? Pensava que as revistas não saíam tão logo.

-Parece que se pode fazer -disse Doyle.

Olhei a foto. O título era: «Os segredos sexuais da princesa Meredith e de seu amante sidhe, revelados».

-Por favor, me diga que esta é a única foto.

-Sinto muito -disse Doyle.

Frost começou a me dar um tapinha na mão, mas em seguida se arrependeu do gesto.

-Não há palavras para expressar o que sinto porque te tenha feito isto.

Olhei aos olhos cinzas do Frost. Vi compaixão, mas não havia raiva neles. E isso era o que desejava ver.

-A rainha sabe?

-Sim -disse Doyle.

Agarrei a revista e tratei de abri-la para ver o resto das fotos, mas não pude fazê-lo. Não tinha a força suficiente para olhar.

Devolvi- a revista ao Frost.

-É muito mau?

Olhou ao Doyle, e depois novamente a mim. A máscara arrogante e distante se desvaneceu um pouco, e o Frost com o que me tinha levantado apareceu em seus olhos.

-Não publicaram nenhum nu frontal. Além disso, sim, é mau.

Escondi minha cara entre as mãos, com os cotovelos nos joelhos.

-OH, Meu deus, se Griffin as vendeu ao Jenkins, aos periódicos, então pode as haver vendido em muitos outros lugares. -Levantei-me como um mergulhador que sai à superfície desde águas profundas. De repente, faltava-me o ar. -Há revistas na Europa que publicariam todas as fotos. Não me importam os nus, mas eram fotos privadas, só para o Griffin e para mim. Se tivesse querido publicar fotos, haveria dito que sim ao Playboy faz anos. Como pode ter feito Griffin algo assim? -Tive um pensamento terrível. Olhei ao Frost. - Por favor me diga que recuperou a câmara e o carretel do jornalista que tentou estrangular esta manhã.

Olhou aos olhos, embora se notava que não o desejava.

-Sinto muito, Meredith, a câmara deveria ter sido minha prioridade, mas me deixei levar pela ira. Faria o que fosse para solucionar isto.

-Frost, publicarão as fotos, entende? Fotos de ti e de mim e merda, do Kitto na cama, juntos. Publicarão-as na imprensa sensacionalista, e aquelas nas que estou nua irão a Europa. -Tinha vontade de xingar, de gritar, mas não me ocorria nada o bastante forte para me fazer sentir melhor.

-Griffin deveria saber o que a rainha lhe faria por isso -disse Doyle. -Terá sorte se não lhe matar.

Assenti, tentando me concentrar em respirar mais devagar, tratando de manter a calma, mas era impossível.

-Fará tanto dano como poss antes de que o apanhem. -Realizei três inspirações rápidas. -Suponho que fugiu.

-O encontraremos -disse Frost. -O mundo não é tão grande.

Isto me fez rir, mas a risada se converteu em lágrimas. Escorreguei da cadeira e me caí ao chão entre as partes dispersadas do *PostDispatch*. Fiz-me mal ao cair desse modo. Além disso, ainda me sentia machucada da noite de sexo. Entretanto, a dor me ajudou a recordar coisas que não eram tão más: ainda podia me deitar com os homens da corte. Ainda era bem recebida no país dos elfos. A rainha tinha dado sua palavra de que me protegeria. Poderia ser pior. Ou no mínimo tentava me convencer disso a mim mesma.

Conseguí controlar a respiração, mas não a raiva.

-Ontem à noite não queria lhe fazer mal, mas agora...

Tirei a revista do Frost e me obriguei a olhar em seu interior. Não era a nudez parcial o que me doía, a não ser a felicidade de nossas caras, de nossos corpos. Estávamos apaixonados e se notava. Mas se Griffin era capaz de me fazer isso, então não me tinha querido nunca. Desejava-me, queria me possuir, possivelmente, mas o amor... O amor não faz estas coisas.

Lancei as páginas ao ar e contemplei como aterrissavam novamente no chão.

-Quero que morra por isso. Não o diga à rainha. Dentro de uns dias pode se mudar de opinião, e não quero que faça nada radical. -Minha voz soava fria por causa da raiva que sentia, o tipo de raiva que se instala em seu coração e nunca a abandona. A raiva quente te ferve no sangue e não é tão distinto da paixão, mas a raiva fria é irmã do ódio. Eu odiava ao Griffin pelo que tinha feito, mas não o suficiente. -Não quero que a rainha me envie a cabeça ou o coração do Griffin em uma caixa.

-Pode ser que esteja planejando lhe matar de todas formas -disse Doyle.

-Sim, mas se o faz, será responsabilidade dela, não minha. Não pedirei sua morte. Se a rainha decide matá-lo é coisa dela.

Frost se ajoelhou a meu lado, me olhando com aqueles olhos da cor das nuvens de tormenta. Tomou minhas mãos entre as suas. Sua pele estava quente, o qual significava que eu estava fria. Estava mais alterada do que pensava, quase em estado de choque.

-Estou segura de que nossa rainha já decidiu sua sorte -sentenciou Frost.

-Não – eu disse. Levantei-me e me separei do Frost, de suas mãos, de seu olhar. Abracei-me, porque sabia que podia confiar em meus próprios braços e estava começando a duvidar de todos os outros. -Não, se o encontrar agora mesmo, matará-o. Mas quanto mais tempo permaneça fugido, mais criativa se mostrará a rainha.

Frost continuava ajoelhado no chão, me olhando.

-Eu em seu lugar acredito que preferiria ser capturado logo, enquanto ainda fosse possível uma morte rápida.

-Escapará – eu disse. -Escapará tão longe e tão depressa como possa. Atrasará o momento com a esperança de que o salve algum milagre.

-Conhece-lhe bem? -Perguntou Frost.

Olhei-o no rosto e comecei a rir. A risada tinha um tom selvagem.

-Isso acreditava, embora possivelmente não o tenha conhecido nunca. Possivelmente tudo tenha sido uma grande mentira.

Olhei ao Frost. Estava contente de não lhe querer, contente de não ver nele nada mais que carne apetecível. Nesse momento, confiava mais no desejo que no amor.

Doyle se levantou e me pegou delicadamente pelos antebraços.

-Não deixe que Griffin te faça duvidar de ti, Meredith. Não lhe deixe que te faça duvidar de nós.

Olhei-o aos olhos.

-Como soubeste que era exatamente isso no que estava pensando?

-Porque é exatamente o que pensaria eu em seu lugar.

-Não, não é, você estaria planejando como lhe matar.

Doyle me abraçou, apoiando sua bochecha em meu cabelo. Estava tensa, mas não me afastei.

-Sei que desejas sua morte e assim será. Escolhe uma parte de seu corpo e lhe entregarei isso.

-Entregaremos-lhe isso -disse Frost, ficando de pé.

Relaxe-me o suficiente para passar um braço em torno da cintura do Doyle e apoiei o rosto em sua camisa de seda. Podia ouvir o batimento de seu coração, firme e um pouco acelerado.

Alguém golpeou a porta. Doyle fez um sinal ao Frost e este foi responder. Doyle tirou a pistola, depois colocou a um lado, de maneira que seu corpo me ocultava parcialmente a visão.

-Sou eu, Galen, abram.

Frost observou pelo olho mágico, com uma quarenta e quatro niquelada na mão.

-É ele e Rhys.

Doyle assentiu, baixando a pistola, mas sem soltá-la. O nível de tensão era alto, muito alto. Acredito que todos estávamos esperando outro ataque do Cel e companhia. Eu sem dúvida esperava, e estava paranóica por necessidade. Os guardas eram paranóicos de profissão.

Kitto entrou detrás dos dois guardas. Ia vestido com jeans, uma pólo amarela clara com um crocodilo no peito e sapatos brancos sport. Tudo parecia novo, recém comprado.

Galen se fixou nos periódicos e logo me olhou.

-Sinto muito, Merry.

Doyle deixou que me separasse de detrás dele, para poder me reunir com o Galen. Enterrei minha cara em seu peito, coloquei os braços em sua cintura e o abracei. Sentia-me segura com o Doyle, apaixonada pelo Frost, mas eram os braços do Galen os que me reconfortavam.

Queria ficar com ele, fechar os olhos e simplesmente ficar presa a ele. Mas se tinha convocado uma conferência de imprensa e a rainha nos tinha chamado a corte para que todos pudéssemos discutir a versão da verdade que íamos comunicar aos meios comunicação. Tinha assistido a conferências de imprensa desde que era menina e nunca tinha estado em nenhuma em que se contasse a verdade, toda a verdade. Não havia maneira de limpar o que Griffin tinha sujado. Podia ser castigado, mas os artigos e as fotos já estavam na rua, e nada mudaria isso. Ainda não tinha nem idéia de que versão poderia explicar as fotos do Frost, Kitto e eu nus na cama. Isso sim, havia alguém capaz de inventar uma mentira que o explicará, essa era sem dúvida minha tia. Andais, Rainha do Ar e da Escuridão, podia lhe dar a volta a qualquer escândalo. Ofuscados por seus encantos, os jornalistas tendiam a escrever o que ela lhes pedia que escrevessem, embora limpar este escândalo em particular ia pôr a prova seu talento. Sempre tinha sonhado vendo fracassar a minha tia, mas nesse momento desejava com todas minhas forças que obtivesse um êxito brilhante. Era um atitude hipócrita? Possivelmente sim, ou possivelmente simplesmente prática.

A meia-noite já tinham partido todos os jornalistas, bem carregados de vinho antigo, entradas caras e todas as mentiras de minha tia. Mas Andais o tinha preparado com estilo. Vestiu-se com um traje jaqueta negro sem blusa, marcando a linha de seu decote. Estava iludida pelo fato de que eu estivesse de novo em casa, contente de que por fim tivesse decidido sentar a cabeça com alguns sidhe afortunados. Também se sentia entristecida pela traição do Griffin. Um repórter lhe tinha perguntado sobre o pretendido afrodisíaco feérico que tinha estado a ponto de causar uma revolta em uma confisco da polícia de Los Angeles. Andais assegurou não ter conhecimento dele, e não estava disposta a que ninguém mais respondesse às perguntas. Não estou segura de que confiasse no que eu pudesse dizer. Os homens formavam parte da decoração e nunca chegaram a falar.

Cel se sentou a sua direita, e eu sentei a sua esquerda. Sorrimo-nos mutuamente. Os três posamos para as fotos. Ele com seu traje monocromático de desenho, negro sobre negro; eu com um vestido também negro e uma chaquetilla com centenas de contas de azeviche, Andais com seu traje jaqueta. Parecia que fôssemos a um funeral muito elegante. Se alguma vez conseguisse ser rainha, daria a corte outras tonalidades. O que fosse, exceto negro.

A corte estava muito tranqüila essa noite. Cel tinha sido conduzido a outro lugar para ser preparado para o castigo. A rainha tinha recolhido o Doyle e o Frost em suas habitações para que lhe apresentassem seus informe. Galen coxeava ao concluir a conferência de imprensa, de maneira que Fflur o tinha levado para lhe pôr uma pomada que acelerasse sua cura. Ficaram Rhys, Kitto e Pasco, para me proteger. Pasco tinha chegado ao hotel a noite anterior, mas tinha dormido no segundo quarto. Seu comprido cabelo de cor rosa lhe caía até os joelhos em uma cortina pálida. Sem dúvida, o negro não lhe favorecia. Dava a sua pele uma tonalidade púrpura e seu cabelo se via virtualmente marrom. Com as cores adequadas, Pasco cintilava, mas não essa noite. O negro ficava melhor no Rhys, mas o que mais me sobressaía era a camisa azul, da cor de seus olhos, que a rainha lhe permitia usar.

Rhys e Pasco caminhavam detrás de mim como bons guarda-costas. Kitto permanecia a meu lado como um cão fiel. Não lhe tinha permitido colocar-se ante as câmaras durante a conferência de imprensa. O prejuízo sobre os trasgos é notável nas cortes. Kitto era o único a quem lhe tinha permitido conservar os jeans e a camiseta. Essa noite ficaríamos na corte porque era a única zona sem imprensa em cem quilômetros. Ninguém romperia as janelas da rainha nem tomaria fotos naquele promontório dos elfos.

Tentava encontrar minhas antigas habitações, mas havia uma porta no meio do corredor, uma grande porta de madeira e bronze. Detrás da porta se encontrava o Abismo do Desespero. A última vez que tinha visto essa sala tinha sido perto do Salão da Mortalidade; quer dizer, a câmara de torturas. Dizia-se que o Abismo não tinha fundo, o qual era impossível se tivesse sido puramente físico, mas não era puramente físico. Um de nossos piores castigos era ser arrojado ao Abismo e cair por ele eternamente, sem envelhecer nunca, sem morrer nunca, apanhado em uma queda livre por toda a eternidade.

Detive-me no meio do corredor, deixando que Pasco e Rhys me alcançassem. Kitto se colocou a um lado, em um movimento instintivo para

situar-se longe do alcance do Rhys. Rhys não lhe tinha posto a mão em cima, limitou-se a olhá-lo, mas visse o que visse Kitto naquele único olho azul sobre azul, a verdade é que lhe assustava.

-O que ocorre? -Perguntou Rhys.

-O que faz isto aqui?

Rhys examinou a porta, franzindo o sobrecenho.

-É a porta do Abismo.

-Exato. Deveria estar três lances de escada mais abaixo, no mínimo. O que faz no piso principal?

-Diz isso como se o sithen funcionasse com lógica -interveio Pasco. -O sithen decidiu colocar o Abismo no piso superior. Outras vezes faz reestruturações mais importantes.

Olhei ao Rhys e este assentiu.

-Sim, às vezes.

-O que quer dizer com às vezes? -Perguntei.

-Cada milênio, mais ou menos - esclareceu Rhys.

-Eu gosto de tratar com gente cuja noção de às vezes é a cada mil anos – eu disse.

Pasco pôs a mão sobre o trinco de bronze da porta.

-Me permita, princesa.

A porta se abriu lentamente, demonstrando sem lugar a dúvidas que se tratava de uma porta muito pesada. Pasco era como a maioria dos da corte, no sentido de que teria podido levantar uma casa se tivesse encontrado o ponto de apoio adequado. Entretanto, abria essa porta como se pesasse muito.

A sala era completamente cinza, parecia que as luzes que havia no resto do sithen não funcionassem bem ali. Entrei na escuridão com o Kitto perto, mantendo-se afastado do Rhys, como um cão temeroso de que lhe soltassem uma patada. A estadia era tal como a recordava. Um enorme quarto de pedra com um buraco redondo no centro do chão e uma pequena grade ao redor dele, uma grade feita de ossos e arame de prata, e magia. A grade brilhava com seu próprio encanto. Alguns diziam que estava enfeitiçada para evitar que o Abismo se transbordasse pelo chão e tragasse o mundo. A grade estava enfeitiçada para impedir que as pessoas saltasse sobre ela, para que ninguém se suicidasse ou caísse acidentalmente. Só havia uma maneira de saltar a grade, e era que lhe atirassem.

Observei com atenção a grande coleção de ossos brilhantes, e Kitto se agarrou a minha mão como um menino temeroso de cruzar a rua sozinho. Havia outra porta no outro extremo da sala, e nos encaminhamos a ela. Ouvia-se o eco de meus saltos na enorme estadia. A porta de detrás se fechou tão estrepitosamente que não pude por menos que saltar. Kitto me agarrou a mão para me obrigar a avançar mais depressa para a saída. Não necessitava nenhum tipo de incentivo para me dar pressa, mas não pensava correr com aqueles saltos. Tinha-me curado de uma torção de tornozelo, e com uma bastava.

Vi algo com a extremidade do olho ao lado do Abismo que se abria diante de nós, um rastro de movimento. Ao mesmo tempo percebi um pequeno som detrás de mim. Voltei-me para o lugar de onde tinha chegado o ruído.

Rhys estava ajoelhado, com as mãos caídas nos lados e uma expressão de perplexidade. Pasco estava de pé a seu lado, com uma faca manchada de sangue na mão. Rhys caía muito devagar para frente, aterrissando

pesadamente, com as mãos ainda nos lados e abrindo e fechando a boca como um peixe fora da água.

Corri para ali, com o Kitto a meu lado, mas sabia que era muito tarde. Do outro lado da habitação pareceu abrir uma cortina invisível para mostrar a Rozenwyn e a Siobhan. As duas mulheres se dividiram a habitação: alguém avançou para a esquerda e a outra para a direita, com objetivo de me rodear. Siobhan totalmente pálida e fantasmagórica, e Rozenwyn totalmente de rosa e lavanda. Uma alta, outra baixa, tão distintas, e entretanto se moviam como duas peças de um todo.

Pus as costas contra a parede, e Kitto se agachou detrás de mim, como se tentasse fazer-se menor e mais invisível.

-Rhys não está morto. Nem sequer uma ferida no coração o mataria – eu disse.

-Mas sim uma viagem ao Abismo -disse Pasco.

-Suponho que esse é também meu destino – eu disse, e minha voz soou muito acalmada. A cabeça ia a toda velocidade, mas conservava a calma na voz.

-Primeiro lhe mataremos -disse Siobhan- e depois lhe atiraremos.

-Obrigado, que delicado por sua parte pensar em me matar antes.

-Poderíamos deixar morrer de sede enquanto cai -disse Rozenwyn-. Como queira.

-Há uma terceira possibilidade? -Perguntei.

-Desgraçadamente, acredito que não -disse Siobhan, e o assobio de sua voz fazia eco na habitação, como se pertencesse a esse lugar.

Ambas estavam rodeando a grade e se aproximavam de mim. Pasco permanecia junto ao corpo ofegante do Rhys. Eu levava as duas navalhas, mas elas tinham espadas. Estava pior armada e a ponto de ficar rodeada.

-Têm tanto medo que vêm três para me matar? Rozenwyn quase me matou. Ainda levo a marca de sua mão nas costelas.

Rozenwyn sacudiu a cabeça.

-Não, Meredith, não nos convencerá para que nos batamos em duelo. Deram-nos ordens estritas de te matar, sem jogos, independentemente de quão divertidos pudessem resultar.

Kitto tinha se atirado ao chão, agachado junto a minha perna.

-O que fará ao Kitto?

-O trasgo acompanhará ao Rhys ao Abismo -disse Siobhan.

Tirei uma das navalhas e ficaram a rir. Então convoquei o poder à outra mão, convoquei deliberadamente a mão de carne pela primeira vez. Esperava que doesse, mas não doeu. O poder se movia por meu interior como água pesada: delicado, vivo, me fazendo cócegas na pele, na mão.

As duas mulheres sabiam que tinha convocado um pouco de magia, porque se olharam mutuamente. Houve um momento de vacilação, e depois se voltaram a pôr em marcha. Estavam a uns três metros quando Kitto se lançou sobre o Siobhan como um leopardo. Ela o atravessou com sua espada. A folha saiu pelo outro lado, mas não afetou nenhuma parte vital, e o trasgo se montou sobre ela para arranhá-la e mordê-la, lutando como um pequeno animal.

Rozenwyn se equilibrou sobre mim, com a espada levantada, mas eu a estava esperando e me atirei ao chão. Senti a rajada de ar que provocou o rápido movimento da espada. Lancei-me para sua perna e consegui lhe tocar o tornozelo o suficiente para fazê-la cair. Para fazer o que tinha feito ao Nerys,

tinha que lhe golpear no esterno, mas Rozenwyn nunca me daria a oportunidade de lhe dar um golpe aí.

Caiu ao chão, gritando, olhando como lhe murchava aquela perna larga e bela, como os ossos afloravam e a carne se separava. Cravei-lhe a navalha na garganta, não para matá-la a não ser para distraí-la. Arrebatei-lhe a espada de sua mão, debilitada de repente. Ouvi o Pasco correndo detrás de mim. Fiquei de joelhos, lutando contra a necessidade de olhar para trás, mas não havia tempo. Senti que seu fio me passava por cima da cabeça, e voltei a levantar a espada de Rozenwyn, procurando desesperadamente seu corpo e encontrando-o. A espada se cravou profundamente em seu corpo e pronunciei uma rápida prece enquanto a tirava. O peso de seu próprio corpo fez que a espada lhe cravasse até o punho, enquanto surgiam sons úmidos do fundo de sua garganta. Então, aconteceu algo inesperado. Pasco se aproximou à perna ferida de sua irmã e a carne foi se pulverizando por seu rosto. Não teve tempo de gritar antes de que a carne de sua irmã cobrisse a sua. Seu corpo começou a fundir-se no dela. Suas mãos golpearam o chão enquanto sua cabeça se afundava no montão de carne no que se converteu o corpo de sua irmã da cintura para baixo.

Rozenwyn tirou minha navalha da garganta. A ferida se curou imediatamente e ela começou a gritar. Dirigiu para mim uma mão de uma cor rosa lavanda.

-Meredith, princesa, não o faça, suplico-lhe isso!

Apoiei-me na parede, olhando, porque não o podia parar. Não sabia como. Tinha sido um acidente. Eram gêmeos, tinham compartilhado um útero em seu dia, e esta podia ser a causa. Um acidente lamentável, em qualquer caso. Se tivesse tido alguma chave sobre por onde começar, teria tentado pará-lo. Ninguém merecia algo assim.

Apartei a vista do horror de ver Rozenwyn e a seu irmão convertendo-se em uma só pessoa, e vi Siobhan e Kitto. Siobhan estava cheia de sangue, arranhada e mordida, mas não tinha nenhuma ferida de importância. Mas sim, estava de joelhos, com a espada no chão diante dela. Entregava-me a arma. Kitto jazia ofegante a seu lado e o buraco de seu peito já começava a fechar-se. Poderia ter me matado enquanto olhava como se fundiam Rozenwyn e Pasco, mas Siobhan, que era o objeto dos pesadelos, observava com um horror não dissimulado como a carne rosa e púrpura consumia aos dois sidhe. Estava muito assustada para correr o risco de aproximar o suficiente para me atirar um golpe mortal. Tinha medo... De mim.

A cara de Rozenwyn foi a última coisa a desfazer-se. Gritava, como se tentasse manter-se flutuando em areias movediças, mas o poder a tragou e só ficou uma massa de carne e órgãos pulsando no chão de pedra. Podiam-se ouvir seus gritos, duas vozes desta vez, duas vozes em uma armadilha. O pulso me golpeava nos ouvidos até que só pude ouvir e saborear meu horror ante aquela visão. Não era só Siobhan quem tinha medo.

Rhys se incorporou com muita dificuldade, blandindo sua espada. Então, ajoelhou-se a meu lado, olhando aquela coisa que estava no chão.

-Que Deus nos proteja.

Não pude fazer outra coisa que assentir. Mas finalmente recuperei a voz, um rouco sussurro:

-Desarma ao Siobhan, e depois mata a esta coisa.

-Como? -Perguntou.

-Golpeia-a, Rhys, golpeia-a até que deixe de mover-se.

Olhei a espada de Rozenwyn. Era uma espada fabricada para sua mão, com um punho com jóias que representavam flores. Dirigi-me à porta do lado com a espada na mão.

-Onde vai? -Perguntou Rhys.

-Tenho que entregar uma mensagem.

A imensa porta de bronze se abriu diante de mim como se estivesse movimento por uma mão enorme. Passei e a fechei detrás de mim. O sithen sussurrava em torno de mim. Queria encontrar ao Cel.

Estava nu, encadeado no chão da habitação escura. Ezekial, nosso torturante, estava ali, com luvas cirúrgicas nas mãos e uma garrafa de Lágrimas do Branwyn. A tortura ainda não tinha começado, o qual significava que os três meses ainda não tinham começado, com o qual não podia exigir a vida do Cel.

A rainha foi primeira a me ver, e seus olhos se fixaram na espada que blandia. Doyle e Frost estavam com ela, testemunhas da vergonha de seu filho.

-O que aconteceu? -Perguntou Andais.

Coloquei a espada no peito nu do Cel. Reconheceu-a: pude vê-lo em seus olhos.

-Poderia ter trazido uma orelha de Rozenwyn e Pasco, mas não ficou nenhuma.

-O que fez? -Murmurou.

Levantei a mão esquerda, justo por cima de seu corpo. A rainha disse:

-Meredith, não, não pode.

-Compartilharam um útero em seu dia, agora compartilham a carne. Deveria lhes atirar pelo Abismo onde você queria jogar o Rhys e o Kitto? Deveria lhes deixar cair para sempre como uma bola de carne vibrante?

Olhou-me, e percebi o medo debaixo daquela máscara de malícia.

-Não sabia que fariam algo assim. Não lhes enviei eu.

Detive-me e indiquei ao Ezekial que se aproximasse.

-Começa.

Ezekial procurou com o olhar a permissão da rainha, logo se ajoelhou junto ao corpo do Cel e começou a cobri-lo de azeite.

Voltei-me para o Andais.

-Por isso tem feito quero que permaneça aqui só durante seis meses, a sentença completa.

Andais começou a discutir, mas Doyle disse:

-Majestade, tem que começar a lhe tratar como se merece.

Assentiu.

-Seis meses, dou meu juramento.

-Mãe, não, não!

-Quando terminar, Ezekial, sela a habitação. -E se foi enquanto Cel seguia gritando.

Vi o Ezekial lhe cobrindo com o azeite, observei como seu corpo revivia com estas carícias. Frost e Doyle me flanqueavam. Cel me olhava, e sua cara dizia claramente que pensava em mim de uma maneira muito pouco adequada a um primo.

-Só pensava em te matar, Meredith, mas não agora. Quando sair daqui, vou te foder, vou te foder até que tenha meu filho. O trono será meu, embora tenha que consegui-lo através de seu corpo branco como a neve.

-Se voltar a se aproximar, Cel, matarei-te.

Dito isto, dei a volta e saí. Doyle e Frost caminhavam detrás de mim em ambos os lados, como bons guarda-costas. A voz do Cel nos seguia pelo corredor. Estava pronunciando meu nome a gritos:

-Merry Merry! -Exclamava cada vez com mais desespero.

Quando já estava muito longe para poder lhe ouvir, seus gritos seguiam ressonando em meus ouvidos.

A morte de Pasco significava que a rainha necessitava de outro espião para que me acompanhasse a Los Angeles. Parecia insegura de si mesma com os gritos do Cel ainda ressonando nos corredores, de modo que tive ocasião de insistir até que nos pusemos de acordo com um guarda que não era precisamente um de seus mascotes. Nicca se aterrorizava de minha tia, assim que a contará tudo, mas também nos ajudou depois de que os espinhos tentassem me secar as veias. Doyle confia nele, e eu confio no Doyle. A rainha diz que Nicca não é um amante inspirado, mas que o pacote é bonito. Seu pai era um semielfo com asas de mariposa; sua mãe, uma das damas da corte, uma sidhe puro-sangue. A rainha deixou que tirasse sua camisa para mim, para mostrar que tinha umas enormes asas de mariposa tatuadas nos ombros, os braços e as costas. A tatuagem continuava sob as calças. Nenhum artista de tatuagens teria feito nunca nada tão belo como as asas das costas de Nicca. A rainha lhe teria feito despir por completo para que eu pudesse ver até onde chegava o desenho das asas, mas preferi ficar com um pouco de mistério. Nicca se mostrou aterrorizado. Olhava à rainha Andais igual a um pardal olhe a uma serpente, perguntando-se quando se cravará em sua carne a primeira dentada. Separei-o da presença da rainha logo que permitiam as normas de boa educação. Doyle me assegurou que não haverá problemas com Nicca enquanto a rainha não esteja perto. Eu gostaria de saber o que lhe fez exatamente para lhe assustar tanto, ou possivelmente não. À medida que me faço mais velha me dou conta de que a ignorância possivelmente não seja a felicidade, mas às vezes constitui uma boa alternativa.

Retornamos a Los Angeles assim que conseguimos vôo. Tiveram que chamar à polícia para conter à imprensa. As fotos do Frost, Kitto e eu já estavam nos periódicos. Contaram-me que a imprensa européia mostrou os nus integrais sem tampar nada. A pergunta cuja resposta queria saber todo mundo era se o novo noivo era Frost ou Kitto. Continuei sem responder, e um jornalista perspicaz me perguntou se estava a favor da poligamia. Assinalei a todos os homens bonitos que me rodeavam, e disse:

-Como não vou estar?

Os jornalistas riram. Gostaram. Já que não posso me liberar deles, trato de me divertir. "A princesa Meredith escolhe um novo marido, ou dois."

Jeremy enviou o Uther pra me receber no aeroporto. Uther se servia de seu olhar para abrir passo entre os repórteres. Quando a pessoa mede quatro metros, é musculoso e tem presas malévolas na cara, até a imprensa te deixa o caminho livre. Jeremy dizia que sim, que a princesa trabalhava para a Agência de Detetives Grei. Já tínhamos falado por telefone, porque Jeremy pensava que não ia voltar para trabalho. Entretanto, trabalhar como detetive tinha feito eu me sentir melhor que ser uma princesa. Além disso, tinha um montão de bocas que alimentar. Ringo estava fora do hospital e quase completamente restabelecido do ataque do ogro na caminhonete. Roane havia tornado de suas férias no mar. Me deu de presente uma concha, pálida, branca. Brilhava com uma opalescência similar a do mar, mas mais rosada. Era preciosa, e significava mais para mim que qualquer outra jóia porque representava muito para o Roane. Apresentou-se como meu amante sem que o houvesse dito, embora lhe tinha feito saber que se nossa relação sexual lhe

tinha causado vício era bem recebido. Tem bom aspecto; sua nova pele de foca parece que constitui uma parte para a dependência dos sidhe. Estou contente, porque a verdade é que agora mesmo já tenho suficientes homens em minha vida.

Tenho no mínimo a um guarda comigo sempre; Doyle prefere que sejam dois. Vinte e quatro horas ao dia, sete dias à semana, assim que se alternam e trocam as rotações para que nenhum espião possa estar nunca seguro de quem estará de guarda e quem não. Coisa que Doyle se encarregua dos detalhes: é seu trabalho. Quando não estão comigo tentam estabelecer-se no novo mundo no que lhes introduzi. Rhys, é obvio, queria trabalhar para a agência de detetives e ser um detetive de verdade. Jeremy não discutiu com um guerreiro sidhe puro-sangue e o admitiu. Assim que se correu a voz, todas as famosas quiseram contratar a um guarda-costas sidhe. Tratava-se de um bom trabalho e muito fácil a maior parte do tempo - muito estar de pé como um elemento decorativo sem nenhum perigo real, - e Galen e Nicca não duvidaram em aceitar ofertas. Doyle diz que só me vigia. Frost parece estar de acordo com seu capitão. Kitto se contente estando perto e passaria a maior parte do tempo sob minha mesa, se lhe deixasse. Não estava se adaptando bem ao século. O pobre trasgo nunca tinha visto um carro anteriormente, nenhuma televisão, e agora passa seus dias em um arranha-céu de uma das cidades mais modernas do mundo. Se não começar a prosperar, terei que devolver-lhe ao Kurag, o qual significará que o rei dos trasgos enviará a um substituto. Tenho a intuição de que o próximo trasgo não será tão agradável.

Seja o que for o que os semielfos fizeram ao Galen, era mais que uma mera ferida, porque certa zona de seu corpo não se está curando como deveria. Visitou-lhe um médico e o melhor praticante de magia da cidade, mas nenhum resultou de grande ajuda. Se a ciência e a magia continuavam falhando, teria que falar com a rainha Niceven e investigar que demônios lhe fizeram. Acredito que aceitou outros trabalhos porque estar tão perto de mim e não poder me possuir, quando todos outros sim podem fazê-lo, é muito duro para ele. Para mim também. Tantos anos de espera, e ainda continuamos esperando.

A Agência de Detetives Grei está obtendo encargos de tanta importância que Jeremy está entrevistando a novos candidatos e está pensando em instalar-se em um local maior. Houve alguns momentos tensos entre o Jeremy e os guardas, porque Jeremy ainda guarda rancor a corte da Escuridão. Galen e Rhys o levaram para beber. Não sei o que se disse essa noite, mas ao dia seguinte o nível de tensão era menor. Solidariedade masculina a seu mais alto nível.

A viúva do Alistair Norton, Frances Norton, e Naomi Phelps, sua ex-amante, estão bem. Foram viver juntas e se fossem um casal heterossexual, acredito que logo receberíamos um convite de bodas. Parecem felizes, e ninguém chora ao Alistair. A polícia seguiu a pista a alguns de seus companheiros adoradores de sidhe. Dois deles morreram misteriosamente justo antes de que lhes encontrasse a polícia. Não tenho grandes esperança na saúde de nenhum deles. A rainha, ou os coroinhas do Cel, ou todos eles, estão pondo ordem. Andais me deu sua palavra de que só tinha sentido falta uma garrafa de Lágrimas do Branwyn de sua reserva privada, com o que o perigo para os humanos desapareceu. Emprestou-me seu juramento sobre isso, e nenhuma sidhe cometeria perjúrio, nem sequer Andais. Entre sidhe não há pior delito que o perjúrio. Ninguém teria entendimentos contigo depois disto. Ninguém se

deitaria contigo e, muito menos, casaria-se. Andais está em um terreno escorregadio com os sidhe agora e não se arriscaria a isso. Há rumores de revolução, e sei que os seguidores do Cel na corte estão envolvidos. Embora alguns tenham sugerido que Barinthus está detrás, que pretende me fazer rainha tanto se tiver um filho como se não. Tenho-lhe feito prometer que não está urdindo nada, mas mesmo assim se nega a vir a Los Angeles. Desculpa-se dizendo que necessito ao menos a um amigo poderoso na corte. Possivelmente tenha razão, mas começo a me perguntar exatamente o que explica de mim na corte em minha ausência.

Doyle compartilhou minha cama, mas não teve meu corpo. Literalmente, dormimos juntos, mas não tivemos relações sexuais. Não sei o que planejou, mas olhando em seus olhos escuros sei que tem um plano, um objetivo. Quando pergunto pelo plano, só diz «quero te manter a salvo e verte como rainha depois de sua tia». Não acredito. OH sim, acredito que quer me manter a salvo, e acredito que quer que reine depois de Andais, mas há mais que isso. Quando lhe insisto, sorri e nega com a cabeça. Eu já deveria saber que quando a Escuridão da Rainha tem segredos, não há maneira de surrupiar-lhe até que está disposto a contá-los. Até que não estejamos completamente juntos, até que saiba exatamente o que está pensando, seguirá sendo a Escuridão da Rainha e não inteiramente meu. Não é a falta de sexo, a não ser a quantidade de segredos o que me priva de possuir completamente ao Doyle. Se não puder possuir seu corpo nem seu coração, então como posso confiar nele? A resposta é, simplesmente, que não posso.

Volto a estar em Los Angeles trabalhando de detetive, mas agora com meu nome verdadeiro. Posso me deitar com amantes sidhe e posso voltar para o país dos elfos sempre que quero. Tenho tudo o que desejava, mas existe uma tensão que não desaparece nunca. Porque sei que Cel ainda está vivo, e seus seguidores têm medo de que lhes destrua se consigo o trono. Há revoluções que estalaram por menos. Os meios de comunicação continuam presente como um círculo de tubarões aos que só as ordens judiciais mantêm a distância. Vão atrás de notícias de sexo e romances, sem ter nem idéia que há muito mais em jogo. Não encontramos ao Griffin. Possivelmente esteja morto e ninguém me disse. Embora de algum jeito, conhecendo minha tia, penso que teria mandado em uma caixa algumas de suas partes. Deveria ser feliz, e o sou, mas não estou tranqüila. Estamos na calma que precede a tempestade, e será uma tempestade terrível. Terei que navegar em um navio feito de carne e osso, os corpos de meus guardas, e com cada carícia, com cada olhar, sinto-me mais reticente a prescindir de algum deles. Já perdi a muita gente em minha vida. Eu gostaria de tentar, só por esta vez, não perder a ninguém mais. Quase perdi a religião junto com minha família, mas elevei um altar em minha habitação e volto a rezar. Rezo tudo o que posso, mas sei melhor que muitos que, assim como a pessoa quase sempre recebe resposta a sua prece, esta nem sempre é a que você gostaria. Não quero o trono se tiver que subir pelos cadáveres de meus amigos e meus amantes para consegui-lo. Não quero nada tão desesperadamente, nunca o quis. Sempre pensei que o amor era mais importante que o poder, mas às vezes a gente não pode ter amor sem o poder para mantê-lo seguro. Rezo pela segurança de todos aqueles a quem quero. Possivelmente só peço poder, suficiente poder para lhes proteger. Assim é. O que faz falta para mantê-los a salvo, inclusive se isso significa ser rainha. Não posso ser rainha enquanto o Cel viva, independentemente do que pense minha

tia. Rezo pelo bem-estar daqueles que me importam, e o que realmente procuro é poder, o trono e a morte de meu primo. Porque preciso estas três coisas para que todos nós estejamos a salvo. Dizem que terá que ir com cuidado com o que deseja. Bom, pois terá que ir ainda com mais cuidado com o que alguém pede. Terá que estar seguro, muito seguro, do que é o que quer. Nunca se sabe quando uma divindade pode te conceder exatamente o que tinha pedido

FIM!!!

**A série Meredith Gentry continua com Meredith Gentry
2: A Caress of Twilight**

Créditos:

Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

Tradução: Georgina Kincaid

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=17461597672872258013>]

Tradução: Pris Coutinho

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=6527944174643517276>]